

"Poucos livros demonstram com tanta eloquência quão frequentemente a ficção, em sua forma visionária, fala a verdade."

Salon.com

OLHE PARA MIM JENNIFER EGAN

AUTORA DE A VISITA CRUEL DO TEMPO





Segurei fotos antigas ao lado da
minha imagem e tentei compará-las.
Mas só descobri que, além de não saber que aspecto eu tinha agora, eu
jamais soubera.
As fotos antigas não ajudaram. Como todas
as boas fotos, elas escondiam a verdade.

“Um livro criativo e impossível de largar, com questões sérias sobre a ausência de profundidade num mundo cor-de-rosa. Egan tem inteligência de sobra. E sentimento também.”

People

“Profético e instigante, com uma prosa atual e precisa.”

The Philadelphia Inquirer

“INTELIGENTE E SOMBRIO.”

US Weekly

**“MAGNÍFICO. UM ESTUDO NOTÁVEL SOBRE NOSSA SOCIEDADE E SOBRE A
NECESSIDADE PALPÁVEL DE SERMOS RECONHECIDOS.”**

O, The Oprah Magazine

“Um livro que trata de grandes questões: vidas duplas, identidades secretas e a dificuldade de realmente enxergar alguma coisa num mundo inundado por imagens.”

The Nation

**“Um livro que induz a refletir sobre nossa confiança nas imagens, e o que revelamos no
processo.”**

Chicago Tribune

“Sombrio, extremamente ambicioso. Perverso e sarcasticamente engraçado.”

Elle (EUA)

“Em parte uma história de suspense, em parte crítica social, *Olhe para mim* entrelaça magistralmente personagens secundários, construindo uma conclusão inesperada e perturbadora e fazendo uma afiada crítica à obsessão pela fama e pelo glamour.”

San Francisco Chronicle

“*Olhe para mim* é interessante, perspicaz e engraçado.”

Fresh Air, NPR

**“IMPRESSIONANTE. MAIS DO QUE UMA HISTÓRIA, *OLHE PARA MIM* É UM MUNDO
INVENTADO, UM ROMANCE DE IDEIAS BRILHANTEMENTE CAMUFLADAS NA PELE DOS
PERSONAGENS.”**

The Sunday Oregonian

OLHE PARA MIM

JENNIFER EGAN

TRADUÇÃO DE ADALGISA CAMPOS DA SILVA



Copyright © Jennifer Egan, 2001

Epígrafe da página 7 retirada de *Ulisses*, de James Joyce, traduzido por Antonio Houaiss, 1993.

TÍTULO ORIGINAL

Look at Me

PREPARAÇÃO

André Marinho

REVISÃO

Taís Monteiro

Milena Vargas

REVISÃO DE EPUB

Fernanda Neves

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo Livros

E-ISBN

978-85-8057-478-4

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Em memória

D.E.E.

W.D.K.

Caminhamos através de nós mesmos, encontrando ladrões, fantasmas, gigantes, velhos, jovens, esposas, viúvas, irmãos do amor. Mas sempre encontrando-nos a nós mesmos.

— ULYSSES, JAMES JOYCE

PARTE UM

Vida dupla

CAPÍTULO UM

Após o acidente, fiquei menos visível. Não falo no sentido óbvio de que fui a menos festas e me afastei dos olhares gerais. Ou não só isso. Quero dizer que, depois do acidente, fiquei mais difícil de ver.

Em minha lembrança, o acidente adquiriu uma beleza dura, deslumbrante: o sol branco, a volta lenta no ar como se eu estivesse naquela xícara do parque de diversões (meu brinquedo favorito), sentindo o corpo se mover mais depressa que o veículo que o continha e em sentido contrário. Então um clarão com uma explosão de estilhaços quando fui ejetada pelo para-brisa, ensanguentada e assustada, sem entender.

A verdade é que não me lembro de nada. O acidente aconteceu à noite durante um temporal de agosto, num trecho deserto de estrada que corta campos de milho e soja, a alguns quilômetros de Rockford, Illinois, minha cidade natal. Pisei no freio e meu rosto bateu no para-brisa, e eu apaguei na hora. Dessa forma, fui poupada da aventura de ver meu carro saindo da estrada e entrando num milharal, capotando várias vezes, pegando fogo e por fim explodindo. Os air bags não funcionaram; eu poderia processar o fabricante, claro, mas, uma vez que eu estava sem o cinto de segurança, talvez tenha sido bom eles não terem funcionado, ou eu poderia ter sido decapitada e a emenda ficaria pior que o soneto. O vidro temperado de fato aguentou o impacto da minha cabeça, portanto, embora eu tenha quebrado todos os ossos do rosto, quase não tenho cicatrizes visíveis.

Devo a vida ao que se conhece como “Bom Samaritano”, alguém que me tirou das ferragens do veículo em chamas tão prontamente que só o meu cabelo se queimou, alguém que me deitou com delicadeza à beira do milharal, chamou uma ambulância, informou minha localização com alguma precisão e depois, com um autossunício que eu acho perverso, para não dizer pouco americano, preferiu se afastar anonimamente a receber o crédito por essas admiráveis façanhas. Um motorista que passava apressado, esse tipo de coisa.

A ambulância me levou para o Hospital Rockford Memorial, onde caí nas mãos de um Dr. Hans Fabermann, extraordinário cirurgião reconstrutor. Quando recobrei a consciência, quatorze horas depois, era o Dr. Fabermann que estava sentado ao meu lado, um homem idoso com um maxilar largo, anguloso, e tufo de cabelo branco nas orelhas, embora eu não tenha visto quase nada disso naquela noite — eu mal enxergava. Calmamente, o Dr. Fabermann explicou que eu tive sorte. Havia fraturado costelas, braço e perna, mas não tinha nenhuma lesão interna. Meu rosto estava no meio do que ele chamou de “período de ouro”, antes que o “inchaço grotesco” se instalasse. Se operasse imediatamente, teria alguma vantagem com relação à “assimetria grosseira” — a saber, o descolamento do maxilar superior do crânio e do maxilar inferior do “terço médio da face”. Eu não tinha ideia de onde estava nem do que me havia acontecido. Meu rosto estava dormente, minha visão era dupla e embaçada e eu tinha uma estranha sensação ao redor da boca, como se meus dentes superiores e inferiores estivessem deformados. Senti uma mão sobre a minha e percebi então que minha irmã, Grace, estava à cabeceira. Percebi a vibração do seu horror, e isso provocou em mim um desejo familiar de acalmá-la: Grace, encostada em mim toda encolhidinha na minha cama durante uma tempestade, o cheiro de cedro, folhas molhadas... Está tudo bem, eu queria dizer. É um período de ouro.

— Se não operarmos agora, vamos ter que esperar cinco ou seis dias para o edema diminuir — disse o Dr. Fabermann.

Tentei falar, aquiescer, mas nenhuma parte móvel da minha cabeça se mexia. Produzi um daqueles gemidos suspirantes de personagens de cinema morrendo por ferimentos de guerra. Então fechei os olhos. Mas aparentemente o Dr. Fabermann entendeu, porque me operou naquela noite.

★ ★ ★

Após doze horas de cirurgia — durante a qual oitenta parafusos de titânio foram implantados nos ossos esmagados do meu rosto para ligá-los e prendê-los; após eu ter sido cortada de orelha a orelha no tampo da cabeça para o Dr. Fabermann poder puxar para baixo a pele da minha testa e prender novamente os ossos das

minhas maçãs do rosto à parte superior do meu crânio; após terem sido feitas incisões dentro da minha boca para ele poder conectar os meus maxilares inferior e superior; após onze dias durante os quais minha irmã tremia ao lado da minha cama de hospital como um anjo apreensivo enquanto seu marido, Frank Jones, que eu detestava e que me detestava, ficava em casa com as minhas duas sobrinhas e o meu sobrinho —, tive alta do hospital.

Vi-me numa estranha encruzilhada. Eu havia passado a juventude esperando a chance de fugir de Rockford, Illinois, e fiz isso assim que pude. Minhas visitas foram raras, para desgosto de meus pais e minha irmã, e todas foram impetuosas, impacientes e curtas. Na minha vida real, tal como eu pensava nela, eu tinha escondido ativamente a minha ligação com Rockford, dizendo às pessoas que eu era de Chicago, isso quando chegava a falar. Mas por mais que eu desejasse voltar para Nova York depois do acidente e andar descalça no carpete branco e fofo do meu apartamento do vigésimo quinto andar de frente para o East River, o fato de eu morar sozinha não me permitia. Eu estava com a perna direita e o braço esquerdo engessados. Meu rosto acabava de entrar na “fase curativa irritada”: manchas pretas chegavam até o peito, o branco dos meus olhos era um vermelho monstruoso e minha cabeça estava inchada do tamanho de uma bola de basquete com o tampo cheio de pontos (um avanço em relação aos grampos usados inicialmente). Minha cabeça estava parcialmente raspada e os cabelos que me restavam, chamuscados, malcheirosos e caindo aos tufos. Dor, felizmente, não era problema. Danos aos nervos me deixaram quase toda dormente, sobretudo dos olhos para baixo, embora eu tivesse dores de cabeça infernais. Queria continuar perto do Dr. Fabermann, embora ele insistisse, com a clássica autodepreciação do Meio-Oeste, que eu encontraria um cirurgião equivalente ou superior a ele em Nova York. Mas Nova York era para os fortes, e eu estava fraca — muito fraca! Dormia quase o tempo todo. Parecia adequado recuperar as minhas forças num lugar que eu sempre associara aos mansos, aos fracos e aos inúteis.

Assim, para espanto dos amigos e colegas da minha cidade, para sofrimento da minha irmã, cujo marido se recusava a me receber sob o seu teto (não que eu pudesse ter suportado isso), ela tomou providências para que eu me mudasse para a casa de uma velha amiga de nossos pais, Mary Cunningham, que morava logo a

leste de Rock River, na Ridgewood Road, perto da casa onde fomos criadas. Meus pais já tinham se mudado havia muito para o Arizona, onde os pulmões de papai se dissolviam lentamente por causa de um enfisema e onde minha mãe viera a acreditar no poder de certas pedras de formatos estranhos, que ela arrumava sobre o peito arfante dele à noite enquanto dormia.

— Por favor, deixe que eu vá — implorou-me minha mãe no telefone, tendo reunido sachês cheios de ervas, plumas e dentes.

Mas não, eu disse. Por favor, fique com papai.

— Vou ficar bem — garanti a ela —, Grace vai cuidar de mim.

E mesmo com a minha estranha voz grasnada, ouvi uma determinação familiar a mim, e sem dúvida à minha mãe. Eu cuidaria de mim mesma. Sempre fiz isso.

A Sra. Cunningham tornara-se uma velha desde que eu a conhecera como a senhora que usava uma vassoura para enxotar as crianças do bairro que tentavam apanhar os grandes peixes dourados do lago turvo do seu quintal. Os peixes, ou seus descendentes, ainda estavam lá, visíveis em lampejos de um branco salpicado de dourado em meio a um emaranhado de musgo e ninfeias. A casa cheirava a poeira e flores mortas, os armários eram cheios de chapéus velhos. As vidas do falecido marido da Sra. Cunningham e de seus filhos que moravam longe continuavam naquela casa, adormecidas no sótão preenchido de cedro, o que sem dúvida explica por que ela, uma velha com quadril defeituoso, ainda vivia lá, enfrentando aquela escada, quando a maioria de suas amigas viúvas jogadoras de bridge já tinha se mudado havia muito para apartamentos elegantes. Ela me colocou na cama do quarto de uma de suas filhas e parecia desfrutar o renascimento da segunda maternidade, trazia-me chás e sucos que eu bebia numa caneca de bebê, calçava-me sapatinhos de tricô e me alimentava com purê de damasco Gerber, que eu comia com vontade. Ela mandou o garoto que cuidava do gramado subir com a tevê para o meu quarto e, à noite, se recostava na cama de solteiro ao lado da minha, aquelas canelas brancas e cheias de veias aparecendo sob a bainha do seu roupão de banho atoalhado. Juntas assistíamos ao noticiário local, no qual descobri que, até em Rockford, gangues de drogas haviam começado a dominar as ruas e tiroteios de dentro de veículos em movimento eram a norma.

— Quando penso em como esta cidade era — resmungava a Sra. Cunningham enquanto assistia, referindo-se aos anos do pós-guerra quando ela e o marido, Ralph, haviam escolhido Rockford acima de todas as cidades americanas como o lugar ideal para construírem o seu lar.

“A comunidade mais próspera da nação”, teria dito um antigo crítico chamado Roger Babson, consagrando-a; Mary Cunningham chegara até a levar um livro bolorento à minha cama, espetando o dedo torto e trêmulo na própria citação. Senti sua amargura, seu desgosto com o grave erro de cálculo que a deixava agora, em sua solidão, obrigada pela memória e pela experiência a amar um lugar que começara a desprezar.

★ ★ ★

Foram quatro semanas até eu sair da casa para fazer qualquer coisa a mais do que juntar meus vários membros e entrar no carro de Grace para ir me consultar com o Dr. Fabermann e seu colega, Dr. Pine, que cuidava dos meus ossos fraturados. Quando ele colocou um salto no gesso da minha perna, me aventurei a pôr o pé na rua pela primeiríssima vez com os óculos escuros com estampa de zebra que Mary Cunningham usara nos anos sessenta, a própria Mary ao meu lado, para caminhar com cuidado pelo meu antigo bairro. Eu não tinha voltado àquela parte da cidade desde que Grace fora para a faculdade, época em que meus pais compraram uma casa menor num terreno a leste de Rockford, perto da autoestrada interestadual, e um cavalo, Daffodil, que meu pai montou até ficar com muita falta de ar.

Já estávamos no fim de setembro. Eu contava os dias, obsessivamente convencida de que, se medisse o tempo, ele não seria de fato perdido. Atravessamos um vento quente em direção à casa na Brownwood Drive onde eu passara milhares de noites deitada na cama, olhando para um emaranhado de olmos que morriam lentamente da doença do olmo holandês, onde ouvira álbuns do Supertramp num porão com carpete laranja para áreas internas ou externas colocado sobre o concreto, onde me postara na frente de um espelho com um vestido de baile de formatura, minha mãe ajeitando as pétalas de raíom — e, ainda

assim, uma casa em que eu quase não pensara, desde que partira. E lá estava ela: térrea, em estilo de rancho, revestida de tijolos amarelos que deviam ter sido colados por fora, um quadrado verde de grama viçosa enfiado embaixo do seu queixo como um guardanapo. Aquela casa era tão indistinguível de dezenas de milhares de outras em Rockford que me virei para Mary Cunningham e perguntei:

— Tem certeza de que é essa?

Ela pareceu intrigada, depois riu, sem dúvida lembrando-se de que minha visão estava pior que a dela no momento, que eu estava dopada de analgésicos.

E, no entanto, quando nos virávamos para seguir, tive o que julgo ser uma lembrança: aquela casa contra um céu do amanhecer e eu correndo em direção a ela vindo da casa da minha melhor amiga, Ellen Metcalf, onde tinha passado a noite. A sensação de vê-la ali — a minha casa, com tudo o que eu conhecia dentro dela. A experiência dessa lembrança foi como levar um tapa, ou ser beijada, inesperadamente. Pisquei para me recuperar.

Na semana seguinte, fui de muletas até o Rock River, onde um parque e uma pista de corrida serpenteavam ao longo da margem leste. Olhei ávida para a pista, desejando visitar o roseiral e o lago dos patos mais para o norte, mas sabendo que não tinha forças. Em vez disso, usei um telefone público no estacionamento ao lado da ACM para acessar a minha secretária eletrônica. Todos os telefones da Sra. Cunningham eram de disco.

Já fazia sete semanas desde o acidente, e a mensagem que instruí minha irmã a deixar na secretária explicando a minha situação, apesar de não revelar que eu tinha saído do apartamento — temendo que ele fosse assaltado, o que teria realmente acabado comigo —, provocara uma enxurrada de recados de amigos preocupados que Grace andara recolhendo obedientemente. Mas havia alguns que ela ainda não pegara. Um de Oscar, meu agente, que gritava através de uma polifonia de telefones tocando que agora me parecia do outro mundo: “Só para ver como você está, amor. Ligue quando tiver recuperado o dom da palavra.” Ele tinha ligado todos os dias, disse minha irmã. Oscar me adorava, embora fizesse anos que eu não ganhava um dinheiro bom para a minha agência, Femme.

A segunda ligação era de uma pessoa chamada Anthony Halliday, que se

identificou como detetive particular. Grace já pegara duas mensagens dele. Como nunca tinha falado com um detetive particular antes, liguei por curiosidade.

— Escritório de Anthony Halliday. — Uma voz feminina trêmula, quase infantil. Não uma profissional, pensei. Alguém substituindo o titular. — Ele não está no momento. Quer deixar recado?

Eu não estava divulgando o número de telefone de Mary Cunningham em parte porque ela era uma velhinha bondosa, não a minha secretária, e porque havia alguma coisa perversa e incompatível na ideia de Nova York e seus habitantes invadindo o mausoléu da casa dela.

— Prefiro ligar para ele — falei. — Qual é a melhor hora?

Ela hesitou.

— Não tem como ele ligar para você?

— Olhe — retruquei —, se ele quiser entrar em...

— Ele está, hã... no hospital — disse ela, apressada.

Ri — minha primeira risada de verdade desde o acidente. Fez minha garganta doer.

— Diga a ele que somos dois. — Dei uma gargalhada. — Que pena não estarmos no mesmo hospital. Podíamos simplesmente nos encontrar no corredor.

Ela riu, aflita.

— Acho que eu não devia ter falado isso, sobre o hospital.

— Estar hospitalizado não é vergonha nenhuma — assegurei-lhe com entusiasmo —, desde que não seja num hospital psiquiátrico...

Silêncio mortal. Anthony Halliday, um detetive particular com quem eu nunca falara, estava num hospital psiquiátrico.

— Talvez semana que vem — disse ela timidamente.

— Ligo semana que vem.

Mas, no momento em que iniciei minha vacilante viagem de volta para a casa de Mary Cunningham, senti a ideia escapar da mente como aquelas listas que a gente faz enquanto adormece.

Grace me visitou naquela noite, puxando uma cadeira entre as duas camas em que Mary Cunningham e eu estávamos refesteladas como sempre, assistindo a *NYPD Blue*. Quando um homem foi espancado num banheiro, ficando com o rosto todo ensanguentado, Grace tapou os olhos e me implorou para mudar de canal.

— Mude você — retruquei. — A inválida sou eu.

— Desculpe-me — disse ela, indo encabulada até a tevê, aparentemente uma das últimas do mundo controlada manualmente. — Não era eu que devia estar resmungando.

— Você está resmungando por nós duas — comentei.

— É que parece bizarro você vir a Rockford sem me avisar — disse ela, nervosa, mudando os canais.

Ela tinha falado isso dez vezes, aparentemente convencida de que, se soubesse que eu estava a caminho, eu teria chegado sem incidentes. E por mais que não gostasse dessa linha de questionamento (ou de qualquer linha de questionamento, na verdade), eu a preferia mil vezes ao assunto que Grace não se atrevia a abordar: com que rosto eu ficaria quando aquilo tudo terminasse? E o que seria de mim?

— Eu queria fazer uma surpresa — expliquei.

— Nossa, e você ainda não se lembra do que aconteceu! — Mary Cunningham se admirou. — Foi um animal na estrada, querida, ou você estava com sono? Será que pode ter dormido na direção por um minuto?

— Não me lembro. Não me lembro — respondi.

Por alguma razão, tapei os ouvidos.

— A memória dela sempre foi horrível — disse Grace.

Era verdade — minha memória era horrível, e Rockford era o lugar de que eu menos me lembrava. No entanto, o tédio e o estado de impotência da minha situação estavam me levando a recordar da maneira desconexa que alguém, encerrado numa casa velha, acaba indo até o sótão e derrubando algumas caixas. Às vezes, eu me via impregnada de impressões infantis de Rockford: um mundo exuberante e sensual de gramados verdes pegajosos e tempestades violentas, montanhas de neve cintilante no inverno. No início da adolescência, eu fiz um trabalho escolar sobre os feitos industriais de Rockford, lendo na biblioteca pública a respeito de uma plataforma autoacoplável para enfardadeiras; de uma

máquina de tricotar que fazia meias sem costuras; da “junta universal” lubrificada a óleo, cujo propósito já esqueci; da “lado a lado”, uma combinação de estante de livros e mesa; a respeito de tornos mecânicos, colheitadeiras e suas peças. Lembro-me de ler num estado de profunda ansiedade, aguardando o momento em que Rockford explodiria em triunfo, a inveja do mundo industrial. Eu sentia essa glória se aproximando com a invenção dos carros, pois onze companhias de Rockford os haviam desenhado, e uma, a Tarkington Motor Company, construía um protótipo que fora recebido calorosamente numa exposição de automóveis em Chicago nos anos vinte. Mas não — os investidores deram para trás, o carro nunca fora produzido, e, com esse fracasso, minha animação começara a se transformar em algo mais pesado. Não haveria visibilidade. Rockford permaneceu uma cidade conhecida por suas brocas, transmissões, juntas, serras, vedações, protetores de porta reguláveis, velas, gaxetas — “acessórios para carros”, como tais produtos são conhecidos — e por suas ferramentas agrícolas. Em resumo, por coisas tolas e invisíveis que ninguém no mundo jamais conheceria e para as quais ninguém ligaria.

Após dois dias de leitura, fui trôpega da biblioteca para a casca vazia do “centro da cidade”, em frente à nossa casa do outro lado do rio, cujo comércio havia praticamente sido todo transferido para centros comerciais a leste do rio, perto da estrada interestadual. Minha mãe buzinou do estacionamento do outro lado da rua. Mas fiquei parada por um minuto, segurando a minha bolsa de livros, deixando a pequenez e a pobreza daquele lugar esquecido se derramarem a minha volta. Rockford, eu agora via, era uma cidade de fracassados, um lugar que nunca chegara perto de ser famoso por coisa alguma, apesar de ter tentado repetidas vezes. Um lugar reverenciado entre mecânicos por sua junta universal não era um lugar onde eu podia permanecer. A ideia era clara para mim aos doze anos: minha primeira noção clara de mim mesma. Eu *não* era Rockford — era o seu oposto, o que quer que isso pudesse ser. Decidi isso enquanto estava parada em frente à biblioteca pública. Então, atravessei a rua e entrei no carro da minha mãe.

Nosso pai tinha uma empresa atacadista de suprimentos elétricos. Ele era um homem que podia chegar até a fiação escondida atrás das paredes, que trançava fios com os dedos e fazia as luzes acenderem. Quando criança, eu atribuí poderes

mágicos ao seu trabalho e me enfeitava com colares que ele me fazia de pinos, juntas de borracha e fios coloridos. Mas depois da biblioteca comecei a imaginar uma perspectiva da qual a vida do meu pai — e da minha mãe também — era pequena, prudente e inútil, afetada muito profundamente por aquele lugar onde ambos passaram a vida. Cresci esperando ir embora. E Grace cresceu se apegando a mim, sabendo que eu iria e ela ficaria.

Agora ali estava eu, de novo em Rockford, brigando com minha irmã para decidir quem devia mudar o canal da tevê, a cabeça cheia de pinos e parafusos de titânio inventados ali, pelo que eu sabia. Achei graça nisso, com um humor negro, uma das pequenas ironias da vida.

— As meninas estão loucas para ver você — disse Grace, reacendendo a nossa discussão contínua sobre minhas sobrinhas. — Por favor, me deixe trazê-las.

— Elas *pensam* que querem me ver — falei.

— Charlotte, esqueça isso — retrucou ela, e apertou minha mão. — Elas amam muito você!

— Ainda não.

Não que eu não quisesse ver Allison e Pammy. Na verdade, eu estava ansiosa para cheirar os seus cabelos despenteados e sentir o encontrão delas do jeito que criança dá sem pensar. Mas para elas eu era a Glamourosa Tia Charlotte, a modelo que às vezes elas encontravam sorrindo, mão no quadril, em catálogos que chegavam à sua porta sem serem solicitados (pois era a esse nível que eu tinha baixado) ou fazendo figuração num comercial de Tampax. Aquela era eu anunciando desodorante no Coney Island Cyclone (“Agora isso. É estresse”); era eu de botas, empunhando uma vara de pesca e declamando os méritos do talco fungicida para os pés. Aquela morena com cara de duende esparramada em cima de um Buick como se tivesse caído de uma árvore? A de óculos, toda vermelha ao contar de novo o trauma de expelir gases durante uma reunião do conselho? Convencendo o filho sardento a comer granola enriquecida? Aquelas também eram eu. Aquilo estava bem aquém da existência transcendente que um dia eu tinha imaginado. Mas para minhas jovens sobrinhas eu encarnava uma ascensão mítica.

Eu as deixaria acreditar em paz em mim, disse a mim mesma, sem a carga da

minha atual desfiguração. Eu tinha vergonha de ser vista.

★ ★ ★

Uma tarde, fui a pé ao cemitério de Cedar Bluffs e estacionei o meu traseiro numa lápide que estava o mais perto que eu podia me lembrar do ponto onde eu costumava me sentar com Ellen Metcalf. Acendi um Merit, meu primeiro desde o acidente, desobedecendo ao aviso do Dr. Fabermann de que o fumo atrasava a recuperação dos ossos. Antes e depois do jantar, também, às vezes, eu e Ellen nos encostávamos naquelas lápides em meio às legiões de falecidos suecos, Olsens, Lofgrens, Larsens, Swensons como eu, e fumávamos Kools, que julgávamos ser uma cura para o calor do verão. Conversávamos sobre a perda da nossa virgindade — não a perdendo, porém, com toda a infelicidade que a palavra sugeria, mas cedendo-a numa explosão de êxtase que nos deixaria para sempre alteradas.

Tentei recordar o som da voz de Ellen. Não consegui, como se ela tivesse sido uma amiga imaginária, uma projeção inventada de mim mesma. Uma vez, tínhamos ido a pé da East High School até a farmácia ao lado do Piggly Wiggly, depois paramos diante da sessão de brinquedos de plástico. Só para descobrir, enquanto nos entreolhávamos com ar inquisitivo, que nenhuma de nós sabia o que estava fazendo ali; uma seguira a outra.

Após minha consulta seguinte ao médico, pedi a Grace para passar pela East High School. Um prédio bastante imponente, me parecia agora, grande e cor de mostarda, centenas de janelas de ângulos inclinados jogando com a luz do sol. Quando estava parada diante de seus largos degraus vazios, me bateu mais uma lembrança: ver Ellen Metcalf pela primeira vez em frente àquela escola, uma garota de pele cor de oliva e longos cabelos negros. Vendo-a ali, exótica, só, e querendo ser ela — o sentimento me saltou dos dedos para a garganta. Mais tarde, Ellen disse, a respeito de me ver naquele dia: “Deu para sentir que não era o seu lugar.” O maior dos elogios.

Seu pai tinha uma grande empresa de fertilizantes, e sua mãe era uma quase inválida, enclausurada num quarto escuro, consumida por alguma doença cuja natureza exata ninguém parecia saber ao certo. Eles moravam numa casa ampla a

poucas quadras da minha. Ellen existia num estado de altivez solitária, como o último membro sobrevivente de uma família real. Seu irmão, Moose, partira no ano anterior para a Universidade de Michigan. Eu sabia a respeito de Moose. Ele era um daqueles garotos do ensino médio cujos feitos atléticos e românticos inspiram o equivalente adolescente da poesia épica, recitada com desejo em sua ausência. Eu estive com ele uma vez, rápida e emocionantemente numa tarde de verão, enquanto treinava meu *swing* de golfe no gramado da nossa casa e quebrei um sprinkler, lançando um gêiser de água para dentro de um Mustang conversível que estava passando. O motorista saltou, sacudindo água do cabelo bem comprido: um garoto mais velho, bronzeado, vestido com uma camiseta branca impecável, andando pela grama como uma pessoa que nunca tivesse se apressado na vida. Enquanto eu gaguejava minhas desculpas, tentando estancar o jato espumante de água com o pé, ele examinou nosso quintal e disse:

— Onde é que fica a torneira? Atrás daquela cerca? Feche que vou dar uma olhada.

Quando voltei dessa missão, ele havia retirado a cabeça do sprinkler e sacudia suas peças enferrujadas na mão como dados. Sua concentração me permitiu estudá-lo; um garoto sortudo e confiante, cuja atração era exacerbada, de certa forma, pelo contorno neandertal da sua cabeça. Vinte minutos depois, ele havia consertado o sprinkler, voltado para o carro e partido com um aceno, e foi só então que uma garota mais velha da casa em frente correu para me contar, sem fôlego, na presença de quem eu estivera.

Mas Moose se fora. Ellen estava só, abandonada num lugar que parecia tão falido para ela quanto para mim. Tudo o que era bom havia desaparecido daquela cidade nojenta, aquela terra de colhedores e rolamentos, e não havia outro remédio senão nos apossar das poucas emoções que restavam. Falávamos sobre a nossa luxúria — onde exatamente ela residia dentro de nós. Em nossas barrigas, pensávamos, embora Ellen dissesse que a sentia, também, no fundo da boca.

★ ★ ★

Em outubro, o Dr. Pine retirou os últimos vestígios de gesso do meu corpo.

Enquanto Mary Cunningham passava o ancinho no quintal, eu ficava atrás dela com um tubo de veneno verde cujo bico enfiava no olho de cada erva daninha que eu via e bombeava. Rockford tinha aderido à mania de sacos de folhas com cara de abóbora de Halloween. Havia pelo menos um saco laranja sorridente em cada gramado, abarrotado de folhas. Seguindo as ervas daninhas, tentei me lembrar de cada uma das minhas presas sexuais daquele segundo ano do ensino médio com Ellen. Jeff Heinz: um jogador de futebol tímido e escultural, cuja pura graça de movimentos o distinguia do restante dos jogadores no campo. Eu e Jeff fazíamos química juntos, e consegui me insinuar no papel de sua parceira de laboratório, ficando pertinho dele, roçando o seu pulso enquanto nos intrigávamos diante de tubos de ensaio cheios de líquido colorido. Nada. Enquanto isso, Ellen tinha um namorado, Michael Ippen, para quem ela esperava dar em pouco tempo. Então, renunciei a Jeff Heinz, que foi para a Brown University (um passo inusitado para um garoto de Rockford), de onde voltou a eletrizante notícia, um ou dois anos depois, de que ele era bicha. Eu adoraria ter rido disso com Ellen, mas àquela altura já não nos falávamos.

Benji Gustafsen: louro, meigo, músculos definidos na barriga, cuja inteligência, parecia, se resumia por completo numa habilidade para restaurar pequenos utensílios antigos: abridores de lata, forninhos, aspiradores de pó. Isso era uma bênção para amigos e vizinhos de Benji; não tanto para qualquer pessoa que tentasse manter uma conversa com ele. Mas o meu objetivo não era conversa, tampouco, e perdi a minha virgindade com Benji em sua paupérrima oficina de porão só dois dias depois de Ellen ter perdido a dela com Michael Ippen na cama mole do irmão mais velho dele.

Tiramos a neve das nossas respectivas lápides e nos sentamos ali à noitinha, em parcas que apertávamos contra o corpo, olhando para o oeste através das luzes da via expressa que serpeava ao longo do Rock River.

— A cama tinha um cobertor que pinicava — comentou Ellen.

— Havia toneladas de embalagens do McDonald's no chão — disse eu. — Tinha cheiro de ketchup.

— Doeu?

— Horrores. Além do mais, sangrou.

— Com aquele ketchup todo por ali — retrucou ela —, provavelmente ele não viu.

Passamos o nosso último Kool para lá e para cá. Ellen deslizou da lápide e se deitou de costas na neve.

— Isso não congela a sua cabeça? — perguntei.

— Congela — disse ela —, mas as estrelas.

Deitei-me ao seu lado. Ela estava certa, as estrelas. Depois de dar para Benji, eu tinha ficado com uma sensação terrível — quem era aquele cara, se esticando como um cachorro até estalar a coluna? Mas aí, eu pensei em Ellen, em contar isso a ela, formular uma estratégia, e a sensação se transformou numa espécie de doçura.

Marcus Sealander: um motoqueiro tatuado cuja jaqueta de couro preta ameaçadora escondia nada mais que uma pança. Transamos em pé. Marcus tinha um hábito desagradável de bater com meus ombros na parede como se pensar em quebrar a minha coluna o excitasse, então não teve segunda chance. Enquanto isso, Ellen deu duas vezes para Luis Guasto, um garoto estranho que tinha colado centenas de latas de cerveja nas paredes da sala de jogos dos pais com uma pistola de cola quente. Eles transaram lá embaixo, em meio às latas, e na primeira vez Ellen achou que talvez, mal e mal, sentisse alguma coisa, mas aí Louis saiu de cima dela e logo depois estava no banheiro mijando ruidosamente, e pronto. A segunda vez foi até pior — finalizada em exatos quatro minutos.

Tom Ashlock. Lenny Bergstrom. Arthur Blixt. Stephen Finn. Na primavera, éramos putas, sereias, igualmente alarmantes para meninas e meninos enquanto procurávamos em vão alguém para nos satisfazer. Quando Moose foi passar o Natal em casa, Ellen me abandonou pela órbita sagrada dele. Um desapontamento brutal, uma vez que eu esperava ser incluída. Por três solitárias semanas, quase não a vi. A partida de Moose deixou-a desanimada, mas logo a alquimia da nossa união voltava a funcionar, planejando o nosso resgate da banalidade esmagadora que nos rodeava como aquelas salas cheias de água que encolhiam, das quais os heróis da tevê tinham de escapar. As ruas, o céu, a lua horrível. O que havia de errado com esses garotos?

Garotos. Rolamos para o lado, nos olhando em meio às lápides. A neve tinha

derretido, expondo um papel machê de folhas empapadas do ano anterior. Estávamos quase tendo uma revelação: o problema eram os garotos — muito jovens, muito inexperientes para nos fazer sentir o que desejávamos e merecíamos, ao passo que os homens, com seus anos de prática... Os homens saberiam exatamente o que fazer! E descobrir homens não seria tão difícil. O Sr. Polhill, o instrutor da autoescola de Ellen, vivia se debruçando por cima da mesa dela e cheirando o seu cabelo, e quanto a mim... quão mais velho ele tinha que ser?

— Muito — disse Ellen. — Na casa dos trinta.

Havia um homem que eu flagara me olhando à beira da piscina do clube de campo no verão anterior. Um estrangeiro — francês, achei, que usava uma sunguinha apertada como as que os garotos do nosso time usavam. Eu o achei bizarro na época, mas agora revia a minha opinião: ele era francês, era um homem, era perfeito.

O Sr. Polhill galantemente ofereceu o próprio carro quando Ellen lhe pediu aulas extras de direção depois da escola, e então sugeriu um pequeno desvio. Isso foi tudo o que ela quis me contar. Havia um vazio nela que eu nunca tinha visto antes. Esperei no cemitério, mas ela não foi, e, quando fui atrás dela na escola, se recusou a dar detalhes.

Enquanto isso, por meio de uma amiga de minha mãe que conhecia a Sra. Lafant, a garota de Rockford que era casada com o francês, consegui arranjar um trabalho de baby-sitter numa noite de sexta-feira na casa dele, onde dois fedelhos deixaram cair sorvete na frente do vestido justo e decotado que eu estava usando para chamar a atenção do Sr. Lafant. Depois, quando ele me levou de carro em casa, me aproximei dele no banco da frente. Ele ficou imóvel, como que incrédulo.

— Você é uma moça muito encantadora — suspirou com cuidado, naquele sotaque maravilhoso.

Quando cheguei mais perto, ele afagou o meu cabelo e fechei os olhos, só os abrindo quando percebi que o Sr. Lafant começara a dirigir de um jeito bastante agressivo. Ele deu uma freada brusca em algum lugar perto da Spring Creek Road, desligou o carro e apagou os faróis. Minha vista custou um pouco a se adaptar, e quando isso aconteceu, distingi o pênis ereto dele saindo das calças como uma

toupeira emergindo de um túnel. Suas mãos, que momentos antes afagavam delicadamente o meu cabelo, agora guiavam a minha cabeça da forma mais assertiva em direção àquilo. Fiquei assustada. Sua pressa visível piorava a situação. Quando me contorci resistindo, ele segurou a minha cabeça por trás e me empurrou para a sua virilha enquanto também (reparei) olhava para o relógio, sem dúvida calculando quanto tempo ainda teria antes que sua mulher começasse a se perguntar onde ele estava. Uma onda de repulsa me percorreu.

— Não! — gritei. — Não, não!

E aí o meu chefe começou a se apavorar.

— Cale a boca — implorou, tirando o pênis inquisidor do alcance dos meus olhos.

Levou-me em casa num silêncio urgente, um músculo zangado saltando no rosto. Pulei fora do carro e ele se afastou com estrondo sem uma palavra, os pneus cantando na nossa rua sossegada.

Eu teria corrido direto para a casa de Ellen, mas minha mãe ouviu o carro e foi de mansinho de chinelo e roupão para o gramado molhado de sereno.

— Bom, não foi muito simpático — comentou. — Ele podia ter esperado até você entrar.

Na manhã seguinte, Ellen me encontrou na porta dos fundos do seu casarão vazio e me conduziu escada acima com o mesmo olhar indiferente da semana inteira. *I Love Lucy* passava na sala de tevê.

— Então, você deu? — perguntou, sem tirar os olhos do aparelho.

— Ele não quis — respondi. — Queria ser chupado.

Ellen virou-se para mim com interesse.

— Não consegui — confessei. — Era muito nojento. — Depois perguntei, instintivamente: — O Sr. Polhill... quis?

Ellen começou a chorar. Eu nunca a tinha visto chorar antes, e fiquei rondando ao lado dela, na iminência de abraçá-la como fazia com Grace quando ela chorava, mas hesitante. Ellen não era Grace.

— Você fez? — sussurrei.

— Tentei — disse ela —, mas três segundos depois, ele... Você sabe, ele...

— Não! Não!

— Na minha boca — soluçou ela.

— Ai, meu Deus!

— E aí, eu vomitei. Nele todo e na cama.

Fiquei quieta, paralisada pelo meu horror diante da cena que ela contava, e ao mesmo tempo achando certa graça que parecia inerente à situação. Minha boca, por si só, se contraiu num sorriso, e aí o choro de Ellen se transformou em riso, histeria completa, lágrimas ainda escorrendo de seus olhos. Àquela altura, eu estava rindo, acompanhando Ellen numa gargalhada doída até começar, também, a chorar.

— Ele deve ter morrido — soluzei.

— Correu para o banheiro e fechou a porta — disse ela, e aí nos encolhemos, as duas (como se revelou) molhando as calças sem poder fazer nada.

Mais tarde, tendo tomado um banho e nos trocado, metido os nossos jeans e nossa roupa de baixo na máquina de lavar de Ellen, pusemos três Old Styles numa sacola e as levamos para o cemitério, junto com um maço de Kools.

— Esqueça os homens — disse Ellen. — São pervertidos.

— Os bons não transariam com a gente — concordei. — Só querem transar com as mulheres deles.

Bebericamos as cervejas geladas. Eu estava com muito calor, já não precisávamos das nossas jaquetas. Estávamos frescas e limpas, no entanto, de algum lugar dentro de nós — embaixo de nós, quase parecia, lá do meio dos suecos mortos —, vinha um peso que era palpável. O peso do nosso tédio, da nossa impaciência.

— Eu tenho a resposta — garantiu Ellen, mas sem nada da alegria que acompanhara nossas inspirações anteriores.

— O quê?

— Moose.

Moose. Que naquele mês, ela me informou, voltaria da Universidade de Michigan para as férias de verão com três amigos a reboque. Que daria festas e esquiaria na água com esses amigos por algumas semanas, lubrificando a vasta máquina da sua vida social antes de iniciar um trabalho de verão na fábrica do pai. Cujos amigos sem dúvida seriam os melhores espécimes que a Universidade de

Michigan, ou qualquer universidade, tinha a oferecer. Não homens, não garotos. Experientes, mas não pervertidos.

No entanto, apesar de todo o encanto épico do irmão de Ellen e daqueles dentro de seu alcance santificado, a própria ideia de mais uma façanha sexual me exauria. Eu temia perder Ellen de novo após o regresso de Moose, como perdera no Natal.

No primeiro sábado dele na cidade, ficamos olhando pelo alambrado do clube para o rio lá embaixo, onde Moose e seus amigos — Marco, Amos, Todd — deslizavam aos arrancos sobre a água marrom, anunciados pelo ronco da lancha de Moose. Mesmo daquela distância, a visão do irmão de Ellen era arrebatadora: um cara forte e atlético de calção de banho verde-néon, o melhor esquiador entre os quatro, de longe. Mas esquiou menos que todos, preferindo instigar os outros do timão da lancha.

— Qual você quer? — perguntou Ellen.

— Incluindo Moose?

Ela me olhou de um jeito estranho, depois balançou a cabeça num gesto de recusa inflexível.

— Marco — falei, abatida.

— Fico com o Todd — disse Ellen, o que me desconcertou.

Ele era o mais pálido dos dois, magro de um jeito que lembrava o meu pai.

O destino de Moose naquela noite era uma festa numa das amplas casas da National Avenue, logo ao norte do centro. Nosso plano era aparecer lá, transar em algum lugar da casa com nossos respectivos eleitos e depois nos encontrar de novo no clube, à beira da piscina.

A festa estava decepcionantemente chata. Tom Petty forçando o aparelho de som do pai de alguém, um monte de sujeitos bêbados e barulhentos mais velhos que nossos colegas de classe, mas afora isso idênticos. Afinal, observei Moose novamente de perto — na cozinha, onde ele e outro cara faziam um jogo com esfregões de espuma, disputando a posse de uma lata de Tender Vittles no piso de linóleo grudento. Moose era uma presença imponente, ombros largos movendo-se rapidamente dentro da camiseta branca como teclas num piano enquanto ele arrancava a ração de gato do adversário com uma sofisticada manobra com o

esfregão, braços bronzeados e macios, a aparência um amálgama vencedor de beleza, rigidez e um leve embaraço. E mais uma coisa: uma consciência por parte de Moose e das demais pessoas, um monte de admiradores aglomerados na sala para ter uma ideia remota da loucura dele, de que ele era especial. Famoso.

Ao nos ver — ver Ellen —, Moose abandonou o jogo.

— Mana — disse ele largando o esfregão e passando um braço em volta dos ombros dela.

Abraçada assim, Ellen parecia infantil, serena — imperturbável de um jeito que eu não poderia ter imaginado. O grupo se acercava dela com um sorriso. Observei tudo fascinada e enciumada.

Mais tarde, num pátio banhado por lâmpadas infestadas de insetos, eu e Ellen nos atiramos nos amigos de Moose com um ímpeto que beirou o descuido. Moose lançava olhares ácidos na minha direção, mas, quando a festa esquentou, ele perdeu o nosso rastro. No fim, eu e Marco subimos furtivamente uma estreita escadinha para um quarto de hóspedes do terceiro andar que cheirava a naftalina. Ele tirou minhas roupas e já estava se debruçando sobre mim como um guindaste transportando um carro velho para cima de uma pilha quando recuei.

— Não — falei. — Para, espera! — Estava aflita com a lembrança do Sr. Lafant.

Era muito cedo, eu não conhecia aquele cara. Eu tinha esquecido o que devia fazer com ele, e por quê. Marco, perplexo com esse ataque de recato depois do meu comportamento devasso lá embaixo, foi mijar.

Fugi do quarto e me mandei da casa, correndo pela beira do rio em direção ao clube, já reanimada pela ideia de ver Ellen e trocar as nossas desventuras, como sempre. Só que, pensei, ainda correndo, e se a história dela não fosse uma desventura? E se, finalmente, depois de tanto tempo, ela e Todd tivessem encontrado o que procuravam? A ideia me deixou enjoada.

O portão de ferro do clube estava trancado, uma possibilidade que nós não havíamos previsto. Fiquei do lado de fora, me perguntando se deveria escalá-lo. Finalmente, subi pela cerca e me joguei dentro do clube, no maior silêncio sob o luar claro e as nuvens rasgadas. A relva quente do campo de golfe surgiu embaixo dos meus pés. Desci correndo os degraus de pedra para a piscina, cujo fundo

turquesa captava o luar, e vi algo se mexer dentro da água, era Ellen. Senti tamanho choque de felicidade que gritei o nome dela, e ela fez sinal para eu falar baixo, rindo, e vi suas roupas à beira da piscina e tirei as minhas e mergulhei no silêncio molhado, pesado. Senti a água mexer quando Ellen passou nadando, seus longos cabelos ondulando na minha pele. Irrompemos de dentro d'água, rindo.

— Então, o que houve? — perguntei baixinho.

— Com o quê?

Olhei para ela.

— Todd!

— Ah, ele não conseguiu — disse ela, com uma indiferença que me encheu de alegria. — Muito bêbado.

Mas estávamos rindo. Não havia sentimento de fracasso. Só essa vertigem, como se tivéssemos nos libertado — finalmente, de alguma forma — de um destino oneroso. Nadamos para o lado raso e olhamos para o céu. O ar e a água estavam da mesma temperatura, duas versões diferentes da mesma substância. Era estranho e bom estarmos nuas na piscina onde geralmente precisávamos usar touca de banho. Nuvens passavam pela lua, leitosas, misteriosas, e ouvi um barco no rio lá embaixo e pensei: estou feliz. Isto é felicidade — por que eu estava procurando qualquer outra coisa? Ellen boiava de costas, a água rodeando seus seios, e ninguém jamais me parecera mais lindo. Tentei alcançá-la. Era como se ela tivesse sabido que eu tentaria, como se ela também tivesse tentado me alcançar. Ficamos de pé dentro d'água e nos beijamos. Cada sensação de desejo que eu já tinha conhecido agora se acumulava dentro de mim e lutava, exigindo liberação. Toquei-a embaixo d'água. Ela parecia familiar e estranha — outra pessoa, mas como eu. Ellen se encolheu e fechou os olhos. Pela primeira vez, eu tinha alguma ideia do que fazer. Ela se agarrou a mim com força, depois desabou, tremendo, os braços em volta do meu pescoço. Quando riui, ouvi o bater de queixo. Fomos para os degraus da piscina e nos sentamos, nossos corpos submersos, só nossas cabeças e nossos pescoços acima da água, e peguei a mão dela e a botei em mim. Ela estava hesitante, com medo, mas mantive a minha mão na dela até meu coração estalar e minha cabeça bater no concreto atrás de mim. Ficamos ali deitadas, minha cabeça latejando, um galo se formando no meu crânio que ficaria doendo uma semana, e

quando a água nos fez tiritar, saímos da piscina e nos secamos com as nossas roupas e as estendemos na grama e nos deitamos em cima delas e recomeçamos, mais devagar agora. Mesmo assim a intensidade era penosa — estávamos matando uma à outra, pensei. Estávamos matando alguma coisa. Depois, ficamos deitadas cochilando, e finalmente Ellen disse:

— Podíamos ensinar umas coisinhas a esses babacas.

E rimos e nos vestimos e voltamos a pé para a casa de Ellen, conversando despreocupadamente, como se nada tivesse mudado. Éramos melhores amigas.

Dormimos nuas na cama de solteira de Ellen, coladas uma à outra com o cabelo dela em toda parte, e mais uma vez tive aquela sensação, de quando a toquei pela primeira vez, de que ela era menos uma pessoa distinta do que uma variante de mim mesma — de que, juntas, formávamos uma coisa só. Acordei ao raiar do dia e tive o impulso de ir embora, com aquilo tudo ainda tão bom. Isso era estranho porque era domingo, e normalmente teríamos feito panquecas suecas e assistido a desenhos animados, provavelmente passado o dia inteiro juntas. Mas deixei Ellen dormindo ali e fui para casa a pé no sol de maio, e só quando me aproximei da minha casa, a modesta construção térrea amarela que o sol claro da manhã deixava quase branca, o que tinha acontecido com Ellen começou a parecer bem estranho. Eu quase não conseguia acreditar. Mas quando me lembrei daquela sensação, da sensação física, senti um frio na barriga, e tudo o que eu queria era vê-la de novo, tê-la de novo. Será que sou lésbica?, perguntei a mim mesma, incrédula. Nenhuma outra garota jamais me atraía.

Esperei até aquela noite para lhe telefonar. Moose atendeu (friamente, sem dúvida tendo sido informado da minha palhaçada com Marco) e passou para Ellen. Ouvi uma cautela em sua voz que de imediato provocou uma cautela igual em mim, e nossa conversa teve um sentimento estranho e forçado que era completamente diferente de nós. Isso nunca passou. Daí em diante, ver Ellen era como esbarrar em um dos caras com quem eu tinha transado. Ela me deixava inibida, consciente da passagem dos minutos e da necessidade de preenchê-los com alguma coisa. Nas pausas, eu me perguntava, será que ela está pensando *naquilo*? Será que quer fazer de novo? Mas eu não queria, porque agora Ellen não me parecia diferente de um garoto.

Foi um verão horrível. Eu não tinha outras amigas. Só vi Ellen uma vez, no cinema.

— Espera — arfei, puxando Grace para o escuro enquanto Moose e seus amigos subiam da sala de cinema para o saguão acarpetado.

Os garotos estavam se provocando, se descabelando, e Moose se abaixou, ergueu Ellen e a carregou no ombro — com muita facilidade, como se ela fosse um gato, e os tamancos dela caíram, mas Moose não queria colocá-la no chão, saiu correndo portas de vidro afora com ela para o estacionamento, onde ouvi o crescendo das gargalhadas dela. Alguém pegou os tamancos e os levou para ela. Fiquei olhando, incrédula. Ser mimada, protegida assim — como devia ser? Estar no centro absoluto, adorada pelo garoto que todo mundo amava, sem fazer força. O que poderia competir com isso?

Naquele outono, vi Ellen voltando a pé da escola para casa na minha frente. Estava sozinha, a tristeza envolvendo-a agora que Moose partira. Apertei o passo e alcancei-a.

— Eu me sinto muito estranha agora perto de você — falei.

— Eu também — admitiu ela.

— A gente tem que esquecer aquilo. Tem que voltar ao jeito que era antes.

— Tem, sim! — concordou ela.

Então, silêncio. Eu não conseguia pensar em mais nada para falar, e forçamos comentários secos e vazios o tempo todo enquanto eu contava os minutos até minha casa. Quando finalmente ela apareceu, fingi que minha mãe me esperava e saí correndo, deixando Ellen sozinha.

Eu tinha pensado que seria difícil fazer novas amizades, mas o fato é que nossa desunião nos neutralizava na mesma medida em que a nossa harmonia nos dera a sensação de força. Acabamos nos acomodando com namorados, fomos a bailes de formatura e até assinamos os anuários uma da outra — *Boa sorte com tudo!* —, e, salvo no sentido mais abstrato, esqueci aquela noite.

Fiz, sim, uma última visita à casa de Ellen. Dessa vez, com Moose, que se formara pela Michigan e voltara a Rockford para trabalhar com o pai. Dei em cima dele no meu último ano do ensino médio num campeonato estadual de hóquei, onde ele assistia aos adolescentes correrem no gelo. Àquela altura, a aura

de fama de Moose havia minguado. Até os irmãos mais novos dos garotos que o haviam reverenciado não estavam mais lá, e a East High, onde ele reinara no passado, já não sabia da sua existência. Continuava morando na casa, e subi atrás dele a familiar escada escura, passando depois pelo quarto principal onde sua mãe inválida ficava, pelo quarto vazio de Ellen (ela era um ano mais velha que eu e já tinha se mudado para a faculdade) até o seu próprio refúgio no sótão: pôsteres de esporte desbotados soltando-se das paredes, troféus empoeirados enfileirados nas prateleiras. Havia uma seriedade em Moose de que eu não me lembrava. Quando caímos na cama dele, vi uma série de cordas e polias ligadas a uma caixa presa no teto. Perguntei o que eram.

— Nada — disse ele. — Uma coisa velha para a qual já passei da idade.

Quando a transa terminou, ele apagou. Fiquei olhando para ele, os ombros volumosos, a sombra levemente arroxeadada de suas pálpebras. Aquele acúmulo de tantos anos de inveja e mistério, idolatria e mito agora de braços, ressonando no travesseiro.

Ele abriu os olhos.

— Que foi? — perguntou, grogue.

— Você — falei.

Ele pareceu intrigado e se levantou, apoiando-se num cotovelo.

— Só... Moose — disse eu, balançando a cabeça. — Moose. Moose Metcalf. Não posso acreditar.

Ele sorriu, sem jeito. Sabia exatamente o que eu queria dizer. O vento enchia o quarto entrando pela janelinha.

— Na verdade, meu nome é Edmund — retrucou ele.

★ ★ ★

Eu não era uma pessoa nostálgica. Não guardava cartões de Natal, raramente tirava fotos, em geral ficava indiferente aos instantâneos que as pessoas me mandavam. Até o acidente, eu sempre achava que minha memória era ruim, mas na verdade eu tinha jogado o passado fora, uma quantidade de acontecimentos descartados — para poder avançar, livre, para o futuro. Agora, enquanto eu ia mancando entre as

árvores altas e nuas até a casa de Ellen Metcalf, não era com a intenção de me perder em recordações lacrimosas da minha velha amiga, mas para ver a casa. Para saber no que a construção, e se possível Ellen, se transformara.

A mansão Metcalf tinha um anárquico estilo Tudor que sempre foi popular entre os ricos do Meio-Oeste. O gramado ainda me impressionava, vasto e viçoso apesar do verão escaldante por que tínhamos acabado de passar. Na relva havia diversos itens infantis: um morcego, um grande canhão de plástico, uma bicicletinha laranja fluorescente. A que faixa etária eles correspondiam, eu não tinha ideia. Toquei meu rosto, cheio do pancake grosso de aroma floral de Mary Cunningham. Eu continuava muito marcada. Em vez de desaparecerem, a impressão que eu tinha era de que meus hematomas simplesmente mudavam de cor, como fogos de artifício que não chegam ao fim. Eu me sentia sombriamente chamativa. Uma visitante sombria, uma *starlet* incógnita arrasada pelas drogas.

O jardim atrás da casa fora reformado. Havia canteiros em forma de grãos de feijão floridos com begônias cor de vinho. Fiquei parada no pátio de pedra e escutei o silêncio. Fui para a porta de tela que levava à cozinha — a porta que eu e Ellen sempre usávamos — e bati com delicadeza. Toquei a campainha. Quando ficou claro que não havia ninguém em casa, abri a porta e entrei.

A diferença me chocou. Eu me lembrava da cozinha como um cômodo escuro de paredes esverdeadas e janelas altas que deixavam a gente com a sensação de estar lutando para ver o céu do fundo de um poço. Agora as janelas eram largas e iam até embaixo, e o espaço fora aberto, desobstruído, e se via luz e céu e gramado verde salpicado de montes de folhas varridas. Muito Califórnia, pensei, batendo os calcanhares nas lajotas cor de pizza do piso, com um sortimento incrível de panelas de cobre penduradas em cima do fogão.

E se alguém voltar para casa?, perguntei a mim mesma, subindo a escada da frente após uma olhada na sala de estar, onde a arte moderna tinha se apropriado das paredes. Mas eu não estava com medo. Sentia-me escudada — protegida, de alguma forma, por meus óculos escuros e minha máscara de maquiagem, o lenço de seda na cabeça enfiado na gola da capa de chuva para esconder os hematomas no pescoço. Esta não sou eu, pensei, dobrando a escada e chegando ao hall superior, cujos pisos novos e paredes tinindo apagavam todos os vestígios da antiga

melancolia. Como poderiam me pegar, se eu não era parecida com ninguém? Como modelo, claro, eu carregava meu rosto como uma placa, mostrando-o mais ou menos um palmo na minha frente — não por orgulho ou vaidade, Deus sabia. Esses sentimentos tinham sido apagados havia muito tempo, ou, de qualquer maneira, desligados da minha aparência física. Não, por puro aspecto prático: aqui está o que sou. Cartão de visita, aperto de mão, *précis*, chame do que quiser. Era o que eu tinha a oferecer ao mundo onde eu passara a minha vida.

Eu me encaminhava para o quarto principal, um quarto que eu só entrevia quando Ellen entrava ou saía, uma espiadinha disfarçada, uma lufada de ar perfumado, a voz baixinha e queixosa da sua mãe. Agora a porta estava aberta. Entrei. O quarto era imenso e vazio, réstias de sol passando inclinadas pelas persianas de madeira que pareciam feitas por encomenda. Havia grandes figueiras e uma cama de aspecto moderno com quatro colunas compridas e delicadas. As paredes eram amarelo-esbranquiçadas. Num luxuoso quarto de vestir contíguo, farejei um dos perfumes Chanel, mas meu nariz entupido não conseguiu distinguir qual. Espelhos compridos, paredes cobertas de fotografias emolduradas. Cheguei mais perto para olhar — eu ainda não estava autorizada a usar as minhas lentes de contato —, curiosa a respeito da família que morava ali agora. Instantaneamente reconheci Ellen, muitos anos mais velha, mas ainda bela, os ossos ainda mais fortes em seu rosto. Ela estava de pé numa praia com um homem ao lado, seu marido, presumia-se, que parecia dez anos mais velho e tinha a pele bronzeada e os dentes brancos de um alemão.

Ellen Metcalf. Eu estava no quarto de vestir de Ellen Metcalf.

Esforçando-me para focalizar meus olhos cansados, estudei outras fotos: Ellen recostada com o marido em algum lugar estranho; a cara amassada de um recém-nascido; umas fotos dos pais dela quando jovens, produzidas como os fotogramas de Hollywood; uma montagem de duas crianças, a garota mais velha que — coitadinha — não se parecia em nada com a mãe. Eu me perguntei se ela havia sido adotada. Ellen e aquela filha de trajes de banho iguais, deitadas à beira da piscina do clube. Enquanto eu pesquisava a narrativa espiral da vida de Ellen, comecei, pela primeira vez, a ficar aflita com a ideia de que ela voltasse para casa e me encontrasse ali. Não era a minha invasão que me preocupava. Era mais uma

noção básica de que eu não poderia ser vista assim.

Decidi ir embora. Mas, nem bem eu tinha saído do quarto de vestir de Ellen, ouvi passos no corredor em frente. Apavorada, botei depressa os óculos escuros nos meus olhos deformados, voltei correndo para o quarto de vestir e me agachei dentro de um armário, fechando delicadamente a porta às minhas costas, arfando numa escuridão cheia de vestidos delicados e perfumados com mais daquele Chanel misterioso, até me ocorrer que a humilhação de ser apanhada dentro de um armário sem dúvida seria maior do que a de simplesmente estar parada num quarto de vestir, e abri a porta do armário bem na hora em que uma garota de uns treze anos, com fones de ouvido, entrou vindo do quarto.

Ela se sobressaltou, depois me olhou boquiaberta, espantada e culpada, como se fosse ela quem tivesse sido apanhada. Era a garota das fotos, uma menina de aspecto tristemente comum com um cabelo ralo e sem graça e óculos enormes. Puxou os fones de ouvido.

— Quem é você? — perguntou.

— Sou uma velha amiga da sua mãe — respondi da forma mais displicente que consegui. — Estava passando pela cidade e pensei em dar um pulinho aqui. Mas acho que ela não está em casa.

Esse frágil pretexto pareceu, estranhamente, satisfazê-la. Vi quão diferente da mãe ela era. Ellen teria franzido o cenho, toda desconfiada. Mas aquela era uma garota aberta, curiosa. Graças a Deus.

— Ela vai demorar um pouquinho — disse ela.

— Droga — exclamei, e então, porque parecia muito natural: — Onde ela está?

— Em Chicago, no hospital.

— Nada de errado, espero.

Minha ignorância visivelmente a surpreendeu.

— Ricky teve leucemia. Mas agora está em remissão.

— Ah, que bom — falei. — Que maravilha. A casa está linda. Não a vejo desde que seus avós moravam aqui.

— Vou lhe mostrar o meu quarto, se quiser.

Acompanhei-a pelo corredor. Ela tinha um passo leve, saltitante. Seu quarto

era o antigo de Ellen, agora pintado de azul e um pouco escuro. Ela era uma daquelas garotas que fecham as cortinas e se enfunam na cama com um livro (não o tipo que eu conhecia bem). De fato, do lado, e até em cima da cama, havia livros empilhados. Os lençóis estavam remexidos, como se ela estivesse lendo debaixo das cobertas.

Mas o lugar até onde ela me conduziu por orgulho ou hábito foi um grande aquário de peixes retangular. A água borbulhava alegremente. Havia uma cadeira colocada ao lado do aquário, como se a garota passasse um tempo ali, olhando os peixes, que eram lindos, tive que confessar, embora não fosse muito chegada a peixes. Os dois menores eram de um azul fosforescente, como plumas de pavão.

— Esses são donzelas — disse ela ao ver que eu tinha reparado. — Donzelas-azuis.

— O que é isso? — achei-me na obrigação de perguntar, apontando para um peixe com ferrões pontiagudos curvados em volta da cauda como uma vírgula.

— Um anjo da chama — informou ela, depois acrescentou com orgulho: — Este é um aquário de água salgada.

Não tendo ideia da diferença que isso fazia, fiquei quieta.

A garota estava do outro lado do aquário, de frente para mim, me encarando através da água sendo filtrada.

— Por que você usa óculos escuros dentro de casa? — perguntou.

— Sofri um acidente — expliquei. — Um acidente de carro.

— Achei que tivesse acontecido alguma coisa — retrucou ela. — A sua cara está meio estranha. A luz fere seus olhos, é por isso que usa os óculos?

— Não — respondi. — Eles estão simplesmente horríveis.

— Posso ver?

— Você não vai querer — falei. — Sério.

— Quero, sim.

Ela queria. Queria ver meus olhos, aquela garota, e deu a volta no aquário com este intuito, magra, esguia, a cabeça mais ou menos na altura do meu peito. Eu tinha me enganado a respeito de sua idade: era mais que treze anos. Ela parecia quase adulta.

— Pode acreditar — disse. — Eu aguento.

Tirei os óculos. O quarto não estava nem de longe tão escuro quanto eu pensara. A garota olhou calmamente nos meus olhos: o olhar de alguém que já viu o seu quinhão de dor, e sabe que aspecto tem.

— Como você vai ficar depois que isso sarar? — quis saber.

— Como eu era antes, mais ou menos. Esses médicos, você sabe, são fantásticos.

Ela assentiu com a cabeça. Tive a sensação de que não acreditava em mim.

— Qual é seu nome? — perguntei.

— Charlotte — respondeu ela.

Pensei a princípio que a tivesse ouvido mal. Não perguntei de novo — limitei-me a deixar a surpresa ricochetear através de mim uma vez, depois se dissipar.

— Não brinca! — exclamei. — O meu também.

Imediatamente percebi meu erro. Ela contaria a Ellen, e Ellen saberia o que tinha me acontecido.

— Que incrível! — falou. — Não conheço outras Charlottes. Só uma Charlene.

— Charlotte é um nome melhor.

— Também acho — concordou ela. — É sofisticado.

Houve uma pausa. Para distraí-la, perguntei:

— E o seu tio? As pessoas ainda o chamam de Moose?

A garota sorriu, o sangue lhe subindo às bochechas. O mesmo velho Moose, pensei.

— Você conheceu meu tio? — indagou ela, empolgada. — Antes?

— Um pouquinho — respondi, evasivamente. — Antes de quê?

— De tudo o que aconteceu — falou, e uma lembrança me arranhou, então, uma coisa perturbadora que eu tinha ouvido a respeito de Moose. Eu não conseguia recordar. — Ainda o chamam de Moose — foi tudo o que ela disse.

Eu fui tentando, com a maior tranquilidade possível, nos conduzir para fora do quarto em direção à escadaria da frente. Mas assim que comecei a minha descida claudicante, assim que eu começava a me alegrar por ter escapulado daquele vexame potencial sem sequer ter levantado as suspeitas da minha jovem anfitriã...

só então, uma sombra de prudência desceu sobre ela.

— Você não... quer deixar um recado? Ou um bilhete? — perguntou ela, correndo escada abaixo atrás de mim.

— Não, tudo bem.

Eu tentava abrir a porta de entrada.

— Mas eu... eu pensei que você...

Mesmo na hora em que me ajudava a abri-la, eu sentia nela o ritmo da preocupação, o que me causou uma culpa correspondente, como se eu tivesse afanado a prataria da família e estivesse prestes a sair correndo.

— Diga à sua mãe que sinto muito não ter...

— Qual é o seu...

Mas eu já estava do lado de fora, correndo pelo gramado — uma cena bizarra, deve ter sido — para fugir dela.

Enquanto voltava depressa para a casa de Mary Cunningham, tive um ataque de ciúme tão violento e inesperado que pareceu doentio. Eu queria aquela garota. Ela era minha, devia ter sido minha. Até seu nome era meu. Eu queria aquela casa, aquela vida, o garoto com câncer — eu queria aquilo. Queria filhos, gente em volta de mim. Queria mandar a jovem Charlotte para o mundo para viver uma vida diferente da minha.

Tais sentimentos de inveja e remorso me eram tão estranhos que eu mal soube como reagir. Em ocasiões de coação interna, havia uma voz que me falava exatamente da mesma forma que eu falava com Grace: secamente tranquilizadora primeiro, e, se isso não funcionasse, brusca a ponto de intimidar. Toda a minha vida eu ouvira aquela voz, e quando a sua censura não era suficiente para acalmar o medo em mim, eu agia — caminhava, dançava, dava telefonemas, o que quer que fosse necessário para interromper as queixas. Eu desprezava lamúrias, as minhas mais do que as de qualquer pessoa.

Mas agora eu estava muito cansada para me mexer. Desabei na espreguiçadeira que Mary Cunningham tinha na sala, incapaz de tentar as escadas, e decidi que naquela mesma noite eu perguntaria sobre o conteúdo preciso do elegante armário de bebidas que eu tinha visto em sua sala de estar. No Meio-Oeste geralmente se podia contar com um estoque decente, mesmo na casa de uma

velha senhora. Meu rosto doía e latejava. Eu tinha ficado muito tempo fora de casa. Lá em cima, quando tirei o pancake com os cremes especiais que o Dr. Fabermann me dera, meu reflexo monstruoso estava zangado e inchado de um jeito que havia dias não ficava. Como um recém-nascido, pensei, trocando olhares com os meus olhos nervosos escaldados — um recém-nascido uivando de dor e indignação.

Embebi um chumaço de algodão em óleo de vitamina E e limpei o rosto com delicadeza. Falei com ele em tons que eram atipicamente tranquilizadores. “Pronto, pronto, agora vamos lá”, eu disse, “não é tão ruim”, passando o óleo na pele quente. Vai dar tudo certo. Essa é a fase zangada da cura, só isso. Vai acabar e aí você vai ter um rosto novo: seu rosto antigo, mas novo em folha, como a casa da Ellen. Essa é a sua Charlotte, pensei, me olhando no espelho. Essa é a sua Charlotte, e você tem que cuidar bem dela para ela ficar uma moça linda quando crescer e ter uma vida extraordinária.

CAPÍTULO DOIS

Era quase um novo ano, 199..., quando parei de fingir que estava doente e voltei a Nova York. Lá, o Dr. Martin Miller, cirurgião plástico e habituê de jantares da sociedade, realizou uma segunda operação para “fazer os acertos finais” em meu nariz reconstituído por enxerto ósseo, minhas pálpebras tortas e minhas maçãs do rosto: meus instrumentos de trabalho, pode-se dizer. O Dr. Miller, que era casado com uma modelo, geralmente dedicava seus poderes reconstrutores a fazer pessoas ricas atraentes ficarem ainda mais atraentes — sem se chocar com a “desfiguração grosseira” que acompanha os traumas cataclísmicos da face. Mas ele já tinha dado puxadinhas e feito lipos em tantas amigas minhas que me aceitou como um favor. Trabalhava por fotografias, o que obviamente eu tinha aos montes, e faria o melhor, disse, para me deixar com o meu rosto.

— Depois de tamanho trauma, Charlotte — avisou ele —, a reconstituição sempre fica aquém da perfeição.

— Nunca fui perfeita — falei. — Na verdade, estou esperando alguns aprimoramentos no original.

Grace voltou para Nova York comigo em meados de dezembro para eu não precisar enfrentar o meu apartamento vazio sozinha. Eu morava havia sete anos no vigésimo quinto andar de um arranha-céu moderno no fim de um beco sem saída na Rua Cinquenta e Dois Leste, então a minha vista abrangia o East River, o final da Roosevelt Island e a cidade de Long Island. O apartamento estava em melhor estado do que eu temia; Anastasia, minha faxineira alcoólatra (descobri quando a vodca no meu freezer congelou), chegara ao extremo de lavar com xampu o carpete que cobria o chão de uma parede à outra, e a casa parecia melhor do que de hábito. O porteiro andara encaminhando minha correspondência, e Grace pagara minha hipoteca e minhas contas com a minha poupança, portanto, afora o saldo menor no banco, nenhuma surpresa terrível me aguardava. Grace ficou duas semanas cuidando de mim após a segunda operação, até as faixas serem retiradas e

o unguento sair dos meus olhos. Um dia antes da partida dela, fomos de táxi até o Central Park e passeamos sob um frio de rachar, eu usando meu uniforme — um lenço de cabeça (de lã, pela mudança de estação), óculos escuros e pancake —, Grace com o casaco de visom preto que Frank lhe dera de Natal.

— Cuidado para ninguém lançar um jato nesse casaco — avisei.

— Lançar um jato no casaco?

— De tinta. Você sabe, os direitos dos animais.

Grace riu.

— Pensei que quisesse dizer que podiam mijar em mim.

— Nossa. É isso que você pensa que acontece em Nova York?

— Pior — disse ela docemente.

Uma sequência esquisita de eventos climáticos deixara uma fina camada de gelo em volta de cada árvore, galho e graveto. Toda vez que o vento soprava, um gemido surgia de todos os lados ao mesmo tempo.

— O que você vai fazer depois que eu for embora? — perguntou Grace.

— Terminar de melhorar — respondi, apertando mais o lenço em volta do rosto. — Me soltar no mundo.

— E depois?

— Isso não é alguma coisa? Considerando onde eu comecei?

— Quero dizer, o que você vai fazer? Como vai viver?

O rosto dela demonstrava uma nítida preocupação.

— Pare — eu disse.

Ficamos paradas em silêncio. Grace olhou para o céu. Ela era uma daquelas pessoas que superestimam tanto a própria sutileza que acabam revelando em detalhes os piores medos. Eu sabia que a minha vida estava arruinada.

— Você sempre pode voltar — falou —, se estiver a fim.

— Depois de cinco meses em Rockford? Vou ter convulsões se voltar.

— Ah, por favor — disse Grace —, me poupe dessa cena.

★ ★ ★

Durante a recuperação da segunda cirurgia, deixei todas as ligações caírem na

secretária eletrônica, assisti muito à tevê e virei uma controladora não oficial do tráfego fluvial do East River. Ainda estava muito frio para sentar na varanda, então eu assistia ao lento desfile do macio estofado branco do meu sofá modulado. Rebocadores vermelho-vivos e barcos azuis e brancos da polícia e compridas chatas de lixo presas por redes. Eu fumava Merits em um enorme cinzeiro de zinco. Quando ligava para as pessoas, fingia estar ainda em Rockford, e se as sirenes e as buzinas da FDR conseguissem saltar os vinte e cinco andares até onde eu estava sentada, eu apertava a tecla *mudo*.

Por que eu não insistia com meus amigos para me levarem ensopados e compras de supermercado e se recostarem comigo no meu sofá modulado? Porque eu estava fraca. Ah, sim, esta é a hora em que mais precisamos de gente, eu garantia a mim mesma enquanto o silêncio batia nos meus ouvidos. Mas temos que resistir. Porque, uma vez que nos virem assim, uma vez que virem com os próprios olhos nosso cabelo falhado e sem vida e nossa voz rouca, nossa hesitação e nossa necessidade servil de amor, nosso cheiro — o cheiro da nossa fraqueza! —, as pessoas nunca esquecerão, e muito depois que recuperarmos a nossa vitalidade, depois que nós mesmos tivermos esquecido essas provas de fraqueza, elas olharão para nós e *ainda verão isso*.

Num fim de tarde, ouvi a secretária atender enquanto assistia à noite precoce cair sobre Long Island. Era Anthony Halliday, o detetive. Eu tinha me esquecido dele.

— Você retornou uma ligação minha há uns meses — falou. — Ando deixando recados para você desde então.

Eu tinha uma vaga lembrança de alguém me dizendo que aquele detetive estava num hospital psiquiátrico, mas as minhas recordações da convalescença em Rockford já estavam tão apagadas e estranhas que eu não podia ter certeza. Ele soava bastante equilibrado. Esperei meia hora e liguei para ele.

— Anthony Halliday — disse ele ao atender.

— Charlotte Swenson — falei.

— Charlotte Swenson. — Ele parecia satisfeito por ter notícias minhas. — Está aqui em Nova York?

— Ainda não.

— Soube que teve um acidente sério de carro.

— Tive — respondi, depois hesitei, sem vontade de entrar em detalhes. — Então, do que se trata?

— Um sujeito desapareceu há uns meses — explicou o detetive. — Era conhecido como “Z”. Acho que você o conhecia.

— Eu sabia quem ele era.

No pequeno círculo multifacetado das boates onde eu tinha passado parte da vida, Z estava em todas nos meses que antecederam o meu acidente. Ele era uma daquelas pessoas a quem era impossível, e ligeiramente desagradável, imaginar à luz do dia.

— Como assim? — perguntei. — Desapareceu?

— Ninguém o vê desde agosto.

— Acham que aconteceu alguma coisa com ele?

— Quem acha sou eu, a esta altura — disse ele. — A polícia não está muito envolvida.

— Por que está procurando por ele?

— Ei — disse ele, e riu. — Eu faço as perguntas.

— Bem, isso não tem muita graça para mim.

Será que eu estava flertando com esse detetive, esse Anthony Halliday? Fazia tanto tempo, eu nem tinha certeza.

— Eu gostaria de encontrá-la quando você voltar a Nova York — falou. — Quando vai ser?

— Daqui a umas semanas.

— Ligo para você daqui a três — disse ele. — Enquanto isso, cuide-se. Fique bem.

— Igualmente — retruquei.

Houve uma pausa espantada. Ele desligou sem se despedir.

★ ★ ★

Só no fim de janeiro marquei um almoço com Oscar, meu agente. Àquela altura, o meu rosto já tinha se recuperado, ou se “acomodado”, como eu pensava, da

segunda operação havia quase um mês. Mas eu adiei esse acerto de contas com o mundo pela simples razão de ainda não saber que aspecto eu tinha. Passei uma hora inteira olhando pelo círculo de luz leitosa em volta do espelho do banheiro. Segurei fotos antigas ao lado da minha imagem e tentei compará-las. Mas só descobri que, além de não saber que aspecto eu tinha agora, eu jamais soubera. As fotos antigas não ajudaram. Como todas as boas fotos, elas escondiam a verdade. Jamais guardei uma ruim — esta era uma das minhas regras cardinais, fotograficamente falando. Primeiro: nunca se deixar fotografar sem estar pronta, do contrário o resultado será, quase com certeza, horrível. Segundo: jamais guardar fotografias ruins suas por qualquer razão, sentimental ou não. As fotografias ruins nos revelam exatamente sob o aspecto que desejamos nunca ser vistos, e, se as guardarmos, elas não só serão encontradas, como também o serão invariavelmente pela única pessoa no mundo que menos queremos que nos veja assim.

Agora eu havia feito uma nova descoberta: as fotografias ruins eram as únicas que podiam nos mostrar como somos de fato. Eu mataria por uma.

Afinal desisti e marquei de ver Oscar.

Encontramo-nos no Raw Feed, um restaurante na West Twenties cujo recepcionista era Jess DeSoto, um modelo falante e amigo meu. Cheguei cedo e fiquei de pé do lado de fora por vários minutos, alisando o cabelo e o rosto, saltando para longe das portas de vidro cada vez que as pessoas se aproximavam para entrar ou sair. Parecia que fazia anos, não meses, que ninguém me via.

Jess DeSoto era da minha geração de modelos. Trabalhei com ele inúmeras vezes ao longo de muitos anos, fui para a cama com ele duas vezes enquanto esperava uma tempestade passar em Barbados, fui ao casamento dele e comprei um chocalho na Barney's quando Geo, seu menininho, nasceu. Agora ele me dava um daqueles olás calorosos e nervosos que damos a pessoas que sabemos que devíamos conhecer, mas não conhecemos. Olhei bem nos olhos dele e lhe disse que ia me encontrar com Oscar, aguardando o estalo de reconhecimento, sua risada constrangida e seu abraço apaixonado de desculpas. Nada.

— Por aqui — indicou ele, e com seu andar arrogante me conduziu a uma mesa perto da parede e deixou dois cardápios. — Bom apetite — disse, e saiu depressa para receber outro grupo.

Deslizei na banquetta. Meu encontro com Jess me afetou como um murro na cara, deixando para trás uma calma ligeiramente limitada. Olhei a luz de inverno pelas vidraças e esperei Oscar chegar e endireitar as coisas.

Outros conhecidos passaram pela minha mesa: Annette Blaque, minha agente de Paris; Sutie Wa, uma amiga modelo; Mitch e Hasam, promotores de boate e consultores de Hollywood num remake de *Saturday Night Fever* que pairava permanentemente na iminência de ser produzido. Cada uma dessas pessoas me fitou do jeito específico que as pessoas olham no mundo da moda: uma olhadinha rápida e voraz que exige beleza e poder como recompensa imediata. E aí desviam a vista, como se o que acabaram de ver não fosse apenas desconhecido, mas também sem possibilidade. Pedi uma vodca martíni e acendi um cigarro. O garçom veio me pedir para não fumar.

Oscar me cumprimentou com um beijo de cada lado e deslizou na banquetta, sentando-se num ângulo tal que não ficamos bem um em frente ao outro. Oscar era o único negro que eu já vira que realmente parecia ter sido criado por aristocratas da Costa Leste. Qualquer um pode usar J.Crew, claro; o que distinguia Oscar era a indiferença com que ele usava roupas muito mais caras — blazers amassados, sapatos sem meias, calças de caxemira —, todas de um jeito a sugerir uma vida inteira de dinheiro. Este era um fenômeno de pura autoinvenção. Oscar começara a vida como outra pessoa, mas parecia indelicado perguntar quem era essa pessoa quando Oscar havia se esforçado tanto para apagá-la. As únicas pistas que eu tinha eram duas cicatrizes em seu braço esquerdo, uma ponta de sotaque caribenho (perceptível quando ele estava cansado) e, claro, sua sombra: aquela caricatura que gruda em cada um de nós, revelando-se às vezes quando rimos ou ficamos parados, olhando descaradamente de certas fotografias ruins. Após o acidente, eu perdera a capacidade de enxergar a sombra dos outros, mas, à medida que a minha visão melhorava e que a névoa se dissipava do lobo cerebral de que eu necessitava para essa arqueologia visual, as sombras voltavam lentamente. A de Oscar era um retrato de puro sofrimento, um rosto tão angustiado que parecia uma caveira. Não que o próprio Oscar se parecesse com isso. Ele tinha um belo rosto e perfeitos dentes brancos (sem uma única cárie, contou-me). Era só às vezes, quando ele fumava um cigarro, que eu via o outro — uma presença irritante,

fugaz. Eu já andara estudando a sombra das pessoas havia muitos anos, mas a de Oscar tinha a capacidade de me chocar — tão enorme era o seu contraste com seu eu aparente. No entanto, este era com frequência o caso no mundo da moda, onde a beleza, o melhor disfarce de todos, era lugar-comum.

— Ora ora ora — disse Oscar, me olhando. — Ora ora.

— E...?

— Melhor do que eu esperava.

— Obrigada — eu disse secamente. — Diferente, porém.

— Ah, sim.

— Você me reconheceu?

Oscar bufou. Sua profissão, afinal de contas, era a profissão da visão, de reconhecer o que nunca havia visto antes.

— Pela janela — disse ele, com altivez.

Diante dessa notícia, relaxei.

— Diferente como?

Seu olhar passou sobre mim, fazendo aquela inspeção avaliadora peculiar à minha linha de trabalho, quando alguém vê o seu rosto, os seus ossos, os seus olhos, e calcula o valor deles. A pessoa fica muito parada para dar esse olhar.

— Irregular — retrucou ele —, por exemplo.

— Oscar, você tem que me contar. Preciso saber.

— Ah, Oscar contará, querida — garantiu ele. — Só lhe dê tempo.

Oscar era meu agente desde que eu fora para Nova York, com vinte e um anos, afirmando ter dezenove, com alguns anúncios da Marshall Field no meu book. Ele foi o cérebro da minha ascensão ao quase-quase-estrelato, depois foi meu par no meu lento minueto por um corredor polonês de trabalhos para catálogos a cujo fim eu felizmente ainda não havia chegado. Eu o conhecia havia quatorze anos ao todo, durante os quais eu só me permitia envelhecer aproximadamente de dois em dois anos, de modo que agora, aos trinta e cinco, eu teria vinte e oito. E enquanto a trajetória da minha carreira decaía e começara a afundar, a de Oscar subia constantemente, e eu o seguira de agência a agência até que agora, na Femme, ele produzia a maioria das estrelas. Mas ele nunca foi sacana comigo. A gente se conhecia há muito tempo.

Pedi escargot, e Oscar me pôs a par dos boatos sobre vício em drogas, cirurgia plástica e mau comportamento entre “garotonas”, como as modelos eram conhecidas com admiração pelas colegas. Casos românticos entre garotas eram agora a nova moda, ele me disse. Modelos ficando juntas apesar das violentas objeções de seus namorados ricos, poderosos e às vezes armados.

— Você já fez isso alguma vez? — perguntou Oscar. — Transou com mulher?

— Nunca — respondi.

— Nem eu — disse ele, e riu.

Meu escargot chegou, e deixei um deles deslizar por minha garganta, deliciando-me com o gosto de alho. Após o acidente, meu paladar não era mais o mesmo. Depois, nas últimas semanas, os sabores haviam começado a aumentar vertiginosamente na minha lista.

— O trabalho vai bem? — perguntei.

— Estranho — respondeu ele. — Essa mania de gente de verdade está virando um belíssimo de um pé no saco.

— Você fala de mulheres poderosas de meia-calça, esse tipo de coisa?

— Isso foi bastante desagradável — falou ele. — Agora é gente no noticiário. Você não ouviu falar?

— Oscar — retruquei. — Eu estava no Meio-Oeste.

Há uns meses, ele me contou, um agente da Elite viu na *Time* uma refugiada hútu linda e desnutrida. De alguma forma, através dos Médicos Sem Fronteiras, esse agente conseguiu localizar a refugiada e trazê-la com os oito filhos para Nova York, onde “Hútu”, como ela era conhecida (seu nome tendo sido considerado impronunciável), imediatamente fotografou capas para a *Marie Claire* e para a *Vogue* italiana e conquistou uma avalanche de publicidade para a Elite. Para não ficar atrás, Laura, a CEO da Femme, viu uma bela norte-coreana numa reportagem sobre fome.

— Ela me diz: “Oscar, pega essa garota” — contou Oscar, numa imitação perfeita do sotaque tcheco carregado de Laura. — Então embarco nessa louca busca impossível, voltando para casa do trabalho e pedindo jantar para o meu intérprete coreano, Victor, para nós podermos começar a ligar para a Coreia do Norte, onde já é o dia seguinte, procurando a garota da foto. Depois de uma

semana nessa função, localizamos o pai dela, e Victor tenta explicar que queremos trazer para Nova York a garota do *New York Times*. O pai acha que estamos ameaçando sequestrá-la, e fica implorando: “Não, por favor, não tenho dinheiro...” Deus me dê forças para continuar! De qualquer maneira, ela está morando no meu quarto de hóspedes enquanto conversamos. Um metro e cinquenta e cinco.

— Que esquisito — comentei.

— Oscar concorda plenamente.

— Ela está trabalhando?

— A *Mademoiselle* fez alguma coisa, a *Allure* também. Vamos ver o que acontece. Enquanto isso, Laura está caçando esses dois garanhões ucranianos que vimos na CNN trabalhando numa plataforma de petróleo que virou. Minha esperança é que esses dois possam herdar o meu quarto de hóspedes da Miss Coreia. Mas não sei bem se terei coragem para pedir que se mude. Ela chora ali todas as noites, pobre anjo. Comprou uma laranja Sunkist enorme que guarda no peitoril da janela, e eu fico dizendo a ela: “Pode comer, querida. Tem centenas dessas em Nova York. Come o raio da laranja, ora!” Mas ela se limita a segurar a fruta nas mãos e olhá-la.

— Por que não a manda de volta para a Coreia?

Oscar deu de ombros.

— Ela está desesperada por dinheiro — explicou. — A família dela vende kimchi, para você ter uma ideia!

— Mas quanto tempo isso pode durar, esse lance de realidade? — perguntei.

— Quero dizer, vamos encarar o fato: a maioria das pessoas simplesmente não é tão bonita assim.

Oscar fez que não com a cabeça.

— Parece que existe outro nível.

— O nível da babaquice.

— No entanto, existe — continuou Oscar, com um suspiro —, e vamos ter que competir com ele.

A turma do almoço no Raw Feed começava a diminuir. De vez em quando eu via turistas espiando do lado de fora, colocando as mãos em concha perto dos olhos e apertando a vista para enxergar através do vidro.

— Que tipo de trabalho você acha que tenho capacidade de conseguir? — perguntei num tom displicente.

Oscar acendia um cigarro. O garçom, reparei, não interveio dessa vez.

— Estou observando você — disse ele —, me perguntando se isso é possível.

— Adorei! Você está agenciando coreanas de um metro e cinquenta e cinco e tem que se perguntar se pode me agenciar.

— Duas questões completamente diferentes — retrucou ele com suavidade.
— Ela é uma moda.

— E eu?

— Você é macaca velha — respondeu ele, com afeição.

— Tive uma ideia maluca. Quer ouvir?

— Sempre, querida.

— Relance-me — sugeri. — Finja que sou uma garota nova. Porque Oscar, *ninguém me reconhece*.

Essa revelação não pareceu chocá-lo, como achei que chocaria.

— Você é muito velha para uma garota nova — comentou ele.

— Não tenho uma única ruga no rosto! É como se eu tivesse feito um *lifting* facial: eu poderia ter vinte e três anos.

Eu estava debruçada, levantando a voz, violando assim uma das minhas regras cardinais: nunca deixe as pessoas verem o que você deseja.

— Vinte e três é muita idade — disse Oscar, soprando a fumaça. — E você não tem cara de vinte três, querida, por mais que Oscar te ame.

Uma onda de exaustão me abateu. Se fechasse os olhos, acho que eu teria dormido.

— Pense sobre isso, por favor — pedi, enquanto ele pagava a conta.

— Com certeza — prometeu ele. — Mas você devia considerar as alternativas. Como imagino que já estivesse fazendo antes do acidente.

— Por que diz isso?

— Você é uma pessoa racional — respondeu Oscar.

Em frente ao restaurante, ele puxou bem as lapelas do belo casaco. Não estava usando cachecol, e a pele do seu pescoço tinha um aspecto ressecado. Quando sua expiração apareceu em espirais brancas, a caveira piscou para mim, um fantasma

andrajoso escapando da sua boca e se fundindo com a atmosfera.

— Para onde você está indo? — quis saber ele.

— Para o brejo, ao que parece — retruquei.

Acompanhei Oscar para oeste, na direção da Femme, por ruas que não faria diferença se tivessem sido fotografadas em preto e branco, tão vazias de cor estavam. Alarmes de carro disparavam em sucessão espasmódica, canto de pássaros numa estranha floresta mecânica.

— Já considerou fazer análise? — indagou Oscar.

— Ah, essa é boa — reagi, virando-me para ele. — Você não sabe como me relançar, então eu devo fazer análise.

— Não. — Ele suspirou pesadamente. — Porque você está em outra.

Demos a volta na quadra onde ficava a agência, mas evitamos passar por ela. Senti a relutância de Oscar para ir.

— Você passou por uma coisa terrível — falou. — Por isso as pessoas fazem análise.

— Você faz? Análise?

Oscar me deu aquele seu sorriso branco, mas o rosto angustiado da sombra estava bem ali, olhando por trás dele.

— Nunca me aconteceu nada de ruim — afirmou. — Minha vida tem sido um mar de rosas.

— Coitado de você — comentei, e ri, jogando a cabeça para trás, então de repente eu estava olhando acima dos prédios, para o céu de inverno.

Aí, vi o cartaz. Ele agarrou o meu olhar e o prendeu, um velho anúncio pintado na lateral de um prédio de tijolos. Griffin's Shears, dizia. A tinta estava desbotada, mas ainda legível, um azul fosco desmaiado, e, ao lado das palavras, vi a silhueta de uma tesoura. Sem perceber, eu tinha parado de andar. Estávamos na Sétima Avenida com a Rua Vinte e Dois.

— Que foi? — perguntou Oscar.

Não respondi. Eu não sabia.

— Olha lá — falei.

Oscar olhou para cima e para baixo, depois virou a cabeça.

— O quê?

— Aquele anúncio antigo! Griffin's Shears.

Oscar olhou para mim.

— Parece um fantasma — comentei.

Ficamos parados ali, olhando o anúncio. Eu estava comovida de alguma maneira que não conseguia explicar. Aquilo me lembrou de Rockford, suas fábricas e suas chaminés e sua indústria. Um relance da sombra de Nova York.

— Tenho oitenta parafusos de titânio na cabeça — disse, ainda observando o anúncio.

— Não diga essas coisas — murmurou Oscar.

— Os ossos foram todos esmagados.

Agora ele se virou para mim, com surpresa, admiração e talvez algo mais: amor, acho. Tínhamos uma intimidade de muitos anos, aquela confluência de trabalho e vida social que facilita certo tipo de amizade. Mas eu sabia, como Oscar, acredito, que não continuaríamos do mesmo jeito.

— Se você desistir — disse ele —, vou perder a fé em tudo.

— Eu nunca desisto — garanti.

★ ★ ★

Eu não levava um homem para casa desde o acidente, mas nem bem me despedi de Oscar com um abraço naquela tarde senti meus meses de abstenção chegando ao fim. Um nó de desejo se formara em minha barriga, apertando no decorrer do dia, e à noite eu tinha me esquecido de tudo menos da necessidade de dissipá-lo. Eu não era como a maioria das mulheres. Para mim, o ato sexual nada tinha a ver com amor, ou raramente tinha. Pelo contrário, quanto menos eu gostasse ou mesmo conhecesse um homem, mais facilmente me soltava na companhia física dele. Eu não ligava para constrangimento — era boa em pedir o que queria e garantir receber isso. Não gostava de saber o que ele iria fazer ou querer, e não me preocupava muito com o meu próprio desempenho. A meu ver, qualquer homem que conseguisse me pegar com tão pouco esforço, sem nenhum compromisso e sem ter que pagar por isso, devia considerar estar tendo um dia extremamente bom. Eu já era praticante do sexo seguro quando a expressão ainda nem existia,

não tanto por motivos de saúde quanto por um escrúpulo básico com a ideia de misturar células. Abraçar, beijar — até com as trocas mais fortes eu não tinha problema algum, mas o que eu não enxergava, as moléculas e os átomos, essas coisas deviam ficar separadas, eu achava. O surto da aids tornou esse escrúpulo mais fácil de justificar. Os homens finalmente haviam parado de reclamar das camisinhas.

Há inúmeras maneiras de encontrar sexo sem compromisso, mas eu tinha uma rotina preferida. Começava comigo jantando sozinha num dos vários restaurantes do East Side, lugares frequentados por empresários e diplomatas com alguma ligação com as Nações Unidas. Eu pedia uma salada e aguardava uma taça de vinho chegar à minha mesa. Então ou eu fazia um gesto com a mão agradecendo ou, se achasse o homem atraente, tornava a minha saudação ligeiramente mais calorosa, para ele saber que era bem-vindo à minha mesa. Eu não deixava a conversa ir adiante. Se ela se estendia um pouco, descobri, o homem parava de ser atraente fosse qual fosse sua aparência.

Nesta noite eu estava aliviada por descobrir que, mesmo com o meu novo rosto indeterminado, o ritual não demorou mais que o normal para se completar. O nome dele era Paul Shepherd. Ele tinha uma barba loura e clara e um cabelo apenas um ou dois tons mais escuro, cor de areia. Trabalhava no Banco Mundial em Hong Kong, mas era natural de Minnesota. Apesar do jeito refinado e retraído, era óbvio que vivia traindo a mulher. Muitos viviam. Fiquei feliz por ser a outra, não aquela para a qual eles voltavam furtivamente.

Dentro do meu apartamento, servi uísque para nós. Paul Shepherd foi para a sala, ficou parado diante da porta de vidro de correr da varanda e observou minha vista (devo dizer) espetacular. As varandas do meu prédio eram escalonadas, o que constituía uma fachada confusa, mas dava a impressão, de dentro, que só a gente tinha varanda, que não havia nada em cima.

— Você é do Meio-Oeste — Paul Shepherd me surpreendeu dizendo.

— O que faz você achar isso?

— Esse apartamento, a sensação. Sei lá. Estou certo?

— Sou de Chicago.

Como todos os homens na minha experiência, Paul Shepherd gostava

imensamente de ter razão.

— Ah, é? De que parte?

— Na verdade, não de Chicago — corrija, para minha surpresa. — Rockford, Illinois.

— Não conheço.

— É o inferno na Terra.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Dá azar falar assim da sua cidade natal.

Ri.

— Isso pode explicar os últimos cinco meses da minha vida.

Paul Shepherd ficou quieto. Olhamos para a vista, a ponte Queensborough ao norte, a silhueta industrial interrompida de Long Island ao sul. Pensei nas poucas coisas que trouxera comigo da primeira vez que vim de carro para Nova York no meu Fiat verde maltratado: o relógio de ouro do meu avô, em uma mala que foi roubada durante uma parada no Denny's, no caminho; as correspondências trocadas entre meus avós no verão que minha avó passou em Nova York antes de eles se casarem, cartas espirituosas e cheias de gracejos, sua fé na segurança de escrever à luz de uma lâmpada na 135 com Riverside. Mas eu as perdera durante uma mudança ou outra, e agora tudo o que eu me lembrava era do tom sépia da tinta deles e da caligrafia nítida e regular da minha avó. Senti uma pontada de remorso. Ah, pelo amor de Deus, repreendi-me, com que frequência você pensa nos seus avós — uma vez por ano? Você olharia para essas cartas se as tivesse? Será que as recordações não eram um pouquinho estranhas num mundo onde se podia viajar para qualquer lugar em questão de horas; onde se podia ligar para Bangladesh de um telefone público na praia? Eu tive um colar de diamantes arrancado do pescoço anos antes, um presente de Hansen, meu noivo. Depois disso, dei tudo o que eu tinha de valor para Grace. Que ela guarde tudo, pensei — em Rockford, terra de objetos pequenos, onde meus bens estariam seguros, pelo menos, se não fossem realmente meus.

— Meu reino pelos seus pensamentos — disse Paul Shepherd, e me sobressaltei.

Eu estava começando a divagar sem saber, uma forma de incontinência mental

que eu associava ao fato de passar muito tempo sozinha. Ele estava sentado no meu sofá, e eu estava a seu lado, agora, sentada sobre as pernas. Eu não tinha visto sua sombra. Muitas vezes eu a encontrava ao me perguntar o que se opunha àquela pessoa; contra o que ela estava trabalhando, o que ela compensava. Mas até aquele momento Paul Shepherd era um homem simpático com uma barba cor de areia e uma mulher e vários filhos que ele não mencionara. Eu sempre podia dizer. Os divorciados falavam logo, proclamando o seu status. Os calhordas (e eu normalmente conseguia identificar esses, também) sugeriam ou mesmo diziam ser divorciados, mas eram na verdade casados. Eu já tinha tido de vez em quando o desejo de localizar as esposas deles e lhes telefonar, para a própria proteção delas — “Seu marido não te ama”, eu imaginava dizer. “Sugiro que você se livre dele.”

Cheguei pertinho de Paul Shepherd. Isso era sempre interessante: o momento em que o verniz começava a sair e o que estava por baixo — desejo, perversão, o que quer que fosse — aparecia. A verdade. Eu queria vê-la. Todo mundo era mentiroso, dizendo bobagens pela vida afora, fingindo ser bom e leal, ter e manter e tudo isso. Todo mundo era político, usando uma cara hipócrita até o último momento possível quando a imprensa desencavava um gosto por crianças amputadas ou uma amante decapitada acorrentada a um radiador. E eu tinha sido hipócrita, também, no início — acreditei na minha própria encenação até a pressão de sustentá-la ficar excessiva. Desde então, busquei o oposto: eu queria ser a criança amputada ou a amante, tornar meu domínio os cantos escuros onde eu pudesse ver as coisas que as pessoas se esforçavam tanto para esconder dos outros. Botei as mãos no peito de Paul Shepherd e beijei seu pescoço. Ele gemeu e se inclinou para trás. Éramos estranhos, sem nada a esconder um do outro.

Fomos para o quarto. Eu estava meio tensa, depois de tanto tempo privada não só de sexo, mas também de qualquer tipo de contato físico. Sentia-me desajeitada, com um medo irracional de que meu rosto fosse danificado. Paul parecia bastante sedento, então a coisa toda acabou depressa. Ficamos ali deitados um pouco, e achei que poderíamos recomeçar, mas ele se levantou para ir embora, murmurando algo sobre uma reunião cedo.

E foi só quando ele se levantou da cama, o corpo iluminado pelas luzes coloridas da cidade, que captei o brilho calculista atrás de seus olhos, um vazio, um

branco fixado no seu rosto. Sua sombra, e não era uma das boas.

Quando tudo o mais falhava, eu encontrava a sombra ao olhar a pessoa quando ela julgava não poder ser vista — quando não tinha se arrumado para ninguém.

Ele se vestiu, usou o banheiro, depois veio ao meu encontro na sala, onde eu estava sentada com meu quimono de seda, fumando. Ele se abaixou por trás de mim e envolveu o meu pescoço com os braços, e, na luz brilhante, era amável de novo. Mas eu tinha visto.

— Tenho que ir — disse, pegando o casaco e o cachecol e a pasta.

Eram dez e quarenta e cinco. Eu era grata por não ser quem estava voltando para a escura Nova York. À porta, ele me entregou o seu cartão.

— Ligue se algum dia estiver em Hong Kong.

Quando ele saiu do meu apartamento para o hall, eu disse:

— Só um minuto.

Ele parou. Senti impaciência, a frieza matemática de quem busca uma presa por trás de seu rosto esbranquiçado.

— Sim?

— Como estou? — perguntei.

— Como assim?

— Olhe para mim — falei, e ele olhou. — Se fosse me descrever, o que você diria?

Ele olhou bem. A luz no hall era quente e favorável. Eu me vi prendendo a respiração.

— Você parece cansada — disse ele, e as suas duas metades se fundiram num momento de humanidade. Não era o que eu esperava, mas fiquei aliviada.

— Boa noite, Paul Shepherd.

CAPÍTULO TRÊS

Mais para o fim de seu passeio de bicicleta, a filha de Ellen, Charlotte, parou no Shorewood Park para ver os esquiadores das longas e estreitas arquibancadas, dispostas na margem do rio para as apresentações das noites de quarta e sexta-feira. Um usava um traje de banho vermelho. Vinha zunindo na direção de Charlotte, cortando o rio em dois até ela esconder o rosto. Mas não era Scott Hess. Ele não saía da sua cabeça o verão inteiro, e ela ainda não o vira.

Sem saber ao certo a hora, ela continuou pedalando para casa. Hoje ia ter um jantar com tio Moose, um ritual bianual que sempre despertava em Charlotte uma agitação antecipatória, uma liga peculiar de expectativa e medo. Ela se viu correndo, agora, passando a toda pela parte reformada da zona pantanosa de Rockford — água salobra, galhos quebrados —, passando por casas modestas e cães com a garganta inflamada e gramados que tinham o cheiro do rio. Passou por baixo da ponte Spring Creek e avançou pela pista de corrida ao lado dos velhos trilhos da ferrovia, agora domados e bem-cuidados, cercados de grama.

Perto da ACM, ela parou para esfriar o corpo. Havia um homem de camisa amarela sentado no gramado à margem do Rock River, um braço na tipoia. Charlotte encostou a bicicleta na mesa de piquenique e se aproximou mais dele. Tirou os óculos, deixando os verdes viçosos se misturarem com o marrom turvo do rio. Rockford era uma cidade do século dezenove, cortada de norte a sul pelo Rock River. A leste, do outro lado do rio, em frente ao local onde Charlotte estava parada, havia várias fábricas desativadas, cujos prédios eram revestidos de tijolos, e um centro abandonado. Ao norte ficavam as antigas casas dos industriais, ainda protegidas por árvores cerradas e densos gramados perfumados. Um cansaço parecia pairar sobre essas partes da cidade, como se os seus esforços de cem anos atrás as tivessem esgotado de forma irreversível. Atualmente, a ação estava no lado leste do rio, onde Charlotte morava, cuja artéria vital não era de modo algum o rio, mas a State Street, correndo de oeste para leste, agregando pequenos centros

comerciais e superlojas e torres de condomínios enquanto se afastava do antigo centro da cidade até, ao chegar na estrada interestadual, oito quilômetros para fora, abranger seis pistas de tráfego.

A última vez que vira tio Moose, Charlotte estava sentada ao lado dele no clube. Ele era professor de história na Winnebago College: um homem bonito e errático cuja atenção nunca conseguia captar plenamente. Quando ele abriu a carteira para pagar o jantar (insistindo, apesar dos protestos do pai), ela entreviu lá dentro uma foto que nunca tinha visto antes. De água. A única foto que ele levava.

— O que é isso? — perguntou ela, mas Moose pareceu não ouvir. — Essa foto — disse ela, mais baixinho. — O que é isso?

Moose retirou a foto da capa de plástico barata e entregou-a à sobrinha. Era uma foto de um rio, antiga, em tom sépia, os brancos descorados. Tinha o aspecto querido e manuseado das fotos que as pessoas guardam dos filhos. Mas era um *rio*. Embaixo, alguém rabiscara no negativo “Rock River, 1904”.

A estranheza disso ofendera Charlotte.

— Para que isso? — perguntou.

Moose olhou para ela com olhos escuros, resabiados. Charlotte sentiu que o desapontara.

— Uma prova — foi tudo o que ele disse.

Surpreendia-a quantas vezes ela tinha pensado naquela fotografia no intervalo entre esses meses. *Rock River, 1904*. Um prédio abobadado — ou ela imaginara isso? Um barco fluvial. Torres de igreja. *Uma prova*, ele dissera. Prova de quê?

O homem no gramado se virara e olhava para ela.

— Boa noite — disse, com uma familiaridade estranha.

Mesmo sem óculos, Charlotte sabia que nunca o vira antes. Ele tinha um talho comprido de um lado do rosto. Na tipoia, ela viu o braço engessado.

— A garota em moto—contínuo — comentou ele. — Todo dia nessa bicicleta.

Um esquisitão, pensou Charlotte, e seu interesse aumentou. O homem se levantou, como se o incomodasse estar sentado enquanto ela estava de pé. Usava uma calça cáqui velha e tinha uma aura cansada de adulto, um alívio da esperteza maldosa dos garotos da idade dela. Mancava. Charlotte se perguntou o que teria acontecido com ele.

— Rockford, Illinois — disse, e a fricção no sotaque dele, que ela mal notou, encostou no nome da cidade dela. — Feia demais.

— Volte para o lugar de onde você veio, se não gosta daqui — retrucou ela.

Ele sorriu. Dentes brancos.

— É impossível.

— Então não chame a cidade de feia.

Ele a observou.

— Posso perguntar quantos anos você tem?

— Dezesseis.

— Você é bonitinha.

Ela estreitou os olhos.

— Não sou.

— Diferente.

— Não é a mesma coisa.

— Dura mais.

Mentiroso, pensou Charlotte, mas estava lisonjeada. Sua constituição era miúda mas forte. “Ágil” era uma palavra que as pessoas usavam para descrevê-la, embora, em sua própria opinião, fosse diferenciada por uma quase total ausência de seios. Ela esperou, torcendo para que chegassem, irrompessem, emergissem — subissem da bandeja ossuda de seu peito, como dois bolos encantadores. Na última semana, encomendara um aparelho de pressão das páginas finais de uma revista (chegou embrulhado em papel pardo simples) e pressionava a bomba pela manhã e à noite; posteriormente, em um momento de maior desespero, chegou a tomar cinquenta comprimidos de procedência duvidosa em noites sucessivas, comprimidos que deixavam sua urina recendendo a lavanda.

— Os garotos não gostam de mim — disse ela ao homem, encorajada pelo fato de ele ser um estranho.

— Eles vão crescer — retrucou ele —, e admirar os seus olhos.

— Eu uso óculos.

Estava com eles na mão.

Ele examinou seu rosto como que tentando imaginá-lo. Charlotte resistiu ao desejo de pôr os óculos.

— Lente de contato machuca — explicou.

— Usar óculos é normal — disse ele.

Do outro lado do rio, o sol sumia atrás do antigo centro da cidade como uma moeda em uma fenda. Charlotte se perguntou há quanto tempo estava parada ali. Montou na bicicleta.

— Bem, *adiós*.

O homem levou uma das mãos ao rosto machucado. Um gesto indeterminado, parte continência, parte aceno.

Charlotte cruzou a pequena distância até a Y, que contornou para pegar a via expressa. Estava histérica, com falta de ar. Na vida, ela era reservada: uma acumuladora de pensamentos e medos e fraquezas — mas, sobretudo, de suas esperanças, para que não diminuíssem. No entanto, na presença de estranhos, confidências se forçavam a sair dela quase indiscriminadamente, expulsas por uma pressão da qual ela nem tinha consciência. Depois ela se asseguraria de que ninguém jamais descobrisse — as pessoas não sabiam o seu nome! Essa era a beleza da coisa.

Ela corria com a bicicleta pela via expressa, o asfalto quente embaixo de seus tênis, os faróis brancos dos carros distantes pulsando em sua direção no crepúsculo empoeirado. Sua rua começava do outro lado da estrada e não tinha saída. Ela pedalou pelo comprido acesso de veículos e deixou a bicicleta no galpão. A mãe olhava da janela da cozinha quando Charlotte atravessou correndo o gramado. Ellen estava vestida para o jantar, o cabelo preso.

— Onde você andou? — gritou. — Vamos sair em dez minutos!

— Não se preocupe.

— Vai. Vai. Você está toda suada.

— Já vou.

Em seu quarto, Charlotte parou para olhar seus peixes, criaturas veladas, misteriosas, suspensas em água salgada. Tinham um ar de grande sapiência, como se aquele quarto, aquela casa, aquela vida dela pudessem ser entendidos pelos peixes em outro sentido, silencioso, aquoso. Charlotte trabalhara quase um ano no Mundo dos Peixes, onde tinha desconto.

Ela tomou uma ducha rápida e voltou para a cozinha, onde Ricky e o pai

começavam um jogo de xadrez. Harris tinha lhe ensinado no hospital. As partidas podiam durar dias.

— Como foi seu passeio? — perguntou seu pai.

— Ótimo. Quente.

Ela estava parada ao lado da geladeira servindo-se de um copo de suco, o olhar do pai espetando-a entre as escápuas.

— Você pensou mais sobre esse negócio da escola? — indagou ele, afinal, com uma displicência forçada.

Ela esvaziou o copo.

— Não.

Estava pensando no homem à beira do rio, sentindo a reverberação residual da empolgação.

Sua mãe entrou correndo na cozinha, os saltos do sapato golpeando os ladrilhos.

— Vamos, vamos. Estamos atrasados.

— Na mosca, mãe — disse Ricky. — Estávamos te esperando.

Eles pegaram o Lexus novo de Ellen, deslizando na autoestrada no comecinho sedoso do lusco-fusco, Ricky encostado em Charlotte no banco traseiro como se ela fizesse parte do estofamento. Pelo retrovisor, Harris observou essa naturalidade física entre os filhos com uma espécie de espanto. Quando tentava abraçar Ricky — até encostar nele, às vezes —, o filho fugia como um animal acuado. O cabelo de Ricky tinha crescido de novo fino e escuro. Era bonito, aquele menino de treze anos, bonito de um jeito perturbador, que fazia as pessoas olharem boquiabertas para ele no supermercado, no hospital. Harris ficava constrangido com a beleza do filho, como se ela revelasse alguma loucura ou capricho seu. Mas era toda de Ellen: a pele cor de oliva, os olhos negros rasgados.

Quando atravessaram a ponte Spring Creek, Charlotte olhou para o norte e viu os esquiadores aquáticos ainda lá. Não era Scott Hess, mas ela se afundou na lembrança mesmo assim: uma festa no outono passado, o início do segundo ano do ensino médio, quando ficou chapada depois de fumar um baseado, sua primeira vez. Risadinhas incontroláveis, mergulhar as batatas fritas na mostarda e depois passá-las no adoçante, que era tudo o que a mãe com consciência alimentar da

dona da festa tinha à mão. Todo mundo entrando num jipe roxo com Scott Hess: atleta, astro, veterano, um garoto com quem Charlotte nunca tinha falado. Espremida no banco da frente ao lado dele, ficou menos consciente da garotada se remexendo ao seu redor, menos consciente do R. E. M. no aparelho de som e mais consciente do calor que saía do braço de Scott Hess. Um desejo doentio e doloroso se soltou dentro dela. Cada vez que Scott girava o volante, Charlotte se encostava mais nele, como se por acaso, e ele gemia, recuperando-se de lesões de futebol americano.

Por acaso, Charlotte era quem morava mais perto de Scott, então, depois que ele deixou todo mundo em casa, ficaram só os dois no jipe roxo, desenvolvendo uma educada conversa sobre o jogo e o joelho machucado e o ombro deslocado de Scott, sem falar no olho roxo que ele tinha conseguido numa briga de vestiário duas semanas antes.

— E depois há as coisas que não se veem — disse ele. — Minhas costas estão ferradas, estou metade do tempo à base de analgésicos, e que tal isto? — Ele brandiu o polegar esquerdo no ar. — Não dá nem para esticar completamente.

Charlotte só ouvia pela metade. Era como um rádio velho transmitindo frequências estranhas entrecortadas. Ela morreria se não pudesse tocar em Scott Hess, ou fazê-lo tocar nela.

A duas quadras de sua casa, ela pediu:

— Ei, para o carro um instante.

Espantado, Scott parou e Charlotte se aproximou e beijou-o na boca, na verdade pegou seu rosto nas mãos (“Onde você arranjou coragem?”, perguntaram suas amigas depois, mas não via coragem nenhuma naquilo), e Scott, embora perplexo no primeiro momento, reagiu às suas atenções com um entusiasmo crescente. Logo já ia dirigindo de novo — seguindo para o velho pomar, como se revelou, árvores definhadas contorcidas contra o céu nublado.

— Que tipo de árvores são aquelas? — perguntou Charlotte, puxando conversa enquanto Scott lutava contra os botões de regulação do banco dela.

— Pereiras, acho.

Ele deitou o banco de Charlotte e estava abrindo a calça jeans dela.

— Sabe, de um tempo atrás.

Então, montou nela (apoiando-se com o braço não destroncado), e, com um ou dois gemidos de dor por causa dos machucados, acabou com a virgindade dela e desabou, aparentemente desmaiado. Doeu. Charlotte fechou os olhos com força, espantada com a intensidade da dor, mas, por trás da dor, ela sentia o desejo, ainda, completamente insaciado. A cabeça de Scott jazia em seu peito como um meteorito. Charlotte abriu os olhos e observou pereiras deixarem suas folhas fechadas caírem no para-brisa. Por fim, fazendo uma manobra para aproximar a boca do ouvido de Scott, murmurou:

— Você pode, tipo, fazer outra coisa?

Nenhuma resposta. Depois, afinal, algum indício de consciência pôs o corpanzil de Scott para funcionar, e ele levantou a cabeça e murmurou:

— Está me achando com cara de Super-homem? — Charlotte tomou isso como brincadeira, um comentário irônico sobre seus parcos esforços até o momento, até Scott sair com muito esforço de cima dela, gemendo como um navio velho ao ser içado do mar para lhe rasparem as sujeiras do casco, olhar para ela com seus olhinhos inexpressivos e dizer: — Eu nem te conheço.

Um instante depois, pareceu, ele dirigia em direção à casa de Charlotte enquanto ela puxava a calcinha, mal conseguindo fechar o zíper das calças antes de se ver de pé na entrada da garagem de casa.

— Obrigada — falou, sem conseguir totalmente eliminar o sarcasmo da voz.

Scott Hess olhou reto à frente e não disse nada.

Charlotte presumiu que ele ficaria quieto em relação ao que tinha acontecido — de que iria se gabar? Mas, segunda-feira de manhã, todo mundo na pequena turma dela fora alertado do fato de que Charlotte era uma vagabunda louca que tinha se atirado em cima de Scott e implorado para transar com ele de quatro, que fez cinco boquetes e ainda queria mais — que ela era uma ninfomaníaca insaciável. Andar pela escola naquela segunda-feira foi o mesmo que se ver bruscamente radioativa, ou o centro de um campo magnético invertido, ninguém poderia parecer chegar perto dela. Os garotos davam risadinhas constrangedoras quando a avistavam; as garotas se juntavam em grupos de onde suas três melhores amigas olhavam para ela impotentes, passageiras por trás das janelas de um trem que ela perdera por um minuto. Ninguém mais queria olhar para ela, mas as

peessoas nunca haviam tido uma consciência tão grande, tão profunda de sua presença — uma presença que provocava tal estremecimento nos colegas que Charlotte praticamente podia ouvir. Mas o que ela havia feito? Ela se perguntou o dia inteiro, e, depois da escola, quando a sua toxicidade havia baixado a um ponto que permitia a aproximação de suas três melhores amigas, ela lhes contou o que tinha acontecido e colocou a pergunta para elas: o que fizera de errado? Duas delas transavam com os namorados — como isso era diferente? Nenhuma parecia saber.

— Da próxima vez, não transe se não estiver apaixonada — sugeriu Laurel, agora a única virgem do quarteto.

— Eu estava apaixonada — disse Charlotte.

Depois disso, Scott ria quando ela passava por ele no corredor — mancando por causa dos machucados, duas semanas de muleta com o pé enfaixado até uma ruptura dos ligamentos do joelho deixá-lo no banco para sempre. Na companhia de outros garotos, ele ria, mas se estivessem só os dois no corredor, virava a cara. Tinha medo dela, Charlotte viu isso claramente.

Mais tarde, ela entendeu que o seu erro fora principalmente um erro de timing. No fim do segundo ano, ela ouvia sempre as garotas falarem de trepadas com os garotos de quem gostavam sem fazer menção a amor. E, no entanto, ainda havia uma nódoa entranhada em Charlotte. Ela era vista como estranha, pervertida. Claro, se fosse bonita, se fosse parecida com a mãe, por exemplo, sua situação seria diferente. Charlotte entendeu isso com uma dor profunda e rancorosa. Havia dois mundos, e num deles tudo era mais difícil. Ninguém vinha a você, e se você fosse às pessoas tendia a ser punido por isso.

Claro que ela estava mudando de escola. Para fugir das pessoas que a conheciam. Para deixar livre um mundo onde o espaço que lhe cabia parecia minúsculo.

Agora, no carro, ela disse:

— Mãe, acho que vou incorporar outro peixe.

— De que tipo? — perguntou Ellen.

Mas Charlotte percebeu a distração dela, estavam atrasados para encontrar - Moose, e não se deu o trabalho de responder.

No amplo salão de jantar acarpetado, Moose e sua segunda esposa, Priscilla, já estavam sentados a uma mesa de canto com vista para o Rock River. O Rockford Country Club se equilibrava num despenhadeiro bem em frente ao parque Shorewood, onde Charlotte tinha parado para ver os esquiadores aquáticos aquela tarde. Ainda se viam as arquibancadas e a pista de salto de esqui aquático, logo acima do ombro de Moose, no crepúsculo azulado. Como sempre, Moose estava sentado de lado; não gostava de enfrentar o salão, mas não gostava também da vulnerabilidade de lhe dar as costas.

— Moose! — gritou Harris, oferecendo a mão e rapidamente dando um passo para trás enquanto Moose se levantava da cadeira. — O que você está bebendo aí? Martíni? Por que não? Querida, o que posso mandar vir para você? Crianças?

Ele gritou os pedidos de bebida para a garçonete, uma universitária em casa para as férias de verão, depois percebeu o que fez e sentou-se, envergonhado. Moose despertava em Harris um desejo histérico de tomar o controle, como se estivesse tentando desesperadamente evitar um constrangimento comum.

— Como vai o trabalho, Harris? — perguntou Moose, em seu curioso tom monocórdio, quando todos estavam sentados.

— Não posso me queixar. Você?

— Bem — afirmou ele, balançando devagar a cabeça para cima e para baixo. — Muito bem.

Harris notou, com alguma satisfação, que seu cunhado estava um caco. Ainda bonito, sim (reconhecia com má vontade), de um jeito carrancudo, quase adolescente, que invocava seu passado mitológico, que Ellen ainda apreciava. Mas os olhos de Moose estavam apagados, como se ele estivesse dormindo por trás deles. Tinha a camisa amassada, o cabelo desarrumado, e conseguia a façanha improvável de parecer inflado e vazio ao mesmo tempo. Mas, apesar de tudo isso, conservava certa majestade, um orbe de superioridade que o envolvia mesmo agora, em sua desgraça. Harris achava isso irritante.

— O que aconteceu com as adegas climatizadas Kool-Aid? — perguntou Priscilla a Harris.

Priscilla era enfermeira do Rockford Memorial, uma mulher esguia cujo cabelo repicado e rosto delicado tinham o estilo de Nova York ou Paris, mas em Rockford pareciam masculinizados, estranhos.

— Não passaram no teste — contou Harris. — As pessoas acharam que estavam tentando vender bebida para a garotada.

— Imagine! — disse Priscilla, arregalando os olhos de um jeito travesso.

— Pagam a gente de uma maneira ou de outra.

Harris falou isso com um ar cansado. Tinha desistido de tentar explicar que não tinha um interesse pessoal nos produtos que sua firma, a Demographics in America, testava na população totalmente americana de Rockford. Ninguém acreditava nele.

— Pai, conta do cereal — pediu Charlotte.

— Essa é estranha — disse Harris, com uma risada forçada. — Acontece que os cereais matinais tratados com quantidades ínfimas de radioatividade, completamente inofensivas, pelo jeito, têm a propriedade de emitir um brilho bem fraquinho. — Ele notou que Ellen não estava ouvindo e terminou rápido: — Eles querem descobrir se o estigma da radioatividade é excessivo, ou se os pais vão deixar os filhos comerem as coisas.

— Você deixaria? — perguntou Priscilla.

— Claro que não — respondeu Harris, e olhou para Ricky, que estava ocupado emendando muitos canudos para fazer um canudo compridíssimo saindo do seu dente da frente. — Mas eles não estão me perguntando. Estão perguntando, bem, você sabe.

Sua mulher olhava para o outro lado da sala como se procurasse alguém. Quem? Harris queria saber.

— Aos Estados Unidos — terminou Priscilla.

— Isso — disse Harris, melancolicamente.

Esqueçam os petiscos estranhos que ele guardara para a diversão coletiva deles: os suplementos de fibra feitos com folhas de *kudzu*; o filtro solar permanente. Era sempre um espanto para ele a eficiência com que a presença da sua mulher combinada com a do irmão dela podia transformar uma empresa que ele passara a maior parte da vida criando — uma companhia cujo sucesso atraía pesquisadores

de opinião e políticos de todos os principais partidos; que bancara ladrilhos italianos pintados à mão, escolas particulares, o Lexus verde-oliva novo de Ellen e os gigantescos pagamentos da hipoteca da casa originados pelas dívidas legais de Moose — numa maneira feia e escusa de ganhar dinheiro. O que eles estão fazendo que seja melhor?, protestou em silêncio.

— Se você levar o cereal para casa, eu provo — disse Charlotte.

Mas seu pai pareceu não ouvir.

Eles beliscavam azeitonas pretas do tamanho de ovos de ganso, bastões de cenoura, pares de *grissini* ainda embalados. A garçonete trouxe uma segunda rodada de bebidas; Moose e Harris engoliram seus martinis com fervor.

— Frango frito para todo mundo? — gritou Harris para o grupo. Depois, para a garçonete: — Frango frito para todo mundo.

Quinta-feira era a Noite do Frango Frito.

Janey e Jessica Stevenson ensaiaram uma cena em torno da mesa dos pais e vieram borboleteando se postar alguns palmos atrás da cadeira de Ricky. Com um sorriso de Harris, elas seguiram em frente, garotas magrinhas que pareciam mais velhas que Ricky, embora fossem mais jovens.

— Acho que temos companhia, filho — disse Harris.

— Sinistro! Vocês conseguiram! — exclamou Ricky, e levantou-se de um pulo da cadeira. — Mãe, vou lá para fora até a janta — disse, comendo os fonemas com a velocidade de um leiloeiro.

— Mãe, *posso por favor* ir lá para fora até a comida chegar? — reformulou Ellen, e Ricky repetiu as palavras para ela por cima do ombro enquanto fugia da mesa.

Todos os adultos, menos Moose, estouraram na gargalhada. Este era um desdobramento novo desde a doença de Ricky: quanto mais desagradável fosse o seu comportamento, mais gargalhadas ele provocava — gargalhadas altas, desproporcionadas, que Charlotte achava desalentadoras, como claque usadas em *sitcoms*.

— Ele está maravilhoso — elogiou Priscilla.

— Dedos cruzados — disse Ellen, um zigue-zague de preocupação perturbando o seu rosto.

Ricky acabara seus três anos de quimioterapia na última primavera, e agora ela o levava de carro a Chicago todo fim de mês para fazer exames. Ela achava ainda mais angustiante esse estado de saúde novo, tão facilmente anulável. Depois de um ano, suas chances aumentariam dramaticamente, mas o ano parecia interminável.

— Acho que ele se livrou dessa — comentou Harris. — Acho que é uma coisa do passado.

Charlotte ficou quieta. Acreditava que o irmão ficaria bom, achava isso desde o início, quando ele estava careca, enjoado e petrificado. Talvez Moose achasse isso, também, pois estava olhando pela janela para o último esquiador aquático flutuando na quase escuridão preso à ponta de uma corda. Ou talvez ele estivesse muito preocupado para se importar. Dois anos depois de sair da faculdade, Moose morava em casa e trabalhava para o pai — ele tinha duas patentes pendentes de pequenas invenções que fizera, envolvendo a fabricação de fertilizantes. Nos fins de semana, aplicava suas habilidades de engenharia a tarefas menos rigorosas. Havia um famoso aparelho, operado por ele da cama com um dedão do pé, que fazia uma lata de cerveja rolar de uma rampa para sua mão estendida; tinha incrementado a máquina de gelo dos pais, fazendo-a cuspir cubos vermelhos com tequila para suas festas à base de margaritas. Um anfitrião perfeito, Moose, recebendo seus convidados vestido com escandalosas camisas de estampa *paisley*; um fomentador de atos atrozes que curiosamente permanecia isolado em meio a eles, aproveitando a farra à sua volta — a dança desenfreada e a aventura embriagada, o vômito em cachepôs, ou (uma vez, no inverno) o ato de queimar as roupas de alguém na lareira — de uma distância pequena, mas inconfundível.

Então, sem aviso, as festas cessaram. Moose começou a ler, estreitando aqueles olhos sem prática página após página, gemendo à medida que lia livros inteiros com um esforço que o fazia suar (ele tinha lido muito pouco na vida), e gradualmente ia se sentindo mais à vontade, lendo a noite inteira, devolvendo os livros à Biblioteca Pública de Rockford em discretas pilhas. Sua fixação era a evolução da tecnologia, rodas e pólvora e fusões, a rampa que os romanos usavam para embarcar as frotas cartaginesas, a história da relojoaria, a prensa tipográfica, o cronômetro, a longitude. E vidro — o vidro a que ele voltava sempre, aquele sólido magicamente líquido que ensinara os óculos, os telescópios, os

microscópios, todo tipo de descoberta visual; vidro que no mito envolvera Alexandre, o Grande, em forma de bolha, permitindo-lhe visitar o fundo do mar. Pois Moose sentira que estava em curso um terrível retrocesso, um desastre tecnológico por meio do qual o gênio da Revolução Industrial se voltaria contra as próprias pessoas; onde os seres humanos seriam montados a partir de peças tal como canhões e botas e bicicletas já haviam sido.

Isso lhe ocorrera numa única tarde, sentado à beira da autoestrada, onde parara a caminho de casa vindo de uma festa em Wisconsin. Não descrevera a experiência a ninguém.

Nem contara a notícia de que estava se candidatando a um mestrado em história até ser aceito na Universidade Southern Illinois, em Carbondale, quando fez as malas e foi embora — para nunca voltar, parecera a Ellen e a todo mundo que o conhecera antes que ele virasse esse novo homem. Em seis anos intensos, Moose se transferiu para um programa de doutorado na Universidade da Pensilvânia pela consistência de sua dissertação de mestrado, que ele expandiu e transformou numa tese premiada (*Banhar o Mundo em Luz: Como a Disseminação do Vidro Transparente Alterou a Percepção Humana*. Oxford University Press, 1987), aceitou um cargo vitalício em Yale e casou-se com sua primeira esposa, Natalia, uma argentina que completava sua dissertação sobre Estudos de Cinema (*O Homem Vivo: Ruptura e Redenção nos Filmes de John Cassavetes*. Soho Press, 1988). Durante mais de um ano, o casal viveu num circuito de boa sorte fervilhante. Moose trouxe para sua atividade docente todo o arsenal do seu carisma, e os alunos o reverenciavam.

Não estava claro para ninguém exatamente quando, durante o segundo ano de docência de Moose, a Transformação Número Um começou a dar lugar à Transformação Número Dois. Seu aspecto físico piorou, mas aí certo descuido era tolerado por causa de sua formação de engenheiro, por ele ser uma espécie de inventor, ainda uma presença em laboratórios, onde cabelo maltratado e manchas de mostarda no suéter eram a norma. Então começou o que os advogados chamariam, nos milhares de páginas de documentos gerados pelos processos criminais e civis abertos contra Moose, seus “Atos Temerários Disfarçados de Ferramentas Pedagógicas”. Em um processo, descreveu-se que ele colocou uma

única bala no tambor de um revólver Smith & Wesson durante a aula, girou-o, encostou a arma na cabeça e disparou. Os alunos ficaram estarelecidos, e vários saíram correndo da sala, até mais tarde ficar acordado que Moose tinha retirado a bala da arma com um truque.

Várias semanas mais tarde, ele anunciou a uma turma diferente que estavam embarcando juntos num “experimento de reflexão”: a classe foi equipada com uma quantidade de explosivos suficiente para mandá-la, com todo mundo dentro, para o alto paraíso, presumindo-se que tal lugar existisse. Os explosivos eram controlados por um detonador, que Moose confiou a um grupo de alunos selecionados aleatoriamente que foi enviado para rondar o campus e discutir se deveria ser usada a força devastadora ao alcance deles. Ele e os estudantes remanescentes, enquanto isso, passariam o tempo discutindo a capacidade da humanidade de resistir à atração da tecnologia destrutiva. Esse diálogo começou de forma bastante jovial, com um claro consenso de que a “bomba” era imaginária, o “detonador”, um “acessório de palco” — embora os alunos esperassem, sim, que este ativasse sinos, pelo menos, ou luzes intermitentes. Mas depois de ter esmiuçado o assunto de canhões, rifles, metralhadoras, armas químicas e biológicas, clonagem, manipulação genética, robôs autônomos capazes de pensar, e das várias bombas às quais voltava repetidas vezes, a turma foi acometida por uma falta de ar coletiva.

Entre os que cuidavam do detonador, a princípio havia predominado um clima igualmente jovial — eles haviam sido liberados de “Tecnologia e a Alma Humana” no meio da tarde. Foram direto para a Durfee’s Sweet Shop para tomar café e comer cookies quentes, e só quando desciam a rua lambendo o chocolate de debaixo das unhas se deram conta de terem esquecido o detonador ao lado do caixa da loja — *ah, merda* —, e voltaram correndo para pegá-lo. Então fizeram uma roda, olhando para o objeto banal e imaginando que era real, que aquele poder todo era de fato deles, o poder de destruir prédios — acabar com vidas —, e sentiram um embrulho no estômago. Dois estudantes começaram a querer bater na coisa só para ver que tipo de espetáculo o professor Metcalf preparara para seu entretenimento, enquanto os mais prudentes argumentavam que isso era um teste de moralidade, e, se escolhessem errado (mesmo de propósito), suas notas

poderiam sofrer com isso. Quando o grupo voltou para o campus, um dos belicosos tentou tomar o detonador do pacifista que o estava guardando, o que levou a uma briga no chão, os estudantes se atirando atrás do detonador até um pacifista pegá-lo e sair correndo com o artefato direto para a sala do Departamento de História, onde as pessoas ficaram tentando entender o que era aquilo sem muita seriedade até a polícia chegar. Nesse ponto a situação ficou grave, porém, e uma reação em cadeia de alarmes estrepitosos, evacuação de um raio de quatro quadras e acúmulo de helicópteros, ambulâncias e carros de bombeiros culminou com a chegada de um esquadrão antibombas do FBI cujos membros usavam volumosos trajes feitos em parte de chumbo. Não que tivessem planejado entrar no prédio. Enviaram um robô teleguiado, uma “pequena aranha” que seguiu devagar pelos corredores e escadas acima com as seis patas delicadas até chegar à sala de aula de Moose, onde passou pela porta e informou-lhe, numa estranha voz robótica, que ele estava preso. Mas Moose não ouviu a aranha no primeiro momento. Estava dormindo, a cabeça em cima da mesa, em cuja gaveta do meio estava a bomba, bem embaixo do seu ouvido. Com a cooperação de Moose, o FBI transportou a bomba para o seu caminhão especial de desativação, um caminhão que forçaria qualquer detonação a ocorrer na vertical (protegendo assim a população), onde, durante a desmontagem do artefato, o FBI descobriu que um defeito no sistema de sinalização inutilizara o detonador, um erro que os psicólogos da defesa afirmariam ser um desejo subliminar da parte de seu cliente bem-intencionado mas mentalmente desequilibrado de proteger os alunos de si mesmo.

Moose foi preso e colocado numa unidade psiquiátrica, onde uma avaliação interna o considerou psicótico. No fim, ele se declarou culpado de uma acusação de posse de explosivos em troca da retirada pelo governo de suas vinte e quatro acusações por tentativa de assassinato em primeiro grau, o detonador defeituoso tendo posto tudo a perder. Yale aceitou um grande pagamento por parte da família de Moose em sua ação judicial contra ele, ansiosa para estancar a hemorragia de publicidade cáustica que o incidente já tinha desencadeado.

Moose foi solto da prisão federal após cumprir pena — um ano completo àquela altura — e transferido para Illinois para os quatro anos de liberdade

condicional. Ele voltou para Rockford e mudou-se para o antigo quarto, a máquina de distribuir cerveja ativada pelo dedão agora bocejando vazia, fantasmagórica acima de sua cabeça. Seu pai sofrera um AVC durante a crise, e Moose empurrava-o por toda parte numa cadeira de rodas até um segundo AVC mais devastador o deixar em coma. A princípio, o próprio Moose andara num estado praticamente comatoso, sepultado sob uma avalanche de fracassos e desespero, a consciência de que as pessoas que o haviam admirado agora o temiam e o evitavam, de que os honorários advocatícios e a indenização haviam sangrado a sua família rica e a transformado em devedora. No entanto, mesmo agora, persistia um desassossego dentro do seu cérebro, as vigas das suas convicções tecnológicas sondando agitadamente um tópico onde se fixar, agora que ele estava tão longe de tudo. E um dia, quando empurrava o pai na cadeira à beira do rio, aquele homem calado e calmo que Moose amava com uma dor no fundo do coração, cujas mãos largas de apanhador agora estavam caídas ao longo do corpo, insensíveis como fatias de pão de forma, Moose olhou para o outro lado do rio e sentiu seu passado se desenrolar de repente por trás do atual panorama de cromados e vidro sem vida e casas de frente para o rio, como se um falso pano de fundo tivesse caído, expondo um labirinto.

— Está tudo aqui — murmurou ele, pensativo, e sentiu algo se dissipar dentro de si. — Está tudo aqui.

Ele se inclinou à frente e falou com urgência junto do rosto flácido do pai:

— Papai, está tudo aqui! — E pareceu a Moose que uma resposta ou uma aprovação fora acenada para ele do fundo turvo dos olhos do pai.

A alegria dessa descoberta resgatara Moose, dera-lhe esperança: a Revolução Industrial acontecera bem ali de uma forma que estava intensamente comprimida. Tudo de que ele precisava saber estava logo embaixo dos seus pés! Ele começou a reunir fatos sobre a história de Rockford até a menção de qualquer ano específico poder suscitar uma descrição detalhada de quais edifícios estavam em construção e quais empresas estavam no apogeu, o nome do prefeito, um resumo das famílias influentes, uma receita de determinado pudim de passas. Um amigo de seu pai no conselho da Winnebago College pôde arranjar para Moose um emprego de professor em meio expediente, cujo pequeno salário o sustentou enquanto ele

trabalhava fervorosamente numa história de sua cidade natal em vários volumes, cujo fim nítido era etiológico: descobrir o que dera errado entre sua fundação em 1834 e o momento atual — o que, precisamente, se perdera na inelutável transformação da indústria para informação.

— É muito triste — Charlotte ouvira o pai dizer. — O que ele está tentando entender é por que ele pirou. Como se cento e cinquenta anos de cultura inútil fossem responder a essa pergunta.

Mas, para Charlotte, o exílio de seu tio era mais intrigante que isso. À noite, a casa toda dormindo, ela olhava da janela do quarto para as árvores e o céu, e sentia a presença de um mistério. Alguma possibilidade que a incluía — separada de sua vida presente e sem as suas limitações. Um segredo. De carro com o pai, ela olhava para outros carros cheios de pessoas que ela nunca vira, qualquer uma das quais poderia um dia conhecer e amar, e sentia o mundo segurando-a, fazendo os planos secretos dele. Ela era uma exilada, também.

A garçonete chegou com uma gigantesca bandeja redonda, que pousou num suporte perto da mesa deles.

— Char, quer ir chamar o Ricky, querida? — pediu Ellen.

No instante em que Charlotte saiu, Harris falou urgentemente com Moose e Priscilla, embora só Priscilla o encarasse de volta.

— Vocês me fariam um puta favor — disse — se perguntassem a Charlotte por que ela está mudando de escola.

— Ela está saindo da Baxter? — quis saber Priscilla.

— A gente só descobriu há umas semanas. Ela diz que vai para a East.

A ideia deixava Harris histérico. A East era pública, proletária, um bando de filhos de maquinistas! Em geral, ele ficava maravilhado com a equanimidade da filha — o Senhor, em Seus mistérios, aquinhoara seu filho com a beleza e sua filha com a força. Mas, às vezes, ele era assaltado por um desejo de domar Charlotte, fazê-la ver quão decididamente a sorte não a favorecia. Como se saber isso a protegesse de algo pior. Harris queria salvá-la.

— Já perguntou a ela por quê? — inquireu Priscilla.

Harris jogou as mãos para o alto.

— Se perguntei!

— Ela é fechadíssima — explicou Ellen. — Não fala com nenhum de nós.

Ela estava louca por um cigarro. Ultimamente fumava escondido em casa: Kools, o que a fazia se sentir uma adolescente.

— Claro que vou tentar — disse Priscilla —, mas se ela não fala com vocês...

Ellen olhou para Moose e viu que ele a observava, mas, quando seus olhos se encontraram, ele desviou a vista. Ela entendeu. Olhar nos olhos do irmão parecia confirmar uma verdade insuportável que só os dois reconheciam. De todos os seus muitos pesares, não sair de Rockford e não ver o mundo quando ela era jovem e sem amarras; casar-se muito cedo; não levar Ricky ao médico tão logo viu aquelas feridas em suas pernas — sua mente se torturava tarde da noite num frenesi de pavor e remorso quando ela via a diferença abissal entre a vida que imaginara para si e a que estava vivendo. De todos esses pesares, a transfiguração de seu irmão ainda parecia a perda mais chocante, mais inexplicável.

Quando Charlotte e Ricky voltaram para a mesa, os adultos estavam parados num silêncio que só podia significar que andaram discutindo a doença de Ricky. Revirando os olhos umas para as outras, as crianças retomaram seus assentos.

— Charlotte — interveio tia Priscilla canhestramente naquele silêncio. — Seu pai disse que você está mudando de escola.

— É — confirmou Charlotte com cautela, roendo uma asa. — Decidi ir para a East.

— Por alguma razão especial?

— É muito maior. Um monte de gente que eu não conheço.

— Deve ser preciso coragem para isso — refletiu Priscilla.

Ah, maravilha, pensou Harris: vá em frente e dê os parabéns a ela.

— Já estou bastante desenturmada na Baxter — comentou Charlotte.

— É mesmo? — disse Priscilla. — Quando isso começou?

— Ano passado. Logo no início.

Ellen ouvia avidamente. Desistira até de tentar falar sério com Charlotte sobre a situação dela. Sempre que se atrevia a isso, a filha virava aqueles olhos vidrados e frios para ela como se para perguntar: “De que maneira você poderia me ajudar, droga?”

— Você sempre foi muito popular — deixou escapar, sem conseguir se

segurar.

Charlotte olhou para a mãe — sua mãe triste e linda. Como podia alguém tão lindo ser tão triste?

— Isso não tem nada a ver com popularidade — explicou.

— Parece que tem a ver com um sentimento de pertencimento — disse Priscilla.

Lá estava aquela — o quê? — aquela empatia. Charlotte foi vencida por uma exuberante sonolência.

— Acho que sim — retrucou.

— Qual é a diferença entre isso e ser popular? — perguntou Ellen, magoada.

Charlotte não respondeu. Sua tia abrira uma câmara perfumada para ela, uma gruta de ternura.

Harris não conseguiu mais se conter.

— A minha preocupação é a sua educação! — exclamou. — A minha - preocupação é você entrar para uma faculdade decente e ter a oportunidade de fazer alguma coisa com a sua vida! — Porque com essa sua cara, pensou ele, impotente, o mundo não vai lhe dar muitas oportunidades. — Isso significa alguma coisa para você?

— Significa — respondeu Charlotte.

Estava cansada. Como ela tinha sido arrastada para uma discussão sobre escola com o pai — exatamente o que conseguira evitar o verão inteiro?

— Olha, Charlotte — disse Harris, com mais delicadeza. — O fato é que fugir dos seus problemas não vai solucioná-los.

— Quem falou que tenho problemas?

— Bem, é óbvio que tem, senão você não estaria mudando de escola.

— Isso é lógica circular.

Moose.

Ele estava calado havia tanto tempo que o som da sua voz assustou todo mundo. Harris olhou boquiaberto para ele.

— Você disse que ela não pode resolver os problemas dela mudando de escola — explicou Moose. — Depois disse que o fato de ela estar mudando de escola prova que ela tem...

— Que diabo uma coisa tem a ver com a outra? — interrompeu Harris.

Moose se calou. Enquanto todos esperavam que ele continuasse, um leve temor dominou a mesa — até Harris sentiu —, um medo de que aqueles raríssimos esforços de conversa tivessem sido abafados.

— Sinto muito — obrigou-se a dizer. — Eu interrompi.

Moose hesitou, depois recomeçou:

— Talvez ela não queira ser igual a quase toda a garotada de Rockford — disse ele, precipitando-se canhestramente.

— Eu também não quero isso — disse Harris. — É exatamente o que eu quero evitar. Dando a ela uma educação decente!

Charlotte, meio perplexa com a tempestade que se formava à sua volta, disse:

— Pai, eu vivo aprendendo coisas.

— Não estou falando de peixes tropicais!

— Ah, mas é aí que você está errado — observou Moose e, num rompante de entusiasmo sem precedentes, pôs-se de pé, derrubando a cadeira, que bateu na parede, fazendo as janelas de vidro temperado estremecerem. Um silêncio se abateu sobre o salão de jantar. — Sinto muito, mas tenho que falar isso — disse Moose a Priscilla, que rapidamente endireitara a cadeira dele e estava puxando sua mão, insistindo para que ele se sentasse de novo. — Ela pode aprender o que importa estudando quase qualquer coisa — continuou Moose em voz alta, dirigindo-se a Harris. — Ensina-mos a cegueira a nossos filhos! A não ver, não pensar. É isso que eles aprendem nas nossas escolas. E o mundo está sendo espoliado por essa cegueira!

Moose se apropriou da sala; desajeitado, maltratado, mas de alguma forma imponente, o resíduo de um antigo carisma ainda vivo nele. Charlotte ouviu, assombrada, o tio calar o pai, imobilizando-o na cadeira.

— O que importa é ela pensar por conta própria — declamou Moose, cortando o ar com as mãos —, questionar a autoridade! É isso que vai torná-la excepcional!

— Entendo que você se considere um exemplo brilhante — disse Harris.

— Ah, Harris — interveio Ellen, com amargura.

— Não — respondeu Moose, a própria palavra um suspiro. Deixou-se cair na

cadeira. — Não me considero nada.

Harris estava furioso. Como Moose se atrevia a constrangê-lo — constranger a todos na sala de jantar do clube de campo!

— Concordo com você, tio Moose — afirmou Charlotte apaixonadamente. — Concordo com tudo o que disse.

— Pode concordar com ele até quando quiser — falou Harris, forçando-se a falar baixo. — A pergunta continua: E-a-sua-educação?

— Posso estudar com tio Moose.

Todo mundo olhou para Charlotte, salvo o tio, que olhava para baixo. Ela se perguntou se ele a tinha ouvido.

— A mamãe tem o seu livro sobre vidro — disse-lhe ela —, e eu li a introdução, sobre como as janelas de vidro deixaram a luz entrar na época medieval e de repente todo mundo pôde enxergar com mais clareza e isso mudou a maneira de eles se vestirem e o grau de limpeza das casas, e aí eles tiveram óculos e espelhos e puderam se ver pela primeira vez, e como isso...

— Charlotte? — chamou Harris, num tom ironicamente congratulatório. — Essa é a pior ideia que já ouvi na vida.

Mas Charlotte observava o tio, em cujo rosto virado havia um rubor escarlate estendendo-se até o pescoço. Lentamente, ele levantou a cabeça. Seus olhos encontraram os dela por um momento, depois se afastaram.

— Por que você iria querer estudar comigo? — perguntou.

— Sei lá. — Ela se esforçava para encontrar as palavras para o sentimento que tivera, observando o tio calar o pai ainda agora. Charlotte sentiu um desejo súbito e urgente de se aproximar mais de Moose, de fazê-lo olhar para ela como ele olhara havia poucos minutos, com reconhecimento. — Tem uma coisa que quero descobrir — continuou.

Moose fez um gesto de cabeça positivo. Depois disse:

— Está bem.

Ninguém falou. Até Harris se viu mudo. De alguma forma, ele sabia que era tarde demais para desfazer aquilo — pior, que ele mesmo provocara tudo. Olhou de relance para a mulher esperando uma acusação, mas ficou aliviado em encontrar doçura em vez disso.

— Bom, estou feliz por ter feito a minha observação — comentou finalmente, e riu, uma risada de impotência que se agarrou a ele e persistiu.

Todo mundo olhou para ele de um jeito estranho — menos Moose, que começou a rir também, uma gargalhada que parecia jogar os braços em volta dos de Harris como dois bêbados, aquela alegria combinada silenciando a sala de jantar uma segunda vez. Harris enxugou os olhos. Seu plano saía pela culatra — completa e inequivocamente. O que se podia fazer senão rir?

Ellen sorriu para o marido. Agradava-lhe pensar em Charlotte estudando com o irmão, como se tê-los na companhia um do outro de alguma maneira fosse aproximá-los mais dela. Então bateu os olhos na cadeira vazia de Ricky e estremeceu.

— Cadê ele?

— Ele foi lá para fora — respondeu Charlotte, e voltou para Ellen seus olhos frios, impenetráveis.

— Vá buscá-lo, Char, se não se importar — pediu Harris. — Devíamos pensar em ir para casa.

Charlotte pegou na tigela de cristal ao lado da porta um punhado de balinhas de menta e saiu. A escuridão era inspiradora, o ar cálido, delicioso em seus braços nus. Ela tirou os óculos e deixou a noite envolvê-la.

— Ricky! — chamou baixinho no escuro. Desceu saltitando os degraus de concreto para a piscina, que resplandecia, um turquesa intenso e luminoso. Estava vazia. — Ricky — chamou de novo.

Voltou para o campo de golfe, parando para tirar as sandálias, que segurou numa das mãos. A grama era fofa e fresca, fazendo-lhe cócegas nos pés. De longe, ela via vultos trêmulos, e colocou os óculos de volta. Estavam num obstáculo de areia, três pares de sapato enfileirados à beira.

Uma lua dura derramava um frio luar azulado sobre o campo de golfe. A areia estava molhada por causa do sistema de irrigação, que devia ter acabado de ser desligado. Charlotte chegou mais perto e viu um enorme castelo de areia esparramado ao luar. Surpreendentemente delicado, suas torres acentuadas com pequenas pinhas. As garotas estavam cavando um fosso.

— Caramba — disse ela. — Os golfistas da manhã vão ter um ataque.

Ricky estava deitado de costas na areia, olhando as estrelas.

— Estamos indo — falou Charlotte.

Ele levantou a mão, e ela o puxou para ele se pôr de pé.

A sede do clube resplandecia no escuro. Charlotte carregou Ricky nas costas, abraçado ao pescoço dela como um gambá. Ela dera suas sandálias para ele segurar, e elas batiam em sua clavícula. Ele era ainda mais leve do que parecia.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Cansado.

— Você andou correndo.

— Lembra antes? — disse Ricky após uma pausa. — Como eu me cansava?

— Sim — retrucou ela. — Mas isso não é igual.

Ricky podia dizer ou fazer o que quisesse, mas as pessoas olhavam para ele e o imaginavam morto. Ele devia sentir isso sempre, pensou Charlotte, devia enxergar isso em tudo o que via.

— Eu estou bem? — indagou Ricky, sonolento, a boca no seu cabelo.

— Você está bem — garantiu ela.

Embaixo da marquise, os adultos se reuniam em frente às portas da sede. Tio Moose e seu pai estavam indo juntos buscar os carros no estacionamento.

— Descer — disse Ricky.

Charlotte colocou-o no gramado e pegou de volta as sandálias. Quando parou para calçá-las, Ricky saiu correndo em direção aos adultos, gritando alguma coisa, atirando uma pinha em Jessica, que andava um pouco à frente com a irmã. Acertou na cabeça dela, e ela gritou. E depois veio a gargalhada inevitável, penetrando como fitas na noite quente. Charlotte olhou para o céu, cujas promessas enigmáticas, inconsequentes, a enchiam de alegria. Já era agosto. Naquele velho pomar aonde Scott Hess a levava de carro, as peras deviam estar totalmente maduras, se não passadas.

CAPÍTULO QUATRO

Como os dias após o meu almoço com Oscar se multiplicaram sem um telefonema dele, passei a encher a cara à tarde. Uma semana tinha se passado, eu deixei três recados que ele não retornou, encontrei com amigos algumas noites e achava tudo muito estranho, como se houvesse alguma coisa que todo mundo quisesse me contar, mas tivesse medo.

Quando toquei pela primeira vez no tema bebida alcoólica com Mary Cunningham, em outubro passado, ela andou de um lado para outro no seu impressionante bar e apareceu com seu coquetel preferido, um daiquiri doce: um elixir gelado e verde-claro que infundiu uma sensação delicada de paz na minha cabeça. Daí em diante, busquei essa sensação em outros daiquiris próprios para damas com a Sra. Cunningham e em um ou outro trago do bar quando ela estava no cabeleireiro. Mas foi em Nova York que meu hábito de beber deu um salto, digamos, como os leitores de gráficos gostam de dizer. O álcool incrementava o leite quente que eu bebia antes de deitar, e gradualmente os meus inícios de noite, quando eu bebericava vodcas tônicas em meu sofá modulado e estudava a ruína falso-gótica na ponta sul da Roosevelt Island. Um dia, eu me vi procurando biritas às nove e quarenta e cinco da manhã. Não sobrava nada.

Liguei de novo para o Oscar. Ele estava em reunião (esse grande eufemismo moderno), mas deixei recado dizendo ser urgente, depois abri a nova *Vogue* para me distrair. O estilo modelo/puta/drogada estava de novo na mesa, garotas apoiadas como marionetes quebradas em paredes grafitadas, desenho do rímél escorrendo feito trilha de lesma naquelas caras de um milhão de dólares. Nunca deixei de me interessar em saber quais garotas mais novas conseguiam trabalho, garotas com cara de rã, bisão e antílope. Mas as fotos cintilavam com um pólen de novidade ao qual eu não conseguia resistir; isso me fazia virar as páginas numa espécie de transe até ter visto cada uma, e aí o pólen teria sumido de modo tão irrevogável quanto o lendário pó das asas das borboletas, substituído por uma

familiaridade que era quase insuportável.

Na cozinha, consegui desencavar uma garrafa de conhaque antiga e me servi de um copo. Hansen, meu noivo, também era chegado a um conhaque, e eu mantinha uma garrafa à mão partindo do princípio de que era uma dessas coisas de que os homens gostavam. Apesar de todos os homens que beberam o meu conhaque desde Hansen, era a memória dele que eu ainda consultava quando queria saber alguma coisa sobre os homens em geral. Ninguém ficaria mais chocado com a sua posição de arquétipo em meus pensamentos do que o próprio Hansen. Não nos falávamos havia mais de uma década.

Eu bebia, olhando para o telefone num estado de indignação crescente. Finalmente, encorajada pelo calor que encharcava meu peito, liguei de novo para Oscar, dessa vez me identificando como Sasha Lewis do *New York Post*. Ele estava na linha em três segundos — eu contei.

— Vá se foder — cumprimentei.

— *Pardonnez-moi?*

— Você atende ligações do *New York Post*, mas, quando é a sua cliente mais antiga, está em reunião.

— Isso não estava à sua altura, Charlotte.

— Que diabo está acontecendo aí? Não tenho notícias desd...

Minha agressividade de bêbada surpreendeu até a mim.

— Se quiser ter uma conversa profissional — disse Oscar friamente —, me ligue de uma maneira profissional.

— Já liguei... E aí?... Eu lhe disse...

— Bipe — cortou-me ele. — Esse foi o meu medidor de irritação. Você está entrando em uma zona de risco.

Bati o telefone, depois fiquei sentada sem forças no sofá, chocada com a minha vívida exibição de desespero.

Abri meu caderno de endereços e procurei alguém para quem ligar. Examinei-o página por página: outros modelos, homens ricos em várias partes do mundo; clientes para quem eu tinha trabalhado regularmente ao longo dos anos. Mas seus telefonemas para mim haviam começado a diminuir progressivamente, e a energia necessária para puxá-los de novo para a minha vida me parecia hercúlea.

Hansen continuava no “H”. Como eu o transferira de caderno para caderno nesses anos todos, ele sempre parecia atual, embora sem dúvida a informação estivesse obsoleta agora. Ou talvez não. Talvez a pessoa não se mudasse, uma vez estabelecida com mulher e filhos numa casa nos arredores de Seattle planejada por si mesma. Por que se mudaria?

Meu olho bateu num pequenino Post-it que eu acrescentara ao H: o detetive Anthony Halliday. Ele tinha me ligado de novo, exatamente como prometera, mas eu evitei retornar a ligação. Não queria participar da sua busca por Z. Mas a excitação de ligar para alguém que desejava ativamente falar comigo era muito forte para resistir.

— É Charlotte Swenson — falei quando ele atendeu. — Já estou de novo em Nova York.

Ele pareceu satisfeito, e sugeriu me fazer uma visita. Visualizei isto: um detetive particular no meu apartamento, olhando as minhas coisas.

— Prefiro ir até você — retruquei.

— Quando? — perguntou ele. — Agora? Hoje?

A ansiedade em sua voz foi tão bem-vinda para o meu ouvido embriagado, tão docemente convidativa que pulou o muro da minha resistência, e aceitei ir de imediato.

Antes de sair, tomei mais um copo grande de conhaque e comi duas Pop-Tarts, que eu mantinha à mão em grandes quantidades porque eram mais fáceis de fazer do que uma torta e eu as considerava dietéticas. Me enrolei em meu casaco longo de alpaca e desci de elevador. Eram dez e meia, e eu estava muitíssimo bêbada, cheia de alegria e determinação e malícia. Meu único pesar era por todos os dias que eu tinha passado sóbria. Por quê, quando beber não era ilegal? Por que eu tinha me privado?

Na rua a temperatura estava abaixo de zero, um enxame de pequenas partículas no ar que vinha se alojar no meu pobre rosto, sempre contraído e formigando um pouco por causa da segunda operação. Chamei um táxi e dei instruções ao motorista, um sique idoso tocando uma fita com canções de Gilbert e Sullivan no gravador, para me levar à Rua Quatorze, onde mandei que aguardasse em frente a uma loja que vendia roupas de inverno. Escolhi uma

balaclava preta que cobria totalmente a cabeça e o pescoço e a vesti. Quando voltei para o táxi, o sique trancou as portas no mesmo instante, recusando-se a me deixar entrar até eu tirar a máscara. Enquanto ele seguia, tornei a vesti-la, olhei no retrovisor dele e deixei escapar uma sonora gargalhada. O sique balançou a cabeça de um lado para outro.

O escritório do detetive era na Sétima Avenida logo a sul da Rua Vinte e Cinco, dentro de um prédio sórdido revestido de tijolos cujo elevador subia aos trancos com um agourento chacoalhar de correntes. O elevador me deixou num corredor vazio ladeado de portas com painéis de vidro fosco nas quais os nomes das firmas eram inscritos com estêncil: Relojoaria Nelson; Clínica Odontológica Dr. A. A. Street; Serviços de Viagem Beija-flor. Nenhuma delas mostrava quaisquer sinais visíveis de ocupação humana. Meus passos ecoavam nas paredes. Finalmente, cheguei a uma porta que dizia “Anthony M. Halliday, Advogado Investigador Particular”.

Uma jovem vestida com um jeans estonado me conduziu através de uma área de recepção acanhada até a sala do detetive, uma salinha desarrumada abarrotada com centenas de pastas com folhas soltas, muitas derramando seu conteúdo no chão.

— Petit, não complique tanto — disse o homem atrás da mesa, o Sr. Halliday, presumi, ao telefone azul sem fio encaixado entre a orelha e o ombro.

Ele ergueu um dedo se desculpando e fez um gesto indicando que eu me sentasse, o que só pude fazer após retirar uma pilha de pastas da única cadeira extra.

— O cara é um safado, a história dele é besteira, não há mistério nenhum aí — continuou o detetive. — Agatha Christie não tocara nisso.

Ele aparentava uns quarenta e poucos anos, tinha um rosto pálido e em forma de diamante e uma cabeleira desgrenhada com fios grisalhos, embora o desgrenhado parecesse menos uma questão de estilo do que de falta de um corte recente. Olheiras: um insone. Uma vida difícil transparecia em algum lugar em seu semblante, embora eu não pudesse dizer precisamente onde. Ele usava uma camisa branca engomada recém-saída da lavanderia e um paletó de tweed que passara os últimos vários dias jogado em cima do braço de uma cadeira, ou possivelmente no

chão. Calculei que devia ser solteiro. Uma mulher teria pendurado o paletó.

— Lembre-se, devagar com as anotações — prosseguiu. — Não, escrever não vai ajudar a pensar, é o oposto... Se esse caderno tiver que ser apresentado em juízo e você acabar fritando o nosso cara, vou ficar muito aborrecido...

Olhei para ele, à procura da sua sombra. Havia sinais, nada claro.

— Tudo bem, *hasta* — despediu-se ele, e desligou. Então, olhou para mim e sorriu. — Charlotte Swenson. Finalmente nos encontramos.

— Sr. Halliday.

— Como está se sentindo?

— Melhor — falei. — Obrigada.

— Parece bem.

Senti seus olhos movendo-se pelo meu rosto, olhos de detetive, tentando interpretá-lo. Não era um sentimento de que eu gostasse.

— Ajuda o fato de você nunca ter me visto antes — disse eu, e soltei uma boa gargalhada.

Constrangimento — desagrado, até — marcava a expressão do detetive, e senti o meu bafo quente de conhaque e vi que ele também deve ter sentido, na sala pequena.

— Obrigado por ter vindo aqui — disse ele. — Eu agradeço.

— Ainda não o encontrou?

Ele fez que não com a cabeça.

— Alguma pista?

Ele me olhou.

— Algumas.

— Tais como...

— Ei — respondeu. — Toda vez que falamos acontece isso.

— Acontece o quê?

Eu estava protelando, aguardando que sua sombra aparecesse. Vi sofrimento em torno de seus olhos, mas não era a sombra. O sofrimento estava logo na superfície.

— Você começa a me interrogar.

— Acha que ele morreu? — perguntei.

— Não, não sei — replicou. — Você sabe?

— Como eu saberia?

Ele saiu de trás da mesa e fechou a porta da sala. Um metro e noventa, calculei. Calças marrons, sapatos pretos gastos. Uma passada longa, desengonçada, como se ele estivesse acostumado a espaços maiores.

— Tenho algumas perguntas — disse ele, voltando a se sentar e puxando algo de uma gaveta. — E gostaria de gravar nossa conversa, se não houver problema.

Sorri para esconder minha aflição.

— Por que não?

Ele ligou a máquina, uma coisinha de aspecto altamente eficaz que empurrou para a beira da mesa na minha direção.

— Você sabe quando ele desapareceu — começou.

— Na verdade, não.

— Na primeira semana de agosto — disse ele. — Que foi... exatamente quando você sofreu o seu acidente. Correto?

— Correto — respondi, e fiz questão de encará-lo.

O silêncio entre nós pareceu interminável, multigeracional, um silêncio no qual eu estava plenamente consciente da Terra girando em torno do seu eixo.

— Coincidência — comentou ele, por fim.

— O mundo está cheio delas — retruquei.

Eu me arrependia do conhaque. Ou talvez devesse ter bebido mais.

Felizmente, ouviu-se uma batida à porta e a garota do jeans estonado abriu-a com um empurrãozinho.

— Tony, sinto muito — disse —, mas Leeland está aqui. Ele simplesmente, tipo, apareceu.

Halliday olhou para a garota, depois para mim. Pareceu paralisado por um instante. Então desligou o gravador, suspirou e se levantou. E quando passou por mim ao sair da sala, olhos fixos na direção do visitante não anunciado, eu vi: a sombra furiosa. Uma contorção de raiva, como um grito.

Aí, relaxei.

Halliday deve ter levado o visitante para o corredor, porque eu nunca vi o misterioso Leeland nem ouvi uma palavra do diálogo deles. Aguardei, escutando

um pálido balido de sirenes vindo da Sétima Avenida, sons que pareciam filtrados pela luz cinza poluída que escoava pela solitária janela de Halliday. Eu me debatia com o desejo de ir embora, passar voando pelo detetive, “Me desculpe, Tony, tenho que correr!”, sabendo que ele não conseguiria me deter. Mas o gesto parecia covarde, excessivamente teatral; uma confissão. Acima de tudo, eu não queria ficar sozinha. Queria sentar um pouco com aquele detetive, mesmo que isso significasse responder a perguntas.

Eu mentiria, claro. Menti muito, e com um bom motivo: proteger a verdade — salvaguardá-la, assim como se usam pedras falsas para evitar que as verdadeiras sejam roubadas ou depreciadas por excesso de uso. Eu guardava as verdades que possuía porque informação não era uma coisa — era incolor, inodora, amorfa, e, portanto, indestrutível. Não havia como corrigi-la ou anulá-la, não havia como impedir a sua proliferação. Dizer um segredo a alguém era como guardar plutônio dentro de uma embalagem de sanduíche. A informação inevitavelmente duraria mais que a amizade ou o amor ou a confiança em que você a colocara. E aí você a teria revelado.

O detetive voltou para sua sala como se fosse outro homem: agitado, preocupado e possivelmente com medo, sentimentos que disfarçou com um sorriso despreocupado. A conversa fora pessoal, achei, não profissional. Quem era — Leeland? Halliday sentou-se e ligou o gravador.

— Pois bem — falou. — Onde estávamos?

Contei-lhe que Z era um grego de Santorini, conforme me dissera. Aliança de prata na mão esquerda. Era uma dessas pessoas cuja descrição física requeria um uso liberal da palavra “mediano”: altura, constituição, cabelo, bronzeado. O efeito geral era de um playboy europeu de aparência decente. Sua única característica intrigante eram os olhos: grandes e escuros e alertas, mas também sardônicos, como se tudo o fascinasse e tudo, inclusive a própria fascinação, fosse de alguma forma ridículo.

Eu o vi pela primeira vez no Pollen, um restaurante da Bowery onde a colisão mística de moda e celebridade tinha irrompido fugazmente na primavera anterior. E em questão de semanas, com uma ubiquidade súbita só possível num mundo sem memória, Z virara uma presença constante. Ele tinha dinheiro, o

cartão de visitas universal, que começou a investir em noitadas em certas boates. Gravitou inevitavelmente na direção de Mitch e Hassam, os promotores, e logo os três eram sócios em algo novo, maior do que qualquer coisa que Nova York tivesse visto em anos, ou assim corriam os boatos.

— Você falou com ele? — perguntou o detetive.

— Ele não era de falar muito — respondi.

— Você não tinha ideia do que ele estava fazendo lá.

Dei de ombros.

— Ele era um playboy.

— Mas para além disso.

— Não tenho a intenção de chocá-lo — retruquei —, mas, para alguns homens, a busca de mulheres é um fim em si.

O detetive se recostou e sorriu. Eu me perguntei se o conhaque estava me tornando espirituosa, ou se isso seria o modo de Deus me compensar pela perda do meu rosto.

— Você devia falar com Mitch e Hassam — sugeri.

— Eles me contrataram — informou ele. — Ele sumiu com uma boa grana deles.

— Quanto?

— Vinte e cinco. A quantia perfeita, realmente: o bastante para fazer uma diferença, mas insuficiente para merecer que se corra atrás dela por muito tempo.

— Então por que você está correndo atrás dele?

Em vez de responder, Halliday virou-se para a janela. Reparei num retrato prateado, enviesado no meio da bagunça em sua mesa. Desejei ver quem estava na foto.

— Muito obrigado — disse ele, me sobressaltando.

Senti sua frustração, como se ele contasse comigo para alguma coisa e eu o tivesse desapontado. Fiquei culpada.

Ele contornou a mesa e me acompanhou à porta. Em pé, revi o meu cálculo: um metro e oitenta e seis, sete centímetros mais alto que eu. Hesitei, cambaleando um pouco (o conhaque), enquanto o dia frio e vazio ladrava para mim do outro lado das paredes.

— Só isso? — perguntei, chegando ligeiramente mais perto dele. — Não tem mais nada?

— Diga você.

— Eu poderia começar a inventar coisas.

— Obrigado — disse ele. — Guardo a ficção para a hora que deito na cama.

— Então me ligue — falei, descaradamente. — Conto histórias excelentes.

— De alguma forma, eu sabia disso.

Despedimo-nos com um aperto de mãos. Senti que ele esperava que eu fosse embora, e eu protelava, absurdamente. Desespero em cima de desespero, pensei, mas eu estava muito bêbada para me importar.

Na Sétima Avenida, puxei a máscara e decidi dar o dia por perdido. Perambulei para o norte, a cabeça baixa, mas o vento me castigava e a parte inferior da balaclava ficou empapada e gelada com a minha respiração condensada. Na Rua Vinte e Oito, virei para o leste, e o vento ficou por trás de mim. Levantei a cabeça à procura de alguma bandeira de cor, algum resquício de alívio da paisagem pardacenta de caminhões sem estabilidade e tijolos engordurados.

Então, como se minha vista tornasse subitamente a entrar em foco, vi um antigo anúncio pintado como aquele que eu vira uma semana atrás, com Oscar — uma série de anúncios do outro lado da Sexta Avenida, um em cima do outro numa coluna no lado exposto de um prédio cansado. “FURS & WAISTS”, li em letras garrafais perto do topo, e, embaixo, “Hollander Ladies Underware”, com muitos outros ilegíveis no meio. É um sinal, pensei, o vento engolindo minha risada. Um sinal na forma de anúncio.

Na esquina da Sexta Avenida com a Rua Vinte e Oito, parei e me virei devagar. Eles estavam em toda parte — anúncios e a possibilidade de sinais, muitos transparentes de tão desbotados, como se eu tivesse ganhado um poder novo que me permitisse, finalmente, enxergá-los. “Harris Suspenders Garters Belts”, “Maid-Rite Dress Co.”; mementos do industrialismo implacável de que eu tinha tentado escapar indo para Nova York. Mas hoje os anúncios pareciam honestos, legíveis de uma forma que as modelos de combinação que eu vira pela manhã na *Vogue*, de braços num estacionamento cercadas de vidros quebrados, jamais seriam.

Para o leste, depois para o sul, à procura de mais anúncios (“Harnesses”, eu vi.

“Stables”). Por fim, tendo espasmos de frio, tirei a balaclava e me esquivei para dentro de um daqueles bares invisíveis a todos salvo aos que procuram bebida alcoólica ao meio-dia, bares cujos bancos são ocupados ao acaso por homens de narizes hipertrofiados e olhos tímidos e úmidos. Minha entrada causou uma pequena agitação que se acalmou no momento em que eu mesma sentei num banco e pedi uma bebida — um conhaque. Conhaque era a pedida do dia. Um aquário borbulhava na janela, tão cheio de algas que a presença dos peixes lá dentro era algo imprevisível.

Ao lado do aquário, havia um telefone público. Quando terminei meu conhaque, liguei para a minha caixa postal para ouvir os recados, pulando Grace (que todos os dias deixava um para me animar), torcendo, irracionalmente, por uma ligação de Anthony Halliday. Não tive essa sorte. Mas havia um recado de Oscar, deixado alguns minutos antes: “Me ligue imediatamente”, dizia. “Tenho notícias extraordinárias.”

— Extraordinárias — repeti, quando ele entrou na linha depois de meros cinco segundos (eu contei). — Não é uma palavra que eu ouça com muita frequência hoje em dia.

— A Senhora Sorte chegou e está em dívida conosco — informou-me Oscar.

Havia menos de uma hora, ele disse, uma repórter do *New York Post* (uma de verdade dessa vez, embora a princípio ele tivesse achado que era eu de novo blefando) tinha ligado para a agência. Como quase todas as publicações nos Estados Unidos, o *Post* estava fazendo um artigo sobre modelos, mas com uma variação: queriam uma modelo cuja aparência tivesse mudado radicalmente no passado recente.

— É provável que estejam falando de um corte de cabelo novo — retruquei, para um silêncio devastador. Então acrescentei mansamente: — Mas tenho certeza que você já pensou nisso.

— Obrigado — disse Oscar. — Eles com toda a certeza não estão falando de um corte de cabelo novo. Estão falando de uma transformação radical como aquela esqueci-o-nome dos anos oitenta, com as cicatrizes. É estranhíssimo. Se você não existisse, eles teriam que te inventar.

Eu estava, de fato, estranha. E era uma medida do meu próprio desespero, e do

de Oscar por minha causa, que nunca questionássemos essa estranheza, nem considerássemos a improbabilidade de tal coincidência de fato ocorrer.

— Mas, Oscar, se contarmos às pessoas que eu tive esse acidente e estou completamente diferente, arranjar trabalho não vai ser mais difícil?

— Não, querida — disse Oscar, quase com pena. — Porque, se esse artigo rolar, você vai ser uma Pessoa de Verdade, uma pessoa no noticiário. Daí, eu posso arrumar para você uma tevê, talvez um artigo mais longo; uma capa seria o ideal. E esse é o seu relançamento, amor. Aí está. Estou arrepiado. Verdade verdadeira.

Eu também estava arrepiada.

— Agora escute — continuou. — Ligue para essa garota. Vá encontrá-la o quanto antes... Hoje, se puder. O nome dela é Irene Maitlock. Vou logo avisando que ela parece meio enjoadinha, as escritoras quase sempre parecem. Seja simpática, Charlotte. Simpática simpática simpática.

— Irene — falei arrastado. — Que nome.

— É o nome de um anjo que desceu dos céus para salvar a sua pele — retrucou Oscar.

★ ★ ★

Irene Maitlock era uma daquelas mulheres para quem eu achava difícil olhar sem imaginar quanto elas ganhariam perdendo só uns poucos quilinhos, usando um sutiã menos pontudo, um mínimo de maquiagem e roupas que tivessem, se não personalidade, pelo menos algum vestígio de identidade. Porque a matéria-prima estava ali! A moça tinha um cabelo castanho-claro farto que implorava por luzes, um corpo decente, olhos azuis encantadores. Também usava aliança de casamento, então, calculei, não estava exatamente desesperada por minha ajuda. Mas as deficiências físicas de Irene me perturbavam menos do que o lado aniquilador da minha personalidade, que se enfurecia na presença de mulheres que suscitavam o adjetivo descritivo “tímida”. Felizmente, eu havia tido tempo de parar na Ardville Wines and Spirits no caminho de casa.

Mas Irene Maitlock recusou minha oferta de Pouilly-Fuissé — menos cinco pontos logo aí — e sentou-se cheia de dedos no meu sofá modulado. As mulheres

tímidas sentiam um terror instintivo na minha presença, o que tinha a infeliz consequência de exacerbar a sua timidez. Tic-tic-tic, pensei, observando-a. Agora você tem franja.

— Então, você é jornalista — comecei. — Escreve sobre o quê?

— Ah, todo tipo de coisa. Drogas, polícia, a Máfia. Sou fascinada por crime. E pela aplicação da lei.

— Onde eu me encaixo?

Ela sorriu, nervosa.

— Bem, essa matéria é meio que uma mudança. Para dizer a verdade, ela me foi dada. Não que eu não esteja interessada...

— Obviamente não está.

Isso a surpreendeu.

— Como assim?

— Obviamente você não se interessa por moda.

Ela riu, e eu lhe dei dez pontos por espírito esportivo.

— Não — disse ela —, definitivamente, não me interessa por moda. Mas essa matéria não é sobre moda. É sobre identidade.

— Ah?

— Tenho interesse no relacionamento entre o interior e o exterior — explicou —, como as percepções das mulheres do mundo afetam as percepções de nós mesmas. Uma modelo cuja aparência tenha mudado de forma drástica é um veículo perfeito, acho eu, para examinar a relação entre imagem, percepção e identidade, porque a posição de uma modelo como um objeto puramente físico, um objeto da mídia, se você preferir — ela saiu daquela posição desleixada e se sentou ereta, um toque de rubor nas duas bochechas, descarregando um bombardeio de palavras —, num sentido, é apenas uma versão mais exagerada da posição de todo mundo numa cultura que se baseia no visual, impulsionada pela mídia, e, portanto, ver uma modelo renegociar uma mudança drástica em sua imagem poderia fornecer uma lente perfeita para olhar algumas dessas maiores...

— Bipe — interrompi.

— Como?

— Foi o meu medidor de tédio — falei, embora, na verdade, tivesse sido antes

a minha perplexidade do que o meu tédio que fizera o discurso dela me irritar. — Você está se aproximando de uma zona de risco.

— Ah. — Ela parecia mortificada. — Sinto muito.

Agora eu sentia muito também. Teria sido tamanho sofrimento deixá-la terminar? Por que o fato de ela ter desprezado a oportunidade de uma lourice de aspecto natural me ofendia tanto?

— Então, vamos ver...

Ela estava vacilando, de novo retraída. Bom trabalho, eu disse a mim mesma.

— Bem, essa é a minha cara — falei secamente, emoldurando-a com as mãos.

— Posso tirar a maquiagem se você quiser ver como ela é de verdade.

— Tudo bem, ou a gente podia...

— Você é quem manda — interrompi. — Me diga o que quer.

— Pensei em começar fazendo algumas perguntas.

— Ah — retruquei, e fui invadida por uma abjeta sensação de pavor. — Vai demorar muito?

— Você tem algum compromisso?

— Não. Eu só... odeio falar de mim mesma.

— Eu também — disse ela, e sorriu. — Felizmente, eu não preciso.

— Vamos ficar um instante em silêncio — sugeri. — Quero olhar para você.

— Para mim? — Ela pareceu alarmada. Dei uma longa tragada no cigarro e olhei para ela com atenção. — O que você vê? — perguntou.

— Pare de falar e eu lhe conto.

Ela parou, e olhei de novo, e imediatamente vi uma presença leve e sorridente. Eu a vi encostada em alguém, colocando os braços em volta dele, beijando o seu pescoço.

— Você ama o seu marido — observei.

Ela pareceu perplexa, depois aliviada. Por um momento, a presença sorridente eclipsou aquela lesma que ocupava o meu sofá até então, e ela ficou — eu nunca imaginaria que isso fosse possível — ficou bonita.

— Amo — concordou. — Muito.

— Tudo bem — falei, mais calma agora que eu tinha visto sua sombra e me tomara de simpatia por ela. — Manda brasa.

Para me preparar, deitei de costas no sofá, o cigarro se projetando num ângulo reto da minha boca. Fechei os olhos.

— Me diga como você virou modelo.

— Ai, meu Deus — respondi. Parecia muito complicado entrar tanto no passado. — Podemos voltar a essa outra hora?

— Ah... Qual a importância da sua aparência na sua identidade?

Ela lia as perguntas num caderno.

— Como posso responder a isso? — perguntei. Abri um olho e fitei-a. — Você consegue responder a isso?

— Já foi casada?

Dez pontos por não morder a isca.

— Quase. Uma vez.

— Há quanto tempo?

— Muitos anos.

Ela aguardou, obviamente torcendo para eu continuar. Depois perguntou:

— Acha que a sua aparência tem um papel importante nas suas relações com os homens?

— De maneira nenhuma — retruquei. — O fator determinante sempre foi o meu intelecto.

Nenhuma reação.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e oito.

— Eu também — disse ela, com surpresa. — Temos a mesma idade!

Mais ou menos.

— O fato de você ter se tornado uma modelo profissional mudou os seus sentimentos em relação à sua aparência?

— Acho que sim — respondi. — Deve ter mudado. — Fiz força para lembrar, mas minha memória deu um sorrisinho e se recusou a se mexer. Era uma criatura preguiçosa, essa minha memória, e, desde os seus esforços durante a minha convalescença em Rockford, estava mais apática que nunca. — Vamos voltar outra hora.

Ouvi-a suspirar, olhei e vi que ela esfregava as têmporas.

— Já participou da vida noturna do mundo da moda aqui em Nova York?

Pergunta capciosa, com certeza.

— Sim...

— Frequentou boates, esse tipo de coisa?

— Sim...

— E que papel você representava? Naquela vida noturna.

— Só tem um — disse eu. — Sou uma garota.

— Aos vinte e oito anos você é uma garota?

Ah, me poupe, pensei.

— É só uma expressão.

— Você se sente uma garota?

— Eu me sinto uma macaca velha — comentei.

— Que tipo de gente você conhece nessas boates?

— Todo tipo — falei. — Literalmente, todo tipo que você possa imaginar. —

Olhei para ela de novo. — O que boates têm a ver com isso?

— Esse quase casamento que você teve. Começou antes ou depois de você virar modelo?

— Prefiro não falar disso.

— Por que você não gosta de falar de você?

Afinal, uma pergunta a que eu podia responder. Um tópico que eu estava louca para abordar.

— Vou lhe dizer por quê — retruquei, dando meia-volta e plantando os pés no tapete para poder olhar diretamente para ela. — Porque todo mundo é mentiroso. Inclusive eu.

— Como assim?

— A gente mente — afirmei. — É isso que a gente faz. Você está me vendendo um monte de conversa fiada e quer que eu responda com um monte de conversa fiada para poder escrever um monte de conversa fiada e ser paga por isso.

Eu disse isso com o maior coleguismo.

— O que a faz ser tão purista?

— Eu não sou — exclamei. — Essa é a ironia. Eu sou a maior mentirosa de todas! Mas não finjo ser nenhuma outra coisa.

— O quê? Você diz às pessoas que está mentindo e depois mente para elas?

Ri. Eu estava começando a gostar mais dela.

— Eu evito a pseudossinceridade. Como você começou a ser modelo? Como se sente em relação à sua aparência? Blá-blá-blá, eis aqui a minha história, agora traga os violinos. Não suporto isso.

— Em outras palavras, você tem medo de conversa séria.

— Medo. — Fiz que não com a cabeça. — Medo?

— Parece um mecanismo de defesa bastante padrão.

— Irene — chamei baixinho, e cheguei bem perto dela. — Você pode olhar para mim e jurar que tudo o que você acabou de dizer é absolutamente verdade, que nada é conversa fiada? Não há segundas intenções ocultas, nada de interesses pessoais: tudo é exatamente do jeito que você descreveu? Pode jurar isso, digamos, pela vida do seu marido?

Ela empalideceu, desviando o olhar. Lá estava: compreensão.

Deitei-me de novo, satisfeita. Eu estava pronta para a próxima pergunta, mas a repórter estava de pé.

— Acho que é melhor eu ir — disse, deslizando o caderno para dentro da bolsa.

Não me mexi.

— Por quê?

— Porque você tem razão. Isto não faz sentido.

— Então você está desistindo do jornalismo?

Languidamente, coloquei-me numa posição sentada.

— Não — respondeu ela. — Disto.

— Nossa. Você já escreveu sobre policiais e bandidos e mafiosos e está fugindo de mim?

Eu começava a suar.

— Não estou fugindo.

Ela não estava fugindo, mas estava definitivamente de saída.

— Obrigada pelo seu tempo — falou da porta.

Fui atrás dela, com cuidado para não parecer nervosa. As trancas da minha porta eram muitas e complicadas; ela não sairia sozinha. Eu combatia a sensação de

ter estragado uma coisa importante, que Oscar nunca me perdoaria. Mas o que eu fizera exatamente?

— Boa sorte na busca por outra modelo que tenha oitenta parafusos de titânio implantados na cara — disse eu, destrancando a porta e abrindo-a.

Ela pareceu impressionada.

— Oito ponto zero. Escreva aí — falei.

Ela passou por mim e saiu para o hall.

Eram sete horas, mas poderia ser meia-noite. O céu e o rio estavam negros. Para o diabo com a dieta — pedi uma pizza e comi. Terminei a garrafa de Pouilly-Fuissé. Algum tempo depois, abri outra garrafa e comecei a assistir a *The Making of the Making of*, um documentário sobre como eram feitos os documentários sobre os filmes de Hollywood. Tendo como pano de fundo cinegrafistas filmando cinegrafistas, um apresentador maquiado com pancake dizia solenemente a sua fala solene: “À medida que filmes sobre como os filmes são feitos ficam mais populares, os especialistas especulam que, um dia, todo filme trará consigo um filme irmão ou irmã: a história única de sua própria criação. Mas como são feitas *essas* histórias? Quais são os desafios técnicos, os perigos? Quais são as recompensas? Agora, vamos levar você por trás das cenas... nos estúdios... até as locações... onde os diretores enfrentam o desafio de filmar outros diretores... fazendo filmes!”

Fiquei olhando para o set. Perguntei seriamente a mim mesma se eu poderia estar tendo uma alucinação, uma recaída da visão dupla provocada por muito conhaque num dia só.

Tirei o som da tevê e liguei para Grace, torcendo para que ela conseguisse elucidar o significado do programa. Frank atendeu e me disse que ela estava deitada.

— Às nove horas? — Eu estava cética.

— Ela ainda está se recuperando da visita a Nova York.

— Ou evitando você, e quem poderia culpá-la? — gritei, depois me apressei em bater o telefone antes que ele o fizesse. Era uma espécie de competição entre nós: quem conseguia desligar primeiro.

Eu estava muito nervosa. Antes do acidente, tal estado de espírito teria me

impelido a sair para uma boate, depois para outras boates. Mas eu já não tinha energia. A cidade parecia escura e corrompida, e eu estava feliz de me encontrar ali vestida com o meu quimono de seda e calçada com meu chinelo azul macio e com o aquecimento a toda. A calefação central era imprescindível, pensei, andando com um passo leve pelo apartamento e acendendo as luzes. E muitas tomadas boas e resistentes.

Fiquei deitada na cama com as luzes acesas, Jacques Brel me fazendo serenata do CD player. A tevê continuava ligada. *Unsolved Mysteries*, um daqueles programas a que a gente podia assistir sem ver, como se fosse uma única história dando voltas e voltas. “Penny tinha quinze anos quando entrou naquela floresta e desapareceu...” Uma cena de uma garota loura andando de bicicleta, guidons com pompons cor-de-rosa. Fechei os olhos. Quando tornei a abri-los, uma vidente conduzia a polícia aos restos mortais da jovem Penny, uma mulher com olheiras, com um lenço de cabeça, cantarolando enquanto as folhas caídas estalavam sob seus passos.

★ ★ ★

Naquela noite sonhei com Hansen. Senti seus braços e seu cheiro, e estávamos juntos num lugar conhecido e belíssimo, possivelmente uma das cidades na costa Jersey aonde costumávamos ir nos fins de semana. A costa Jersey era mesmo belíssima? Fiz questão de nunca voltar.

Nas poucas ocasiões em que eu me lembrava de mim com Hansen, via uma garota cujas energias e afetos estavam direcionados inteiramente para um único ser humano, mas eu creditava a minha dedicação menos ao próprio Hansen do que ao fato de termos nos apaixonado antes de eu ter descoberto quem eu era — ou não era. Ele representava o último momento em que eu havia acreditado em algo no qual já não acreditava mais.

Era inegável que Hansen era incrível. Inteligente, ótimo de cama, um paisagista e jardineiro fanático que sabia tudo o que se podia saber sobre solo e plantas. Mesmo agora, pousando os olhos num vaso empoeirado na lavanderia ou passando pela biblioteca pública no início da primavera, nomes de plantas e flores me

sobressaltavam como alguém murmurando no meu ouvido: cóleus, soleirolia, dalias, jasmim. Conhecemo-nos algumas semanas depois que vim para Nova York, no Metropolitan Museum. Eu passeava pelas salas de pintura europeia e contemplava as telas até minha cabeça doer, aguardando que elas se revelassem para mim. Hansen se apresentou murmurando, enquanto eu olhava boquiaberta algum monótono Poussin: “Está tentando fazer o quadro entrar em combustão?”

Ele me levou para almoçar no café. Tinha vinte e cinco anos, estava formado havia um ano. Eu tinha vinte e dois, me fazendo passar por vinte, e lhe disse vinte. Mesmo depois que ficamos noivos, nunca me corrigi.

Era inegável que Hansen e eu éramos felizes. Éramos perigosamente felizes. Morávamos num apartamento no térreo na Bank Street, a duas quadras do Hudson. Nossa rua tinha calçamento de pedra. Hansen cultivava rosas no quintal, blá-blá-blá. O quadro era coercitivo em sua perfeição. Massa à noite, fins de semana circulando no Oldsmobile vintage azul-bebê de Hansen. Discussões intermináveis sobre o amor; suas qualidades, suas texturas, sua indestrutibilidade. Brigas, lágrimas, ciúme por se sentir ignorado pelo outro numa festa, seguidos de transas reconciliatórias. Apresentação aos respectivos pais, que balançaram positivamente a cabeça com sabedoria quando viram nossas mãos dadas embaixo da mesa. Era outra pessoa. Quando pensava nisso agora, eu ficava com uma sensação de que não poderia ter sido eu.

Na época, uma estada em Paris, em geral por um ano, era uma parte crítica do desenvolvimento de toda modelo. Adiei-a por muitos meses para não me separar de Hansen. Por fim, Oscar marcou uma data e anunciou que eu estava partindo.

Em meu último fim de semana em Nova York, Hansen e eu fomos de carro à costa Jersey. Era uma primavera chuvosa, e passamos dois dias enfiados no quarto da pousada, chorando, trepando, olhando demoradamente da nossa janelinha redonda para o mar. Hansen me pediu em casamento na sala de jantar de um hotel litorâneo do século XIX, toldos listrados nas janelas. Pelas contas do mundo, eu tinha vinte e um anos. Naquela noite, enquanto Hansen dormia, fiquei acordada e prestei atenção na respiração intermitente do mar. Minha vida parecia absolutamente pura. Será que pode ser fácil assim?, perguntei a mim mesma — a gente conhece uma pessoa, se apaixona... Como uma história antiga? Parecia

muita sorte, e, por essa razão, ou alguma outra, isso provocou em mim uma pontinha de desapontamento. Eu sempre achara que a minha vida se desenvolveria de um jeito mais angular. Em vez disso, eu tinha saído da infância para aquela felicidade.

Em Paris, dividi um apartamento minúsculo com uma modelo chamada Ruby, que tinha um problema com cocaína e quase nunca dormia. Eu botava uma meia em cada orelha, tentando repelir os seus papos noturnos ao telefone, suas risadinhas e fúrias e lágrimas, enquanto ela se deslocava para o oeste junto com as horas, buscando fusos horários em que os homens que ela conhecia ainda estivessem acordados: Nova York, Aspen, Los Angeles, Honolulu, finalmente Tóquio, que ela alcançava de manhãzinha. Mas Ruby fez apenas uma ponta no espetáculo da minha dor de amor. Eu ia a castings, conseguia trabalhos pequenos com a *Elle* e a *Marie Claire*, caminhava à beira do Sena, e estava sempre infelicíssima. As paisagens desconhecidas me feriam os olhos, as palavras, eu não conseguia entender — eu me sentia exilada, sem nenhuma maneira de me ligar. Em lampejos lúcidos ocasionais, eu ficava perplexa de me ver em tal estado. Ali estava eu em Paris, afinal de contas! Paris, onde moravam franceses! E, no entanto, o fulcro da minha vida era o momento, em geral por volta das sete, quando Hansen ligava do seu escritório de arquitetura na hora do almoço. Desligar era como ser podada dele fisicamente. “Não consigo suportar isso”, eu dizia a mim mesma o dia inteiro. Eu me sentia como se estivesse morrendo, esvaindo-me aos poucos em sangue. Os clientes reclamavam do meu desânimo, e falava-se em me mandar para casa. Oscar me implorou para aguentar. Ofereceu adiantar uma passagem de avião para Hansen, mas Hansen estava fazendo o seu primeiro projeto, um pequeno parque no Queens, e não poderia viajar antes de julho.

Um sábado, enquanto eu caminhava à beira do Sena naquela minha morosidade de sempre, vi um homem em pé diante de um cavalete. Quando parei para vê-lo pintar, ele mal tinha me notado. Fui perseguida por homens desde o instante em que cheguei, os compulsivos ricos de praxe cuja droga específica (uma delas) era a presença de adolescentes em grandes quantidades. Mas o arrebatamento solitário do pintor fez com que eu me sentisse segura parada ao seu lado. Até eu conseguia ver que ele não tinha talento.

— Gostou? — perguntou ele, virando-se de repente para mim.

Dei de ombros, o que o fez rir. Ele era atraente, musculoso de um jeito simples, e não falava inglês. Sacou um sanduíche de presunto da mochila e me ofereceu metade. Comemos lado a lado à beira do rio, nossos pés balançando sobre a água. Ele abriu uma garrafa de vinho tinto, que bebemos a grandes goles. Pareceu totalmente indiferente a mim, como se o seu dia estivesse se desenrolando da mesma forma como estaria se eu não tivesse aparecido. Por fim, pegou um livro e começou a ler. Olhei para o rio, sentindo uma satisfação tímida. Era junho, o sol batendo no rosto e nos braços. A proporção de vinho tinto para o sanduíche de presunto não me deixou exatamente bêbada, mas sonhadora. Recostei-me, virei o rosto para o céu e fechei os olhos. Então ele me beijou. Gritei, os olhos arregalados, e salvo por uma persistente essência de vinho tinto e tabaco em meus lábios parecia possível que nada tivesse acontecido. O francês me observou, testando a minha reação, depois tomou o meu rosto nas mãos e me beijou de novo. Alguma coisa horrível se agitou dentro de mim. Ele me empurrou delicadamente de encontro ao concreto e se inclinou sobre mim, beijando minha boca e meu pescoço, murmurando em meus ouvidos até minha mente se esvaziar de tudo salvo de uma ideia entorpecida de que precisávamos ir para um lugar onde eu pudesse me despir. Era óbvio que os pensamentos do francês seguiam esse mesmo caminho. Ele me puxou para eu me pôr de pé, embalou as tintas com presteza e me conduziu para a rua, onde seu Citroën laranja míni estava estacionado. Entramos no carro e, enquanto ele ziguezagueava pelas ruas de Paris, tentei pensar em Hansen, mas era como se uma versão de mim continuasse à beira do Sena, como um zumbi sentindo falta dele, e agora uma segunda versão tivesse se desprendido e me sequestrado para dentro do carro daquele estranho, onde eu contava os minutos até podermos fazer sexo.

Por fim, chegamos a um decadente prédio residencial. O francês entrou comigo de mãos dadas, e subimos o que pareceu um número infinito de degraus, lance após lance, gritos de cachorros e bebês ecoando no poço da escada, e quando chegamos ao sétimo andar, eu estava praticamente nua. Mal vi o apartamento do homem, a não ser para notar que era pequeno e limpo. Ficamos ali até a noite, e depois ele me levou de carro para o apartamento que eu dividia

com Ruby. O nome dele era Henri. No dia seguinte, voltei ao Sena para procurá-lo, mas só no sábado seguinte, uma semana depois, ele estava de volta ao cavalete. Quando me viu, começou a guardar as tintas, e o dia prosseguiu de maneira semelhante. Depois disso, aprendi a chegar ao apartamento dele de metrô e o encontrava ali. Eu não tinha ideia de em que consistia o restante da vida dele nem ele da minha. Não conseguíamos falar.

Mas a felicidade! As metáforas mais baratas não podiam exagerar a imensidão do meu alívio. Um encanto tinha se quebrado, um peso fora retirado dos meus ombros, uma nuvem negra dissipara-se da atmosfera. Eu acordei dos mortos para me achar em Paris. Eu estava livre! Não de Hansen — nunca pensei nisso assim —, mas da minha infelicidade. Eu queria pular e gritar e cantar.

— Você parece muito mais feliz! — admirava-se Hansen quando nos falávamos, e só então me dei conta do peso que minha desolação fora para ele.

Causei uma impressão melhor nos castings, e o trabalho começou a melhorar. Claro que eu tinha consciência de que havia algo de errado em tudo isso, mas tentei não pensar no assunto. Era uma medida temporária, eu dizia a mim mesma, um estratagema drástico para segurar as pontas até Hansen e eu nos reencontrarmos. Eu sentia como se uma parte de mim ainda estivesse com ele em Nova York, guardando o meu lugar em meio às hostas e clematites, enquanto outra parte inteiramente distinta de mim estava encontrando Henri todos os sábados por horas e horas de sexo anônimo. Nunca tirei meu anel de noivado.

À medida que julho e a visita de Hansen se aproximavam, o medo foi me tolhendo. O que aconteceria? Será que ele adivinharia? Será que eu estaria diferente? Mas, quando Hansen chegou, o amor que eu sentia por ele pareceu, no mínimo, mais intenso. Não apareci na casa de Henri aquele sábado, e ele deve ter sabido que não adiantava me procurar. Nunca mais o vi. Hansen e eu passávamos dias inteiros no Louvre e assistíamos ao pôr do sol da Torre Eiffel. Escolhemos uma data de casamento para dali a um ano, em Paris. Quando fazíamos amor, eu às vezes ficava aflita sabendo que tinha feito aquelas mesmas coisas (e outras, também — que eu não fizera com Hansen) com uma pessoa estranha, e havia tão pouco tempo, e eu sentia uma espécie de choque — não por mim, mas por Hansen. Ele não sabe com quem está fazendo amor, eu pensava, e ficava em pânico até me

lembrar de que aquilo já tinha terminado, tinha sido uma aberração doentia que não seria repetida.

Foi Hansen quem primeiro me fez ter consciência das sombras. Ele ficava minutos inteiros deitado na cama me olhando, e eu olhava nos seus olhos e me perguntava: o que ele vê? Como não enxerga a verdade? Onde ela está escondida? Isso me fez perguntar, quando eu olhava para outras pessoas, que eus possíveis elas escondiam atrás das estranhas máscaras de borracha de seus rostos. Eu poderia achar uma por perto, se olhasse bem. Ela se tornou a única coisa que eu estava interessada em ver.

Hansen ficou em Paris por três semanas, e depois que foi embora experimentei uma versão modificada do meu desespero anterior. Sentia amargamente a falta dele, mas com o passar dos dias a amargura diminuiu e outro conjunto de possibilidades começou a se afirmar, como o meu peso deslocado de um pé para o outro. Uma semana após a partida dele, jantei com um jovem playboy, cabelo escuro e pele clara como os garotos de Caravaggio que Hansen e eu havíamos observado tão pouco tempo antes. E, como com Henri, o desejo que senti por aquele homem foi como um cobertor jogado em cima da minha cabeça. Voltamos para a casa dele, uma casa no meio de Paris com janelas altas de veneziana, e passei a noite toda sem fazer amor, mas, na manhã seguinte, cedi, e começamos um caso. Eu me sentia totalmente dividida entre dois extremos: presa do erotismo ardente da minha nova situação e dedicada a Hansen de um modo que tornava o outro sentimento escandaloso, inconcebível. De vez em quando, eu me agarrava à ideia de um “eu” maior que pudesse conter e justificar o meu comportamento contraditório, porém, no mais das vezes, eu apenas me sentia igual à cena de duas visões irreconciliáveis, duas pessoas diferentes, uma infalivelmente leal e fiel, a outra traiçoeira e gulosa. Meu caso com Henri abriu algo em mim, e agora eu estava insaciável, sempre correndo o risco de sentir fome. Hansen sozinho nunca seria suficiente.

Com o passar das semanas, desenvolvi uma fascinação mórbida pela enormidade de tudo o que ele não sabia. Eu me lembrava sem parar de que a felicidade que eu ouvia na voz dele quando conversávamos todas as noites era baseada na confiança e na convicção e no entendimento mútuo de que eu já o

traíra incontáveis vezes e de incontáveis formas, formas que o fariam gritar, se as vislumbasse. A ideia me torturava. Eu me sentia como um envenenador polvilhando arsênico na comida de Hansen enquanto ele não estava olhando, vendo-o comer aquilo pouco a pouco. Desejei que ele adivinhasse, mas fiz tudo o que pude para evitar que adivinhasse, e foi fácil. Eu parecia a mesma! Ele não tinha por que desconfiar de mim! Achava que eu o amava, e tinha razão! Eu era feita para aquela traição! Toda noite, quando lhe relatava os trabalhos que eu estava aguardando, a igreja onde eu tinha entrado, o *croque monsieur* que eu almoçara, eu imaginava salvá-lo da inocência e da minha duplicidade contando-lhe tudo. Essa fantasia de absolvição me encantava tanto que às vezes eu perdia totalmente o fio da nossa conversa. Contar e fazer com que ele soubesse daquilo, para acabar com a distância entre nós. Eu não podia fazer isso. E, no entanto, sabia também que não podia continuar assim, que cedo ou tarde eu teria que escolher entre Hansen e os outros. Uma vida inteira enganando um homem bom era mais do que eu podia aguentar.

Então fui embora.

Voltei para Nova York para lhe contar. E logo depois que fiz isso (como estava perto do seu aniversário, ele achou que eu tinha ido para comemorar e encheira o apartamento de flores), depois que lhe contei tudo, depois que ele se virou confuso para olhar para o jardim, inundado de crepúsculo (ásteres, gladiólos, anêmonas, floxes), depois que ele terminou o copo de conhaque em um trago trêmulo, seu primeiro impulso, estranhamente, foi se grudar em mim, a pessoa em quem ele confiava, a pessoa que ele amava, e, por um minúsculo intervalo, ficamos abraçados com a vidinha que tínhamos construído, e senti a doçura dessa vida como nunca sentira antes. Não!, pensei, podemos conservar isso, não precisa acabar! Mas as minhas palavras já se infiltravam em Hansen, avançando por suas veias para o seu coração. Senti isso acontecendo, senti-o começar a ficar paralisado nos meus braços e me dei conta com uma espécie de pavor de que eu não o envenenara antes, como eu pensara. Envenenara-o agora, ali, de uma vez só, e o meu castigo era ficar sentada vendo o veneno agir. Eu não o protegera de nada. Quando a repugnância, o desgosto e a raiva o dominaram, ele me empurrou, jogando-me nos tijolos, e me bateu no rosto, e vi a inocência deixá-lo como uma

alma deixando um corpo.

Mas o que matara aquela inocência — minha traição ou a revelação? Qual era o veneno? Ah, filosofia.

Depois de Hansen, tomei o cuidado de limitar as minhas promessas. Se gostasse de alguém, eu fazia o possível para querer dizer o que eu dizia na hora que eu dizia. Mas eu tinha desistido da verdade inteira, mais ainda da minha capacidade de contá-la. Em geral, eu nem tentava. Minha filosofia, se você quiser, era estranhamente adequada ao que se tornou a minha vida. Cidades diferentes de semana para semana, um fluxo constante de cenários e pessoas. Uma vez que os meus ambientes se dissolviam e se reconstituíam, era natural que eu fizesse o mesmo. Eu evitava os tipos de lugares onde estivera com Hansen — museus, por exemplo. Ou talvez simplesmente tivesse perdido o interesse.

Mesmo assim, eu me perguntei muitas vezes desde que deixei Hansen e não prometi quase nada a ninguém se nós dois poderíamos estar melhores se eu tivesse calado a boca e vivido uma vida dupla, como todo mundo.

CAPÍTULO CINCO

A East High School era enorme, exatamente como Charlotte desejara, corredores com centenas de armários alinhados, corredores tão compridos que ela mal conseguia enxergar onde terminavam, mesmo de óculos. Todo mundo era desconhecido, e isso infundia um esplendoroso sentimento de promessa no ar. Charlotte tinha experiência suficiente para não tentar sentar com os caretas no refeitório, mas podia passar por eles e sorrir, e eles sorriam de volta.

Ela se encontrava com tio Moose por uma ou duas horas de quinze em quinze dias na sala dele na Winnebago College, na East State, a dez minutos de bicicleta da sua escola. Após o clímax com que o acordo fora alcançado, certa decepção fora inevitável. Seu tio continuava esquisito, alheio, raramente olhando nos olhos de Charlotte. Sozinha com ele, ela sentia uma espécie assustadora de desterro, como se pudesse sair da sala dele, que fedia a molho de tomate e quentinhas rançosas de comida chinesa amassadas no lixo, e achar que o mundo tal como ela conhecia não existia mais. A história pouco significava para Charlotte: fatos sobre gente morta. E Moose, profundamente sintonizado com a apatia que a maioria das pessoas sentia em relação às atividades que ele mais apreciava, dolorosamente consciente do apagamento da história dessa terra sem contexto, percebia a indiferença da sobrinha e ficava perplexo. O que ela fazia ali?

Às vezes, eles se encontravam no apartamento de Moose e Priscilla num complexo chamado Versailles, oitocentos metros a leste da Winnebago College. Sentavam-se na varandinha de segundo andar de Moose, onde só cabiam duas cadeiras e uma mesinha de tampo de vidro. Lá embaixo, um garoto dirigia um cortador de grama pelo gramado ondulante ao redor do Versailles, e Charlotte culpava essa máquina pelas muitas ocasiões em que ela e Moose começavam a falar ao mesmo tempo e depois paravam — depois recomeçavam — depois paravam. Mas na visita seguinte o garoto da grama tinha sumido e permanecia um silêncio desastroso, um trecho enorme de vazio em que ela e Moose afundavam triste e

solitariamente. Chega, Charlotte pensou montando na bicicleta, aliviada por se ver de novo no meio de vento e carros e árvores ficando douradas. Não volto mais, é muito estranho.

Em casa, ela sentiu a pressão da curiosidade da mãe. Ellen nunca tinha entrado no apartamento de Moose e Priscilla. Havia muitos quadros nas paredes? O telefone tocava muito? A geladeira estava cheia? A fome da mãe por notícias do irmão se expunha impotente para Charlotte, que sentia o privilégio por ter sido admitida na vida do tio. Sabonetes redondos no banheiro. Toalhas recendendo levemente a flores. Uma vez, tia Priscilla deixou um pão de banana na cozinha, e o tio, descalço, cortou uma fatia para ele e outra para Charlotte. Ela não contava quase nada para a mãe.

Num álbum perto da mesa da mãe, uma versão mais jovem de Moose olhava zombeteiramente para Charlotte. Uma em particular, o tio em pé com água pelas coxas usando um calção de banho verde-néon, o tronco se alargando para os ombros, como a cabeça de naja. A foto fascinou-a. Ela a arrancou do álbum e a levou para o quarto, onde a guardava escondida entre as camadas do mata-borrão.

No fim de setembro, ela começou a escrever curtos ensaios coloquiais sobre a leitura que Moose lhe passara, e isso ajudava a aliviar a timidez mútua deles. Seu tio falava com os ensaios e os corrigia com garranchos, acenava-os no ar e uma vez teve uma página roubada por uma rajada de vento. Moose pulou da cadeira e saiu correndo do apartamento, e Charlotte aproveitou a ausência dele para abrir a porta do quarto, que ela nunca vira. Uma cama com uma colcha de seda verde, um par de chinelos forrados de pele colocados ao lado. Uma floresta de frascos de remédios controlados numa mesa de cabeceira. Ela espiou dentro do armário de Moose: cinco paletós de tweed surrados, três pares de sapatos pretos. Camisas xadrez macias para trabalhar.

Em outubro, eles conseguiram iniciar uma conversa normal.

— Como vai a família? — perguntou Moose com uma modulação irônica, como se estivesse fazendo a pergunta e ao mesmo tempo se passando por alguém fazendo a pergunta.

E Charlotte lhe contou como a tensão em sua casa aumentava todo mês antes dos exames de Ricky, que eram no fim daquela semana.

— Seus pais devem estar apavorados — disse Moose.

— Eles só pensam nisso.

— E você?

— É esquisito — retrucou ela. — Sei que ele vai ficar bom.

Moose pigarreou.

— Eu quis dizer: como você está? — falou, de um jeito bem forçado.

Charlotte o fitou, mas o tio olhava da varanda para o garoto da grama, que tinha varrido montes de folhas para dentro de sacos plásticos laranja que pareciam lanternas de Halloween feitas de abóbora. Era a primeira vez que Moose fazia uma pergunta sobre ela, pessoalmente. Charlotte esperou, querendo aproveitar plenamente esse ritmo de interesse, para responder a ele com precisão absoluta.

— Estou esperando uma coisa acontecer — disse.

Dois Homens Fazem uma Aposta

Nos anos 1830, quando esta parte do mundo ainda era virgem, chegou o primeiro especulador a Rockford: Germanicus Kent. Em 1834, ele e seu sócio fundaram uma cidade na margem oeste do Rock River próxima ao Kent Creek, onde hoje é o nosso centro da cidade. Construíram uma serraria, que era uma das três coisas de que as pessoas precisavam em uma cidade (as outras eram: um *saloon* e uma ferraria). Enquanto isso, outro especulador, Daniel Haight, se estabeleceu na margem leste do rio naquele mesmo ano.

Então Rockford começou como Kentville e Haightville, duas cidades quase invisíveis se entreolhando furiosas uma de cada lado do rio e competindo entre si antes de existirem na prática...

Pedalando do Versailles para casa, Charlotte passou ziguezagueando entre Cadillacs na State Street, descendo as leves ladeiras em pé, o vento outonal batendo em seu corpo, queimando suas orelhas. Ela se imaginou na boca de um túnel, inclinada à frente na descida. Algo se movia dentro dela: o desenrolar lento e doce de uma expectativa.

Depois que eles combinaram suas cidades e as transformaram em Rockford, Germanicus Kent e Daniel Haight foram como atores numa peça com vinte e cinco papéis diferentes: Haight foi o primeiro xerife, o primeiro chefe dos correios, o primeiro comissário a decidir onde a

estrada State (que é hoje a State Street) passaria. Kent foi o primeiro juiz eleitoral, o primeiro representante na Assembleia Geral de Illinois, e o primeiro mestre barqueiro do rio...

No dia dos exames de Ricky, Charlotte encontrou uma estranha no quarto de vestir da mãe. Ela andara escutando Alanis no walkman e lendo sobre a primeira ponte de Rockford, um trabalho tão antigo de um aluno de graduação que era datilografado. Ainda com os fones no ouvido, ela entrou no banheiro da mãe para procurar a loção que ela tinha trazido da Flórida na primavera passada. E ali Charlotte encontrou a mulher: uma estranha de lenço e óculos escuros.

— Sou uma velha amiga da sua mãe — dissera ela.

Olhando para trás, Charlotte estava mortificada com os muitos detalhes suspeitos dessa “velha amiga” que, de alguma forma, ela não tinha notado: a mulher não sabia nada da doença de Ricky; não ligara antes de chegar nem tocara a campainha; andara pela casa sozinha; depois fora embora correndo (mancando!) sem deixar nenhum recado para a mãe de Charlotte, de quem supostamente era “velha amiga”. Uma ladra — que mais poderia ser? E Charlotte tinha ficado ali parada, batendo papo. Mostrara seus peixes à ladra!

A questão do que havia de errado com a mulher vinha absorvendo a sua atenção. Ela não era velha. Era muito alta, mas parecia magra dentro daquele casaco pesado. Sua voz era rouca. Um acidente de carro, dissera ela finalmente. Em agosto passado. Depois, tirou os óculos, descobrindo para Charlotte seus olhos desfigurados, rubros.

Mais tarde, quando Ellen estava se vestindo para uma recepção de casamento no clube (um calvário que a apavorava), Charlotte entrou no quarto de vestir e ficou ali. Isso era inusitado, mas Ellen disfarçou a surpresa. As demonstrações de ansiedade tendiam a afastar Charlotte.

— Suas joias estão neste quarto, certo? — perguntara a filha.

— Naquela gaveta — disse Ellen, apontando. — Você quer alguma coisa emprestada?

— São valiosas?

Ellen virou-se para ela, tentando interpretar sua expressão fechada, ardilosa.

— As coisas muito valiosas estão no banco — retrucou. — Por quê?

Sem responder, Charlotte entrou no banheiro e ficou parada ao lado da pia, examinando a pequena fileira de vidros e loções e cremes e sprays e diferentes tipos de maquiagem. Em meio a isso, ela viu a loção perolada da Flórida. Abriu o vidro, entornou um pouco na palma da mão e esfregou no braço. Fechou os olhos e levantou o braço até o rosto para sentir o cheiro.

— Por que não fica com essa loção, querida? Eu quase nunca uso.

Charlotte abriu os olhos, viu a mãe ao seu lado no espelho e se afastou depressa. O reflexo dela e da mãe juntas — em um espelho, uma janela, uma fotografia — arrasava-a com uma contundência irremediável, um sentimento de que mais valia estar morta. A mãe era linda, e Charlotte não era. Ela sempre soube disso, claro, e no entanto um otimismo desafiador vibrava dentro de si, uma convicção de que renunciara à beleza por alguma extraordinária compensação. Ver a mãe ao seu lado aniquilava essa esperança, deixando a menina se perguntar se alguém tão destituído de beleza como ela teria permissão de seguir em frente, ter qualquer coisa. Será que alguém mais bonito não conseguiria essa coisa, o que quer que fosse?

Ferida, Ellen deu uma escovada no cabelo. Estava acostumada às rejeições de Charlotte, mas agora, depois de uma tarde inteira no hospital com Ricky, seus olhos ficaram marejados.

— Você não tem medo que roubem as joias que estão aqui?

Nossa, por que ela estava insistindo nas joias? Ellen enrolou o cabelo e o prendeu com um grampo, aguardando a vista desanuviar antes de responder:

— Mais ou menos. Quero dizer, a gente tem alarme contra roubo.

Mesmo assim, depois de terminar o cabelo, ela abriu a gaveta das joias e olhou a bandeja de veludo, Charlotte escondida ali perto enquanto ela conferia as suas favoritas: a pulseira Elsa Peretti, o losango de jade que Harris lhe trouxera de Cingapura, as abotoaduras de minúsculos diamantes amarelos. O broche de ametista, presente de Moose anos atrás. Ela o usava para dar sorte quando Ricky fazia os exames todo mês.

— As coisas importantes estão todas aqui — disse ela. — Por quê?

Charlotte deu de ombros com desinteresse e saiu do quarto, como se Ellen é

que estivesse fixada no assunto.

Harris estava parado ao lado de sua cômoda, montando os alongados botões removíveis e as abotoaduras de ouro com suas iniciais que ele usava para acontecimentos elegantes. Charlotte observou sua toalete meticulosa da cama dos pais, estremecendo com cada acesso de irritação que seu pai provocava nela. A camisa dele estava impecavelmente passada, pedaços de tela fina e transparente nos braços. Será que ele alguma vez usara uma camisa de flanela macia? Será que já comera pão de banana?

— Nada de planos! — exclamou Harris, como se isso fosse fora do normal. — Nada de amigos vindo aqui, nada?

— Tenho planos com Ricky. Quando ele tiver acabado de andar de skate.

Seu pai pareceu desapontado, como se esta fosse uma desculpa esfarrapada.

— E tenho toneladas de coisas para ler para o tio Moose — acrescentou Charlotte apenas para irritá-lo.

Seu pai franziu a testa, e colocou as abotoaduras em silêncio.

★ ★ ★

Dirigindo para o clube no crepúsculo azulado, Harris pensou na filha sozinha diante do aparelho de tevê e sentiu uma pontada de ansiedade.

— Ela não parece estar fazendo muitos amigos na East — disse.

— Não — concordou Ellen. — Não parece.

— Me preocupa ela ter ficado meio jogada às traças — continuou ele, virando-se para a mulher. — Toda essa saga do Ricky.

Ellen suspirou.

— Só consigo me preocupar com um filho de cada vez.

— Como foi hoje?

— Bem — disse ela. — Depois ele saiu correndo porta afora com aquele skate.

Harris assobiou.

— Vida agitada.

Desde o início das aulas, Ricky assumira uma nova identidade de skatista, uma

identidade cujos componentes eram calças largas, que usava com a cintura tão baixa que Harris esperava ver a bunda do filho a qualquer momento, e uma cabeça parcialmente raspada, uma cortina fina de cabelo pendurada por cima da careca.

— O cabelo do garoto finalmente cresce de novo — comentou —, e ele raspa.

Ellen balançou a cabeça de um lado para outro. Odiava o hospital. Mesmo agora, o cheiro de doença, de comida de hospital, quase lhe dava engulhos. A partir do momento em que ela e Ricky entravam por aquelas portas de vidro, seu cérebro repelia todas as cenas por que passavam: pessoas com a pele da cor de vitela e aquelas roupas de papel — não. Pessoas encolhidas em cadeiras de rodas ou andando sem firmeza, arrastando cabides de soro sobre rodas. Não! Não! Elas olhavam para Ricky com sofreguidão, aquelas criaturas debilitadas, como se ele fosse um porteiro sacudindo as chaves da sua libertação. O filho de Ellen nunca esteve tão lindo quanto quando arrastava os pés ao lado dela pelo linóleo do hospital. Ela imaginava aquelas figuras tristes, alquebradas, tentando entender os olhos puxados dele e seu persistente bronzeado de verão...

— Me solta, mãe! — rosnava Ricky, desvencilhando-se dela e seguindo adiante pisando firme no corredor com aqueles seus tênis de skate maiores que os pés. Ellen entendia, pelas sessões com o Dr. Alwyn, que seus sentimentos sobre o hospital estavam sobrecarregados de lembranças de sua mãe, que passara anos inteiros de cama, envolta em sua misteriosa doença, tocando uma sineta — enganosamente pequena, pois o barulho de vidro quebrando que fazia enchia a casa — para pedir suco de cranberry. E Ellen levava, subindo a escada com a bandejinha de prata para o quarto da mãe, que estava sempre escuro. Por mais lindo e límpido que estivesse o dia — jogos de futebol, grama encharcada no verão, aulas de mergulho no clube —, Ellen sempre sentia no íntimo o peso daquele quarto escuro. Só Moose tinha o poder de dissipá-lo. No entanto, ela não conseguia vender a casa! Agora, com a ajuda do Dr. Alwyn, chegou a ver que sua relutância não era tão estranha — que o desejo de voltar à cena de infelicidade com a esperança de desfazê-la era natural, se não necessariamente boa. “Janelas maiores”, exortara ela ao arquiteto. Mas os móveis vão desbotar. Danem-se os móveis, retrucara Ellen, com certo prazer em chocar o homem. Ela queria luz, luz.

Ar puro para levar o cheiro da doença da mãe, sua mãe, agora forte e saudável aos setenta e dois, morando em Palm-Beach com um advogado de imigração cubano. Que tinha aulas de tango, mambo, *hustle* e que aplicara o papel de parede do banheiro sozinha. Que, agora parecia, nunca estivera de fato doente, para início de conversa.

— Meu reino pelos seus pensamentos — disse Harris.

Ele esperava que ela lhe perguntasse sobre o golfe — ele jogara abaixo do par e ganhara um cliente. Mathew Krane, um consultor da cadeia de hotéis Radisson. Mas ela raramente perguntava.

— Espero que Ricky chegue em casa na hora — retrucou Ellen. — Para Charlotte não se preocupar.

— Charlotte nunca se preocupa — observou Harris.

Capim

Tudo bem, a terra. Bem, era totalmente diferente do que é agora. (Primeiro, onde ESTÁ a terra agora?) Era sobretudo campina, e campina naquela época não significava capim seco até o joelho com umas flores no meio. Campina significava uma mistura de muitos capins extremamente altos, mais altos que a cabeça de uma pessoa! Com compridas raízes intrincadas que chegavam muito fundo na terra. O solo da campina era riquíssimo e bom para plantar, mas todos os capins e raízes eram muito difíceis de quebrar e revirar, o que a pessoa tinha de fazer antes de plantar qualquer coisa. Podia levar um ano inteiro para deixar uma campina pronta para o cultivo. “Quebrar a campina” era o nome desse processo, e havia Quebradores de Campina profissionais que eram especialistas nisso. Mas, no fim, a campina inteira foi quebrada e transformada em plantações, e a verdadeira campina original não existe há muitas e muitas gerações. O que chamamos “campina” hoje é só capim.

Oito horas, nada de Ricky. Charlotte foi para a janela e olhou o céu, mas ele não lhe oferecia nada essa noite: uma escuridão sem estrelas. Na cozinha, ela enfiou uma minipizza no micro-ondas. Conectou-se para ver se alguma das suas três melhores amigas estava on-line, mas não estavam — fora de casa em algum lugar, provavelmente juntas, essas garotas que ela conhecia desde a terceira série, com quem fabricava velas, fazendas de formiga, fazia tecelagem, papel machê; fantasias de Halloween em que cada uma era um M&M de uma cor. No verão

depois do primeiro ano do ensino médio, as outras três tinham arranjado namorado, e um abismo se abriu entre elas e Charlotte. Mesmo quando suas amigas conspiravam a seu favor, implorando para saber que garotos ela desejava e prometendo, através de espionagem e subterfúgios, lavagem cerebral e possivelmente feitiçaria, fazer pelo menos um retribuir. Mesmo quando a animavam a usar maquiagem, um sutiã de enchimento com a opção futura de implantes, lentes de contato coloridas (violeta sendo a primeira escolha delas), um corte de cabelo alternativo e um modo de vestir mais intrigante — *O negócio é que, Chari, você não está se esforçando muito* —, mesmo quando uma máquina de reabilitação se agitava à sua volta, Charlotte sentia no íntimo uma nova resistência profunda, um alheamento das confabulações sinceras das amigas em prol dela. Era verdade, ela não estava se esforçando. Aquilo parecia falso — perigoso, também, como se ela pudesse perder alguma coisa no processo. Uma última esperança.

Ela mandou um e-mail para as três: “E aí? Ei, estou com saudade de vcs :-)”

Às oito e quarenta e cinco, começou a assistir a *Assassinato no Nilo* — parte de um projeto em andamento que ela e Ricky empreenderam para assistir a todos os filmes já feitos de Agatha Christie. O filme estava na metade quando ela ouviu o irmão lá embaixo e parou a fita. Ele sufocou um grito quando ela entrou na cozinha.

— Você está chapado — disse ela, fitando seus olhos espantados.

Ele não respondeu. Estava abrindo uma caixa de Pop-Tarts.

— São nove e quarenta — continuou ela.

— Na mosca.

— Onde você estava?

— Andando de skate. Mandeí uma manobra irada. — Ele botou uma Pop-Tart na torradeira. — Uma Switchdance 180.

Charlotte não tinha ideia do que isso significava.

— Com quem?

— Veteranos.

Ele não conseguiu disfarçar um sorriso.

— Mentira!? Da Baxter?

— Não. Da Saturn.

A Pop-Tart pulou, e Ricky pegou-a com a ponta dos dedos, soprou-a um pouco e deu uma dentada. O sabor disparou em sua cabeça, uma infusão louca de frutas vermelhas. Charlotte se limitou a ficar ali parada. No Pit, onde estivera andando de skate, ele tinha ouvido alguém dizer o nome de sua irmã, mas primeiro pensou ser imaginação sua. Estava chapado, o que fazia tudo dar voltas e descrever espirais até ele estar andando de skate através do tempo — reis, cavaleiros montados agitando lanças, depois batendo um *ollie* para contornar os degraus, onde ouviu de novo — “Charlotte Hauser” — e ficou tão espantado que perdeu o equilíbrio e o skate escapou. Ele ficou escutando. Dois caras do último ano. Pareceu a Ricky que eles estavam usando o nome de Charlotte como uma espécie de ameaça, tipo, se você me sacanear — Charlotte Hauser. Ouvir o nome da sua irmã falado dessa maneira o apavorara tanto que ele esqueceu aquilo instantaneamente, deixou que caísse na noite e sumisse. Paul Lofgren, um cara do último ano, decidira esse ano que ele e Ricky eram *brothers*, uma gentileza misteriosa que lhe acontecera por razões que não analisou. Então, ele andava com esses garotos mais velhos agora, Smashing Pumpkins no rádio, o ar doce e fino. Charlotte foi incorporada à noite. Quando ele fez a Switchdance 180, todo mundo aplaudiu.

— Quem é o garoto? — perguntou alguém a Paul Lofgren.

— Isca de garota.

O que levou a uma gargalhada maior (todo mundo ria quando Paul ria), e embora não estivesse claro para Ricky como ele podia ser isca de garota quando mal conhecia quaisquer garotas, gostou muitíssimo mais disso do que de ser o garoto doente.

Mordiscando a sua Pop-Tart sob o olhar solene de Charlotte, sentiu o tranco da impaciência. Ela era fraca, uma piada — sua irmã — sem sequer saber! *Por que não faz alguma coisa?*, queria gritar, depois se perguntou por que ele mesmo não tinha feito alguma coisa — ou dito alguma coisa. Dito qualquer coisa. Aberto a porra da boca ao menos uma vez. Ele achava que Charlotte tinha o poder de determinar o resultado de certas coisas. Será que sentia a traição dele (ela conseguia ler seus pensamentos, tinha certeza), ou estava triste por alguma outra razão?

— Aluguei *Assassinato no Nilo* — disse ela.

— Sutil — retrucou ele. — Vamos.

— Aqui, eu faço uma pizza.

Ela tinha guardado metade da dela para comer com ele. Seu cabelo castanho ralo lhe caiu na cara quando ela tirou a pizza do freezer e a levou para o micro-ondas. E naquele momento, Ricky, como a pizza, pareceu viajar certa distância nas mãos da irmã, até chegar plena e decididamente em casa, naquela cozinha.

— Fumei um — comentou ele.

Falou com um misto de conspiração e provocação, desejando a aprovação de Charlotte mas desafiando-a a negá-la. Ela raramente fazia isso. Charlotte gostava de ser a professora de Ricky, inteirada de todas as suas más ações.

— Na mosca — disse ela.

Ela levou a pizza dele para cima, tentando dominar a ansiedade que lhe dava imaginar o irmão se associando a garotos que a desprezavam. Parecia possível que eles pudessem virar Ricky contra ela, e isso evocava um isolamento mais brutal do que qualquer um que Charlotte já tivesse imaginado.

— Comecei a assistir, mas podemos recomeçar — disse ela, quando desabaram no sofá da sala de tevê.

— Tudo bem — falou Ricky, arrependido. Ele contava com a animação da irmã. Seu abatimento dessa noite o deixou nervoso. — Posso assistir amanhã.

Mas Charlotte voltou a fita, como ele sabia que ela faria. Ficaram deitados juntos, comendo pizza, e, quando o filme começou, Ricky sentiu a tranquilidade se fechar em volta de si como um par de asas. O skate, Paul Lofgren, tudo foi embora. Talvez até fosse bom, considerou, os outros garotos não gostarem de Charlotte — significava que sempre que ele chegasse em casa provavelmente ela estaria lá.

★ ★ ★

Você está esperando alguma coisa acontecer? — perguntou Moose. — Foi isso que disse?

— Soa estranho?

Ele sorriu.

— Tem gente que lhe diria que eu não sou o melhor juiz para isso.

Charlotte riu. O ar estava cheio de folhas. Havia dez gordos sacos de folhas no formato de abóbora de Halloween pousados no resplandecente gramado em volta do Versailles.

— Acha que algo vai acontecer? — perguntou ela, hesitante.

— Acho — disse Moose.

Ele agora estava pensativo. Charlotte acompanhou seu olhar, mas só viu o gramado, as abóboras-saco de folhas. O que ele vivia olhando, aquele homem bonito e inquieto que sua mãe tanto amava?

— Acho, sim — retrucou ele.

★ ★ ★

Então aconteceu. Algo aconteceu. Algo estranho — mais estranho que encontrar a ladra machucada dentro de casa. Aconteceu vários dias depois de sua última visita a Moose, quando Charlotte pegou emprestado o Lexus da mãe e foi buscar as amigas na Baxter. Esperou-as em frente à escola, um bosque de prédios com telhados inclinados de duas águas construídos nos anos sessenta. Acenou para o Sr. Childs, seu antigo professor de biologia.

— Como vai, Chas? — perguntou ele. O Sr. Childs era famoso por botar alcunhas em seus preferidos. Um apelido significava um B+ no mínimo. — Como vai a East?

— Até agora, bem — disse ela. — Já está dissecando?

Charlotte tinha adorado dissecar, especialmente animais maiores, como o bebê tubarão e o feto de porco.

— Vermes, e precisa ouvir a dor de barriga. Você agora está fazendo química?

— Química II. Mas os laboratórios não são tão bons.

Um professor que Charlotte não conhecia estava atravessando o estacionamento sob o sol oblíquo. Tinha um rosto conhecido: olhos escuros, rosto anguloso, expressivo, com um olhar que parecia só um pouquinho ameaçador.

— Nos vemos amanhã — disse aquele estranho ao Sr. Childs.

Os olhos dele passaram de relance por Charlotte, detendo-se nela apenas por tempo suficiente para a menina reconhecê-lo: o homem que ela encontrara à beira do rio em agosto passado.

— Um bom dia para você, Mike — cumprimentou o Sr. Childs. E para Charlotte, que estava olhando para as costas do estranho: — É Michael West, ensina matemática. O marido de Tracy Lapoint foi transferido de uma hora para outra para Omaha, e Mike surgiu do nada. Todas as credenciais certas.

— De onde ele veio?

— Da Califórnia, mas acho que morou um bom tempo na Europa. Tenho que correr para buscar as crianças na creche. Prazer em vê-la, Chas.

Ele foi para o seu carro do outro lado do estacionamento. Enquanto isso, o homem que Charlotte tinha encontrado no rio saía de ré de uma vaga. Ela foi sem pensar como um raio na direção dele, os sapatos martelando o chão. O homem parou o carro e abaixou o vidro, estreitando os olhos para ela na luz oblíqua.

— Conheci você no verão passado — disse Charlotte, ofegante. — Lembra?

— Não lembro.

— À beira do rio. Você disse que estava há pouco tempo na cidade. Lembra?

Mas ela já via diferenças: esse homem tinha o cabelo bem cortado, uma cara lisa e bronzeada, enquanto o outro estava mais mal-ajambrado. E machucado, também — no braço? Charlotte olhou para o homem à sua frente, camisa Lacoste vermelha, dedos bronzeados tamborilando no volante. Ambos os braços pareciam bons.

— Acho que você está enganada — retrucou ele, com um leve sotaque.

Será que o homem do rio tinha sotaque?

— Não — insistiu ela. Queria que fosse verdade, ter essa coincidência. — Era você.

Ele riu, seus dentes um talho branco na cara.

— Chegamos a um impasse — falou ele. — E também estou com pressa.

Ele esperou, olhando para ela, e só então Charlotte viu que estava com as mãos no carro dele, que ele não podia sair do lugar. Ela levantou as mãos.

— Até logo — disse o professor.

Levou a mão ao rosto num gesto de despedida, e Charlotte sentiu um choque

profundo e incômodo. Era a mesma coisa que ele tinha feito antes, no rio: um misto de continência e aceno. Era o mesmo homem. A estranheza e a certeza daquilo a impactaram.

— Era você! — gritou ela atrás dele quando o carro se afastou. — Por que está dizendo que não era?

Ficou parada no estacionamento, olhando o carro enquanto grupos de garotos passavam por ela com um passo arrastado. Ela estava perplexa com o encontro, como se tivesse encostado num cantinho de algo vasto e misterioso. Mas por quê?, perguntava a si mesma. Então ele não se lembrava. Ou se lembrava, mas não estava a fim de dizer que se lembrava.

— Chari — gritaram suas amigas, correndo pelo estacionamento em sua direção. — Desculpe, gata. Meu cadeado estava totalmente emperrado — disse Roselyn, envolvendo Charlotte em seu abraço caloroso.

Elas se amontoaram no Lexus. Charlotte havia acabado de tirar carteira, e as outras não a tinham visto dirigir.

— Olha como ela está calma — comentou Sheila, na frente.

Ela podia fazer o comentário mais simpático soar ligeiramente sarcástico.

— Chari, seu irmão é muito fofo — chegou a voz rouca de Roselyn do banco traseiro.

A menina tinha algo conhecido como “nódulos de gritador”, um diagnóstico que as fizera dar muita risada, uma vez que Roselyn era propensa a gritar. Charlotte sentiu o cheiro do seu brilho labial de morango.

— Ele tem treze anos — frisou.

— A Roz está atrás de garotinhos — falou Sheila, mexendo no dial do rádio. — É o novo projeto dela.

— Nham-nham — fez Roselyn.

— Como são os garotos na East? — perguntou Laurel. — Tipo, até que ponto são evoluídos?

— O que significa se eles fazem balé — completou Sheila.

— Ha ha. — Laurel riu.

No primeiro ano do ensino médio, ela tinha entrado para a Companhia de Balé de Rockford, e agora se apresentava em um grande balé a cada estação. Desde

então, se habituara a alongar as pernas de vez em quando, displicentemente segurando uma coxa e levantando-a em direção à cabeça, num espetáculo de flexibilidade desorientador. Para Sheila, que andava encurvada e era bulímica, a visão de outro ser humano tão eufórico com o próprio corpo era insuportável.

Houve uma pausa, e Charlotte percebeu que elas aguardavam que ela falasse.

— Acho que a maioria é esportista — disse, obrigando-se a se concentrar. Seu pensamento desviava para o professor de matemática, depois para o homem do rio. — Uns são fofos — continuou. — Mas as garotas também são. — Tinha uma sensação aflitiva de estar encobrindo algo, como se não fosse realmente aluna da East, como se isso fosse meramente um pretexto. — Vocês deviam visitar a escola.

— Vamos — disse Laurel. — Irmandade.

— Rá rá — fez Sheila acidamente.

— Você não está convidada — falou Charlotte, o que fez Sheila rir.

Ela gostava de ser posta no seu lugar.

— Muda! Muda! — gritou Roz do banco traseiro. Ela se referia à canção, Sarah McLachlan, que ela odiava. — Muda isso antes que eu grite.

— Você *está* gritando — observou Charlotte. — Bem no meu ouvido enquanto estou dirigindo.

— Não é de espantar — resmungou Sheila.

— Isso não é porque tenho nódulo de gritador — disse Roz, esquentada. — O médico diz que não tem *nenhuma* relação.

Ninguém respondeu. Era uma discussão inútil.

— Vi aquele professor de matemática novo — comentou Charlotte casualmente. — O Sr. West.

— Ai. Meu. Deus — exclamou Roselyn, exalando vapores de morango perto do ouvido de Charlotte. — Ele não é a coisa mais sinistra que vocês já viram?

— Estou na turma dele — contou Laurel, e Charlotte fez uma careta ao imaginar o professor de matemática observando a garota fazer duas vírgulas perfeitas com os pés em ponta.

— Ele é legal? — perguntou.

— Esquisito — respondeu Laurel. — Sempre que fazem uma piada, na maioria das vezes ele nem entende. É tipo formal.

— Mucho curioso — disse Roz, apertando o ombro de Charlotte.

— Achei que já o tinha visto antes — disse ela, e depois deixou por isso mesmo.

Mas seu coração e sua barriga fervilhavam de inteligência secreta. Ela conhecia o professor de matemática de um jeito diferente. Tinha falado com ele sozinha, na beira do rio, quando ele não era um professor de matemática, mas outra pessoa. Era esta impressão que dava: como se eles tivessem se conhecido primeiro num sonho e agora estivessem se conhecendo de novo na vida desperta.

Em Cherryvale, as garotas compraram doces de manteiga de amendoim e balas de limão no Mr. Bulky's e os comeram furtivamente de saquinhos brancos enquanto garimpavam os cabides na Justapor, cujas paredes eram cobertas de cartazes enormes proclamando “De volta ao descolado” e “Entre no outro nível”.

Na Waldenbooks, elas se amontoaram no balcão de revistas, dedos melados estalando páginas brilhosas enquanto as folheavam avidamente, respirando o chiclete e a bala e o brilho labial umas das outras ao espiarem as garotas magras circulando no universo paralelo. Garotas estreitando os olhos em desertos. Garotas pulando em bancos de neve. Garotas pescando com botas que ultrapassavam suas coxas. Charlotte tentava não enxergá-las. Não havia lugar para ela nesse mundo paralelo. Pelos ditames desse mundo, ela não tinha nenhum valor. Suas amigas também não tinham cara de modelo, mas, de alguma forma inefável, chegavam mais perto, especialmente Sheila. E Laurel tinha aquele corpo de bailarina e Roz, com aquela voz sexy e aquele cabelo emaranhado, tinha sido apelidada de “Sensual” desde a nona série. Charlotte observava esses fatos sem ressentimento. Para ela, haveria outro jeito. Acreditava nisso.

Às seis e meia, ela levou todo mundo em casa, Roselyn por último por ser a que morava mais perto.

— Sinto sua falta, Chari — disse ela. — Você é autêntica.

— Você também — retrucou Charlotte.

— Estou enjoada de todas as pessoas de plástico.

— É uma infestação.

— Então você vem, certo? — Roselyn e a irmã mais velha dariam uma festa naquele fim de semana. — Leva gente da East.

- Não sei se as pessoas são dignas.
— Então leva o seu irmão — disse Roselyn.

★ ★ ★

Charlotte deveria se encontrar com o tio na tarde seguinte, mas cancelou o compromisso, matou a última aula, pegou emprestado o Lexus da mãe de novo e foi para a Baxter um pouquinho antes de terminar o último tempo. Desligou o motor e ficou sentada no estacionamento brincando com o dial do rádio. Quando começaram a sair as primeiras pessoas, ela se abaixou no banco. A garotada deixava o campus em levadas.

Enfim, o Sr. West apareceu, andando com Abby Reece, professora de inglês da oitava série de Charlotte. A Sra. Reece era muito bonitinha, e Charlotte se sentiu meio aflita vendo os dois conversarem. Sua pulsação zunia em seu ouvido.

Afinal ele entrou em seu Oldsmobile Cutlass cor de ferrugem. Eram três e meia. Charlotte saiu do estacionamento atrás dele e o seguiu até a State, onde ele virou para leste e passou pela State Street Station, a Aunt Mary's, a Alpine Road, a Winnebago College e depois o Versailles, onde Moose morava, aí finalmente entrou à esquerda no estacionamento do supermercado Logli. O estacionamento era amplo e movimentado, e o professor de matemática pegou uma vaga solitária perto da entrada. “Merda”, xingou Charlotte, tentando memorizar o lugar enquanto seguia em frente. O Nine Inch Nails estava tocando no rádio, um grupo que ela abominava, mas estava muito ansiosa para não perder de vista sua presa para se dar o trabalho de mudar de estação. Todos os músculos de seu corpo estavam alertas, prontos para agir. Trinta minutos depois, o professor de matemática saiu com uma sacola de compras em cada braço, e Charlotte pisou fundo no acelerador, fazendo os pneus cantarem e uma senhora grávida olhar para ela com medo. Correu para a saída mais próxima da vaga dele e ficou esperando ali — não foi a sua ação de espionagem mais delicada, era verdade, mas, quando ele saiu com o carro, ela estava bem atrás. Ele seguiu para oeste na State e virou à esquerda, depois à direita, depois novamente à esquerda entrando numa rua mais a sul, perto da East High School e ladeada de casas menorezinhas, algumas com

gramados crescidos e cheios de mato. Parou no acesso de veículos de uma dessas.

Charlotte estacionou na quadra seguinte e ficou sentada no carro, Janet - Jackson cantando uma serenata acompanhando a voz insistente em seu cérebro, informando-a de que ela não podia fazer isso — seria uma violação da conduta normal muito flagrante para consertar. No entanto, ela sentia que não tinha opção. Deixou o carro e foi andando de pernas bambas para a modesta casa de dois andares do homem. Tinta branca descascada, caixilhos de janela verdes. Ela tocou a campainha e aguardou, então a porta abriu e lá estava ele, segurando uma lata de Blue Ribbon. Olhou com frieza para ela.

— Sou eu — disse Charlotte.

Cerrou as mandíbulas para não bater queixo.

— Estou vendo — retrucou ele.

— Estive com você ontem. E antes, na beira do rio.

Ele não respondeu, e Charlotte olhou para o interior da casa por trás dele. Parecia vazia.

— Acabou de se mudar? — perguntou, meio desesperada.

— Diga o que você quer.

Parecia impossível explicar.

— Lembra que você disse que Rockford era feia e eu lhe disse para não chamar a cidade de feia? Na beira do rio, lembra?

Ela o observava com um ar de súplica, esperando que ele sentisse o elo do destino ligando-os.

Michael West inclinou a cabeça. Então, bruscamente, abriu a porta e chegou para o lado para deixá-la entrar.

— Venha aqui na cozinha — chamou, indo na frente.

A cozinha era pequena, um piso de linóleo verde-claro. Duas janelas davam para o acesso de veículos. As sacolas de compras estavam na bancada, metade por guardar. Ele fez um gesto indicando uma das cadeiras.

— Cerveja? — perguntou. — Mas, pensando bem, você está dirigindo.

— Como você sabe?

— Confesso que estou pessimista quanto à sua carreira de detetive — disse ele, e riu de forma meio rude.

— Não quero ser detetive — retrucou Charlotte. — Quero ser comerciante de peixes tropicais.

Michael West serviu-lhe um copo de suco de laranja, virou uma cadeira de costas e sentou-se de frente para ela do outro lado da mesa.

— Quantos anos você tem?

Você já me perguntou isso, ela quase disse, no rio, mas se absteve. As alusões ao rio não pareciam cair bem.

— Dezesseis.

— As outras pessoas de dezesseis anos estão fumando maconha e ouvindo Anthraz — disse ele. — Não seguindo os outros de carro.

— Eu não sou igual a elas.

— Em que aspecto?

Ela hesitou. A diferença parecia complexa, difícil de identificar.

— Eu não tenho seios — disse finalmente.

Isso o fez rir, mais de surpresa do que qualquer coisa.

— Paciência — retrucou ele.

— Não, eles já nasceram. Mas eu não tenho nada.

— O nome é “portadora de seios pequenos” — comentou ele. — Alguns homens preferem assim.

— Você prefere?

— Isso é irrelevante.

— Mas você prefere?

Ele se levantou para pegar uma segunda cerveja e continuou em pé, olhando pelas janelas. Abriu a lata e tomou um gole longo.

— Você sempre discute sobre os seus seios com estranhos?

— Não.

— Então por que está confiando em mim?

— Eu não confio em você — disse ela.

Ele riu, perplexo, depois tornou a sentar-se e debruçou-se na direção dela de tal maneira que Charlotte sentiu o seu cheiro: quente, amargo, com um toque de algo semelhante a canela. Seu olhar de censura afinal desaparecera.

— Você quer alguma coisa de mim — disse ele. — O que é?

— Quero que você me seduza — respondeu ela, depois aguardou apavorada que ele risse. Ele não riu. Parecia bastante sério. — Acho que você é a pessoa certa — acrescentou.

Isso lhe ocorrera havia apenas uns segundos, quando ela sentira o seu cheiro.

— Você é virgem?

Ela pensou.

— Mais ou menos.

Michael West pareceu desconcertado. Após um momento, chegou a cadeira para trás e se levantou.

— Você disse que eu tenho olhos bonitos. Na beira do rio — lembrou-lhe ela.

— Nossa conversa misteriosa na beira do rio.

— Você disse.

— Bem, eles são — afirmou ele, sem olhar para ela. — São muito escuros.

Charlotte tinha consciência de uma tensão na cozinha, uma emoção dele que ela não conseguia identificar. Encorajada, prosseguiu:

— Seria fácil! Você sabe que eu deixaria.

Afinal, ele olhou para ela.

— Você não pode convencer um homem a te seduzir — disse ele. — Ele tem que sentir... desejo por você.

Charlotte fez que não com a cabeça.

— Ninguém sente — afirmou e, para o próprio espanto, ficou com os olhos cheios d'água. Fazia anos que não chorava na frente de ninguém. Tapou o rosto. — Ninguém nunca vai sentir.

Ouviu-o andando atrás dela. Ele pôs a mão em seu ombro, uma mão de homem. Quente. Mas ele não a queria.

— Você está aprendendo uma coisa importante — disse ele, esfregando um pouco o seu ombro. Ela levantou a cabeça. — O mundo é uma merda — falou ele, e Charlotte ficou assustada com o olhar dele: vazio, sem esperança.

— O que aconteceu com você? — perguntou ela.

Só por um instante, ele pareceu prestes a fazer alguma revelação. Então sorriu, seu rosto retomando aquela postura rude.

— Nada que você pudesse entender.

— Você não sabe disso. Não sabe nada a meu respeito.

— Você tem que ir embora — disse Michael West, com mais delicadeza.

Charlotte se levantou, a luz fria da cozinha pulando contra seus globos oculares. Estava quase anoitecendo. A conversa já parecia irreal, como todas as suas conversas com estranhos. Ele acompanhou-a até a porta. Ninguém jamais vai saber, ela pensou.

— *Adiós* — disse ela.

Ele não fez continência dessa vez.

Ela andou até o carro da mãe na escuridão que se aproximava, sentindo-se um fantasma, como se o seu verdadeiro eu ainda estivesse na cozinha de Michael West, e ela fosse apenas um eco dele. Ficou um bom tempo sentada no carro, esperando o zumbido em sua cabeça cessar.

Finalmente, deu a partida no motor e passou devagarinho pela casa dele. A luz continuava acesa na cozinha, mas ela não o viu, e o restante da casa estava às escuras. Ela dirigiu sem vontade, sem consciência de aonde estava indo até se ver entrando no estacionamento do Versailles, onde Moose morava, pela força de algum hábito, um sentimento persistente de como ela teria passado a tarde se não tivesse sido daquela maneira. Ela não sabia por quê. Ficou sentada no carro vários minutos, olhando na direção do apartamento do tio enquanto as folhas mortas caíam das árvores em cima do capô. Então, manobrou o carro e rumou para casa.

CAPÍTULO SEIS

O tempo permitindo, Moose gostava de fazer a pé o curto trajeto entre seu apartamento no Versailles para seu gabinete na Winnebago College, em parte pelas vantagens óbvias — ar puro e coisas do gênero —, embora sua preocupação com o ar puro fosse eminentemente teórica. Ele se preocupava com isso (ou antes, com a crescente falta disso), gostava de respirá-lo, mas havia muito tinha deixado de se envolver com atividades que celebravam sua disponibilidade e pureza: caça, camping, caminhada, pesca. Todos os tipos de esporte.

Não. Não era o ar puro que impulsionava as caminhadas de Moose para o trabalho. Era o fato de que em um tempo caracterizado pelo desaparecimento da calçada, entre outros sinistros desdobramentos, ele oferecia como um gesto de insurreição aquela persistência de caminhar onde deveria haver uma calçada. Posso parecer tolo, era o seu raciocínio, enquanto pulava as cercas-vivas em forma de meia-lua entre as vagas de garagem e se afastava afetadamente para dar passagem a potentes Chevrolets Suburbans, mas nem de longe tão tolo quanto um mundo sem calçadas — de fato, minha tolice aparente é apenas uma fração de uma tolice maior incalculável cujo contraponto sou eu. Ele não dizia essas coisas em voz alta, nem sequer pensava mais nelas, em si, mas caminhava com certo orgulho declarado, um ar atrevido, ético, que durava exatamente os oitocentos metros da State Street entre o Versailles e a Winnebago College, onde ele entrava num acesso de veículos que descia para o terreno da faculdade, e a paranoia se instalava.

Seguindo a rua sinuosa, Moose ergueu os olhos para as árvores meio desfolhadas, adiando tanto quanto possível o cruzamento de seu olhar com o de seus dois colegas que se aproximavam: Janice Fine, com aqueles olhinhos carentes e aquele penteado que a deixava parecida com um inseto, e Jim Rasmussen, que parecia sempre prestes a vomitar. Juntos, eles haviam encabeçado um movimento oito meses antes para expulsá-lo da faculdade.

— O-lá — cumprimentou Moose, afinal, reforçando a primeira sílaba da

palavra.

Eles fizeram um tépido aceno de cabeça em resposta.

Tendo passado por eles, Moose não pôde se abster de girar nos calcanhares para ver com ansiedade a inclinação conspiratória de suas cabeças, perguntando a si mesmo se eles estavam tramando a sua infelicidade e o seu desemprego futuros. Forçou-se a seguir em frente. Eles tinham medo dele, e ciúme — sim, ele achava que tinham —, pois, apesar do seu currículo ignominioso, apesar do fato de ele ser mal pago e estar encerrado numa salinha escura de subsolo onde não se encontravam outras salas, apesar dessas múltiplas indignidades, que Moose suportava com um estoicismo só tornado possível pelo imperativo de um projeto muito mais urgente, ele era um professor popular. Os alunos gostavam dele. Desciam avidamente para sua toca subterrânea para insistir que os deixasse entrar em sua turma superlotada e pedindo estudos independentes pelos quais a faculdade se recusava a pagá-lo. Por que um monte de alunos da graduação busca um professor que tem um problema catastrófico com contato visual? Moose não sabia ao certo. Muito tempo atrás, tinha atraído as pessoas naturalmente para ele. Passou anos inteiros sem ter uma lembrança de estar sozinho. Esse tempo se foi, é claro, e agora Moose ficava só com frequência. No entanto, sua popularidade entre os alunos o afetava como um último toque caloroso daquela época anterior.

A cada semestre, Moose escolhia dois ou três dos garotos mais ávidos e lhes dava aulas particulares, apesar do profundo desconforto que tinha em se envolver numa conversa cara a cara, sem falar na falta de remuneração. Essas aulas tinham uma importância crítica para Moose — o trabalho da sua vida: transmitir a visão que o tinha transformado dezoito anos atrás, aos vinte e três, a um punhado de outros mais jovens, mais capazes, que pudessem continuar o trabalho quando ele já não tivesse forças.

Mas como fazê-los ver isso? A questão o perseguia, o acossava e o afligia. O próprio Moose não tivera professor. Reconhecera a visão sozinho, num momento singular — da mesma forma que, quando um oftalmologista uma vez apontara uma luz brilhante em seus olhos, ele testemunhara uma paisagem ensanguentada, terra vermelha cheia de fissuras qual lama após uma seca: seus próprios vasos sanguíneos, explicara o médico, e sugerira que essa visão denotava uma

inteligência acima da média.

— Besteira! — disse Moose em voz alta, depois engoliu a palavra porque estava abrindo a porta do Meeker Hall, o prédio de história.

As recepcionistas do departamento, Amity e Felicity, olharam para ele com cautela e apreensão quando ele pegou a correspondência em seu escaninho.

— O-lá — falou Moose, jogando o cumprimento para as duas e depois deixando o domínio delas com alívio.

Não, não se exigia inteligência para o tipo de visão que Moose desejava aos seus alunos — ele estava atravessando o corredor, tendo o cuidado de não olhar para as salas dos colegas a fim de não cruzar com os olhos de alguém e ter que escolher entre conversar ou passar batido — pois a visão não era intelectual, mas instintiva. Um leve indício, depois entendimento, como a queda de um machado. Ele desceu um lance de úmidos degraus de concreto para o subsolo do Meeker Hall e enfiou a chave na porta de sua sala. Só para encontrá-la...já destrancada!

Seu coração disparou num ritmo frenético. Ele empurrou a porta bem devagarzinho para abri-la e depois entrou na sala, alerta a sinais de roubo ou vigilância, mas o local parecia intacto a não ser pela lixeira — vazia, pela primeira vez —, o que significava que Jeremy Toms, o garoto bonzinho com síndrome de Down cujo trabalho era limpar sua sala (misteriosamente excluída da rota da equipe da faxina de praxe) se esquecera de trancar a porta quando terminou.

Moose desabou na cadeira, esgotado. Sua sala era de uma simplicidade que chegava a ser cruel: um quadrado de concreto; mesa padrão; duas cadeiras laranja de cafeteria e um arquivo de aço bege. Mas esses rudimentos grosseiros eram tudo o que ele exigia, lembrava-se nos dias em que a pobreza do seu ambiente lhe roubava a esperança. Eram a pedra, a pederneira e o pavio que ele usaria para fazer uma conflagração! Trancado dentro daquele arquivo bege jazia o material de sua história em vários volumes de Rockford, Illinois, uma obra que seria inédita na escala e na ambição (esperava ele, nos bons dias), seminal na ágil mistura de gêneros e floreios de humor inesperado, e cáustica nos prognósticos para os Estados Unidos pós-industrial, alguns dos quais já haviam se concretizado.

Moose olhou a correspondência, os memorandos e envios de praxe do departamento com três envelopes texturizados mais pesados que fizeram seu

coração pular: missivas de outros acadêmicos. Mas ele optou por não abrir nem examinar aquilo por enquanto. Três cartas significavam pelo menos uma decepção — uma rejeição, uma reprimenda, uma dispensa —, e ele precisava de tempo para recuperar as forças após as dificuldades de entrar no Meeker Hall antes de poder assimilar isso.

Voltou-se, em vez disso, para as várias cartas que tinha datilografado na véspera em sua Smith-Corona elétrica. Moose não possuía computador, recusara-se até a usar um daqueles fornecidos — não, exigidos — pelo departamento de história (prejudicando ainda mais a sua posição) pela simples razão de que não o queria por perto. Desde o incidente em Yale, passara a não confiar em computadores. Eram muito inefáveis, muito sedutores, suas conexões muito difíceis de cortar uma vez formadas. Então, Moose tinha datilografado, com dois dedos, todas as cartas dispostas à sua frente agora. Era um iniciador de correspondência zeloso, ávido do sentimento de comunhão que isso lhe dava, e fazia esperançosas incursões epistolares a domínios tão improváveis quanto inteligência artificial, óptica, física e balé francês, disciplinas em que era possível que alguém jamais tivesse ouvido falar em seus delitos, mas (infelizmente) era provável também que uma pergunta de um Assistente Adjunto de um Professor Adjunto de História (um título inexistente inventado para captar a viva precariedade da posição de Moose) da Faculdade Winnebago não tivesse prestígio suficiente para suscitar uma resposta.

Moose tinha uma regra que observava com rigor: esperava vinte e quatro horas antes de postar qualquer coisa que escrevesse. Às vezes, essa demora lhe causava um desconforto físico, como ter decidido não completar um swing de beisebol ou de golfe (esses prazeres apenas lembrados), mas sabia por experiência própria que a angústia de postar alguma coisa e depois descobrir que alguns aspectos do seu conteúdo eram péssimos ou imprudentes, ou ofensivos ou tolos, era incalculavelmente pior. Então, ele esperava. E ali estava uma carta escrita na véspera para Sara Herz, de Tulane, uma medievalista cujas pesquisas sobre a estrutura das casas do século XIV continham obras sobre as implicações arquitetônicas das janelas de vidro, que Moose tinha citado em seu primeiro livro. Sara sabia sobre ele, claro, o que desencorajou Moose a entrar em contato com ela nesse ínterim. (Sei que já faz tempo, Sara, mas seu recente artigo sobre o

traje feminino medieval tardio nos Países Baixos me levou a revisar sua obra anterior sobre o vidro e me perguntar se os dois podem se cruzar. Especificamente, será que a introdução da luz na vida dentro de casa por meio das janelas de vidro [e a proliferação *grosso modo* simultânea de espelhos] impactou significativamente a evolução dos costumes?...)

Imaginar aqueles primeiros anos de aceleração da visão ensejada pela proliferação do vidro transparente (aprimorado em Murano, *circa* 1300) — espelhos, óculos, janelas —, luz em toda parte tão de repente, mostrando a sujeira e o pó e a imundície que passaram séculos sem ser notados, fascinava Moose. Mas sem dúvida a revelação mais chocante fora o próprio caráter físico das pessoas, seus eus externos piscando estranhamente de volta para eles de espelhos — é assim que eu sou, é isso que os outros veem quando olham para mim —, a fase do espelho de Lacan afetando amplamente cidades inteiras, culturas inteiras! No entanto, como era o caso com quase todos os fenômenos observados por Moose (sua vida sobretudo), uma segunda transformação acompanhou a primeira e reverteu quase todos os seus benefícios, pois agora a cegueira do mundo superava a da época medieval antes do vidro transparente, só que a cegueira atual decorria de *excesso de visão*, aparências desligadas de qualquer realidade, baseadas em nada, a serviço de nada, isoladas de toda a fonte de sangue e vida.

Moose leu a carta a Sara mais uma vez, sentindo que lhe faltava de certa forma o tom de indiferença despreocupada que ele tinha a intenção de passar, antes traía um cheiro de excesso de ansiedade, e assim (ele temia) o seu isolamento essencial. Pôs de lado a carta, respirando aliviado pelo fato de ela ainda estar em sua posse para ser aprimorada, depurada dos impulsos claros e furtivos que o moviam sempre sem o seu conhecimento. Controle, controle. Desde que ele o mantivesse, os esforços nefastos de Janice Fine e Jim Rasmussen não dariam em nada. Desde que o mantivesse, ele tinha alguma esperança de realizar o resto.

A carta seguinte era para uma historiadora da arte na Universidade Fordham chamada Barbara Mundy, cujo livro, *The Mapping of New Spain*, fez Moose passar três noites seguidas em claro. Ele tinha esperança de conseguir a ajuda da

Professora Mundy para interpretar a própria vasta coleção de mapas de Rockford, mas havia um obstáculo: segundo a nota em seu livro, a professora tinha concluído tanto o bacharelado quanto o ph.D. exatamente na *Universidade de Yale*, levantado assim o espectro — até a probabilidade — de que ela estudasse lá durante o Episódio da Bomba ou na mesma época.

Cara Professora Mundy:

Já li seu livro sobre cartografia do Novo Mundo e lhe escrevo num deplorável estado de estupefação diante da elegância e da beleza de sua argumentação.

Gostaria muito de me corresponder com a senhora mais detalhadamente, mas aguardarei a sua permissão antes de fazê-lo. Minha reputação me precede, como infelizmente tenho profunda consciência, e talvez a senhora não deseje ter nada a ver comigo. Sem voltar aos tristes acontecimentos de uns anos atrás, porém, permita-me dizer-lhe isto: o terrorismo em si nunca foi a minha intenção.

Peço informar-me tão logo lhe convenha se posso voltar a lhe escrever. Aguardarei desassossegado a sua resposta...

Não, isso foi errado. Desassossego não cabia em tal carta. Moose riscou aquilo e escreveu à mão, Torço por sua resposta, e a aguardo com ansiedade. Muito forçada? Bem, melhor forçada que arrebatada. O objetivo era induzir uma resposta, fazê-la responder; fazê-la corresponder (*e você não sabe que ela não responderá*, dizia uma voz que às vezes lhe insuflava coragem — a voz de seu pai, Moose às vezes pensava).

Enfiou uma folha em branco de papel timbrado em sua Smith-Corona e passou a limpo a carta para a Professora Barbara Mundy tal como corrigida, sentindo um espasmo de gratidão por seu acesso permanente a papéis de carta timbrados, gratidão que trazia consigo um corolário, o frio indício do que poderia ser enfrentar o mundo sem acesso a papéis timbrados — uma pessoa sozinha, sem afiliações.

Selou a carta e saiu da mesa, inquieto. Levantou a persiana que cobria a única janela, metade abaixo do nível térreo e metade acima. A metade abaixo oferecia um corte lateral de terra e raízes e grama que lembrava a Moose a fazenda de

formigas que ele tinha quando criança. Até teve a oportunidade, se podíamos chamar assim, de assistir de camarote ao acasalamento de minhocas, depois observar as minhoquinhas resultantes enquanto elas se retorciam e comiam. A parte acima do térreo admitia uma nesga comprometida de luz do dia, e, pelo fato de dar para um caminho pavimentado, proporcionava a Moose uma visão ímpar dos calçados de seus colegas, seus saltos gastos e solas furadas, suas sandálias de tiras e seus pés brancos gelatinosos. Esta parte superior era travada (a parte de baixo abria, se o acaso quisesse, despejando água lamacenta quando chovia torrencialmente). Mesmo assim, Moose lutava, agora, como fazia quase todos os dias, para abrir a metade de cima da janela, convencido de que, de repente, seus anos de esforços cumulativos fariam a janela correr sem esforço e abrir, assim como esperava que a visão que tentava revelar aos seus alunos se proclamasse com súbita clareza.

E quando se proclamasse, estaria em tudo o que eles olhassem, porque *somos o que vemos*.

Moose disse essas palavras para sua sala vazia, cujas paredes de concreto isolado as impeliram de volta aos seus ouvidos:

— Somos o que vemos.

E por ser assim — somos o que vemos —, uma vez que uma pessoa tivesse contemplado com os próprios olhos a visão, sua vida seria arrasada como uma casa de palha por sua força aniquiladora (Moose sabia, ah, sim), um colosso que era como uma baleia nadando para trás embaixo de uma pequena balsa e atirando para os confins da terra o seu habitante e os utensílios insignificantes que ele tola mente julgara capazes de protegê-lo. Ou talvez não uma baleia, pois às vezes as sombras lançadas pelas formas no alto — nuvens, por exemplo — vistas da superfície da água pareciam coisas gigantescas pairando no ar, portanto talvez a devastação viesse do alto... a ideia interessou Moose, e ele tomou nota para examiná-la mais tarde. “Nuvens, baleia.”

Em suma, recuperar-se da visão era impossível — isto é, definindo-se “recuperação” como a retomada da existência anterior da pessoa. A visão colocava um peso esmagador nas costas de quem a havia entrevisto. Os poucos, pouquíssimos que haviam feito isso estavam quase certamente fadados a...

Um ruído penetrou seus pensamentos. Um barulho. Uma batida à porta: sua sobrinha. Ela entrou, usando um suéter azul-vivo, o cabelo num rabo de cavalo. A filha de Ellen. E agora sua aluna. Moose ainda não sabia ao certo exatamente por que ela era sua aluna — para irritar o pai, tinha pensado, e ficou feliz por ser conivente. Mas a presença persistente de Charlotte começava a desconcertá-lo.

Em vez de sentar-se, como ela sempre fazia, Charlotte ficou de pé à porta, e Moose percebeu uma mudança nela. Ela parecia... infeliz? Feliz? Ele não era perito em adivinhar os estados de espírito dos outros. Naquele seu estado febril, supersuscetível, ele tendia a presumir que todos à sua volta sofriam. Charlotte estava com olheiras. Parecia distraída — por alguma dor íntima. Que Deus o ajudasse!

— Como está hoje? — conseguiu perguntar Moose.

— Bem — disse ela, e sentou-se (pesadamente) em uma das cadeiras de plástico laranja em frente à sua mesa.

Colocou os livros — os muitos que ele lhe emprestava, a maioria dos quais ela não lia — na segunda cadeira.

— Ricky está...?

— Ah, ele está ótimo — respondeu ela, com uma risada amarga. — Está andando com garotos da minha idade.

Moose sucumbiu ao desejo de não olhar para ela. Em geral obrigava-se a olhar. Quem não olhava nos olhos dos outros não era confiável — assim diziam. Ele se treinara para olhar para as pessoas durante as conversas, mas sem focalizar a vista, e elas ficavam distorcidas, imprecisas. Moose acreditava firmemente em regular as imagens que a pessoa permitia penetrarem nela. E não era “penetrar” precisamente a palavra? As coisas que víamos não entravam, nos sentidos literal e figurado, na gente de um jeito que era a um tempo invasivo e profundamente íntimo? Moose rabiscou uma nota para si mesmo. *Ver — sexual??*

Ele estava assustado com a presença da sobrinha diante da sua mesa.

— Aqui — disse ela, sorrindo com o que pareceu um grande esforço e lhe entregando duas folhas de papel de uma pasta azul com “Tio Moose” escrito na frente. — Isto foi o que escrevi pelo tempo que faltei.

Moose olhou para as folhas. Ah, sim, o ensaio sobre mecânica.

— Por que não lê em voz alta? — sugeriu ele, ansioso para ser liberado da conversa por mais vários minutos.

Essa tarefa pareceu animar Charlotte, e ela levantou a página. 1852: Um Ano Enorme. Seu título. Sempre tinha um título, um cabeçalho. Moose achou isso simpático.

1852 foi o ano em que Rockford se transformou de uma cidadezinha em cidade muito incipiente... E prosseguia. A ferrovia, a chegada dos suecos... o pico populacional. Moose roía as unhas.

Então, em 1852, foi criada a Companhia de Energia Rockford para construir uma nova barragem. Agora essa “energia” não tinha nada a ver com eletricidade, porque ainda não existia eletricidade! Isso era energia mecânica...

A barragem, a corrida, rodas de pás movendo eixos que corriam ao longo dos tetos das fábricas. Moose ficou reconfortado, como sempre, com a ideia da energia mecânica — sua clareza, sua simplicidade. Isso impulsiona aquilo. Quão distante dos caprichos da energia hoje; o que “energia” significava, inclusive?

... E quando isso tudo estava montado e funcionando, muitas outras empresas vieram para Rockford, e ela ficou famosa por suas manufaturas.

Moose fechou os olhos. Era uma menina doce, a sua sobrinha, tão ávida, pegando cada coisa que ele dizia como uma foca se atirando para pegar peixes, mas o que ela fazia com isso? Onde isso entrava em seu cérebro de aluna de segundo grau?

— A base da mecânica, como acho que discutimos — disse ele —, é a conversão de força... — ele parou para dar ênfase — em movimento.

Charlotte mal ouvia. Lendo em voz alta para o tio, ela afinal tinha começado a despertar do profundo torpor que a transtornara a partir do momento em que se afastara de carro da casa de Michael West. Exatamente sete dias atrás. Desde então, a vida normal ficara intolerável, uma negação de sua ligação com ele em cada detalhe: seu quarto azul, seus peixes, a mangueira de jardim enrolada no pátio, seus

pais diante dela na mesa de jantar — cada uma dessas coisas era uma pedra somada às várias que ela já carregava na cabeça.

Depois da escola, ela passava de bicicleta pela casa dele. Uma vez, deu a volta pelos fundos e encontrou um gramado minúsculo, um galpão trancado, uma mesa de piquenique descascada. Arrastou a mesa de piquenique até a janela (repondo-a exatamente no mesmo lugar, afofando a grama que havia amassado), depois subiu em cima e espiou dentro da casa. Sombras, réstias de luz. Quase nada de mobília. A estranheza daquilo a comoveu. No entanto, Michael West não sentia o vínculo entre eles. Ela não era nada para ele. Uma garota que tinha chorado em sua cozinha.

Mas ali na sala de Moose, a distância entre ela e o professor de matemática começou a parecer porosa, contornável. Um ritmo que ela sentiu na presença dele era sensível ali, também. Charlotte notou seu couro cabeludo encolher na cabeça enquanto ela se forçava a escutar o tio, e depois uma única frase — “conversão de força em movimento” — fechou-se em seu cérebro. Ela sentou-se muito empertigada. Força em movimento! Era uma questão de forçar Michael West a agir, fazendo-o amá-la como ela o amava. A resposta era *energia*. Mecânica. Bruscamente, fez sentido.

— Claro, certos tipos de mecanização já existiam há séculos — dizia Moose.
— As rodas d’água, por exemplo, datam do século I a.C....

— Moinhos de vento — murmurou Charlotte, batendo os pés.

— Muito bem! — retrucou ele, gratificado até por esta tênue demonstração de participação. — E já falamos antes da mineração, uma das primeiras indústrias.

Ela o observava daquele jeito estranho, cheio de expectativa, e Moose foi silenciado, desanimado com a quantidade de degraus (milhões, muitos para subir, ou talvez simplesmente lhe faltasse energia) que se abriam entre as observações hesitantes e familiares de Charlotte até a primeira leve vibração que precede a visão — a primeira penumbra fantasma da visão. *Estou esperando alguma coisa acontecer*, disse ela uma vez, o que empolgou Moose por uma hora, talvez, até ele se lembrar de que a frase poderia significar quase qualquer coisa.

— Sabe — começou ele —, estou com um pouquinho de dor de cabeça.

— Tenho aspirina.

— Não. Não, obrigado.

Ele segurou a cabeça e esperou que Charlotte sugerisse um adiamento. Este código funcionava lindamente entre seus alunos da faculdade, os mais escolarizados estavam tão acostumados com as “dores de cabeça” de Moose que às vezes se levantavam mal ele massageava inadvertidamente as têmporas. Mas Charlotte não arredou pé, e Moose sentiu — que Deus o ajudasse — que o que a mantinha na cadeira laranja era o desejo de falar com ele sobre algum assunto sem qualquer ligação com a Companhia de Energia Hidráulica de Rockford. E à luz dos sintomas iniciais de distração dela, parecia possível — não, provável, que a questão que Charlotte desejava discutir com ele fosse pessoal. Que Deus o ajudasse! Mas ela era sua sobrinha. E sua aluna! Se quisesse ajuda, ele tinha que ajudá-la!

— O que eu preciso — disse Moose — é de uma caminhada. O que você acha?

Trancou a porta da sala e foi mostrando o caminho do Meeker Hall para o pequeno bosque cerrado atrás do prédio, árvores caducifólias, espinhosas e semidesfolhadas — uma mera suspeita do aspecto que Rockford (ou “Cidade Floresta”, como era conhecida no passado) devia ter em 1852. No vento forte, bastante intenso, as folhas secas cinzentas farfalhavam nas árvores. Moose usava um cachecol vermelho que Ellen tinha lhe dado no Natal passado. Os passos de Charlotte rangiam atrás dele numa trilha estreita, e ela buscava coragem para lhe pedir conselho.

Afinal, seu tio fez uma pausa, e Charlotte virou-se para ele, levantando a voz:

— Tio Moose, se uma garota ama uma pessoa, um cara — ela evitou “homem” no último segundo —, como ela pode fazer ele *sentir desejo* por ela?

Ela tinha repetido esta frase de Michael West tantas vezes que as palavras saíram ligeiramente temperadas com o sotaque dele.

Moose riu como se tivesse levado um pontapé — uma risada tão generosa e alegre que Charlotte não pôde se ofender.

— Ninguém me faz uma pergunta como essa há, ih, nossa... quanto tempo? — disse ele, com olhos brilhando, alegres. — Cem anos, eu acho.

Estavam parados perto de um emaranhado de plantas, e Moose foi entrando no meio delas, afastando as árvores para os lados para Charlotte poder passar atrás

dele.

— Aqui — disse, pisando nas folhas com seus sapatos pretos. — Se não me engano, há um riacho logo ali.

O tio mostrou o caminho, andando no capim seco até a beira de — sim — um riacho, onde a água rasa remoinhava numas pedras cor de ferrugem e caía num poço escuro e parado. Moose foi até a beira e se debruçou, olhando o poço. Depois se agachou.

— Quando criança, eu costumava pescar aqui — falou.

— O que você pegava?

— Peixinhos.

Ele fechou os olhos. Lembrar a juventude era uma experiência desagradável para Moose. Ele entendia que, quando garoto, tinha vivido em estado de cegueira, mas sabia, também, que um mal-estar, uma dor que hoje o acompanhava em cada minuto da vida, ainda estava ausente naquela época. Quando se imaginava criança, Moose via um garoto observando-o do vão de uma porta, por uma tela, e uma bolha de tristeza estourava em seu peito, como se ele estivesse vendo alguém que tinha morrido ou desaparecido inexplicavelmente, uma criança de caixa de leite, como se uma conexão vital entre ele e esse garoto tivesse se perdido. E apesar de tudo o que Moose sabia estar conseguindo agora ou tentando conseguir, ele ainda sentia — inexplicavelmente — que tinha falhado em cumprir a promessa daquele garotinho, e estava sendo visitado por seu fantasma infeliz.

Ellen, ele sabia, compartilhava o seu sentimento de promessa quebrada. Essa era uma das muitas razões pelas quais ele evitava a irmã. Será que o fato de duas pessoas enxergarem uma coisa não a tornava verdadeira, em algum sentido?

— Tio Moose? — chamou Charlotte.

Ele tinha ficado um bom tempo agachado à beira do poço, olhando os peixinhos salpicados de marrom abrirem a boca na superfície, e enquanto isso ela passou da esperança de que ele estivesse organizando as ideias para responder à sua pergunta à convicção de que ele tinha se esquecido da pergunta, e dela, completamente.

— Sim! — Moose se voltou para ela, fitando-a com olhos brilhantes e úmidos.

Sobre o que andaram falando? Ele estava desconcertado, perdido no turbilhão de seus pensamentos... Ela queria algo, mas ah, Deus, o que é que havia pedido? E na ânsia de saber, na culpa por ter se esquecido, Moose olhou com atenção para a sobrinha de um jeito que quase não olhava para ninguém, procurou o rosto dela com olhos profundamente focados. Ele a viu: uma garota preocupada e esperançosa que aparentava menos idade do que tinha, quebrando uma folha em pedaços. E por um momento foi Charlotte, não Moose-garoto, que olhou para ele do limiar daquela porta imaginária.

— Siga o seu desejo — disse ele, com uma força que espantou até a si mesmo. Sem dúvida isso responderia a qualquer pergunta que ela tivesse feito.

Era a crença da inocência, da cegueira — da felicidade da meninice sem a dor. Moose queria essa felicidade para Charlotte. Libertá-la, ele queria isso. Soltá-la nos prazeres cegos e ágeis da vida normal, uma vida que ele mal conseguia imaginar ainda, e muito menos lembrar. Uma vida que ele desprezava e invejava.

— Vá se divertir. Agarre o prazer onde quer que possa encontrá-lo.

— Mas e se as pessoas se voltarem contra mim? — disse ela, em pé bem pertinho dele, embaixo das árvores. — E se elas rirem?

— Então deixe as pessoas para trás — retrucou Moose, se levantando. — Não deixe que elas a envergonhem; vergonha é o mundo tentando domar você, e você tem que resistir! Tem que resistir! — Suas próprias palavras o estimularam, e ele se entusiasmou. — Não olhe para você com os olhos delas, não. Ou elas terão vencido, porque... — ele parou, depois deu um passo à frente, vertiginosamente — ... porque somos o que vemos.

Era a primeira vez que Moose falava essas palavras para outro ser humano. Ele imaginou isso acontecendo de maneira diferente, um solene desfecho pedagógico. Não importa. Aqui, também, elas serviriam.

Ele sentiu uma paz repentina. *Somos o que vemos.*

Charlotte estava olhando para ele. Em seu olhar, Moose via os rostos de seus alunos nas raras ocasiões em que uma onda de emoção ainda o arrebatava na sala de aula, a energia correndo dos seus dedos, do alto da sua cabeça. Sentia a atenção deles se concentrar em volta de si mesmo e experimentava um sopro de euforia, um velho prazer meio esquecido de uma época em que ele era outra pessoa.

— Seguir o meu desejo — disse Charlotte. — É isso que você acha?

— Aonde quer que ele possa levar.

Moose liberou-a, abrindo as mãos no ar frio do outono, soltando-a no mundo, o mundo cego e pacífico onde ele já não parecia ter um lugar.

— Você não tem nada a temer — afirmou —, nada. — Depois acrescentou: — É a sua única chance de ser feliz.

★ ★ ★

Michael West estava em pé dentro de uma casa de tijolos brancos, uma casa de aspecto moderno cuja brancura trazia à mente casas caídas num penhasco. Fechou os olhos e respirou a lembrança: paredes brancas, um mar leitoso, vento que deixava na pele uma finíssima camada de sal. Ele se permitia uma recordação por dia e não a deixava evoluir além dos sentidos imediatos. Quase nunca se lembrava de pessoas. Acreditava que conseguiria se obrigar a não se lembrar de nada, se escolhesse, mas achava também que as coisas completamente recalçadas tinham o poder, em alguns casos, de explodir.

— Posso lhe trazer outra bebida?

Era Mindy Anderson, dona dessa casa branca onde estava acontecendo o Coquetel Anual de Pais e Mestres. Uma mulher magra com um nariz comprido e cabelo louro ralo. Ela estava preocupadíssima com a felicidade dele.

— Sim, por favor — respondeu Michael. — Outra cerveja seria ótimo.

Desde que chegara a Rockford, ele havia começado a beber álcool e estava estarecido com o puro prazer de ficar ligeiramente embriagado. A sensação de leveza que o álcool provocava, a convicção de que era possível fazer tudo; como combinavam bem essas sensações com seu atual ambiente gigantesco — casas como navios, supermercados maiores que as maiores mesquitas, vegetais, caixas de correio, tudo incrivelmente aumentado, chegando a ser cômico. Quilômetros e quilômetros de estacionamentos. Podia-se construir uma cidade nos espaços esquecidos entre duas coisas. Estar embriagado fazia-o sentir-se mais americano.

Um casal se aproximou, a mulher grande assim como sofás e geladeiras são grandes, vestida com um terninho floral solto que esvoaçava em volta dela como

uma coleção de bichos de estimação ansiosos.

— Alguém me falou que você é o Sr. West — disse ela num tom que o fez desejar que estivesse equivocada. — Minha filha, Lori Haft, está na sua turma de álgebra.

Então o marido se adiantou e se apresentou, um homem grande que assobiava um pouco quando respirava.

— Lori, sim — retrucou Michael.

Uma garota com cabelo dourado e pernas compridas e finas como presas. Será que essa podia realmente ser a sua mãe?

— Estou preocupada com as notas dela — comentou a mãe, estreitando os olhos.

Seu cabelo era curto, cortado rente. Michael ficou meio aflito. Ele conhecia essa mulher: a tola que tudo vê. Ela o perseguira vida afora, embora aparecesse com mais frequência como homem.

— Por favor, me conte as suas preocupações, Sra. Haft.

— Bem, ela estuda loucamente, mas diz que o senhor não lhe dá nenhuma ideia do que é importante. Ela não o entende.

Os olhos dela faiscavam, desconfiados.

Qualquer ameaça, mesmo pequena como essa, provocava uma calma em Michael West que quase parecia sono.

— Acho que estou sendo bem claro — disse ele. — Mas talvez não o bastante.

— Talvez — disse ela com um leve sarcasmo, como se a própria palavra comprovasse o argumento.

— Se ela me encontrar depois da aula, eu revejo com ela o que é importante.

— Mesmo? O senhor faria isso?

Pronto, um relaxamento. Ela era egoísta, afinal. Egoísta acima de tudo. Quase todo mundo era.

— Se Lori tomar a iniciativa, estarei disponível.

— Abby Reece diz que o senhor é da Califórnia — falou a mulher. — Mas parece estrangeiro.

Mentalmente, ele a amaldiçoou. Seu sotaque era muito leve, desde que evitasse as palavras que não praticara. Logo seria inexistente. Claro, ele ainda não tinha

desenvolvido uma voz individual. Sua maneira de falar e sua dicção eram copiadas da tevê e das pessoas que o cercavam. Sua gramática era cautelosa, estudada. Mas no fim uma voz também apareceria. Sempre aparecia.

— Morei muitos anos no exterior — informou ele.

— De onde o senhor é exatamente?

— Smithton. É perto de L.A. — disse ele, e depois, como se ela pudesse não entender: — Los Angeles.

Claro, uma evasiva assim pareceria inútil em qualquer outro lugar do mundo. As pessoas se identificavam por dialeto, família, sotaque. Mas, nos Estados Unidos, havia sempre algum outro lugar. E Michael West tinha um dom para línguas e sotaques — mais que um dom, ele não resistia a essas coisas. Elas agiam sobre ele como campos magnéticos, soltando a sua fala da paisagem de seu próprio passado e reconfigurando-a à imagem de seu ambiente imediato. Os sotaques eram história. Um sotaque declarava *venho de outro lugar*. Mas, para Michael West, o passado tinha morrido, pulverizado em grãos de memória muito finos para decifrar ou para deixá-lo com qualquer sentimento de perda.

— E onde passou esses anos todos? No México?

Ele teve uma fantasia sensorial de agarrar aquela cabeça orgulhosa, inchada, e enfiar a pistola naquela papada flácida, observando a expressão dela se transformar num medo tão horroroso que pareceria ternura.

— França — disse-lhe, forçando tanto o primeiro “a” que ele se partiu ao meio e ocupou quase a palavra inteira.

Você quer os Estados Unidos, aí está, pensou.

Felizmente, outra mulher que era amiga dela chegou, e Michael foi liberado. Foi para a janela e olhou o estranho arranjo do gramado: um de grama verde rente, um segundo de capim comprido seco e marrom. Os gramados se encontravam atrás da casa numa linha. Ele fechou os olhos, liberando-se para a exaustão que o consumia desde a sua chegada a Rockford, Illinois. Cada noite, ele esperava o sono como a uma refeição.

— Estamos pensando em fazer tudo campina.

Mindy Anderson ao seu lado de novo.

— Campina? — Não era uma palavra que ele conhecesse.

— Está vendo, fizemos esse trecho como experiência. — Ela mostrava a metade marrom do gramado. — Acho que George pensou que seria muito selvagem, mas eu adoro. Claro, está quase morto agora.

— Como isso funciona?

Fez a pergunta com hesitação, sempre relutando em reconhecer os vastos buracos negros em seu conhecimento. Mas o instinto lhe disse que essa discussão dizia respeito à moda, não à substância, que não saber não tinha problema.

— Bem, eles têm a mistura básica de grama. Então você pega um daqueles Flores Silvestres. Escolhi o “Arco-íris”, você devia ter visto isso na primavera e no verão, era de todas as cores que se pode imaginar, mas sutil, também, tipo... tipo flores silvestres de verdade num campo. Ah, droga, as pessoas estão indo embora. Com licença.

Ótimo, pensou ele, as pessoas estavam indo para casa. Logo poderia dormir. Campina. Campina era capim, capim silvestre que estava na moda para os gramados. “Estamos pensando em fazer tudo campina”, ela disse. *Fazer campina*. Baixinho, ele falou: “Você já pensou em fazer campina?” Mas não, a tônica estava errada, a gramática, muito formal. A frase tinha que diminuir. “Já pensou em fazer campina? Já pensou em fazer...”

— Não fale sozinho. Fale comigo.

Era Abby, sorrindo. Abby Reece, uma professora de inglês cujo cabelo escuro ondulado tinha uns fios grisalhos. Seus olhos também eram cinzentos, arregalados e pensativos e suscetíveis. Michael a tinha levado para jantar quatro vezes. A última fora duas noites atrás, e eles viram um filme — o primeiro dele em muitos anos. Ele fora ao cinema na véspera para observar o processo: bilhetes e concessões, toaletes, poltronas; quanto menos ele sabia, mais precisava conhecer para se sentir à vontade. E quando voltou ao cinema, com Abby, tudo era familiar, como se fosse natural. O filme era sobre um médico que começa a pensar que seus pacientes são animais. Porcos e ovelhas jaziam em camas de hospital. Michael não sabia o que dizer sobre o filme depois, mas isso parecia não ter importância.

— Eca — protestou Abby, e eles voltaram para a casa dela e deitaram em cima de sua colcha azul-metálica e fizeram sexo, a primeira vez dele em meses, enquanto os filhos dela dormiam.

Depois, no momento em que ele tomava chá na cozinha de Abby, as crianças apareceram, duas delas, como fantasminhas. Michael nunca as havia visto. Abby não queria. Elas eram muito pequenas. Em sua presença, ele sentiu o despertar de uma lembrança, que abafou. Abby enxotou as crianças.

— Me desculpe — disse ela à porta, quando ele estava indo embora. — Elas quase sempre dormem a noite toda.

Abby Reece trazia consigo uma vida. Sua casinha, seus dois filhos e seu esguio gato cinzento, sua coleção de bonecas antigas com cabeça de porcelana. Poderia se tornar a vida de Michael, também — da noite para o dia, do jeito que os restaurantes apareciam na State Street, completamente formados, montados a partir de peças de plástico que chegavam em caixas compridas empilhadas em caminhões. Ele já tinha ido de carro a esses canteiros de obra no meio da noite e observado as equipes trabalhando. Cada peça era numerada. Até bancos podiam ser construídos assim. A música ambiente, ele aprendera, era transmitida via satélite para todas as encarnações de uma loja ou de um restaurante específico, de modo que em Nova York e Atlanta e Los Angeles a mesma canção estava sempre tocando.

— Proponho a gente se pirulitar daqui — sugeriu Abby.

— Claro — disse ele, insatisfeito com o jeito como a palavra agarrou no seu dente. *Claro*.

Até logo, até logo. Muitíssimo bem. Ele cumprimentou o anfitrião, um homem rico e bochechudo cujos cinco filhos ou estavam estudando ou já tinham estudado na Baxter.

— Belíssimas obras de arte — comentou Michael, olhando os borrões nas paredes que pareciam merda, ou meleca.

— A sua presença aqui é uma alegria para nós e esperamos que fique — retrucou o anfitrião, sorridente.

— Obrigado — falou Michael.

No carro, ele pegou a mão de Abby. Eram mãos fortes, mãos de mãe. À noite, imaginou-as tocando nele.

— Tenho que liberar a baby-sitter — disse ela —, mas você pode ficar para jantar.

Talvez porque ele já tivesse visto os seus filhos.

— Acho que não — respondeu. — Estou muito cansado.

Ela riu, desapontada. Era uma boa pessoa, confiável. Ele tinha lhe dado a impressão de que passara por uma tragédia, filho morto, mulher morta. Não fora específico, e ela era muito educada, muito respeitosa para perguntar o que exatamente o fizera abandonar uma vida e começar outra. Como quase todo mundo, Abby presumia que só uma catástrofe poderia levar uma pessoa a fazer tal coisa, mas Michael West fizera isso mais de uma vez. Havia um frescor em deixar para trás uma vida pela próxima, uma sensação crua, um formigamento que estava a um passo da dor. Um imperativo da mente e do espírito que tinha moldado novamente os fatos da vida dele como as marés redesenhando uma praia. E em cada vida nova havia Abby, aguardando a sua chegada — mais do que uma Abby, às vezes —, gente com espaços vazios ao lado onde Michael poderia se colocar e fazer parecer que seu lugar era ali.

Eles passaram por dois McDonald's, mas ele se treinara a não olhar para essas lanchonetes na presença de terceiros. Nunca pusera os pés em nenhuma.

Michael entrou no acesso de veículos da casa de Abby, uma casinha térrea de tijolos amarelados, indistinguível diante de milhares de outras casas em Rockford.

— Quer entrar um minuto? — perguntou ela, por educação dessa vez.

Esperando que ele recusasse.

— Claro — disse ele, testando a pronúncia mais uma vez.

Queria prolongar a presença das pessoas à sua volta mais uns minutos, adiar sua solidão.

Com a solidão vinha a exaustão, o sono, mas por baixo do sono, correndo através dele na forma de sonhos urgentes e perturbadores, estavam as perguntas a que ele teria que responder tão logo estivesse descansado: o que estava fazendo em Rockford, Illinois? E onde estava a conspiração que ele tinha vindo destruir nos Estados Unidos?

Abby pareceu surpresa, feliz por ele entrar. Seu marido, Darden, tinha fugido para a Califórnia dois anos antes com uma jovem de nariz falso, queixo falso e seios falsos. Salvo por pagamentos esporádicos feitos de má vontade, ele não tinha contato com Abby ou com os filhos desde essa época. Michael precisava dominar

a curiosidade em relação a esse homem, Darden Reece. O que ele esperava encontrar na Califórnia, e será que tinha encontrado?

Abby abriu a porta de entrada, e as duas crianças, Colleen e Gavin, atravessaram a sala correndo ao seu encontro. Michael viu a baby-sitter desligar depressa o telefone, e piscou para ela saber que ele a vira. A moça tinha unhas compridas cor de laranja e estava mascando um chiclete tão colossal que deixava sua bochecha inchada. Sua idade — dezesseis, ele calculava — o fez lembrar de outra garota, aquela que o seguira até sua casa.

Sem pensar, Michael levantou Colleen nos braços, uma ratinha, pés melados com algo do chão. Abby, que estava pagando a baby-sitter, olhou espantada, mas feliz, também — feliz por ele querer levantar a filha. Michael segurou a menina de quatro anos que saracoteava e sentiu quão facilmente ela poderia se tornar sua. As pessoas eram trepadeiras aguardando uma chance de se fixar — os pés pegajosos de Colleen em sua camisa, seus bracinhos em volta do seu pescoço, sua mãe parada ali perto, observando-os com ansiedade e esperança. Com muita facilidade se podia entrar na vida dos outros. Gavin, o garotinho de dois anos, agarrou-se à perna de Michael, e Michael o levantou, também, então as duas crianças se contorciam em seus braços, e ele sentiu uma atração profunda como a da gravidade, um desejo de relaxar, de deitar ali com aquela mulher e seus filhos calorosos e agitados e nunca mais ir embora. Então apagou essa ideia. Não daria certo. Sua alma era muito pequena. A da maioria das pessoas era grande e mole, cheia de sensações e necessidades que teriam tornado a vida insuportável para Michael West, como tentar funcionar com a barriga aberta, segurando as entranhas com os dois punhos. Sua própria alma era limitada e dura, branca como diamante. As pessoas viam nela o que queriam. Este era o seu dom: ser abençoado com uma alma que prometia tudo o que as pessoas desejavam, e nada cedia.

Ele sabia o que adviria da “acomodação”, quão bem-vinda seria a princípio. Mas se fosse se casar com Abby e se mudar para sua casa e ir à igreja aos domingos com os filhos dela, se tivesse que fazer churrasco e alimentar o gato e começar a jogar golfe o tempo todo, sua dura alma branca estaria queimando lentamente através dos tecidos moles da sua nova vida até enfim ela furar a última camada e ele se achar fora dela. Não importava quantas camadas uma vida contivesse, a sua

alma acabaria atravessando a mais externa, levando-o com ela.

Abby foi para a cozinha começar o jantar. Ainda segurando os filhos dela, Michael chegou e lhe disse que estava indo embora.

— Não! — gritou Colleen, e Gavin imitou-a sem entender.

— NÃO. NÃO!

As crianças se agarraram ao seu pescoço como macacos frenéticos quando ele tentou soltá-las.

— Crianças — disse Abby, severa, e elas o soltaram ao mesmo tempo.

Quando ele as colocou no chão, ficaram bem quietinhas.

Ela tinha despejado um pacote de fettuccine para micro-ondas numa tigela de vidro — pó, macarrão — e estava acrescentando água.

— Tem certeza de que não quer ficar? — perguntou despreocupadamente.

À porta, Colleen abraçava as pernas de Michael e beijava seus dois joelhos. Ele não tornou a levantá-la.

Pegou o carro e foi depressa para casa, uma casinha de dois andares que tinha uma atmosfera diametralmente oposta à daquela que acabara de deixar. Abby não conhecia a casa dele, e ficaria chocada, ele achava, com o seu vazio. No momento, a casa lhe servia à perfeição.

Cansado. Exausto. Arreventado. Acabado. O inglês coloquial carecia de vocabulário para expressar a enormidade do que ele sentia havia meses, desde que tinha chegado àquele lugar. Foi pegar uma cerveja, depois mudou de ideia e se serviu de um copo de leite, que levou para o quarto. Ali havia uma cama, uma cômoda e, obviamente, um aparelho de tevê, essa arca do tesouro americana. Ele assistia a programas a que todo mundo assistia, e quando não estava assistindo, escutava — para ouvir os sotaques, os fatos, o conhecimento comum. Às vezes tinha dificuldade de distinguir os acontecimentos da tevê dos verdadeiros. Certas coisas da tevê podiam acontecer na vida real, até nos Estados Unidos. Ele tomou uma chuveirada no fim do corredor, escutando os trechos de som que lhe chegavam acima do barulho da água corrente, e com o cabelo e o corpo ainda molhados deitou-se na cama e olhou o seu livro de obras eróticas japonesas, depois decidiu não o pegar. Muito cansado. Sentiu um momento de arrependimento por não ter ficado com Abby. Desejava sexo com um ser humano.

Mas sexo, não amor. Não *fazer amor*. Dava muito trabalho.

★ ★ ★

No meio da noite, a campainha tocou. Michael acordou num acesso de medo e pulou da cama, o que fez faíscas inundarem sua mente. Por um momento, sentiu-se prestes a desmaiar. Mas logo o seu lado calmo e racional estava restaurando a ordem: se os seus compatriotas o tivessem localizado, então que fosse. Ele sempre soube que isso podia acontecer. Mesmo assim, sentiu a descarga de ansiedade nas pernas e nos braços quando a campainha tocou pela segunda vez.

Vestiu o jeans e enfiou a Walther na cintura, encostada na barriga, não que uma pistola fosse ter alguma utilidade se eles o tivessem encontrado, mas fazia com que se sentisse mais forte. Pegou uma camisa de um cabide e abotoou alguns botões, o suficiente para cobrir a Walther, depois entrou lepidamente na sala vazia na frente da casa, a sala de onde ele podia ver quem estivesse parado à porta. Alguém magro, do sexo feminino. Ao luar, uma bicicleta vermelha brilhava encostada na grama.

Ele desceu a escada e abriu a porta da frente. Era a garota, segurando um aquário de peixes.

Ele sentiu uma onda de alívio tão imensa que lhe doeu nos olhos. Teve a sensação de que a garota trouxera esse alívio, por mais irracional que isso fosse.

— Olá — disse, atordoado com a calma súbita do seu coração.

— Oi — retrucou ela, e estendeu o aquário. Havia três peixes lá dentro, lisos e coloridos: rubros, vermelhos. Pareciam flores. — São para você.

— Obrigado — falou Michael, pegando o aquário das mãos dela.

Ainda estava com sono, a exaustão já fluindo de novo em torno dos estilhaços de pânico, reclamando. Abriu a porta e foi na frente dela para a cozinha, onde colocou os peixes na mesa. Ao acender a luz, viu quão feia era a sua cor, quase verde. Ele compraria uma lâmpada diferente, ou talvez um quebra-luz. Alguma coisa para filtrar a luz. Os peixes batiam com muita delicadeza nas laterais do aquário.

— Eles estão com frio — comentou a garota.

Ela usava uma jaqueta jeans e uma camisa branca por baixo, uma camisa de homem, bem parecida com a dele. Seu cabelo estava puxado para trás num rabo de cavalo, e ela usava óculos. Tinha as bochechas vermelhas.

— Você carregou esses peixes na bicicleta? — perguntou ele.

— Só preciso de uma mão para guiar — explicou ela. — Você deve deixar o aquário perto da sua cama.

— E por quê?

— Se ficar olhando os peixes antes de dormir, eles lhe dão bons sonhos.

Isso atraiu a atenção dele. Os sonhos eram um problema — não só eles estragavam sua noite, mas às vezes deixavam um resíduo perturbador que afetava seus dias. Preferiria não sonhar com nada.

— Talvez você sempre tenha bons sonhos — comentou ele. — Com ou sem peixes.

— Estou lhe dizendo — respondeu ela.

Ele encostou na pia, observando-a. Havia uma resposta entre eles. Ele sentia isso toda vez que ela estava perto. Michael respeitava o poder do acaso das vibrações, todas as coisas que não se podiam ver. De vez em quando, essas coisas eram mais importantes que o resto — ou a gente se curvava a elas, aceitava-as, ou a força delas nos arrebatava. Mas essa vibração não era nada assim. Essa era uma das centenas que a pessoa sentia entre ela e os outros.

Obviamente, ele devia mandá-la embora de novo. Mas demorou. Ela estava com a mão no bolso da jaqueta pegando um tubo de comida de peixe, explicando a que horas e em que quantidades os peixes deviam ser alimentados. Michael não ouviu. Mandá-la embora não seria suficiente. Ele já tinha feito isso, duas vezes. Desta, daria o recado com mais força. Precisava sacudi-la, mas não assustá-la tanto a ponto de ela pedir ajuda a alguém. Embora duvidasse que fosse fazer isso. Ela podia assimilar o recado sozinha, essa garota. Ele observou a palidez de seu rosto e pescoço.

— Vamos levá-los para onde você dorme — disse ela.

— Não precisa.

Ela pegou os peixes com uma insistência silenciosa que o irritou e despertou sua curiosidade. Se havia um único impulso que Michael West achava mais difícil

de conter era o desejo de saber todos os fatos sobre uma situação antes de agir — esperar, testar as suas convicções sobre a natureza e a psicologia humanas contra a força revigorante da realidade. Ele sofrera por isso — mais de uma vez —, mas o impulso permanecia, talvez até tivesse se fortalecido com o tempo. Tantas vezes ele sabia mais do que as pessoas que o cercavam, às vezes muito mais, e, no entanto, um lado dele ainda desejava ter as próprias previsões confirmadas ou, melhor ainda — e isso raramente acontecia —, ser surpreendido. Havia alguma coisa envolvente, agora, no que dizia respeito a deixar essa garota americana acreditar que podia enganá-lo.

— Lá em cima — informou ele.

Ela foi na frente. Ele a acompanhou até o som da tevê, e viu, de seu ponto de observação, a bunda e os quadris e o cheiro dela, um cheiro limpo, como o mar. Sentiu um primeiro indício de algo claramente físico em relação à garota, e era simplesmente a ideia de que gostaria de sentir o cheiro dela de novo.

— Espera — disse no alto da escada. Estava visualizando o seu quarto. — Não está limpo. Me dá os peixes.

— Apaga a luz — retrucou ela —, aí eu não enxergo.

— Você vai cair, e os meus lindos peixes novos vão morrer.

— Eu sei andar no escuro.

Ele parou, tomando a própria temperatura mental mais uma vez. Havia muito tempo para se livrar dela. Mas a curiosidade o impedia, ele relutava em encerrar a história tão cedo. Quem era essa garota? Ele já a tinha visto, claro — não havia ninguém no mundo que ele já não tivesse conhecido antes, normalmente várias vezes. No entanto, achava difícil situá-la. Ela estava parada à meia-luz, segurando seu aquário, e, pouco depois, Michael se viu dentro do quarto, apagando a luz. No parapeito da janela, havia um pezinho de kumquat que ele comprara e que enchia o quarto com um cheiro cítrico muito mais doce do que o sabor das kumquats. Ele desligou a tevê. Um silêncio incrível se instalou no quarto e na casa, um som próprio. Não fechou as cortinas, e uma lua clara, dura, empurrava o seu luar por entre as nuvens.

— Tudo bem — disse, abrindo a porta.

Viu que estava nervoso — era assustador, de alguma maneira. A garota entrou

e fechou a porta ao passar.

— Espere — falou.

Mas aparentemente o luar bastava, porque ela foi até a janela e pousou os peixes ao lado do pé de kumquat. O luar encheu o aquário, e o movimento fluido e onírico dos peixes parecia captar o estado de espírito de Michael, como se ele estivesse nadando com eles, como se ele mesmo estivesse no aquário em que os peixes nadavam. A garota sentou-se na sua cama e tirou os tênis, chutando-os para longe. Estava de costas para a janela. A não ser pela silhueta negra e esguia, ele não a enxergava.

— Venha cá — chamou ela.

Estava na hora de parar, de *estabelecer o limite*, ele disse a si mesmo (uma frase da tevê), no entanto, também parecia tarde demais. Tarde demais: a história estava se desenrolando como um pergaminho.

— Está na hora de você ir embora — disse ele, o sotaque carregado de uma forma que o assustou.

— Senta aqui um minutinho.

Ele sentou. E só então sentiu a Walther nas costelas e se lembrou dela.

— Espera — falou, tornando a se levantar, indo até a cômoda.

Abriu a gaveta, puxou a Walther e a colocou no lugar, embaixo das meias.

— O que está fazendo? — perguntou a garota, e ele ouviu um fio de medo em sua voz, leve, mas distinto.

Ela estava sozinha na casa de um estranho, um estranho portando uma arma, e ela não havia trazido nada consigo senão um aquário de peixes. Burra, pensou ele, desesperada, maluca — as palavras traçavam arcos em sua cabeça, mas ele também estava pensando corajosa. Estranha. Aquilo o comoveu. Ela se colocara inteiramente nas mãos dele enquanto fingia não saber disso, fingia pensar que estava no comando. E ele acreditou nela.

E nesse momento ele decidiu, ou aceitou a decisão que tinha sido tomada sem o seu conhecimento. Ele estabeleceria essa coordenada, embora ela não se ajustasse a nenhum quadro que ele pudesse reconhecer. Num universo vazio, todo mundo precisa escolher algumas coordenadas, e Michael West — ou Z, como ele fora chamado até agosto passado, e antes daquele outro nome uma série de outros —

escolheu sentar-se ao lado dessa garota.

Ela estava deitada, braços ao longo do corpo, olhando para o teto. Ele se deitou ao lado dela, sem encostar. Respirava o cheiro dela. Ameixas, pensou, ameixas que cresciam à beira-mar.

— Isso é perfume? — perguntou ele.

— Loção — disse ela. — Da Flórida.

Estava apavorada. Ele sentiu o colchão tremendo embaixo dela. Ela estivera o tempo todo com medo, mas ele não soubera.

— Eu amo isso — falou ele, e pegou a mão dela, que estava quente e tremia na dele, e ela rolou de lado para ficar de frente para ele e ele a abraçou.

Eles se apertaram muito.

Ele sentiu a sua força, o seu coração pulando dentro daquele esqueleto pequeno, e, naquele momento, reconheceu-a afinal: a inocente. Sentiu um impulso de protegê-la, blindá-la contra um perigo iminente e avassalador. Mas ali só havia ele.

CAPÍTULO SETE

*Na manhã após a minha malograda entrevista com Irene Maitlock, Oscar ligou para me dar o telefone de dois psiquiatras. Numa demonstração de autocontrole devastadora, não fez nenhuma menção ao fato de eu ter expulsado uma repórter do *New York Post* da minha casa, destruindo assim a última e melhor esperança de retomar a minha vida anterior.*

— Nos falamos de novo depois que você tiver se consultado com um desses excelentes médicos — disse-me. — Ou com os dois.

Eu não tinha intenção de ligar para um analista. Em meu estado atual, sem renda, eu não poderia justificar uma análise mesmo que achasse que isso me faria algum bem, o que eu não achava. Será que um analista ia ter êxito onde a experiência combinada dos doutores Fabermann e Miller não havia tido — ou seja, em me devolver ao estado pré-acidente? Não. Um analista ia me fazer, ou “me ajudar a”, como dizia Oscar com tanta delicadeza, aceitar a minha situação atual. E eu podia fazer isso sozinha — tinha feito a vida toda. O meu problema era que eu ainda não sabia qual era essa situação, exatamente.

Aguardei vinte e quatro horas antes de ligar de volta para Oscar.

— Falei com o Mitzenkopf — relatei. — E sabe o que ele me disse, Oscar? Disse que arranjar uns trabalhos faria mais pelo meu estado de espírito que cem horas de análise. Não é incrível a honestidade de um analista que diz isso?

— A Dra. Mitzenkopf é mulher — retrucou Oscar, e desligou sem outros comentários.

Depois desse diálogo, que se encerrou às dez e trinta e cinco da manhã de uma sexta-feira, passei setenta e duas horas sem falar com outro ser humano. Um silêncio colossal irrompeu e se espalhou à minha volta, um silêncio cujas dimensões pareciam globais, sísmicas, planetárias. Um silêncio penetrante que era familiar, eu supunha, a astronautas e exploradores antárticos, mas não a mim. Eu estava sentada em meu sofá modulado contemplando uma tempestade de neve,

zilhões de pontinhos brancos se atirando na minha porta de vidro de correr num frenesi subatômico.

Na segunda-feira, a neve jazia amontoadada ao longo do East River, montes dourados num sol matinal oblíquo. E então o telefone tocou.

— Tenho duas palavras para você — disse Oscar, quando atendi com uma voz coaxada por falta de uso. — *Vogue* italiana.

Devo ter gritado.

— Cuidado com a cara — continuou ele. — Ela tem que durar até amanhã.

O sangue latejava nas minhas bochechas. Sentei-me, atordoada.

— Só tem uma coisinha — falou. — Eles acham que você é o tema de uma reportagem do próximo *Post*. Não vamos desmentir.

Deixei isso passar.

— Quem é o fotógrafo?

— Spiro. Que por acaso no momento é quentérrimo.

— Não o paparazzo Spiro — questionei, referindo-me a um segundo correspondente bastante desesperado cujas fotos minúsculas salpicavam as páginas de fofoca havia anos.

— Esse mesmo — disse Oscar. — Nossa, como as coisas mudam em seis meses.

A sorte de Spiro tinha virado no verão passado, contou Oscar, quando expusera na Metro Pictures um trabalho que fizera por conta própria: uma homenagem a Gordon Park, que consistia em fotos em preto e branco do líder de uma gangue de dezesseis anos chamado Honey B. Resenhistas elogiavam a autenticidade contundente da exposição, seus retratos firmes da violência urbana transmitidos em quadros magistrais que lembravam Goya. A *Bazaar* imediatamente contratou Spiro para repetir a série “Girl Gang”, uma famigerada página dupla de moda apresentando modelos vestindo Martine Sitbon e Helmut Lang posando como membros de gangue. (“Execução”, uma foto de Kate Moss com uma espingarda de cano serrado encostada na cabeça de uma Amber Valetta vendada e ajoelhada, tinha causado um frisson incomum de indignação e comentários.) Desde então, as pautas de moda corriam ininterruptamente para a vida de Spiro.

— Mulheres fortes, essa é a praia dele — disse Oscar. — Chega desse sou-

uma-drogada-fodida.

— Devo levar minha arma? — brinquei.

— Você devia louvar Alá por esta graça e dar ao homem o que ele quer — disse Oscar. — Está me ouvindo, Charlotte? Está ouvindo o Oscar com muita atenção?

— Estou.

— Faça. Este. Trabalho.

Desliguei e fui direto para o espelho preparar o meu dolorido e indeterminado rosto para o grande dia. Massageei-o delicadamente, imaginando que poderia sentir os parafusinhos pontudos embaixo da pele. Limpei-o com óleo de vitamina E, depois recuei e olhei o restante da minha pessoa. Altura: 1,78m, peso: +/- 57kg, medidas: 89cm – 63,5cm – 91,5cm. Cabelo: curto (sempre), fino e liso, mas redimido de alguma forma por um brilho castanho-escuro natural. Olhos: verdes. Traços faciais: delicados, com um ar meio mágico, o tipo de traços que, à primeira vista, ficam registrados como jovens. Pescoço: longo. Seios: normais — não especialmente grandes —, mas, comparados com os seios das mulheres da minha idade que tiveram filhos (os da minha irmã, por exemplo), ainda relativamente rijos. Cintura: fina e fluida, com uma propensão correspondente a acumular peso na bunda e nos quadris. Mãos: de dedos longos, propensas a vermelhidão. Pernas: retas, meio magras nas canelas, nos últimos anos, com algumas veiazinhas (muito tênis quando criança?). Pés: bonitinhos no passado, cada vez mais secos e cheios de calosidades com o passar dos anos.

O que significavam essas qualidades, de que maneira se uniam para formar um ser humano com um aspecto e um andar determinados, eu não tinha ideia. Na adolescência, eu primeiro percebia os olhos das pessoas colando em mim quando eu descia a Avenida Michigan com minha mãe e Grace em nossas viagens a Chicago para fazer compras. As pessoas davam uma olhadinha, depois *olhavam* — toda vez eu sentia uma ferroada por dentro. Eu sabia como os transistores funcionavam; meu pai tinha me mostrado uma foto do primeiro de todos, no Laboratório da Bells, uma pedra dura de aspecto nocivo que realizara a revolucionária façanha de transmitir e amplificar a corrente elétrica. As pontadas de interesse que eu provocava em estranhos me pareciam uma fonte de energia

não utilizada; de alguma maneira eu as converteria em força.

Na infância, Grace e eu gostávamos de fingir que nossa vida era um filme projetado numa tela gigantesca diante de uma plateia que assistia, embevecida, enquanto comíamos nossas costeletas de porco e terminávamos os nossos deveres de casa e íamos deitar em nossas camas de solteiro uma ao lado da outra, Grace se levantando para fechar a porta do armário se eu a deixasse aberta. Aos poucos, misteriosamente, essa fantasia se transformou em vocação — passei a imaginar o meu futuro não em termos de qualquer coisa que eu pudesse fazer ou alcançar, mas da notoriedade decorrente. Quando estudava na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, eu ia a Chicago e olhava para as torres de vidro acesas à noite. Em algum ponto entre aquelas vidraças faiscantes estava a sala espelhada, um lugar que eu nunca tinha visto e sobre o qual pouco sabia — os famosos que moravam ali não eram do tipo que a gente via nem com quem podia falar. Na medida em que eu tinha uma inclinação acadêmica, esta era a poesia, logo a poesia, Pope e Keats em particular, que entre eles pareciam abranger todo o espectro de sensualidade e cinismo disponível para a humanidade. Consegui decorar metade de “The Eve of St. Agnes”, e recitava baixinho as estrofes para mim mesma quando estava entediada, sozinha ou na aula de aeróbica. Mas o prazer que os meus poetas me davam era acentuado por uma aura picante de perdição. Eles nunca me entregariam para a sala espelhada, aqueles dois — um feio e parecendo um gnomo, o outro atormentado por acessos de tosse, ambos mortos —, então eu sabia que acabaria por rejeitá-los por algum parceiro menos digno.

Fui descoberta num domingo entre o segundo e o terceiro ano de faculdade, durante um verão que passei em Chicago com duas colegas da irmandade, Sasha e Vicky, todas trabalhando como assistentes legais do tio de Vicky, Dan. Estávamos no barato do baseado, deitadas no Lincoln Park, devorando marshmallows, quando uma mulher chegou, parecendo assustadoramente profissional.

— Posso falar com vocês um minuto? — perguntou, e logo Vicky, pré-advogada e paranoica, apagou o nosso baseado com os dedos nus e o jogou dentro do vestido.

— Ah... claro — dissemos, os movimentos retardados e os olhos injetados. Eu tinha esquecido o colírio.

A mulher se dirigiu a mim.

— Trabalho numa agência de modelos — disse. — Ser modelo já lhe passou pela cabeça?

— Mais ou menos — respondi.

— Quantos anos você tem?

— Dezoito.

Vicky, o arauto da verdade, legalista, me olhou de um jeito caricatural — eu tinha feito vinte anos duas semanas atrás. Mas, para minha sorte, o baseado ainda aceso escolheu aquele momento para se anunciar por dentro do cóis do vestido dela, e ela gritou, batendo na cintura. Sasha puxou-a dali.

— Dezoito exatos? — perguntou a mulher. — Ou mais para dezenove?

— Hã... quase dezoito?

Eu era um talento.

A mulher me deu o seu cartão e fui encontrar Sasha e Vicky, que estavam amontoadas na grama seca e borrachuda, histéricas por causa do furo no vestido de alcinha de Vicky. Fomos trôpegas para a Farm-in-the-Zoo e assistimos à ordenha de uma vaca paciente realizada por uma máquina acoplada às suas tetas diante de uma plateia de crianças boquiabertas. O leite branco corria dentro de tubos de plástico transparentes. Me descobriram!, eu ficava pensando. Alguém tinha me reconhecido, me distinguido. Eu não via nada de estranho no fato de que *ser descoberta*, em vez de eu mesma descobrir algo, acabaria se confirmando o acontecimento decisivo da minha vida. Ser descoberta dava uma sensação de descoberta.

Será que ainda resta alguma pessoa na Terra que continue desconhecendo os detalhes da carreira de uma modelo novata? Agência de entrevistas. Testes de fotografia. Faltas às aulas da universidade por causa de trabalhos. Fotógrafos. “É isso aí!” Cocaína em colherzinhas, em ampolinhas âmbar. Jantares caros em que ninguém tocava. O mundo em que eu me achava oferecia um panorama ininterrupto de pura banalidade, mas tinha um atrativo preguiçoso, travesso, a graça de pular o jantar e comer um litro de sorvete, de perder um fim de semana inteiro deitada de bruços diante da tevê. Eu gostava da inconsequência dessa vida nova mesmo quando a desprezava por ser vazia. Eu gostava *porque* era vazia. Queixo

para baixo. Pare de esfregar as mãos. Não olhe fixo, relaxe o olhar. Pare de falar. É mais difícil ver a gente quando nosso rosto está se mexendo.

Ser observada parecia uma ação, a ação central — a única que valia a pena executar. Qualquer outra coisa que eu tentasse parecia passiva, inútil em comparação.

Banal, sim. Mas eu tinha em mira a sala espelhada. Não havia nada mais essencial no mundo; nada que, quando colocado ao lado disso, deixasse de desaparecer completamente.

Larguei a faculdade faltando seis meses para me formar.

★ ★ ★

O tempo estava mais ameno na manhã seguinte, a manhã do meu trabalho para a *Vogue* italiana, então botei a minha balaclava e chamei um táxi na frente do meu prédio.

A Broome Street à luz simples do início da manhã parecia falida e cinzenta, como um encanamento velho. Todos os portões estavam abaixados. Fui me arrastando e saltitando até a Crosby, onde ficava o estúdio, quase perdendo o equilíbrio em montes de neve já empapada de fuligem, evitando os minirrinques de patinação que haviam se formado nos buracos da calçada.

Um elevador industrial me soltou numa abundância de luz amarelada que me pegou de surpresa, como se eu tivesse posto o pé fora do prédio, e não dentro. Um loft: chão branco, paredes brancas, fileiras de janelas ao longo de dois lados. Dance music tocando baixinho. Numa bancada de zinco havia uma variedade de muffins e suco de laranja e café. Senti uma pequena detonação perto do coração. Eu tinha voltado a trabalhar.

Spiro me cumprimentou enquanto eu me servia de café. Ele era uma composição de cotovelos, tendões e mandíbula, com olhos de pálpebras pesadas que se inclinavam um pouco das órbitas.

— Charlotte, ah, minha nossa — disse ele, beijando o ar dos dois lados do meu rosto como se fôssemos velhos amigos. — Você está totalmente diferente, que máximo! Quem fez a sua cirurgia?

Eu lhe contei, enfatizando a contribuição do Dr. Fabermann, e ele estreitou os olhos com grande interesse.

— Não acha que seria incrível as garotas operarem o rosto regularmente para sempre terem uma cara diferente? — perguntou. — Tipo uma vez por ano, pelo menos. Quero dizer, essa mudança de cor de cabelo a cada cinco meses é muito cansativa. Louro, preto, louro, ruivo, tipo ah, você é um camaleão! Tenho muito interesse no tecido, sabe, no ser humano de verdade.

— Não sei se eu teria feito essa cirurgia por livre e espontânea vontade — comentei. — Mas estou aprendendo a conviver com ela.

— Mudar dói, não é verdade? — disse Spiro. — É no tecido que você sente dor, não no cabelo, não nas unhas, não nos cílios. Isso é muito fácil.

— Está certo — concordei, embora ele parecesse meio maluco.

— Então olha: Ellis é o maquiador. Conhece Ellis? — Eu não conhecia Ellis. — Ele está terminando Daphne, depois faz você. E as roupas são divertidíssimas, dá uma olhada.

Ele apontou para um cabide cheio de vestidos de veludo, roxo, verde, vermelho, dourado, todos com decotes vertiginosos e golas brancas de babados.

— Muito anos sessenta — falei, mas Spiro já estava trepado numa escada, discutindo a iluminação com seus assistentes.

No meio da sala, havia um cubo oco de plástico branco gigantesco. Fui olhar, levando o meu café, e vi uma jovem asiática sentada de pernas cruzadas num canto do loft, fumando num cinzeiro descartável de papel alumínio. Parecia muito baixa para ser modelo — a estilista, talvez. Fumava olhando reto à frente, como se em transe. A estilista, não, pensei; era muito inerte. Ninguém mais parecia notá-la.

Uma porta dava para um deque de cobertura, e saí no frio para olhar o baixo Manhattan despertando lentamente. Táxis amarelos, céu branco; uma sucessão de alarmes de carro em alarido que pareciam estimulados pelo próprio ato de ouvir. O que era essa sensação dentro de mim?, pensei com os meus botões. Paz de espírito, mas sem a embriaguez. Paz de espírito, mas com um algo mais. Energia, talvez. Pensei que pudesse ser felicidade.

A porta abriu e Lily Cabron, uma cabeleireira velha amiga minha, saiu.

— Ah, Charlotte — disse com aquele seu leve sotaque, e me deu um abraço

apertado. — Coitadinha de você! Mas você está maravilhosa. Isso fodeu com o seu cabelo?

— Fodeu — respondi. — Dizem que é a anestesia.

— Trauma perturba o cabelo — observou ela. — Cabelo quer tudo igual. Nada de mudança jamais.

— Feito gente — falei.

Eu não trabalhava com Lily havia séculos. Já não pegava os tipos de trabalho que Lily fazia. E como ela atualmente era casada, com filhos, eu já não a via à noite.

— Como estão as meninas? — perguntei.

— Grandes — respondeu ela. — Barulhentas. Famintas. Estão me comendo viva. Você ia ficar admirada, Charlotte — acrescentou —, com a grande maravilha que isso é.

— Eu ia ficar admirada — falei, e ri.

Lá dentro, a música parecia mais alta, uma excitação incipiente já despertando a sala. A asiática continuava sentada no chão, olhando o vazio.

— Quem é essa? — perguntei a Lily, enquanto íamos para a sala de maquiagem.

— Ela é nova — disse Lily. — Acho que ela é... Deu no jornal ou em algum lugar. Da Coreia?

Onde eu tinha ouvido sobre isso? Em algum lugar recentemente. Tateei os corredores brancos vazios do meu passado imediato e então me lembrei: a garota norte-coreana de Oscar. A que não queria comer a laranja.

— Caramba — exclamei, e virei para olhar de novo a garota. Ela estava tão alheia que parecia admissível olhá-la abertamente de queixo caído. — Então ela faz parte desta sessão?

— Ela é backup.

— Backup de quê?

— Modelo. Sabe, caso alguém não se sinta à vontade.

— Ah, é nu? — perguntei, admirada que Oscar não tivesse mencionado isso.

— Nu? Não, não! — disse Lily, distraída pela arara de vestidos. — Viu? Está aqui meu preferido. — Ela puxou um da arara e o segurou junto ao pescoço, uma

cascata de veludo amassado amarelo. — As minhas filhas ficariam de quatro por isso.

Na sala de maquiagem, conheci Ellis, um australiano sarado com um bronzado intenso, frágeis olhos azuis e uma expressão cansada. Tinha o cabelo louro-escuro e comprido preso para trás com uma tira de couro frisada. Acabara de terminar Daphne, uma garota nova cujo rosto eu andava vendo em toda parte: cabelo louro-platinado e uma boca horrível virada para baixo. Sentei na cadeira de maquiagem vibrando de prazer com cada detalhe familiar: as lâmpadas quentes em volta do espelho, cheiros de spray e pó e escape de secador de cabelo. A caixa de maquiagem grande e bagunçada.

Para meu alarme, Ellis começou retirando a minha base.

— Você tem que fazer isso? — perguntei.

Desde o acidente, nenhum ser humano fora da profissão da medicina havia me visto sem ela.

— Spiro quer usar essa realmente hipoalergênica — disse ele.

— Pode acreditar em mim — falei —, a minha é hipoalergênica.

Mas Ellis continuou trabalhando, pegando as bolinhas de algodão com a ponta dos dedos que pareciam orgânicos, como raízes.

Quando minha base foi toda removida, Ellis recuou e me olhou.

— Aconteceu alguma coisa com você — observou.

— Tive um pequeno acidente.

Eu estava me forçando a ficar imóvel.

Ele pegou o meu rosto nas mãos, movendo os olhos sobre ele como se o estivesse lendo. Suas mãos eram mornas, quase quentes, e o contato delas na minha pele teve um efeito calmante instantâneo, como o toque de um mágico.

— Pequeno?

— Bem, médio.

— Corajosa.

Ele me soltou e começou a aplicar a outra base, uma mais clara, espalhando-a na minha pele com pequenos golpes de uma esponja de látex nova. O toque dele era muito afetuoso. Era difícil acreditar que isso fosse trabalho.

Na sala contígua, Lily tinha enrolado o cabelo de Daphne numa quantidade de

rolinhos minúsculos, os menores que eu já tinha visto, e os secava. As orelhas expostas da garota estavam cobertas de pó carmin.

— Orelhas incríveis — comentei com Ellis.

— Spiro é incrível — disse Ellis.

— Ei, Charlotte — gritou Lily da outra sala, acima do barulho do secador. —

Depois que o seu artigo sair, existe a possibilidade de você escrever um livro?

Ah, sim. O artigo.

— Eu nem leio livros — respondi.

— E daí? Aconteceu uma coisa interessante com você.

— Você pode achar interessante — retruquei —, mas na verdade é bem chata.

— Mas, sabe, ficar com uma cara diferente de repente, da noite para o dia — disse ela. — Todo mundo imagina isso.

— Imagina?

Olhei para Ellis de relance, esperando que desse uma opinião, mas ele estava concentrado no trabalho em meu rosto.

— Feche — pediu, e passou sombra nos meus olhos.

— Você pode nos dizer como é — falou Lily. — O que acontece depois.

— Mas se o que acontece depois é eu escrever um livro, será que não vou escrever um livro sobre escrever um livro?

Ellis estava prendendo o meu cabelo para cima.

— Orelhas — disse, mergulhando um pincel branco gigantesco e macio numa tina de pó escarlata. — Não vá ficar com cócegas.

— Tenho uma amiga com quem você devia falar — comentou Lily. — Ela trabalha numa firma grande. Sabe exatamente como funcionam essas coisas todas, ser publicada, aparecer na imprensa.

— Claro.

Eu mal ouvia. Ellis estava aplicando com o pincel o pó vermelho nas minhas orelhas, uma experiência que achei de uma sensualidade quase insuportável. Fechei os olhos e deixei o ritmo da música dance vibrar dentro de mim. Imaginei Ellis me beijando a boca, um beijo profundo e demorado, sua língua quente. Depois se inclinando à frente, abrindo o zíper do jeans preto. O sangue me subiu ao rosto e a fez doer.

Senti uma comoção de energia nervosa, e soube que Spiro estava por perto. Quando abri os olhos, ele estava examinando o cabelo de Daphne na sala ao lado. Lily já tinha retirado os rolinhos e agora jogava spray para transformar a espuma de cachos resultante numa massa bem-definida que abraçava o alto da cabeça de Daphne como uma touca.

— Você conseguiu! — suspirou Spiro, extasiado. — Lily, você é um supergênio absolutamente talentoso, sabia?

Lily sorriu.

— Sabia, sim.

Spiro cutucou os cachos de Daphne.

— Joga spray até brilhar mesmo — instruiu. — Deve ficar exatamente como mármore, só que é cabelo. Olha que supergênio a Lily é — gritou ele da outra sala para Ellis e para mim.

— Qual é a história desse cabelo? — perguntei.

— Flaviano — disse Spiro. — Da Roma antiga. — Ele emitia uma energia nervosa como calor. — Em qualquer lugar que tenha esses bustos romanos, tipo nos museus. Você sempre vai ver algumas garotas com esse cabelo flaviano. Eu estava em Nápoles no verão passado e fui ao grande museu arqueológico de lá, e olhei todos os cabelos flavianos e gritei! Falando sério, gritei bem alto. Gritei: AI, MEU DEUS. AI, MEU DEUS, PORRA!!

— Os católicos devem ter gostado muito disso — observou Lily.

— E depois? Nessa galeria da Madison Avenue? Achei um desses bustos e comprei. Não comprei, Lily?

— Comprou, sim — confirmou Lily.

— Mostrei o busto a Lily para ela saber exatamente o que eu queria. Ela me disse uma coisa que eu nem sabia: ela me disse que os romanos usavam brocas para furar o mármore e fazer a parte do meio de cada cacho. Quero dizer, não brocas elétricas, mas... Nossa, eu gostaria de poder mostrar para você — disse ele para ninguém em particular. — Merda, por que eu não trouxe esse busto? Richard! — gritou ele para um assistente. — Será que a gente pode mandar um boy buscar um busto romano, ou é muito arriscado? — Ele saiu da sala para consultar Richard, mas estava de volta um minuto depois, pegando o Camel da boca de Daphne. Deu

uma longa tragada e o repôs. — A vibração aqui está ficando boa — disse, dançando um pouco, jogando anéis de fumaça no espelho. — Richard, dá para aumentar o volume? E vocês, gente? *Stai contenta*, Charlotte?

— Estou feliz — falei, me mexendo no ritmo da música tanto quanto possível enquanto conservava o rosto imóvel para Ellis.

E estava. A felicidade se encostava em mim por dentro. Alcancei a minha bolsa, peguei dois Merits e ofereci um a Ellis, que o acendeu com um isqueiro de malaquita. Depois recuou e olhou meu rosto, fumando meditativamente. Olhei-me no espelho, uma estranha com uma bela maquiagem, e senti um alvoroço que eu associaria para sempre aos meus primeiros anos em Nova York depois de Paris, anos em que uma tensão delicada tinha se avolumado em volta de mim e começado a apertar, me animando lentamente. Quando Oscar começou a negociar um contrato de três anos em meu nome com um estilista americano importante, a tensão chegou ao auge, e usufruí do epiestrelato concedido àqueles que todo mundo acredita que logo serão estrelas. Eu era amada. O ar cheirava a dinheiro. Eu me sentia tão perto da sala espelhada que tive uma nostalgia antecipatória da vidinha gostosa que eu logo abandonaria. Cada um de seus detalhes parecia precioso. E por mais que eu desejasse agora levar o crédito do fracasso dessa tensão em se fundir em algo coerente, por mais que eu desejasse poder dizer: foi culpa minha, pus tudo a perder com uma única cagada monumental, vomitando na cabeça de um estilista, brincando nua na passarela — esses horrores com que a pessoa sonha meio desejosa, meio apavorada —, eu nunca poderia encontrar uma ligação entre qualquer comportamento meu e o resultado, ou falta dele. O estilista em questão se retirou no último minuto e contratou outra garota cuja fisionomia sorridente era agora um acessório do calendário de parede/circuito de vídeos de exercícios, e daí em diante meu ímpeto começou a diminuir, ou ir à deriva. Uma mudança sutil a princípio, uma calma que foi quase bem-vinda após a voragem que me rodeava. Mas a calma que se estendia logo adquiriu um tom apavorante e ameaçador — para onde tinha ido todo mundo? Como alguém num elevador cujo cabo tivesse arrebentado, comecei freneticamente a apertar botões, tocar alarmes, mas nada podia deter a sensação de queda rápida e involuntária. “Quem levou você a St. Barts?”, gritei para Oscar

quando ele ligou para relatar o cancelamento do meu trabalho por um fotógrafo cujo apoio era imprescindível para qualquer modelo com aspirações ao nível mais alto do sucesso. “Quem comprou uma jaqueta Claude Montana com as lapelas de pele de zebra para você?”

E então, da noite para o dia, eu desisti. Acabou, pensei, não aconteceu, não dessa vez — não desse jeito. Que se fodam, pensei. E eu falava sério.

Precisei de analista para me ajudar? Não, não precisei.

E foi basicamente isso, embora ainda tivesse levado mais vários anos para eu ser mesmo uma garota de catálogo sem prestígio nenhum. Exatamente quantos, eu não tinha certeza, porque naquele momento, o momento em que a minha aceleração começou a reverter, o tempo começou a correr junto — já não havia arco de ascensão como parâmetro. Os anos começaram a passar em bolos, e um dia eu tinha vinte e três (para o mundo), parada no limiar da sala espelhada, e no outro, dez anos haviam se passado e eu tinha vinte e oito e era uma beldade profissional, com o que eu queria dizer uma pessoa de posse de números de telefone de casas suntuosas mundo afora onde ela (ou ele) seria bem-vinda, uma pessoa tarimbada em fazer as malas em meia hora para uma viagem a Bali ou um cruzeiro pela costa sul da Turquia, uma pessoa que nunca terá de pagar o seu jantar desde que não espere escolher a companhia. De fato, entender quão razoável é ela poder esperar é a chave da circulação contínua da beldade profissional, e exige o uso de um obscuro algoritmo envolvendo as variáveis de quão boa está sua aparência, quão fácil é conviver com ela, e o que, exatamente, ela está disposta a dar em troca. À medida que os anos passam e a beleza e a novidade da pessoa passam, é melhor ela cultivar alguns outros talentos. Claro, a existência da beldade profissional era em geral uma antessala de algum arranjo mais permanente, e as dotadas de algum juízo faziam um bom casamento o mais depressa possível, enquanto o seu valor era alto. Tais transações não eram necessariamente baixas nem grotescas. Havia muitas paradas na estrada para trocar beleza por dinheiro antes de se chegar à velha metida no fim da linha cuja respiração era audível no jantar e cujas filhas se aproximavam mais da idade da sua mãe do que da sua própria. No meu caso, casar por dinheiro sem dúvida teria sido o caminho prudente, e no entanto eu não conseguia fazer isso. Tendo renunciado a um

casamento por amor, como eu poderia prometer essas mesmas coisas por mero pragmatismo? Parecia chato e assustador. Por mais que eu tentasse me interessar permanentemente pelos proprietários de imóveis que eu conhecia, proprietários de iates e ilhas e castelos do século XVII, de Bonnards e Picassos e Rothkos e carros de época e bichos de zoológico, salas de projeção particulares e tropas de alazões, eu sempre me desconcentrava. Eu divagava, outro homem aparecia, e o anterior caía em desgraça ou se casava com outra pessoa ou simplesmente sumia.

E a certa altura, após muitos anos nesse tipo de vida, comecei a sentir que a minha pobre concentração não era de fato isso. Eu tinha feito concessões, Deus sabia — tinha renunciado à minha esperança da sala espelhada e me conformado em vez disso a frequentar esporadicamente alguns dos seus habitantes. Mas o que tornava essas concessões suportáveis era uma última esperança que eu não tinha abandonado. Eu estava aguardando. Aguardando uma nova descoberta para refazer a minha vida.

Um sinal. Um mistério. Algo mais profundo e mais verdadeiro que qualquer outra coisa. Nas boates, aquelas caixas enfumaçadas cheias de promessas, e mesmo na rua, eu me via examinando rostos, esperando que um se destacasse, me olhasse de volta de um jeito específico, um jeito que eu reconheceria só quando visse. Eu não estava desesperada. Nunca duvidei de que o sinal viria se eu esperasse o suficiente.

Ellis aplicou com o pincel uma última camada de pó no meu rosto, e refleti sobre a espera — quão vulnerável ela nos tornava. Porque acabávamos cansando. Cansando e fazendo uma escolha, escolhíamos uma pessoa — ou pior, uma pessoa nos escolhia — e achávamos que ela era a pessoa que estávamos aguardando. E lhe dávamos tudo.

Spiro entrou para me olhar.

— Tem uma coisa nova no seu rosto, Charlotte — disse, com ar de aprovação.

— O rosto todo é novo.

— Não, mas veja, agora é real, sabe? — falou. — É como se toda aquela beleza tivesse se consumido, e sobrasse uma coisa mais profunda. Só o absolutamente essencial.

— Fantástico — retruquei.

Quando saí da cadeira de maquiagem (com relutância, desejando poder prolongar minha estadia ali só por mais uns minutinhos), vi a garota coreana parada à porta, aguardando para tomar o meu lugar. Eu havia me esquecido dela. Sorri, mas seus olhos pareciam desfocados, como se ela não me enxergasse. Fui para a sala contígua e sentei na cadeira diante de Lily, que prendeu três longos apliques marrons na minha cabeça e começou a enrolá-los com os mesmos rolinhos que usara em Daphne. Seus dedos se moviam pelo meu couro cabeludo com uma autonomia voraz.

— Feche — ouvi Ellis dizer à garota, e depois: — Os olhos, querida.

— Ela parece muito infeliz — murmurei.

— Acho que ela não fala uma palavra de inglês — disse Lily. — Mas está arranjando trabalhos incríveis. Calvin Klein começou a usá-la.

— Como é o nome dela?

— Uma coisa complicada. Todo mundo se limita a chamá-la de Kim. Ah, antes que eu me esqueça! — Ela sacou uma agenda eletrônica da bolsa e rolou os nomes. — Você tem que ligar para essa amiga minha — disse, copiando alguma coisa no verso do seu cartão de visitas. “Victoria Knight”, eu li.

— O que ela faz mesmo? — perguntei.

— R.P. Ligue para ela agora, antes que o seu artigo saia, para você poder aproveitá-lo ao máximo. Diga a ela que eu falei para ligar. Ela pode ajudar muito, Charlotte.

Minha necessidade de ajuda era a única coisa em relação à qual todo mundo parecia concordar.

— Que tal umas orelhas vermelhas? — ouvi Ellis adular a garota. — As outras pessoas todas têm orelhas vermelhas.

Algum tempo depois, Lily retirou os rolos, eriçou o meu cabelo, depois usou um palito para enrolar os cachos em caracoizinhos apertados, que ela fixou com spray até parecerem laqueados. Logo eu estava usando a minha própria touca de cabelo. Do set, ouvi o flash, um leve espocar como a explosão de uma bolha de vidro. Eu estava morrendo de vontade de chegar lá.

Uma campainha tocou e um dos assistentes de Spiro apertou o botão para uma pessoa entrar. Pouco depois, ouvi o elevador, e o próprio Spiro entrou na sala

erguendo com braços trêmulos o busto de mármore de ombros e cabeça de mulher, de cerca da metade do tamanho natural.

— Tenho que ter o busto aqui, para me lembrar — disse ele, aninhando a peça nos braços e olhando-a pelo espelho. A mulher de mármore usava um monte de cachos muito parecidos com o meu. Spiro segurou-a ao lado da minha cabeça e estudou a nós duas juntas no espelho. — Que tal isso para um pouco de exatidão histórica? — perguntou.

Mas eu não olhava para o cabelo da estátua, olhava para o rosto dela. Era oval, calmo e distante, os olhos vazios e fixos como o céu. Ela parecia totalmente ausente — intocável, como se ela e essa sessão fotográfica de moda não pudessem ser sobrepostos apesar dos furiosos esforços de Spiro. Os séculos entre nós eram simplesmente muitos. Seu alheamento dava a maior dignidade à mulher de mármore, mesmo com as mãos trêmulas de Spiro em seu pescoço.

— História — murmurou ele baixinho. — Sabe? Tudo se resume a isso.

Kendra, a estilista, trouxe um par de vestidos e segurou o tecido junto à minha pele.

— Vamos fazer roxo — disse ela, e deixei a minha cadeira e me despi. Kendra me ajudou a colocar o vestido roxo. O veludo estava frio e meio úmido, feito musgo. O ritmo da música estava aumentando, insistente, uma chave gigantesca dando cada vez mais corda à expectativa no meu peito. Abri uma cerveja e tomei um gole, minha primeira bebida do dia.

No set, os assistentes de Spiro meditavam sobre uma Polaroid de Daphne. Fui encontrá-la dentro do cubo de plástico, nós duas dançando juntas enquanto as luzes eram ajustadas. O cubo tinha a altura exata para ficarmos de pé dentro dele. Ao sinal de Spiro, assumimos poses trágicas, dedos abertos, cabeças para trás. Nossa expectativa coletiva fazia uma pressão na sala. Eu havia esquecido essa sensação. Fazia muito tempo que eu não tinha um trabalho em que alguém se importasse com as fotos.

— Tudo bem, Char, agora se abaixe até encostar os dedos no chão — disse Spiro. — Olhe para mim, meio má. Pronto.

Quando ele clicou a Polaroid, vi que a garota coreana havia voltado para a sala, agora totalmente maquiada e flavianizada, vestida de veludo amassado amarelo e

uma gola branca vaporosa. Estava nos observando apaticamente de uma cadeira — ou não observando, pois seus olhos eram parados e vazios como os olhos da romana de mármore. Estremeci de irritação. Garotas passam a vida sonhando em estar onde você está, eu queria dizer. Cadê a porra da tragédia?

Um dos assistentes de Spiro abanou a Polaroid para secá-la e esticou-a para o chefe estudar.

— Aaah, olha a Charlotte — disse Spiro.

Os assistentes, junto com Ellis, Lily e Kendra, se reuniram em volta da Polaroid, depois olharam para mim. Senti uma sensação acelerada por dentro quando o velho transistor ligou. Imaginei uma chuva de faíscas saindo de meus cabelos e dos olhos. Posso fazer qualquer coisa, pensei. Posso refundir o mundo de uma forma diferente. Posso fazer essa câmera se incendiar.

— Sabe — comentou Spiro, balançando a cabeça de um lado para outro ao olhar para mim —, Oscar me contou do seu acidente e eu falei: contrate ela. Eu não precisava ver uma foto, eu sabia, porra.

Fiquei agachada recatadamente, ondas de partículas — quais? — saindo da minha pele.

— Ellis, dá para botar um pouquinho mais de sombra nelas antes de começar? — perguntou Spiro.

Fechei os olhos e atraí Ellis para mim, sentindo o cheiro da sua presença dentro do cubo, pó compacto, suor, menta em seu hálito. Enquanto ele sombreava os meus olhos, senti que o controlava por detrás do meu rosto, guiando suas mãos irresistivelmente.

Ao ouvir um estalo estranho, abri os olhos. Ellis estava calçando um par de luvas de látex nas mãos nodosas. Agachou-se ao meu lado, abriu um pacote e tirou uma lâmina de barbear. Minha confusão acumulou apenas gradualmente, tão profundo era o meu senso de controle, a minha convicção de que os meus próprios comandos lunares estivessem movendo o restante das pessoas. Observei Ellis, esperando que ele cortasse uma linha solta do meu vestido. Em vez disso, ele tocou no meu rosto, explorando a pele delicadamente com a ponta dos dedos cobertos de látex. A lâmina, na outra mão, pairava perto de mim.

— Espera — pedi, esforçando-me para me colocar de pé com aquele vestido

farto. — O que está havendo?

Espantado, Ellis virou-se para Spiro.

— Ele vai te cortar — explicou Spiro, como se isso fosse óbvio.

— Me cortar onde?

— Na cara.

— Você perdeu o juízo, porra?

Minhas mãos voaram automaticamente para as minhas bochechas.

Spiro, Ellis e Lily trocaram olhares de perplexidade.

— O Oscar não contou? — perguntou Spiro.

— Não — respondi. — Não contou.

— Ele corta todo mundo — disse Daphne.

Olhei boquiaberta para ela.

— E você não se importa?

Ela deu de ombros, encostando na lateral do cubo.

— Eu não corto nada fundo — disse Ellis, baixinho. — Você mal vai sentir.

— Sai sangue?

— Bem, claro que sai — retrucou Spiro. — É para isso mesmo.

— Isso é loucura — falei. Em tom de súplica, tornei a me virar para Daphne.

— Como você espera arranjar trabalho com a cara toda cheia de cortes?

— Eles não deixam cicatriz — garantiu ela. — Normalmente levam uma semana para sarar, desde que a gente não tire a casquinha. Da última vez que ele me cortou, trabalhei duas vezes naquela mesma semana. As pessoas tipo queriam as casquinhas na pele.

Fiquei pasma, em silêncio, querendo muito ser convencida. Mas era o meu pobre rosto, meu rosto abusado, ainda tenro com sua carga oculta de titânio.

— Não pode usar sangue falso? — pedi. — Eu mesma compro!

A palavra “falso” provocou um estremecimento coletivo, como se eu tivesse feito uma ofensa racial.

— Falso é falso — falou Spiro.

Entregou a câmera a Richard e veio para dentro do cubo onde Ellis e eu estávamos em pé, e nós três formamos um pequeno triângulo apertado.

— Charlotte, me escute — disse Spiro com uma calma atípica. — Estou

tentando chegar a uma espécie de verdade aqui, nesse mundo falso, doente e ridículo. Uma coisa pura. Verter sangue é um sacrifício. É a coisa mais real que existe.

Fiz um gesto de cabeça afirmativo, aguardando aquilo parecer verdade do jeito que ele falou, a compreensão me deslumbrar a visão como o movimento de um caleidoscópio. Apoiei-me na minha relutância e aguardei que ela morresse, fosse extinta pela enormidade dessa oportunidade, pela absoluta necessidade de que eu vencesse.

— Tudo é artifício — prosseguiu Spiro. — Tudo é fingimento. Você abre uma revista, o que é aquela merda toda? Olha como eu sou bonita, olha como minha vida é perfeita. Mas são mentiras, nada é realmente assim. E os políticos também contam isso, contam aquilo, tentando empurrar algo para cima das pessoas. Estou enjoado disso. Literalmente me dá náuseas.

Ouvi com uma sensação instável dentro de mim, como se eu pudesse espirrar a qualquer momento. Isso faz sentido, pensei. Concorde. Eu queria desesperadamente prosseguir, recuperar o poder que eu tinha sentido apenas minutos atrás, com todo mundo me olhando. Como se sentisse que estava quase me convencendo, Spiro pegou os meus braços com suas mãos trêmulas e falou baixinho, sussurrando:

— Quero cortar essa merda para chegar ao que é real e fundamental. E quero que você faça parte disso, Charlotte, por isso te escolhi. Não se trata de moda. Estamos muito longe de moda aqui. Trata-se de encontrar uma nova maneira de viver no mundo.

Olhei para as luzes altas para além das mandíbulas frenéticas de Spiro, os refletores prateados tipo guarda-chuva, os três assistentes, as escadas e tripés e câmeras e modelos em efusivos vestidos de veludo e golas vaporosas e maquiagem Kabuki e penteados flavianos.

— Uma pena Oscar não ter ligado para você quando a minha cara estava toda esmagada em agosto — eu me ouvi dizer. — Todos os ossos estavam quebrados, você teria adorado.

Spiro soltou os meus braços.

— Ela não entende — disse a Ellis, que deu de ombros como para dizer: nós

tentamos.

Minhas mãos continuavam coladas no rosto. Por tanto tempo que a pele tinha ficado dormente, muito dormente para sentir alguma coisa.

— Essa cara já passou por muita coisa — falei, num pedido de desculpas.

— Muito justo — disse Spiro. Virou-se de costas para mim e fez sinal para a garota coreana. — Kim! Kimmy! — Acenou com os braços e ela se pôs em posição de sentido de um pulo, como se tivesse sido esbofeteada. — É o seu dia de sorte, querida — gritou Spiro.

Deixei vago o cubo de plástico e a garota coreana entrou timidamente ali.

— Lily, pode dar uma levantada no cabelo dela? — pediu Spiro.

Sem sequer olhar para mim, Lily entrou no cubo com seu espeto e seu pente e sua lata de spray e começou a levantar os cachos da garota, que tinham caído. Vi que a garota tremia, fazendo os babados de sua gola de renda sacudirem. Quando Lily terminou, Spiro colocou a coreana na posição exata que eu ocupara havia poucos momentos apenas. O clima na sala era frágil, em carne viva.

— Onde? — perguntou Ellis.

— No alto da maçã do rosto — orientou Spiro. — E um comprido na testa.

Eu queria me afastar, mas não estava conseguindo.

Delicadamente, Ellis levou a lâmina à face escura da garota, depois enfiou um canto sob a pele dela como um nadador testando a água com um dedo do pé. A garota estremeceu, mas não deu um pio. Com delicadeza e agilidade, Ellis puxou a lâmina pela pele dela. A sombra dela apareceu sem que eu sequer a procurasse: o açougueiro delicado, que massageia as vítimas para soltar a pele antes de enfiar a faca. Pingou sangue da ferida, e ao mesmo tempo vieram lágrimas aos olhos da garota, que escorreram pelos cantos.

— Lily! — disse Spiro. — Seque essas lágrimas.

Lily foi feito uma flecha e secou os olhos da garota com um lenço de papel. Daphne chegou perto dela e passou um braço em volta do seu ombro. A coreana não pareceu notar. Olhava reto à frente, suportando esse ataque com a incompreensão de quem tinha aceitado havia muito tempo que o sofrimento não tinha propósito. Senti algo dentro de mim desabar, um formigamento em volta dos olhos e do nariz. Dei meia-volta e fui para a sala de maquiagem, onde arranquei os

aplique da cabeça, tirei o vestido e o atirei no chão. Achei que fosse vomitar — queria vomitar —, mas quando me debrucei na privada, não veio nada. Quando coloquei as minhas roupas, ouvi o clique denso do obturador, acompanhado da voz de Spiro:

— Lindo, Kimmy! Ah, olha isso!

Eu havia deixado o meu casaco em cima de um banco de bar perto da bancada de zinco. Fui para lá agora desviando a vista e vesti-o, tentando não olhar para o set. Mas tive que olhar. A garota coreana estava em pé na caixa, o sangue lhe escorrendo da bochecha para o pescoço, empapando os babados brancos da sua gola. Um segundo corte em sua testa sangrava para dentro de um de seus olhos e transbordava, escorrendo pelo lado do rosto. Daphne estava atrás dela, a cabeça jogada para trás numa pose extática. Havia uma sensação doce e vulnerável no ar, uma ternura pós-coito.

— Tudo bem, Daphne, endireite o corpo — pediu Spiro. — Isso. Agora olhe para mim. Kim, me dê aqueles olhos. Fortes, vocês duas... Sintam a sua força e o seu poder. Vocês são deusas, está bem? Vocês dominam a porra do mundo... ótimo... ótimo. Olhos, Kimmy... ótimo.

De repente, pela primeira vez, a garota coreana me olhou direito. Senti fisicamente o envolvimento do seu olhar, como se ela tivesse me agarrado. Enquanto o obturador clicava, ficamos nos fitando, nossos olhares entrelaçados, e algo se passou entre nós: um reconhecimento tácito da depravação que nos rodeava. Tive a impressão de que se passara um minuto inteiro antes que a garota piscasse e mexesse os olhos, apenas ligeiramente. Então eles ficaram vazios, como antes.

— Estou indo embora agora — falei com uma voz normal, mas ninguém pareceu ouvir.

No elevador, vi que meu rosto estava molhado. Saiu uma maquiagem vermelha nas minhas mãos quando o enxuguei, e recuei, achando primeiro que fosse sangue. Tive a sensação de ter escapado viva por um triz. E Oscar estava sabendo, claro. Optou por não me contar, esperando que, quando chegasse o momento, eu achasse a pressão muito grande para resistir. Oferecera Kim só por via das dúvidas. Eu não poderia censurá-lo, de fato. Antes do acidente, eu talvez

tivesse aceitado.

Já na Broome Street, andei sem saber aonde ia. Olhava pelas vitrines das butikues para sofás, vasos de vidro soprado, deixando o ar frio limpar minha cabeça. Acabou, eu dizia a mim mesma repetidamente, sem saber bem o que isso significava. Entrei na West Broadway, um burburinho de hora de almoço atrás das janelas dos restaurantes. As modelos estavam na rua em grande número, suas pernas finas de corça abertas por baixo de casacos de inverno curtos. Elas pareciam muito jovens — mais jovens do que eu jamais me senti na vida. Vi uma de cabelo negro curto que não parecia diferente de mim (somos intercambiáveis — a primeira lição que se aprende como beldade profissional). Ela e eu chegamos à esquina da Houston ao mesmo tempo, mas deixei-a passar na frente. De trás, vi pessoas olharem para ela quando atravessou a rua, seus olhos se detendo nela mais um instante, depois se afastando com relutância. A garota fingia não as ver, exatamente como eu fazia, mas ela sentia o poder de que eu me lembrava sentir — eu via no seu andar, na maneira como ela segurava a cabeça, uma afetação que fazia todos os seus movimentos parecerem estudados.

Mas será que isso era mesmo força?, perguntei a mim mesma, seguindo-a quando ela virou à esquerda, para o lado norte da Houston. Ou será que só dava a impressão de ser força? Ela foi caminhando, olhando reto à frente, o contorno do seu book visível dentro da pequena mochila e a rondá-la algo que só eu enxergava: o halo da sua convicção de que ela merecia, e teria, uma vida extraordinária. Não, pensei, estava errado — não existia isso de poder da beleza. Só o poder de se cercar dela.

A garota virou para o norte, entrando no Village, mas continuei em direção à Sexta Avenida. Acho que eu sabia aonde ia antes de me permitir admitir isso. As pessoas tinham ido em bando para as ruas em seus casacos acolchoados. A neve havia quase desaparecido, sugada pelo forno gigantesco aceso nas profundezas abaixo do concreto da cidade. Na West Fourth, assisti a um jogo de basquete através de um alambrado. A visão de corpos masculinos em movimento, mesmo completamente indiferentes à minha presença, me animou de alguma maneira.

Acima da Rua Vinte e Três fui siderada mais uma vez pela profusão de antigos anúncios pintados. Todos os prédios, parecia, traziam várias tatuagens desbotadas,

muitas superpostas e só ligeiramente legíveis, só em partes. “5¢”, “Mão”. “Peixes”. Eu estava agora no bairro das flores, portas de lojas liberando correntes úmidas de selva no frio, gatos enroscados por trás de janelas embaçadas. Virei para oeste e andei para a Sétima Avenida.

A recepcionista de Anthony Halliday não estava de plantão, então tomei a liberdade de desviar da mesa dela e bater direto à porta dele, que estava fechada. Abri-a. O detetive estava recostado na cadeira, os pés na mesa, lendo um livro de capa mole.

— Charlotte — disse ele, obviamente pego de surpresa por minha chegada não anunciada. Endireitou-se na cadeira e pôs o livro de lado. — Que surpresa.

Ele estava me olhando de um jeito estranho, e me lembrei das minhas orelhas vermelhas e da minha maquiagem pálida e esquisita.

— O que está lendo? — perguntei.

— Uma coisa extracurricular.

Ele pareceu constrangido.

Contornei a sua mesa e peguei o livro. *O longo adeus*, de Raymond Chandler.

— Dia parado — disse ele.

A sala era um lugar calmo e esquecido, a claridade entrando preguiçosamente pela janela. Do meu ponto de observação ao lado do detetive, pude ver o conteúdo da fotografia em que eu tinha reparado na mesa dele da última vez: duas garotas ruivas que pareciam idênticas. Gêmeas. Três anos? Cinco anos? Eu era péssima em estimar idade de crianças. Elas estavam rindo, sentadas lado a lado num balanço.

— Por que não escrever o seu? — perguntei.

— Estou tentando — disse ele. — Esse cara — ele aparentemente se referia a Chandler — está me ensinando.

Tornei a dar a volta na mesa e me sentei na cadeira em frente a ela.

— Você não devia pegar uma garrafa de conhaque e dois copinhos? — perguntei. — Ou será uísque?

Ele riu.

— Nos velhos tempos, eu teria pegado — falou. — Embora talvez não me desse o trabalho de pegar os copinhos.

— Os velhos tempos.

— Estou aposentado.

Bateu duas vezes com o nó do dedo na mesa.

— Você não devia ter um pouquinho à mão para seus clientes menos iluminados?

— Ainda não — disse ele. — Não confio em mim.

— Mas você parece muito confiável.

Flerte descarado. Acho que ele estava se acostumando com aquilo.

— O que posso fazer por você, Charlotte, nesta tarde de inverno?

— Me contratar.

Ele fez cara de espanto.

— Em que função?

— Detetive. Detetive assistente, se quiser. Aprendiz.

Ele me olhou mais um instante, depois caiu na gargalhada.

— Estou falando sério — falei, sorrindo para ele.

— Quais são as suas qualificações?

— Quais são as suas?

— Sou um ex-advogado. Um monte de detetives são policiais aposentados.

— Sou uma modelo aposentada — disse eu.

— Pelo visto estava trabalhando hoje.

— Foi o meu último trabalho.

Ele se remexeu na cadeira.

— Será que o fato de ter sido modelo não a deixa um pouquinho... visível?

— De jeito nenhum — respondi. — Muito pelo contrário. Pessoas que me conhecem há anos me olham como se nunca tivessem me visto.

O sorriso estava machucando meu rosto. Eu tinha ido ao escritório do detetive para me animar, para descansar os olhos na beleza dele e esquecer o dia de hoje. Mas, por alguma razão, sua presença me tornou mais consciente de como eu me sentia terrível. Acabou, pensei, e eu sabia o que isso queria dizer: a minha vida. A minha vida antes do acidente. A minha vida até aquele momento, e talvez o incluindo.

— A ideia me parece terrível — disse ele baixinho.

— Estou tentando considerar isso como uma oportunidade única de recomeçar.

— Então faça um favor a si mesma — retrucou ele. — Mire mais alto que isso.

Por um momento, pensei que estivesse brincando. Depois, não consegui encontrar uma resposta.

— Então por que você não faz isso? — perguntei. — Mirar mais alto.

— Eu atirei. Mas aterrissei aqui.

— E que mal há nisso?

— A gente passa a vida inteira vigiando os outros — disse ele. — Sinto que isso come a nossa alma.

— É engraçado — refleti. — Pensei que ser fotografada tivesse esse efeito.

— Talvez as duas coisas.

— Nesse caso, me contrate — insisti —, uma vez que a minha alma já está esvaçada.

Ele riu, observando-me. Senti-o pesando opções, embora eu não conseguisse calcular quais. Então ele se rendeu, vi no seu rosto.

— Que tal isso? Tem a ver com o nosso amigo desaparecido.

Z de novo.

— Seu amigo — rebati.

— Eu gostaria de passar uma noite indo a lugares como os que ele frequentava. Não fazer disso um bicho de sete cabeças, só meio que conferir a cena. Será que essa é uma ajuda que você poderia me dar?

Estreitei os olhos, fingindo pensar. Halliday não precisava de mim para isso. Estava trabalhando para Mitch e Hassam. Era um convite para sair. O detetive estava me convidando para sair com ele. E, no entanto, fiquei muito triste, muito esvaçada por não conseguir exibir qualquer triunfo.

— Não vamos chamar isso de ajuda — respondi afinal. — Vamos chamar de um teste gratuito dos meus serviços, com uma opção de compra.

Ele balançou a cabeça.

— Chame do que quiser — atalhou.

CAPÍTULO OITO

Após oito anos no mesmo apartamento de um quarto, de repente fiquei achando que ele estava com a lotação esgotada. Havia eu. Havia o meu rosto irreconhecível. E havia mais alguém. Não era filho nem bicho. Era o Desespero.

Diferentemente das várias outras visitas que recebi ao longo dos anos, o Desespero não tinha uma silhueta, muito menos uma forma distinta. Eu nem conseguia vê-lo. Mas ao chegar do escritório de Halliday, abrir a porta e botar os pés dentro do meu apartamento silencioso, senti-o puxar a vida de dentro de mim.

Encolhi-me no sofá, acendi um cigarro e olhei para o anúncio da Pepsi-Cola mostrando o traseiro para Manhattan de Long Island. Esperei o Desespero ir embora, mas ele não foi. Encostou-se em mim, empurrando-me por cima e por baixo com um peso insuportável, colossal. “Quando você chegou?”, perguntei. “A que devo esse prazer? Quanto tempo pretende ficar?”

Mas o Desespero não tinha que responder a ninguém.

Quando o telefone tocou, meu novo companheiro encostou no fone e eu mal consegui tirá-lo do gancho. Oscar. Eu havia tido a intenção de ligar para ele mesmo quando temia ligar para ele — eu precisava do seu conselho sobre onde levar o detetive aquela noite.

— Charlotte, eu sinto muito — começou Oscar.

Sua voz, despida da habitual carcaça de ironia, paródia, arrogância e autozombaria, soava como de outra pessoa. Uma pessoa triste. Ou talvez fosse assim que Oscar realmente soasse.

— Eu tinha que tentar — disse.

— Eu sei.

— Fiz isso por você.

— Eu sei. Só que... não deu para eu ir até o fim.

— Claro que não.

Houve uma longa pausa, uma pausa em que tive a sensação de que Oscar e eu estávamos embaixo d'água, observando um ao outro através de milhares de marés agitadas, resistindo à atração delas por mais um instante. Depois mais outro. Eu ouvia telefones apitando no fundo, mas Oscar ficava ali comigo. Nunca o tinha ouvido tão calado.

— A garota coreana está numa situação difícil — falei, afinal. — Kim.

Ele deu um longo suspiro.

— Em breve ela vai estar fora da minha responsabilidade — disse ele. — Tenho dois ucranianos da plataforma que virou chegando à minha casa a qualquer momento, assim que retirarem o gesso. Ela vai para um dos apartamentos de modelos.

— Oscar, quem vai cuidar dela?

— Ela vai cuidar de si mesma. Não é criança, tem vinte anos, caramba. Você fez isso — acrescentou. — Tenho garotas de quatorze anos morando sozinhas.

Fiquei quieta. Eu estava absolutamente convencida de que a garota ia morrer.

— Charlotte, a fera precisa ser alimentada — disse Oscar com aquela mesma voz triste. — Nós dois sabemos disso.

Adormeci no meu sofá. Quando acordei, às onze e quinze, tive que ser rápida. Saí correndo do meu apartamento à meia-noite deixando um sortimento de roupas deslizando de lâmpadas e móveis, à la Dalí, com uma fileira de garrafas vazias documentando a minha busca por alguma garrafa — qualquer uma — com um restinho de pelo menos um ou dois dedos de álcool.

Felizmente, o meu cantil de bolso (um tubo fino próprio para damas) ainda estava cheio de tequila. Meti-o na bolsa e tomei um trago no elevador, agoniada de ver que o Desespero tinha me seguido até ali e estava planejando me servir de acompanhante a noite inteira — ou talvez pelo resto da vida. Tomei uma decisão cuja crueldade e insensatez chocaram até a mim: se estava indo para o fundo, eu ia levar o detetive junto.

Tudo o que eu precisava fazer era levá-lo a beber.

Anthony Halliday aguardava na portaria. Com aquele jeans preto, aquele blazer escuro e aquela camisa cinza-ardósia, estava surpreendentemente bem para alguém cujo negócio exigia pouca ou nenhuma proximidade da sala espelhada. Minhas

preocupações quanto ao modo de escondê-lo ao passar por porteiros de boate com doutorado em erradicação do mau gosto haviam sido desnecessárias. Ele me cumprimentou com um beijo no rosto.

Seu táxi estava esperando. Dei ao motorista o endereço da Jello, uma boate na Gansevoort Street. A roda da vida noturna tinha girado de novo na minha ausência, e as boates desejáveis eram todas novas. Oscar havia sugerido duas outras, a Pollen e a Ga Ga Lounge, a nova boate de Mitch e Hassam, e eu meio que me entusiasmei com a ideia do Desespero tentando se colocar dentro desses antros de vida noturna, onde a mera infelicidade era tão bem-vinda quanto um primo enorme de gordo de Nova Jersey.

Não havia ninguém do lado de fora da Jello, e um leão de chácara com cara de lagarto nos deixou entrar sem espera. Sala retangular de tamanho médio. Paredes pretas. Luz negra abundante manchando de roxo todas as superfícies brancas, mas sem corpos vivos suficientes para criar a massa-agitada-que-elimina-comportamentos essencial para o sucesso nas boates. Conduzi Halliday para o bar, que irradiava uma luz púrpura de dentro da sua borda oval, iluminando o rosto de todo mundo que trabalhava do outro lado do balcão. Não era a luz ideal para a garota que pegou esse trabalho de *barwoman* na esperança de ser vista por um agente de modelos, e lá estava ela — sempre estava —, uma loura com um cabelo seco eletrificado todo emaranhado e olheiras.

Pedi uma vodca tônica dupla e bebi enquanto nos encaminhávamos para a área VIP. Essas regiões variavam de estabelecimento para estabelecimento, mas duas características eram constantes: manter os VIPs isolados da plebe e permitir que a plebe os visse. A Jello cumpriu essas exigências construindo uma grande gaiola branca, dentro da qual os VIPs, poucos dos quais eu reconhecia, dançavam e gritavam uns com os outros acima da música, enquanto os de fora, como nós, olhavam para eles através das grades. Um porteiro mal-encarado era encarregado de deixar os VIPs entrarem e saírem da gaiola.

— É aí que ele estaria? — perguntou Halliday, apontando para a gaiola.

Custei um pouco a perceber que ele se referia a Z.

— Provavelmente — respondi.

Senti que Halliday queria entrar na gaiola, mas hesitava em pedir temendo me

constranger. E privada da minha turma habitual, sem conhecer esse porteiro específico, eu não sabia bem como conseguir isso.

— Vamos embora — falei. — Este não é o lugar que queremos.

Na rua, chamamos outro táxi. Indiquei ao motorista como chegar na Ga Ga Lounge, na West Twenties Street perto do rio.

— Conte alguma coisa sobre a mentalidade das pessoas nessas boates — pediu Halliday. — Por que elas vão? O que tiram disso?

— É difícil dizer.

— Mas você vai há anos.

Será que eu lhe contara isso? Eu tinha quase certeza que não. Talvez ele simplesmente presumisse.

— Eu ia.

— Parece... superficial. Falso.

— Acho que é dessa parte que eu gosto — falei e ri. — Ninguém finge dizer a verdade, as pessoas vão logo mentindo. É um alívio.

— É isso que você faz? Só mentir?

Hesitei. O que eu abominava — o que sempre abominei — eram as conversas em que as pessoas haviam tentado me envolver inúmeras vezes anos afora: você me conta como o seu pai lhe deu uma surra de cinto; eu lhe conto como me deixavam horas chorando sozinho no quarto, como eu era proibido de tocar piano, como eu me sentia solitário e triste quando criança, e depois disso, somos íntimos, porque cada um de nós vai saber quem domou o outro. Não havia nada mais falso no mundo. Não era da conta de ninguém quem tinha me domado. Talvez eu nunca tenha sido domada.

— Quem quer ouvir a verdade? — perguntei. — Em geral é chata.

— Discordo — disse ele. — Falo como alguém que ouve conversa fiada o dia inteiro. A verdade é quase sempre mais interessante.

— Acho que você escolheu o trabalho certo — comentei.

Formou-se um congestionamento de táxis amarelos, todos fluindo numa espécie de agonia para um único destino. Halliday e eu nos unimos a uma turba nervosa do lado de fora de um par de portas de armazém, presididas por dois porteiros negros com uma expressão zen nos olhos.

— Tudo bem, ninguém entra até vocês se acalmarem, gente! — entoou um desses mestres zen, mas a reação imediata da multidão foi avançar de encontro às cordas de veludo, antevendo a sua exclusão e objetando queixosa e veementemente.

Só então uma limusine alugada num estado que já não era o mais perfeito parou na frente da boate e começou a despejar a sua carga: Gil Jamais, um promotor medíocre, acompanhado de uma trupe de jovens modelos que ele tinha arrebanhado aquela noite, garotas que resplandeciam com um frescor de novidade, sua encantadora juventude catalisada pelo desejo faminto de todo mundo em volta delas numa efervescência que lhes permitia se derramarem naturalmente entre a multidão em pânico e paranoica, passando pelos leões de chácara (cujo trabalho era facilitar esse derramamento) e através das portas do armazém, desaguando do carro para a boate em questão de segundos. Não havia como impedi-las. Tal efervescência era um composto muito instável para se manter em meio às demais pessoas — sua própria natureza exigia que ela desaparecesse, transformando-se instantaneamente em memória. Com que clareza eu via isso! E o fato de eu ver com clareza revelava uma nova informação estranha: eu não era uma das efervescentes; estava me esforçando para isso, comendo com os olhos as suas propriedades desafiadoras de paredes e portas, como todo mundo.

De fato, quando Halliday e eu tentamos entrar no empurra-empurra de gente implorando, ele nos repeliu com impermeabilidade maleável.

— Pessoal. Relaxa — entoava o porteiro.

Halliday olhou para mim — não estávamos perto da porta — e senti que ele ia se resignando com o fato de não haver mais nada que eu pudesse fazer. E aí, estranhamente, o Desespero deixou o seu papel de adversário e veio me acudir com uma série de golpes potentes em minhas costas que me fizeram entrar a toda na multidão, pedindo licença com um gesto de cabeça e avançando à força em zigue-zague por entre os pedintes (de mão dada com Halliday), enquanto o Desespero me advertia, com um aperto gelado no meu coração, de que um sentimento de extremo desprazer me aguardava — a chatice de uma noite frustrada —, se eu não conseguisse nos fazer atravessar a multidão e passar pelos leões de chácara e entrar na porra daquela boate. Abri caminho até um dos

mestres zen, cujo braço até cheguei a segurar (mas sem apertar) enquanto, com uma voz calma e categórica, revelava a notícia de que eu era Irene Maitlock do *New York Post*. “Reportagem”, “Mitch e Hassam”, “Entrevista” e “Perdendo a paciência” foram alguns temas adicionais em que toquei antes de lhe entregar o cartão de Irene, que eu tinha guardado daquela sua malograda visita simplesmente porque me impressionou.

O porteiro, sem dúvida um *connaisseur* de prevaricação, fitou-me com olhos que pareciam transplantados da estátua flaviana que eu tinha visto mais cedo. Olhou para o cartão de Irene, devolveu-o a mim e entrou sem uma palavra. Voltou instantes depois na companhia de um inglês que eu já conhecia, um tipo na faixa dos quarenta e alguns com uns dentes caóticos e um olhar sujo. O leão de chácara me indicou com um gesto de cabeça, consumando assim o seu papel de intermediário sem recorrer uma só vez ao uso da laringe.

— Você é a repórter? — perguntou o inglês.

Estendi a mão de um jeito que parecia um gesto de repórter.

— Irene Maitlock — falei, apertando a carne de anfíbio do inglês. — Este é Anthony Halliday.

— Me desculpe — disse o inglês com ironia. — Levo vocês lá para cima.

Após tamanho esforço, ter aquelas portas abertas — para você — passar por elas como se, de repente, magicamente, elas fossem porosas, como se você tivesse assumido o poder de atravessar paredes, foi uma experiência que me deu um arrepio de prazer mesmo depois de tantos anos, e conferiu certo esplendor rarefeito a tudo o que estava do outro lado. Halliday e eu seguimos o rastro do inglês através da escuridão retumbante e da pressão dos corpos. Na pista de dança, a multidão se movia como uma massa elástica única, como um cardume de peixes.

Finalmente, o inglês nos deixou ao pé de um lance de escada em curva protegido por um leão de chácara cujo zen, se algum havia, era o zen do tédio extremo.

— Mitch e Hassam devem estar lá em cima — gritou o britânico acima da música, e nos fez uma continenciazinha estranha quando lhe agradecemos.

O leão de chácara puxou para o lado a corda de veludo para nos deixar passar.

Essa área VIP ficava num mezanino da boate. A sala era rodeada de palmeiras

falsas e reservados como grandes vírgulas de veludo, e, de um lado, havia uma pequena pista de dança iluminada por baixo com losangos de luz colorida piscante.

— Mandou muito bem — gritou o detetive no meu ouvido.

— Estou sendo testada — lembrei-lhe.

Fui seguindo para o bar, pedi uma segunda vodca tônica e beberiquei-a. Em meus braços, eu segurava uma esfera giratória leve de animação. De onde ela vinha?, eu me perguntei, depois vi que eu havia me desvencilhado do Desespero, ou antes, ao me tornar Irene Maitlock eu tinha me livrado de Charlotte Swenson, a quem o Desespero impingira a sua repulsiva pessoa naquela noite. Acenei para ela, coitadinha, curvada sob o peso do seu par oneroso e nocivo. E cá estava eu, livre, leve, um lagarto fugindo após abandonar o rabo com o sádico que o estava agarrando.

Halliday olhou a sala. Os reservados de veludo estavam infestados de modelos atravessadas nas almofadas ou empoleiradas nas bordas das mesas como gatos de pelos longos. Homens se desdobravam agitados em volta delas, buscando bebidas, sussurrando em seus ouvidos, tocando em seus ombros estreitos e braços finos de um jeito que denotava uma atitude tanto de adoração quanto de posse. Embora fosse inverno, as modelos usavam vestidos finos e não levavam bolsas, como crianças. Quando se debruçavam, o fio de pérolas de suas colunas aparecia através da roupa.

— Como elas todas sabem vir aqui? — perguntou ele. — Essas garotas.

— São trazidas pelos promoters — falei. — As mais jovens provavelmente não têm ideia de onde estão. Um promoter leva quinze garotas para jantar, depois as traz aqui.

— O que ele ganha com isso?

— Ah, dinheiro — respondi. — A boate paga a ele para trazer as garotas. E ele ganha certo estilo de vida. Os playboys o deixam usar as limusines deles, convidam-no para os Hamptons no verão. Querem acesso às garotas. E os restaurantes muitas vezes não cobram nada de uma mesa cheia de modelos. As moças fazem bem aos negócios. Um promoter pode não ter quase nada e viver como um rei.

— Então ele é basicamente um cafetão — concluiu Halliday.

— Não — eu disse, assustada. — O oposto. O trabalho de um promotor é proteger as modelos, fazer com que elas se sintam seguras. Do contrário, ele perde todas, e aí não ganha nada.

Senti a discordância do detetive, sua desaprovação, mas não liguei. Eu tinha a minha esfera giratória de felicidade e olhei para a sala, *Irene Maitlock*, fazendo uma reportagem sobre a vida noturna, as modelos magricelas com seus corpos adolescentes e seios exuberantes e rostos feito caixas esmaltadas, criaturas que pareciam os híbridos improváveis de várias espécies exóticas, até fantásticas. Claro que as pessoas pagavam pela companhia delas.

— E Z? — perguntou o detetive. — Ele era promotor?

— Num nível mais alto — respondi. — Ele não ficava arrebanhando garotas. Ficava botando dinheiro em festas e boates, com Mitch e Hassam.

— Falando no diabo — disse Halliday, pois lá estava Hassam em pessoa, avançando devagarinho na nossa direção através da massa de corpos, Hassam com aquela cara redonda e aqueles úmidos olhos escuros, apertando a mão de Halliday.

— Que grata surpresa — falou, de alguma forma mantendo um tom manso, ainda que gritasse para ser ouvido.

— A casa é linda — disse Halliday. — Vocês acabaram de inaugurar?

— Semana passada.

Hassam era de idade indeterminada, uns trinta e muitos anos, talvez. Afirmava ser inglês e falava com sotaque inglês, mas eu ouvira um boato de que ele era mesmo do Afeganistão, e que tinha lutado contra os comunistas e ficado numa prisão soviética. Desde que ouvi isso, andei examinando a sua sombra à cata de vestígios dessa violência, suas marcas, mas Hassam era tranquilo a ponto de parecer adormecido, ou anestesiado. Só uma vez, quando um cara estava falando alto num jantar insinuando que ele tinha pertencido a uma célula terrorista na Argentina, Hassam virou-se para mim e disse “Escuta a merda” — só isso, mais nada, mas quando falou, aconteceu uma coisa nos seus olhos, ou por trás deles, uma perturbação encostada neles, e comecei a me perguntar se aqueles olhos tranquilos não eram mesmo de Hassam no fim das contas. Ele era casado com uma modelo sueca e tinha dois filhos pequenos, Philippa e Nigel, cujas fotos levava na carteira.

Mitch, alertado por quaisquer vetores telescópicos que tivessem entrelaçado o seu destino ao de Hassam (com quem se parecia de uma maneira indiscernível) durante anos, agora virou-se para acrescentar suas saudações. Mitch era o falador dos dois, mais jovem, com um cabelo à escovinha, um torso perigosamente disputado por músculos e banha, um sotaque sulista e o ar tinoso e incrível de um astro de esporte universitário, que ele pode ou não ter sido.

— Opa, Doutor — falou com aquela voz cansada, bombeando a mão de Halliday. — O que o traz a estas paragens?

— Xeretar — disse o detetive. — Como sempre.

— Bem, xerete tudo — retrucou Mitch. — Tivemos o Mike Tyson aqui mais cedo, e o Ethan Hawke. A Annabella Sciarra está bem ali. — Apontou com o queixo na direção de um canto sombrio. — Fique de olho para ver o Eddie Murphy... Ele vem, mas deve ser mais tarde. Vamos ver, quem mais...

Varrendo a sala, seu olhar tropeçou em mim.

— Esta é Irene Maitlock — disse Halliday, achando a maior graça. — Ela é do *New York Post*.

Eu conhecia Mitch e Hassam havia anos e anos. Fora uma das garotas que eles carregavam de restaurante para boate para condomínio nos Hamptons quando começaram, e eu já tinha dormido com os dois. Uma vez com Mitch, duas com Hassam (muito antes do boato sobre o Afeganistão, ou certamente eu teria sabido a resposta assim, o sexo sendo o domínio em que o eu-sombra era levado a sair da toca com mais frequência). Agora eu apertava suas mãos e olhava nos olhos deles, os de Hassam calmos e sem fundo, os de Mitch inexpressivos e reflexivos como espelhos retrovisores, e fingi estar conhecendo os dois naquele instante. A sensação foi inesperadamente palpitante.

À menção do *New York Post*, a cara de Mitch passou por uma série de transformações: da indiferença na presença de uma não modelo desimportante (a saber, eu) à empolgação ávida na presença de um membro da imprensa (eu) a uma neutralidade estudada no intuito de disfarçar o seu oportunismo e criar a impressão de que seus oferecimentos seguintes (e eu os senti vindo como a comichão que desencadeia um espirro) não eram nada mais nada menos do que o que ele teria feito à pessoa desimportante que ele primeiro julgara ser eu.

— Posso lhe oferecer uma bebida? Posso levá-la para conhecer a casa? — perguntou. — Tem alguém com quem queira falar? Se soubéssemos que viria, poderíamos ter feito alguma coisa.

— Estou bem — falei, tentando não rir.

Ele passou furtivamente um cartão para a minha mão com a desenvoltura discreta de um escolado distribuidor de propinas para maîtres.

— Este é o nosso escritório — disse ele. — Quando quiser voltar, me dê uma ligada e instalamos você, lhe arranjam os uma mesa. O que quiser.

Eu estava fascinada com o jeito como ele falou comigo: sem gênero, respeitoso, como se eu fosse homem. Então o poder era isso, pensei. A sensação era essa.

— Alguma notícia do meu antigo sócio? — perguntava Hassam a Halliday.

— Alguns rumores — disse Halliday. — Nada claro.

— Ainda meio que espero que seja uma piada — comentou Mitch. — Como se o Z fosse entrar aqui uma noite e dizer: Ei, e o meu azul? Porque ele queria pintar a casa toda com um tipo de azul forte, quase arroxeadado...

— Azul-cerúleo — disse Hassam.

— É, exato, ele queria chamar de “Olho”, sabe, tipo uma coisa do gênero olho da tormenta, o que não é má ideia, a gente ainda poderia fazer isso em algum lugar se ele voltasse...

— Ele se foi — disse Hassam, tão baixinho que foi incrível termos ouvido, e paramos, esperando que ele entrasse em detalhes, mas, a essa altura, a maré de pedintes e puxa-sacos e modelos à cata de bebidas grátis que se acumulava à nossa volta desde que tínhamos começado a formar o nosso grupo de conversa, esbarrando em nossos corpos com uma pressão cada vez maior, finalmente rompeu a barragem da nossa união, ensopando Mitch e Hassam de beijos jogados e apertos de mão cabalísticos e elogios hiperbólicos à nova boate e pedidos, sobretudo pedidos, *tenho um amigo que está parado na porta, estou procurando um pouquinho* (snif sniff), e apesar de muitos desses pedintes serem conhecidos meus, muito embora eu pudesse estar entre eles antes do acidente, agora eu era invisível.

Eles pareciam quase passar através de mim e de Halliday a caminho dos promoters, e assim pude treinar a minha nova e descarada curiosidade diretamente neles, a curiosidade de uma repórter do *New York Post*. Só quando Daphne

apareceu, o rosto gravado com três lanhos frescos de cada lado da sangria da tarde, virei as costas.

— Olha quem trabalhou para Spiro! — ouvi Mitch berrar para ela.

Ele tentou tocar numa de suas feridas, mas ela afastou a mão dele com um tapa.

— Vamos dar uma circulada — falei, persuadindo Halliday a voltar para o bar, onde fiz que não vi o seu olhar de desaprovação e pedi mais uma vodca dupla.

Demos a volta na sala, Halliday olhando para os reservados.

— Naqueles meses todos, você nunca falou com ele? — perguntou, e custei um pouco a me dar conta de que ele se referia a Z.

Embora àquela altura eu devesse saber. Ele sempre se referia a Z.

— Ele era calado — respondi. — Quase sempre parecia nem estar ouvindo, mas acho que estava. Acho que ouvia tudo.

— Por que diz isso?

— Ele era ligado — falei. — Bebia suco e chá, mais nada. Se alguém dissesse o nome dele, ele virava num segundo.

— Você o observava com bastante atenção.

— Observo todo mundo. É como eu aprendo.

— Acho que só lhe resta isso — disse ele com ironia —, se não acredita no que ninguém diz.

— Anthony — chamei, e aguardei até ele olhar para mim. — Ele era só um sujeito qualquer. Desapareceu. Que diferença faz?

— As pessoas não desaparecem — atalhou ele. — Elas vão para outro lugar. — Senti-o questionando se deveria continuar. Por fim, disse, numa espécie de ímpeto: — Ele não era grego. Não era casado. Obviamente não se chamava Z. Não estava no ramo de importação-exportação, nem mesmo no de drogas. Chega do nada, passa quatro meses frequentando lugares como este, depois desaparece sem deixar vestígio. Qual era a dele?

— Você poderia estar falando de vinte pessoas diferentes — observei, mas, mesmo enquanto falava, eu sabia que aquilo era inútil.

Por alguma razão, Z tinha assumido um lugar na imaginação do detetive. Talvez a troco de nada.

— Na minha opinião — disse Halliday com cuidado —, você sabe muito mais sobre esse cara do que está disposta a dizer.

— Você pensava isso antes de me conhecer — falei, e ele não negou. — Por quê?

— Instinto.

Dei a Anthony Halliday o que eu esperava ser um sorriso encantador, descontraído. Agachei-me atrás desse sorriso como se ele fosse uma peça de cenário faiscante.

— Também tenho instintos bem bons — comentei.

— Então por que não os divide comigo, para variar?

— Você está irritado por ter perdido as suas filhas — respondi, e soube no instante em que ouvi aquilo, antes mesmo de a surpresa ter enxaguado tudo o mais do rosto de Halliday, que eu tinha acertado. — As ruivas — acrescentei, de quebra.

— Como sabe que tenho filhas?

Limitei-me a sorrir, observando-o entender. Ele era um detetive, afinal de contas.

— A foto — falou, e sorriu.

— Elas poderiam ser suas sobrinhas.

Ele fez uma careta.

— Quem guarda foto de sobrinha?

— Quem não tem filhos.

Após uma pausa, ele disse:

— Você está certa. Sinto falta das minhas filhas.

Eu não disse que ele sentia falta delas — disse que ele estava furioso por tê-las perdido. Mas deixei passar.

— Preciso de uma bebida — comentei.

— Essa é a última coisa de que você precisa.

Avancei para o bar, pedi uma vodca dupla e acabei com ela de um trago só. E num único instante — aquele durante o qual acabei com a bebida — atravessei, com rapidez telescópica, as muitas gradações desde o pilequinho à embriaguez trôpega que eu já tinha saboreado em outros pontos da vida, de confusa a chapada

a totalmente apagada — passei por todas elas em um único gole, um único trago (um trago que abrangeu uma vodca dupla, era verdade), e minha chegada ao extremo desse espectro me fez cambalear. A sala adernou enquanto o meu corpo se esforçava para se ajustar à nova química. Delicadamente, fui ver Halliday no balcão, de onde ele olhava para o caldeirão fervente dos não VIPs lá embaixo.

— Quer dançar? — perguntei, conseguindo evitar por pouco embolar as palavras.

Ele demorou um instante para responder, observando-me, avaliando a minha embriaguez com o radar infalível do recém-aposentado, ou talvez apenas considerando a pergunta em si. Dançar em boate não era para qualquer um.

— Tudo bem — concordou.

Por consentimento tácito, contornamos a pequena pista de dança VIP com sua turma de modelos com pinta de colegiais todas dançando juntas, descemos a escada em curva, passamos pelo leão de chácara carrancudo dos VIPs, depois fomos metendo os peitos até a pista de dança. Ele sabia como se mexer, e, mais importante, sabia não exagerar. A princípio, atribuí esse talento óbvio à sua qualidade de detetive e às habilidades que ela exigia, mas era mais que isso: ele era um homem que dançara muito em algum momento da vida. Fiz essa observação aos gritos acima da música, e ele admitiu que era verdade.

— Mas há muito tempo que não — falou.

— Quando?

— Na adolescência. Boates latinas.

O diálogo nos aproximou mais, e Anthony pousou as mãos na minha cintura. Eu sustentaria que, não importa quantas pessoas tocamos em nossa vida, a primeiríssima vez, qualquer que seja a ocasião, invariavelmente é interessante — virar antes criaturas do que apenas vozes e pensamentos. Naquele momento, liberei Irene Maitlock para os braços do seu devoto marido e retomei a minha existência como Charlotte Swenson. O Desespero foi deixado sozinho, sem par.

— Por que boates latinas?

— Havia dançarinos incríveis lá — disse ele. — Era um mundo inteiro. Eu não gostava das coisas que eu deveria estar fazendo, e me envolvi com isso.

Estávamos encostados do peito até os joelhos. Já havendo mais de cem anos

que eu não encostava em outra pessoa, precisei acalmar a explosão de gritos suprimidos de alívio que esse contato ocasionou em mim.

— Você deve ter alguma política de não envolvimento com clientes — comentei, a boca junto da sua orelha.

— Na verdade, tenho.

— Eu não sou uma cliente — lembrei-lhe.

Senti seu peito mexer quando ele riu.

— É, eu sei.

— Vamos lá — sussurrei, roçando a orelha dele com os lábios —, vamos estragar a vida dos outros.

— Eu já fiz isso — disse ele. — Estou tentando consertar.

— Eu posso ajudar!

Ele riu de novo.

— Me desculpe por duvidar disso.

— Uma recaidazinha pode ser muito catártica.

— Não existe isso — disse ele. — Já tentei. — Dançamos em silêncio, ou melhor, dançamos naquela cacofonia estrondosa. Eu sentia o peito de Anthony subir e descer com a respiração. — Enfim — continuou —, você não vai perder muito.

— Você é péssimo de cama? — Senti-o rindo. — Impotente?

— Não antes da primeira garrafa — disse ele. — Bate na madeira.

Recuei e olhei para ele com ceticismo — uma provocação descarada que (para crédito seu) ele ignorou.

— Vou me limitar a ter que conviver com a sua dúvida — falou.

— O parceiro certo é tudo — eu disse. — Sua mulher obviamente não era.

— Ela não era minha parceira. O Johnnie Walker era o meu parceiro.

— Ela saiu perdendo.

— Ela poderia dizer isso — retrucou ele. — Na verdade, acho que eu saí perdendo.

Levantei o rosto do seu ombro e o beijei, primeiro de leve, um toque infantil como o roçar de uma pluma, depois um beijo mais profundamente investigativo. Halliday não respondeu a princípio, além de se deixar beijar. Então, como se uma

gaveta dentro dele tivesse sido aberta, deslocando o seu conteúdo, ele de repente me beijou também, enfiando bem a língua na minha boca, correndo a mão pelas minhas costas até estar segurando a minha bunda. Uma película de desejo me cobriu a cabeça, tapando os meus olhos. Estiquei o braço e segurei-o por cima do jeans, mas ele pegou a minha mão, entrelaçando os nossos dedos.

— Aqui, não — disse.

Uma fila de táxis aguardava na rua, e caímos dentro de um. Dei o meu endereço ao motorista, e o táxi foi como um raio para leste na Rua Vinte e Três. Anthony e eu trocamos um beijo longo e emaranhado, um beijo que envolveu passar por uma série de portas para uma série de salas, de modo que a retirada era difícil, tortuosa. Quando fui pegar o zíper dele, vi-o olhar para o espelho do motorista, onde um par de olhos atentos rapidamente se desviou. Anthony deslizou para um lado do táxi, fora do campo visual do motorista, apoiou as costas em uma das portas e me puxou para o seu colo, beijando o meu pescoço, enfiando a mão no meu vestido e segurando os meus seios. Movi a bunda de encontro a ele.

— Bem, resolvemos o problema da impotência — comentei, e a risada dele me encheu o ouvido com um hálito quente.

Ele beliscou os meus dois mamilos até o bloco de cera em minha barriga — um bloco que andava sólido desde o acidente — derreter de repente. Tateei procurando a bolsa, saquei o meu cantil e entornei um pouco de tequila goela abaixo. Anthony se enrijeceu atrás de mim.

— Não — disse ele. — Chega.

— Tudo bem — concordei, e enchi a boca com um último gole ardente.

Então, virei, a tequila ainda na boca, fiquei de joelhos no banco e beijei Anthony de cima, deixando a bebida escorrer direto em sua boca. Vi o choque em seus olhos. Por um ou dois segundos, nossos lábios ainda ficaram encostados, e depois ele engasgou e me empurrou longe, e cuspiu a tequila no chão. Ficou assim, o rosto virado, depois limpou lentamente a boca com a mão. Quando tornou a olhar para mim, era um estranho — pálido, furioso.

— Para que isso, porra?

— Me desculpe — falei, tentando chegar perto dele. — Eu só estava...

Eu só estava o quê?

Ele me empurrou, mas eu me impingi de novo a ele. Queria que nos beijássemos — só mais uma vez, para ele esquecer, para podermos continuar.

— Pare! — exclamou ele. — Saia de perto de mim!

Mas eu não queria parar nem sair de perto, e finalmente ele se curvou, protegendo-se de mim de modo que a única coisa que me restava fazer era subir em cima dele, tentando não me desequilibrar com os sacolejos do táxi, que àquela altura ia a toda na FDR direção norte, meus joelhos nas costas de Halliday como uma criança brincando de cavalinho.

— Saia de cima de mim! — disse ele com uma voz abafada, mas fingi não ouvir, coloquei a cabeça ao lado da dele e procurei os seus lábios, que infelizmente estavam inacessíveis.

Na verdade, o único meio de ingresso que consegui encontrar foi uma orelha, uma orelha branca, encantadora e vulnerável escondida como uma concha embaixo do seu cabelo escuro. Meti a língua lá dentro.

Halliday pulou como se eu o tivesse espetado com um ferrão elétrico, depois empinou embaixo de mim e me jogou para o outro lado. Bati com a parte de trás da cabeça na janela e vi estrelas, só que não pareciam estrelas, pareciam esperma radiativo.

— Já perdi tudo — disse ele falando baixo. — Tudo o que eu tinha no mundo. Mas o que isso interessa para você, porra?

Minha cabeça latejava e meus olhos estavam cheios d'água. Temi que ele achasse que eram lágrimas.

— Pare o táxi — ordenou ele ao motorista.

— Não dá para parar aqui — retrucou o taxista.

— Pare a porra do táxi.

Ele parou na FDR, e Halliday saltou sem uma palavra. Eu também não falei nada. Meus ouvidos zuniam tanto que não ouvi a porta bater, embora o táxi tivesse sacudido com o impacto.

Quando o motorista prosseguiu para o meu prédio, relaxei e entrei num torpor onírico, uma confusão a respeito do que havia acontecido exatamente. Mas, uma vez na portaria, fazendo aquele percurso familiar, passando pelo porteiro

sonolento, embaixo do vasto lustre que parecia ter sido roubado do Hyatt mais próximo, rumo aos elevadores, senti meu novo amante me recebendo em casa com um peso frio e difuso. Abri o cantil e terminei a tequila dentro do elevador.

Meu apartamento estava exatamente como eu o havia deixado, só que agora as garrafas vazias e o caos de roupas largadas pareciam o prelúdio promissor de uma noite estragada. Eu tinha esquecido que não havia bebida. Fiquei parada na sala, ruminando isso por uns dois ou três segundos, depois girei nos calcanhares e rumei para a portaria. Eram 3h45 da manhã, e as minhas opções de bar seriam limitadas. Recusei a oferta do porteiro de chamar um táxi e voltei para a noite gelada. Três e cinquenta. Eu tinha dez minutos para achar um bar. Segui calmamente para a Primeira Avenida, rumando para o McFadden, um pub irlandês minúsculo aonde eu fui uma ou duas vezes antes do acidente, e onde o ambiente de bêbados teimosos era equilibrado por casais jovens mexendo Irish coffees e comendo uma asquerosa torta à la mode, mas, quando cheguei ao lugar onde deveria estar o McFadden, encontrei o espaço vago, lixo amontoado por trás das janelas empoeiradas e um cartaz de “aluga-se” pendurado torto. Três e cinquenta e sete.

Ótimo, pensei, nada de bebida. Pensei “ótimo”, mas eu não achava ótimo — achava extremamente desagradável, e o desprazer era algo a que eu podia dar um nome. Palavras como “ruim”, “triste”, “passando mal” pareciam delicadas ao lado desse nome. Examinei os meus sinais vitais. Pulso: muito acelerado, talvez por volta de 120. Temperatura: baixa. Mãos: trêmulas, coração um pouco disparado... Diagnóstico? Eu estava tendo um piti. Tudo bem, eu disse a mim mesma, então foi uma noite ruim, você tomou uma única decisão errada e isso lhe custou uma trepada com um antigo bebedor que era meio violento — isso é uma tragédia? Vá para casa, tome um remédio para dormir... Amanhã é outro dia, blá-blá-blá, mas essa minha parte racional estava estranhamente privada do direito de voto essa noite, porque, quanto mais eu me censurava, mais agitada eu ficava, a ponto de realmente gritar — curvei-me e berrei na rua deserta —, um grito de dor e desamparo que soou como um grito animal, até para mim.

Comecei a caminhar em direção ao East River. Eu tinha descoberto que estados de desconforto mental só poderiam ser administrados com atividade física.

Não pense! Posso aguentar isso, eu disse a mim mesma. Sou forte, olha tudo por que passei e a que sobrevivi. Eu queria chegar ao rio, mas ele era difícil de alcançar. Era bloqueado por um parque, cujos portões eram fechados ao pôr do sol. Mas hoje à noite, ainda bem, misteriosamente, o portão fora deixado aberto. Adentrei o parque e atravessei a FDR por uma passarela. Um vento gelado era o centro das atenções ao longo do rio, cheio de cristais de gelo e cheiro de gasolina. Passei pelo que pensei serem sacos de lixo, mas afinal eram pessoas, seres humanos deitados na calçada e encolhidos embaixo de caixas — como podiam sobreviver a esse frio? Já estavam mortos? Andei mais depressa, meio que esperando alguém surgir do nada e me assassinar, me jogar no rio gelado — eu inocente, ceifada na flor da idade! Ah, tragédia.

O espeto estreito de concreto por onde eu ia andando depressa afinou até desaparecer e eu chegar à boca de um túnel. O vento me enchia os ouvidos, introduzindo uma agulhada de dor em cada um deles. Olhei para o meu prédio assomando no alto, suas varandas escalonadas criando a silhueta de um zigurate contra o químico céu cor-de-rosa. Virei-me e depressa comecei a caminhar de volta.

O porteiro pareceu aturdido com o meu regresso — senti que se perguntava se havia sonhado com a minha chegada anterior em casa. Mas dessa vez eu cheguei já de braço dado com meu novo companheiro, um amante malvado que me amassara com seu abraço e me impingira um beijo venenoso, assim como eu fizera com Halliday. No elevador, pulei para continuar me movimentando, e quando a porta abriu, corri para o hall.

Acendi as luzes, e meu apartamento saltou sobre mim. *Posso vender o apartamento*, pensei. *Posso vender o sofá modulado*. Pensei em vender os colares e pulseiras e brincos caros que eu ganhara ao longo dos anos de playboys ricos e insolentes. Eu poderia vender meus utensílios de cozinha. Minhas toalhas, minha maquiagem. Minhas bolsas. Minhas roupas! Meus Halstons e Chaneles, meus Gallianos e Isaak Mizrahis. Eu poderia vender o meu som, a minha tevê, embora eles já não fossem o estado da arte. Minha mobília, as antiguidades que eu tinha comprado na Europa. Poderia até vender a minha xilogravura japonesa de uma paisagem rural nevada.

E se vendesse tudo isso, será que eu teria o suficiente?

O suficiente para quê?

Abri a porta de correr da minha varanda e fiquei parada do lado de fora no vento abrasivo. Não, pensei, não quero vender nada disso. Eu estava muito bêbada para vender qualquer coisa.

Acabou, pensei. Terminou. Não sobrou nada.

Tragédia!

Virei o rosto direto para o vento. Pular. A ideia me passou pela cabeça flutuando como um vapor. Olhei para a escuridão rosada.

Pular.

Fechei os olhos. A ideia de saltar da varanda para a noite inchada de neve me enchia de uma sensualidade ainda mais forte do que a que eu sentira com Halliday — ah, a deliciosa emoção de me entregar a um único ato violento... Cerrei os dentes, engoli aquilo... e senti algo ceder nos meus joelhos.

Ainda de olhos fechados, alcancei a grade de ferro, fechei os dedos em volta dela e passei para o outro lado. Agora eu estava equilibrando os saltos finos dos sapatos em talvez uns seis centímetros de concreto que ainda sobravam para eu pisar em cima. Agarrei a grade às minhas costas. O vento me fustigava, como se eu estivesse amarrada à proa de um navio quebra-gelo. Vinte e cinco andares de vazio deslumbrante me sugavam lá de baixo. Minha cabeça girava. Não abra os olhos. Queixo para baixo. Deixe que a vejam.

Larguei a grade e pulei.

★ ★ ★

Tive a sensação de ter batido no concreto um instante depois. Fiquei ali deitada, espantada de me ver consciente. Ou eu estava morta? Sem dúvida, estava, tinha que estar — como poderia sobreviver a uma queda de vinte e cinco andares? E, no entanto, eu estava consciente, ou, pelo menos, era capaz de pensar. Eu jazia num amontoado, testando meus membros amassados com pequenos movimentos frágeis. Quando abri os olhos, vi tudo duplo, como depois do acidente. Parecia que eu olhava para um painel de vidro. Luzes se derramavam por trás do painel e havia

ruído, um ruído fraco e intermitente... Vozes. Uma voz. Fiquei estirada na calçada, olhos abertos, tentando entender. *Deberr... sister... chillrrn...* porque a voz era conhecida, era a voz de um amigo, um conhecido ou talvez um amante. Não... não. Era a voz de baixo de Robert Stack, o narrador de cabelo esticado de *Unsolved Mysteries*.

Eu estava na varanda de outra pessoa.

Mas como podia ser? Ainda deitada, virei o pescoço para olhar para cima, e, claro, sim, agora eu entendia. Por causa do padrão escalonado que garantia claridade e privacidade a cada um dos proprietários de varanda, esta varanda, embora bem embaixo da minha, se projetava um metro além dela.

Comecei a rir. Doía, mas eu não conseguia parar. Estou viva, pensei.

Levantei-me trôpega e tentei espiar através da cortina que cobria a janela, mas não deu para enxergar muita coisa. Bati de leve na porta de vidro, mas a tevê estava ligada, *Deborah não levou bagagem nem muda de roupa na noite em que desapareceu*, e com certeza, uma vez que eram — olhei o relógio — 4h45, quem quer que estivesse lá dentro estava ferrado no sono.

Delicadamente, abri a porta de vidro e entrei na sala. A planta do apartamento era igual à do meu, mas o seu ocupante parecia ter decidido transformar em quarto a sala que era mais espaçosa, pois, à minha direita, estava a cama, com uma forma volumosa embaixo das cobertas que parecia — olhei de rabo de olho enquanto atravessava sorrateiramente o cômodo —, parecia estar se mexendo, e se mexendo de um jeito que era familiar. Parei e me virei. *Ela disse que tinha um encontro, foi só o que disse, e quando ela não voltou, começamos a procurar...* A cabeça prateada de um homem se projetava de debaixo de uma manta, e embaixo da cabeça dele havia uma segunda cabeça que emitia miados de prazer enquanto o homem se mexia para cima e para baixo.

— Ai, meu Deus — disse a segunda cabeça, com uma voz de mulher. — Ai, meu Deus.

Ai, meu deus.

Com dedos dos pés tão em ponta que mal pareciam tocar no tapete, retomei minha tentativa furtiva e agora um tanto desesperada de fugir do recinto sem ser vista. Mas meu equilíbrio estava desligado, meu joelho doía, meus dedos dos pés

estavam muito em ponta — droga, algo deu errado e tropecei no fio da tevê, perdi o equilíbrio e me estatelei no chão, derrubando um abajur de cobre grande no processo e esvaçando lâmpada e globo, que mandaram estilhaços de vidro grosso e duro direto para o meu cabelo.

Um grito apavorado, seguido por uma comoção, tudo isso se desenrolando num silêncio repentino horroroso — eu tinha desligado a tevê — e no escuro, já que a lâmpada estava quebrada.

— Ali! Ali! — gritou a mulher com uma voz bem diferente da que usara um minuto atrás.

Eu não aguentava levantar a cabeça. Uma segunda luz se acendeu. Quando enfim ergui os olhos, vi um homem forte com um roupão de banho atalhado parado acima de mim, empunhando um taco de beisebol de alumínio azul.

— Por favor, me desculpe — disse eu, o que, dadas as circunstâncias, parecia espantosamente inadequado.

Sem dúvida, eu não era o que o homem estivera esperando ver. Ele abaixou o taco uns poucos centímetros.

— O que está fazendo no nosso apartamento? — perguntou.

Forcei-me a me levantar. Uma mulher mais velha com lindos cabelos tingidos de castanho estava sentada na cama, segurando os lençóis junto ao peito.

— Mark, não deixe ele se levantar — gritou.

— Não é um ele — disse. — É uma ela.

— Sou a vizinha de cima — expliquei. — Do vigésimo quinto. Caí da minha varanda na sua por engano.

Essa explicação calou momentaneamente os dois.

— Como assim, caiu da sua varanda? — perguntou o homem.

— Eu estava fazendo... ginástica — respondi. — E cáí.

— O que ele falou? — perguntou a mulher.

— É ela, Miriam — gritou o homem. — Diz que estava fazendo ginástica e caiu da varanda.

— Ginástica uma ova — bufou a mulher. — Mark, pega o meu robe, amor.

— Relaxa, meu bem — disse Mark. — Está tudo sob controle.

— Estou bêbada — anunciei, na esperança de cobrir quaisquer buracos

remanescentes na minha história.

O homem me olhou, duvidando.

— Estou de porre — eu disse. — De pileque. Mamada. Bebi demais e caí da varanda, certo?

— Entendi — disse ele, depois gritou por cima do ombro. — Ela estava bêbada.

— ...coisa mais louca que já...

Mark me acompanhou até a porta. Gostei dele, desse homem que amava a mulher e ainda a desejava, mesmo quando a idade ia chegando para os dois. Fiquei com pena de tê-los interrompido.

— Sabe, a gente tem uma boa academia aqui no prédio — comentou ele. — No décimo quarto.

— Eu sei — falei.

— Você não se machucou, se machucou, querida?

— Não — respondi. — Estou me sentindo bem.

— Três aspirinas — disse ele, com uma piscadela. — Muita água. Amanhã, durma um pouco se puder.

— Vou dormir.

A porta se fechou, e eu estava de novo no hall. Mas era um hall diferente. Era um prédio diferente. Por quê?, perguntei a mim mesma enquanto pisava no carpete macio indo para o elevador. Por quê? E então, eu soube: o Desespero tinha desaparecido. Ele tinha sido um trambolho muito grande, supus, rindo para mim mesma no espelho do elevador, muito gigantesco e difícil de manejar para interromper a sua queda naquele um metro a mais de varanda. Tinha caído os vinte e cinco andares e morrido.

Tornei a subir, mas, claro, minha porta estava trancada. Voltei para a portaria mais uma vez, onde valentemente expliquei a minha situação difícil ao porteiro estarecido, omitindo a parte sobre a queda da minha varanda. Ele sacou uma chave reserva, e eu subi e consegui entrar de novo em casa.

CAPÍTULO NOVE

Depois do café, Charlotte saiu pela porta dos fundos para o brilho do seu cansaço. Céu branco, árvores esquisitas, a bicicleta onde ela a deixara naquela manhã, às três e quarenta e cinco, após voltar da casa de Michael West. Sua sexta vez. Ela gravava cada visita nas páginas da sua agenda usando um código que ainda estava inventando: exatamente quando deixava a casa e quando voltava; fatos sobre o tempo, gravou isso tudo em entradas como: 1NQ2”0412★// ★★KL1704 (1º de novembro; quinta-feira; chovendo; saí às 12h04; voltei às 4h17; com detalhes da visita intercalados), para que, mais tarde, quando lhe batesse um medo de que isso pudesse não ser real — de que não fosse nada, de que nem sequer tivesse acontecido —, ela pudesse olhar as anotações e se acalmar.

Pedalou sem muita firmeza na manhã crua, esfolada, puxando o peso de sua nova vida, suas complicações intensas. Novembro. Árvores despidas, gramados secos, o cemitério. E, embaixo de tudo isso, uma vibração, invisível como eletricidade.

Charlotte codificou as coisas que ela e Michael haviam feito juntos usando letras (mas evitando o X), asteriscos e barras para especificar os vários atos e poder se lembrar exatamente do que tinha acontecido entre eles, e em que ordem. Houve um momento naquela primeira noite (vinte e quatro dias atrás) em que ele lhe dobrara as pernas, fazendo-a ficar com os joelhos na altura das orelhas, quase dobrada em duas, fragilmente agarrada a esse estranho que se enfiara dentro dela, quando Charlotte pensou: “Você está em apuros”, as palavras claras como se tivessem sido sussurradas em seu ouvido. O fado, o destino, eles foram desaparecendo, deixando só o seu medo: quem era esse homem? Como tinha chegado ali?

Depois, ela tinha pedalado para casa devagar por uma névoa leve (estava em suas anotações), sentindo-se ferida por dentro, quebrada talvez, pensando: nunca vou voltar lá, ninguém jamais vai saber disso. Mas dois ou três dias depois seu

desejo por ele quase a deixou doente — escapar do invólucro miúdo da sua vida para o outro mundo estranho onde ele morava, sentir as mãos dele em seu corpo. Todo.

— Eu tenho um namorado — disse a si mesma, jogando a cabeça para trás e olhando para os vetores nus das árvores. — Estou saindo com alguém. Ele me ama e eu o amo.

Que aquilo fosse amor era essencial, inegociável. Nada menos bastava para dar a seus encontros noturnos uma forma que ela pudesse reconhecer. Ela testava o amor dele de pequenas maneiras. Se me beijar agora, ele me ama. Se cheirar o meu cabelo, ele me ama. Passava a loção da Flórida no rosto e nos braços e na barriga antes de vê-lo, porque ele tinha dito que amava o cheiro — na primeira noite, antes de se beijarem. “Eu amo isso”, disse, e depois a beijou, aquela língua forte e viva por trás da imobilidade do rosto dele. Ele tinha usado o verbo “amar”, estava em suas anotações.

Ela quase avançou um sinal na State Street, e a força da freada a impeliu para a frente, sobre o guidom. O frio lhe queimava as narinas. Ela estava quase na escola. Teve que ficar atenta para não ir de encontro às árvores, ao tráfego, pensando nele. No jantar, ficou sentada com o olhar perdido até Ricky acenar o braço na frente de seus olhos como um guarda de cruzamento. Deixava-se levar das aulas como um gênio saindo de uma lâmpada, flutuava sobre as casas insignificantes até encontrar aquela que lhe emitia sinais quando estava deitada na cama, uma série de impulsos sensíveis apenas aos seus peixes, cujos movimentos agitados registravam a perturbação. E Charlotte se levantava como uma sonâmbula, vestia-se e descia a escada dos fundos com os sapatos na mão até a porta da cozinha, sem medo de ser pega porque a essa altura ela já havia deixado para trás a sua vida em troca de outra.

Na noite passada, ele a tinha colocado na bancada da cozinha, e transaram ali, em pé! Então tinha que ser amor, decidiu Charlotte, trancando a bicicleta no bicicletário lotado na frente da East. Tinha que ser, para ele desejá-la tanto.

O armário de Melanie Trier estava aberto ao lado do de Charlotte, uma coleção de ursinhos de pelúcia e outros mamíferos fofinhos brandindo bandeirinhas estampadas com o emblema da escola. O namorado de Melanie, Tor,

jogava futebol americano pela East e lhe dera milhares de pulseirinhas de ouro que formavam uma trilha sonora chocalhante da existência de Melanie, rindo em seus pulsos cada vez que ela respirava.

— Oi, Mel — disse Charlotte.

— Oicevai ao jogo?

— Eu tenho um... compromisso.

Ela ia se encontrar com tio Moose.

— Uhh!

Tão puro, genuíno, esse desapontamento, como se Charlotte fosse uma presença habitual na torcida dos jogos de futebol. Ela desfrutava da amizade indiscriminada de Melanie, do sentimento agradável de que não havia outro mundo senão aquele em que Melanie vivia, de modo que Charlotte devia viver ali, também.

— Pensamento positivo — pediu Melanie, meio contemplativa. — Precisamos dessa vitória.

Ela fazia parte do Pelotão do Pompom, agitando pompons de papel e as próprias pernas esguias enquanto Tor abria caminho aos empurrões pelo campo.

— Pensamento positivo — prometeu Charlotte.

Depois, fez uma pausa, assaltada por um impulso de mencionar Michael West, de dizer o nome dele em voz alta. Queria que ele existisse do jeito que Tor existia. Mas ninguém podia saber. Era ilegal, para começo de conversa.

Ele tinha cicatrizes, uma na barriga, que parecia uma facada ou alguma operação grosseira, outras menores no ombro. Afirmava não saber a causa — uma das inúmeras coisas de que não se lembrava. Deitada perto do seu rosto, Charlotte viu uma fina linha rosada dividindo ao meio a sua bochecha direita.

— Essa é do talho que você tinha no rio — disse ela, mas ele se limitou a rir, sem confirmar nem negar.

O rio tinha virado uma piada entre eles.

A curiosidade de Michael não tinha limites: que tipos de peixes tropicais Charlotte vendia no trabalho? O que a família dela comia no jantar? Que flores cresciam atrás da casa dela? Ricky, seus anos de tratamento — por que o tratamento de meninos levava mais tempo? Como era o grupo de apoio da família

dela? E acima de tudo, seu pai — quantos produtos a Demographics in America tinha testado? Como era organizado o grupo de discussão? Era nacional ou internacional? Aos poucos, quando as respostas de Charlotte ficaram lacônicas e tensas, ele disse:

— Você não gosta de falar do seu pai.

E ela respondeu, sem pensar:

— Ele me odeia.

Michael usava pendurada no pescoço uma tira de couro com uma pequena conta de âmbar. Charlotte adorava o cheiro desse couro, forte, denso. Recendia a lonjuras, o mais longe de Rockford que se podia ir. Ao outro lado do mundo, onde quer que isso fosse.

O chocallar das pulseiras de Melanie cessara. Ela desaparecera, os corredores estavam se esvaziando, o sinal já ia tocar. Durante longos minutos, Charlotte se limitou a ficar ali parada, contemplando o seu armário. Agora pegava os livros com ímpeto, prometendo a si mesma: se eu fechar a porta antes de a campainha tocar, então ele me ama. Bateu a porta meio segundo antes da campainha, e saiu em disparada pelo corredor para a sala de aula.

★ ★ ★

Após deixar Ricky na escola, Ellen começou suas rondas matinais, catando coisas, arrumando. Os tênis de Ricky — ele devia ter cinco pares de tênis de skate idênticos (aos olhos dela) —, meias emboladas junto à porta de entrada. Um boné de beisebol vermelho. Ela tirou uma camiseta do corrimão e cheirou aquele odor azedo, infantil. E aí veio um dos momentos telescópicos, um momento em que ela se via em algum instante futuro quando seu filho estaria, ou não, ainda vivo. Sim ou não? Preocupada, deixou-se cair nos degraus. Silêncio. Arrulhos. Havia um telefonema que ela queria dar, mas não.

Levantou-se dos degraus sentindo-se ligeiramente renovada, como se tivesse se livrado de uma camada de medo que levaria tempo — horas, dias — para preencher novamente. No quarto principal, fez a cama e estendeu as toalhas molhadas e enxugou as pias, depois atravessou o corredor, enfiando a cabeça nos

quartos das crianças, satisfeita em ver as camas arrumadas. No quarto de Charlotte, levantou as persianas — a filha gostava de escuro e luz artificial, uma diferença entre elas (uma entre milhares). Ellen olhou apreensiva para o aquário de peixes. A água salgada era viva, Charlotte tinha explicado. Podia sustentar apenas uma quantidade limitada de vida adicional, então o aquário estava sempre num equilíbrio precário. Toda vez que olhava, Ellen esperava encontrar algo morto, mas ainda não tinha achado. Charlotte sabia o que fazia. Quanto a isso e tudo o mais.

Para justificar sua presença demorada, Ellen limpou os parapeitos e abriu o armário de Charlotte, examinando a escassa variedade de roupas. Sua filha se recusava a ser levada às compras. Uma adolescente — alguém já ouviu falar nisso? A recusa amargurava Ellen. Quando garota, ela desejara muito um convite desses, mas sua mãe estava sempre muito fraca, muito doente. A última vez que Ellen havia convencido Charlotte a entrar na Saks, a filha a fizera esperar longe das cabines, depois lhe entregara bruscamente as roupas que queria, sem consultá-la. Ellen nem chegara a contar a Harris. Ele ficaria furioso.

Ela abriu as gavetas da escrivaninha de Charlotte, olhando furtivamente para os lápis apontados, as borrachas em forma de peixe, atenta a pistas que levassem à vida íntima da filha controlada e opaca, de quem tinha medo. Ao lado do computador, uma pilha de livros antigos: *Winnipeg: A Social History of Urban Growth* (Nossa, pensou Ellen, por que não chamar de “O Livro Mais Chato do Mundo”?). *Chicago: Growth of a Metropolis. American Locomotives: An Engineering History*. Haveria alguma regra determinando que cada título contivesse dois-pontos? Ela abriu as gavetas da cômoda de Charlotte. Suéteres dobrados com capricho. Meias. Nada escondido por baixo a não ser as placas de cedro que Ellen tinha lhe dado para evitar traças. Adesivos de sapinhos colados no telefone. Na parede, um grande cartaz de um peixe de aspecto estranho do Victoria Lake. Ellen já tinha espiado quartos de filhas adolescentes de suas amigas e ficado estarrecida com suas cargas arrasadoras de balões metalizados em forma de coração e plumas e polaroides sorridentes e indistintas e chapéus com paetês e corpetes de antigos bailes da escola, o cheiro adocicado de perfume, cartazes de objetos de amor sempre ao alcance de um beijo; amontoados de autoexpressão, de autoabsorção. Porém o quarto de Charlotte era uma máscara, uma superfície da qual se tinha eliminado

qualquer coisa sugestiva.

Mas, mesmo assim, Ellen sabia que algo estava acontecendo com a filha. Sentia isso quando Charlotte estava perto e sentia isso agora, por baixo da superfície desse quarto. Ela sabia. Algo estava acontecendo.

Ouviu o zumbido distante da secadora e desceu para pegar a roupa que transbordava da máquina. Antes da doença de Ricky, ela estava terminando a graduação na Winnebago College, em parte estimulada pela esperança de ver Moose, encontrando-o para almoçar no campus, embora num ano inteiro só tivessem feito isso duas vezes. Mesmo assim, ela tinha adorado voltar a estudar. Sua disciplina preferida era “Exploradores Iluminados”, na qual haviam lido relatos de viajantes históricos, Marco Polo e os famosos marinheiros portugueses do século XV, outros de quem nunca tinha ouvido falar: Hsuan-Tsang, um monge budista chinês que passou dezesseis anos na Índia nos anos 600. Mary Kingsley, que caiu numa armadilha para animais na África Ocidental e conseguiu evitar o empalamento por nove estacas por causa da espessura de sua saia vitoriana. E Ellen se sentia como um deles, ela mesma uma exploradora iluminada, embarcada como se estivesse em sua própria aventura exótica.

Mas acabara. Havia muito, o caso que infundira tal promessa em sua vida, o caso que incluía transas nessa mesma lavanderia. Ellen voltava agora para olhar, como se algum halo agradável pudesse permanecer no lugar onde ela e Gordon haviam estado (estado!), um vestígio holográfico. Durante meses, ela evitara lavar o sutiã que usara no que provara ter sido o seu último encontro, garimpara no cesto de roupa suja e arrancara-o de lá para preservar algum vestígio daquele cheiro — o cheiro dele, deles juntos. Agora, ela subia a escada com a sua montanha de roupa branca dobrada e apagava a luz, as duas máquinas cheias novamente e funcionando. O caso começara num jantar na casa de Gordon, uma lembrança que Ellen guardava a sete chaves, permitindo que aparecesse só de vez em quando, em ocasiões especiais, como uma caixa de música cuja canção perde força imperceptivelmente cada vez que é tocada: ela parada ao lado do parapeito de uma janela lotado de violetas africanas, olhando para o quintal. Gordon tocando-a nas costas, pouco acima da cintura, e dizendo muito baixinho em seu ouvido: “Penso sempre em você.”

Ellen nunca repetiu essa frase para o Dr. Alwyn na terapia porque sabia como soaria barata, e recusava-se a ouvi-la desse jeito. Na época, as palavras ricochetearam por ela como uma caixa de bolas de gude atiradas na parede, iniciaram quase um ano de encontros surreais, pornográficos, em locais em que só raramente havia camas, ou então só camas de solteiro. Ela e Gordon eram muito cheios de escrúpulos para oferecer os próprios leitos conjugais ou as camas de seus filhos para tais fins, embora Gordon uma vez tivesse se ajoelhado e a levado ao orgasmo no closet do quarto dela. E, sim, ele a tinha feito feliz, ou antes a agonia da culpa e o erotismo que ele tinha trazido para a vida dela deram a essa vida um foco novo e raro. Nossa, como ela adorava a bunda dele, Dr. Gordon Weeks. Pai de quatro filhos.

Na cozinha, Ellen pousou a cesta de roupas na mesa e pescou o maço de Kools que guardava no fundo de uma gaveta entre lápis e caixas de fósforos para poder dizer que eram antigos, se Harris os achasse. Saiu pela porta dos fundos e acendeu um, em pé — estava muito frio para sentar nas cadeiras do pátio. Novembro, esses dias escuros. E então Ricky ficou doente e tudo mudou. Ela não via Gordon desde então — na verdade, vira-o inúmeras vezes em eventos escolares, em torneios de clube em que ele e Harris jogavam golfe. Mas durante aquele pedacinho de tempo em que sua vida virou de cabeça para baixo com ela sentada numa sala azul-clara da enfermaria da hematologia-oncologia do Children's Memorial Hospital em Chicago, começara uma nova agonia de que Ellen tinha se convencido: que seu mau passo com Gordon — o mau passo dos dois juntos — tinha feito Ricky adoecer. Se ela não tivesse tido o caso, seu filho estaria bem, não “bem” do jeito que estava agora, bem-por-enquanto-e-você-deve-agradecer-a-Deus-até-por-isso. Seu filho estaria intacto. Ellen acreditava nisso.

Acendeu um segundo cigarro, estreitando os olhos para o gramado, o mesmo gramado onde ela brincara quando criança. Lá estava ela, aos trinta e seis anos. Com a eficiência brutal de uma tragédia grega, tinha sido atirada na vida da qual buscara escapar. Ellen arrastara Harris de volta a Rockford — verdade, verdade — quando as crianças eram pequenas, Ricky apenas um bebê. Fizera isso por Moose, para estar perto dele depois daquele desastre indescritível. Mas Moose, logo ficou

claro, não gostava mais de estar perto de Ellen. Durante anos, ela fizera desvios regulares ao longo dos seus dias, para procurar o carro do irmão, rastreando os seus movimentos da universidade para o Versailles e para a biblioteca pública. Era um alívio para ela, de alguma maneira, apenas saber onde ele estava. Mas hoje em dia ela raramente fazia isso. Quase nunca.

E, no entanto, ela ainda estava presa a Rockford. Harris se recusava a ir embora — não podia, dizia ele, sua empresa prosperava e *Rockford é o meu negócio*. Harris não queria ir embora, e Ellen não podia deixar Harris, não até Ricky estar crescido e inquestionavelmente saudável, ou o estresse poderia fazê-lo adoecer de novo. Paralisia: seu castigo. Ellen meio que aceitava isso com prazer.

Terminou o cigarro, depois levou as guimbas para dentro e as jogou na lixeira amassando-as até o leve cheiro de nicotina ter se dissipado; então lavou as mãos com sabonete perfumado (Harris parecia um detetive), foi para o telefone da cozinha e levantou o fone do gancho mais uma vez.

Pois aí estava a coisa diabólica: nos meses após a quimio de Ricky enfim ter terminado, Ellen se vira mais uma vez desejando Gordon, desejando recomeçar tudo, começar do começo e sentir aquela emoção, aquele sentimento infantil de fuga. Havia tanto de que fugir! Nunca houvera um “rompimento” propriamente dito. Gordon tinha entendido implicitamente, então, quando ela dissera “Meu filho está com”, dissera isso ao telefone, sem sequer abaixar a voz. Agora ela tirava o telefone do gancho. Seu coração estava acelerado. Ela ainda sabia os telefones dele, de casa, do trabalho, da central de recados, sabia os horários dele de cor.

Mas não ligou para Gordon. Ligou para Moose, em vez disso.

★ ★ ★

Segurando sua bandeja de almoço, Charlotte ziguezagueava por entre as mesas e passou por Melanie Trier, que gritou:

— Ei, Chari, senta com a gente.

Ela era esse tipo de garota. Então Charlotte se sentou à mesa cheia de namoradas de jogadores de futebol e dos próprios jogadores, alguns dos quais precisavam de duas bandejas para conter as quantidades estarrecedoras de comida

que seus corpos requeriam (Charlotte contou nove copos de leite em uma). Ela entrou na conversa sobre os prognósticos deles a respeito do jogo, como o outro quarterback era um destrambelhado e, portanto, era só uma questão de tirá-lo do sério, dizendo algo estranho (Que tal uma charada?, sugeriu Charlotte), sim, ou talvez um poema... Ela ouvia pela metade, a cabeça em duas frequências. Certas palavras emitiam um significado novo: “noite”, “professor”, “estrangeiro”, até “matemática”, e Charlotte procurava formas de dizer essas palavras porque sentia uma pontada visceral de prazer com cada expressão, como a beliscada de um elástico arrebitado.

Agora as palavras “bancada da cozinha” lhe subiam à garganta, demandando ser ditas.

— Estamos reformando as *bancadas da cozinha* lá de casa — soltou ela para Melanie, e soube, pela reação vazia da amiga, que isso tinha sido um equívoco.

Estava virando uma garota que resmungava coisas estranhas no refeitório. Mesmo assim, dizer as palavras fez o seu coração girar.

Tor virou aquele rosto grande e delicado para Melanie e a beijou. As pulseiras chocalharam no pulso dela. E de novo a pergunta surgiu em Charlotte: se isso era amor, ela também tinha? A pessoa precisava dizer “eu amo” para que fosse amor? Michael não tinha dito “eu amo” a não ser daquela vez, falando da loção dela. O olhar dele parecia muito vazio. Era como se ele pousasse os olhos em Charlotte mas visse outra coisa, ou nada. Depois que transavam, ela virava para ele e colocava a mão na sua barriga (ele era muito magro, mais magro do que parecia vestido), sentindo a bainha de músculos atrás da pele, e tentava adivinhar os seus pensamentos. Queria perguntar: você sente o elo do destino que nos une? Pensa em mim durante o dia, como penso em você? Quer que eu vá à sua casa em noites que não vou? Prefere mulheres de peito pequeno, coisa que me disse que alguns homens preferem? Mas o instinto não a deixava perguntar nada disso, temendo que as respostas dele fossem erradas. “Tenho que ir para casa”, falava em vez disso, e enfiava as roupas no escuro.

— Chari vai ao jogo — disse Melanie a Tor, aparentemente tendo esquecido que ela não ia.

— Legal — exclamou Tor, e Charlotte sentiu o ajuste dos olhos cinzentos dele

enquanto ele a visualizava ao lado do campo, observando-o.

— Pensamento positivo — falou Melanie.

— Pensamento positivo — concordou Charlotte.

Bancada da cozinha, ela pensava.

★ ★ ★

Moose levantou-se de um pulo do sofá da sala, que estava coberto de mapas de Rockford, e correu para o telefone, torcendo para o barulho não acordar Priscilla, que tinha trabalhado na noite anterior e estava dormindo no quarto.

— Ellen — disse ele, surpreso. Ele e a irmã raramente se falavam. — Está tudo bem?

— Ah, ótimo — retrucou ela, com uma voz nervosa. — Eu... eu estava ligando para falar de Charlotte.

— Ah — fez Moose. E depois, muito devagar: — Sobre. O. Quê?

Falou com o maior cuidado, porque a invocação de Charlotte fazia abrir um guarda-chuva de culpa dentro dele: culpa pelo sentimento de obrigação que lhe batia quando ele pensava na sobrinha. Umás semanas antes, ele a tinha soltado no bosque atrás da Winnebago College, mas não demorou nada e ela estava de volta, ensaio em punho, e a surpresa da reaparição inusitada dela suscitou em Moose sua primeira irritação verdadeira com Charlotte. Por quanto tempo isso tinha que continuar? Quando ele ficaria livre da obrigação? O que poderia...

— Moose?

Ele estava ao telefone. Falando com a irmã. Sobre Charlotte.

— ...não consigo arrancar uma palavra dela... — dizia Ellen.

— Hum — fez Moose, e fechou os olhos, forçando-se a se concentrar.

— Pode não ser nada, mas tenho um sentimento de que...

— Hum...

— ...ela está vivendo alguma situação complicada.

Isso chamou a sua atenção. Moose abriu os olhos.

— E achei que você poderia, uma vez que está com ela regularmente, você poderia ter...

— Que situação?

— Bem, não sei.

Moose fixou os olhos nas portas de correr de vidro, para além das quais estavam a sua varandinha, os jardins outonais do Versailles, Rockford, Illinois, e o mundo, cuja imensidão as portas de vidro invocavam, portanto, de forma metonímica. Em seus anos de magistério, ele tivera uns cinco ou seis alunos que pareciam, ainda que só por um instante, só em parte, estar se aproximado de algo que poderia ser, a princípio, uma tênue sugestão da visão que ele desejava revelar. Para Moose, a experiência do contato com eles fora uma doce agonia cuja analogia mais próxima era amor, um amor mais enrolado e esperançoso e desesperado do que qualquer um que ele tivesse conhecido em sua vida amorosa. Masculino ou feminino, não fazia diferença. Tivesse Moose sido informado, então, a respeito de tal aluno, que o dito aluno *estava vivendo alguma situação complicada*, ele teria experimentado uma empolgação catastrófica. Mas Charlotte não era tal aluno, e nem de leve lembrava um. Mesmo aqueles jovens mais promissores jamais haviam realmente visto aquilo. Eles tinham se formado na faculdade e se deixado arrastar para as indústrias de serviço, e, de vez em quando, Moose entrevia um puxando os filhos pela loja Media Play ou comprando tubulação de esgoto no Home Depot, quando se escondia depressa, atabalhoadamente, esquivando-se por trás de prateleiras de cortadores de grama, contornando paredes de comida congelada, desesperado para evitar as consequências prosaicas e mortificantes da sua esperança.

Mesmo assim. *Vivendo alguma situação complicada*. Isso o intrigou.

— Vou observá-la, Ellen — prometeu Moose. — Vou olhar com muita atenção hoje à tarde. Ela vem à minha sala às quatro.

— Obrigada, Moose.

Houve uma pausa.

— E como você está? — perguntou ele.

— Não estou mal.

Moose ouviu uma hesitação na voz da irmã e teve o impulso de declarar o que estava sentindo:

— É bom falar com você, Ellen — sendo sincero apesar do labirinto de

desconforto que tinha se interposto entre eles, uma ressaca de muito tempo passado juntos havia tantos anos, quando ele era outra pessoa.

Sentiu uma ternura tremenda pela irmã mais nova.

— Obrigada — disse ela, tímida. — Igualmente.

E Moose ouviu a felicidade dela, então — ah, a alegria que advinha de dar felicidade aos outros, de entrar no circuito imbricado da felicidade! No entanto, mesmo agora, Moose sentia a persistência da preocupação, fosse qual fosse, que tinha ouvido na voz de Ellen *antes* da felicidade causada por seu comentário, e, tão logo o telefone estava de novo no gancho, ele foi impactado pelo desespero por causa da irmã. Estamos todos sozinhos, pensou, encolhendo-se novamente no fragmento do sofá da sala que não estava coberto de mapas de Rockford. Estamos todos sozinhos.

Após vários minutos de devaneio melancólico, Moose foi distraído pelo ruído de Priscilla se virando na cama, um ruído que lhe fez pensar na sorte que era ser casado com alguém que conseguia dormir até — olhou o relógio — dez e quarenta e cinco nos dias de folga, que dormia como se dormir fosse um esporte. Saiu do sofá e foi ver a mulher. Ela estava cochilando, um livro na mão, notas de lavanda nas cobertas, uma das roupas íntimas de seda que se enredavam em volta dela na cama e também em volta de Moose, que dormia nu. Tinham cheiro de flor. Antes de Priscilla, ele odiava dormir por causa dos pesadelos — fechar os olhos era como pular de um penhasco —, mas dormir com ela era como dormir num mar cálido e boiar, as camisolas se enrolando como anêmonas do mar em seus pulsos e tornozelos.

Priscilla abriu os olhos, viu Moose à porta e abriu os braços. Ele se deitou ao lado dela, mudo enquanto ela beijava o seu rosto, aquele rosto grande e estranho, que ele às vezes achava monstruoso no espelho, cheio de tons que um rosto não devia ter — verde, roxo, verde-limão. Ela beijou-o e disse:

— Como estão as coisas, bobinho?

E ele respondeu:

— Bem. — O que parecia a síntese mais precisa que conseguia reunir das rajadas de felicidade e infelicidade que o haviam fustigado até aquela hora naquela manhã.

— Está trabalhando? — perguntou ela.

— Mais ou menos.

— Estou lendo *Moll Flanders* — disse ela, sonolenta.

— Eu vi. De olhos fechados — brincou ele.

Ela sorriu e se levantou da cama, pernas esguias ainda bronzeadas por baixo da curta camisola cor de lavanda, embora houvesse meses que ela não se deitasse de biquíni na varanda. Moose foi para a cozinha atrás dela.

— Você estava cansada ontem à noite — disse.

— Ih, foi uma loucura. Sem falar que estávamos com falta de gente. Andy ficou doente de novo.

— A anta — murmurou Moose.

— Enquanto isso, estou morrendo de fome — disse Priscilla. Estava acrescentando leite e ovos à mistura em pó para panquecas, incorporando tudo com um batedor grande de aço. Ela sempre comia panquecas ou waffles ou rabanadas nos dias de folga, e no entanto continuava magra — elástica, até. — Quer pegar aquela frigideira para mim?

— Está na mão.

Moose untou a frigideira e colocou-a no fogão. Então pegou Priscilla nos braços, envolvendo sua mulher esguia com os braços gigantesco, aspirando o cheiro leve e apimentado de suas axilas.

Esta era a vida íntima. Para a maioria das pessoas, Moose presumia, a vida íntima era mais terrível do que qualquer um podia imaginar. Esses casais que a gente via mal se falando — a vida deles parecia bem ruim em público! Mas alguém poderia imaginar como era a vida íntima dele? Claro, era improvável que durasse. Moose esperava isso. Ele tinha avançado anos afora por um maciço de placas instáveis, seus passos ficando mais tímidos, mais vacilantes a cada vez que o chão cedia embaixo dele. Mas, por enquanto, Priscilla estava feliz, continuava feliz, em parte (Moose sentia) por puro alívio por ter se emancipado do casamento com Wes Victor, um dentista especialista em canal que a chamava de vaca preguiçosa e exigia que ela vendesse produtos da Amway, que ficara indignado com o seu fracasso em produzir pelo menos um filho em três anos. Wes se casara de novo meses depois do divórcio, e agora se deleitava visivelmente em passar conduzindo

a copiosa prole pela mesa de Moose e Priscilla na praça de alimentação do Cherryvale, aonde ele ia às vezes no sábado. Moose observava com muita atenção a expressão da mulher nesses encontros, sintonizado com o menor sinal de arrependimento ou remorso quando Priscilla via o ex-marido muito mais rico passar com a nova mulher, que arrastava um filho pela mão, empurrava outro num carrinho, carregava um terceiro num saco pendurado às costas e um quarto dentro da barriga, a qual ia à frente num gesto de saudação. Mas Moose só via alívio.

— Olha como ele nem ajuda ela — comentou Priscilla uma vez, no tom assombrado e reverente de alguém que, graças a uma sorte boba de reprogramação, tinha evitado um acidente aéreo.

Priscilla transformou a massa em quatro panquecas chiantes.

— Vai. Trabalhar — disse ela, dando tapinhas em Moose para fazê-lo sair da cozinha. — Eu tenho o meu livro.

Em sua sala de estar, Moose foi acolhido pelos principais mapas topográficos de Rockford do século XIX — 1858, 1871, 1876, 1892 —, junto com uma quantidade de mapas do século XX estendendo-se até os dias de hoje. O Rock River se espasmava de maneira idêntica no meio de cada um, acentuando as mudanças ao seu redor: a ampliação gradual de fábricas no último século seguida por sua dissolução gradual neste. Moose fitou os mapas. Estava tudo ali, a narrativa dos Estados Unidos industriais contada naqueles glifos: uma história que começava com a racionalização de objetos através da padronização, abstração e produção em massa, e se encerrava com a racionalização de seres humanos por meio de marketing, relações públicas, consultoria de imagem e efeito. No entanto, tivesse Moose que convidar um aluno para olhar os mapas (como tinha feito várias vezes), eles não seriam capazes de ver isso. Ele ficava maravilhado e intrigado e furioso com a terrível lacuna entre a sua visão e a dos outros, com o seu fracasso constante em eliminar esse espaço. No entanto, o que poderia fazer senão tentar? E continuar tentando na esperança de que alguém, enfim, olhasse para ele com reconhecimento?

Ao ouvir o chuveiro, Moose levantou-se do sofá. Priscilla estava no banheiro, tirando a camisola cor de lavanda pela cabeça, a escova de dentes cor-de-rosa pendurada preguiçosamente na boca. O vapor subia de detrás da cortina do

chuveiro, misturando-se ao cheiro de calda de panqueca. Moose postou-se atrás da mulher na pia e deslizou a mão por aquela barriga firme, ligeiramente bronzeada, beijando o seu pescoço. Ela riu, enxaguando a espuma dos dentes, depois levou-o pela mão de volta para o quarto, a cama ainda desfeita e cheirosa recendendo ao seu sono, levou-o até lá e o envolveu com seus braços e pernas bronzeados. Fizeram amor rapidamente.

Depois, Moose observou o rosto de Priscilla enquanto “Dancing in the Moonlight” tocava baixinho em seu rádio de pilha na cozinha. No Cherryvale, no ano anterior, ele a vira olhando para um cartaz de um pacote turístico para o Havaí: um casal atravessando a areia cremosa, o homem vigoroso e jovem, diferente de Moose, a mulher esguia e flexível, como Priscilla. “Gostaria de ir para aí?”, ele tinha perguntado, mas ela deu de ombros sem dar importância à pergunta, sabendo que não podiam se dar a esse luxo, sabendo que Moose não embarcava num avião desde que voltara de New Haven doze anos antes. Mas Moose tinha decidido levar Priscilla para lá — ao Havaí, sim, ele iria — e, nos meses seguintes, passara muitas noites em claro, tentando se aclimatar: bebidas à base de frutas. Coco. Água salgada. Gente feliz por todo lado, gente como Priscilla — Moose desejava estar no meio delas. Mas a viagem o assustava, também, e ele não mencionara isso.

Afinal, saiu da cama e se encaminhou de novo aos seus mapas. Só então ouviu o chuveiro ainda aberto no banheiro e esticou o braço por trás da cortina de plástico para fechá-lo.

★ ★ ★

Charlotte foi direto de bicicleta para Winnebago College depois da escola, o corpo formigando com a expectativa. A rua sinuosa da faculdade, o sossego lunar do campus lhe davam uma sensação de calma parecida com a que ela experimentava à noite, indo num estado sonâmbulo de seu quarto até a bicicleta. Eles tinham uma conexão, Moose e Michael West, associados numa relação de causa e efeito que Charlotte não conseguia explicar, mas que sentia profunda e instintivamente. Tudo começara com seu tio: primeiro a sensação de espera, depois

ver Michael West aquela segunda vez. E o conselho de Moose — *siga o seu desejo* —, que tinha funcionado de forma quase sobrenatural.

Ela deixou a bicicleta no bicicletário e seguiu para o Meeker Hall, andando devagar porque estava adiantada. Perambulando pelas trilhas tortuosas, indo em círculos para fazer passarem os minutos a mais, lembrou-se da noite anterior, deitada com ele logo depois de terem transado — não na bancada da cozinha, mas, de novo, lá em cima (estava em suas anotações).

— Onde você estava antes de vir para Rockford? — perguntou ela, enquanto ele olhava para o teto.

— Nova York.

— E antes disso?

Ele a fitou, o luar girando nos olhos.

— Além-mar.

— Que mar?

Em vez de responder, ele arrancou uma kumquat do pé e rompeu a casca com os dentes. A essência da fruta chegou a Charlotte: ácida, amarga, doce. Seria o cheiro do amor? Ela aguardou a resposta dele, mas ele chupou a polpa da kumquat e jogou a casca na direção da janela aberta.

Quando estava indo embora, Charlotte parou à porta dos fundos, encarando-o, e se forçou a falar.

— Talvez você pudesse me dar alguma coisa.

— Dar alguma coisa. — Ele não entendeu.

— Qualquer coisa.

Ela não devia ter que pedir. Tinha que pedir tudo.

— Ah — disse ele, afinal. — Um presente.

— Não precisa ser novo — acrescentou Charlotte rápido. — Quero dizer, você não precisa comprar.

Os olhos dele se moviam, ele estava pensando.

— Podia ser isso, disse ela alegremente, apontando para o peito dele.

A conta de âmbar em sua tira de couro estava escondida atrás da camiseta, mas ele sabia o que ela queria dizer. Se ele me der isso, então ele me ama, pensou Charlotte, e sabia que aquilo era verdade, que as outras provas menores nada

havam provado. Ela olhou para o mistério do rosto dele — ângulos, cantos, sulcos —, o rosto de um estranho a quem dera o seu coração.

— Ou outra coisa — disse ela com displicência.

— Outra coisa — concordou ele.

★ ★ ★

Charlotte chegou à sala do tio e teve a estranha sensação de que ele estava à sua espera.

— Entre, entre — murmurou ele, com um alvoroço atípico para lhe indicar sua cadeira.

Ela ficou admirada, encorajada.

Quando Moose estava instalado atrás da escrivaninha, Charlotte pegou seu ensaio e leu:

Como duas máquinas mudaram tudo sobre grãos

Depois que a campina foi desfeita, ficaram muitos nutrientes no solo, que eles chamaram de "turfa", e os fazendeiros de Rockford nos anos 1830 e 40 começaram a plantar grãos: trigo, milho, aveia, centeio. Os grãos cresceram loucamente. Após a colheita, cada fazendeiro despejava os seus grãos dentro de uma saca de pano com o nome da fazenda escrito, que era como eles eram vendidos.

Normalmente, seu tio sentava curvado na cadeira enquanto ela lia, os nós dos dedos na testa, olhos fechados. Mas hoje Charlotte sentiu o olhar dele direcionado para seu rosto, como se algo lhe tivesse chamado a atenção.

Mas cultivar os grãos era a parte fácil. O pesadelo era levar aquelas sacas cheias e pesadas para um lugar onde elas pudessem ser vendidas. Para chegar a Chicago, a pessoa tinha que carregar as sacas numa carroça puxada por um cavalo, rezando para as rodas não quebrarem nem atolarem na lama, porque as estradas eram 100% de terra. Era isso que era uma estrada: terra!

Ela olhou para o tio de novo, viu que ele ainda olhava para ela, e sentiu que

estava ficando vermelha.

Para chegar a St. Louis, a pessoa carregava as sacas numa balsa ou num barco a vapor e levava-as pelo Rock River ao rio Mississippi, mas se os grãos por acaso se molhassem, então se estragavam. E a viagem levava tanto tempo de barco e de carroça que quando a pessoa chegava ao mercado às vezes o preço do grão estava muito baixo. Como esses fazendeiros sobreviviam, com tantas dificuldades? A gente quase se admira.

Enquanto lia, Charlotte começou a ouvir o seu ensaio de um jeito ligeiramente diferente. Imbuído do que quer que tivesse capturado o interesse de Moose. Ela sentia as palavras na boca: “grãos”, “sacas”, “terra”, “molhado”, cada uma com o próprio peso delicado.

Então nos anos 1850 chegou a ferrovia...

Moose estava observando a sobrinha como prometera a Ellen. Notou suas faces ruborizadas, sua pele rosada até a nascente do cabelo, seus olhos escuros brilhantes olhando para ele timidamente durante a leitura. E mais uma vez, meio contra sua vontade, ouviu as palavras de Ellen, *vivendo alguma situação complicada*, e sentiu os indícios de uma possibilidade.

Uma segunda invenção, que se tornou amplamente usada nos anos 1850, foi o elevador de grãos movido a vapor. Ora, o que é um “elevador de grãos”? Bem, é uma construção que pode receber grãos, pesá-los, armazená-los e liberá-los.

Seu tio a fitava de um jeito estranho, e ocorreu a Charlotte que ele devia notar a diferença nela — logo ele, dentre todas as pessoas que ela conhecia. E agora Michael West parecia flutuar entre eles, uma presença repentina, espectral. Charlotte imaginou estar lendo a história em voz alta para o tio: *Ele me levou para cima. O quarto estava escuro, mas a luz da rua entrava pela janela. Vi os ossos do seu peito...*

Uma máquina puxava os grãos em baldes dos vagões da ferrovia, outra

máquina pesava os grãos e outra ainda os despejava em depósitos para serem armazenados, o que significava que ninguém tinha mais que arrastar aquelas sacas pesadas pelas docas, porque ninguém botava mais os seus grãos em sacas...

Moose sentiu uma tensão na sala, uma intensidade trêmula que o empolgava e o confundia.

Não havia mais sacas de grãos porque agora os grãos eram vendidos a peso e despejados como líquido e misturados com outros grãos de outros fazendeiros. Agora não eram mais o grão deste ou daquele fazendeiro, era simplesmente Grão, G maiúsculo, os grãos de todo mundo misturados, e essa foi uma mudança muito grande.

— A-há! — exclamou Moose, precipitando-se da cadeira. — Foi, sim! Uma mudança muito grande. Abstração. Padronização. O colapso do tempo e do espaço... foi o começo da modernidade!

Ele estava parado numa pose de espanto. Não apenas em resposta às palavras de Charlotte — talvez de modo nenhum pelas palavras dela, mas por alguma sensação por trás das palavras, como se a menina estivesse repercutindo uma história que importasse profundamente para ela, pessoalmente, de todas as formas que uma coisa pode importar. A sensação meio que o assustou. O que significava?

Seu tio se pôs de pé de um pulo e estava olhando para Charlotte como nunca fizera antes. E a irrupção prolongada de sua atenção despertou nela uma parte faminta, vazia, que o procurou sem poder fazer nada, com avidez, desejando mais da atenção dele.

Para os fazendeiros (ela continuou lendo, a voz trêmula) a combinação de trens e elevadores de grãos mudou tudo, realmente. Era possível comprar e vender quantidades maiores de grãos porque não se precisava mais de seres humanos de verdade para carregá-los em sacas de um lado para outro. O grão não era mais uma coisa separável. Era apenas uma coisa grande chamada Grão, como a água é uma coisa grande chamada Água.

Moose tornou a se sentar na cadeira, permitindo-se imaginar que Charlotte estava prestes não a ver — isso seria alcançar, isso seria desejar —, mas a se preparar

para os primeiros indícios tênues da visão. E ele teve uma súbita impressão de luz, luz em todo canto, na sala e envolvendo a sobrinha, como se a janela de sua sala não desse para a terra, mas para o céu.

Ele temia fazer Charlotte continuar, receando que o que quer que ela dissesse destruísse a sua esperança.

Por causa de todas essas mudanças, nasceu o mercado futuro, o que significou que as pessoas começaram a comprar e vender a ideia de grão sem jamais dar umas às outras, ou mesmo ver, qualquer grão. Era basicamente apostar no preço do grão, se ele subiria ou desceria. O que acho que fazia sentido, porque o grão já era uma ideia, como o papel-moeda é simplesmente Dinheiro, diferente de moedas de ouro que de fato têm valor em si mesmas.

Na imaginação de Moose houve uma ruptura, uma quebra, e depois muitas coisas se seguiram com uma simultaneidade drástica que era a marca de acontecimentos mentais livres das limitações da possibilidade física: ele berrou (mentalmente) — *Sssssssiiiiiiiiimmmmmmm!* —, a úvula balançando como um pêndulo no fundo da garganta, a força prolongada e visceral do seu berro afrouxando as vigas de sustentação sobre sua cabeça e abrindo trincas diminutas nas paredes do Meeker Hall, que se transformaram em rachaduras e fendas e depois sulcos, de modo que em pouco tempo o prédio estava desabando sobre suas cabeças: mesas, computadores, livros, uma hecatombe de didatismo e erudição e crueldade (para com ele) reduzida ao disparate por um único berro do homem que eles haviam relegado ao subsolo, mas isso não era tudo — o berro dele enviou ondas de choque através do solo em cujas profundezas eles o haviam forçado a trabalhar, ondas que progrediram embaixo daquelas colinas e vales e várzeas e campos de jogos delicadamente ajardinados de modo que os prédios cujas vistas alciônicas eles incrementavam foram abalados até as fundações, e quando ele chegou aos *mmmm* do *Sssssiiiiimmmmm*, estava em curso um estrondoso desmoronamento geral que ameaçava se propagar de maneira indefinida, seus colegas de departamento pelos ares e rodopiando como gafanhotos, mesas, arquivos, documentos planejados para efetuar sua demissão (ele sabia! Ele *sabia!*), todas essas coisas separadas e quebradas e divididas até estarem voando como as

sementes peludas dos dentes-de-leão, e no silêncio que se instalou no mundo após essa força inexorável, um silêncio como o anoitecer, Moose saiu de sua toca subterrânea e examinou o estrago que sua declaração fizera e ficou satisfeito, sim, ele estava contente. Tinha sido bem feito para eles, tentando sepultá-lo vivo lá embaixo, e olhou para Charlotte sentada em frente à sua mesa, Charlotte que estava à beira de ver, Charlotte que não sabia o que via, e disse, muito baixinho:

— Sim.

E naquele momento, Charlotte também vivenciou um ficar pelo caminho, sua vida ficava pelo caminho, suas amigas — elas ficavam pelo caminho. Ela andara se aferrando às amigas essas últimas semanas, querendo ser como Melanie Trier, como as outras. Mas agora via, ou sentia, que isso não era possível. Fez sua opção: Moose e Michael West. Sua vida secreta. Abriu mão do resto. O alívio foi físico, como soltar um longo suspiro que estivera por muito tempo oprimindo seus pulmões, soltando-o porque era viciado, já sem oxigênio. Seu tio pareceu mais jovem, magro e ansioso por baixo da barba ligeiramente crescida: o garoto da foto de novo, o esquiador aquático sorrindo, meio submerso. E Charlotte fizera isso, deixara-o daquele jeito de novo. Ela era o seu aluno especial — sentia isso. Sabia disso.

— Acho que devemos — disse Moose, com cuidado — parar a leitura por hoje.

— Na verdade, eu tinha terminado — retrucou ela rindo. — *Fim*.

— Mas não o fim.

Moose recostou-se na cadeira, observando Charlotte como se ela fosse uma maravilha, como se a mera visão dela tivesse o poder de recuperá-lo. Eles ficaram sentados assim por alguns momentos.

— Tio Moose — falou Charlotte, afinal. — Posso ver de novo aquela foto na sua carteira? Do rio?

Surpreso, Moose puxou a carteira do bolso de trás, abriu-a, retirou a foto da capa de plástico e deslizou-a para Charlotte por cima da mesa. Ela mal precisava olhar. Já sabia que seria o mesmo lugar, o ponto exato onde vira Michael West pela primeira vez, em agosto passado. O mesmo lugar, cem anos atrás.

Tudo era ligado.

— Guarde para você — disse Moose, empurrando a foto para Charlotte na mesa. — Quero que fique com ela.

Ela franziu a testa, sem acreditar nele. Desde que conhecia o tio, ele andava com aquela foto.

— É sua — repetiu Moose, e virou para o outro lado.

PARTE DOIS

A sala espelhada

CAPÍTULO DEZ

— *Você tem que* entender, Charlotte, por favor, não leve isso a mal — disse Victoria Knight, amiga de Lily Cabron, a hair stylist do meu trabalho fracassado para a *Vogue* italiana —, mas sua história não tem nenhum ingrediente que inspire simpatia. Quero dizer, a maioria das pessoas consideraria você uma sortuda só de ter levado a vida glamourosa que levou. Nosso desafio é abrir uma porta para o seu mundo interior, para que elas simpatizem com você e lhe deem apoio e queiram gastar dinheiro descobrindo mais sobre você.

— Estou entendendo — disse eu, o que não era bem verdade.

Essa lição rudimentar de relações públicas no horário de almoço foi o fruto da minha árdua campanha, lançada dez dias antes, após aquele encontro calamitoso e aquela tentativa fracassada de suicídio. Ignorando o sábio conselho de Mark, o vizinho de baixo cujo coito eu interrompera, não dormi até tarde na manhã seguinte, mas me levantei cedo e apalpei os bolsos e a bolsa da véspera como alguém tateando uma camada de cinzas ardentes à cata de vestígios de vida. Eu tinha andado à procura do cartão de Irene Maitlock, movida por um desejo amorfo de entrar em contato com a repórter, de falar com ela. Não consegui encontrá-lo. O que achei em vez dele foi o cartão de Lily Cabron com o telefone de sua amiga, a suposta feiticeira das relações públicas, rabiscado atrás.

Liguei para Victoria Knight três vezes por dia por quase uma semana, só para ser despachada por várias assistentes que tinham um talento para pronunciar a frase “Ela está em reunião” como se isso fosse uma obscenidade. Mas continuei ligando (não estava exatamente ocupada). Ela era a única pista que eu tinha, além de um telefonema para o *New York Post* em busca de Irene Maitlock, sobre quem eu não tinha informações suficientes — *Departamento, andar, ramal, contratada ou frila?*, rosnava a telefonista — para localizar.

E o que eu queria dizer a ela, afinal?

Uma noite, por volta das dez horas, peguei Victoria Knight em sua mesa, com

uma voz cansada, e consegui soltar os rudimentos da minha história. Ocasão em que, com uma simplicidade que pareceu não menos arbitrária do que haviam sido os seus subterfúgios anteriores para me evitar, marcamos um almoço.

— A menos... — prosseguiu ela —, e acho que isso é algo que você devia considerar, a menos que a gente possa pintar o seu acidente como o resultado de algum tipo de padrão de comportamento destrutivo, como beber, ou uma relação abusiva, o uso de drogas, talvez, algo na sua infância que a persegue, não quero colocar palavras na sua boca, mas se pudermos trabalhar a história em torno da ideia de castigo e redenção, isso poderia ser *muito* atraente. Nunca subestime o fanatismo religioso dos americanos. É uma coisa que aprendi faz tempo. Se pegar esse caminho, você está dizendo: tive tudo na mão, mas joguei fora e agora não tenho nada. E, no entanto, com esse desastre, aprendi o sentido da vida e posso renascer.

— Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra — disse eu.

— Exatamente — retrucou ela, e pareceu impressionada.

Victoria Knight era uma pessoa em miniatura (um metro e cinquenta e cinco, pelos meus cálculos aproximados), que administrava a sua estatura diminuta com uma vaidade tão indescritível que eu só podia recuar, assombrada. Desafiando descaradamente a sabedoria popular que dizia que a pessoa devia se vestir para contrabalançar seus defeitos, ela usava uma saia curta, um blazer cinturado, meias estampadas e um *sapato baixo*, um conjunto que exibia um físico encantador de bonsai. E eu não era a única que olhava: no furor da hora do almoço do Judson Grill, onde o ar recendia a rúcula e dinheiro, senti muitos olhos nela, brincando, se perguntando com um misto de antropologia e lascívia como ela seria sem roupa. Seu rosto oval não era especialmente pequeno, emoldurado por um cabelo castanho lustroso com um corte simples. Tinha olhos cor de safira (lentes de contato coloridas?) e um chamativo buquê de sardas nas bochechas. Seu lábio superior subia formando duas covinhas. Mas sua maior força, a coisa que eu sabia que me lembraria a respeito de Victoria Knight mesmo agora, mal tendo sentado com ela para almoçar, era do seu quase nanismo. Neste sentido, ela era um anúncio ambulante de suas consideráveis habilidades de cirurgia da realidade.

Philippe, um francês lacônico vestido de tweed e cujo papel no nosso almoço

eu ainda tinha que determinar, anotava furiosamente. Primeiro eu achei que ele fosse um dos assistentes de Victoria, mas ele parecia velho demais e elegante demais. E uma quarta pessoa era esperada em seguida.

— Meu amigo Thomas Keene tem um almoço, mas vai tentar sair cedo para conhecer você — dissera Victoria quando ela e Philippe chegaram. — Ele tem uma pequena empresa que pensei que você poderia... Bem, vou deixar Thomas explicar isso.

Empresa sem-presença, pensei. Esse Thomas, quem quer que ele fosse, estava procurando uma desculpa para ficar íntimo de Victoria (como as demais pessoas no Judson Grill), a fim de observar a sua extraordinária anatomia de perto.

Pedimos a comida — rúcula para todo mundo, o poder da sugestão sendo muito forte para resistir. Considerei a existência de uma associação biológica entre comer rúcula e ganhar dinheiro. O que mais poderia explicar a sua influência duradoura?

— Depois tem a matéria informativa — disse Victoria. — Por exemplo, usaram em você quaisquer técnicas cirúrgicas novas? Quaisquer inovações no processo de cura ou recuperação? Em resumo: houve algum avanço científico envolvido? Porque esse é o tipo de coisa que podíamos lançar como um artigo, digamos, para a *Science Times*.

— Talvez esteja mirando um pouquinho alto demais — objetei.

Victoria estreitou os olhos. Aparentemente, eu tinha acabado de insultá-la.

— Não tenha tanta certeza.

Philippe levantou um dedo vacilante. Ele tinha ouvidos abertos da mesma forma que alguém pode ter braços abertos, curvado em sua cadeira numa atitude relaxada, quase sonolenta, que trazia à mente um Jean-Paul Belmondo juvenil. Mas detectei um ar de desespero em seus olhos rápidos, seu corte de cabelo irregular. Pobreza, calculei.

— As empresas de RP têm muitos poderes nos Estados Unidos — disse-me ele, com o sotaque entrecortado de alguém que escrevia em inglês com mais frequência do que falava. — Este é o tema do meu trabalho.

— Philippe está nos estudando enquanto falamos — comentou Victoria bruscamente. — Ele está estudando para ser ph.D. em Estudos da Mídia na NYU,

e a dissertação dele é sobre... hum...

— Você — completou Philippe, e sorriu, arreganhando uma boca cheia de dentes europeus anárquicos.

Victoria corou. Entrevi sua sombra fugindo da pressão do fascínio de Phillip, correndo de lado como um caranguejo para quem a atenção só pode ser perigosa. Mas a aparição foi fugaz, sugada quase instantaneamente pela corrente contrária da persona poderosa dela.

— Enfim — prosseguiu ela, olhando a confusão de rúcula que o garçom tinha colocado na nossa mesa. — Pois então tem a matéria Estraguei Tudo e Sinto Muito. Tem a matéria Avanço Científico...

Victoria inclinou a cabeça como se só agora estivesse lhe ocorrendo que eu poderia ter tido o cérebro afetado no acidente.

— Isso depende totalmente de você, Charlotte — disse devagar, como para uma criança. — No momento, no que diz respeito ao mundo, você é uma *tabula rasa*. Não existe. Mas, uma vez que tenha se posicionado, vai custar muito a se reposicionar. Quero que escolha um primeiro passo que lhe dê o máximo de cobertura possível, e do tipo que você quer.

Um brilho de ouro quase imperceptível faiscou acima dos seus olhos safira. Ela era dura, dura! Em meus anos de prática atormentando mulheres tímidas (Irene Maitlock sendo apenas um exemplo recente), castigando-as por se recusarem a assumir o comando, pintar o cabelo, perder dois quilos e meio e *seguir vivendo*, era Victoria Knight, ou alguém muito, muito parecido com ela, que eu tinha em mente como modelo. E, no entanto, eu não conseguia suportá-la.

— Sinto muito — falei. — Continue.

— Eu também estava pensando... Ah, tudo bem. Uma espécie de matéria sobre Colapso Mental. Isso seria a inversão da matéria do Estraguei Tudo e Sinto Muito. Esta diria: até essa tragédia, a vida era bárbara, mas agora vejam eu me desintegrar dia a dia enquanto tento enfrentar esse desastre. E drogas e álcool também poderiam entrar nessa, enquanto você tenta ficar no controle. Mas você não está no controle realmente, a sua vida está se desenredando, todo mundo sabe menos você!

— Humm — fiz, aliviada por ter resistido ao impulso de pedir um martíni.

Eu estava tentando desesperadamente cortar a bebida enquanto me agarrava à minha paz de espírito e espantava o Desespero, cuja ressurreição eu temia todos os dias. Era um equilíbrio difícil de conseguir.

Philippe escrevia loucamente em seu caderno. Cada cenário que Victoria descrevia eu observava pousar naquele rosto de luva de beisebol: primeiro pena, depois pena; agora pena. Eu estava com vontade de lhe dar um chute.

— E o estilo... Isso poderia ser muito simpático... Uma espécie de diário, dia a dia, tipo uma mistura de *Diary of a Mad Housewife* com *Pergunte a Alice*. Chame de alguma coisa do tipo “Sem Rosto: Minha Viagem à Loucura”. Você nos dá uma visão geral íntima da própria desinteg... Ah, olha! Thomas chegou!

Uma pessoa loura e jovial atravessava os campos de rúcula vestido com um paletó Armani verde-oliva, jeans preto e tênis Converse branco esfolado, segurando no ar uma pasta que parecia ser revestida de couro de crocodilo. Senti imediatamente que ele já fora uma pessoa com sobrepeso. Tinha o andar na ponta dos pés do gordo pedindo desculpas, embora fosse magro — ou pelo menos alto o suficiente para parecer magro. Harvard, pensei. Criado em Greenwich ou coisa que o valha, mas sem muito dinheiro. Era um daqueles raros indivíduos cuja sombra — um garoto gordo e ansioso que queria desesperadamente ser poderoso — era mais pronunciada que a superfície (polido, magricelo e possuidor de um mínimo de poder — ou, pelo menos, de uma pasta de couro de crocodilo). Mas eu tinha errado a respeito de suas razões para se unir a nós. Thomas Keene não sentia atração por Victoria, tinha medo dela. Mas precisava dela, também. Todos nós precisávamos de Victoria.

— Desculpe-me por interromper — disse ele, apertando a minha mão —, mas Victoria começou a me contar sobre você, e fiquei meio fascinado pela sua história.

— Estamos esperando que ela tenha esse efeito em todo mundo — respondi alegremente.

O garçom chegou, e Thomas pediu uma San Pellegrino com limão.

— Onde vocês se conheceram? — perguntei.

— Faculdade — retrucou Thomas.

— Não diga! — exclamei. — Harvard?

— Na verdade, Berkeley — corrigiu Victoria.

Minha expressão deve ter murchado, porque Thomas se precipitou com:

— Ei, Berkeley é uma grande faculdade.

E tive que assegurar aos dois que não tinha nada contra a *alma mater* deles.

— Pensei que você fosse da Costa Leste — expliquei, embora, na verdade, eu não tivesse feito leitura nenhuma de Victoria, ela era pura nesse nível. Era preciso admitir.

— Somos filhos de Berkeley — disse Thomas. — Minha mãe trabalha na Admissão e o pai de Victoria é catedrático.

— Raciocínio lógico — observou Victoria, e revirou os olhos como se a própria ideia fosse ridícula. — Olha, vou ligar rapidinho para o escritório. — Revirou a bolsa procurando o celular e se levantou, e aí ficaram lhe faltando uns quatro ou cinco centímetros para chegar à altura de Thomas sentado.

Nossos pratos principais chegaram, e enquanto eu atacava o meu salmão grelhado, Thomas enveredou trepidante pela descrição de um serviço on-line que estava criando, chamado Gente como a Gente.

— Não é uma revista, é uma base de dados — disse. — O que estou fazendo é oferecer a opção dos direitos das histórias das pessoas, só americanos normais: um operário da indústria automobilística, um fazendeiro, um mergulhador de águas profundas, uma mãe de seis filhos, um agente penitenciário, uma prostituta... Cada uma dessas pessoas terá a própria página na rede. Chamamos isso de um EspaçoPessoalTM, dedicado exclusivamente às vidas delas, pessoal e pública.

Meu conhecimento digital se limitava a alguns giros hesitantes no computador de Oscar no trabalho, mas decidi fingir compreensão.

— Como vai ser... o visual desses EspaçosPessoais? — perguntei.

Cada um vai ser diferente, explicou ele, para refletir a vida daquele indivíduo, mas certas categorias seriam padronizadas: fotografias do retratado e da família dele. Lembranças da Infância. Sonhos. Entradas de Diários — todo mundo seria solicitado a manter uma agenda semanal, e as entradas diárias seriam encorajadas. Planos Futuros/Fantasias. Arrependimentos/Oportunidades Perdidas. E as pessoas também poderiam acrescentar as próprias fotografias: Coisas que Me Irritam. Opiniões Políticas. Hobbies.

— A ideia é dar a você, o assinante — Thomas virou-se para Philippe, que ficou tão desconcertado com essa atenção súbita que deixou cair a caneta e precisou pegá-la embaixo da mesa, de bunda para cima (calça cáqui surrada), obrigando Thomas a esperar com uma impaciência crescente para terminar a frase —, acesso a cada aspecto dessa pessoa, todas as coisas que imagina, digamos, quando lê sobre mineiros de carvão no *Times* e pensa “Ei, como deve ser a vida de um mineiro de carvão?”. Bem, os meus assinantes poderão responder a essa pergunta sem causar atrito nenhum, eles não têm que comprar um livro nem pegar o telefone ou um jornal ou ir a uma biblioteca ou baixar um monte de chatices da Lexis: podem entrar direto na vida do mineiro de carvão: filhos, casa, traumas de infância, o que ele comeu no jantar da véspera, problemas de saúde, sonhos... Será que um mineiro de carvão sonha com carvão? Eu gostaria de saber disso!

Haveria áudio e vídeo também, Thomas me assegurou, e as pessoas poderiam ouvir o mineiro falar e vê-lo extraíndo carvão de uma mina.

Victoria tinha retomado o seu lugar à mesa, e o garçom trouxe o seu steak tartare. Estava genial. Desejei ter pedido um, também.

— Agora, obviamente, um monte de gente já está fazendo isso sozinha — disse Thomas, a própria presença de Victoria tendo introduzido um quê defensivo em sua postura. — Não sei se você já examinou alguns desses portais “pessoais”, mas, francamente, são uma chatice. As pessoas são todas erradas: uma garotada com muito tempo disponível, e quem se importa? Nada de mineiros de carvão. Posso lhe garantir.

— Então por que os mineiros de carvão... iriam querer fazer isso? — perguntei.

— Pela mesma razão que as pessoas fazem tudo — respondeu Victoria. — Fama e fortuna.

Philippe não entendeu. Inclinou um ouvido aberto na direção de Victoria.

— Fama fim...

— Fortuna — repetiu Victoria, quebrando a palavra como uma noz e engolindo o seu miolo macio.

A “fortuna”, explicou Thomas, significava uma taxa de opção para desenvolver

um EspaçoPessoal, seguida de um preço de compra. A fama resultaria da visibilidade subsequente.

— E dessa visibilidade poderiam advir oportunidades incríveis — disse ele. Opções de filmes, contratos de pesquisa...

Devo ter parecido incrédula (eu estava incrédula).

— Tudo bem. Por exemplo. A Paramount vai fazer uma nova versão de *Moby Dick*. O roteirista precisa saber como é ser um pescador. Ele é um assinante, então isso lhe dá acesso ao que quer que a gente tenha conseguido: digamos, um pescador de atum no Maine e um cara que pesca salmão no Alasca. Ele lê tudo em seus EspaçosPessoais e ainda quer mais. Então, por uma taxa negociada, ele pode realmente conviver com uma Pessoa Comum, digamos, o cara do salmão, no território dele. Conhecer os amigos dele, sair de barco com ele, aprender o jargão, talvez até pescar mesmo, realmente absorver a atmosfera da vida daquele retratado. *Voilà!* Meu pescador de salmão agora é consultor de cinema. Quem sabe talvez acabe no filme para dar autenticidade, talvez deem a ele umas poucas falas. *Voilà!* Meu pescador agora é um talento do cinema. E este é apenas um cenário possível dentre dezenas; contratos para livros, apresentações na tevê, depoimentos de especialista, vamos lá, somos a sociedade mais litigiosa do mundo, e todo mundo é especialista em algum assunto! E isso nem é entrar em questões como posicionamento de produto. Pode acreditar em mim, a Coca-Cola vai pagar um bom dinheiro para fazer a marca dela entrar na casa dessas pessoas. Agora, é óbvio que temos que manejar com isso, porque autenticidade é tudo. Queremos pegar as pessoas em seu ambiente natural, fazendo exatamente o que elas fariam sempre, mas se as companhias estiverem dispostas a lhes pagar para elas usarem os produtos que elas usam a vida inteira, eu digo: por que não, ora bolas? Eu ajo como o agente de talentos dela, isso faz parte do acordo, e todos os contratos são divididos meio a meio.

Eu esperava que ele caísse para trás exausto (eu estava exausta. Muito exausta para comer o meu salmão, que agora parecia desagradavelmente associado ao pescador transformado em ator de cinema), mas a conversa de Thomas parecia tê-lo convencido outra vez do esplendor do seu negócio. Seus olhos brilhavam com uma espécie de loucura por trás daqueles óculos de armação de metal. Philippe,

aparentemente tendo perdido as esperanças de acompanhar o ritmo usando os rudimentos antiquados de papel e caneta, desencavara um gravador de sua pasta de couro e estava agora executando a delicada tarefa de comer um siri mole enquanto segurava a ponta laranja de um microfone embaixo do queixo de Thomas.

— Mas espere um minuto — pedi, em parte para dar ao francês, que eu notara ter se esforçado menos para captar as minhas observações, uma chance de comer um pouquinho. — Tudo bem, um pesquisador precisa de informações, ótimo. Mas quem mais vai dar bola para os sonhos e a história familiar de um pescador qualquer? Não quero ser grosseira, mas isso parece não ter a menor graça.

— De jeito nenhum! — disse Thomas, debruçando-se sobre este desafio com tanto entusiasmo que realmente empurrou a mesa três centímetros na minha direção, chacoalhando os nossos copos de água. — Mas, com todo o respeito, Charlotte, acho que talvez você seja a exceção aqui. A maioria de nós está desesperada por experiências cruas. Trabalhamos em escritórios, lidando com intangíveis. Saímos para almoçar e falamos com outras pessoas cercadas de intangíveis. Ninguém realmente *faz* mais nada, e nossas pseudoexperiências são sobre escalar o monte Kilimanjaro em nossas férias de duas semanas ou tirar uma foto com o Dalai Lama no Central Park. Mas temos plena consciência de tudo o que estamos perdendo! Isso cria frustração, esse desejo de sair de nós mesmos. A tevê tenta satisfazer isso, livros, filmes, eles tentam, mas são todos muito fracos, muito mediados! Simplesmente não são *reais* o bastante.

“Com o tempo, vamos internacionalizar isso. Um ianomâmi no Brasil, um rebelde em Serra Leoa. Um homem-bomba do Hezbollah... Imagine se há uma maneira de você ouvir os últimos pensamentos desse cara enquanto ele se prepara para morrer por suas convicções! E para ele, a visibilidade, muito além do que ele poderia esperar de um ou dois dias nas manchetes.

— Isso é realmente bastante revolucionário — observou Phillip, segurando o gravador na orelha como uma concha, acredito que para averiguar se estava funcionando.

Ele lançou um olhar sinistro para seus siris moles por terminar quando o garçom retirou o prato. Victoria, que comeu com um fervor meditativo, tinha

acabado de limpar o prato com pão até deixá-lo brilhando.

— Então como eu me encaixo? — perguntei. — Eu também não faço nada. Sou apenas mais uma nova-iorquina rodeada de intangíveis.

— Certo — concordou Thomas. — Certo. Embora para um fazendeiro, e esperamos que fazendeiros se tornem assinantes, também... para um fazendeiro, a vida de uma modelo teria um interesse danado.

Para esse fim, ele tinha criado um braço do Gente Como a Gente que comparava aos canais Premium: “Gente Incomum”, isto é, pessoas que estivessem passando por experiências inusitadas. Ele recrutara uma mulher prestes a fazer um transplante de fígado, um homem no Corredor da Morte, alguém recém-eleito para o Congresso. Como as “Comuns”, essas “Incomuns” usariam as categorias de Lembranças, Sonhos e Diário, mas o foco seria em uma situação particular e seus efeitos.

— O que combina perfeitamente com a minha ideia de um livro para Charlotte! — interrompeu Victoria, repetindo isso rápido para Thomas. — A luta interior dela, dia após dia. “Sem Rosto: Meu Contato com a Loucura.” Ou algo assim.

— Perfeito — exclamou Thomas. — E veja, se você fosse uma das nossas Incomuns, esse livro poderia acontecer de forma muito natural. A gente monta o seu EspaçoPessoal, deixa alguma empolgação se desenvolver, depois vamos aos editores com uma proposta que inclui quantos hits você já conseguiu e dizemos: Olha, aqui está um conjunto embutido de setenta mil leitores, aqui está um trecho do texto, e te damos meio milhão em vez de chongas, que é o que você ganharia.

— Um quarto de milhão — falei —, depois da sua comissão.

— Certo.

— Supondo que eu entrasse na internet e montasse um EspaçoPessoal — disse eu, sentindo uma confiança que engatinhava no uso desses termos —, e depois de alguns meses eu quisesse sair?

— Sem problema — garantiu Thomas. — Guardamos quaisquer que sejam os conteúdos que você tiver criado por mais cinco anos, com a possibilidade de distribuí-los durante esse tempo e negociar quaisquer acordos que possam sair disso.

— Cinco anos — repeti.

— Bem, lembre-se — disse Thomas, olhando o cardápio de sobremesas, depois empurrando-o para longe, com determinação —, dá trabalho botar as pessoas trabalhando em empresas de fundo de quintal; fazemos com que elas despertem para as possibilidades e damos ao material delas um formato sugestivo, e achamos que merecemos alguma coisa por isso. Do contrário seria Tchauzinho, obrigado por me ajudar a organizar a minha história. Agora sayonara.

— Entendi — falei.

Ele adivinhou para onde foram meus pensamentos. O olhar azul de Victoria me raspava como vidro moído na pele. Ela via tudo.

— Mas, francamente, nós não prevemos muitas deserções — disse Thomas. — Como eu expliquei, qualquer um pode fazer um site, e quem se interessa? O prestígio todo decorre de estar com o nosso serviço. Não tenho um interesse especial na interpretação que João da Silva faz da vida, mas se João da Silva for uma Pessoa Comum significa que a história dele vale a pena e já trabalhamos com ele para dar alguma definição a ela. Isso vai gerar muito mais interesse dos assinantes e da mídia do que ele poderia conseguir sozinho.

— Então ser João da Silva faz João da Silva ficar rico — comentei, começando finalmente a entender não apenas as palavras de Thomas, mas ainda o estranho mundo novo que elas descreviam.

Estranho e, no entanto, familiar, também. Assustadoramente.

— Bem, rico, não sei — disse ele. — Mas ele ganha algum dinheiro, mais do que está ganhando na fábrica hipotética, isso é garantido, sobretudo se trabalhar meio expediente sem benefícios. Mas para mim a parte linda, a coisa em que você realmente não tem preço, é como João se sente sabendo que tem uma plateia, que as pessoas querem saber, que estão interessadas. Acho que caras como João sentem que estão trabalhando arduamente muito longe do mundo do glamour e da fama. Eles não têm acesso a esse mundo a não ser como consumidores... São os peões que pagam as contas. Eu apostaria dinheiro no fato de que a vida de João será incrementada de formas não materiais.

Desde que Thomas tinha começado a sua conversa de vendedor, quase toda a minha capacidade mental se dedicou à tarefa aparentemente simples (mas -

surpreendentemente difícil) de entender que diabo ele estava dizendo. Agora que tinha captado a essência, senti-me reagir com um palpitar visceral de reconhecimento, como se estivesse ouvindo em voz alta trechos dos meus próprios sonhos.

— Então... em que estágio do projeto você está? — perguntei.

— Até agora, já assinamos contratos de opção com cinquenta Comuns e vinte Incomuns — disse ele —, o que quer dizer que vamos desenvolver EspaçosPessoais com todas essas pessoas e lhes pagar alguma coisa pelo trabalho que tiveram. Aí, depois de elas criarem o material, decidimos se vamos comprar.

— E se elas forem chatas, não tem negócio?

— Bem, não é tão simples assim — retrucou Thomas. — Quero dizer, há pessoas que a gente espera que sejam chatas; chatas, não, você sabe o que quero dizer: um pedreiro não tem que escrever sonetos, e se escrever, ninguém espera que ele seja John Donne. Certamente nós não o penalizaríamos por isso. Mas a gente quer variedade. Talvez duas Comuns pareçam semelhantes... mesmas fantasias, mesma configuração familiar, isso acontece... E uma vai ter que sair. E queremos criar um equilíbrio, sobretudo com as Comuns, entre fazê-las descrever as suas experiências de maneira que sejam interessantes, mas também conservando-as como representativas do tipo delas. Isso parece terrível, mas você sabe o que quero dizer.

— Claro — concordei, sentindo uma espécie de náusea. — Do contrário elas seriam Incomuns.

— Exatamente — falou Thomas. — Victoria é nossa publicitária, e tenho um sócio em L.A. com experiência em direção — sua voz falhou ligeiramente; de desejo? Inveja? —, que está trabalhando com a comunidade de cinema. Hollywood está babando por histórias da vida real, então uma assinatura conosco será padrão de mercado, sem dúvida.

— Isso parece caro, isso tudo — refleti. — Quem paga?

— Bem, quase todo o capital inicial vem da TimeWarner e da Microsoft. Mas nós somos completamente independentes, isso só significa que eles terão acesso a certos tipos de opções de mídia antes de qualquer pessoa.

— Acho que faz sentido — disse eu. — Entre as duas, elas não são donas de

quase tudo?

Agora Thomas pareceu perturbado. Eu tinha tocado no único aspecto de seu empreendimento que o envergonhava.

— Mas realmente vejo esse produto como sendo para as pessoas — retrucou ele, num tom meio queixoso. — Não consigo enfatizar isso o suficiente. Vejo a gente contribuindo para o conhecimento que as pessoas têm umas das outras e para a conectividade, diminuindo essa divisão esquisita entre gente como a gente, que lida com intangíveis, e gente que está lá nas trincheiras, botando a mão na massa.

Uma parte de mim se empolgou com a proposta de Thomas. Como eu poderia resistir à oferta de atenção e dinheiro, as próprias estrelas guias cujas emanções faiscantes haviam conduzido a minha vida até essa altura? No entanto, uma parte calhorda de mim, um elemento renegado até aqui desconhecido, se encolheu. *Quem é você?*, indaguei à fonte dessa rebelião. *Eu te conheço?* Senti uma necessidade súbita de sair dali, a parte ansiosa de mim ávida pela consumação, a outra desesperada para fugir.

— Tudo bem — eu disse. — Vamos falar de dinheiro.

Captei um olhar entre Victoria e Thomas, um minúsculo lampejo de euforia, e me parabenei por ter conseguido esconder o fato de que a minha participação nunca esteve em dúvida.

Não me sobrava mais nada para vender!

Thomas estava de novo empolgado, e agradecido, acho eu, pelo fato de eu ter visto o pior daquilo — seu patrocínio amedrontador — e ter aguentado.

— Para as Incomuns, e vocês recebem um pouco mais que as Comuns, por razões óbvias, oferecemos uma opção de dez mil dólares contra um preço de compra a ser negociado depois que produzirem seu EspaçoPessoal — explicou ele. — Nossa oferta dependerá, falando com bastante franqueza, de quão empolgados ficarmos com o que vocês fazem, do grau de acesso que vocês nos derem à vida de vocês.

O mínimo que eles haviam pagado para comprar uma Incomum foi oitenta mil dólares, disse ele. O máximo estava na casa dos trezentos mil. Eu também receberia um salário anual de vinte e cinco mil dólares para manter o meu

EspaçoPessoal e conservá-lo ativo de acordo com os padrões deles. Quaisquer contratos adicionais — opções para tevê e cinema, contratos de livros, consultorias de pesquisa, aval de produtos — seria acima disso.

— Dez mil dólares adiantado? — perguntei.

Essa noção esdrúxula inspirou uma risadinha de Thomas.

— Dois e quinhentos adiantado, mais sete e quinhentos quando você entregar um esboço completo de acordo com as nossas especificações.

— Preciso de dez mil já.

— É impossível — disse ele, o sorriso afável instalado com menos comodidade no semblante também afável. — Pense só: podíamos lhe dar os dez mil, e você poderia, não estou dizendo que vá fazer isso, pegar o dinheiro e se mandar para Aruba.

Arregalei os olhos e fiquei quieta. Houve um longo silêncio. Thomas olhou para Victoria. Philippe insinuou delicadamente o microfone entre nós.

— Metade adiantado — propôs Thomas. — É a minha oferta final.

— Três quartos — retruquei. — Ou você e a TimeWarner e a Microsoft vão ter que achar outra modelo que tenha feito uma cirurgia reparadora e esteja irreconhecível para qualquer pessoa.

Ele fez uma careta.

— Fechado.

Apertamos as mãos. Victoria acenou pedindo a conta. Philippe desligou o gravador e guardou-o. Mais uma negociação expeliu a sua essência sórdida na atmosfera do Judson Grill.

— Eu envio o contrato amanhã de manhã — disse Thomas. — Leia-o com atenção, mande o seu advogado dar uma olhada. Nós lhe daremos um cheque na assinatura.

Uma bela frase, *nós lhe daremos um cheque*.

— O contrato especifica exatamente que materiais precisaremos que você produza, e em que prazo — explicou ele. — Acho que você tem dois meses para gerar o primeiro pedaço de texto, e se optar por gravar em vez de escrever, deduzimos do seu último pagamento os custos com a transcrição e a edição. Mas isso está tudo no contrato! — Recuperando o cartão de crédito, Thomas franziu a

testa um instante para a gorjeta. — E, francamente — falou, prolongando uma assinatura redonda e infantil, como se a estivesse falsificando —, eu investiria num computador e me conectaria à internet, se já não fez isso. Você precisará de um, se comprarmos, para as suas entradas do Diário e do Sonho, todas as coisas do dia a dia, e você vai ganhar uma conta grátis, também, para poder checar seus colegas Incomuns e Comuns. Incentivamos muito esse contato. Nossa esperança é que isso seja uma espécie de família... Quero dizer, parece piegas, eu sei, mas muito poucas coisas ainda unem realmente as pessoas. Por que não isso?

Fiz um estudo breve e meticuloso de Thomas Keene: sua pessoa melosa e sua sombra gorda, seu Armani cor de oliva, seu cabelo cor de areia e seus olhinhos redondos. Examinei-o procurando um grão de cinismo, um vislumbre que provasse que, no fundo, ele não acreditava numa palavra que dizia. Não encontrei nada. Esse ex-gordo com queda por crocodilo realmente acreditava que estava tornando o mundo um lugar melhor.

E talvez estivesse. Quem era eu para saber?

Sáímos do restaurante para uma tarde encoberta. A claridade parecia forte demais, como se eu tivesse acabado de assistir a um filme longo. Sem a luz cálida e favorável do Judson Grill, os olhos de Victoria eram duros e claros, menos azuis do que antes.

Philippe piscou de forma sonolenta, como se estivesse acordando depois de um longo cochilo. Seus olhos pousaram em mim.

— Como ocorreu esse acidente? — quis saber.

Sua primeira pergunta do dia.

Foi tão direta, tão óbvia, tão completamente inesperada que eu não soube o que dizer.

— Eu... bem, eu... — Lancei um olhar suplicante para Thomas, que avançou na mesma hora para me acudir.

— Espere! — exclamou. — Não diga uma palavra. Quero isso fresco, como se estivesse contando pela primeira vez! Desculpe-me, Philippe!

Philippe abaixou a cabeça de um modo abjeto.

— Sem problema — falou. — Hoje foi ótimo para mim.

— Ah, que bom — disse Victoria, aliviada, e senti que ela realmente estava

satisfeita... Que a felicidade e o emprego do francês pesavam nas suas costas como mais uma de muitas responsabilidades. — Ai, meu Deus, são três e quinze? Estou atrasada para uma reunião! — exclamou.

E com isso, eles deram meia-volta e foram embora, Thomas e Victoria como um raio na frente, o francês voando desengonçado atrás deles feito um corvo gigantesco, a bolsa de couro balançando no ombro.

★ ★ ★

Perambulei por Midtown, levando encontrões e esbarrões de gente cujos casacos de inverno a deixavam com o dobro do tamanho normal. Minha cabeça parecia estranhamente vazia, como se Thomas e Victoria tivessem ido embora com os meus pensamentos. Na presença deles, eu me senti sustentada por uma animação borbulhante, uma sensação histérica de que os acontecimentos que eles narravam já estavam em movimento, me arrastando de forma inexorável com eles. Mas a animação revelou-se ser de Thomas e Victoria, não minha. Eu já não estava mais animada. Estava cansada. Desde que pulara da varanda, eu andava dormindo dez ou onze horas por dia.

Então aí estava: visibilidade. A coisa que eu desejava desde criança, talvez a única coisa que eu nunca tinha parado de amar, da qual eu nunca tinha me cansado, nunca tinha mudado de ideia a respeito — agora oferecida a mim inexplicavelmente, inesperadamente, no almoço. Uma oportunidade de dizer quem me destruiu e quando. Contar para o mundo e ser paga. Cortejar a plateia que eu sempre desejara.

Mas eu me sentia intimidada. Quase não conseguia mais ler, nem escrever. Desprezava falar sobre mim. Passei anos mentindo para evitar isso, fingindo e correndo, confundindo de maneira astuciosa, mentindo porque era mais fácil, porque eu estava a fim. Mentindo para apagar a verdade, embora isso nunca parecesse funcionar. Eu sabia que tinha trinta e cinco anos. Tentei esquecer, mas o conhecimento permanecia dentro de mim. Como mentirosa, eu tinha fracassado.

Não daria para eu fazer. Essa ideia me ocorreu na esquina da Sexta Avenida com a Rua Cinquenta e Um, e a surpresa dela me fez parar. Fiquei ali, imóvel,

aguentando brincadeiras e empurrões, murmúrios de impaciência.

— Passa por cima — dizia eu.

Estava tentando pensar. Eu assinaria o contrato, embolsaria o cheque de sete mil e quinhentos dólares e pronto. Não era nada mau para um almoço de duas horas. Mais uns pagamentos de hipoteca.

A sala espelhada me abrira as suas portas afinal, depois de tanto tempo! Mas era tarde demais, eu também estava cansada. Muito acostumada com o meu exílio.

Comecei a me afastar depressa de Midtown, Thomas e Victoria e Comuns e Incomuns e Planos/Fantasias Futuros. Enquanto eu caminhava, minha exaustão começou a se dissipar, e fui infundida por uma sensação de leveza, de rejuvenescimento com a ideia de rejeitar a única coisa que eu sempre quisera.

Rumei para o sul na Sétima Avenida, voltando por instinto à terra de fuligem e tijolos e anúncios desbotados, à terra de Anthony Halliday, a quem, obviamente, eu não visitaria. Não havíamos nos falado desde a nossa separação brutal no táxi. Eu presumia que nunca mais voltaríamos a fazê-lo.

Estou livre, pensei, balançando os braços. E senti a possibilidade de um tipo de vida diferente, uma vida em que eu queria coisas diferentes.

Não havia mais anúncios velhos na Times Square. Eles tinham sido escondidos por prédios novos de vidro e lonas brilhosas estampadas com voluptuosas fotografias de modelos. A tinta em si tinha saído de moda. Mas numa rua lateral, algumas quadras ao sul da Quarenta e Dois, vi os vestígios de uma fantasmagórica máquina de escrever no alto de uma parede de tijolos, um aparelho que lembrava um teatro, suas teclas dispostas em fileiras escalonadas. “Máquinas de Escrever Stefani’s”, estava escrito no alto numa caligrafia desbotada e elegante.

Lembrança de infância: fingir com a minha irmã que nossas vidas eram um filme de vinte e quatro horas.

Arrependimento/Oportunidade Perdida: eu tinha esquecido cada estrofe de “The Eve of St. Agnes”.

Hobby: ver antigos anúncios pintados blá-blá-blá.

E me dei conta, então, fascinada, horrorizada, que a parte mercenária de mim já estava passeando pelos confins da minha vida, tomando as medidas, examinando energicamente a mobília, formatando os meus raciocínios de acordo com as

especificações de Thomas Keene e calculando o preço.

Revoltada, revi a lista de outras coisas que eu venderia: apartamento, roupas, sofá modulado. Eram só coisas. Primeiro uma, depois outra, depois outra. Aí teriam acabado todas. Mas uma história era invisível, infinita, não tinha tamanho nem forma. Poderia encher o mundo ou caber dentro de uma unha.

Experiência Divisora de Águas: já ter chegado tão perto da fama que eu conhecia seu cheiro, seu sabor, o zumbido do seu gerador invisível.

Arrependimento: eu nunca me esqueci disso.

Claro que eu ia fazer essa coisa. E agora eu estava cansada de novo. Desapontada comigo.

Parei num banco para ver o meu saldo, uma atividade a que eu me dedicava muito pouco naquela época, porque me deprimia ver as minhas poupanças caírem vertiginosamente em resposta rapidíssima à minha hipoteca elevada e ao meu fluxo de caixa de sentido único. Mas eu queria ver quanto tempo os meus sete mil e quinhentos paus poderiam durar. Quando peguei meu cartão do banco, o cartão de Irene Maitlock, aquele prêmio perdido irrecuperável, caiu na minha mão. Fiquei arrepiada com o significado daquilo. Irene Maitlock. Evoquei-a instantaneamente, só vendo o seu nome: sua insegurança e seu cabelo pardacento, sua sinceridade absurda — eu a via como se ela estivesse parada na minha frente. Era o oposto de Victoria Knight. Victoria ao contrário. Victoria pelo avesso. Segurando o cartão de Irene, senti uma força me sacudir.

Se eu fosse fazer essa coisa, eu ia levar a repórter comigo. Quisesse ela ou não. E ela iria querer, eu disse a mim mesma. Ela estava interessada em mim.

Fui direto para um telefone público e liguei para ela, ouvindo a sua voz monótona ligeiramente nasalada (“Oi, é Irene. Favor deixar recado.”). Irene Maitlock, jornalista. Eu queria ver a sala dela, que aspecto tinha. Como uma jornalista vivia.

— Aqui é Charlotte Swenson — falei. — Você tentou me entrevistar há cerca de um mês. Me ligue — acrescentei, e deixei o número. — Ligue assim que puder.

Chamei um táxi, recostei-me no banco e fechei os olhos. Com a ajuda de Irene, eu poderia executar as tarefas de uma Pessoa Incomum. Ela sabia ler e

escrever, para começar. E eu confiava nela.

★ ★ ★

Ouvi um recado de Anthony Halliday na secretária eletrônica assim que cheguei ao apartamento. Liguei de volta sem tirar o casaco.

— Me desculpe — eu disse, no instante em que ouvi a voz dele.

— Eu deveria dizer isso — retrucou ele. E aí falou: — Fiquei preocupado de ter machucado você.

— Impossível.

— Estou falando da sua cabeça. Depois do seu aci...

— Eu nem senti.

Eu tinha tomado tanto Advil nos primeiros dias depois do meu encontro com a janela do táxi que mal sentia as roupas no corpo.

— Não teve nada... quebrado ou algo do tipo?

— Pelo contrário. Deu um jeito no meu torcicolo. — Foi a minha réplica espirituosa, mas cada palavra era uma bolinha de dor estourando dentro de mim. — E você?

— Intacto.

— Ainda aposentado? — perguntei, depois me encolhi quando a resposta que eu mesma teria dado, *apesar de todos os seus esforços*, zombou de mim.

— Bate na madeira. — Foi tudo o que ele disse.

— Fico contente. — E eu estava mesmo. — Boa sorte.

— Para você também, Charlotte.

Ainda de casaco, deitei no sofá. Oportunidade Perdida/Arrependimento: eu ter estragado a minha noite com Anthony Halliday antes de ter conseguido abaixar o zíper dele, vê-lo e senti-lo para que, pelo menos, pudesse me lembrar dele agora. Imaginei isso, o barulho do zíper (abaixando o meu, enquanto isso), botar a mão ali dentro, seu espasmo involuntário, feito um cavalo. Então arrancar a camisa dele do jeito tradicional, arrebatando todos os botões.

Masturbação: uma palavra com toda a sensualidade de malas caindo de uma prateleira de armário, mais uma caindo quando você acha que o barulho parou.

Um ato solitário e inútil, sempre achei, mas eu tinha perdido o barco, decidi agora, tinha entendido mal as alegrias que vinham da recusa em introduzir mais um ser humano na vida de uma pessoa. Novas descobertas aos trinta e cinco anos, ou vinte e oito, fosse qual fosse a droga da minha idade, abaixando aquele zíper, o barulho, o estremecimento...

Flutuando, esperando meus ouvidos pararem de tilintar, ouvi o telefone e fui alcançá-lo como num sonho, presumindo que seria Halliday com uma resposta telefônica às delícias telepáticas que eu acabara de ministrar.

— Oi, Charlotte. É Irene.

— Ah!

— Você deixou um recado?

— Deixei, sim! — Um pouco envergonhada com as calças abaixadas até os joelhos, contorci-me para subi-las e, no processo, deixei cair o telefone, que quicou para baixo do sofá.

— Alô? — ouvi-a falando contra o estofado. — Charlotte?

— Estou aqui! — gritei. — Bem aqui.

Puxando. Fechando o zíper. Alisando o cabelo. Deitei de bruços e pesquei o telefone.

— Alô — disse eu, ofegante.

— Você me ligou — falou Irene. — Estou retornando.

— Sim, liguei, sim. Porque reconsiderarei. Quero trabalhar com você naquela matéria para o *Post*. E vou realmente colaborar.

Houve um longo silêncio.

— Caramba! — exclamou ela afinal. — A fila meio que andou, na verdade.

— Você encontrou outro modelo?

— Não, eu só... larguei a matéria.

— Ah, entendi — falei, aliviada, de alguma forma, por não ter sido substituída.

— Porque, na verdade, tem outra coisa. Mas eu preferiria explicar pessoalmente.

— Explicar o quê? — Ela falava com extrema cautela.

— Bem, é complicado — eu disse. — Será que não podemos... Eu vou ao seu escritório se quiser. Ou você pode vir aqui? Ou podemos nos encontrar num café, ou num bar...

Parei; não estava gostando da nota de súplica que se insinuava na minha voz.

— Não há motivo para nos encontrarmos — retrucou ela —, e não tenho tempo. — Isso era um não. Ela estava dizendo não. — É a minha outra linha, Charlotte, tenho que desligar — acrescentou ela. — Bom...

— Eu vou ao seu escritório — insisti. — No *Post*. Tenho o seu cartão. São quatro e meia. Chego aí em...

— Não! — exclamou ela bruscamente, e achei que parecia com medo. — Não faça isso.

Meu Deus, pensei, será que eu era tão ruim assim? A ponto de a ideia da minha chegada em sua sala ser realmente *assustadora*?

— Vou à sua casa — disse Irene, a voz ressentida. — Qual é o seu endereço? — Forneci. — Estarei aí às seis — falou, e desligou antes do meu irônico “Estou aguardando com ansiedade” ter chegado.

Fiquei sentada no meu sofá de frente para a varanda, tentando entender o nosso diálogo. Havia alguma coisa agindo ali que eu não entendia, algum fato que faltava.

Abri a porta da varanda e deixei o vento frio percorrer o apartamento. Então tomei uma chuva de escaldante. O passado estava à venda.

★ ★ ★

Irene chegou dez minutos atrasada, entrando no meu apartamento visivelmente assustada. Usava saia de lã e blazer cinza. Seu cabelo cor de casco de tartaruga estava solto, como antes, mas ela hoje usava rímel e um delineador azul-claro, que estava de novo na moda, embora eu duvidasse que ela soubesse. A visão dela ali com aquelas meias muito escuras, aqueles mocassins pesados e aquela lã cinzenta ridícula me deu um prazer inesperado. Fiquei feliz em vê-la.

Instalei-a num canto confortável do sofá e lhe servi um copo d’água, que ela preferiu ao vinho que ofereci.

— Então — comecei, sentada diante dela e segurando a minha primeira bebida do dia, um Riesling que piscava para mim de uma forma tão sedutora que me dava vontade de molhar o rosto com ele. — O que há de novo no mundo do

crime?

Ela me contou que estava terminando um artigo sobre detetives particulares.

— Eu conheço um detetive particular! — exclamei, com uma premência bizarra. — O nome dele é Anthony Halliday.

Irene me lançou um olhar estranho.

— Nunca cruzei com ele — disse.

— Só comentei — falei, com suavidade. E depois, sem mais preâmbulos: — Olhe, Irene, tenho um negócio para lhe propor.

Expus: Comuns. Incomuns. Opções. Acesso. Oitenta mil dólares. Trezentos mil dólares. Visibilidade. Mídia. Expliquei tudo de A a Z.

— Estou lhe pedindo para ser a escritora — concluí. — Dividimos tudo meio a meio, começando com a opção. Vou receber um cheque de sete mil e quinhentos assim que assinar o contrato.

Eu me sentia como Thomas. Só que Thomas acreditava que o projeto dele revitalizaria o mundo, ao passo que eu acreditava — bem, eu não acreditava nisso.

O rosto de Irene foi submetido a várias mudanças de expressão enquanto eu falava: confusão, curiosidade, descrença. Por fim, ela falou:

— Essa é uma das coisas mais surreais que ouvi nos últimos tempos.

— Eu sabia que você acharia isso!

— Charlotte — disse ela, depois suspirou. — Estou habituada a escrever coisas com algum objetivo. Essa realmente não tem nenhum.

— Tem um objetivo — assegurei-lhe. — O objetivo é nos enriquecer.

— Isso não basta — disse ela, com pesar.

— Mas espere um pouco. Lembra aquelas coisas sobre as quais você falou antes, quando tentou me entrevistar? Sobre identidade e... e identidade? Coisas assim? — concluí debilmente. — Você pareceu muito interessada.

— Estou interessada em identidade — confirmou Irene. — Mas montar a história da sua vida para algum serviço de internet orwelliano que provavelmente nunca verá a luz do dia não é uma forma viável de explorar esse interesse.

E agora eu via o problema. O fato que faltava. Com uma clareza de tirar o fôlego, saquei: Irene não gostava de mim.

— Não tem que ser a minha vida, exatamente — defendi-me, determinada a

manter o tom despreocupado, apesar da mágoa que eu sentia. — Não teríamos que nos ver muito. Eu lhe daria a matéria-prima e o resto seria com você. Você poderia contar do jeito que quisesse, poderia inventar. Na verdade eu preferiria, sim, que você inventasse...

Meu tom despreocupado estava intacto, mas eu me levantara de um pulo e estava parada na ponta dos pés. Irene começou a rir.

— Espere um instante, Charlotte — disse, enterrando o rosto nas mãos. — Por que eu?

— Não sei.

Esfregar os olhos tinha borrado o rímel de Irene, e ela parecia perplexa. Mas apesar desses sinais externos de não capitulação, eu sentia um estremecimento de esperança irracional (ou seria o Riesling entrando na minha corrente sanguínea?). Irene estava ali, em meu apartamento, discutindo comigo. Ela poderia estar em casa com o marido, ou trabalhando no *Post*, ou a centenas de quilômetros, mas estava ali, no meu sofá. Eu tinha aprendido o suficiente sobre sedução ao longo dos anos para saber disto: o desejo de verdade, do tipo que corrói e dura, era quase sempre mútuo. Parecia concebível que o que quer que estivesse me impelindo a falar com Irene também a faria querer ouvir.

— Francamente, Charlotte, mesmo que você arranje alguém para fazer isso para você — disse ela —, e pelo dinheiro é provável que arranje, não consigo vê-la indo até o fim. Você não vai responder às perguntas. Você acha que entrevistas são uma impostura. Você me fez um sermão sobre isso!

— Eu vou mudar — garanti com rigidez. — Estou no processo de mudar. — Após um instante, falei: — Já mudei.

Ela me olhou com ceticismo.

Pedi licença e fui à cozinha reabastecer o meu copo. Servi uma taça de vinho para Irene, também, por via das dúvidas. Então fiquei parada na frente da pia e tracei uma estratégia. Ou eu avançaria nos próximos minutos ou estaria tudo acabado. Estaria tudo acabado, e eu estaria sozinha no meu apartamento com uma cara cheia de titânio.

Na sala, entreguei a Irene o vinho, que ela aceitou. Bom sinal, pensei.

— Irene, me pergunte qualquer coisa — falei muito séria. — E prometo que

lhe respondo honestamente.

Era uma demonstração de boa-fé, uma avaliação gratuita dos meus serviços. Sentei no sofá e esperei apavorada que ela falasse. Houve um longo silêncio, e então ela bebericou o vinho. Bom sinal, pensei.

— Tá — disse ela, com uma indiferença desanimadora. — Como você se acidentou?

Acenei com a cabeça, indicando prontidão. Depois contive o desejo de me deitar, como eu tinha feito quando ela me entrevistou antes. Não, desta vez eu ficaria sentada. Olharia para ela. No mínimo um minuto se passou enquanto eu tentava organizar os meus pensamentos. Onde estavam os fatos? Minha memória, a nojenta, limitou-se a me dar um sorrisinho.

— Você não consegue — disse Irene. Estava sorrindo agora. — Olha só. Você de fato não consegue.

— Consigo.

O esforço deixava o meu corpo moído. Responda à pergunta. Tive uma sensação assustadora, a mesma que eu me lembrava de certas provas, provas de língua estrangeira em que as perguntas eram feitas em voz alta e sumiam mesmo quando eu me agarrava a elas com a mente.

— Você não consegue! Você não consegue fazer isso — disse ela, e riu.

Sua sombra leve e risonha — lá estava ela. Senti o alívio dela, sua avidez para voltar, desimpedida, para o marido a quem amava.

Cerrei os dentes, resistindo ao desejo de me retirar para o quarto e fechar a porta. Você a trouxe aqui, lembrei a mim mesma. Ela vai estar felicíssima de ir embora.

— Tudo bem — falei sem convicção, e decidi inventar alguma coisa. Só que a evasiva era o meu jogo. Fingir e correr, esse era o meu jogo. Finalmente, fechei os olhos, o que ajudou. — Conheci um homem — comecei, a voz saindo como um latido ou um ganido — chamado Z.

Ofegante, abri um olho para observar Irene e vi que sua risada e até o seu sorriso haviam desaparecido. Ela estava ouvindo.

— Z — eu disse, e, com a repetição do nome dele, senti-me desabar atrás de uma porta; eu tinha avançado esse pouquinho. — No início, eu mal reparei nele

— prossegui, com grande esforço. — Mas, a certa altura, vi que ele me observava. Eu sentia isso. Às vezes sentia mesmo quando não o via.

Abri os olhos. Ela tinha tirado os sapatos. Bom sinal, pensei. Estavam gastos e arranhados, o couro esfolado pintado com caneta hidrográfica preta.

— Certa noite — prossegui, espremendo as palavras do meu plexo solar —, vi uma forma dentro da camisa dele, como uma sombra. Era um fio. Sabe, como um microfone. Ele andava me gravando. Gravando todo mundo que eu conhecia, havia meses. Não sei por quê.

Engoli em seco. Já tinha ouvido pessoas descreverem sintomas de retraimento, o paroxismo apavorante daquilo. Mas de que eu estava me retraindo?

— Eu não estava zangada — continuei. — Nem assustada. Ao contrário, quase.

Parei, exausta. Após um momento, Irene virou-se para mim, as faces coradas.

— Então, o que aconteceu? — perguntou, e senti o agradável alcance da sua curiosidade.

— Eu estava enfeitiçada — falei. — Era como se eu estivesse me apaixonando.

CAPÍTULO ONZE

Michael West estava de pé junto ao quadro-negro em frente às palavras “Ângulos Inscritos” e observou Mary Peterson estourar uma bola de chiclete azul entre os dentes serrilhados. Sentiu a possibilidade de raiva dentro de si, e olhou para a menina disfarçadamente, torcendo para que ela percebesse. A Walther estava amarrada à sua panturrilha.

— Henry está certo — disse. — Um ângulo inscrito é um ângulo cujo vértice está numa curva e cujos lados contêm arcos de um círculo. O que o ângulo faz para formar o arco? Alguém, por favor?

Os alunos ficaram olhando para ele com suas bocas incapazes de se mover, seus rostos sardentos e seus claros olhos úmidos.

— Uma interseção — respondeu Marcie Blum.

— Exatamente.

A aula prosseguiu. O chiclete azul parecia venenoso, desinfetante. Michael se esfregou nele, desesperado para localizar a raiva que vivia dentro de si como uma brasa desde quase sempre. Em sua ânsia, começara a assistir a noticiários transmitidos da parte do mundo de onde viera: poeira, raiva, rostos zelosos famintos, idiomas em que se obrigou a não pensar mais, porém de vez em quando ainda pensava, em seus sonhos. As imagens trazendo à tona a memória da sua própria raiva, anos antes, ao ouvir o sotaque inglês na rua, ou ver o agitado comércio clandestino em videoteipes de filmes de Hollywood: nebuloso, ilícito, as aparições visíveis apenas com a falta de nitidez dos dispositivos de gravação amadores usados sub-repticiamente, cabeças de espectadores muitas vezes bloqueando a imagem. Mas estava infundido com uma promessa que era como a picada de um escorpião. Não havia possibilidade de recuperação. O desejo de captura e o resto viriam a seguir. Guerras, armas. Isso era sujo, obsoleto. Alimento as pessoas com um bocado de algo que elas desejariam pelo resto da vida e você não precisará lutar contra elas. Elas se entregarão. Essa era a conspiração americana.

— Há mais alguma pergunta? — falou. Depois, não gostando de sua dicção formal, emendou, quando outra mão se levantou: — Vou adivinhar. Vocês querem saber se isso vai cair na prova.

Risadinhas. Uma bola de chiclete azul. Michael levantou o pé, sentindo o peso da Walther no tornozelo. Ele a usava muitas vezes para ir à escola, escondida em partes diferentes do corpo; gostava da sensação de poder, da ameaça implícita. A pistola ocupava o lugar onde a sua raiva costumava estar.

Quando o sinal tocou, eles saíram da sala arrastando os pés calçados com as botas de inverno. Era janeiro, e o paroxismo do Natal, esse produto que os Estados Unidos haviam empacotado e exportado praticamente para todos os lugares (ele ouvira dizer que as ruas de Istambul estavam cheias de papais-noéis), diminuía, afinal. Havia previsão de neve para mais tarde naquele dia, e Michael West estava ansioso por isso. Nunca tinha visto neve de perto.

A sala se esvaziou, e Lori Haft parou junto à sua mesa. Muitas vezes ela solicitava sua ajuda após a aula, e suas notas haviam melhorado. Michael buscava isso avidamente, para manter boas relações com a mãe dela: a tola que tudo vê. Temia enfrentá-la naquele seu estado enfraquecido atual.

— Então — disse Lori. Ela usava um suéter verde justo com uma estampa de coelhinhos. Enrolava o cabelo no dedo. — O que é importante?

— Me diga você o que acha que é importante.

— Humm.

O cabelo dela tinha um aroma adocicado, era macio. Michael notou isso, notou a curva dos seus seios através do suéter, mas não sentiu nada. Ausência de vida. Sem a raiva, o seu desejo também tinha praticamente desaparecido.

— Acho que a parte dos ângulos...

Ele cruzou as pernas, apoiando a mão na Walther, animado com a ideia de quão facilmente poderia removê-la, desmascarar-se e fazer toda a horrível farsa ser revelada de repente.

— Me diga você, Lori — falou, olhando para o rosto dela. — Me diga você o que é importante.

Ricky estava deitado de costas, pernas e braços abertos no gramado seco de inverno em frente à sala de jogos de Paul Lofgren, prendendo a respiração para não o verem ofegar. Com a mão no seu Tony Hawk, ele escutava o barulho dos skates na piscina vazia. A piscina ia ser reformada na primavera, e agora eles tinham permissão para andar de skate nela crua, foder com ela quanto quisessem.

O haxixe o estava fazendo suar, mesmo só de camiseta. Ele não devia ter fumado, mas era a reserva particular de Paul, o cachimbo verde-jade com o forninho parecendo um deus do vento soprando as bochechas, Paul puxando-o para o banheiro com as rodela de sabonete cor-de-rosa numa concha branca ao lado da pia, puxando-o lá para dentro enquanto os outros faziam Cheeze-Corn no micro-ondas na cozinha. Depois acendendo uma pelotinha compacta e fumando-a com Ricky sozinho, porque Ricky era o homem de Paul. Embora fosse da oitava série e Paul fosse do terceiro ano, a idade era irrelevante. Paul gostava mais dele do que dos outros. Ricky tinha parado de se perguntar por quê.

Ele merecia, era por isso.

Ele conseguia mandar um backside grind na piscina traiçoeira de Paul, era por isso.

— Puteiro — disse alguém, e Ricky resmungou: *Merda*. Aquilo de novo, não.

Levantou-se cambaleando, ouvidos tilintando, embicou o Tony Hawk para a beira da piscina e desceu, o ar frio atravessando a camiseta. Fez uma manobra de frente na beira da piscina (eixos de metal desgastando o concreto), mas na descida a prancha escapuliu e ele saiu trocando as pernas para não bater no concreto turquesa (como Paul não usava proteções, ninguém mais usava), girando os braços, entrando em pânico por um segundo porque o cateter de acesso central estava sob a pele do seu peito — e se quebrasse dentro dele? Mas não, tinha sido retirado no verão passado, por isso ele podia andar de skate.

Ele ficava chateado porque vivia esquecendo isso.

Recolheu a prancha e saiu da piscina direto para o raio maldoso do sorriso de Jimmy Prezioso. Ricky mandou de volta um sorriso com sua arma secreta, um rosto desprovido de emoção. Tinha aprendido isso com Charlotte quando ia para a escola careca, sem metade das sobranceiras, de boné e tão apavorado o tempo todo que era como carregar uma galinha viva nos braços. Charlotte lhe dizia:

— Ninguém sabe o que você sente, ninguém enxerga por trás do seu rosto. — No espelho do banheiro, eles treinavam. — Me diga o que eu estou pensando — falava ela, os olhos fixos e estreitos e maus, e Ricky dizia:

— Você me odeia — prestes a chorar como sempre, e Charlotte passava os braços em volta dele e dizia:

— Não, seu bocó. O contrário. Você pode se esconder atrás do seu rosto — dizia-lhe ela, e foi o que ele fez. Foi isso que o ajudou a passar por tudo aquilo.

Charlotte tinha poderes; até que ponto, Ricky não sabia ao certo. Ele os respeitava.

Eles droparam na piscina um por um. Paul subiu o lado curvo dela e mandou um aéreo, segurando a prancha nos pés com o kickflip indy grab que tinham visto no vídeo Toy Machine — como skatista, Paul era uma fera —, aterrissou em cheio na prancha e desceu, tendo acertado a manobra sem esforço. Aplausos cacofônicos, todo mundo levantando e abaixando as pranchas com os pés. Paul tinha as mesmas coisas que todos eles tinham: cabelo, olhos, pernas (era mais alto que Ricky pelo menos uns trinta centímetros), mas, em Paul, tinha acontecido alguma alquimia, e ele era melhor. Um rei entre homens.

— A que horas abre? — Paul gritando da piscina para Jimmy Prezioso, seu escravo.

Falando sobre o puteiro, ou o que eles achavam ser um.

— Pôr do sol.

— Em breve. — Mark Smallwood, afirmando o óbvio.

Ricky dropou de novo, solto nos joelhos, pilotando o som crocante das suas Pig Wheels. Ele se inclinou, torceu o corpo, tornou a escalar o lado gretado da piscina e mandou o fakie, depois baixou de novo na pista, numa zona, encontrando linhas que tinha decorado — tentaria mandar um aéreo se Prezioso não estivesse ali em pé esperando para rir se ele se estabacasse —, subindo de novo para bater um ollie de frente, o corpo cantando, dançando.

— Bolha de pensamento: por que o Riquinho está mandando um stall? — Prezioso, claro, que o odiava, que tinha ciúmes da sua técnica no skate, seu vínculo com Paul. Ricky o ignorava, andando de skate porque era gostoso (Paul estava olhando), porque ele se sentia forte e leve, estava disparando raios do alto da sua

cabeça que soletravam as palavras NÃO ESTOU DOENTE.

Quando perdeu velocidade no fundo da piscina, arrematou com um pequeno kickflip, aterrissando suavemente na prancha.

— Irado, cara. — Paul.

— Sinistro. — Chris Catalani, batendo o seu Richard Angelides.

— Fera. — Mark Smallwood, acompanhando a maioria.

— Bonito. — Prezioso... quem mais seria? Numa voz suave, irritante. — Muito, muito bonito.

Ricky saiu da piscina e se postou na frente de Jimmy. Alisou bem o rosto como se fosse um lençol.

— E — disse.

Era a palavra preferida de Paul, seu comentário universal “E”, só isso, flutuando por si só, significando qualquer coisa, tudo. Até sua associação com Paul, Ricky não tinha enxergado a força da palavra, sua vasta expressividade.

— *E* você está bonito.

Ricky jogou o seu Tony Hawk no concreto na frente de Prezioso, onde a prancha colidiu ruidosamente. Ele estava fazendo cena, esperando Paul escolher um lado. Jimmy aguardava, também. Eles todos aguardavam, exalando braços de vapor.

Na pausa muito longa, Ricky ouviu alguém serrando árvores.

— Como se você tivesse a mínima noção do que é bonito, seu filho da puta fedido. — Paul para Jimmy, dando-lhe um safanão no braço, e todo mundo riu, até Jimmy. Ele tinha que rir. Era escravo de Paul.

★ ★ ★

Depois da escola, Michael foi até o McDonald's na Alpine Road e ficou sentado dentro do carro no estacionamento. Já havia feito isso muitas vezes desde que chegara a Rockford; visitara dezoito McDonald's na cidade e arredores, incluindo Belvedere e Machesney Park, mas nunca comera — nunca na vida —, tendo sempre achado que o resultado interno seria combustivo, violento. Agora desejava

isso.

Olhou pelo para-brisa para a fachada de tijolos vermelhos falsos, os arbustos degradados rodeados de aparas de madeira. Pequim, Moscou — estavam no mundo inteiro, os McDonald's, colonizando, anestesiando, e diziam que, depois de ter um, país nenhum tinha estado em guerra. Claro, já estavam derrotados.

Hoje era o dia. Michael entrou e ficou parado na fila longa e lenta. Após a cirurgia, o estômago tinha apenas duas semanas para começar a funcionar de novo, ou perdia a capacidade. Gente morria assim. Para Michael, a raiva era assim. Privado da lógica, da energia furiosa desse sentimento, ele questionava a sua sobrevivência.

— O que deseja? — Uma garota mais ou menos do tamanho de uma geladeira americana.

Ele pediu um Big Mac — o que mais? —, uma Coca-Cola — o que mais? —, batata frita e torta de maçã, levou a bandeja de plástico laranja para uma mesinha de plástico e retirou o papel-alumínio para expor o sanduíche. Seu primeiro pensamento foi que não parecia grande o suficiente, era amassado, com cara de comida regurgitada, a carne cinzenta e incidental. Será que aquilo era mesmo um Big Mac ou tinham lhe dado algo inferior? Depois, os seus próprios pensamentos o enjoaram — gula, individualismo —, e ele levou a coisa à boca e meteu metade lá dentro.

Não conseguiu sentir o gosto de nada a princípio, só conseguia pensar que aquilo não desceria nunca, ele iria morrer engasgado com aquela doçura cinzenta, seca e grudenta. Tentou engolir, a garganta se estreitando, emperrando para empurrar aquele grude pelo estreito duto abaixo. Finalmente o bolo foi evacuado de sua boca com uma sensação dilacerante, introduzido em sua goela como um rato engolido por uma cobra. Ele comeu uma batata frita, respirando com dificuldade, o rosto suado, depois meteu a outra metade do Big Mac na boca, tornando-a menos compacta com uma golada de Coca-Cola, o corpo preparado para a irrupção da raiva que incitaria suas entranhas mortas quando esta afronta as alcançasse, uma explosão que empurraria tudo de volta para cima. Mas nada aconteceu. Ele ficou ali sentado mordiscando batatas fritas, observando *caminhões leves* do tamanho de casas passarem deslizando na Alpine, a Walther inerte em seu

tornozelo, sentindo o bolo de comida se dissolver e se tornar parte dele, as células daquilo se misturando com as suas, se dividindo para formar novas células — as células de uma pessoa que tinha comido no McDonald's. Então, ele meteu o resto da refeição dentro do papel-alumínio e amassou, uma bola McDonald's reluzente, enfiou-a pela fenda de plástico da lixeira e ficou ao lado dela, sem saber ao certo o que fazer em seguida.

Saiu da lanchonete. Rockford, Illinois, plana e sem cor no inverno. Ele estava em meio a pistas de concreto e aparas de madeira e autoestradas, a troco de nada. Por puro acaso. Poderia estar ali ou em qualquer lugar. Michael West vivera em meio ao perigo por muitos anos sem jamais entrar em pânico, absorvera a possibilidade de medo, escondera-a. Mas, parado sozinho no estacionamento em frente ao McDonald's, sentiu um primeiro indício de terror: da terra, do céu cinzento esmagador, dos estranhos por toda parte. De enfrentar esse mundo novo sozinho, sem um inimigo.

★ ★ ★

Ellen esperou no Lexus em frente ao complexo médico onde era o consultório de Gordon, calefação e rádio ligados: “Baby Stay with Me Tonight”, uma canção cuja animação descarada a fez estalar os dedos. O céu estava macio e branco. Neve? Ela esperava que sim.

Agora que ela tinha feito aquilo, ligado para Gordon no consultório usando o telefone de Charlotte (como se isso fornecesse algum tipo de camuflagem); agora que ele tinha concordado (se bem que forçadamente) em encontrá-la e ter uma conversa, surgia em Ellen uma calma deliciosa. Fazer as crianças saírem para a escola, prometer a Harris que salpicaria kudzu curado na salada à noite (ele lhe pedia isso havia semanas) para uma pequena pesquisa de mercado *ad hoc* — por que essas coisas antes pareciam tão intragáveis? Ontem, ela havia comprado lingerie na Lord and Taylor — preta, Gordon adorava preto, mas a flora negra que abarrotava suas gavetas da época de encontros amorosos estava cheia de bolinhas e esgarçada àquela altura. Ela tinha usado aquilo para ir ao hospital, jogar squash, tênis. Tinha usado para ir à igreja.

Lá estava ele. Deixando o prédio, atravessando o estacionamento em direção a ela, não sorrindo, mas aí, aqueles eram momentos de ansiedade, um entrando no veículo do outro em público. Um milagre — será que ele de fato entraria? Entrou, trazendo frio e vapor.

— Ellen — disse, beijando seu rosto educadamente, do jeito que a beijava em coquetéis, esse homem com quem ela trepara em banheiros, armários, galpões de ferramentas, porões, esparramada em lances de escadas, em carros (eles iam ao Rock Cut Park, mal falando na pressa e na compulsão), em sótãos, ao ar livre no verão (só uma vez, aquilo os deixou muito nervosos), em motéis pagos em dinheiro, e uma vez, loucamente, num salão de banquete vazio contíguo à recepção de casamento a que os dois tinham comparecido com os respectivos cônjuges. Alguma destilação dessas lembranças assaltou Ellen agora que Gordon estava tão perto, o cheiro de sua loção pós-barba, seu sabonete antisséptico, e ela ficou aturdida com uma nostalgia tão aguda que parecia dor. Suas mãos tremiam enquanto saía de ré do estacionamento.

— Como vai você? — perguntou ele, passando a mão no cabelo louro desbotado. — Como vai Ricky?

— Parou com a quimio desde maio. Agora temos esse ano angustiante de exames...

Ela estava dirigindo, nervosa. Não queria falar de Ricky, por mais simpático que fosse da parte dele perguntar.

— Será que a gente devia tomar um café em algum lugar? — sugeriu Gordon. — Estamos pertinho do Aunt Mary's.

Ellen olhou para ele, assustada. O Aunt Mary's era um lugar público, um lugar onde eles poderiam muito bem encontrar algum conhecido.

— Na verdade, eu estava pensando — começou ela, já sabendo que era a sugestão errada, mesmo na hora em que aquilo saltou de dentro dela —, a gente poderia ir até Rock Cut dar uma volta antes que escureça.

Ela tinha imaginado os dois de mãos dadas no frio. Imaginado a neve começando a cair.

— Não tenho tempo para ir tão longe — disse Gordon.

Conformaram-se com o McDonald's, na Alpine Road. Já estava escurecendo.

Enquanto esperava Gordon trazer os cafês, Ellen sentiu algo a incomodando. O cenário estava errado, sem atmosfera nem romantismo — e, no entanto, ela se lembrou, observando o perfil nórdico alto de Gordon aguardando na fila, a atração deles nunca exigira esses incentivos. Irrompera em cenários muito menos auspiciosos que esse.

A bandeja parecia pequena nas mãos dele. Boba. O McDonald's era um lugar onde todo mundo parecia bobo. Gordon sentou-se, reunindo os joelhos desajeitados embaixo da mesa. Eles mexeram os respectivos cafês. Algo nele havia mudado, Ellen decidiu. Ele demonstrava uma tranquilidade nova, até otimismo. Ela se perguntou, por um instante, se ele tinha começado um caso com outra pessoa.

— Então — disse ele. — Você comeu o pão que o diabo amassou.

— Está tão na cara assim? — perguntou ela, secamente.

— Eu não me referia a isso.

Ele sorriu, olhos piscando dentro daquelas pestanas claras. Ellen sabia que ele não se referia àquilo, então por que ela falara assim?

— É verdade — concordou ela. — Por muito tempo, tudo parou.

— Como poderia não parar?

O café estava azedo, muito quente. Ellen pousou o copo.

— Acho que fui... brusca. Na época — disse ela. — Com você.

— Eu entendi — falou ele, simplesmente.

Estava facilitando muito aquilo tudo. O problema era que Ellen não tinha ido ali para pedir desculpas, nem ser perdoada.

— Enfim — continuou Gordon —, logo, felizmente...

— Sim. Na primavera.

— E aí você pode relaxar.

— Mas Gordon.

E agora ele já não sorria. Olhou para o outro lado, à esquerda de Ellen, um pequeno ataque de apreensão perturbando o seu semblante. E naquele momento, ela viu tudo: que Gordon tinha de novo a vida antiga — a vida antiga menos a distração empolgante, esmagadora de outra vida que ele preferiria estar vivendo. Que ninguém a substituíra. Pelo contrário: Gordon lamentava o que acontecera entre eles e estava determinado a não repetir a experiência. E afinal Ellen

reconheceu a qualidade nova que notara nele hoje, e lhe deu um nome. Alívio.

— Gordon, sinto sua falta — disse.

★ ★ ★

— Está sufocante, mas tenho que chegar em casa bem rapidinho.

Mesmo falando isso, Ricky ouviu a falta de convicção. Encaixado no banco da frente da camionete entre Paul (dirigindo) e Prezioso (dando risadinhas), Ricky apontou a sua infelicidade para fora da janela enquanto eles seguiam pela Alpine sentido sul. Smallwood e Catalani estavam em situação pior, na caçamba aberta com o vento uivante e os skates, incluindo o Tony Hawk de Ricky, no qual ele esperava que não tivessem coragem de tocar.

Ele estava com medo de ir ao bordel, mas dizer isso não era uma opção, do contrário Jimmy ou, Deus me livre, Paul poderia achar que havia alguma coisa errada com ele por causa da quimio. Jimmy tinha insinuado isso. E Ricky não sabia; ele era normal? Dois anos antes, tinha visto uma garota no hospital usando uma camiseta rosa e uma peruca loura espetada, chorando. Lisa Jacobs. Ela saía do quarto das garotas, o rosto encharcado e cansado e delicado de um jeito que pareceu lindo a Ricky. Lisa ficou colada no cérebro dele. Durante meses, fez com que ele aguardasse os tratamentos com ansiedade. Às vezes, ele estremecia diante da ideia de vê-la. Lisa tinha o tipo maligno, o tipo no sistema nervoso. Tinha uma irmã mais nova chamada Hannah e dois gatos siameses. Seus pais eram divorciados, e seu cabelo, quando ela o tinha, era castanho-escuro. “Sou uma loura de câncer”, dizia ela, e ria um pouquinho de crueza. Ricky não via Lisa fazia meses, e tinha um mau pressentimento a respeito disso.

As janelas do “Academia e Centro de Treinamento Físico Glamour” eram cobertas com renda colorida e decoradas com lâmpadas brancas de árvore de Natal. O pequeno cartaz na porta dizia “Aberto”. O estabelecimento parecia, sim, bem pequeno, pensou Ricky, para uma academia.

Paul estacionou mais acima na quadra, e Smallwood e Catalani desceram da caçamba e apareceram nas janelas.

— R. e eu vamos primeiro. — Paul.

— Pode ir outro. — Ele mesmo, com sarcasmo.

— Todo mundo, bora! — Mark esbarrando na porta como um cachorrão com frio.

— ...se quiser ver a turma rir muito. — Paul. E como sempre, um ofuscante halo de verdade envolveu o fato, uma vez que ele o disse. — Enfim, R. precisa da experiência.

Esta última com uma piscadela quase imperceptível — para ele, Ricky achou. Ou será que Paul andou piscando para Jimmy, dizendo outra coisa?

Ricky assumiu uma expressão tranquila, sossegada, que dizia ao mundo que isso se alinhava exatamente com as suas esperanças. Deslizou para fora da camionete, o coração explodindo no peito, e foi andando despreocupadamente ao lado de Paul para a Academia e Centro de Treinamento Físico, cuja porta, como era de se esperar, estava trancada. Paul apertou uma pequena campainha cinza iluminada por baixo, e o porteiro eletrônico fez um barulho. Paul abriu a porta.

O local tinha uma iluminação suave, paredes cor-de-rosa e um balcão branco curto onde uma senhora de ar entediado estava sentada num banco alto. Ela usava uma malha magenta e era bronzeada, cabelo escuro puxado para trás num rabo de cavalo, um pouquinho de acne nas bochechas, um nariz arrebitado e batom vermelho brilhante. Parecia meio espanhola ou meio chinesa, ou talvez as duas coisas.

— Em que posso servi-lo? — disse friamente, mas com uma voz rouca.

— A gente veio aqui para malhar. — Paul, com um sorriso misterioso.

— Sinto muito. É só para sócios.

Houve uma pausa. Paul olhou para a senhora e a senhora olhou para Paul.

— E. — Paul. A palavra flutuou na frente da senhora, majestosamente suspensa, mas, quando ela não reagiu, voltou com um efeito bumerangue para Paul. — Então, hã. Como a gente se associa?

— O clube está lotado.

Ela tinha um sotaque de algum lugar. China? Espanha?

— Não vamos ocupar muito espaço.

— Não esse cavalheiro. — A senhora olhou para Ricky e ele sentiu uma expressão de humor em algum lugar no rosto dela. — Você, moço, já está

ocupando espaço.

— Bem, beleza, porque o Ricky aqui é o fominha.

Ricky olhou embasbacado para Paul, que nunca em sua experiência parecera tão retardado. Era uma coisa dolorosa de ver.

— Ah. Então.

A senhora se virou para Ricky, e ele se distraiu por um instante se perguntando se ela tinha acabado de falar com ele em chinês. Então ele inclinou a cabeça num assentimento lento e fácil. Estava tentando imaginar beijar essa senhora ou até transar com ela, mas o esforço esgotou a sua imaginação a ponto de lhe dar um branco. Ela era uma senhora, como aquelas que você via no Piggly Wiggly enchendo os carrinhos com caixas de salada Jell-O.

— Ele é meu irmão — soltou Paul sem nenhum motivo aparente.

Ricky desviou a vista, agoniado.

A senhora desceu do banco e chegou mais perto. Usava uma saia-envelope que ondulava um pouco com algum vento quente e invisível.

— Que amor. Tomando conta do irmãozinho.

— Pago mais.

Ela andou até a janela, levantou a renda colorida e olhou para fora. Satisfeita com o que viu ou não viu, virou-se para Paul.

— Paga pelo quê?

— O que quer que você normalmente faça.

— Um garoto como esse? Eu levo ao zoológico. Para ver os leões.

— O que quer que queira chamar.

Paul parecia tranquilo, mas, por baixo daquela tranquilidade, Ricky sentia algo inquieto, agitado, um CD pulando — não os nervos (Paul não tinha nervos), mas uma espécie de excitação agora que eles estavam perto. E como sempre acontecia quando Ricky se abandonava ao escrutínio do estado de espírito de Paul, ele esquecia por um instante da própria existência.

Ficou espantado quando a senhora se virou para ele.

— Fominha. Por que então que o seu irmão é quem fala?

— Ele é o meu porta-voz.

Uma gargalhada de Paul o fez sorrir.

— Um-zero-zero. É pegar ou largar. — Paul.

— Com você olhando, é esse o grande plano? — A senhora, e Ricky se virou para Paul, não gostando do som dessa parte.

Era um teste, um teste com certeza!

— Calma, cara. — Paul deu de ombros. — Ela é a pervertida. — Sorrindo.

Mas, por baixo daquilo, Ricky sentia a vibração luminosa da raiva de Paul.

A senhora os observava. Ela ia dizer não. Ricky pensou com ansiedade, e montou a sua pose de desapontamento estoico.

— Tudo bem, Sr. Um-zero-zero. Vamos ver o que você tem.

Paul hesitou, depois sacou um bolo de notas impressionante do bolso de trás. Pegou as de dez e jogou-as no balcão branco.

— Seu grosso.

Ela levantou a sobrancelha fina para Paul, depois esticou cada nota antes de contar, fazendo-o esperar. Ricky sentiu a oposição entre eles como a sentia entre Charlotte e seu pai, ele no meio. Seu coração batia em seus ouvidos.

— Dê tchau para o irmãozinho.

A senhora abriu a porta e Paul não teve escolha senão sair. O que ele fez, estranhamente dócil agora, batendo uma continência para Ricky enquanto a porta se fechava.

Ela apertou um botão com uma unha vermelha comprida e falou num interfone. O local era tão pequeno que Ricky ouviu a voz dela chegando fraquinha em outro quarto.

— Anita — começou ela, depois falou depressa em outra língua, que ele logo determinou não ser chinês, mas espanhol. — Por aqui, amor.

Indicou o caminho com um dedo apontado para uma escadinha acanhada que levava a um segundo andar: várias portas ao longo de um corredor apertado e escurinho. Conduziu-o a um pequeno quarto iluminado por uma meia-luz cor-de-rosa, contendo uma cama, um armário, uma pia. Fechou a porta e trancou-a.

— Sente-se, querido.

Ricky olhou em volta, viu um único lugar para sentar — a cama — e sentou-se.

— Hã... com licença — disse, mas a senhora não ouviu.

Ela abriu o armário e o que soou como uma gaveta dentro dele.

— Senhora? — *Ah, merda, não a chame disso!*

— Maria. — Ela estava dentro do armário. — De Maria, mãe de Deus. De que tipo de música você gosta?

— Tanto faz.

Ela saiu do armário para olhar para ele.

— Onze anos de idade e não se interessa por música?

— Treze.

Aí ele se deu conta de que era uma armadilha. Ela estava tentando adivinhar.

— Então. Que tipo?

— Smashing Pumpkins. — Um murmúrio infelicíssimo.

— Não tenho.

— Não tem importância.

— Aerosmith?

Ela botou um CD horrível — Ricky desprezava Aerosmith, a voz de Steve Tyler lhe dava coceiras —, mas mesmo agora, com a música ferindo os tímpanos dele, Maria continuava mexendo naquele armário. Procurando o quê? Alguma espécie de... *equipamento*? Ricky contou lentamente (um truque de hospital) para aliviar a tensão crescente dentro dele — depois, incapaz de contê-la, levantou-se de um pulo da cama, abriu a porta (que destrancou quando girou a maçaneta) e saiu como um raio para o corredor.

— Ei! — Maria, sobressaltada, mas Ricky já ia correndo apavorado pelo corredor, torcendo as maçanetas das outras portas e encontrando-as trancadas (ouvindo, ou será que os imaginou?, ruídos abafados de surpresa do interior).

No fim do corredor, havia outro lance de escada, subindo, subindo, Ricky subiu de dois em dois degraus usando as mãos para acelerar, Maria atrás dele agora, xingando em espanhol, mas tentando manter a voz baixa. No alto da escada, Ricky ficou parado se perguntando que diabo fazer em seguida quando viu uma sala de pesos, porta aberta, apenas algumas máquinas na difusa luz azulada, e se jogou embaixo de um banco sem halteres e ficou ali encolhido, arfando, petrificado, apavorado. E aí pensou em Charlotte. Ela ocupou a sua mente: o rosto, os olhos dela. Acalmando-o.

— Você não vai morrer — ouviu-a dizer. — Você está bem.

A senhora estava na sala agora, respirando.

— Escute aqui. Estou vendo você aí embaixo e não vou fazer nada, tá? Vamos só relaxar aqui, tá?

Ricky rolou de debaixo do banco sem halteres, já encabulado. Sentou-se no chão e olhou para Maria, que com muito cuidado se sentou no banco como se fosse um gato selvagem.

— Olha, o seu irmão me contratou para ser sua babá, e é só isso que vai acontecer aqui, tá?

— Babá? — Ele se ofendeu.

— Claro. Somos uma academia de ginástica, mas fazemos serviço de babá de quebra.

Ricky olhou para a cara dela, tentando decodificar a quantidade de mensagens que sentia saindo dali.

— Eu não sou bebê.

— Alegria para o mundo. — Maria deu um longo suspiro fraco, e ele viu que a tinha assustado. — Tenho um filho da sua idade, e ele também não gosta de babá.

Ele pensou que ela estivesse brincando.

— *Da minha idade?*

— Sim, senhor.

— Ele... gosta de Aerosmith?

— Ele gosta mais de heavy metal. Nine Inch Nails, esse tipo de coisa. Estoura os meus ouvidos.

Ricky contraiu a boca para prender o sorriso.

— Legal.

Desceu acompanhando Maria. Em algum lugar, ouviu uma descarga de privada, e se deu conta da presença de gente por ali, bem perto, gente que ele não via.

De novo no quartinho, Maria apontou para um baralho em cima da cama.

— Era isso que eu estava procurando. Conhece gin rummy?

— Claro. — Um jogo de hospital.

Sentaram-se na cama na perpendicular um em relação ao outro e começaram a jogar, usando o colchão como mesa.

— O seu irmão, ele está pedindo um cascudo. — Maria.

— Ele não é meu irmão.

— Então, pelo amor de Deus, evite-o. Gin.

Ela abaixou as cartas, pegou as de Ricky e começou a embaralhar de novo.

— Ele estava agindo de forma estranha hoje à noite. — Constrangido por causa de Paul.

— Então, seja dono de si mesmo! Não deixe ele usar você. Não seja o bichinho de estimação dele.

Ricky ficou indignado. O *bichinho de estimação* dele?

— Ah. Espera.

Maria pousou as cartas e procurou algo no bolso da saia. Olhando para seu rosto virado para baixo, o pneuzinho apertado acima da sua cintura, Ricky sentiu algo se mexer em sua barriga, uma quentura que parecia viva, como um bicho rondando as suas entranhas com garras afiadas. Teve uma visão confusa de estar deitado ao lado de Maria, envolvido em seus braços e seu cheiro. Quando ela tentou lhe entregar cinquenta dólares, bem dobradinhos, ele olhou para ela sem fazer nenhum movimento para pegar o dinheiro.

— Sim, sim, metade para você! — Impingindo-lhe o dinheiro bruscamente. Meio a meio, e pronto. — Nada de discussões.

Ricky pegou as notas e meteu-as no bolso. Ele e Maria recommençaram o jogo. O bicho acalmou os movimentos, Ricky começou a se preocupar.

— O que eu devo dizer a eles?

— Meu conselho, não diga nada. Nem um pio.

— Sim, mas quero dizer. Eles vão querer, tipo, detalhes.

— Quanto menos você disser, maior a excitação. Essa é a natureza humana, meu amigo.

— Hum.

Natureza humana era mais fundo do que ele normalmente ia.

Jogaram mais duas rodadas, que Ricky ganhou. Mas ele se perguntou se Maria poderia tê-lo deixado ganhar. Era provável que ela estivesse acostumada a deixar o

filho ganhar.

Bruscamente, ela abaixou a mão, como se tivesse soado um timer interno. Desceu a escada, com ele atrás.

— Estude muito, seja um homem bom quando crescer e trate as mulheres com respeito. — Isso por cima do ombro. — Promete?

— Combinado.

— Fica entre nós, está lembrado? Essa aventura.

Maria apertou o botão e Ricky abriu a porta. Ela lançou um olhar rápido para algum lugar atrás dele, depois se inclinou e beijou sua bochecha, de forma ostensiva.

— Sorria para as câmeras.

Ricky correu atabalhoadamente no escuro. Eram sete e meia, passados quarenta e cinco minutos da hora do jantar. Abriu a porta da camionete e o equivalente a meia hora de fumaça de maconha e de respiração coletiva de quatro pessoas abordou-o como um corpo sólido.

— R. Você meteu? — Paul, sonolento.

— Olha, tenho que chegar em casa. Vou na caçamba, mas Paul, dá para você me levar lá depressa? Senão vou...

— Calma. Esquece a caçamba.

— Vou na caçamba... Eu *não* quero ouvir. — Prezioso.

Smallwood foi com ele, querendo agradar como sempre.

— No meio. — Paul a Ricky, que passou por cima de Catalani e se encolheu dentro da sua parca, ressentindo-se do peso dos garotos nos dois lados.

— Paul, anda, senão vai dar a maior merda para mim!

Paul olhou para Ricky, depois deu a partida no carro com um ar de quem tinha todo o tempo do mundo, deixando o motor funcionando alguns minutos antes de arrancar.

— Com ela? Ou outra pessoa?

— Ela.

O bolo de dinheiro estava imprensado na sua coxa. Esse acerto não traria sorte. Ricky sentia isso fisicamente, uma sensação arrepiante dos céus se alinhando contra ele. Paul estava dirigindo.

— Você transou? — Catalani, incrédulo. — Você, tipo, meteu nela?

— Ei! — Paul. — Quero isso na ordem. Então eu saí pela porta. E.

Ricky olhou o relógio. Estavam talvez a uns dez minutos da sua casa.

— Bem, ela apertou um botão e falou com alguém em espanhol, acho.

— E.

Ricky contou a história em detalhes mínimos: subir a escada, o corredor, quarto, cama, pia. Para sua surpresa, esse truque foi inteiramente eficaz. Os garotos ouviam, embevecidos. No meio daquilo tudo, Paul irrompeu de repente, virando-se para Chris.

— Isso é verdade. É totalmente verdade. Ele transou, porra. Treze anos, que sinistro!

— Demais! — Catalani.

Estavam a oito quadras da casa de Ricky.

— E.

— Bem, deitei na cama e ela abriu um, tipo, armário, e entrou ali e começou a abrir gavetas e troços.

— Tirando a roupa! — Catalani, alardeando.

— E você? Você tirou a roupa? — Paul.

— Por cem dólares, pensei que isso devia ser trabalho dela.

Gargalhadas acudiram em massa a essa réplica, e Ricky vivenciou um aumento do brio acompanhado de uma diminuição da culpa acompanhada do alívio de estar quase em casa.

Paul encostou no meio-fio e desligou o motor. Era um desafio. Estavam a uma quadra da casa de Ricky.

— E.

Ricky encostou em Paul com o cérebro. Imaginou isso, seus cérebros agarrados um ao outro, como dois lutadores suados. Paul queria alguma coisa dele — Ricky ainda não sabia o que era. Estava começando a duvidar de que a tivesse.

Ricky se debruçou por cima de Catalani e abriu a porta do carro, depois desceu apoiando-se nas mãos e lançou-se no frio de rachar do inverno. Aquilo cheirava a destino. Ele olhou dentro da camionete, cada instante lento, ponderado.

Paul observou-o com o canto dos olhos, sem sequer virar a cabeça. Ricky

ergueu os ombros.

— Paul, o que você quer que eu faça? — suplicou, depois ouviu um gemido em sua voz e parou, deixando o semblante ficar inexpressivo.

Sem mais uma palavra, deu meia-volta e foi para casa. Displicentemente, num passo normal. A camionete ficou ali como uma assombração. Ninguém sequer fechou a porta. Ricky sentia os olhos dos quatro garotos tocando-o por trás. Só quando estava na metade da longa entrada de veículos da sua casa, a camionete enfim se afastou cantando pneu.

Ricky correu pelo gramado seco até a porta dos fundos. Na cozinha, a luz bateu em seus globos oculares e um leve zumbido se instalou dentro da sua cabeça. Sua família estava sentada à mesa.

— Por onde você andou, filho? — Papai.

Ele sentiu o haxixe de novo, corrompendo os seus pensamentos. Estavam todos ali sentados, observando-o. Sua mãe estava com cara de que tinha chorado.

— Com Paul e a galera.

Ricky deslizou para sua cadeira, olhos baixos. Por que deveria pedir desculpas? Seu pai estar puto da vida não era um grau elevado na escala Richter de preocupações, que incluíam passar Paul para trás com dinheiro, possivelmente ser anormal, e mais outra coisa, também, uma coisa ruim que ele não conseguia enxergar por completo. Sua mãe foi até o fogão e voltou com um prato de ensopado de carne e purê de batata, suas comidas menos favoritas no planeta. Ricky cutucou o ensopado com um garfo enquanto a paranoia apertava em volta dele — Maria, o haxixe de Paul, os cinquenta paus em seu bolso pareciam informações muito instáveis para serem contidas nos limites da sua cabeça; iriam pular para fora, ser bombardeadas do alto do seu crânio. Ele evitou olhar para Charlotte, certo de que ela saberia.

— Você tem treze anos, Richard — disse Harris. — Por que a pressa para andar com esses garotos mais velhos?

Mas Harris estava blefando, assumindo a postura de um pai indignado para camuflar a verdadeira preocupação, que era Ellen. Havia algo errado com a sua mulher.

— Sei lá.

Ricky mantinha a vista desviada. E agora, a outra preocupação cresceu em tamanho e massa até um fio gelado sair da base do seu crânio e lhe escorrer devagarinho coluna abaixo em direção à bunda. *Tony Hawk*. Na caçamba da camionete de Paul! Seu mágico Tony Hawk. Seu cintilante e milagroso Tony Hawk.

— Depois de tudo por que você passou, Richard, “sei lá” não parece muito uma resposta.

Harris olhou para Ellen, tentando conseguir solidariedade, mas ela parecia inalcançável.

— Como assim, tudo por que eu passei? — perguntou Ricky.

Harris entrou na discussão, desarmado, louco para recuperar a atenção da mulher, prendendo-a naquela cozinha do jeito que se tentava impedir que uma pessoa com risco de entrar em coma adormecesse.

— *Quero dizer* — falou —, você tem sorte de estar tão bem como está. E demonstra a sua gratidão andando com um bando de bandidos em camionetes que eu escuto dessa...

— Gratidão — objetou Ricky. — A quem?

— Você precisa mesmo perguntar?

— Você quer dizer... a Charlotte?

Ao ouvir o seu nome, ela ergueu os olhos.

— Não, Richard — retrucou Harris de forma fulminante. — Não me refiro a Charlotte.

— Ah, tipo Deus? Ei, obrigado, Cara.

Ricky levantou a mão e virou os olhos para o céu.

— Está ouvindo isso? — Harris virou-se para Ellen, incrédulo, mas o semblante dela estava vazio.

Ela não estava interessada. Não nisso.

Charlotte sentiu a discussão caminhar de forma inexorável em sua direção, como os conflitos envolvendo seu pai tendiam a fazer. Em silêncio, ela recitou o ensaio que tinha lido para tio Moose aquela tarde.

Originalmente, vacas e ovelhas e porcos eram conduzidos através de

Chicago para os vagões de trem e levados para outras cidades para serem abatidos, mas os animais perdiam peso na viagem.

— “*Cara*”? — disse Harris, apelando para a mulher. — De um garoto doente assim?

Um desastre crescia dentro de Ricky. Ele virou-se para Charlotte e gritou:

— Conta para eles!

Então, nos anos 1870, as pessoas começaram a abater os animais em abatedouros ao lado dos trilhos, esquartejando-os e embalando os pedaços nos vagões da ferrovia em gelo natural...

— Fala, Char!

— Ele não está doente — afirmou ela, sabendo que era um equívoco. — Ele está bem. — E sentiu o irmão relaxar ao seu lado. A cozinha estava em silêncio. — É só... é só uma coisa que a gente fala — acrescentou ela, nervosa.

Por um bom tempo, Harris limitou-se a olhar para ela.

— Não faça essa cara — disse ele afinal —, senão pode sair da mesa.

— Que cara? — perguntou Charlotte.

— Harris, pare com isso — pediu Ellen.

Ah, pronto. Afinal, ele tinha conseguido — trouxe a mulher de volta para o meio deles —, bem a tempo que ela tomasse o partido de Charlotte contra ele. Havia montinhos de kudzu ao lado de cada prato. Eles haviam catado aquilo de suas saladas sem comentários.

— *Essa* cara — disse Harris a Charlotte, com um irreprimível tique de raiva. — A cara que você está fazendo agora. Pode ir desmanchando ela senão eu...

— Pare com isso! — exclamou Ellen.

Ele estava em pé. Por que estava em pé?

— Eu não estou fazendo cara nenhuma — retrucou Charlotte, parecendo cansada. — Eu tenho essa cara.

As palavras perduraram quando ela se levantou, levou seus pratos para a pia e saiu da cozinha. Eles a ouviram (Harris ainda em pé) subir a escada dos fundos e ir para o quarto. Quase de imediato, Ricky levantou correndo da mesa e foi atrás

dela.

Parado ao lado da mesa de jantar semideserta, Harris teve uma sensação de derrota.

— Você é muito bruto com ela — disse Ellen, sem olhar para ele.

— Ela é arrogante.

— Ela é calma. É a personalidade dela. E isso é bom para Ricky.

Harris pôs os pratos no lava-louças, depois voltou para a mesa com uma garrafa de Chardonnay. Ellen não se mexeu. Ele serviu o vinho e observou-a tomar um gole.

— Ellen — falou. — Estou preocupado.

— Com o quê?

Ela parecia com medo.

— Você.

Agora havia lágrimas em seu rosto — tantas, como se elas tivessem andado à espera atrás de seus olhos.

— Eu estou bem — soluçou ela.

— Me diga o que fazer — pediu Harris, chegando mais perto, abalado com a intensidade da tristeza dela. — Me diga que eu faço.

Ela fez que não com a cabeça. Estava pronta para lhe contar — estava! Seu desespero tinha um poder próprio, exigia ser reconhecido.

“Ah, Ellen”, dissera Gordon afinal naquela tarde, mal sustentando o seu olhar. “Eu adoraria, mas.”

Como alguém recusando um convite para jantar. Com um sorriso tenso de desculpas para ela. Ele parecia mais velho, Ellen reparou, então, cansado em volta da boca e dos olhos. E bruscamente, o tempo se apresentara — mais de três anos desde a última vez em que estiveram juntos. Ellen tinha esquecido quanto tempo fazia porque, para ela, não fora tanto um tempo de vida, mas uma interrupção medonha da vida. *Eu adoraria, mas*. Constrangido por ela porque já havia acabado fazendo muito tempo, o caso deles, e a pergunta dela era muito tola. Muito inconveniente.

— Três anos é muito tempo — disse Ellen a Harris.

Aliviou-a falar isso, apoiar-se na verdade na presença do marido.

— É muito tempo — retrucou ele com avidez. — A tensão anda sendo incrível. E não acabou, de fato, não acaba antes de junho.

— Não acaba nunca.

— Isso não é verdade — disse ele. — Depois de um ano as chances dele são excelentes.

★ ★ ★

No andar de cima, Charlotte esperou que Ricky fosse ao seu quarto. Como ele não foi, ela abriu a porta e descobriu-o de bruços na cama, o chão ao lado dele cheio de notas de dez dólares amassadas.

— O que é isso? — perguntou ela.

Ele olhou para ela, o rosto marcado da colcha.

— Dinheiro.

Charlotte chegou mais perto da cama. Como Ricky não se mexeu para permitir que ela se sentasse, ela se agachou e catou as notas, alisou-as e juntou-as num maço.

— O que é isso? — perguntou Ricky, e ela franziu o cenho. — No seu peito. Que você fica tocando.

Sem perceber, ela andara tocando a conta de âmbar através do suéter.

— Nada — respondeu. — Um colar.

Ela a deixava ali, sem aparecer. Ficava pendurada entre seus seios, como ela agora pensava neles.

Os irmãos se entreolharam, Ricky esperando que Charlotte puxasse o colar e o mostrasse. Ela não puxou. Então ele não estava interessado. Separado do seu Tony Hawk, morria lentamente.

— Onde você estava? — perguntou Charlotte.

— Em lugar nenhum.

— Ricky — disse ela. — Você não vai contar?

Ele virou para ela sua expressão mais vazia, o rosto que ela mesma tinha lhe ensinado.

— Contar o quê? — falou.

★ ★ ★

— Talvez as estrelas tenham aparecido — disse Harris. — Vamos ver.

Ellen chegou a cadeira para trás, o rosto molhado. Estava pronta para fazer o que quer que Harris lhe dissesse. Uma pequena chama de livre-arbítrio, de independência, finalmente fora apagada. Em três anos, a tripulação de Fernão de Magalhães fizera a primeira circunavegação do globo da história, enfrentando motins e escassez de suprimentos, conseguindo passar com três navios por um estreito sul-americano tortuoso e depois vendo Magalhães morto numa disputa intestina nas Filipinas. Três anos era tanto tempo assim.

— Vou pegar nossos casacos — falou Harris.

Ellen esperou na cozinha vazia. *Eu adoraria, mas.* Mesmo na hora em que Gordon falou, as palavras chegaram em seus ouvidos com uma espécie de eco.

“Entendo perfeitamente”, ela tinha respondido, com ar despreocupado, achava. Esperava. E então se levantara para ir embora, surpreendendo-o. Conservando sua dignidade, o que era alguma coisa.

Harris ajeitou o casaco em volta dos ombros de Ellen, deu-lhe a mão e a levou para fora de casa. Ela temia que ele lhe mostrasse as constelações. Ele adorava fazer isso quando se conheceram, no segundo ano dela na Universidade de Michigan, Harris doze anos mais velho, na escola de administração. E, aos dezenove anos, Ellen adorava que o namorado lhe mostrasse as estrelas, como se elas fossem aposentos de uma mansão que um dia seria sua.

Essa noite, o céu estava nublado. Graças a Deus.

Harris passou o braço em volta da mulher e puxou-a para junto de si. Havia tanta coisa que queria dizer... Coragem! Olhe à sua volta. Os ingredientes da felicidade estão na nossa frente! Quando a Demographics in America começou a prosperar, quando ele lançou o seu grupo de discussão de ferramenteiros e fazendeiros reconstruídos privados do direito ao voto, quando os políticos começaram a aparecer, Ellen ficara entusiasmada. Se essas pessoas todas estavam vindo a ele ali, dizia ela — *ali no meio do nada* —, imagine o que aconteceria se eles se mudassem para algum lugar mais central! A essa altura, Harris havia

vislumbrado a verdade que sua mulher ainda não conseguia aceitar: *isso* era o centro. Isso. O centro do mundo. O lugar aonde todo mundo se dirigia para aprender com que os eleitores e espectadores de cinema e devotos, investidores e fãs de esporte, pessoas de dieta, pais, cozinheiros, motoristas, fumantes, pacientes de hospital, melômanos, construtores de casas, bebedores, jardineiros realmente se importavam. O que eles comprariam, desejariam, sonhariam. Harris tinha essas respostas. Ou sabia como encontrá-las. O Senhor lhe dera esse dom.

Mas, para Ellen, eles estavam apenas de volta ao ponto de partida dela.

— Esse verão vamos a algum lugar — disse Harris. — Vamos fazer uma viagem.

Ele precisava dela. Precisava que ela olhasse para ele como estava olhando agora, pela primeira vez essa noite. Quando ele acordava no meio da noite, sua mulher estava sempre virada para o outro lado. Harris a buscava, apertava-a em seus braços, mas quando abria os olhos novamente, ela sempre havia escapulido.

— África — sugeriu ele. — Ásia.

Ela olhou para o céu.

— Devia nevar.

— Ellen, olhe para mim.

Ela olhou. Segurou sua mão e olhou para ele.

— Aonde você quiser — disse Harris.

★ ★ ★

Tão logo tudo ficou em silêncio, Charlotte escapuliu da casa e pedalou loucamente no frio. Procurou a lua, cujo tamanho ela registrava de vez em quando nas anotações. Naquela noite, uma camada de nuvens violeta escondia o céu, partículas de gelo pululavam no ar.

A luz dele estava acesa. Ela entrou no acesso de veículos na rua sossegada e mal iluminada, desceu depressa e bateu de leve na porta dos fundos. Ele abriu, examinando o quintal enquanto ela passava por ele e entrava na cozinha. As persianas estavam abaixadas.

— Como vai? — perguntou ele, o sotaque sempre muito perceptível naquelas

primeiras palavras, quando já fazia algum tempo que ele não falava.

Charlotte tinha desistido de perguntar de onde era.

— Estou bem — respondeu.

Ele lhe serviu um copo de suco e sentou-se em frente a ela na mesa, bebendo a sua Bud, observando-a com seus olhos escuros estranhos.

— Conte o que fez hoje — pediu, e Charlotte lhe contou: uma prova de trigonometria (que tipos de problemas?, ele quis saber, numa atitude competitiva em relação ao Sr. Marx, seu professor de matemática).

A briga na hora do jantar, uma versão resumida porque ela não queria pensar no assunto. Estava ali para esquecer aquilo. Contou-lhe tudo, menos sobre ter ido falar com tio Moose, que ela nunca mencionava.

Ela saiu da cadeira e foi até ele, beijou sua boca, deliciando-se com a sensação de estar mais alta, abaixando-se para beijá-lo. *Se ele sorrir, ele me ama. Se ele retribuir o beijo, ele* mas isso era simplesmente um hábito, pequeninas corroborações do que ela já sabia.

Ele lhe dera o colar de âmbar. Três noites depois do Natal, colocara-o na palma de sua mão enquanto ela dormia, e Charlotte acordou para encontrá-lo ali, enroladinho e quente, meio pegajoso.

Ela o beijou, e Michael sentiu-a palpitar em sua boca, todo aquele sangue jovem e fresco se levantando para ele, despertando-o daquele torpor. Às vezes, ele era hipnotizado pela força dessa liberação. Segurando o rosto de Charlotte, ele chegava mais perto do que já tinha chegado, ainda, de sentir a raiva que lhe fazia uma falta desesperadora, raiva e desejo combinados. Imaginava quebrar o seu pescoço, esmagar o seu crânio com as mãos, e o erotismo dessa visão o fazia parar para respirar. Ela já tinha morrido de cem maneiras diferentes em suas mãos, mas o que ele fazia em vez disso era despir-lhe a saia e as roupas, e transar daquele jeito, matá-la quantas vezes ela conseguisse aguentar.

Ele a carregou para cima, balançando-a nos braços para demonstrar como ela era leve. Charlotte ouviu o apito de um trem, um último vestígio daquela rede que revolucionara o mundo, vagões carregados de grão ou carne embalada em gelo extraído de lagos gelados, cortes de carne empilhados com capricho. Michael colocou-a de bruços na cama, segurou-a pelos quadris e a penetrou por trás.

Charlotte ficou bem paradinha enquanto ele se mexia, enquanto ele fazia tudo, encontrando todas as partes dela até ela gemer e se agitar em suas mãos, e aí ele a deitou de costas e começou, sem piedade, pronto, os rabos velados dos peixes lançando sombras nas paredes. Ela olhou para o seu rosto, seus olhos escuros fixos nela ou em alguma coisa atrás dela (ela nunca poderia dizer). Ele se mexia com uma concentração absoluta, a respiração controlada e lenta, e ela se debatia, tentando se afastar, mas ele ainda não tinha acabado com ela, podia fazer aquilo acontecer de novo e de novo até ela mal respirar. Queria-a esgotada, inerte embaixo dele, e só quando ela estava vazia, o coração quase parado, a cabeça uma lata de pensamentos quebrados, só então se aliviou com uma calma que espantou Charlotte, o corpo se convulsionando durante minutos inteiros, pareceu, mas sem fazer ruído, como alguém sendo eletrocutado. Depois, ele ficou imóvel, se recuperando, se retirou lentamente e tirou a camisinha, jogou-a na lixeira que deixava ao lado da cama, esticou o corpo e ficou deitado ao lado de Charlotte enquanto ela oscilava entre a vigília e o sono. Ele de olhos abertos. Ela nunca o vira sequer cochilar.

Quando o peso modesto da garota aumentou ao lado dele, Michael vestiu o jeans e um suéter e desceu descalço, sem fazer barulho, para a sala de estar, onde colocara a tevê depois que começaram as visitas noturnas dela. Ligou o aparelho. Um canal de compras. Loura sorridente de suéter magenta. Michael relaxou ligeiramente, deixando-se vagar em meio às imagens.

— Você pode usar isso sozinho ou jogar o cardigã por cima.

Jogar, *Você pode jogar o cardigã...* Ele murmurou as palavras para si, decorando.

Porque mesmo agora, sem conspiração para combater, sem plano ou missão ou qualquer ideia, de fato, do que fazer a seguir, o aparato da infiltração ainda estava vivo nele, operando com uma eficiência e uma autonomia que Michael estava chegando a achar grotescas. Ele era uma máquina de adaptação, ouvindo, memorizando, a mente roendo como uma massa de cupins o grosso de tudo o que ele não sabia.

Ele foi à cozinha, pegou uma cerveja na geladeira e engoliu metade enquanto fitava a persiana, perguntando a si mesmo se estava desenvolvendo uma resistência ao álcool ou simplesmente tinha deixado de notar os seus efeitos.

Então, ouviu algo fraco, tilintando. Um crepitar quase imperceptível. Parecia vir de todos os lugares ao mesmo tempo. Michael primeiro se perguntou se estava acontecendo dentro dele.

Abriu a porta dos fundos. E ali, à luz da cozinha, viu milhares de pontinhos brancos macios caindo. Neve. Olhou, espantado de ver que tinha exatamente o aspecto que ele imaginava, como neve numa foto. Pisou no quintal e sentiu uma camada fria e macia pinicar os seus pés descalços. Sorveu manchas geladas ao inclinar a cabeça para olhar os trilhões de sombras levíssimas voando na direção dele na luz da rua. Sentiu-as no rosto, nas pestanas. Elas derretiam e escorriam por seu pescoço abaixo.

Durante anos, cometera um erro comum e idiota daqueles: presumira que o mundo fosse cheio de gente como ele — conspiradores —, sem considerar que as várias vidas dele teriam sido impossíveis em tal lugar. Tinha confiado em sua pele clara e seu rosto camaleônico, sua facilidade com idiomas e sua aptidão para produzir documentos; em seu instinto para traçar algumas coordenadas de conhecimento numa vasta paisagem estrangeira e aguardar a formação e a proliferação dos fios de conexão, até sua ignorância acabar se fragmentando, desaparecendo como uma ilha se desintegrando no mar. A diferença entre não saber e saber era muito tênue. Um único fato.

Mas ele não devia a sua sobrevivência a nada disso. Michael agora se dava conta, inclinando a cabeça para trás, deixando a neve doer em seus olhos. Devia à fé: à fé dos outros, que, na maioria dos casos, era tão poderosa que a suposição mais gigantesca — de que a pessoa era quem afirmava ser — era uma suposição aceita desde o princípio.

Fé. Logo isso.

Não que as pessoas não fossem más. Mas se fossem só más, não haveria como impedi-las com eficiência. Se a maldade operava através delas, então elas também eram suas vítimas.

Seus pés doíam, seu cabelo estava emplastrado de neve. Ele abriu a porta e voltou para casa. *Porta de tela. Mesa de fórmica. Piso de linóleo.* Memorizando.

Na sala, meteu os pés frios sob as almofadas do sofá e ligou em um programa de culinária. Um homem barbado fazendo crepes. “Deixe uma pequena

quantidade de massa se espalhar por igual na frigideira, mantendo o fogo sob controle.” *Massa. Fogo. Controle.* Michael memorizou a técnica do fazedor de crepes.

Deve ter cochilado, porque, quando ouviu a garota descer, a tevê exibia uma família de babuínos comendo folhas.

“Homer, como qualquer criança, faz a maior sujeira quando come”, dizia o narrador.

— Que horas são? — perguntou ela, a mãozinha quente em seu pescoço.

Ele inclinou a cabeça para trás para vê-la. Ela estava usando uma de suas camisas. Michael incentivava isso. Por um ou dois dias, a camisa guardaria o cheiro da loção que ela usava. Lembrava-lhe o mar.

— Quatro — disse.

— É melhor eu ir.

Ele subiu atrás dela e observou-a se vestir. Os peixes dançavam no aquário. Ele se pegava olhando para eles sempre que ia dormir, exatamente como ela instruía. E dormia bem.

— Viu? — perguntou ela, apontando para a neve lá fora.

— Vi.

De tênis, ela desceu saltitando as escadas, Michael atrás.

— Ih — exclamou. — Meus óculos.

Eles estavam no parapeito, ao lado dos peixes. Michael buscou-os e colocou-os nele mesmo. Não percebera como ela enxergava mal, tudo se embaralhando de um jeito que fez o centro da sua cabeça doer.

— É isso que você enxerga, sem óculos? — perguntou, saindo do quarto.

Ela estava parada nos degraus, rindo para ele.

— Agora você está mesmo com cara de professor.

Uma ideia: óculos sem grau. Ele já usara outras vezes. Mas a quem estava tentando enganar, e por quê?

Na cozinha, ela foi direto ao freezer. Waffles, a comida preferida dela. Ele tinha comprado calda de bordo de verdade, mas ela preferia o tipo falso.

— Estou fazendo um para você — disse ela, jogando dois na torradeira.

— Não — disse Michael, e tirou fora um. — Almocei no McDonald’s.

Dizer isso, de alguma forma, o aliviou.

— Almoçou — repetiu ela, intrigada. — Isso foi ontem.

Ele sorriu. Era verdade, o almoço fora ontem. Levantou a persiana, vendo a neve girar na luz da casa do vizinho.

— Você consegue andar na sua bicicleta assim? — perguntou ele.

— Claro!

— Não vai cair?

— Por favor.

Ela puxou o waffle da torradeira com dois dedos, jogou-o num prato, untou-o com manteiga e cobriu-o com a calda. Ele sentou-se à mesa ao seu lado, temendo o vazio que ela deixaria. Muitas vezes ouvia uma vibração — o som do vazio — e sentia a possibilidade de pânico andando dentro de si. Mas ainda não tinha entrado em pânico. Nunca na vida.

— Uma mordida — disse Charlotte, e estendeu o garfo com um pedaço de waffle.

Ele fez que não com a cabeça. Cobrira a lâmpada do teto com um globo redondo grande que enchia a cozinha de uma luz leve.

Se ele comer o waffle.

— Anda — disse ela, levando o garfo à boca dele. Ele sentiu o cheiro da manteiga, da calda. — Abre a boca.

CAPÍTULO DOZE

Irene Maitlock parou diante do computador, achando ter ouvido Mark na escada. Escutou com atenção, tentando analisar o estado de espírito do marido pelo ritmo do seu andar, os troqueus e os espondeus que fazia ao subir os quatro níveis de escada até o seu apartamento.

Chaves chocalhando, a porta rangendo. Irene o ouviu enfiando o casaco no armário abarrotado, respirando com dificuldade por causa da subida.

— Oi, amor — gritou ela.

— Olá. — Enxugando seus grandes sapatos molhados de chuva.

Irene, ainda à mesa, virou-se para trás, em direção a uma das duas janelas do pequeno conjugado sala de estar/sala de jantar/cozinha/escritório, e olhou para o marido, cuja expressão de derrota era palpável mesmo através da névoa da sua miopia.

— Como foi?

— Bem.

Ele atravessou o cômodo e abraçou-a na cadeira, segurando sua cabeça encostada na barriga. Irene sentiu-o cambalear um pouco. Ele andara bebendo, provavelmente de nervoso.

— Não muito bem? — perguntou ela.

— Não, foi bem. Foi ótimo.

A festa tinha acontecido no duplex de Gadi Austenhaus, um compositor que fora por muitos anos o mentor e o defensor de Mark, na Rua Setenta e Oito Leste. Irene por pouco não implorara a Mark para deixá-la ir junto — ele era muito tímido em grupos, e houve uma época em que a presença dela o relaxava. Mas agora, Mark dizia, tê-la ao seu lado em tais eventos tornava-os mais difíceis. A culpa era dela, Irene sabia, pois quando surgiu esse período de entressafra para o marido, essa época em que as encomendas iam para compositores mais jovens, desviando-se dele — passando direto por ele, quase parecia —, como se um

miasma de isolamento e ansiedade começasse a contaminar esse homem que tinha composto sua primeira sonata aos seis anos, ela se viu examinando com mais atenção o comportamento do marido na presença dos colegas.

Fisicamente, ele tinha mudado: em menos de três anos, a revolta cabeleira negra e luzidia de Mark desocupara a sua cabeça, deixando atrás um dorso de calvície. E esta súbita deserção do cabelo revelava mais do que apenas a brancura e a ligeira nodosidade do crânio do marido (nós que Irene beijava à noite e cobria com as mãos para proteger) — revelava quão crítica aquela camada de cabelo negro jovem tinha sido para a figura convincente que Mark era antes. Agora, sua grande altura — um metro e noventa e três — se reduzira a outro componente da calvície, a longa batuta em cuja ponta a sua careca era brandida para o mundo. E ele tinha desenvolvido um infeliz hábito corolário de escondê-la com as mãos com tanta força que as pessoas deviam presumir que a manipulação violenta *propriamente dita* tinha provocado a perda de cabelo. E assim, quando as mãos de Mark subiam distraidamente ao seu crânio enquanto ele conversava em torno de taças de vinho de plástico após o recital de alguém, Irene lhe lançava um feroz olhar de alerta que lhe dava a impressão de que seu último aliado no mundo — sua mulher — tinha se virado contra ele.

— Quem estava lá? — perguntou ela.

— Todo mundo. Todo mundo estava lá. — Ele foi até a cozinha e se serviu de um copo de vodka do freezer. — Vi John Melior.

— E?

— Ele não tocou no assunto.

— Você tocou?

— Não houve nenhuma abertura. Ele não me deu.

— Mas isso não quer dizer necessariamente que esteja cancelado.

— Não — disse ele, e se sentou no banco do piano. Nos últimos tempos, para fazer dinheiro, ele andava dando aulas no apartamento nas noites em que Irene estava na casa de Charlotte. — Mas não parece bom.

Incongruentemente, ele sorriu. Tinha sido tão excepcional em grande parte da vida, tão desacostumado a ser ignorado e desconsiderado que as reações normais — raiva, amargura — pareciam nunca terem se desenvolvido nele, e ele reagia a

cada nova desfeita e desapontamento com um desconcerto quase infantil. Não entendia. Não entendia e não havia jeito de Irene explicar o que ela mesma mal entendia: que a moda era implacável, as reputações, variáveis, que o menor indício de fracasso podia afastar as pessoas. Ultimamente, começava a se forçar a ver essas coisas com frieza, sem paixão, porque um deles tinha que fazê-lo. Do contrário, seriam pisoteados por todo mundo.

— Se isso der mesmo certo com Melhor — falou ele —, você poderia largar essa vaca.

— Ela não é tão má — retrucou Irene, em cima da objeção que ele grunhiu. — E pense no dinheiro. Se der certo... — Ela acrescentou, principalmente para si mesma: — Ninguém vai saber que tive qualquer coisa a ver com isso.

Mark logo se retirou para o quarto — para ler, disse, porém, mais provavelmente, seria derrubado pelo sono e teria dificuldade em se levantar de manhã. O zumbido de medo que ele tinha trazido para a casinha deles agora envolvia Irene. Ela olhou com ansiedade para os artefatos conhecidos de sua vida de casada, os instrumentos musicais que ela e Mark haviam comprado na Índia pendurados na parede, dois sitares, um tambor *mrindangam*, um *sarod*, uma caixa *shruti*, o pandeiro *kanjira*, a cítara que Mark tocava tão lindamente. Sabia tocar todos eles, tirava-os da parede e os tocava. Mas não nos últimos tempos. Irene se provocava com esses pensamentos. Eles a estimulavam com uma energia que ela nunca tinha sentido na vida, uma agitação combustiva de amor e raiva e foda-se e mais devagar, colega! Ela não era Mark, exausta de medo — ela iria vencer. Vencer pelos dois. Centenas de milhares de dólares. Capitanearia o barquinho deles. E quando Mark parasse de ter medo, a sorte dele viraria, porque era assim que a sorte funcionava, e aí o mundo o favoreceria de novo, porque esse era o mundo. Ele não tinha que ver isso. Ela veria pelos dois.

Antes de Mark voltar, ela estava louca para se deitar. Agora, acesa assim, olhava para sua tela. Dez dias atrás, tinha entregado o histórico de Charlotte para o Gente como a Gente, mas ninguém respondera. Desde então, era difícil para ela se concentrar, ficava descambando para o jargão acadêmico sempre que tentava escrever.

Eu, ela digitou. Depois consultou seu caderno, deixando a lembrança da voz

de Charlotte encharcar sua mente até, com um ventriloquismo que ainda a espantava, as palavras saírem de dentro de si numa voz que não era a sua nem a de Charlotte, mas um híbrido, uma criatura impura que era criação sua, também, alimentada pelos romances baratos de detetive que ainda devorava quando tinha tempo. Não conseguia digitar com rapidez suficiente.

Quando vi Z novamente, cheguei perto o bastante para tentar alcançar o ponto onde eu tinha visto o fio dentro da sua camisa. Não havia nada dessa vez. Só os arcos das suas costelas e uma barriga dura. Era o tipo de rigidez que pode significar algumas coisas. Frequência na academia. Vida de subsistência.

Ele pôs a mão sobre a minha e a levou ao peito.

— Charlotte? — chegou a chamada fraca e afogada do viva-voz. — Thomas Keene.

— Thomas! — exclamei, gritei, na verdade, ao celular, acima do barulho familiar da Circle Line, que passava perto de mim. Turistas cobriam a plataforma, acenando alegremente. Eu acenava de volta. Era fim de abril, e eu estava sentada num dos meus novos lugares prediletos: um banco virado para o East River num corredor de terra do outro lado da FDR em frente ao meu prédio. O mesmo corredor de terra, na verdade, para onde eu correria, em pânico, pouco antes de pular da minha varanda.

Tendo mudado para um telefone normal, Thomas disse:

— Então. Passei a noite lendo o seu histórico.

Senti um frio na barriga. Eu sabia que Irene tinha entregado alguma coisa — eu assinara uma carta anexa que ela tinha escrito em meu nome.

— E?

— O material estava incrivelmente completo, muito profissional.

— Ótimo! — falei.

— Muito... realista.

— Ótimo.

— Tem uma coisa. Não é... não é um problema, exatamente — disse ele. — Só estou achando difícil de acreditar que você escreveu o texto, Charlotte.

Eu estava preparada para isso.

— Você quer dizer que não tem a minha voz.

— Não, tem, sim. Muito, demais de certa maneira — retrucou Thomas. — Tem tanto a sua voz que parece não ter sido escrito por você.

— Que diabo isso quer dizer?

— Veja bem, eu não me incomodo de você usar um escritor. Francamente, fico encantado. Você me poupou o trabalho de achar alguém para corrigir tudo no fim. Mas quero tirar o Cyrano de trás da cortina e trazê-lo para a mesa. Eu gostaria de trabalhar com ele.

— Então você gostou do — como ele tinha chamado? — material?

— Ah, meu Deus, é fantástico! Mil por cento melhor do que eu esperava.

Aí estava: o insulto que eu sentira alojado no meio disso tudo, como um dente inflamado.

— Foi uma mulher — contei. — Que escreveu. Mas ela não vai querer conhecer você.

— Por quê?

— Ela é jornalista — expliquei com orgulho. — De um jornal conhecidíssimo, que você provavelmente lê...

— Entendi, entendi — retrucou Thomas. — Diga a ela para não se preocupar.

— Não tenho certeza se você...

— Ela não quer comprometer o nome dela. Mas, veja, eu não quero comprometer o seu, então estamos bem. Ela é confiável, garantido.

Quando desligamos, eu já tinha prometido levar Irene ao escritório de Thomas em uma semana, uma promessa que eu sabia que ela lamentaria, tendo me dito reiteradamente que desejava permanecer, como falou, ghost-writer, um fantasma.

Eu tinha ido ao rio aquela tarde vindo do meu outro lugar preferido: o supermercado Gristede's, onde estava trabalhando como empacotadora. Esta reviravolta inesperada dos acontecimentos ocorrera por duas razões: primeiro, eu estava desesperada por dinheiro. Segundo, estava louca para ter alguma coisa para fazer, já que não estava apenas sem trabalho e sem amigos, mas também sem poder me dar ao luxo de pagar ou justificar os inúmeros serviços de cuidados pessoais

que antes compreendiam uma parte considerável da minha agenda. Claro, meus objetivos profissionais inicialmente haviam sido muito mais altos: âncora de tevê, editora de moda, assessora executiva. Mas eu tinha descoberto a existência de características que, em minha antiga vida, eu considerara entediantes, invisíveis e sem sentido. Essas características tinham um nome, eu agora aprendia: “habilidades”. E eu não tinha nenhuma.

Eu conhecia pessoas poderosas, claro, e poderia pedir ajuda a qualquer uma delas. Mas após uma tentativa desastrosa — almoço com um financista cujo jato me levava a pistas de esqui e ilhas ao longo dos anos, que se encolheu quando me identifiquei no bar do restaurante e olhou desconfiado para o meu rosto o almoço inteiro; que me deixou plantada no meio-fio quando foi embora de carro, depois ignorou as minhas ligações para obter as pistas que ele tinha me prometido —, depois disso, não consegui me decidir a tentar de novo. Os telefonemas da minha antiga vida foram ficando para trás, como aqueles feitos para um antigo dono que finalmente já tinha um novo número. Tudo o que restava eram Grace, Irene e Anthony Halliday, que ligava algumas vezes por semana, em geral à noite, para conversas cujo principal ingrediente era o silêncio. Mas eu aguardava os telefonemas dele com ansiedade. Depois, sentia uma espécie de paz.

Aceitei o trabalho de empacotadora por um salário mínimo porque estava cansada de procurar e porque o Gristede’s, onde eu comprava havia anos, era logo na esquina. Como Sam, o homem da delicatessen de bigode encerado, e Arlene, a gerente de olhos de gato, não me reconheceram como a mulher a quem haviam vendido alimento durante tantos anos, não havia vergonha nisso. Eu até sentia certo prazer em ser uma exímia empacotadora, fazendo de cada sacola uma pirâmide cuidadosa em que os itens mais frágeis — ovos, framboesas, *chanterelles* — flutuavam sem peso algum por cima de tudo. E Irene aprovou o trabalho. O contraste gritante com a minha linha de trabalho prévia ajudaria, disse ela, a me tornar simpática.

Duas noites por semana, ela atravessava a minha porta, trazendo seus cheiros da cidade, o jornal onde ela trabalhava. Sentava-se no meu sofá modulado com um caderno no colo e me fazia perguntas. Eu tivera a intenção de mentir o máximo possível, mas fui frustrada por um imprevisto: eu não tinha imaginação para

inventar a vida de outra pessoa. A minha era tudo em que eu conseguia pensar. Então eu dizia a verdade, primeiro com constrangimento e numa espécie de agonia, depois lentamente, e, por fim, para minha surpresa, com um sentimento que se aproximava, às vezes, do prazer. Comecei a aguardar com ansiedade as visitas dela — ela era a minha única visitante. Tentei questionar Irene sobre ela mesma, em parte para mudar de assunto, e também por curiosidade verdadeira em relação à sua vida de repórter do *New York Post*. Mas Irene era do tipo bico fechado. Não gostava de falar de si tanto quanto eu, e não estava sendo paga para fazê-lo.

Pouco depois que desliguei de Thomas, Pluto, um membro do pequeno contingente de moradores de rua que viviam em barracas e sacos de lixo perto da boca do túnel, apareceu no meu banco carregando um saco de roupa suja, que ele lavava num edifício da Primeira Avenida durante os turnos de um porteiro específico que acreditava que ele morava lá. Sentou-se de um jeito abatido e abriu uma sacola de papel com oito cervejas de uma microcervejaria desconhecida. Ofereceu-me uma, mas recusei. As cervejas eram caras, e Pluto precisava delas.

— O que houve? — perguntei.

— Um cara me abordou na lavanderia — contou ele. — Falou: estou muito desconfiado que você não mora mesmo aqui. Devolvi: senhor, faço o que posso para residir com dignidade em meio às mais compensatórias circunstâncias. Será que uma pessoa deve ser punida por isso? Ele disse: depois que eu contar até dez, chamo a segurança. Tive que tirar as minhas roupas da máquina sem elas estarem totalmente secas.

— Babaca — falei.

— Isso e mais, boneca — disse ele, engolindo a cerveja e fazendo seu pomo de adão rolar como um dado em sua garganta. — Isso e mais.

Pluto era um negro de pele muito escura na faixa dos quarenta, eu calculava, cujo físico teso e vigoroso parecia o esforço humano personificado. Eu nunca tinha conhecido um morador de rua — a ideia teria parecido ridícula antes do acidente —, mas estava impressionada com a capacidade de Pluto para enfrentar situações. Todas as manhãs, ao raiar do dia, ele usava um arreio de corda feito à mão para descer do parapeito do dique de concreto para dentro do East River, em

cujas águas geladas se banhava vigorosamente e se barbeava diante de um caco de espelho que ele havia colado no dique. Vestia-se de forma impecável, passando suas roupas com tijolos aquecidos no fogo; lia vários jornais por dia, pagava para usar o computador por hora na Kinko's quando tinha dinheiro e, nos dias de coleta de lixo, penteava o Upper East Side usando luvas amarelas e uma máscara facial, catando produtos da Kiehls e da Polo (seus preferidos) junto com vitaminas e antibióticos cuja “validade” havia expirado. Pedia esmola em frente a certos prédios, sendo o Citicorp o seu favorito, e andava com cartões de visita feitos à mão — retângulos de papel branco com seu endereço de e-mail anotado —, caso alguém desejasse transformar a relação entre doador e mendigo na de empregador e empregado. Mas manter-se limpo, cheiroso, saudável e bem informado exigia de Pluto um esforço tão gigantesco que não sobrava tempo no dia para ele dedicar a nenhuma coisa realmente útil. Ele desejava melhorar sua vida, mas só conseguia permanecer num perpétuo estado de prontidão. As cervejas, que bebia à noite, comiam a maior parte do seu dinheiro.

— Por falar nas antipatias de que os seres humanos são capazes — disse ele —, você estava com uma cara feia falando agora mesmo no telefone. Quem foi o limão que fez você torcer o nariz?

No espírito da minha nova vida, uma vida em que eu respondia a perguntas de forma direta e extensa, lancei-me numa descrição do Pessoas Comuns, presumindo, claro, que Pluto ficasse perplexo. Após seis ou sete palavras, ele me cortou.

— Você faz parte desse circo? — perguntou, surpreso. — Por que escondeu uma coisa tão crítica esse tempo todo?

— Como você sabe disso?

— Não interessa como eu sei. Arranjei uma pista nessa estrada da informação. Agora me diga onde você está nisso. Conte tudo o que sabe. Encha os meus ouvidos.

Após mais ou menos um minuto de descrição, Pluto se pôs de pé de um pulo, abaixou um joelho no chão diante de mim e me olhou nos olhos com um ar suplicante. Não pela primeira vez, vi sua sombra, mais zangada, mais desesperada e também mais esperançosa do que a sua superfície — uma versão infantil do resto

dele.

— Charlotte Swenson — falou. — Tem um favor que você precisa fazer para o Pluto.

Achei que ele fosse pedir sexo. Em geral pedia, no fim.

— Descubra se eles já têm um morador de rua — disse. — Vão precisar de um. A condição de morar na rua faz parte da vida.

— Vou...

— Espere, eis o que você vai dizer a eles: você tem um morador de rua impecável que conhece esta cidade de cabo a rabo, diga que ele se veste bem, faz tudo o que pode para se aprimorar, ler, expandir o vocabulário, diga que ele faz tudo isso sem dinheiro, só com uma barraca e uma lanterna e um pouco de oxigênio que ele recebe de graça na sua residência de verão.

— Vou...

— Espere. Diga a eles que já fui empurrado, puxado, esfaqueado, alvejado, já esfriei os calcanhares na cadeia muitas vezes, já fui chutado por tudo o que é Tom Dick Harry John e Julie aqui no raio desta cidade e em algumas outras, mas eles não podem me deter. Não posso ser detido. Não admito ser renegado.

— Vou...

— Diga a eles que apesar da quantidade de desestímulos que teriam reduzido a pó o ânimo de qualquer homem normal, estou vivendo num estado de fé absoluta. Acredito nas estrelas, no sol, nos planetas, na Via Láctea, no Sonho Americano, em Deus Pai, acredito nisso tudo, juro por Deus. Todo dia quando o sol nasce, digo: é hoje, aleluia. Mas os poderes mais elevados têm que me dar algum estímulo muito em breve, droga, senão a fé da pessoa naturalmente começa a se desgastar.

— Vou contar a ele — falei. — Talvez ele se interesse.

— Se contar direito, ele vai se interessar — falou Pluto, voltando a se sentar e retirando um de seus cartões de visita manuscritos. — Diga a ele que pode me encontrar direto aí.

O sol estava quase se pondo, e levantei-me para ir embora.

— Não quero ficar presa — eu disse.

— Fica comigo, boneca — pediu Pluto. — Só esta noite.

— Numa barraca? Pelo amor de Deus.

— Então me leve para aquele castelo cravejado de diamantes onde você mora lá em cima.

— Não posso.

— Você pode — disse ele. — Você precisa. Olho lá para cima e vejo você tomando banho antes de se deitar... O que você tem lá, ladrilhos? Estou vendo ladrilhos. Tenho visões de você e daqueles ladrilhos brancos, e dói. Você está magoando Pluto, espero que saiba.

— Talvez um dia — falei, sem querer alimentar a fantasia dele dizendo que os ladrilhos do meu chuveiro eram na verdade azuis. — Mas hoje não.

— É porque eu sou negro. É porque sou morador de rua. Acha que tem sujeira em mim em algum lugar.

— Você é mais limpo que eu, Pluto — afirmei. — Eu simplesmente não estou interessada em sexo.

E era verdade. Em minha nova vida, eu não fazia sexo. Só pensava a respeito.

— Dane-se o sexo, bonita, eu só quero usar aquele chuveiro! — exclamou Pluto. — Água quente batendo naqueles azulejos brancos, ai, Senhor, proteja a minha doce alma. — Ele estremeceu. — Só estou dizendo, Srta. Charlotte Swenson — falou às minhas costas enquanto eu me encaminhava para a passarela —, tente não se enganar tanto.

27

Quando vi Z novamente, cheguei perto o bastante para tentar alcançar o ponto onde eu tinha visto o fio dentro da sua camisa. Não havia nada dessa vez. Só os arcos das suas costelas e uma barriga dura. Era o tipo de rigidez que pode significar algumas coisas. Frequência na academia. Vida de subsistência.

Ele pôs a mão sobre a minha e a levou ao peito.

— Para onde foi aquilo? — gritei.

Estávamos numa boate. Para variar.

Ele balançou a cabeça em negativa. Senti os seus batimentos cardíacos na minha mão. Ele tinha uma expressão esfomeada. Olhos escuros, feições marcadas. Um estômago faminto, vazio. Retirei a mão.

— Quem poderia se interessar pelo que está se passando aqui? — perguntei.

— Todo mundo se interessa — disse ele, com aquele sotaque. — Isto é a

América.

– Isto? – fiz um gesto indicando o salão. As mesas. Os dançarinos. – Isto não tem nada a ver com a América. Estamos todos aqui nos escondendo dela.

Ele me observou. Andara me observando havia semanas. Eu sentira a observação antes de me dar conta de que ele era a fonte.

– Você é espião? – perguntei.

– Claro – retrucou ele. – Como você.

Ri, sem jeito. Mitch e Hassam estavam do outro lado da sala. Z os procurara dois meses antes com uma proposta de negócios. Agora eles eram inseparáveis.

– Sério – falei, chegando mais perto, em direção ao seu cheiro. Pimenta, mentol. Um cheiro não desagradável, mas estranho. Forte. – O que está fazendo aqui?

Ele sorriu. Bebericou o chá. Viu o cenário. Tentei fazer o mesmo, mas não conseguia enxergar. Eu já tinha passado tempo demais olhando.

Ele disse:

– Estou assistindo ao pesadelo.

29

Fui andando da boate para a rua. Ele aguardava. Convidei-o para um drinque no meu apartamento. Ele sugeriu que fôssemos a pé.

– Gosto de caminhar quando a cidade está vazia – disse.

Era junho, chuva secando nas ruas.

– Chicago – retruquei, quando ele perguntou de onde eu era.

– Chi. Ca. Go. – Movendo a palavra na boca.

– A região de Chicago.

– Chicago.

Ele falou com facilidade agora.

– Fora de Chicago – acrescentei. – Uns cento e cinquenta quilômetros a oeste.

– A América é lá? Cento e cinquenta quilômetros a oeste de Chicago?

– Ah, sim.

Quando chegamos ao meu prédio, eu suava. Eram 04h30. O porteiro sorriu para nós. Acho que ele de fato tinha esquecido que o homem ao meu lado era sempre um homem diferente.

Subimos no elevador em silêncio.

Tomei uma ducha rápida, certa de que Z estaria mexendo nas minhas coisas. Mas quando apareci, de toalha na cabeça, ele estava parado na minha varanda. Fui até ele. O desejo mostrou sua face nua e voraz.

Os olhos de Z nunca se fecharam. Não quando nos beijamos, em pé na minha varanda, não quando fomos para o sofá e nos deitamos, as minhas

mãos em seu peito nu e em sua barriga de refugiado. Sua musculatura era enxuta, militar. Profissional.

A essa altura eu já observava as sombras havia muitos anos. Elas tinham me salvado do tédio, da tristeza. De mesas cheias de gente rica, horrível. Tinham dado profundidade ao superficial, dimensões ao simplório. Mistério ao óbvio. Eram o meu projeto secreto. Mas Z sabia delas, também. Estava procurando a minha.

Um espião. Como eu.

Em meu quarto, deixei a luz apagada, pensando agora que ele teria de desistir disso (nada de luz!). As cores da Roosevelt Island flutuavam em seus globos oculares. Ele mal piscava. Nós nos entreolhávamos com uma pressão que parecia um empurrão. Após algum tempo, fiquei irritada. Foda-se, pensei. Mas ninguém deu para trás, não até ele dar conta do recado. Somos inimigos. Isso me ocorreu bem no meio da trepada. Vamos nos matar um dia.

Quando acordei, o sol já tinha passado por cima da Roosevelt Island e invadia o meu quarto. Z fora embora. Os lençóis estavam esticados em volta de mim, esticados como numa cama de hospital. A noite já deslizava da minha memória. Minha péssima memória para o salvamento.

31

Trabalhei. Lingerie. Em pé, tendo como pano de fundo um papel colorido enrolado, a mão pousada num cubo. Dois homens e uma mulher se agachavam abaixo da minha virilha, alfinetando a calcinha para agarrar a parte interna da minha coxa. Eu me preocupava com o meu cheiro. O fato de estar viva parecia não ter gosto de nada. Olhe só, eu disse na minha cabeça. Para ele. E depois me senti melhor.

Melhor que melhor. Interessada.

Fotografando, eu usava um sorriso docemente ausente. Um sorriso de lingerie. Doía no meu rosto como alguma coisa pesada que eu estivesse carregando por quilômetros.

— Vire para a esquerda, não tanto, de novo para mim só um pouquinho... sim! Sim!

Poderia ser qualquer dia dos últimos dez anos.

Mas eu me sentia diferente, só um pouco. A outra modelo era uma dessas garotas do ensino médio que vêm para Nova York no verão. O rosto dela era muito fresco. Muito sem marcas. Parecia um protótipo.

Diferente. Só ligeiramente. Olhe isso. E isso. Assista ao pesadelo.

Eu estava sentada num banco no vestiário unissex. Afofava o cabelo. Dois modelos masculinos de cuecas boxer atiravam bolas de meia um no outro. Cirurgia nos olhos?, eu me perguntava, olhando para o mais velho. Eu estava empolgada. Tinha sido descoberta: alguém viera me buscar,

trazendo consigo um esboço de algo claramente estranho. Irreconhecível. Mas familiar, também.

Ele era a estranha vida sombria que eu tinha feito para mim, em forma humana. Como se eu o tivesse inventado.

As salas da In/Comum.com abrangiam um andar inteiro do prédio de uma fábrica antiga ao lado da Union Square. À parte as vísceras expostas dos dutos de calefação e encanamento, sua característica principal em termos de design era o concreto aparente. Eu nunca tinha visto tanto concreto na vida: pisos, tetos, paredes, concreto envernizado e fosco, polido e texturizado pareciam, em várias horas e várias luzes, mármore, alabastro, estuque, barro, afresco, tinta, sujeira e (repugnantemente) carne humana.

Thomas Keene levou Irene e a mim num giro rápido em compasso de valsa pelo estabelecimento: um pano branco esticado na parede de uma sala de conferência servindo de tela de projeção; um pequeno café que servia comida orgânica e sucos feitos com capim da campina. Irene se deixava ir atrás, indignada por ter sido arrancada de seu casulo anônimo, escondendo-se atrás do cabelo quando Thomas nos apresentou a membros de sua equipe como se temesse ser reconhecida numa masmorra de S&M.

Carregando canecas de café Kona, nos retiramos para a espaçosa sala de Thomas, onde ele se juntou a nós num grupo de cadeiras elegantemente utilitárias colocadas em volta do disco negro de uma mesa de centro. Pelas janelas inclinadas, entravam risadas e vozes da Union Square.

— Então — disse Thomas, batendo nas pernas as mãos pequenas e bastante delicadas.

Usava um blazer azul-escuro, calças de camuflagem e os mesmos tênis Converse de cano alto que usara antes. Mas esses detalhes haviam sido incorporados por uma nova autoridade misteriosa, como se Thomas tivesse começado a acreditar de fato *ser* a pessoa que ele apenas desejara ser dois meses atrás. A sombra gorda e nervosa não estava à vista.

Ele correu para o que calculei ser uma mesa (preta e lisa como a mesa de centro, só que maior), pegou o único objeto em cima dela — um envelope laranja de papel manilha — e tornou a se sentar. Aguardou Irene olhar para ele.

— Isto está muito bom.

— Diga a Charlotte — falou ela. — Sou apenas a escrevente.

Mas Thomas continuou fitando Irene sem um olhar sequer na minha direção.

— O que conseguiu fazer — disse tirando um maço de folhas de dentro do envelope e abrindo-as em leque com admiração —, você criou uma sensação assombrosa de uma vida totalmente desperdiçada, de uma pessoa tão completamente desprovida de luzes que toda decisão que toma é errada.

Eu mal ouvia. Olhava para o maço de páginas na mão de Thomas. Devia haver umas cem — mais! Tentei associar o bolo de papel com as parcas anotações que eu tinha visto Irene fazer em meu apartamento. Um único caderninho em dois meses inteiros, e o caderninho nem estava cheio. Eu insistira com ela para florear, é verdade. Mas o número de páginas me desconcertou.

— Tem uma sensação profunda de que a vida dela está nas últimas, sabe, simplesmente falida, quase esperando ser descartada, e aí *bam!* Finito. Quando isso acontece, ficamos quase felizes por ela.

Irene afastara o cabelo para o lado e parecia estar ouvindo. Virei-me para Thomas.

— Você fica fazendo menção a “ela” — interrompi. — De quem está falando? Os dois me fitaram, Irene com olhos meio esbugalhados.

— De você, Charlotte — retrucou ela com cuidado, com um olhar certo, altamente comunicativo, que interpretei como: *Pare de criar problema.*

A Thomas, eu disse afavelmente:

— Por que não dizer “você”, já que estou sentada bem aqui?

— Me desculpe — respondeu ele. — Hábito da aula de escrita criativa. Pois bem, enfim — de novo para Irene —, estou encantado. Você tem muito aqui. Adoro toda a parte da infância, adoro a rebeldezinha que ela, epa, você era. Os sonhos são fantásticos. Adoro como aqueles gansos aparecem várias vezes. Mas me diverti especialmente a Esperanças/Aspirações. “A sala espelhada”... Tipo, o que é isso?! A gente entende sem entender. E a coisa do cachorro é absolutamente impagável.

Gansos? Cachorro?

— Ótimo — disse Irene, com cautela.

Como uma demonstração de boa-fé, acrescentei:

— Eu implorei a Irene para botar isso sobre o cachorro. Eu sabia que acrescentaria alguma coisa.

— Acrescenta mesmo — admitiu Thomas. — Mostra que ela pode se interessar por outro ser vivo, o que não tenho certeza se saberíamos de outra maneira. E isso é importante, porque não temos que amá-la, mas temos, sim, que gostar dela, ou pelo menos ser capazes de tolerá-la, quero dizer — ele se mexeu na cadeira, evitando os meus olhos —, você.

Houve uma pausa.

— Então. É o seguinte — continuou ele, como um locutor passando de genocídio a esporte. — Com certeza comprar isto, é só uma questão de preço.

Irene e eu trocamos olhares incisivos esperançosos.

— Na verdade — prosseguiu ele —, o plano agora é lançar em setembro com um grupo de Comuns e Incomuns que julgamos ter as melhores perspectivas em relação à mídia. Eu gostaria que vocês duas, se estiverem dispostas, façam parte do grupo inaugural.

Irene e eu apertamos os pés entre nossas cadeiras elegantemente utilitárias.

— Ora, o que isso quer dizer é: você vai ter que correr para terminar estes materiais. Então, para acrescentar um incentivozinho e comprar mais um pouco do seu tempo, estou lhe oferecendo um bônus de dez mil quando você me entregar um esboço terminado.

— Além do pagamento do nosso último acordo? — perguntei.

— Correto, além disso. — Ele examinou nossos rostos, vendo o que seguramente eram sinais inconfundíveis de júbilo. — Bem. O que eu quero mesmo — Thomas se levantou e se pôs a andar de um lado para outro no seu piso de concreto aparente (negro e brilhante, como asfalto), como se a pura intensidade de seus desejos os tornasse impossíveis de discutir enquanto estivesse sentado. — Esses antecedentes estão ótimos, como eu disse, mas, como uma Incomum, a próxima fase é a mais importante para você: ação. O acidente em si e o que acontece a seguir. — Ele falava para Irene.

— Estou... estamos... trabalhando nisso — disse ela.

— Alguns indicadores. Primeiro: dramaticidade. Empolgação. Quero bolas de

fogo através dos milharais. Muito colorido, vibrante, rico. Descubra a beleza nisso. Escreva como uma narrativa contínua longa, e usaremos o que precisarmos. Então, para a parte do hospital, da reconstrução facial, muitos detalhes médicos. Lembre-se, a autenticidade é o começo e o fim desse produto. Comece com a ambulância, a sirene, a chuva, ela sendo empurrada na maca. “Não sabemos se ela vai conseguir escapar, enfermeira.” Esse tipo de coisa. Não estou falando para inventar nada — ele ergueu as mãos, defendendo-se de quaisquer sugestões semelhantes —, estou dizendo *encontre* a dramaticidade, *encontre* a beleza, *encontre* a tensão e nos dê isso. Talvez você tenha a sensação de estar tornando o artigo mais inventado, mas é o oposto. Pense no Partenon.

Durante todo esse discurso, os olhos de Thomas não desgrudaram de Irene. Por quê, eu me perguntei, quando eu era o tema, a única cuja vida supostamente era tão extraordinária? Mas eu não conseguia pensar numa forma de contestar, nem de questioná-lo, sem parecer petulante. Em vez disso, falei:

— O Partenon?

Thomas e Irene começaram a falar ao mesmo tempo, depois pararam. Após um breve concurso de objeções, Irene me explicou que ligeiras assimetrias no projeto do Partenon na verdade lhe davam uma ilusão de perfeição.

— Foi isso que você quis dizer, certo? — perguntou ela a Thomas.

— Sim — respondeu ele, admirado e um pouco comovido, achei. — Foi exatamente o que eu quis dizer. Pois bem... então. Segundo. — Aí ele pareceu afundar. — Como expressar isso? Um acidente é um acidente, merdas acontecem e essa coisa toda. Mas, veja, não queremos que merdas aconteçam, queremos que as merdas aconteçam por uma razão. Isso soa terrível quando a gente expressa em palavras...

Eu tinha uma vaga ideia do que ele estava falando — era a mesma coisa que Victoria tinha me contado no almoço — e, pela primeira vez, eu estava louca para ser a pessoa que sabia alguma coisa.

— Ele está dizendo que o acidente dela não pode acontecer por acaso — falei para Irene. — Tem que ter sido causado por alguma coisa da vida dela, para as pessoas poderem associar à história dela e entender.

— Sim! — gritou Thomas, girando e se lançando para o lugar onde eu estava

sentada. — Sim. Sim. Sim. — Olhou para mim, pasmo. — Lindamente exposto, Charlotte!

— Obrigada.

Corei, já me abominando por ter me submetido à opinião de Thomas, sentindo-me como se eu tivesse traído alguém no processo.

— De novo. Não estou dizendo para inventar. Estou dizendo: encontre as associações. Mostre-nos a lógica oculta. O que não quero é: eu estava levando biscoitos para tia Susie e fui atropelada por um trator. Isso não é uma história de Raymond Carver, se está familiarizada com o trabalho dele.

— Isso soa mais como Ésquilo — retrucou Irene, acidamente.

Thomas refletiu um momento sobre esse aparte. Senti que Irene o impressionava, que ele se deliciava com o seu ceticismo abrasivo. Eu me orgulhava de tê-la descoberto, de tê-la levado lá.

— Tragédia, tudo bem. Sim — observou ele. — Mas não grega. Muito fria. Tem que ser alguma coisa mais quente.

— Século dezenove.

— É isso aí. Hardy. As Brontë. Tolstoi. Acontecem coisas tristes, mas por uma razão.

— Zola.

— Exatamente. Stendhal. Ou Dickens, pelo amor de Deus.

— George Eliot — disse Irene. — *Adam Bede*.

— Essa é aquela onde ele...

— Engravidada ela — completou Irene. — E aí ela tenta encontrá-lo depois que o regimento dele é deslocado para a Escócia.

— Ai, meu Deus, no que ela vai pegando carona em carroças e dormindo nos campos? Esse foi o livro mais triste... — falou Thomas, o semblante se abrindo com a lembrança. — Mas só a segunda metade. A primeira era meio...

— Impressionante! — exclamou Irene, e parecia impressionada, sim. — Pensei exatamente a mesma coisa.

— ...piegas.

Eu ouvia, a frustração de desconhecer esses livros contrabalançada pelo assombro com a mudança brusca de Irene. Ela estava sorrindo, ruborizada. Livros,

pensei. Ela adorava livros. Fazia todo o sentido.

— Edith Wharton — disse ela.

— Sim! Edith Wharton é perfeita. *A Idade da Inocência*. *A casa dos mortos*. Ou Flaubert — acrescentou ele, mas aí mudou de ideia. — Não, *Madame B.* é muito sinistro, muito moderno.

— Muito irônico — sugeriu Irene.

— Exatamente, exatamente. Viu, ironia, a gente não quer. Já tem demais por aí! Só queremos a história sem o comentário embutido.

— Ah, o ponto de vista universal — acrescentou ela. — Quem dera ainda acreditássemos nisso.

Eu estava calada. Por várias vezes, estive prestes a mencionar “The Eve of St. Agnes”, ou “The Rape of the Lock”, mas receei que Thomas e Irene conhecessem essas obras melhor do que eu (o que era dizer: conhecessem mesmo que superficialmente) e eu fosse desmascarada.

Enquanto Irene escrevia no caderno, vi Thomas olhando para ela com uma expressão imperceptível de avaliação, e só então me ocorreu que ele tinha vencido. Tinha persuadido Irene a desemburrar e a entrar no esquema em questão de — olhei o relógio — trinta e oito minutos.

— Pois bem — prosseguiu ele, tomando um fôlego que parecia anunciar desafios ainda maiores pela frente. — Terceiro. — Agora ele se virava para mim, mirando a atenção tão em cheio que senti a coluna se esticar como uma cobra encantada. — Terceiro, e esse é meio que um desdobramento novo, mas, como eu disse, as coisas estão andando depressa e mudando um pouquinho, Terceiro, eu gostaria que você considerasse, não precisa decidir ainda, eu gostaria que você considerasse ter uma pequena câmera de vídeo instalada no seu apartamento.

— Por segurança?

— Na verdade, não. Seria para ter imagens cruas de você no seu ambiente natural. Veja bem, as pessoas já estão fazendo isso nos seus portais individuais, então basicamente temos que dar aos nossos assinantes essa opção. Ora, é claro que a MTV faz isso há anos, mas o xis da questão é que o *Na real* é um saco e todo mundo sabe disso. Muito falso. Muito artificial! Muito improvável essa gente viver junta algum dia, quanto mais ter dinheiro para pagar os tipos de apartamento em

que a MTV coloca elas. Mas algumas imagens cruas da vida de uma pessoa de verdade, isso poderia valer a pena ver.

— Mas, quero dizer — falei —, eu moro sozinha. Na maior parte do tempo, tudo o que faço é fumar o meu cigarro e olhar pela janela. Ou dormir.

— Viu, e você acha que isso não tem graça. Mas para o canibal na Nova Guiné, comer cérebro de gente também é bastante banal. Você teve esse acidente horrível, Charlotte! As pessoas vão esperar um sentimento de desolação, uma anomia. É isso que torna a coisa real!

— Então vocês filmam uma sequência e meio que... editam essa sequência deixando só o essencial? — perguntou Irene, cuja alegria de viver literária fora suplantada por uma cara de enjoo marítimo.

— Não, veja bem, esse é mais um erro que o *Na real* cometeu. Nós deixaríamos a coisa no estado bruto. Dessa forma evitaríamos que ela ficasse muito construída, muito mediada. Sempre que a pessoa quiser ver o que você está fazendo naquele momento, ela clica num ícone, “Eu Espiono”, acho que é assim que vamos chamar, e lá estará você. Se estiver em casa.

— Me perdoe por mostrar o óbvio — disse Irene, um vibrato de incredulidade, ou algo assim, fibrilando a sua voz —, mas isso não é um pouquinho orwelliano?

As mandíbulas de Thomas se cerraram, e uma corrente quase imperceptível de raiva agitou as suas feições.

— Sabe, eu fico ouvindo isso das pessoas. E simplesmente não entendo por quê — retrucou ele, quase alegremente. — É *exatamente o oposto* do que Orwell dizia: lá, você tinha gente sendo espionada por um governo totalitário. As pessoas não tinham escolha e não tinham liberdade. Ao passo que isso não só é cem por cento voluntário, é claro, como o programa todo é *sobre* liberdade. Liberdade de transmitir as próprias experiências! Liberdade de saber como os outros vivem. Se você me perguntar, isso é a expressão máxima de uma democracia!

Apesar de todos os seus esforços para ser agradável, o sangue afluía a suas bochechas rechonchudas e afáveis.

Nem precisei olhar para Irene para saber que Thomas tinha posto tudo a perder. Não importava o que ele dissesse agora. A câmera era força para ela.

— Suponha que eu decida nada de câmera — falei.

— Não tem problema — garantiu Thomas, com uma displicência forçada. — Quero dizer, é óbvio que isso vai afetar o seu preço de compra, porque tenho pessoas, francamente acho que é loucura, querendo ter o vídeo alimentado do quarto delas. Então, é óbvio que elas vão ganhar mais, porque estão dando mais. Ah, e as promoções vão chegar lá no teto se as pessoas puderem realmente ver você consumindo produtos na sua própria casa.

— Preciso pensar sobre isso — retruquei, querendo que ele se sentisse só ligeiramente redimido, restabelecer alguma bonomia na sala, agora que (pela primeira vez) estava em meu poder fazê-lo. Mas mesmo na hora em que eu dizia isso, senti uma parte de mim se reconciliando com a chegada da câmera, acolhendo-a, esperando por ela, me preparando para impor a sua aceitação ao resto da minha pessoa.

— Eu gostaria de ver esse seu produto — pediu Irene, num tom de neutralidade frágil.

Senti a sua tristeza por ter sido convencida com tanta facilidade pela menção a uns poucos livros.

— Com certeza. Esse era o item seguinte da minha lista.

Thomas se levantou da cadeira, examinando nossas caras com ansiedade. No entanto, mesmo agora, com sua conversa de vendedor claramente não tendo saído como o planejado, sua sombra permanecia estranhamente escondida. Por quê?, eu me perguntava. O que estava protegendo o garoto gordo e nervoso de ter que dar as caras e enfrentar a gozação do mundo? Quando Thomas nos acomodou numa sala escura ao lado da sua, uma sala com um computador cuja tela ampla e iridescente parecia pairar no ar, vi que só poderia haver uma resposta: ele não precisava de nós.

— Nenhum dos documentos domésticos está ainda assinado e selado, de modo que, por lei, eu não posso lhes mostrar isso — disse ele, sentando-se ao teclado entre mim e Irene. — Mas as regras são mais frouxas para as Comuns Internacionais, e não parece que essas pessoas vão saber a diferença.

Ele pressionou algumas teclas e a imagem ricamente saturada de um negro retinto parado ao lado de uma vaca amarela encheu a tela. Lembrei-me de Pluto.

O homem estava enrolado em panos de xadrez salmão que pareciam toalhas de mesa. Estreitava os olhos na nossa direção, uma mão estendida para tocar o pescoço aveludado da vaca, cujos chifres saíam torcidos de sua cabeça como braços de um lustre. A qualidade da imagem era extraordinária. Cada pelo amarelo da vaca sobressaía numa espécie de relevo que sugeria três dimensões. O homem em si era lindo, músculos definidos no torso palpitante ao sol. Ele tinha uma daquelas caras simétricas intensas em que se podia enxergar qualquer coisa: amor, humor, raiva. Seu cabelo havia sido penteado em trancinhas longas e finas impregnadas do que parecia barro vermelho. Em seu pescoço e seus braços havia fios de contas coloridas. Irene e eu ficamos boquiabertas diante da imagem, cujo realismo premente tinha o resultado improvável de fazê-la parecer, finalmente, irreal — como um holograma.

— Ele é um guerreiro samburu — disse Thomas. — Não sei se vamos chegar a usá-lo. Talvez a gente queira dar um tom mais exótico. Mas ele é basicamente um layout, só para mostrar aos nossos investidores como o programa internacional vai funcionar.

Ele apertou outro botão e a imagem entrou em movimento, a meia-lua branca de um sorriso se abrindo na cara tímida do homem, a vaca se mexendo inquieta, levantando moscas vagarosas que logo tornaram a grudar em seu pescoço amarelo. O homem começou a falar depressa, de forma incompreensível, e enquanto falava, uma barra de texto rolava de um lado da tela:

Oi! Meu nome é Kanja Joi [é assim que se escreve???] e sou um guerreiro samburu que vive no país do Quênia, no continente da África...

— A tradução precisa ser um pouco trabalhada — refletiu Thomas.

Carrego esta espada curta para o caso de encontrar quaisquer leões enquanto apascento as minhas vacas nas planícies verdejantes do meu país. Aqui, talvez você queira me ouvir cantar...

O texto se atrasava em relação ao guerreiro, que já se pusera a cantar: uma série de sons guturais e atonais extraídos de algum lugar bem abaixo do seu

diafragma. Os sons, como as imagens, tinham uma precisão maior que me fez sentir não só na presença do guerreiro, mas também dentro da sua garganta.

— Aqui, vejam isso — disse Thomas, movendo o indicador para um dos fios de contas do guerreiro e clicando ali. De repente, o guerreiro e sua canção evaporaram, substituídos pela imagem de uma garotinha ajeitando fios e contas empoeiradas sobre um pano. Ouvimos sua voz sussurrada, e a caixa de tradução rolou:

Oi, sou Baka, sobrinha de Kanja. Aprendi a arte das joias de contas com a minha avó materna...

— Isso vai ser tudo mala-direta — interrompeu Thomas. — Você pode encomendar contas, colares prontos, o que quiser. E há uma forma de doar dinheiro para a família por cartão de crédito, o que na minha opinião vai ser o futuro das doações de caridade. — Virou-se para Irene. — As pessoas não são mais comovidas por conceitos abstratos — disse, com sentimento. — Elas são comovidas pelas lutas individuais das pessoas. Salvem as crianças, tipo, que crianças?

Ele apelava para nós, acenando com a bandeira do seu altruísmo na esperança de nos conquistar, e eu estava aguardando a reação de Irene — Irene que sem dúvida sabia mais sobre altruísmo que eu.

Mais um duplo clique e o guerreiro foi restaurado na tela, ainda produzindo seus estranhos ruídos com uma ansiedade que beirava o desespero, como se julgasse estar cantando para salvar a pele.

— Enfim, esse é um layout tosco — disse Thomas, abafando um bocejo. Um peso nos oprimia, a passividade de três pessoas num quarto escuro, olhando para uma tela. — A tradução é bem ruim, mas a gente entende a ideia. Clicando no cabelo dele, se ouve tudo sobre o cabelo. Clicando na testa, se tem as categorias de pensamento: sonhos, desejos, essas coisas todas. Quer adivinhar a Esperança /Aspiração número um de toda Comum Internacional, sem exceção? Viver nos Estados Unidos. Mesmo aquelas cujos governos nos odeiam! E a beleza é que um cara como esse poderia realmente conseguir fazer isso. Não da maneira de praxe,

espremido num prédio no Queens e vendendo Rolex falsos na frente da Tiffany's, mas com o verdadeiro potencial para se dar bem! Agentes de elenco, agências de modelo, produtores de discos, todos eles vão esquadrihar as nossas Internacionais à procura de matéria-prima. Vocês me perguntam, esse cara poderia acabar sendo um astro pop, fácil. Quero dizer, é difícil dizer se ele sabe realmente cantar, mas isso pode nem ter importância. Ele poderia ser rapper, pelo amor de Deus.

— Eu só me pergunto — disse Irene, e depois parou. — Eu me pergunto se a pessoa não poderia simplesmente visitar o Quênia em vez disso.

— Não, de jeito nenhum — afirmou Thomas. — Mas pergunte a si mesma: quanto tempo isso vai durar? Acho que a era de ouro do turismo basicamente já acabou, sobretudo para os americanos. Os corais morreram ou estão morrendo, temos ervas estranhas afogando o Med, tem *E. coli* e doenças que corroem a carne por todo canto, tem terroristas cortando gente no Templo de Luxor... Quero dizer, num determinado momento, quanto alguém está disposto a arriscar por férias de duas semanas? Então estamos pensando à frente.

Quando voltamos em fila para a sala de Thomas, observei Irene, tentando avaliar a sua reação. Ela parecia estupefata, subjugada.

— Tenho uma pergunta, também — disse eu, sentindo um nervosismo estranho enquanto os dois esperavam que eu falasse. — Conheço um morador de rua, e estava me perguntando se vocês poderiam querer alguma coisa assim no Gente Como a Gente.

— Você conhece um *morador de rua*? — perguntou Thomas, olhando para Irene, admirado.

Ela exprimiu com gestos a própria ignorância.

— Eu o conheci na beira do East River ao lado do meu apartamento. Ele é um cara bem interessante.

Eu sabia que não devia dizer incomum. Ele tinha que ser representativo do seu tipo.

— Morador de rua. Morador de rua — refletiu Thomas, indo até a janela e olhando para fora. — Já falamos sobre ter uma Comum moradora de rua. Mas veja bem, muitos moradores de rua são malucos, e já temos um maníaco-depressivo e dois esquizofrênicos.

— Ah, não — garanti. — Ele não é maluco mesmo.

— Como sabe que ele é morador de rua?

— Ele mora numa barraca, revira latas de lixo, esmola. Definitivamente, ele é morador de rua.

— E quanto a abuso de substâncias? — quis saber Thomas. — Porque também temos dois viciados, heroína e crack, e um alcoólatra.

— Ele bebe um pouco — admiti, amenizando. — Nada grave.

— Humm — fez Tomas. — Bem, há duas maneiras de podermos seguir com uma coisa dessas. A mais fácil é apresentá-lo como parte do seu dia a dia e ver se as pessoas gostam dele. Se gostarem, consideramos colocá-lo sozinho como uma espécie de desdobramento.

— Não sei bem se vejo um morador de rua fazendo parte do dia a dia de Charlotte — disse Irene a Thomas.

— Ah, mas ele já faz — expliquei, achando que ela havia entendido mal. — Quero dizer, não uma parte enorme. Uma partezinha.

— Não, mas Irene tem razão — retrucou Thomas. — Pode ser certo exagero.

Cruzei os braços, paralisada por uma revelação que andava tomando forma dentro de mim desde a nossa chegada nesse abrigo de concreto aparente: que, na condição de “tema”, eu era tanto o foco de atenção quanto algo completamente irrelevante. A sensação veio acompanhada de uma familiaridade sinistra, embrutecedora. Eu ainda era a modelo, afinal de contas. Estava modelando a minha vida.

— Ele me pediu para lhe dar isto — disse eu a Thomas, e saquei da bolsa o cartão feito à mão de Pluto.

Thomas franziu a testa.

— O cara tem endereço de e-mail?

— Ele usa os computadores na Kinko’s quando pode pagar. Está tentando melhorar de vida.

— Nossa, adoro isso — exclamou Thomas, a voz cheia de ternura. — É muito comovente. Esse coitado. Ele é relativamente limpo?

— Imaculado.

— Bem, vou mandar um e-mail para ele — decidiu Thomas. — Vamos ver o

que acontece.

Irene e eu recolhemos as nossas coisas e Thomas nos acompanhou até o elevador. Enquanto esperávamos entre as paredes de concreto aparente (manchadas de azul-esverdeado, como pedra do fundo do mar), abriu-se um silêncio entre nós que se espalhou. Irene tocava na alça gasta da bolsa e olhava para as portas do elevador.

— Olha, sei que você tem dúvidas — disse Thomas finalmente. — Até eu às vezes me questiono sobre esse projeto. Será que vai mesmo melhorar a vida das pessoas ou estou só me enganando? Umas semanas atrás, abordei um cara, cirurgião cardíaco, na verdade, sobre a questão de se tornar um Incomum, e ele me disse as palavras exatas: “Você está transformando as pessoas em centros comerciais.” Eu mal dormi a noite inteira, pensando nisso. Mas acabei decidindo sabem o quê? Se é para esse lado que o programa está indo, então quero estar aí, garantindo que seja feito de maneira responsável. Inventei esse produto, certo, mas não sou tão único. Faço parte de um Zeitgeist. Se eu não o fizer, outra pessoa fará. E talvez tenha um lado positivo, sabe? Talvez quanto mais interessados estivermos em aprender uns sobre os outros, menos motivos teremos para fazer coisas como guerrear. Estaremos todos do mesmo lado. Aí, no dia seguinte entro aqui, sem dormir por causa da obsessão com esse assunto, e adivinha só? Já tem uma mensagem do cara. O cirurgião. Ele quer participar.

O elevador chegou e eu me virei para embarcar, mas Irene estava ouvindo Thomas. A porta se fechou.

— Viu, é o futuro — prosseguiu ele, com uma espécie de pedido de desculpas. — Vai acontecer com ou sem você. Mas, se você aceitar esse futuro, se se empenhar, ele vai ser seu. Você vai estar bem no centro dele. Se resistir, é aí que ele te enrola, e o que quer que você tenha agora, vai ter menos.

Ele estava falando com Irene, e ela ouvia com uma expressão de pânico. Thomas defendeu seu ponto de vista com uma energia pesarosa bem distinta do seu zelo usual, como se desconfiasse que esse futuro nos escaparia apesar de todos os seus esforços. Não estávamos à altura dele. E, pela primeira vez naquele dia, vi de relance sua sombra — o garoto canhestro e obeso com quem eu fizera amizade dois meses antes — assomando dos recônditos de Thomas Keene. Não com medo,

como eu esperara (até torcera), mas com simpatia. Por nós. O garoto corpulento, bondoso, fora chamado das sombras por uma preocupação. E apesar de todo o meu desconforto em relação ao futuro que Thomas e sua sala de concreto aparente encarnavam, pior era a ideia de não ter um lugar nele, ou de ser deixada para trás.

Irene e eu saímos cambaleando do prédio para a claridade incerta da rua.

— Ai, nossa — exclamou ela, enquanto nos encaminhávamos para a Union Square.

— Eu sei.

Era dia de feira na praça, pilhas altas e luminosas de alfaces, abóboras, cravos-de-defunto, ásteres. Tive a sensação de que me esfaqueavam. Muitas cores, muita claridade, e trânsito alegre de gente. Muitos cachorros em guias e bebês em carrinhos.

Fomos até um banco vazio e nos sentamos. O indefectível velho maluco estava estacionado alguns bancos adiante com um saco de pão, que ele jogava em punhados lânguidos para várias centenas de pombos clamantes. Alguns pássaros excessivamente ávidos pulavam em seus braços e joelhos, batendo as asas encardidas em sinal de gratidão. Se eu não tinha lugar no futuro, pensei, eu, que passei a vida à espera dele, o que ia acontecer com o cara dos pombos?

— Ele diz coisas horríveis — falou Irene —, mas com a cara mais gentil. — Ela estava largada no banco, o rosto virado para o sol. Após um instante, virou-se para mim. — Charlotte — disse, nitidamente decidida —, eu não posso fazer isso.

Não respondi. O que eu tinha para dizer a Irene — que eu sabia que ela iria fazer, que ela não tinha outra opção senão fazer — parecia cruel e desnecessário. Não era só a expressão assustada que ela tinha feito quando Thomas invocou o rolo compressor do futuro. Eram os alfinetes de segurança e as fitas adesivas que eu entrevira segurando as bainhas dela, os remendos canhestros dos furos de traça em seus suéteres e o cheiro de xampu barato de morango que eu sentira em seu cabelo. Era o tom laranja revelador de sua meia-calça genérica; a escova de plástico quebrada em sua bolsa, a carteira de couro falso, o ouro descascando em seus brincos, as canetas Bic. Suas olheiras de cansaço. O sangue em suas cutículas. Irene não tinha escolha. Ela teria que ir com aquilo até o fim, por mais que pudesse

abominar a ideia. E abominava. Era uma pessoa boa e honesta (uma repórter), uma pessoa que visitaria o pai portador de enfisema no Arizona, se tivesse pai, embora estar perto dele a fizesse se sentir péssima e triste; era dedicada ao marido e (eu não tinha dúvida) aos amigos, a maioria dos quais ela devia ter há anos; era imune a aparências, alheia à sala espelhada, incapaz de dissimulação, falsidade ou mentira, e conhecer alguém com essas qualidades era o mais próximo que eu chegaria, imaginava, de tê-las eu mesma.

— Eu não deveria ter ficado — continuou ela. — Não deveria ter ouvido. Eu não deveria ter vindo, para início de conversa.

Mas veio, pensei. Veio e virá. O que quer dizer que não deve ter problema.

Dois pombos haviam pousado na cabeça do homem. O cabelo dele, pensei, deve estar cheio de cocô de pombo.

— Que tal uma bebida? — perguntei.

Para minha surpresa, Irene concordou. Eram quatro e meia. Atravessamos a praça para a Coffee Shop, um lugar sempre frequentado por modelos e seus fãs, aonde eu já fora umas seiscentas ou setecentas vezes ao longo dos anos, e, no entanto, quando entrei com Irene no lixo daquele ritmo dance, havia algo estranha e fascinantemente novo. Algo tinha mudado, pensei, quando a recepcionista de maria-chiquinha nos acomodou, a barriga de fora indo na frente. Houvera alguma reestruturação abaixo da superfície.

Eu estava de costas para a sala. Enquanto aguardávamos as nossas bebidas, virei-me e dei aquela olhada rápida habitual à procura de rostos conhecidos. Meu olhar bateu em Oscar, sentado com quatro pessoas que eu não conhecia, duas delas modelos, numa das mesas que se destacavam ao longo da parede. Eu tinha passado por aquela mesa sem nem sequer vê-lo. O que era mais chocante, sem ser vista por ele, um comerciante de gente cuja expertise residia inteiramente na capacidade de enxergar. Meu impulso era me levantar de um pulo e correr para a mesa dele. A disposição veio na minha direção e cruzou comigo. Depois passou, deixando-me para trás.

A garçonete inepta chegou (elas eram sempre ineptas), dois martínis tremendo na bandeja. Relaxei tomando a bebida, o sabor incongruentemente untuoso, leitoso, cremoso e, no entanto, friamente medicinal de um martíni, o sabor de

fréon líquido como eu imaginava. Não havia nada mais delicioso no mundo.

— Aquele lá é o Oscar — disse eu a Irene. — O negro.

Apontei com o queixo para não olhar de novo.

Irene pousou a bebida com cuidado e posicionou a cadeira para ter uma visão melhor. Sem tirar os olhos de Oscar, remexeu a bolsa procurando o caderno, puxou-o lá de dentro, abriu-o, achou a página que queria e fez algumas anotações naquele seu estilo parcimonioso. Eu queria muito ver o que ela estava escrevendo, presenciar a alquimia pela qual Irene e eu nos fundíamos e virávamos uma mulher que possuía um cachorro e tinha sonhos recorrentes com gansos.

— Ele é exatamente como eu imaginava — retrucou ela. — Você fez uma boa descrição.

— Ele é o meu melhor amigo.

Ela pousou a caneta e me olhou.

— Charlotte, sabemos que esse negócio é podre — disse ela. — Mas ainda está em nossas mãos, podemos sair dessa. Tudo o que nós teremos perdido é um pouco de tempo!

Eu via o martíni nos olhos dela — o ardor, a convicção. E tive uma sensação estranha, então. Ela cintilou diante da palavra “nós”, uma espécie de visão — eu e Irene entrando juntas em outro tipo de vida; uma vida em que as minhas escolhas eram todas diferentes, em que *eu* era diferente. A vida de outra pessoa. Vi de relance aquela mulher indo apressada para algum lugar, envolvida, absorta, e um bolo de esperança me percorreu sinuosamente e entalou na minha garganta. E aí, ela sumiu. Eu tinha trinta e cinco anos. Fizera as minhas escolhas havia muito tempo.

— É muito tarde para mim — respondi. — Como você sabe.

Irene guardou de novo o caderno na bolsa e levantou-se sem firmeza da cadeira, o drinque único visível em seu andar enquanto ela se encaminhava para o banheiro. Olhei para o caderno em sua bolsa. Após uma brevíssima deliberação, saquei-o lá de dentro e abri-o. Mas o meu mal-estar por violar a privacidade dela, aumentado pelo medo de que ela me flagrasse no ato, deixou-me muito aflita para ler qualquer coisa. Meti o caderno na minha bolsa, mas ele ficou saliente no alto, dando na vista. Puxei-o com a intenção de devolvê-lo para sua bolsa, mas agora

Irene tornara a aparecer e se encaminhava para mim. Em pânico, tornei a enfiar o caderno na bolsa e usei o lenço de seda que eu tinha no pescoço (um hábito persistente da época em que eu tinha hematomas) para disfarçá-lo. Quando virei para acenar pedindo a conta, vi que Oscar tinha sumido. Nem mesmo Irene tinha notado.

Na rua, o sol inadequado ainda ria para nós.

— Estou bêbada — anunciou Irene, e olhou o relógio. — Não! — exclamou.

— Estou meia hora atrasada para encontrar Mark. Ele vai pensar que fui atropelada por um ônibus.

— Ele vai pensar que você está tendo um caso.

Ela ficou tão perplexa que me arrependi realmente de ter dito aquilo.

— Ai, meu Deus — disse ela. — Ele sabe que eu nunca faria isso.

CAPÍTULO TREZE

No fim, quando Anthony Halliday se recusou a sair dos degraus de entrada do prédio apesar de dois pedidos de Mimi e um de Leeland, o amante dela, que batia na vidraça e falava ali de trás como se a instabilidade de Anthony tornasse o fato de abrir a porta uma opção arriscada, como se ele pudesse atacar Leeland numa tentativa febril de consertar o desequilíbrio entre eles (a saber, o fato de Leeland estar morando no apartamento de Anthony com a mulher e as filhas gêmeas de Anthony); após duas horas tocando o interfone de dez em dez minutos e reiterando, com bastante calma, sua recusa em ir embora, Mimi finalmente abriu a porta e foi lá fora. Sentou-se ao lado dele nos degraus, uma mulher compacta, atlética, corredora de maratonas. Colombiana. Tinha ganhado a cidadania quando se casaram.

— Tony — disse. — Isso não é bom para ninguém.

— Você faria o mesmo — retrucou ele —, se eu não te deixasse vê-las.

— As situações não se comparam.

Ela pronunciou a palavra de um jeito que ele achou doce.

Eles olharam juntos para a St. John's Street, exauridos de antemão por uma conversa que já haviam tido muitas vezes, encenando os movimentos como um jogo de xadrez telepático. A luz laranja da rua impregnava as folhas.

— Faz sete meses hoje — falou ele. — Nem uma gota.

Ela tocou nas costas dele.

— Isso é fantástico, Tony.

Era a abstenção mais longa de sua vida adulta fora os cinco anos em que ele não tocara em bebida, cinco anos que incluíam (era verdade) o período em que namorara Mimi e se casara com ela. Mas a atual abstenção tinha chegado com um ano de atraso. Um ano antes, sem aviso — ou antes, ainda, após um aviso que não parecera diferente dos milhares de outros que Mimi tinha dado —, ela parara de amá-lo. Impressionava a Anthony quão evidente fora esse sentimento, como uma

pessoa saindo de uma sala.

— Elas são minhas filhas — disse. — Confiam em mim. Você não tem o direito de se colocar como uma barreira entre nós.

Mas não conseguiu se decidir a continuar, tão insistente e retórico soava o argumento.

— Elas confiam em você, sim. *Eu* não confio em você. Sete meses. Por que devo acreditar nisso? Eu devia pedir um exame de urina!

Anthony sentia certo prazer sombrio em prestar atenção para ouvir quando a voz de Leeland, um professor de direito na Fordham, transparecia na fala de Mimi como estalos numa linha telefônica grampeada. Na última vez em que se falaram, ela usara a expressão “De toda maneira”. No entanto, o fascínio dele com essa mistura auditiva de Leeland com Mimi não aliviava a desesperança que ela o fazia sentir. Leeland Wile, um fumante de charuto barbado desapaixonado que pisava com os pés para fora, tinha entrado à força em cada frincha da vida de Anthony — estava falando com ele pela boca de sua mulher!

— Beber não é ilegal, Mimi — argumentou ele.

— Beber não é ilegal, não. Mas e conduta imprudente? (Leeland) E quase matar as nossas filhas de susto com o seu alcoolismo negligente (Leeland) e suas alucinações violentas? E o fato de eu não conseguir encontrar você, não ter ideia do que estava acontecendo, e as meninas ficarem apavoradas enquanto o pai ficava dormindo para curar o porre? Eu podia processar você por danos morais e provavelmente ganharia! (Leeland, Leeland, Leeland).

— Pare — pediu ele. — Por favor.

Ouvir lhe provocava uma dor física. Ele não conseguia se lembrar de nada, não conseguia lembrar por que tinha bebido com as garotas ali, para início de conversa.

Mimi deu um suspiro.

— De toda maneira...

Anthony ergueu a mão e ela parou, os olhos passeando por ele na noite alaranjada cheia de folhas. Ele imaginou que ela olhava direto na ranhura da sua solidão, que ele se achava capaz de esconder de todo mundo, menos de Mimi. Ele via a vergonha daquilo na cara dela.

— Posso ver as meninas dormindo? — perguntou ele, se aproveitando.

Ela se levantou sem responder e abriu a porta. Esse era o meio-termo deles, a concessão que, a cada poucas semanas, ele conseguia arrancar dela. Juntos, subiram a escada acarpetada, cada saliência na parede de gesso familiar à mão de Anthony. Ela girou a fechadura Fichet novinha em folha (Leeland). O almíscar do fumo de cachimbo dele impregnava o apartamento.

— Deixe elas dormirem — alertou Mimi quando ele abriu a porta do quarto das filhas.

O cheiro delas quase o aturdiu, um cheiro cuja falta ele sentia tão profundamente que o esquecia na mesma hora cada vez que ia embora. O cheiro leitoso, ceroso, com um toque frutado de suas filhas. Maçãs, ou suco de maçã. Biscoitos mergulhados. Elas estavam dormindo em suas camas, seis anos, cachos ruivos. Suas gêmeas. Anthony se sentou de pernas cruzadas no chão entre as camas. O quarto era escuro e pequeno, brinquedos e livros empilhados com capricho parecendo flutuar na maré da respiração das meninas, naquele subir e descer tranquilos, e Anthony sentiu-se um intruso, alguém cujo lugar jamais poderia ser aquele. Mas, aos poucos, relaxou no aquário do sono delas, da respiração, da pele muito branca, do rosto quase idêntico delas. Abriu os braços e pousou delicadamente cada mão em uma menina, no braço de Laura, na pequena barbatana da escápula de Fernanda, sentindo a vida embaixo das suas mãos mesmo através de pijamas e cobertas, vida quente e frenética pulsando dentro delas. E ele ajudou a criar aquela vida.

Pela primeira vez em dias, a primeira desde a última que Mimi o deixara entrar e vê-las dormir, Anthony sentiu certa paz, como se um desconforto perpétuo, um desconforto tão incessante que ele já não notava enfim tivesse acalmado. Elas continuavam ali, vivas, respirando baixinho, e Anthony sentiu a vida delas entrar nele pelas mãos, fortalecê-lo. Sim, pensou, sim, ele aguentaria, reconquistaria as filhas. Suas e de Mimi também. Por que isso parecera tão impossível antes? Elas estavam quentinhas, quase com calor. Laura usava o pijama da personagem de quadrinhos Aninha, a pequena órfã, Fernanda, o da Madeline. Com muita delicadeza, tocou em seus rostos, beijou suas orelhas pregueadas, aveludadas.

Ao ouvir Mimi do lado de fora, levantou-se. Não queria que ela entrasse.

Saiu do apartamento sem ver Leeland.

De volta a Park Slope, a paz que Anthony sentira entre as filhas acompanhou-o ainda por uma quadra, talvez, depois começou a se dissipar. Três quadras depois, ele tinha vontade de se dobrar. O desconforto tinha voltado, só que agora ele o identificava — profunda e angustiantemente. Pegou o trajeto mais longo para casa, querendo evitar um bar específico, ao qual não sabia se teria forças para resistir em tal estado de espírito, depois abriu a porta com sua chave e subiu três lances de escada até seu apartamento, um ninho cercado de árvores abertas que lhe lembravam mãos segurando cartas de baralho. Ele o abominava. Em sua mesa estava um bloco cheio de anotações que ele fizera mais cedo naquele dia durante uma visita a seus amigos na Imigração. Eles tiveram algumas ideias sobre Z, nada definitivo. Claro, as fotos que Mitch e Hassam tenham lhe dado eram praticamente inúteis: um homem cujos olhos estavam sempre fechados ou desviados, um homem a respeito de quem a única coisa que se podia dizer com certeza era que não queria ser fotografado.

O interesse de Anthony em Z tinha engrenado (ele sentia isso nitidamente, um parafuso entrando no lugar) durante sua primeira conversa com Mitch e Hassam, quando lhe deram o endereço do escritório de Z: o mesmo prédio da Sétima Avenida onde ficava o escritório de Anthony. Cinco andares abaixo. Quais eram as possibilidades disso? Num espaço quase idêntico ao dele (compartilhado por vários homens de aspecto ansioso com ligações no setor de importação-exportação), ele encontrara a mesa e o computador de Z, completamente vazio e sem nenhum arquivo. Anthony limpou a poeira procurando impressões digitais, sabendo que não encontraria as de Z. Todas haviam sido apagadas com cuidado. Nem mesmo um vestígio, uma pista de quem estivera ali. A não ser uma: um cartão colocado com capricho dentro da primeira gaveta do meio da mesa, um cartão que dizia “Z”, a letra miúda, um número de telefone que levava a uma caixa postal que tinha se revelado ainda ativa. Ele ligara dali mesmo, do telefone de Z que ainda não havia sido desligado, sentado na cadeira dele, e fora saudado por uma voz masculina, seu leve sotaque indistinguível. O homem parecia estar sorrindo. Como se soubesse que Anthony rastrearía seus passos até ali e tivesse a

intenção de dizer: Sim, eu estive aí, não dá para negar. Ele era um homem que não cometia equívocos. E Anthony era todo equívocos, um atrás do outro, e o estrago que eles haviam feito o envolveria para sempre.

Ele destrancou uma gaveta da própria mesa e pegou a certidão de nascimento que guardava ali, o selo do país em relevo. Ralph B. Goldfarb, um caucasiano dois anos mais jovem que ele. Nascido em Pittsburgh. Assassinado seis anos antes, passeando com o cachorro na autoestrada West Side. Anthony dera com a certidão de nascimento em seu primeiro ano como detetive, examinando os pertences do homem. Isso foi pouco antes de ser demitido da promotoria distrital — um de seus maiores erros. Demitido por alcoolismo, claro, o único erro subjacente a todo o resto. Só que não era um erro. Era a coisa de que ele mais gostava.

Ele seguiu a certidão de nascimento e deixou a mente funcionar. Desaparecer, sem deixar um único vestígio. Sumir, como Z tinha feito, quem quer que Z na verdade fosse (e Anthony acabaria descobrindo). Recomeçar com um nome novo, num lugar novo, um lugar onde ele não tivesse cometido um único erro, e não cometeria. Ele poderia fazer isso. Tudo o que era preciso era uma certidão de nascimento.

Uma única certidão de nascimento. Podia gerar toda uma vida. Número da Segurança Social, contas bancárias, cartões de crédito, empréstimos. Tudo isso, a partir de tão pouco. Quase nada.

A fantasia do desaparecimento acompanhava Anthony havia muitos anos, mas desde a sua irritação com Z, ela tinha se tornado mais insistente. Ele se vira aferrando-se à busca mesmo agora, quando Mitch e Hassam haviam decidido cortar suas despesas e parar de pagar o seu sinal. Ele tinha algo a aprender com Z, estava convencido. Algo que o ajudaria.

Levou o telefone para a sala ao lado, deitou-se na cama e ligou para Charlotte. Não sabia por que o desejo de ligar para ela o surpreendia com tanta frequência à noite — seria a ligação dela com Z ou um sentimento de que ela ocupava o mesmo estrato obscuro que ele?

— Oi — disse ela.

Ela sempre parecia saber quem era.

— Acordei você?

— Não. Eu estava assistindo a *Unsolved Mysteries*.

A voz dela, rouca por causa do cigarro de um jeito que lhe lembrava, incongruentemente, uma voz de criança, tinha o poder de aliviá-lo. Mesmo quando ela mentia, como quase sempre fazia.

— Como foi o seu dia? — perguntou ele.

— Cheio — disse ela. — Agora sou âncora de tevê.

— Acho que te vi. Noticiário das sete?

— Era eu.

— Você muda rápido — retrucou ele, fechando os olhos.

Charlotte riu. Tinha a risada mais triste que ele já ouvira.

— E você? — perguntou ela.

— O de sempre. Tentando separar os mocinhos dos bandidos.

— Tem diferença?

— Preciso achar que tem — disse ele. — É uma questão de fé.

Houve um longo silêncio, um silêncio de vários minutos. Ele ouviu o fósforo quando ela acendeu mais um cigarro, ouviu a voz do cara do *Unsolved Mysteries* ao fundo.

— Durma bem, Charlotte — falou afinal.

34

Julho. Z estava em todo canto. Procurei-o nas aglomerações de gente esperando para atravessar a Sexta Avenida. Vestidos curtos, sandálias de lamê dourado. Homens em mangas de camisa, paletós pendurados num dedo. Névoa de ouro embaçando o ar.

Procurei a silhueta dele atrás das janelas de limusines dobrando devagar as esquinas. As ruas estavam tumultuadas. Ele estava em todo canto, em lugares a que eu não conseguia imaginá-lo indo. Sentado em cafés ao ar livre. Aplaudindo um ator provocante no chafariz da Washington Square. Olhando de cubos fluorescentes de janelas de escritório contra um crepúsculo azul-néon. Olhando para baixo. Imediatamente me identificando.

Eu fazia as coisas de sempre, mas com uma animação nova. Uma febre que me lembrava da infância. A idade adulta como as crianças imaginam.

Jantar às dez com um visitante da Europa. Eu o conhecia havia anos. Acrescentei a minha parcela de graça a festas em sua casa em Antibes. No almoço, um criado inglês idoso trazia um carrinho até a beira d'água.

Toalhas engomadas jogadas sobre pedras amarelas. Peixe grelhado, vinho branco. O Mediterrâneo ficava arroxeadado durante as tardes. Fui queimada por uma arraia duas vezes.

Esse homem agora estava casado. Era pai. Mas ainda ansioso para ver velhos amigos, como dizia. Enquanto os outros riam à nossa volta, a mão dele se deixou arrastar para a minha perna.

– Quando vai se casar? – perguntou.

– Nunca – respondi.

A mão passeava, inquisitiva.

– E depois? Isso, eternamente?

– Claro que não.

Outra coisa ia acontecer. Eu estava pertinho dela.

37

Z e eu fingíamos ser estranhos. Ninguém sabia. Esse segredo era o impulso oculto. O motor escondido.

Estávamos na nossa melhor forma com uma sala cheia de gente entre nós, ligados por um fio luminoso de consciência mútua. A presença dele fazia o ar cantar. Me deixava esquisita. Me animava numa onda de liberdade inconsequente que eu não sentia havia muitos anos. Eu jogava os braços em volta das pessoas e gritava em seus ouvidos. Subia nas mesas e dançava. Eu me espalhava, tentando preencher meu comportamento exagerado.

Ele me observava. Eu estava lhe mostrando alguma coisa, mas não sabia o que era. Eu o estava levando a algum lugar.

Ele veio ao meu apartamento mais algumas vezes. Sozinho numa sala, ele era difícil de aguentar. Sério demais para o meu gosto.

Eu estava ficando impaciente. Para começar! Para fazer o meu papel, fosse qual fosse! Eu imaginava drogas, crime. Missões de espionagem. Tráfico de armas. Mas só nos termos mais simples, cinematográficos. Nada daquilo fazia muito sentido. Acho que eu não queria saber. Mesmo na hora em que eu fervia de frustração.

Nunca gostei muito de mistérios. A não ser na televisão.

Ele sentia a frustração, também. Uma vez, no meio da foda, ele me deu uma bofetada na cara. Revidei, dei-lhe um murro na cabeça. Ouvi os nós dos meus dedos no osso.

E aí nos beijamos. Foi um alívio.

★ ★ ★

Meu nome estava escrito em letras de forma pequenas na capa do caderno de

estenografia seis por nove de Irene. Olhar para ele me dava uma pontinha de orgulho, mas, toda vez que o abria, eu sentia medo.

Medo de quê? Eu não sabia. Talvez fosse um medo simples e infantil, como o de que ela tivesse escrito coisas desagradáveis a meu respeito.

No dia do nosso próximo encontro, levei o caderno comigo para o Gristede's e depois para o rio, onde me sentei no meu banco de praxe. Abri o caderno. A letra de Irene era críptica, irregular, ilegível a princípio. De cabeça para baixo parecia igual ao que era do jeito normal. Folheei o caderno, meio aliviada por não conseguir ler as páginas. Então decifrei *Poupei \$*, acompanhado por (as palavras pareciam cair em cima de mim) *Comprei apart. 198 — mto. orgulhosa, esp. sof. mod.* Isso era verdade, pensei. Eu me orgulhava do meu sofá (era um sofá excelente), mas ler isso escrito com a letra de outra pessoa fazia o meu orgulho parecer ridículo. Tratei de me lembrar de não mencionar o sofá de novo na presença de Irene.

E aí, aos poucos, outras palavras se abriram para mim, primeiro pormenorizadamente e depois numa espécie de jato, como se eu estivesse atravessando uma parede: *pose dura des. cedo. Por quê? Mágoa?* Mais tarde encontrei *sms completamente isolado. Exílio. Autopunição? Perg. sobre religião.* E me lembrei de Irene me perguntar sobre religião, de descrever a igreja luterana aonde eu ia todos os domingos com meus pais, blá-blá-blá. Era desestabilizador, agora, ler a pergunta original. Aquilo tudo era desestabilizador, como ouvir o outro lado de uma conversa da qual o meu lado eu só lembrasse de maneira vaga. Havia rabiscos: um veleiro, uma mulher coberta deitada na cama, o barrigão de grávida sobressaindo. Vários olhos de cílios longos. Árvores. Peças de xadrez. Encontrei listas. *Lavar roupa*, rabiscado na margem, e, embaixo disso, *comprar: Windex, toalhas de pap., adubo, cereal, ravióli, cadaços.* Outra lista. *Re: Mark 1. Convidar J. M. para jantar. 2 Perguntar L. sobre comissão 3. programador Apple — quanto \$\$\$?? 4. Mark — analista?*

Pobre Mark. Eu conhecia a sensação.

Apesar dessas provas de que a mente de Irene desviara para outros tópicos durante nossas conversas, senti alívio. Não havia nada muito ruim. A certa altura, ela até escrevera *Menos chata do que parece na 1ª vez.* Isso foi mais para o começo — a segunda página. Voltei a ela, e agora, algumas outras linhas antes indecifráveis se

desvendaram para mim: *Não quer falar. Precisa de \$\$.* (Por que eu?) E depois, algumas linhas abaixo, *Sorte grande*, acompanhado de *mentindo antes, conhecia Z sim*. Na margem, ela escrevera um número de telefone que parecia familiar. Folheei mais para a frente, depois voltei aflita para aquela página. O que ela queria dizer com *mentindo antes* — antes quando? Meus olhos desviaram então para aquele número que parecia conhecido. Abri meu celular e digitei-o.

— Escritório do Sr. Halliday — respondeu a recepcionista.

Desliguei, desconcertada, o cérebro se esforçando para visualizar um cenário em que uma conexão entre Irene e Halliday fizesse sentido: eles se conheceram recentemente, por acaso; ela o contratara por algum motivo. Eu mesma tinha escrito o número de telefone dele na margem do caderno de Irene e esquecido. Tinha que ser recente, porque semanas atrás eu mencionara Halliday para Irene, e ela negara conhecê-lo. Lembro-me muito bem disso. E quando eu fingi ser Irene na presença de Halliday, ele não traíra reconhecer o nome dela. Minha mente rodopiava preocupada e ansiosa em meio a essas possibilidades, mas, no fim, fiquei olhando para a expressão *Sorte grande*, uma sensação agourenta me percorrendo preguiçosamente como um fedor.

Pluto estava de volta, rondando à minha esquerda com um ar insistentemente frenético. Eu mal o via na bruma da minha confusão. Tinha que terminar isso. Apertei ligar mais uma vez, e dessa vez Halliday atendeu.

— Como conhece Irene Maitlock? — perguntei, sem me dar o trabalho de me identificar. — A repórter do *Post*.

Houve uma longa pausa, de um tipo completamente diferente das que aconteciam durante nossas conversas noturnas. Esta pausa era preenchida com o rangido dos pensamentos de Anthony.

— Ela me entrevistou — disse ele —, uns três meses atrás.

Pluto estava bem na minha frente. Fingi que não o via.

— Eu a mandei para você — continuou Halliday, baixinho.

— Por quê?

— Eu poderia lhe contar — falou. — E vou, se você quiser. Mas preferiria dar a Irene chance de fazer isso do jeito dela.

Fiquei aflita, nervosa. Enjoada. Minha vida nova era muito pequena. Juntos,

Anthony e Irene formavam a maior parte dela. E eles se conheciam — se conheciam desde o início, mas fizeram segredo disso. O pressentimento amarrava asas curtidas em mim.

Mas, quando pensei em Irene, o pressentimento se dissipou. Ela não era capaz de enganar. Era muito transparente. Muito honesta. Era simplesmente impossível.

— Tudo bem — retruquei. — Vou falar com Irene.

— Você vai me ligar, Charlotte? Depois que terminar?

— Que pergunta excelente.

Fechei o telefone e fiquei ali sentada, sem reação, olhando para a água. Pluto não conseguiu mais se conter.

— Você se encontra na posição cobiçada — declamou, dançando ao meu lado — de ter um ser humano lhe devendo a sua abençoada vida. Diga para eu ouvir como é essa sensação.

— Ninguém me deve a vida — respondi.

— Ah, sim — retrucou ele. — Ah, sim, Pluto lhe deve a dele.

Sacou do bolso imaculado um cheque que reconheci, um cheque de mil dólares. Da In/Comum.com.

— Randall Joseph Smith — eu li.

— É o nome que eu tinha quando me deram um nome.

— Caramba. Então eles te contrataram.

Fiz o possível para parecer entusiasmada, apesar do meu abalo sísmico.

— Todos esses anos de espera, e finalmente alguma coisa acontece — disse Pluto —, por sua causa.

— Para de falar isso.

Ele estava começando a me irritar.

— Eu amo os Estados Unidos. Amo este país maluco. Onde mais uma loucura tão linda entra no âmbito do possível?

— Ele está fazendo isso por si mesmo — observei —, não por você.

— É só por isso que tenho um mínimo de fé! — argumentou Pluto. — Se estiver fazendo a coisa por mim, ele não vai fazer. Fazendo por si mesmo, há alguma possibilidade de que ela seja realmente feita.

— Só não confie nele.

— Confiar — zombou Pluto. — Você está dizendo para um morador de rua que já foi chutado por todo homem, mulher e criança com pernas para chutar para não *confiar*? Li cada palavra daquele contrato antes de colocar meu nome nele. Levei os óculos e li aquilo bem ali no raio da sala dele. Levei mais de uma hora.

Sem ter lido uma palavra do meu próprio contrato, eu só podia estar impressionada.

— Ele me pagou muito mais do que pagou a você — comentei.

Isso deteve Pluto por um momento. Vendo-o hesitar, senti uma extrema crueldade cujo único objetivo era lhe tirar esse prazer. Porque era falso. Era tudo falso e fajuto, e ele não devia acreditar nele.

— Mais de sete vezes — acrescentei.

— Bem, claro que pagou — disse Pluto, se recompondo. — Você vale mais neste momento específico. Vamos ver no final. Tenho toda a intenção de ser o número um deles. — Inclinou a cabeça para mim. — Sei o que você está tramando, bonita, mas você não pode me machucar. Não está vendo? Sou impermeável. Simplesmente isso não está em seu poder, por mais poderosa que você possa ser.

Ele foi buscar seu saco de roupa suja na barraca.

— A ironia disso — prosseguiu ele, voltando — é esse dinheiro bobo todo na minha mão e eu não poder nem alugar um quarto. Tenho que ser morador de rua até ficar podre de rico. Então vou comprar um palácio com azulejos no chuveiro como você tem. Azulejos portugueses, é o que estou pensando, com pinturinhas. Em cada azulejo, quero uma cena histórica diferente, os gregos e os babilônios, os reis africanos. Quero ficar em pé no meu chuveiro e olhar para toda a fantástica evolução louca da raça humana. Quero ruminar sobre a humanidade toda ao mesmo tempo, com água quente caindo pelas minhas costas.

— Você nunca viu o meu chuveiro — lembrei-lhe, mas ele já tinha seguido andando, sorrindo.

★ ★ ★

Irene chegou pontualmente. Eu tinha deixado a porta aberta como sempre, e ela a

fechou depois de entrar. Usava um vestido xadrez que continha a cor laranja e cheirava a naftalina. Gostei de cara.

Mostrei o caderno.

— Ah, que alívio! — exclamou ela. — Liguei para Thomas, liguei para o restaurante, andei... onde você achou?

— Na sua bolsa.

Ela estava andando na minha direção. Aí parou.

— Você pegou ele da minha bolsa?

— É uma maneira de ver.

— Como assim, uma man...? Ou você...

— Sim.

— Charlotte, por quê?

— Eu queria ler este caderno.

— Que tipo de sacanagem foi essa? — perguntou ela, na primeira descarga de linguagem obscena que eu jamais ouvira de sua boca. Isso me chocou. — Bastava você pedir. Eu teria mostrado com prazer. Por que ser furtiva assim?

— Não sei — respondi. — Não sei por que alguém é furtivo, mas estou ansiosa para descobrir.

Então eu lhe disse: o número de telefone. Halliday. *Sorte grande.*

Ela virou a cara, expirou e sentou-se pesadamente no móvel que eu tinha resolvido não mencionar na sua frente.

— Ele disse que você explicaria — falei.

Irene não respondeu. Por um bom tempo, pareceu estar pensando.

— Tudo bem — falou afinal. — Vou começar com a pior parte, logo de cara, combinado? — Mesmo assim, ela hesitou. Desde que tinha entrado no meu apartamento, ela de fato empalidecera. — Eu não sou repórter.

Ela soltou isso, depois pareceu esperar pela devastação que poderia se seguir.

— Hã — eu fiz, tomando cuidado para não reagir.

Mas estava chocada. Mais do que chocada. Não conseguia acreditar. Eu não conseguia imaginá-la como outra coisa.

— Sou uma acadêmica — prosseguiu —, professora de literatura comparada. Adjunta — acrescentou depressa, como se dizer a primeira sem a segunda

equivalesse a mais duplicidade. — Minha área são estudos culturais. Especificamente, a forma como os gêneros literários e cinematográficos afetam certos tipos de experiência. — Eu a sentia se esforçando para colocar isso numa linguagem que eu entendesse. — Por exemplo, a Máfia. Como as noções culturais do chamado mafioso afetam a maneira de vestir, andar e falar de pessoas como John Gotti? Como essa camada extra de artificialismo impacta a experiência? O mesmo para os policiais. Eles também assistem a programas sobre policiais. E como a experiência que eles têm desses programas afeta a experiência deles como policiais?

— Detetives — falei, olhando para o cigarro na minha mão.

— Exatamente. Histórias de detetive. O gênero é quase tão antigo quanto a profissão, as duas coisas andam entrelaçadas praticamente desde o começo.

— Detetives escrevem livros — falei, pesarosa.

— É verdade — concordou ela. — Uma quantidade surpreendente tenta escrever romances policiais, como se escrever livros fosse um corolário da experiência de ser detetive. Então... bem, você sabe aonde isso está indo.

Ela tinha entrevistado Halliday para uma monografia que estava escrevendo sobre detetives, depois perguntou se podia passar umas semanas observando o trabalho dele. Ele lhe telefonara uns dias depois, num impulso, e lhe oferecera uma oportunidade de ter a experiência do trabalho dele pelo lado de dentro: entrevistar uma testemunha relutante num caso de desaparecimento. Aí ela inventara a história fajuta de ser uma repórter que estava procurando uma modelo com uma cara nova em folha. Tinha dado alguns telefonemas até descobrir a minha agência e mandado a história para Oscar, que, desesperado por minha causa, caíra na armadilha sem pensar. Então, ela havia feito um cartão de visitas numa dessas máquinas automáticas e aparecera à minha porta.

— Naquele momento, você não era real para mim, Charlotte — disse ela. — Tudo era só uma experiência boba, um pequeno universo.

Durante nossa “entrevista”, ela se sentiu protegida, a princípio pelas várias camadas de dissimulação que nos separavam, mas, com o tempo, estas pareceram se consumir, deixando-a exposta e à minha mercê. Então um sentimento aflitivo de impropriedade se deu a conhecer em seu íntimo.

— Não sei se você se lembra disso — falou —, mas você disse uma coisa, tipo, será que você pode olhar nos meus olhos e jurar pelo seu marido que tudo o que está dizendo é a verdade absoluta? Eu pensei: ai, meu Deus, me tira daqui.

Depois, ela se sentiu péssima por causa da coisa toda — tão péssima que, embora tivesse escrito, sim, a monografia sobre detetives, encontrou outro para observar em vez de trabalhar com Halliday.

— Ele foi um amor nisso — disse ela. — Sentiu-se mal por eu me sentir mal.

— Então não houve nada de artigo? — perguntei, ainda não totalmente capaz de entender.

— Bem, houve um artigo. Mas não sobre modelos. E não para o *Post*, isso com certeza. Eu nem leio esse jornal!

— E o cartão de visita não era verdadeiro?

— Era tudo falso, Charlotte. É o que estou lhe contando.

— Mas como você pensou aquelas perguntas?

Irene me olhou com interesse.

— Eu simplesmente as inventei. Estava tentando fazer você falar sobre Z. Quero dizer, certo, eu não fui muito boa nisso, não tinha ideia do que estava fazendo.

— Entendi — falei.

Mas não entendia. Irene Maitlock, a repórter em quem confiei cegamente. Essa nova mulher em quem eu estava tendo dificuldade de acreditar.

Então, ela disse, eu tinha ligado para ela do nada, querendo encontrá-la de novo. Ela tentou cair fora, mas quando anunciei que estava a caminho do seu “escritório” munida com o seu cartão fájuto (um cartão que ela estava bastante certa de ter feito de forma ilegal, com o seu número de telefone verdadeiro), ela correu para o meu apartamento para me impedir. E quando chegou lá, praticamente as primeiras palavras que me saíram da boca foram a respeito da própria pessoa que Halliday andava procurando.

— Eu ouvi — disse ela. — Estava curiosa, é claro, eu lembrava que esse era o sujeito que tinha desaparecido. Mas depois, quando cheguei em casa, a coisa toda pareceu muito certinha. E me perguntei se Anthony estava de alguma forma por trás daquilo. Se vocês dois estavam de conchavo, tentando confundir a minha

cabeça.

Eu conhecia a sensação. Porque agora, finalmente, eu via tudo, como os últimos movimentos críticos num jogo de paciência. Halliday queria informações sobre Z. Mandara Irene consegui-las. E, no decorrer de menos de dois meses, eu contara tudo a ela.

— Então você ligou pra ele — falei animadamente.

— Liguei.

— Você disse a ele o que eu tinha dito.

— Sobre o fio. Sim.

— E?

— E deu para ver pela reação dele que ele não tinha cogitado aquilo.

— Ele estava animado. Enfim tinha alguma informação.

— Ele estava... interessado. Mas eu disse que a partir dali era só com ele. Foi a última vez que nos falamos.

— E tem uma ponte no Brooklyn que você gostaria de me vender, se eu estivesse interessada.

Irene suspirou.

— É a verdade — afirmou. — Você pode acreditar ou não.

— Sua filha da putinha! — exclamei, levantando de um pulo.

Ela fez uma cara assustada, exatamente como a outra Irene — a repórter — faria. Mas eu já não me deixava mais enganar.

— Charlotte, eu queria lhe contar — disse ela. — Me senti uma merda por ter mentido. Mas quanto mais eu esperava, mais difícil aquilo parecia, mais esquisito ficava, e por fim pensei: olha, que importância tem isso? Isso que estamos fazendo é sobre você. Que importância tem exatamente do que é que eu vivo?

— Ah, tem importância — retruquei.

Ela já me parecia diferente. Mais ousada, menos contida. Eu me perguntava se o que eu tinha confundido com reticência, reserva — com *honestidade* — era apenas o fato de ela ter andado escondendo alguma coisa.

— Eu às vezes até dizia a mim mesma que você, logo você, entenderia — disse ela. — Se soubesse.

— Eu entendo, sim — respondi. — Entendo que você é exatamente igual a

todas as outras pessoas. Você mente, diz o que quer que precise dizer, é só mais uma piranha calculista num mundo cheio delas.

— Como você?

— É, como eu. A diferença é que eu não finjo ser outra coisa.

— Nem eu!

— Você fingiu! Você finge! Olhe para você, com o seu cabelo esquisito e sua bainha rasgada e o seu marido genial que obviamente não consegue ganhar um centavo. Você parece uma pessoa que jamais contaria uma mentira. O último João Honesto que resta na Terra.

— Você inventou essa pessoa — disse ela, irritada. — Essa nunca foi eu.

— Eu gostava mais dela.

— Então encontre outra para fazer o papel dela — falou, se pondo de pé. — Não quero mais saber.

— Vai — gritei. — Pega o apartamento. Pega o sofá. Será que me sobrou alguma coisa, porra? Leva isso também.

Eu sabia que o que eu estava dizendo não fazia sentido. Eu estava prestes a desmaiar.

Fui como uma flecha para o quarto e me atirei na cama, de bruços. O cômodo estava escuro. Eu ouvia um zumbido na cabeça. Curti algumas brigas ao longo da vida, colisões desenfreadas e dissoluções clamorosas, mas essa era repugnante. Uma perda que eu não podia me dar ao luxo de ter. Após alguns minutos, Irene entrou.

— Sinto muito ter magoado você — disse com uma voz tensa, de algum lugar à minha direita.

— Me magoado — bufei.

— Bem, desiludido você.

— Isso aconteceu há muito tempo.

— Sinto muito não ser a pessoa que você pensava — continuou ela com tristeza. — Tenho a sensação de que eu era.

— Sinto muito ter acreditado em você — murmurei.

Houve um longo silêncio, tão longo que me perguntei se Irene ainda estava no quarto, ou se havia ido embora. Eu não ia olhar.

— Enfim, há um milhão de razões para não fazer essa matéria — disse ela,

afinal. — Agora são um milhão e uma.

Abri os olhos bem na hora que seu vulto desocupou a porta. Ouvi-a recolhendo seus pertences como se ela estivesse fazendo isso dentro do meu crânio — blazer, bolsa, caderno —, passos sussurrando no carpete em direção à porta, cujas muitas trancas ela abria sem esforço agora. Conferiu depois que a porta fechou, certificando-se de que a fechadura tivesse travado.

Fiquei ali deitada muito tempo, tanto que quando enfim me sentei na cama, senti a marca da colcha na bochecha. Irene tinha razão, quem quer que ela fosse — éramos mais parecidas do que eu poderia ter acreditado. Ela fez exatamente o que eu faria em seu lugar, e eu estava estupefata com a decepção amarga, quase intolerável que isso era. Eu não queria que Irene fosse igual a mim. Queria que ela tivesse as qualidades que eu já não tinha mais — talvez nunca tivesse tido — para que, na companhia dela, eu também as tivesse.

Liguei para ela. Na verdade, liguei antes mesmo de o ônibus pesado que atravessava a cidade e que ela tomou para o West Side, onde morava, tê-la deixado em casa. Seu marido atendeu o telefone. Nunca tínhamos nos falado.

— Charlotte? — disse ele com uma voz ansiosa e desgastada quando perguntei por Irene. — Ela não está com você?

Enquanto eu me explicava, a minha outra linha apitou. Era Halliday.

— Charlotte... — começou ele.

Desliguei sem dizer alô.

CAPÍTULO QUATORZE

— *Lá em cima?* — perguntou Charlotte, apertando os olhos atrás dos óculos salpicados de chuva voltados para o norte ao longo do rio e tentando focalizar, entre os vetores de pontes ferroviárias, uma cortina de água caindo. A barragem. Parecia a pele de uma bolha. — É ela, certo?

Moose fez que sim com a cabeça, em pé ao seu lado com aquela capa de chuva laranja dele.

— Construída quando?

— Mil oitocentos e cinquenta e três.

— Por...

— Water Power Company.

— Uma das primeiras companhias a usar isso?

— Clark and Utter.

— O produto mais famoso deles?

— A ceifadora Manny.

Satisfeito, Moose atirou-se numa ventania que quase lhe arrancava a capa de chuva pela cabeça, andando para norte ao longo da margem escorregadia do rio com uma premência que Charlotte percebia nele com cada vez mais frequência com o passar das semanas. Era abril, fim de tarde. Ela lutava para acompanhar o passo dele.

Perto da ponte da Morgan Street, um prédio de fábrica ainda estava em uso, dois operários de macacão azul evitando a chuva no vão da porta. Eles olharam de Moose para Charlotte de um jeito que a agradou. Ela ficava lisonjeada quando as pessoas os tomavam por um casal. Isso ajudava a redimir o fato de que ela nunca poderia ser vista com Michael West. Duas semanas atrás, ela tinha ido à Baxter fingindo procurar as amigas, mas na verdade para vê-lo — ver o que aconteceria quando eles se encontrassem à luz do dia, naquele lugar conhecido. Andou pelos corredores até entrevistá-lo dentro de uma sala de aula, falando com dois rapazes à

sua mesa. Ela ficou parada à porta e aguardou que eles terminassem. *Se ele sorrir, então ele.* Michael olhou por trás dos rapazes, virando para Charlotte a expressão fria de um estranho.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou, a voz tão persuasivamente a de um professor que Charlotte nunca vira mais gordo que ela ficou paralisada, desorientada, perguntando a si mesma se o conhecia, afinal de contas.

— Não — disse ela, e deixou a escola abalada, sem nem ver as amigas, que não encontrava havia muitas semanas.

Ele nunca mencionou o incidente. Nem ela.

Seu tio fugiu para uma língua encharcada de seixos e lama que se estendia em meio às ondas poluídas do Rock River. Ele apontou para o Kent Creek à esquerda, um braço serpeante e musculoso que dividia a terra, depois desviava e sumia de vista.

— Sabe o que é isso...

— Claro que sei — falou Charlotte, mas não disse, de implicância.

Moose riu para ela. A chuva lhe escorria do cabelo meio comprido entrando e saindo dos molhados olhos castanhos, correndo como lágrimas pela barba por fazer.

— Ah, sim?

— Sim!

— Você se importaria de, como dizem, fundamentar isso?

— Midway — respondeu ela. Foi o nome que Germanicus Kent tinha escolhido para o assentamento dele em mil oitocentos e trinta e quatro, porque ficava a meio caminho entre Chicago e Galena.

— Fale mais — disse Moose.

— Lewis.

Esse era escravo de Kent, um homem que fora para o norte com ele e ganhara a liberdade depois de quatro anos e meio.

— Você está chegando lá.

— Mil oitocentos e trinta e oito.

O ano em que Kent construiu a serraria dele, a primeira indústria de Rockford, nas matas ao longo do riacho, só a poucos metros de onde estavam

parados.

— Bingo — exclamou Moose.

Claro, o que os cercava agora não eram matas nem serraria, mas prédios de fábricas abandonadas e terrenos baldios, ervas daninhas brotando do calçamento rachado, chaminés ociosas, montes de lixo e pneus em decomposição e de vez em quando trabalhadores humanos erráticos de botas pretas de cano alto. O velho Water Power District, na margem oeste do rio logo a sul do centro da cidade, onde Clark e Utter haviam feito uma fundição, onde John Manny construiu suas ceifadeiras, onde debulhadoras e tornos de madeira e furadeiras e fogões a gás e meias e papel e pianos haviam sido manufaturados em um momento ou outro. Na última primavera, Charlotte se sentara neste mesmo trecho da margem do rio, bebendo Old Styles com Roselyn e um pessoal da escola. Na época, parecera um local vazio, deserto: lugar nenhum. Isso era difícil de lembrar, agora, tamanha a concentração de indicações e artefatos havia ao seu redor, piscando de todos os lados como metal numa mina. Havia uma espécie de vibração em simplesmente pisar num lugar que ela tinha visto tantas vezes nos mapas do tio.

— Então, lá é onde ficava a calha.

Ela apontou para uma área do outro lado do riacho que agora era quase toda estacionamento.

— Exatamente — disse Moose.

— E bem na esquina, estava a Companhia Central de Móveis, fundada em mil oitocentos e setenta e sete...

— Ótimo! — interrompeu Moose, surpreso.

— ...por E. R. Herrick e L. D. Upson...

— Muito bem!

— ...depois que outras fábricas de móveis de Upson foram destruídas por um incêndio.

— Excelente! — exclamou Moose, e honrou Charlotte com um olhar que era puramente o dela.

Carinhoso, doce, um olhar que ela começava a pedir quando passava algum tempo sem recebê-lo.

Era fácil. Sua mente retinha informações e as segurava — ela sempre fora

assim. Sabia mais sobre a história de Rockford do que sabia sobre peixes tropicais. Fatos lhe deixavam a mente em cócegas, procurando maneiras de ser ditos. Seu significado era secundário, às vezes, completamente ausente. A história era o idioma que ela e o tio sabiam falar. Eles faziam piadas e brincavam um com o outro em história. Discutiam, debatendo de forma cordial, ou deixavam os fatos flutuarem erráticamente entre eles, como doces nulidades. Moose a desafiava, cutucando questões factuais como se a mente de Charlotte pudesse ter se desviado (o que muitas vezes acontecia), e ela o tranquilizava com fatos aplicados com delicadeza, de forma relaxante. Para Charlotte, era como entrar num estado hipnótico. De vez em quando, ela achava difícil mudar da língua da história para a do resto das pessoas.

— Vamos voltar para trás — disse Moose, e foi na frente para a Morgan Street. Os trilhos da Illinois Central cortavam a rua numa esquina, uma das quatro linhas que ainda dividiam Rockford ao meio, parando de vez em quando para pegar carga. — Podemos seguir esses até o terminal antigo — declarou, e partiu pelo meio dos trilhos.

Moose estava melhor que nunca, enérgico, infundido com uma nova vitalidade que o fazia parecer num estado de grande pressa constante. Charlotte tinha dificuldade de se lembrar do homem largado à sua mesa, com cara de sofrimento e meio sonolento enquanto ela lia para ele. Agora ele andava de um lado para outro, andava com passo firme, às vezes marchando da sua sala e continuando suas declamações do corredor do subsolo aos gritos. Ou ele e Charlotte saíam, examinando a escória do passado de Rockford como detetives. O velho bairro sueco na margem leste do rio em volta da Kishwaukee Street; a fábrica Esterline Whitney, uma das últimas fábricas de ferramentas ainda ativas em Rockford. O Salão Industrial em Midway Village, onde Moose tinha narrado para Charlotte uma visita aos produtos industriais de Rockford com uma autoridade tão retumbante que toda a população do salão (a saber, quatro visitantes de Des Moines e dois de Cincinnati) perguntou educadamente se também podia se juntar a eles.

Toda sexta-feira, quando ela aparecia à porta dele (ela ia uma vez por semana desde janeiro), uma espécie de felicidade atônita flutuava no rosto do tio, e

Charlotte sentia uma expectativa palpitante que lhe dava dor de cabeça. No fim, Moose lhe revelaria alguma coisa, ela sentia isso nitidamente: a solução para o mistério mais profundo de todos, que nada tinha a ver com Rockford. O mistério dele mesmo.

Seu tio seguiu os trilhos até a Main Street, atravessou a ponte sobre o Kent Creek e foi depressa para o antigo terminal da rodovia, agora abandonado, cercado por um alambrado, as janelas ou cobertas com tapumes ou quebradas, rodeadas de estalactites de vidro. Ainda se via de forma tênue a inscrição “Northern Illinois Central Freight Station” em seus tijolos amarelos.

— Os trens mudaram o feitio das saias das senhoras de crinolina para anquinhos — disse Charlotte, jogando conversa fora —, para elas poderem andar com mais facilidade nos corredores.

Moose murmurou em resposta:

— Num dado momento, vinte e três trens de passageiros paravam em — Rockford todos os dias.

Ele olhou para Charlotte de uma maneira cúmplice, especial, como se estivesse aludindo a um conhecimento tão axiomático compartilhado entre eles que ela não conseguia perguntar o que exatamente ele achava que ela entendia. Charlotte fez o possível para devolver o olhar. Odiava desapontá-lo.

— Você já pegou trem aqui? — perguntou.

— Ah, sim — disse ele, e apontou através do alambrado para uma estrutura mais moderna, também vazia, mais próxima aos trilhos. — Aquele era o terminal de passageiros.

Sua mente atacou a memória: balançar sobre a ponte da ferrovia e a Grape Island, espionar o quintal e a roupa das pessoas tremulando na corda, atravessar como um raio os cruzamentos onde o mesmo grupo de crianças parecia estar sempre esperando montado nas bicicletas, acenando. Mas Moose não ia falar sobre isso. Precisava ter cuidado — Charlotte sempre tentava personalizar. Este era o hábito mental reinante nesta terra sem história, nesta época em que todas as relações de tempo e espaço, de causa e efeito, haviam sido obliteradas pelo toque de uma tecla. E, assim, as pessoas estavam à deriva, desprovidas de qualquer contexto pelo qual se orientar, procurando preencher a brecha com a *história*

pessoal, esse substituto pequeno e míope.

— Você ia com sua mãe e seu pai? — perguntou ela. — No trem para Chicago?

— Só com meu pai — retrucou Moose.

Aquelas visitas aguardadas durante tanto tempo! O University Club, na - Michigan Avenue — primeiro uma nadada na piscina antiga, onde os vapores do cloro subiam como éter da água leitosa, onde velhos amarelados davam suas braçadas, de boca aberta a cada fôlego. E depois, almoço com o pai na sala de jantar revestida de madeira, a vista de Moose embaçada por causa do cloro, a prata pesada e fria em suas mãos. Framboesas de sobremesa, framboesas servidas numa tigela de prata sobre gelo no formato das peças do jogo Palavras Cruzadas.

Mas ele não ia falar sobre isso. Nem pensar sobre isso. Sua mente estava atordoada por falta de sono. Um velho problema, que voltara nas últimas semanas: ficar acordado, contando as respirações de Priscilla, ou andando de um lado para outro numa sala enluarada. Algumas noites, ele saía do apartamento e andava quilômetros na State Street, atravessando vastos estacionamentos vazios de superlojas na direção da estrada interestadual (as partes mais antigas da cidade eram perigosas à noite). Andando sem calçadas onde andar, as roupas e os cabelos colando nele com o vácuo das carretas de doze eixos. Desde janeiro — já fazia quase quatro meses —, Charlotte estivera balançando à beira da visão. E conforme Moose esperava que ela escorregasse, perdesse o equilíbrio, caísse irrevogavelmente no abismo da compreensão, na voragem da visão, a ânsia dele tinha começado a eclipsar quase tudo o mais.

Enquanto isso, ele estava falando, alimentando a sobrinha de fatos sobre esta linha específica de ferrovia:

— A Illinois Norte e Central... chegou pela primeira vez em Rockford em cinco de agosto de mil oitocentos e oitenta e oito, após uma série de escaramuças conhecidas como as Guerras Ferroviárias... O primeiro frete foi um carregamento de fios da Geórgia destinado à Companhia de Malhas Nelson... melancias do Texas.

Os trilhos antigos se ramificavam ao longe com um brilho fino que não era diferente da luz de um sistema de circuito elétrico — estranho como eram

parecidos. A descrença de Moose de um mundo refeito por sistemas de circuitos elétricos trazia como corolário uma nostalgia dos trens: seu nariz; sua visibilidade; sua existência física. Repetidamente, ele falava com Charlotte sobre *coisas*, melancias e grão e gado e corda, ceifadeiras e colheitadeiras, talhadeiras e serras tico-tico e tampões de tubos e anéis de pistão e elevadores de grão. Objetos existentes no tempo e no espaço. Mas as coisas haviam perdido o encanto havia gerações, despachadas para países onde o povo as faria por menos. E a informação era o inverso de uma coisa. Sem forma nem local nem peças componentes. Sem contexto. Não história, mas história pessoal. Charlotte ainda não tinha visto isso, Moose sabia. Ela estava feliz demais.

Afogueada, sorrindo para ele com aquela capa de chuva amarelo-viva. Chutando pedras. E, ah, o rangido da impaciência que ele sentia — uma raiva antiga adormecida que era aflitiva, como enterrar os dentes em madeira ou gelo ou papel-alumínio. Ele tinha chegado a um ponto na vida, dissera ele na noite passada a Priscilla em torno de empadões de frango (sua mulher ouvindo com uma cara de preocupação que o aborreceu), em que não podia mais esperar. Fora muito passivo desde o incidente em Yale, muito conformado com as limitações que lhe impuseram! Sim, ele colocara em perigo a vida de vinte e quatro estudantes de graduação mais a sua própria: uma catástrofe metodológica. Moose era o primeiro a admitir. Mas o seu método tinha melhorado — vide Charlotte! Tão perto, muito perto! Portanto agora era chegada a hora de acelerar.

— Tio Moose — chamou Charlotte.

— Sim! — Ela tremia na chuva forte. Sem chutar mais a pedra, o que era alguma coisa. — Sim, vamos continuar andando.

Eles seguiam para o norte pela Main Street — no passado a principal artéria da vida de Rockford, agora uma via deserta ladeada de edifícios-garagem fechados e abertos. A chuva fria conseguiu entrar pela gola da capa de chuva de Charlotte, seu jeans colado em suas pernas. Mais adiante, ela viu um bar de aspecto abandonado, um anúncio de cerveja Old Style pendurado acima da porta. Desejou que Moose a levasse lá.

Mas seu tio desviou para um estacionamento vazio, trechos dos tijolos antigos sorrindo de debaixo do asfalto retraído. Ele ia a passos largos na direção da

margem do rio. Estavam a norte da barragem. Charlotte ouvia a pressão vertiginosa de sua queda d'água. E, de repente, ela estava cansada, esgotada pela energia implacável do tio. Cansada e um pouco derrotada.

— Venha — gritou ele para ela, na chuva. — Daqui podemos olhar bem por cima da barragem...

Ele estava seguindo por uma trilha estreita por dentro de moitas secas, os galhos guarnecidos de guirlandas de lixo, uma camiseta de criança — o tipo de lugar onde se achava gente morta. E um muro de obstinação baixou em Charlotte.

— Tio Moose — gritou ela para ele, cruzando os braços. — Estou com frio.

Moose virou, viu que a sobrinha não estava atrás de si e recuou por dentro da folhagem em decomposição. Ela olhou para ele, os óculos embaçados, braços cruzados. Resistindo a ele. E Moose se desconcertou com um paroxismo de impaciência com a sobrinha que chegava muito perto da raiva, um desejo implacável, físico, de esmagar a sua inocência. Varrê-la. A sensação o deixou atônito. Não, pensou, não. Queria salvá-la — salvá-la da cegueira do mundo. E agora era acochado pela contrapartida da sua raiva, um desejo de acolher Charlotte em seus braços e aferrar-se a ela, rechaçar aqueles que pudessem querer o mal dela.

— Você está com frio, você está com frio. Claro — disse ele, voltando para o lado dela. — Vamos a algum lugar quente, vamos encontrar um lugar...

Abalado, meio tonto com a força do que tinha acabado de se espalhar dentro de si.

Charlotte apontou para o bar.

O desapontamento do tio era um peso entre eles enquanto caminhavam, e ela se arrependeu. Odiava não agradá-lo.

— Os lampiões a gás chegaram a Rockford em mil oitocentos e cinquenta e sete — recordou ela. Mas ele estava muito distraído para responder. — Os telefones, em mil oitocentos e oitenta. E a primeira companhia de bondes elétricos, em mil oitocentos e oitenta também.

Afinal, ele se virou para ela.

— Os telégrafos?

— Mil oitocentos e quarenta e oito. E o fonógrafo em mil oitocentos e

setenta e sete.

— O horário-padrão?

Ela sentiu que ele começava a ceder.

— Mil oitocentos e oitenta e três — disse Charlotte, com um alívio apaixonado —, por causa das estradas de ferro. Porque antes, se fosse da Costa Leste para a Costa Oeste, a pessoa tinha que mudar o relógio duzentas vezes.

— Tinha, sim — murmurou Moose, ainda nervoso com aquele ataque de raiva. Não era dele. Ele o renegava. — De fato, tinha.

Comparada com o vazio das ruas, a sala estava cheia de vida. Umás duas dúzias de operários de macacões azuis se reuniam em volta de um balcão largo e úmido, as cabeças inclinadas diante de um jogo dos White Sox se desenrolando em algum lugar ensolarado em uma tevê colocada no alto. A entrada de Charlotte com Moose provocou uma agitação de alerta. Seu tio ficou parado do lado de dentro em frente à porta, torcendo a chuva do cabelo e embolando a capa de chuva laranja molhada.

— Moose — falou o barman. Era um homem esguio de cabelo ralo, bigode louro e o rosto ligeiramente chupado, o que sugeria falta de dentes. — Quanto tempo.

Por vários perigosos minutos, Moose olhou o falante sem reconhecimento. Depois disse:

— Teeter — (para alívio de Charlotte), e sorriu inseguro. — Que estranho ver você aqui.

— Estranho? — Teeter cuspiu a palavra como um caroço. — Estou aqui faz quatorze anos em junho. Agora sou coproprietário.

Moose fez as apresentações. Jim Teeter. Minha sobrinha.

— Fomos colegas de segundo grau — disse ele a Charlotte num tom irônico esquisito que deu impressão de antipático, mas na verdade significava que o tio estava constrangido.

— Sua sobrinha — falou Teeter. — É melhor ela ser mais velha do que parece.

O tio franziu a testa. Charlotte sentiu o comentário cair mal junto a ele.

— Eu só queria uma Coca — ela se apressou em assegurar ao barman. —

Entramos só para sair da chuva.

— Uma Coca — repetiu Teeter. — E você, Moo-man?

Moose fez uma careta para o epíteto.

— Cerveja — disse. — A que você tiver.

— Old Style serve? — Teeter já estava abrindo a torneira. — Então onde você tem andado esse tempo todo?

— Leciono história na faculdade — contou Moose, com grande esforço. — Estou no segundo casamento.

— Quantos filhos?

— Nenhum, na verdade.

Teeter olhou para Moose, depois deslizou a cerveja e a Coca pelo balcão muito envernizado. Moose levou o copo à boca com mãos trêmulas. Charlotte se esquecera quão pouco à vontade ele ficava na presença de terceiros.

— Você tem filhos? — perguntou a Teeter, ansiosa para tirar o peso da conversa dos ombros do tio.

— Três — disse ele a Moose, parecendo desanimado. — A mulher está atrás do número quatro. Acho melhor plantar um pé de dinheiro lá nos fundos. — Moose não falou nada, limitou-se a pousar os olhos no jogo de bola. — Força da economia, certo? — prosseguiu Teeter. — Todo dia aparece um milionário novo. Acho que me esqueci de escolher um número.

— Nem me fale — comentou Moose de repente. — Meu carro é uma camionete setenta e oito.

— A minha é uma oitenta e dois. — Teeter riu. — Verde, está uma bosta.

— A minha é azul — disse Moose, e riu. — Com *detalhes em madeira*.

— Não, ai, merda! Nessa você me ganhou — exclamou Teeter, e eles riram juntos com uma espécie de alívio. Então, Teeter falou: — Olha para a gente, certo? Trinta anos depois, e daí?

Moose pareceu perplexo. Charlotte sentiu-o fazendo força para entender o que Teeter queria dizer. Finalmente, com determinação, retrucou:

— Se está falando do ensino médio, nós nos formamos há vinte e três anos.

— Vinte, trinta.

Moose entornou o resto da cerveja e pousou o copo pesado na mesa.

— Certo — disse com uma voz tensa. — E daí?

— Você tem que pedir uma sopa. Está chovendo canivete lá fora.

— Vamos nos sentar — sugeriu Charlotte.

Ela queria afastar o tio de Teeter e levá-lo mais para dentro do bar. Era a única mulher na sala além da garçonete, uma senhora de meia-idade de saia e tênis, batom rosa escorrendo para dentro do arame farpado de rugas que tinha em volta da boca. A densidade de homens despertou em Charlotte uma sensação estranha de feminilidade. Sentia-se como as garotas no refeitório da East, seus seios e pulseiras e cabelos leves rodeando-as como as folhas de uma árvore. Sentia isso agora em relação a seus óculos, as pontas molhadas de seu cabelo. A conta de âmbar, que ela pescou de dentro do suéter e deixou balançar entre as lapelas da capa de chuva. Quando foi andando na frente para uma mesa vazia, seu olhar cruzou com o de um jovem negro sentado do outro lado da sala, e ela sorriu para ele.

A garçonete chegou com cardápios surrados e uma segunda cerveja para Moose. Charlotte limpou os óculos e não os colocou, deixando a sala se confundir à sua volta.

— Então, você e Teeter foram colegas na East? — arriscou.

— Fomos — respondeu Moose, apático. O encontro o esgotara. — Jogávamos futebol americano, nós dois.

— Ganhavam muito?

Houve uma pausa.

— Ganhamos o campeonato estadual. No meu terceiro ano do ensino médio. E então ele sorriu, inesperadamente.

— Nossa — suspirou Charlotte, imaginando isso, aqueles longos corredores da East, ele sendo ovacionado por todos. — Devia ser como ser Deus.

— Acho que era — disse Moose, e tornou a sorrir. — Deus de um lago de peixes. Deus de uma folha de ninfeia. Claro — acrescentou —, a gente acha que é o universo.

A garçonete trouxe a cerveja dele e Moose pediu outra na hora.

— E depois o que aconteceu? — perguntou Charlotte.

Ele tomou um longo gole.

— Abri os olhos — retrucou. — Abri os olhos e aquilo desapareceu. Puf.

Ele nunca disse nada parecido com isso antes.

— Parece assustador — comentou Charlotte.

— Aterrorizante. — Ele estava olhando bem para ela. — Apavorante, mas belo, também. Porque minha cabeça estava limpa.

— Quantos anos você tinha?

— Vinte e três. Eu estava sentado perto da estrada interestadual, olhando para baixo. À toa. Encostei o carro a troco de nada.

Ele a fitava com olhos tão brilhantes e claros que Charlotte os via nitidamente mesmo sem óculos. Moose envolveu a sua mão na dele. Quente. Ela nunca tinha encostado na mão do tio antes, nem em qualquer parte dele.

— Charlotte — disse ele, baixinho, mas com um tom muito urgente. — Preciso que você se concentre. Preciso que você pense com muito, muito cuidado. Você faz isso por mim? O tempo é muito curto!

Como assim?, ela quis perguntar. Muito curto para quê? Mas a parte dela que monitorava seu comportamento com tio Moose, elidindo toda prova de incompreensão, censurou a pergunta.

— Mas, tio Moose — respondeu ela, chegando perto dele, olhando na direção de Teeter —, como você deixou de ser *daquele* jeito e virou o que é agora?

Era a pergunta que ela sempre quisera fazer, a pergunta que todo mundo queria fazer — a mãe dela principalmente. O que tinha acontecido? Moose apertou a mão dela. Charlotte sentiu a tensão do tio enquanto ele lutava para dar uma resposta.

A mesa sacudiu um pouco, sobressaltando Moose, que estremeceu, quase derrubando as bebidas. No mesmo instante, ele soltou a mão de Charlotte. Ela ergueu os olhos e viu o negro que havia notado antes se espremendo ao passar pela mesa deles a caminho da porta. Ele sorriu para ela em reconhecimento. Desorientado, Moose fitou o homem com um olhar desconfiado à medida que ele passava. Enquanto isso, o amigo do negro, um ruivo sardento que vinha atrás, postou-se na frente da mesa deles e aguardou os olhos de Moose cruzarem com os seus.

— Está com problema com o Pete? — perguntou.

— Não, não estou com *problema* — disse Moose, com sua voz sarcástica nervosa. — Que tipo de *problema* eu teria?

— Não faço ideia. Talvez você seja racista.

— Vamos, Allen — exortou Pete no meio das pessoas. — Diz que a gente é quem manda aqui.

Moose e Allen se olharam com uma hostilidade embriagada, expectante.

— Parece que ele não consegue se afastar da nossa mesa — disse Moose em voz alta, embora não fosse claro se estava falando para Charlotte, Pete ou Allen, seu novo inimigo.

— Pega os seus olhos e bota eles em outro lugar — disse Allen a Moose.

— Quer uma carona, Al? Porque estou fora daqui.

— Que escolha eu tenho, com você pairando em cima da minha mesa como um dirigível esquisito? — perguntou Moose.

Caía um silêncio sobre a sala em fases delicadas, como se um discurso estivesse prestes a começar. Charlotte não sabia o que significava “dirigível”, mas quanto mais a palavra pairava ali, pior soava.

— Tio Moose — chamou ela, e tocou na manga dele.

Ele não percebeu.

Moose levantou-se da cadeira, uma energia terrível emanando de si como calor. Ele era mais alto que Allen, mas Allen parecia mais forte, braços brancos sardentos balançando como chaves inglesas das mangas arregaçadas da camisa.

De repente Teeter se alvoroçava no meio deles.

— Ei, ei, esperem lá, garotos. Vocês têm que se portar bem aqui, é a regra. Não quero confusão. — Como ninguém reagiu, ele pendurou um braço camarada nos ombros de Moose. — Alto lá, Moo-man. Você não está ficando meio velho para essa merda?

Moose se desvencilhou de Teeter com impaciência, fazendo um único movimento de ombros.

— Estou ficando cansadíssimo — retrucou, com uma voz calma e ameaçadora — de ter você me dizendo como estou velho.

Teeter ficou vermelho, e Allen virou-se para ele.

— Você conhece ele? — indicando Moose.

— Claro — respondeu Teeter com azedume. — Roubou a minha namorada no colégio. Depois pirou, se ouvi direito. Explodiu uma bomba ou um rolo assim.

Moose acertou um murro na cara de Teeter tão bruscamente, com uma força tão inequívoca, que o barman deu uma cambalhota para trás por cima de uma mesa e se estatelou no chão sem ter dito uma palavra.

— Não! — gritou Charlotte quando vários homens se precipitaram em direção ao tio, uma faixa de raiva se contraindo em volta dele. — Para!

E então ela foi arrancada do meio deles. Pete tirou-a da frente e agarrou seus ombros para impedi-la de voltar correndo para a confusão.

— Nada que você possa fazer — murmurou ele —, tem que acabar por si...

Moose se precipitou com sede e insensatez na violência, desferindo murros na cara e na barriga de Allen, fazendo o ruivo cair segurando o olho, depois largando a mão em mais dois ou três homens, socando-os quase com prazer para afastá-los, impregnando o ar com o fedor oxidado do sangue deles. Estava exaltado, livre, alegre como Charlotte nunca o havia visto — como se a agitação que ela sentia crescendo no tio naquelas últimas semanas tivesse finalmente encontrado sua expressão perfeita.

Àquela altura, Teeter já tinha conseguido se levantar. Sacudiu a poeira das pernas e dos braços com uma indignação forçada, depois foi para cima de Moose, ligeiro e mau, dando-lhe uma joelhada na barriga e arrancando um gemido. Moose se dobrou. E agora os outros caíam em cima dele com voracidade, muitos para um só, uns segurando seus braços, outros atacando-o com socos e pontapés de modo que, cada vez que Moose tentava se levantar, outro golpe o derrubava. Charlotte se debatia nas mãos de Pete, mas ele segurava seus ombros enquanto ela assistia ao tio deslizar para o chão, gritando “Não! Não!”, certa de que ele ia morrer, até que afinal ela conseguiu escapular das mãos de Pete, saracoteando como uma salamandra para o meio dos brigões. Atravessou-se sobre o tio caído de bruços no chão, implorando “Parem! Por favor! Deixem ele em paz”, mas não conseguia cobrir Moose inteiro, ele era muito grande e os homens continuavam lhe dando chutes, acertando onde Charlotte não conseguia impedi-los, até que Allen mirou na cabeça de Moose e Charlotte aparou a bota dele com o pulso.

A dor fez com que ela gritasse e que as lágrimas lhe pulassem dos olhos. Isso

parou a briga. Os homens recuaram. Charlotte ouviu Pete: “... pronto, deixa para lá...”, falando com os outros do jeito que ela ouvia gente murmurar no ouvido dos cavalos para acalmá-los. A dor em seu pulso a nauseou, e ela ficou bem paradinha, tentando não vomitar.

Seu tio parecia morto embaixo dela, enorme, insensato. A mão boa de Charlotte continuava em concha segurando a cabeça dele, o cabelo emaranhado, as faces lívidas.

— Ai, meu Deus — repetia ela. Tinha medo de se levantar e deixá-lo exposto.
— Ai, meu Deus.

— Shhh. Ele vai ficar bem — disse Pete, e puxou-a de cima de Moose.

Allen e os outros baderneiros haviam se afastado de fininho, voltando para o meio da turma no bar, ou na rua. Teeter, a órbita do olho já ficando cinza, levou gelo embrulhado numa toalha e aplicou alguns cubos na nuca de Moose até ele se mexer. Então Teeter e Pete, juntos, levantaram Moose do chão e o colocaram numa cadeira, onde ele ficou largado semiconsciente, o sangue lhe escorrendo do nariz, um olho quase fechado de tão inchado. Teeter botou a toalha cheia de gelo na mão de Moose, dobrou o braço dele e pressionou o embrulho de gelo em seu olho inchado. Catou os pedaços de gelo desgarrados e aplicou-os no seu.

Charlotte ajoelhou ao lado do tio. Já estava mais calma, ele não estava morto e não iria morrer.

— Se me der o telefone da tia Priscilla — disse baixinho —, eu ligo para ela no trabalho.

— Não — respondeu ele secamente. — Não ligue.

— Mas você está...

— Não.

Ficaram ali sentados muito tempo, Moose largado na cadeira, Charlotte ajoelhada sem poder fazer nada ao lado dele enquanto o bar mergulhava numa amnésia deliberada, apagando a briga até a própria Charlotte mal conseguir acreditar que ela tivesse acontecido. Pete tinha sumido e Teeter estava de novo atrás do bar, olho roxo e tudo, abrindo a torneira. O White Sox marcou e todo mundo aplaudiu. Charlotte sentiu-se exilada, o coração palpitando no peito, o pulso latejando no colo.

Quando Moose teve forças suficientes, eles deixaram o bar e voltaram pelo Water Power District para a camionete dele, ainda estacionada na Main Street ao lado da ponte sobre o Kent Creek. O céu começava a limpar, os dedos róseos do crepúsculo afastando as nuvens escuras.

— Acha melhor eu dirigir? — perguntou Charlotte, impressionada com a calma de sua voz.

Sentia-se assustada, estranha.

— Não — disse ele. — Eu estou bem.

Ela entrou se arrastando na camionete dele, afastando para o lado os copos de café e as embalagens de pizza velhos que pareciam recuperar terreno cada vez que ela saía do veículo. Moose girou a chave na ignição e eles ficaram ali sentados, o motor ligado. Um silêncio denso, culpado, lotava o carro, como se eles tivessem entrado juntos numa encrenca medonha, como se fosse culpa de Charlotte, também. *Eu fiz uma coisa errada*, ela ficava pensando, e sentia uma culpa desagradável. Seu pulso doía.

— Charlotte, se você não se importar — disse Moose afinal, com rigidez —, prefiro que não mencione nada disso para sua mãe.

— Minha mãe — respondeu ela, magoada. — Eu não conto nada para ela.

CAPÍTULO QUINZE

Quando os lanterninhas chegaram com suas vassouras e seus sacos de lixo e arrancaram Michael West da cadeira, ele foi para o hall cheio de gente e ficou ali, olhando para o tapete vermelho sintético, aspirando a plenos pulmões o cheiro salgado de manteiga artificial enquanto à sua volta os espectadores saíam de outras salas e se dispersavam. Assistir a filmes o deixava fraco, poroso ao mundo de uma forma que parecia perigosa, como se sua pele tivesse sido removida. Normalmente, esperava o sentimento passar antes de se aventurar a sair. Estava quase escuro, uma mancha vacilante cor-de-rosa através das janelas guarnecidas de cortinas, poças de chuva suspensas no asfalto.

— Michael?

Uma mulher de cabelo comprido vestida com uma capa de chuva: Abby Reece. Michael se perguntou havia quanto tempo ela estava ali em pé.

— Está esperando alguém? — perguntou ela.

Ele sorriu, se arrumando.

— Não, só estou... por aqui. Matando o tempo, eu acho.

Eles haviam se evitado na escola por muitos meses — ou antes, ela o evitara. Michael olhou para seus tristes olhos cinzentos e tentou se lembrar exatamente do que tinha acontecido entre eles.

— Que filme você viu? — indagou ela, de um jeito meio nervoso, e ele lhe disse o nome. — Bom?

— Mais ou menos — disse ele. — Gostei da premissa básica de um homem que explora naufrágios em águas profundas procurando tesouros, mas achei que Tom Cruise parecia muito bonzinho para pegar pérolas do pescoço dos esqueletos dos afogados. Gostei, sim, do conflito dele com a operação de resgate, e achei Jennifer Aniston uma escolha improvável mas interessante para sua adversária e futura amante. Claro que a descoberta deles de um quarto completamente mobiliado duzentos metros abaixo do nível do mar foi ridícula.

Abby concordou com um gesto de cabeça, estudando-o, e Michael se perguntou se havia se estendido muito. Ele tinha pouca prática em discutir filmes com os outros, embora agora os consumisse despreocupadamente, alegremente — na hora em que terminava a escola; após um jantar do corpo docente; o dia inteiro, às vezes, nos fins de semana. Mesmo os malfeitos abriam as suas defesas sem esforço, invadindo-o com sua luz e seu movimento e seu barulho, seus aviões em chamas e navios naufragados e casais destinados a se encontrar e se casar após um número específico de contratempos hilariantes. Ele tinha virado um conhecedor, um árbitro experiente em perseguições de carro e cortes marciais e crises a bordo de 747s, um avaliador entendido de animais falantes, de batidas de drogas e brigas de socos e reconciliações lacrimosas, cenas de sexo, agonias de morte e simulações de viagens em alta velocidade ao espaço sideral.

— Eu ia comer alguma coisa — disse ele a Abby. — Quer vir comigo?

★ ★ ★

Ao ouvir a buzina, Charlotte saiu de casa correndo e mergulhou no banco traseiro macio do Buick Park Avenue do pai de Roz, um tanque vaporoso de laquê, de balinhas cítricas, calor humano — o cheiro das suas amigas —, um aroma perdido familiar que a envolveu como a água de uma banheira na temperatura exata do seu corpo. Roselyn virou-se para trás e lhe soprou um beijo. No banco traseiro, Laurel lhe deu um abraço apertado. Só Sheila, puxando o dial do rádio, não se manifestou com a sua entrada.

— Fom-fom-fom — fez Roz, afastando a mão de Sheila com um tapa. — Eu gosto do Oasis.

— Oi, Sheila — cumprimentou Charlotte, olhando os ombros caídos e o cabelo louro-claro da amiga.

Ela estava comendo chocolate Rollo.

— O que houve com o seu braço? — perguntou Laurel a Charlotte.

— Caí da bicicleta.

O punho dela estava tão machucado quando o tio a deixou em casa no fim daquela tarde que ela realmente teve de mostrá-lo à mãe, que o examinou com

cuidado. Só um hematoma, disse, mas, se piorasse, no dia seguinte elas iriam de carro ao Rockford Memorial fazer uma radiografia. Ela enfaixou o braço de Charlotte com uma atadura elástica, cuja compressão aliviou a dor. Ricky estava jantando na casa da nova — da primeira — namorada, Allison Jones. Charlotte tinha planejado ir à casa de Michael West aquela noite. Quase sempre ia, depois de ver Moose. Mas, fazendo o dever de casa, sentiu-se inquieta, ansiosa. Estranha. Seu tio ficava invadindo seus pensamentos, distribuindo murros extáticos, depois se contorcendo no chão, esgotado. Ela se viu ligando para as amigas pela primeira vez em semanas. Estavam as três na casa de Roselyn, preparando-se para uma festa.

— Por favor — disse Charlotte. — Estou com um desejo urgente de ser levada daqui.

Então ela falou de novo.

— Oi, Sheila.

Laurel começou a cochichar no ouvido de Charlotte:

— ...era para ela visitar o pai em Nova York, mas ele cancelou na última hora e também agora a mãe está vendendo a...

Sheila virou rapidamente para trás, o lindo rosto repleto de fúria.

— Não conta essa merda para ela!

— *Ela* — retrucou Charlotte, indignada. — Quem é *ela*?

Sheila tornou a se virar e comeu outro Rollo.

— Você é muito sinistra — Roselyn repreendeu Sheila. — Tipo desalmada.

— Ah, des-cul-pa — disse Sheila, com hostilidade. — Só porque ela tem cinco minutos para gastar, a gente deve, tipo, morrer de felicidade?

★ ★ ★

Michael e Abby foram em carros separados para o Chili's, onde ficaram frente a frente separados por um tampo de mesa envernizado e pediram margaritas geladas. A comida chegou chiando em bandejas pretas de ferro fundido, e Michael atacou a sua com voracidade. Ele tinha ficado fã do Chili's. O tamanho descomunal das porções, a ideia de que sempre havia mais não importando quanto se comesse, até a previsibilidade da comida instilavam nele um conforto profundo. Ele

desenvolvera um novo apetite monstruoso. Isso o levava de volta ao McDonald's muitas vezes, onde a comida barata emboçava as suas entranhas, tapando os buracos da sua fome. Comeu no Burger King e no Wendy's e no Arby's e no Taco Bell, tomara shakes sem lactose que, diziam, continham farinha, devorara anéis de cebola, nuggets de frango, sanduíches de peixe, sorvetes sintéticos, até só restar da sua antiga repugnância um ligeiro estremecimento de fraqueza enquanto ele se empanturrava. Uma camada nova de flacidez tinha começado a flutuar acima de seus ossos onde antes a pele era esticada. Não gordura, mas um arauto da gordura. Ele ficava em pé na frente do espelho e estudava essa sua nova forma, o rosto adquirindo uma largura e um sedimento que equivaliam a um disfarce natural. Logo ele começaria a se exercitar, caminhando em calçadas bem-cuidadas, bufando entre carreiras de tulipas, correndo em círculos e depois se esforçando para levantar pesos de centenas de quilos, cultivando músculos que iriam aderir a ele como roupas caras. E depois, a sua infiltração seria completa.

Abby o estudava por cima da taça larga da sua margarita.

— Você está diferente, Michael — disse. — Não consigo chegar à conclusão de como.

— É mesmo? — retrucou ele. — Eu me sinto igual.

Mas ela tinha razão. Afinal havia movimento dentro dele, um plano tomando forma. Ele experimentava isso como uma escavação, a abertura de um túnel realizada por uma criaturinha industriosa enfraquecida após um longo sono. Ele sobreviveria sem a sua raiva, afinal de contas. Mais do que sobreviver — prosperaria, pois a ausência de raiva o deixara, por vezes, com um sentimento de liberdade quase delirante. E quando entrevia a parte do mundo de onde viera (ocasionalmente no noticiário da noite), mergulhada na violência, envolvida em guerras angustiantes e prolongadas, isso tudo parecia forçado, esgotado. Ele estudava os rostos amassados pelo sofrimento, as escaramuças e as nuvens de gás lacrimogêneo e as pessoas inconscientes devido a tiros de balas de borracha e se perguntava, seriamente, se todos estavam fingindo. Como alguma coisa poderia ter tanta importância?

— Espere — disse Charlotte —, então agora vocês estão todas putas comigo?

Ninguém respondeu. O banho quente da proximidade das amigas de repente se tornou frio e gelatinoso.

— Soube que você esteve na escola. Tipo, duas semanas atrás? — comentou Roz.

— Estive, mas... — Foi a vez em que ela viu Michael West, ou a pessoa que se parecia com Michael West. — Estive.

— Você simplesmente, tipo, desapareceu num dado momento — disse Laurel, num tom pesaroso.

Charlotte ficou quieta. Após a violência de sua tarde com Moose, a raiva de suas amigas era insuportável, nociva. Sabia que elas tinham razão. Imaginou saltar do carro ali mesmo, no meio do tráfego, apenas ir embora.

Houve um longo silêncio.

— Então... por que hoje? — perguntou Sheila, ácida. — Você não tinha mais nada para fazer, então pensou: eu gostaria de passar um tempo com aquela gentinha?

Charlotte abriu a porta. Estavam paradas num sinal na State Street, numa pista do meio, quase no Aunt Mary's, aonde iam para a sobremesa. Ela ouviu o pequeno baque da surpresa das meninas quando saltou, depois foi andando calmamente para o meio-fio por entre ofegantes Ford Explorers.

Roz começou a buzinar. Pegou a pista de fora e levou o carro para junto de Charlotte, devagarinho. Continuou buzinando, e logo os carros atrás dela também buzonavam.

Uma janela foi abaixada.

— Entra.

Era Sheila. Charlotte nem olhou para ela.

— Entra senão vou passar a noite inteira sendo sacaneada por isso.

— Mais uma razão para não entrar.

— Chari? — insistiu Sheila. — Quer fazer o favor?

— Se eu entrar, você salta?

Charlotte virou-se para o carro. Sheila sorria.

Uma verdade universal: as pessoas adoravam falar dos filhos.

— Me fale dos seus filhos, Abby — pediu Michael. — Como estão eles?

— Estão em Los Angeles, agora. Visitando o pai.

Ela revirou os olhos, só em parte contrabalançando a sua súbita carga brilhosa de lágrimas. Sim, ele agora se lembrava: o marido que tinha fugido para Los Angeles. A garotinha cujos dedos do pé colavam nele como os de uma lagartixa numa parede.

— Então ele não voltou.

— Voltar? — retrucou Abby, e balançou a cabeça de um lado para outro. — Ele não tem intenção de voltar. Está trabalhando com cinema.

Michael recebeu essa informação com o corpo todo, como se tivesse levado um tranco.

— É mesmo? — falou, e pousou a bebida.

— Fazendo produção, o que quer que isso signifique. Algum tipo de filme-internet-multimídia-blá-blá-blá.

— O que *isso* quer dizer?

— Quem é que sabe? Ele comprou os direitos de um livro, tem uma pessoa escrevendo o roteiro. Fica dizendo que tudo o que se precisa saber é contar uma história. O que parece meio fácil, mas, por outro lado, se Darden consegue fazer isso, ou convencer os outros de que está fazendo, então, francamente, não pode ser tão difícil assim.

Michael sorriu, sem se mexer.

— Ele está fazendo filmes?

— É o que me diz.

— Ele foi para lá sem formação?

— Ele é advogado! Paguei a faculdade de direito do cara!

Ela sorriu mostrando a raiva e os dentes brancos, imperfeitos.

O corpo inteiro de Michael formigava, uma floresta de bichos vivos.

— Como ele descreve isso? — perguntou com cuidado.

— Tediamente — respondeu ela. — Não para de falar que tem uma

revolução acontecendo. Fica falando sobre polinização cruzada e globalização e canais de comunicação e mídias novas. E “Renascimento”, esse é o meu favorito. *Este é o novo Renascimento*, ele diz, como se tivesse a mais remota ideia do que era o “antigo” Renascimento.

— O que mais?

— *Tudo está prestes a mudar* — entooou ela. — *Em dez anos, não será possível reconhecer o mundo em que vivemos. A vida das pessoas será totalmente diferente...* Claro... Como se ter um grande monitor na sua sala exibindo filmes de terror interativos fosse aproximar mais a pessoa de Deus. Quero dizer, que tal alimentar umas pessoas famintas? Que tal prestar um pouco de atenção no Terceiro Mundo, ou mesmo simplesmente em americanos paupérrimos tentando sobreviver sem a ajuda do governo? Para eles, a *vida* é um filme de terror interativo!

Ela olhou com ar de súplica para Michael, que balançou a cabeça com delicadeza num gesto de solidariedade. Mas mal a ouvia. Estava memorizando as frases de Darden.

★ ★ ★

— Eu não tenho amigos lá — disse Charlotte. — Não tenho.

Estavam sentadas a uma mesa no Aunt Mary’s, ainda ressabiadas enquanto levavam os garfos com os doces à boca — todas menos Laurel, que fazia parte do corpo de baile de *O Corsário* e tinha pedido uma salada de frutas. Ela cortava cada uva preta e retirava os caroços antes de comê-la.

— Mentira — retrucou Sheila.

— Estou falando sério.

— Então é um garoto — declarou Roselyn, com uma aprovação carnívora.

Quando Charlotte não negou, Roz gritou até Laurel lhe tapar a boca com a mão.

— As cordas vocais — explicou Sheila a Charlotte, revirando os olhos. — Elas ficaram maiores e agora ela vai ter que operar.

— *Posso* ter que — corrigiu-a Roselyn. — *Posso* ter que. — Estava falando muito baixinho agora. — Da East?

Charlotte hesitou. Como explicar o seu segredo, o seu fracasso em apresentar o garoto para a inspeção coletiva delas?

— Não — disse ela. — Ele é mais velho.

— Faculdade?

— ...não.

As implicações dessa revelação foram caindo sobre elas aos poucos.

— Nossa. — Roz suspirou. — Então ele é tipo um homem.

Olharam para Charlotte, que se sentiu suspensa, flutuando no espanto coletivo delas. E, embora se sentisse culpada por passar adiante essas proibições, o prazer de se libertar — de se gabar em voz alta, de contar a alguém, finalmente, *que diabo estava acontecendo* — mais que compensava.

— Ele é tipo... casado? — perguntou Laurel.

— Não.

— Divorciado?

— Não sei.

— A gente reconheceria o nome dele? Se você dissesse?

Charlotte tornou a fazer uma pausa. Devia mentir, claro, mas não queria mentir. Queria dizer o nome dele alto e bom som — finalmente, a alguém. Dizer e ouvi-lo ser dito.

— É provável que sim.

As garotas ficaram atônitas. Houve um longo silêncio cheio de rodeios.

— Ele é... famoso? — perguntou Laurel, com uma voz tímida.

Charlotte riu, mas as outras a olharam com um assombro nostálgico. Tudo era possível.

— Isso é muito doido — disse.

Mas, observando as amigas, sentiu os fiozinhos da sua convicção colarem em si como seda. Por um instante, viu-se de um jeito diferente — uma pessoa glamourosa, cuja vida era repleta de acontecimentos extraordinários. Uma pessoa que ela mesma invejaria. E Charlotte entendeu algo, então, pela primeiríssima vez: as pessoas acreditavam em quase tudo.

— Olhem para mim — pediu ela. — Vocês? Ei! Olhem.

Elas olharam, as três. Caladas e pensativas.

— Ela está ficando vermelha — disse Sheila.

— Enquanto isso, ele veio aqui, sim, pegar as crianças — disse Abby. — Eu não as mandaria sozinhas de avião, elas são muito pequenas. E foi ótimo. Quero dizer, elas precisam de um pai.

E aqui ela desviou a vista.

— Há quanto tempo elas estão em L.A.?

— Quatro dias — retrucou ela. — Estão amando. Não querem voltar para casa. — Mais uma vez, aquele brilho trêmulo. Lágrimas, pensou Michael, e esperou que não caíssem. — Colleen diz ao telefone: “Mamãe, aqui faz calor todo dia. Você devia vir, também.” — Acho que ele mora perto do mar.

— Talvez você devesse — disse ele. — Ir lá, também.

— Nunca! — exclamou Abby com ferocidade, e a pressão do seu sorriso afinal empurrou as lágrimas dos seus olhos, um único fio rolando funestamente em cada face. — As pessoas de lá não têm alma. Não são pessoas de verdade, elas têm plástico na cara, nas pernas, nos seios. Até os homens botam isso nas panturrilhas para melhorar a forma das pernas. Quero dizer, não são seres humanos no sentido tradicional. — Ela secou os olhos com um guardanapo. — Como eu poderia viver num lugar como esse?

Michael meteu o último pedaço de fajita na boca e regou o frango e os pimentões com um gole de margarita. A comida fez o suor brotar na sua cara. Ele estava cansado de Abby, da raiva dela. Era tediosa, como algo de que não só ele mas também o mundo inteiro logo estariam livres.

— A boa notícia — disse ela alegremente, como que se desculpando — é que finalmente vou tirar algum dinheiro do cara. Reestofei a sala toda, até a cadeira de balanço! Agora estou refazendo a parte externa, colocando canteiros de flores na frente. E nos fundos? Aquele pátio grande de concreto com a churrasqueira? Estou mandando passar a britadeira nele, e vou gramar tudo.

Michael aprovava o que ouvia. Lembrava-se da área, e Abby tinha razão, grama seria de longe melhor que concreto. Acabou com o fundinho da bebida e passou

um guardanapo na cara afogueada. Então, teve uma ideia.

— Já pensou em fazer campina? — perguntou.

★ ★ ★

Acompanhou Abby até o carro dela sob um céu negro, uma grande lua esponjosa de um lado. Deu-lhe um beijo no rosto e recebeu em troca um olhar intrigado, como se ela estivesse se lembrando de antes, e se perguntando por quê — ou por que não.

— Obrigado por me fazer companhia — disse ele.

— Obrigada pelo jantar. O timing foi perfeito. Ando meio perdida sem as crianças.

Como ela sobrevivia, Abby Reece, com aquele rosto transparente? Como o mundo não a tinha pisoteado e triturado em pedacinhos até ela virar um fino sedimento cintilante? No entanto, lá estava ela, intacta, lágrimas nos olhos e um coração tão mole que Michael imaginou ouvir seus batimentos delicados. Ela sobrevivera e dava todos os sinais de continuar fazendo isso. E tinha havido um tempo, ele sabia — talvez apenas um momento — em que o cansaço o tentara a depositar a sua pequena trouxinha à porta da casa amarela de Abby, se desenroscar em meio às dimensões modestas da vida dela. E aí viera a menina e o assustara, o distraíra. Sim, ele devia agradecer a Charlotte o fato de agora, quando um plano tomava forma dentro dele, não ter que deixar Abby Reece e os filhos dela para trás, não ter que deixá-los atônitos com a sua partida súbita e inexplicável.

— Howard me disse que você não volta ano que vem — comentou ela, olhando para ele no escuro.

— Não. — *Está acontecendo uma revolução.*

— Vai lecionar em outro lugar?

— Não tenho certeza — respondeu ele. — Acho que... provavelmente não.

— O que vai fazer?

— Ainda não decidi. Alguma coisa diferente. Alguma coisa nova. — *Tudo vai mudar.*

— Isso parece empolgante — disse ela.

Michael fez que sim, olhando nos olhos dela. Estava ansioso para se livrar dela. Afinal, ela entrou no próprio carro, e ele acenou quando ela arrancou.

★ ★ ★

Charlotte ouvia a festa, uma batida eletrônica se infiltrando no carro, tocando as suas entranhas. Laurel abriu a bolsa azul-clara de verniz, cujo tom combinava exatamente com seu esmalte. Após uma busca selvagem, desencavou um batom e aplicou um toque de cor nos lábios. Ofereceu o batom a Charlotte, que fez que não com a cabeça.

— Ih, viva um pouco — exortou Laurel.

E, com uma precisão de tirar o fôlego, considerando que Roselyn estava estacionando o carro em que elas se encontravam, Laurel segurou o ombro de Charlotte com uma das mãos e usou a outra para lhe passar a protuberância macia na boca.

— Me dá — ordenou Sheila do banco da frente, agarrando o batom. Ei — vendo Charlotte —, você tem lábios.

Laurel estava aplicando o blush, um brilho sépia lunar na luz da rua.

— Não — gemeu Charlotte, recuando quando a amiga partiu para cima dela com o pincel. O pincel roçou em suas bochechas, macio como visom.

— Rímel agora. Quietinha — ordenou Laurel. — Senão sua cara vai ficar completamente desequilibrada.

Era difícil não se mexer — os olhos de Charlotte pareciam muito expostos sem óculos. Mas havia uma divisão clara nela, uma parte simulando repulsa para a outra poder aceitar o rímel impunemente.

— Nã-nã — disse Laurel, afastando os óculos de Charlotte quando ela tentou repô-los. — Os óculos vão estragar a maquiagem.

— Você sabe que sou completamente cega — argumentou Charlotte.

— Lá não tem nada para ver mesmo.

Elas deixaram o carro e foram na direção da música entre casarões e pinheiros de campo de golfe iluminados de baixo, passando por portas de garagem abertas exalando cheiros de óleo lubrificante e grama cortada e nozes duras ainda em

caixas do outono passado. Pararam embaixo de uma árvore para acender de novo o baseado pela metade de Sheila. A maconha, associada à visão sem correção de Charlotte, deixou-a se sentindo como uma substituta de si mesma. Laurel escovou o cabelo de Charlotte com uma escovinha verde-néon, e ela sentiu que ele se erguia um pouco de sua cabeça.

★ ★ ★

Michael estava sozinho no estacionamento, uma versão asfáltica do céu vazio. Uma noite clara, fria, uma mancha de luz a leste, onde era Chicago. O vazio dessa terra e desse céu já havia parado de perturbá-lo. Já não pareciam mais vazios como antes. Os anúncios de plástico estavam em toda parte — Mobil, Holiday Inn, Kentucky Fried Chicken —, segurando-o como os dedos de uma mão que alcançasse o mais longe que pudesse desejar ir. Ele arrancou com o carro para a State Street, ainda espantado de ver quão depressa a civilização dava lugar ao interior: campos, vultos de tratores, longas fileiras de terra recém-arada, outros campos abandonados, ainda cheios de talos secos da colheita do ano anterior. Celeiros antigos como navios fantasmas. Ele atravessou por cima da interestadual e subiu até mais adiante, rumando para um canteiro de obras que já visitara uma vez. O local resplandecia: uma nebulosidade baixa, cintilante. Um condomínio residencial num estado inicial de construção, que era estranhamente parecido com uma devastação — do tipo que ele já sonhara causar.

Michael estacionou o carro e foi olhar a obra. Nada tinha mudado desde sua última visita: quatro amostras de condomínios se acomodavam em meio a quadras de terra e cintilantes passeios sinuosos. As casas eram vistosas imitações vitorianas, cada qual diferente em tamanho e forma, mas acentuadas com um acabamento festivo idêntico, caixas de correio batendo continência na frente. Uma vasta constelação de postes de luz vitorianos assombrava as calçadas desertas, deixando escapar uma tênue claridade lunar das lâmpadas em forma de chama.

Michael seguiu uma das calçadas até o seu fim errático, depois continuou andando, pisando na terra solta e revirada que entrava em seus sapatos, até acabar alcançando três fios de arame farpado demarcando o limite externo do

loteamento. Para além desses fios, havia um campo plantado, carreiras de brotos acabando de despontar da terra. De lavouras plantadas a condomínios: três fios de arame farpado abreviando uma distância de milênios. O vento zunia em volta dele. *Polinação cruzada*. Não. Polinização. *Polinação cruz...* — não! *Globalização, polinização. Este é o novo Renascimento.*

Tudo o que se precisa saber é contar uma história.

Bem, isso ele sem dúvida podia fazer. Isso ele fizera a vida inteira.

★ ★ ★

A porta da casa da festa estava aberta. Dentro rolava o tipo de evento que só uma ausência total de pais permitia, não uma ausência saí-de-casa-esta-noite, mas uma ausência saí-da-cidade. Uma escuridão primordial, um fedor margoso e úmido de cerveja e carpete, uma cozinha devastada onde quatro caras jogavam futebol com um cantalupo acossado. Um som tocava a “Bittersweet Symphony” da Verve num volume desorientador. Charlotte ficou abismada de ver aquilo tudo ainda ali, sem ter diminuído com a passagem dos meses ou sua longa ausência. Cabisbaixa, primeiro evitou o olhar das pessoas, depois descobriu que não as enxergava mesmo quando olhava. O mundo estava confuso, distorcido, agradavelmente desarticulado, as pestanas dos seus olhos pesavam, cobertas como brotos pegajosos, e seus lábios e bochechas estavam quentes. Enquanto ela andava em meio aos rostos irreconhecíveis, sua hesitação deu lugar a um alheamento maravilhoso, uma sensação de já não ser mais ela mesma, e então nada daquilo ter importância. Ela carregava seu rosto como um objeto recém-feito, ainda fresco, correndo o risco de manchar ou deformar enquanto descia atrás das amigas para uma sala de jogos no subsolo cheia de garotos com roupas largas que mexiam os queixos quase imberbes no ritmo da batida do rap estourando na boombox. E ali estava o barril, o coração falho e intermitente da festa, um cara tirando um copo de espuma atrás do outro, reclamando amargamente da bomba.

— Yo, Tupac! — gritou alguém.

Histórias? Vocês querem histórias? Tenho uma genial, dizia a voz de um produtor de Hollywood como Michael o imaginava, uma voz copiada do cinema e da tevê, um homem que fazia reuniões ao lado de uma piscina com fatias de frutas nas bochechas e sachês de chá de camomila nos olhos. *Ouçam*, disse ele.

Temos um cara de uma daquelas partes horrorosas do mundo onde as pessoas são alvejadas dia sim, dia não — do Líbano, digamos, mas, droga, poderia ser de qualquer lugar, Sri Lanka, Nigéria, Sudão. Digamos a costa sul do Líbano — Tiro —, cidadezinha turística fofa até todo mundo ter começado a destruí-la com tiroteios. Ele é de uma família de classe média, xiitas. Não, seu palhaço, xi-i-tas, três sílabas. É uma daquelas seitas muçulmanas. Ora, o nosso cara, ele é um prodígio. Gênio da matemática, devora números como a maioria dos garotos come M&Ms. Faz faculdade em Beirute, honras em todas as matérias, carreira brilhante pela frente blá-blá-blá. Casa-se, tem um filho. Aí, bum. Acaba tudo. É o início dos anos oitenta, os israelitas estão no sul do Líbano tentando se livrar da OLP, e nosso cara se une a um bando de xiitas que está tentando se livrar dos israelitas. O Hezbollah, você já ouviu falar neles. Pessoal assustador. Extremistas ao extremo. Mas nosso cara *quer* isso — sabe, ele está louco. Puto. Vira fundamentalista, começa a uivar para a lua, ou seja lá que diabo eles façam. Nada de álcool, nada de garotas em trajes de banho. Então, puf, ele desaparece. Mulher, filhos, pais estão todos apavorados. Nunca mais ouvem falar — por fim imaginam que ele deve ter morrido.

Será que morreu mesmo? Não, ele está no Irã. Lá existe uma maioria xiita, então eles gostam do Hezbollah, mandam dinheiro para eles, munição, tudo a que têm direito. Nosso cara é notado pelos mais graúdos porque tem jeito para línguas, aprende assim, sotaques, jargão, dialetos, tudo, e odeia — *despreza* — os Estados Unidos. Acha que temos um complô para controlar o mundo com nossas “exportações culturais”, que você sabe o que significam: como é que as nossas boas garotas começam a tirar os lenços das cabeças toda vez que Brad aparece nas telas?

Então esses iranianos, eles têm um camaleão extremista nas mãos que odeia os

Estados Unidos — mas odeia muito. Aí, o que eles fazem? Botam ele em algum lugar, na África, digamos — Quênia —, ele se casa de novo, nome novo, história nova, abre uma empresa de importação-exportação. Mas, na verdade, faz parte de uma rede de inteligência, gente que, digamos apenas, não coloca a nossa saúde e a nossa felicidade num lugar muito importante da sua lista de prioridades. Mas o nosso cara fica inquieto depressa, ele tem todo esse ódio dentro dele e isso o consome e ele quer *fazer* alguma coisa. Quer ação! Então quando o Hezbollah não age suficientemente depressa, ele desaparece de novo. Puf, não consigo achá-lo. Se liga a uns caras de facções menores, uns caras ricos por trás mexendo os pauzinhos. Eles querem mandá-lo para os Estados Unidos, fazer um estrago de verdade. Fonte segura, certo? Destruir o Túnel Holland, destruir a Casa Branca. Ei, não se iluda — essa coisa continua! Ele se muda para Líbia, Afeganistão, qualquer lugar. Não importa. Nome novo, mulher nova. Então, num dado momento, os caras na sombra dizem vai. Para os Estados Unidos. Puf, ele vai. Não olha para trás. Um monte de documentos falsos na mão. E onde ele acaba? Uma chance. Nova Jersey, porra — que tal?

★ ★ ★

Charlotte seguiu Roz até o quintal pelas portas de correr, lambendo o copo de isopor ao sentir sob os pés um atrito familiar de madeira no concreto, um barulho igual a uma serra elétrica na rotação contrária. Ela viu uma piscina rodeada de sentinelas encurvadas, garotos sem paletó subindo um de cada vez as laterais da piscina vazia e aterrissando na borda. Charlotte se perguntou se Ricky poderia estar entre eles, seus olhos embaçados catando o irmão, mas não, ele tinha perdido o skate em janeiro e se recusara a comprar outro, embora Charlotte tivesse se oferecido para ajudar a pagar.

Descansando as cordas vocais, Roz estava atipicamente calada.

— De quem é esta casa? — perguntou-lhe Charlotte.

★ ★ ★

Tudo bem, sei o que você está pensando (disse a voz), estou lendo a sua mente enquanto falo. Sobre o que é a história dele? Você está pensando. Valha-nos Deus se for terrorismo, porque *Nightmare in Gaza* encalhou e *Middle East Massacre* ficou em casa, incluindo o internacional.

(— De Paul Lofgren — disse Roz.)

Você está pensando Deus me livre que esta é uma história do conflito árabe-israelense, quero dizer, nem mesmo o Spielberg aceitou essa, e ele consegue adocicar praticamente tudo. Você está dizendo: como podemos ficar do lado desse cara? Ele é um imbecil, um fanático. Um pirado. Que tipo de cara larga uma família atrás da outra? Isso não é humano, certo? Tudo bem, olha. O filme não tem nada a ver com história. Perucas, cavalos, cenas de sexo em que eles têm que apalpar através daquela renda toda — isso não é assim. Isso envolve *autodescoberta*. É a história pessoal de um único homem!

★ ★ ★

E, claro, Charlotte viu Paul Lofgren dentro da piscina, mandando um grind na borda. O mais ou menos namorado de Roz saiu e mordeu a bochecha dela, e ela foi embora com ele, deixando Charlotte em meio ao bando de espectadores da exibição de skate, um dos quais, o cara ao lado dela, começava a parecer conhecido. Charlotte fitou-o com o descaramento dos quase cegos até ele olhar, afinal.

— Oi — disse ele, e ela reconheceu a voz. Scott Hess.

Charlotte tornou a se virar para a piscina, mortificada.

— Ooo-lá. — Scott acenava um braço diante dos olhos dela. Só que o braço não era um braço, mas uma forma branca triangular. Um braço numa tipoia. — Somos gêmeos — disse ele.

Ela tinha esquecido que estava com uma atadura. Agora, exibia-a, levantando o braço e retribuindo a saudação babaca dele. E se deu conta, então, de que Scott Hess não fazia ideia de quem ela era.

— O que houve com o seu braço? — perguntou ele.

— Fui apanhada no meio de uma briga.

— Mentira! — exclamou ele com admiração. — O meu foi deslizando para a segunda base. Não é uma fratura, só uma torção feia. Mas devo estar fora da temporada, porque balançar um taco está, tipo, totalmente fora de questão.

— O meu só foi um traumatismo — contou Charlotte, e sorriu um pouquinho sem poder fazer mais nada.

— Poderia ser uma torção — especulou Scott. — Há uma linha tênue entre um traumatismo e uma torção. Quero dizer, basicamente se resume a inflamação. Inchou muito?

— Muito, não.

— O meu? No primeiro dia? Estava tipo no mínimo três vezes o tamanho normal. A minha namorada falou: não chega perto de mim com isso aí.

Charlotte riu, mas parecia a risada de outra pessoa, como se a sua maquiagem estivesse rindo.

— Qual é seu nome? — perguntou Scott, e ela hesitou, ainda temendo que aquilo fosse uma piada em vários níveis às suas custas.

— Melanie — disse afinal, e sentiu uma emoção que a deixou arrepiada.

— Você não é da Baxter.

— Não. Da East.

★ ★ ★

Autodescoberta! Escute primeiro. Quem é o nosso sujeito exatamente? Ele odeia os americanos, isso é tudo o que sabemos de fato. Mas veja bem, onde ele faz sentido? Onde ele se encaixa? Na Europa, eles ainda estão choramingando por conta de quem pegou o castelo de quem trezentos anos atrás, quem tem o sotaque mais bonito. Quem se importa? Estamos chegando ao século XXI. Com a gente é o oposto. Construir o nosso próprio castelo, criar um sotaque se isso deixa você feliz. Começar do zero. E esse é exatamente o nosso cara! É isso que ele anda fazendo desde o começo. Você não entende? Ele é *americano*! Foi americano a vida toda, o tempo todo em que estava odiando a gente! Coisa que ele finalmente entende. A autodescoberta. Coisa que é o tema desse filme!

— O meu é Scott.

— Olá, Scott.

E agora ele estava apertando a mão dela, braço machucado para braço machucado, trocando com Charlotte um aperto de mão secreto e íntimo dos caídos. Ela aceitou, rindo um pouco descontroladamente.

— Quanto tempo você vai ficar enfaixada? — perguntou ele.

— Não sei. Nem fui ao médico.

— Ah. Ei. Mel. Deixa eu dar um conselho. — Scott estava sério agora, com avisos sérios para dar. — Sei como é — disse —, não tem tempo e tal, você diz, ei, está tudo bem, tanto faz, mas no primeiro ano? Torci o joelho e fiquei tipo duas semanas sem ir ao médico...

(Agora o alvoroçado narrador cala-se bruscamente, some como poeira, deixando Michael West sozinho ao lado da cerca de arame farpado.)

— ...e, sem sacanagem, eles disseram que, se esperasse *mais um dia*, eu poderia ter feito uma lesão permanente na cartilagem.

— Caramba — exclamou Charlotte. — Lesão permanente! — Ela estava engolindo o riso, aspirando-o, estalando-o com os ouvidos, piscando para fazê-lo voltar para dentro da sua cabeça. Sentia a empolgação antiga de falar com estranhos, só que Scott Hess era o oposto de um estranho: era o garoto que tinha tirado a sua virgindade em menos de cinco minutos, depois a expulsado do seu carro. Mas Charlotte já não era mais aquela garota. Cortara relações com aquela humilhação, e agora era Melanie. Que usava maquiagem. *Ela* era a estranha. Scott Hess não sabia nada sobre ela.

— E assim, diz o médico, talvez eu acabe com problemas de joelho mais tarde, sabe, tipo quando eu for mais velho e tal, por causa das contusões e também simplesmente do desgaste e...

— Scott — interrompeu ela —, isso é choramingação suficiente para uma noite.

Ele olhou para ela, espantado, depois riu — um riso nervoso, entrecortado.

— Engraçado — disse. — Muito engraçado, Melanie.

— Na verdade, estou falando sério — retrucou ela, mas ria, também. Ela e Scott riam juntos. — Tenho que sair daqui — falou.

★ ★ ★

Sumida a voz, terminada a interpretação vulgar dela, Michael se viu sozinho no limite de um loteamento rodeado por um silêncio absoluto. E lá chegou o terror, cru, selvagem: um pânico cuja sombra ele sentia oscilando ao seu lado esses últimos meses estava nele, agora, afinal. Ele escalou o arame farpado e se mandou pelo campo plantado, correndo por uma grande extensão de terra solta, fugindo para qualquer lugar, para longe, para o lado oposto ao que tinha vindo. Eles tinham vencido, acabado com a sua raiva e enchido a sua cabeça com esse veneno — *escuta isso! Escuta isso*. A picada do escorpião tinha apagado seus pensamentos de verdade e os substituído por um plano de ir para Los Angeles e *fazer cinema* — trocar tramas por tramas! Espalhar o veneno mais ainda. Eles tinham vencido! Correndo, ele tropeçou, caiu estatelado em meio a hastes verdes e ficou ali por longos minutos, o coração batendo contra o solo. Então, virou a cabeça para olhar a lua, mais fria agora, branca, a preciosa lua. “Escuta isso”, sussurrou, implorando para a lua, “eles estão controlando os meus pensamentos.” Mas em inglês, sempre em inglês. Ele pensava em inglês, sonhava em inglês. Era tarde demais. As outras línguas tinham morrido, seu passado tinha morrido e a sua raiva também, tinha sumido com a conspiração. Porque não havia conspiração — não havia “eles” nessa nação de crentes. Só nós.

★ ★ ★

Charlotte deixou a piscina e abriu uma porta de correr no extremo da casa. Entrou sorrateiramente no quarto principal com cortinas brancas, formas alongadas de skatistas projetadas como bonecos de sombra nas paredes. Do quarto, ela alcançou um corredor e saiu abrindo portas, procurando — o quê? Um lugar para rir, só que a alegria tinha morrido, se consumido, deixando um montinho de

cinzas em sua garganta.

Ela abria portas: um quarto de menina, quatro pessoas gargarejando de prazer diante de um narguilê em meio a centenas de bichos de pelúcia. Um quarto de menino — de Paul? Do irmão de Paul? Será que Paul Lofgren tinha irmão? O quarto estava vazio. Charlotte entrou e fechou a porta e sentou-se na cama, respirando um cheiro de garoto adolescente, suor, cedro, mofo, balas de fruta. Alguma coisa à base de ervas — maconha, talvez. Ela se deitou na cama e fechou os olhos.

★ ★ ★

Lentamente, Michael se pôs de pé. O pânico passara por ele e sumira. Ele começou a andar devagar pelo campo plantado em direção ao halo de luz que o tinha atraído primeiro para lá.

★ ★ ★

Charlotte tirou os óculos da bolsa, limpou-os, tornou a colocá-los no rosto e o quarto entrou em foco, uma cômoda abarrotada de troféus, bolas de futebol de prata afixadas em pés, tacos de hóquei de ouro soldados em mãos, pôsteres do Blackhawks pregados nas paredes ao lado de várias bandeiras da Baxter. O mundo se refez e ela era de novo Charlotte Hauser, de Rockford, Illinois. Que usava óculos. Examinando o quarto reconstituído onde se encontrava sentada, viu uma forma familiar embaixo da cômoda e se ajoelhou no tapete para puxá-la. Um skate. Um Tony Hawk, na verdade. Na parte de baixo, em letras maiúsculas nítidas escritas com caneta marca-texto, o nome “RICKY HAUSER”.

Charlotte botou a prancha embaixo do braço e saiu do quarto de Paul, fechando a porta ao passar. Foi embora da casa, singrando por entre os garotos que pareciam boias num lago, chegando para o lado a fim de deixá-la passar.

Michael pulou de novo a cerca de arame farpado. Mais adiante, viu as casas vitorianas, os falsos lampiões a gás com suas lâmpadas em forma de chama. Ao

longe, avistou o seu carro, estacionado onde o deixara.

Na rua, Charlotte se afastou um pouquinho da casa de Paul antes de botar o skate no chão e subir timidamente. Já tinha andado antes na prancha de Ricky, e não estava longe de casa. Enquanto Michael se encaminhava para as calçadas faiscantes, uma calma começou a despontar nele. Sim, ele pensou. Não estava perdido. Seu carro estava bem ali, na claridade do poste.

Charlotte deu impulso, usando as pernas, sentindo o vento nos braços, abrindo-os como os espantalhos que ainda se viam, de vez em quando, nos campos de milho.

Ele não estava perdido. Estava em casa.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Tirando agosto passado, durante o acidente, fiquei sete anos sem voltar a Rockford, depois de uma visita que terminei de forma prematura após uma troca de insultos aos gritos com meu cunhado durante a Noite do Rosbife no clube. No entanto, a viagem na I-90 de Chicago a Rockford era bastante familiar: os caminhões enferrujados e oscilantes que pareciam irremediavelmente inconciliáveis com a era digital, lonas amarradas em cima de seus carregamentos de terra, de pneus velhos. Os cubos espelhados de escritórios autônomos que não pareciam apenas pós-industriais, mas também pós-humanos; as saídas com seus antigos McDonald's bege construídos nos anos sessenta, quando fast-food ainda era saboroso, cosmopolita. A cada poucos quilômetros, uma cesta de pedágio de trinta centavos surgia na minha frente como um sonho recorrente, e eu jogava trinta centavos em sua goela mecânica e esperava a cancela levantar.

— Como é a sensação de refazer essa viagem? — perguntou Irene.

Ela estava sentada ao meu lado, mexendo no rádio do Grand-Am vermelho-cereja que tínhamos alugado no aeroporto. As estações de Chicago começavam a sair do ar.

Tentei considerar a pergunta. Como era a *sensação*? Mas, quase imediatamente, a narradora ofegante que tinha começado a levar uma existência mimada em um lobo do meu cérebro (cortinas vermelhas, chinelos de plumas de avestruz) começou a canalizar a própria resposta melosa: Já tinha se passado quase um ano desde o acontecimento devastador, e aí, a dor que Charlotte sentiu ao voltar à cena, a angústia de ver aqueles mesmos campos marcados por lembranças terríveis... e enquanto ela cuspiu esse lixo, inclinando o rosto para a câmera no alto, senti-me não só incapaz de falar, mas também incapaz de sentir.

— Nada — respondi. — Eu poderia estar em qualquer lugar.

Irene não escreveu, o que me desapontou. Depois de muitos minutos se

passarem sem o barulho da sua caneta, tive uma sensação de urgência cada vez maior.

Estávamos visitando Rockford essa tarde do começo de junho a pedido de Thomas Keene, “reunindo visuais”, como ele disse. Uma viagem com todas as despesas pagas para o meio do nada, para Irene poder fotografar e gravar na casa onde cresci, o cemitério em que Ellen Metcalf e eu costumávamos fumar, minha escola primária, secundária, o meu clube. O Dr. Fabermann em suas roupas cirúrgicas. Mary Cunningham e seu lago de peixes cheio de musgo, e o mais essencial, o trecho da interestadual onde o acidente acontecera — o campo onde eu fora parar com meu carro em chamas.

Semana passada, Thomas enviara um fotógrafo profissional ao meu apartamento: Randall Knapp, um sujeito solene de gola rulê com uma única ruga séria lhe subindo pelo meio do rosto, começando no queixo furado, avançando pelas pontas dos lábios e terminando em dois sulcos profundos entre as sobrancelhas súplices.

— Vamos tentar sem sorrir — insistiu ele desconsoladamente enquanto eu fumava sentada no meu sofá modulado. — Lembre-se: você perdeu tudo. Não sabe como vai ganhar a vida. Pronto. Ótimo. Deixe a cabeça pender. — Tudo num murmúrio delicado que parecia calibrado para persuadir um parceiro durante uma sequência de posições sexuais intimidantes. — Relaxe a pose — cantarolava ele no banheiro, fazendo closes do meu rosto enquanto eu repartia o cabelo para passar vitamina E nas cicatrizes cirúrgicas, quando, na verdade, eu já tinha parado de fazer isso meses antes. — Aqui não tem glamour — repreendeu-me ele, baixinho —, isso é triste, um momento triste, íntimo. Sim. Pronto. Olhando no espelho tipo: quem sou eu?

Eu estava tão desanimada quando passamos à minha varanda que fui arrastando os pés até o parapeito e fiquei imóvel, olhando o rio lá embaixo. Um grito sinistro fez com que eu me encolhesse ali debruçada, quase me jogando. Abalada, me segurando ali, arfando assustada, virei e vi Randall Knapp *in extremis* atrás da câmera.

— Isso! Ótimo! — gritava ele, clicando loucamente durante todas aquelas ululações. — Assim! Mais carrancuda. Junte as mãos no parapeito. Sem jeito,

assustada. Assim! Lindo! Isso! Desespero! Meu Deus! Isso! Isso! Isso!

Suportei essas indignidades por um motivo que era infinitamente complexo e no entanto capaz de ser nomeado em uma única palavra: dinheiro. Quantidades espantosas de dinheiro estavam para vir em minha direção, segundo Thomas. Os potentados da mídia a quem ele acenara com minha história respondiam à minha “personagem”, e expressões como “guerra de lances”, “seriado de tevê” e “publicações relacionadas” (o que pelo jeito significava um livro) haviam sido proferidas junto com o meu nome. Enquanto o esfíncter da empolgação dos outros se contraía em volta de mim pela segunda vez na vida, eu falava com Thomas com a mesma frequência com que costumava falar com Oscar. A sensação era familiar, claro, do meu leve contato anterior com a fama, mas com uma diferença: naquela época, eu existira num estado de pura expectativa eufórica, mas agora sentia uma ansiedade constante, como se uma coisa sinistra estivesse se mexendo na minha visão periférica. Quando eu tentava imobilizá-la com o olhar, ela sumia, mas voltava tão logo eu desviava a vista, saltitando num canto do meu olho.

Depois de Elgin, os prédios espelhados se dispersaram, dando lugar a campos — milho verdinho brilhando, soja cor de laranja queimado. Cada um deles parecia confuso, desordenado, até a pessoa chegar àquele ângulo do qual era revelado o segredo de sua geometria perfeita — um prazer vagamente lembrado da minha infância —, longas linhas nítidas como raios de uma roda saindo do meu olho.

— Estamos chegando perto — disse eu a Irene. — Perto de onde aconteceu.

— Eu estava pensando que podíamos guardar o acidente para mais tarde — sugeriu ela. — A menos que você queira parar.

— Podemos guardá-lo para sempre — falei, aplicando isso na direção da cota de observações irônicas, rabugentas, que eu agora entendia serem típicas de mim.

Obviamente, Irene anotou.

Quando o leve queixume de um celular saiu de sua bolsa, seu rosto sofreu uma contração de inquietude. Quem ligava era quase sempre Thomas — ele lhe dera o telefone para poder entrar em contato com ela com facilidade, agora que o trimestre letivo da primavera tinha terminado e ela estava escrevendo, além de mim, duas Comuns.

— Alô? — atendeu ela, apreensiva, mas um simulacro radioso de animação já encobria o seu hesitar, culminando agora com a expressão “Oitudobem?”. Um disco de saudação alegre.

— Oitudobem? — Era Thomas.

— Tudo — respondeu Irene. — Estamos só... estamos chegando perto de Rockford? Estamos bem perto.

Então ela ficou em silêncio, como em geral acontecia quando falava com Thomas. Ouvindo.

Uma das novas Comuns de Irene calhava de ser Pluto.

— Tenho três palavras para você sobre Pluto — disse-lhe Thomas numa de nossas muitas visitas recentes ao escritório dele. — Dickens. Dickens. Dickens.

— Você quer dizer... vítima das circunstâncias — sugeriu Irene.

— Exatamente.

— Vivendo abaixo do...

— Você entendeu.

— Então a sorte dele vai melhorar. Tem que melhorar.

— É isso aí — disse Thomas.

Irene começava a me assustar.

Ela não falava comigo sobre Pluto — argumentou que falar era quebrar a confiança dele —, mas Pluto e eu não cansávamos de fofocar sobre Irene: será que ela era tão certinha quanto parecia ou escondia alguma excentricidade? Será que seu marido era mesmo um gênio ou só um fracassado? De que cor eram os azulejos do seu banheiro? E por que ela andava tão quieta ultimamente? Será que nós tínhamos começado a aborrecê-la?

Irene fechou o telefone e sentou-se em silêncio. O contato com Thomas a deixou desorientada, como se ela tivesse sido empurrada por uma multidão.

— Ele ainda quer vir — disse afinal.

— Por quê? — objetei. — O que ele vai fazer, me levar para conhecer a minha cidade, que ele nunca viu na vida?

— Não posso imaginar — retrucou ela, num tom de assombro que Thomas sempre induzia em Irene. — Ele não para de falar em câmeras.

Ela se apoiou nas mãos e fechou os olhos. Eu tinha pensado que, após a nossa

briga e a nossa reconciliação, Irene e eu ficaríamos mais próximas, como irmãs. Não ficamos. Algo tinha mudado ou caído ou falhado entre nós, e viramos, em vez disso, profissionais. Colegas funcionárias da In/Comum.com — camaradas, sim, mas não amigas. Nosso próprio emprego parecia nos isolar uma da outra de um jeito que me fazia lembrar dos meus dias de profissional da beleza, quando eu andava muito em dívida para com os ricos proprietários que tornavam a minha vida possível para me dar ao luxo de dever lealdade a outra pessoa tão em dívida quanto eu.

Saí da autoestrada na East State Street, o tentáculo de nove quilômetros que Rockford estendera ao longo de muitos anos para saudá-la.

— *Voilà!* — disse eu a Irene. — Banquete para os olhos.

Mesmo quando criança, viajar para casa com minha mãe e Grace após um sábado em Chicago, vestidos novos e Frango Mints da Marshall Field's bem embrulhadinhos na mala do carro, o almoço no Walnut Room ainda vivo em nossas mentes — mesmo então, quando a viagem entre Rockford e Chicago abrangia toda a trajetória do meu mundo conhecido, chegar aos confins da State Street, naquela altura praticamente rural, trazia-me não a vibração da minha casa, mas um zumbido monótono na cabeça. Mesmo então, eu vivenciava o meu regresso a Rockford como uma submersão, uma privação do oxigênio da vida. E a cada regresso subsequente tinha havido uma depressão, uma invasão de desolação quando eu me lembrava de onde eu tinha vindo e enfrentava aquilo de novo.

Exceto agora. Hoje, uma alegria boba palpitava em meu coração quando passei pelo Hotel Clocktower com o seu “Museu do Tempo”, pela placa de “Bem-vindo a Rockford”, pelo Courtyard Inn, o Holiday Inn, o Bombay Bicycle Club, o Burger King, o Country Kitchen, o Red Roof Inn, o Gerry's Pizza, o Mobil, o Century 21, a Merrill Lynch, o Lowe's Gardening e o Home Depot. Orgulhei-me de Rockford por entrar em cena na hora certa e fazer o seu papel com tamanha convicção. Eu tinha dito a Irene que a cidade estaria destruída, inchada, vazia, e agora Rockford nos cumulava com uma paisagem essencialmente americana medonha, o tipo de vista que deixava os europeus lívidos: prédios baixos sem janela do tamanho de hangares; um enxame de letreiros vulgares; quilômetros de estacionamento lotados de carrões americanos refletindo raios de luz de para-

lamas e capôs. Era uma terra sem gente, salvo por alguns humanos do tamanho de insetos salpicados entre os estacionamento como modelos de uma maquete arquitetônica, humanos reduzidos à quase inexistência por prédios pantagruélicos e o céu gigantesco do Meio-Oeste, azul-claro, pontilhado de tufo de nuvens, vasto e dominante como os céus na África.

Afinal, a caneta de Irene se mexia. Pool-o-rama, Tumbleweed, Stash O'Neill's, Happy Wok... Eu estava orgulhosa! Orgulhosa da minha cidade natal! De seus restaurantes étnicos piegas, de sua obliteração meticulosa do mundo natural. Do sentimento vertiginoso de que poderíamos estar em qualquer lugar nos Estados Unidos e encontrar essas mesmas franquias nessa mesma ordem. Do apagamento meticuloso de Rockford de qualquer rastro de individualidade, de singularidade!

Reservei quartos para nós na Casa da Suécia, mais perto do rio na East State, o hotel de beira de estrada preferido entre os meus parentes que visitam a cidade. Depois que Irene e eu nos registramos, olhei pela janela do meu quarto de solteiro para a falsa fachada alpina da Casa da Suécia, suas bandeirinhas com brasões genéricos. Aspirei odores de carpete e desinfetante e cigarros velhos e me preparei para a sensação familiar de sepultamento. O baque de Rockford. Ela sentia a possibilidade como uma proverbial desgraça esperando para chegar, e isso botava lenha na fogueira já fumegante de sua inquietude enquanto ela andava de um lado para outro no quarto como um bicho enjaulado... Ah, cala a boca, pensei.

Bati à porta de Irene, que era ao lado da minha. Ela estava sentada na cama com a mala por abrir, sem fazer absolutamente nada.

— Você está bem? — perguntei.

— Ótima — respondeu ela com um olhar vazio.

— Está a fim de dar uma caminhada?

— Claro.

— Na verdade — falei —, as pessoas aqui não caminham muito. Mas podemos tentar.

Era um dia enevoadado, úmido. O ar recendia a óleo de motor. Deixamos a Casa da Suécia e caminhamos ao longo de várias pistas de tráfego na direção da Alpine Road.

— Aqui é o centro da cidade? — indagou Irene, abrindo o caderno.

— Não, não — retruquei. — Isso é do outro lado do rio. Mas ninguém mais vai lá.

— Então... existe um centro?

— Não exatamente — disse eu, e ela tomou nota.

O Aunt Mary's, o meu restaurante e padaria preferidos em Rockford, sofrera uma plástica facial decepcionante desde a minha última visita, os reservados grandes e bambos substituídos por mesas de tampo de vidro destacadas por esguias garrafas de azeite. Depois que pedimos, Irene sorriu para mim e quis saber:

— Então, como é estar de volta?

Esse tipo de diálogo tinha se tornado tão rotineiro entre nós que mal notei sua apresentação simpática. Ele ficou registrado apenas como “O que você tem?”. E agora a lepidopterologista a quem eu subcontratara o serviço de preservar os meus pensamentos e lembranças para serem entregues a Irene apareceu com as amostras impecavelmente embalsamadas, as asas iridescentes presas com alfinetes em veludo: chegar de carro em Rockford quando criança. Ver a geometria perfeita dos milharais. O Walnut Room, os Frango Mints. O baque de Rockford. Agora eu me lembrava com frequência de coisas (eu estava sendo paga para lembrar). Eu garimpava, cavoucava, pescava, lançava uma rede para as lembranças. Pilhava meus próprios pensamentos com tanta temeridade quanto qualquer barão do petróleo ao fazer suas perfurações em paisagens imaculadas, convencido de que sempre haveria mais. E na hora de falar essas lembranças em voz alta, eu as renegava. Elas me soavam falsas — inventadas, exageradas. Lembravam propaganda.

Irene anotava.

Seu celular tocou, provocando o espasmo costumeiro de pavor em seu rosto.

— Alô? — atendeu ela, e vi na mesma hora que quem ligava não era Thomas, mas seu marido. — Oi, amor — falou, a frase um feixe terno de tristeza e preocupação embalado dentro de algo misterioso, algo que trazia à mente quartos quentinhos com as cortinas fechadas. Intimidade, achei.

Saí da mesa para eles poderem falar em paz. Quando chegamos ali, eu tinha visto um homem que me parecia familiar. Passei perto dele de novo. Estava sentado sozinho, duas canecas de café e vários copos vazios disputando espaço na

mesa com um livro aberto e um bloco amarelo, em que escrevia furiosamente. Era Moose. Estava mais ou menos igual — ainda bonito, embora mais pesado. Mais velho, claro. Desviei para a mesa dele me preparando para cumprimentá-lo, para me reapresentar toda sorridente, mas, mesmo enquanto me aproximava, senti tremores de apreensão. Moose parecia alterado. Numa tarde de quinta-feira, na quadragésima década da vida, ele estava sozinho no Aunt Mary's, com uma roupa toda amassada, escrevendo numa espécie de frenesi. E emanações da história que eu tinha ouvido sobre ele, qualquer que fosse, começaram a voltar. Algum episódio de violência bizarro.

Àquela altura, eu estava de pé ao lado da mesa dele. Moose levantou a cabeça e me olhou amedrontado. Eu havia dormido com ele, claro, mas não tive nenhuma recordação disso — o que me lembrei foi da minha primeira visão de Moose no gramado da frente da minha casa, num sol baixo, lançando a cabeça do nosso sprinkler para o alto na palma da mão com um ar intrigado. Examinei seus olhos castanhos à procura de algum vínculo com aquele garoto majestoso e confiante. Nada. E eu, claro, estava irreconhecível. Ficamos nos olhando, dois estranhos.

— Me desculpe — gaguejei, e me afastei.

Voltando à mesa, sentei-me, com a respiração trêmula.

— Era Moose — contei a Irene. — O irmão da Ellen Metcalf. Aconteceu alguma coisa com ele.

Irene virou para olhar, anotando. Me recompus e usei o telefone dela para ligar para Grace, por quem eu soube, para meu espanto, que a má vontade com que Frank nos deixara fotografar sua casa tinha se transformado inexplicavelmente num convite para jantar. Esse rasgo de hospitalidade eu só podia atribuir ao poder do *New York Post*, que Irene e eu havíamos preferido invocar a tentar explicar o que estávamos de fato fazendo ali. Na verdade, tínhamos ressuscitado o mesmo falso pretexto usado originalmente por ela para me enganar: uma história sobre uma modelo com um rosto danificado. Sua origem, seus sentimentos, suas lutas para se adaptar. E foi só agora, no Aunt Mary's, quando Irene e eu chegávamos aos detalhes finais dessa mentira (“Tá bom, vamos dizer que eu liguei para a sua agência.” “Vamos dizer que é uma história sobre identidade.”), que me dei conta do fato de que não era mentira — a história existia, sim, Irene a estava escrevendo.

Até se falava em publicar em capítulos nos jornais!

— Sabe, acho que talvez você seja clarividente — falei, olhando Irene realmente espantada. Ela sorriu, desviando a vista. — Estou falando sério. Você já fez isso antes, inventou uma coisa e aí ela aconteceu?

— Nossa, vamos esperar que não — retrucou ela, olhando pela janela.

A luz incidia em seu rosto vindo de um lado, criando sombras profundas. E quando ela pôs o cabelo para trás das orelhas, entrevi uma mudança catastrófica em sua sombra: uma degeneração da sílfide dançante de meses atrás, quando nos conhecemos, para uma presença frouxa, triste — resignada a alguma infelicidade profunda. Essa aparição me chocou tanto que pousei o copo e me forcei a olhar de novo. Não, viu? Sumiu, eu disse a mim mesma. Eu olhava fixo.

Irene virou a cara.

— Bate na madeira, Charlotte — disse.

★ ★ ★

A casa nova da minha irmã, que eu só tinha visto em fotografias, fazia parte de um loteamento novíssimo conhecido como Floresta Branca.

— A leste da autoestrada? — exclamei quando ela me disse onde era. — Você está quase em Beloit!

Mas a leste da autoestrada era onde as pessoas construía atualmente, informou-me Grace, agora que os antigos fazendeiros estavam morrendo e seus filhos estavam vendendo as fazendas para empreendedores imobiliários a fim de evitar os impostos. Um aviso piscante no meio dos milharais nos alertou para uma estrada recém-pavimentada, que seguimos para entrar num oásis em forma de ferradura de colinas verdejantes cujo gramado viçoso contrastava com a brancura escaldante de talvez duas dúzias de casas coloniais. Ainda não havia árvores na Floresta Branca, mas uma legião de mudas cuja altura não passava da minha cintura se acanhava debaixo de um açoite de vento que as fustigava, vindo da planície ao redor. Embicamos num acesso sinuoso à procura do endereço de minha irmã.

Meu cunhado apareceu primeiro, a pança vindo na frente com a insistência

pesada de um rosto. Na minha cabeça, Frank Jones personificava certa crueza física: mãos como pás, cara de meia carcaça bovina, um fosso onde devia ficar o umbigo, de modo que eu sempre me espantava ao ver a delicadeza quase adolescente de suas feições. Ele era um telhador, ou um telhador e empresário que agora administrava várias franquias de execução de telhados ganhando duzentos mil por ano, segundo Grace.

— E aí, Charlotte — disse, sem se dar o trabalho de me cumprimentar com um beijo, o que agradeci.

Apresentou-se a Irene, que o saudou com aquela sua nova animação inescrutável. Senti que Frank gostaria de Irene. Ela não tinha estilo suficiente para ofendê-lo.

Grace e as crianças saíram da casa aos tropeços. Pammy e Allison me apertando nos braços sem sequer me olhar, hesitando em ver esta reconfiguração de sua glamourosa tia Charlotte; Jeremy, o mais novo, que eu nunca tinha visto pessoalmente, se afastando e grudando como uma craca no peito do pai. O vento nos atacava rugindo, arrancando a conversa de nossas bocas, alvoroçando os nossos cabelos enquanto lutávamos para entrar na casa.

— O vento está um terror — desculpou-se Frank para Irene —, mas quando ganharem certa altura, essas árvores vão servir como anteparo.

Na casa, Grace me puxou para a lavanderia e olhou o meu rosto, entusiasmada.

— Quase não dá para acreditar como o seu rosto melhorou! — exclamou, segurando as minhas mãos. Minha irmã caçula era uma das poucas pessoas que eu conhecia com uma capacidade genuína de dar um sorriso radiante, e ela me deu um agora, vestida com aquele jeans e aquele suéter de moletom com uma estampa branca que dizia “Sexy Moms”. A aliança de casamento pendia frouxa em sua magra mão avermelhada. — Parece que não aconteceu nada com você — disse. — Deve ter sido aquela segunda operação.

— Ah, Grace. Você acha? — perguntei, rechaçando o bando de respostas ácidas que eu sentia batendo as asas no meu crânio: *Diga isso para todo mundo que era meu amigo* ou *Acho que é por isso que as suas filhas não conseguem me encarar*.

Em vez disso, simplesmente a abracei, com muita força, aí demos uma

trombada e Grace riu. Esse meu abraço foi efusivo demais, canhestro, prolongado (como se termina um abraço? Quem deu início ao fim dele?) porque eu estava muito grata a Grace por me achar com o mesmo rosto apenas puramente porque me amava.

Frank e as meninas estavam levando Irene para conhecer a casa nova. Uma cozinha enfeitada de aparelhos novinhos em folha, uma sala de estar impecável. Irene levava pendurada no pescoço a Nikon que Thomas Keene nos emprestara, tendo seguido o meu conselho de que devia fazer imediatamente as fotos de que precisava, para o caso de Frank e eu explodirmos e nós sermos banidas da casa dele. Minha história com o meu cunhado era uma paisagem desolada de inimizade pontuada de momentos ocasionais de horror: a vez em que o derrubei sem querer do deque da sua lancha no Michigan Lake; a vez em que ele descobriu que eu tinha dormido com o padrinho na véspera do seu casamento com Grace; a vez em que me chamou de piranha no clube — aos berros, depois de várias doses de Canadian Clubs —, provocando uma discussão palavrosa, cujo horror, na minha lembrança, não vinha do constrangimento público que causamos, de nossa expulsão enérgica do clube nem do fato de termos feito minha irmã chorar e minhas sobrinhas se encolherem embaixo da mesa, mas do bloqueio verbal que me acometera naquela situação crucial. “Seu...”, eu comecei, e longos minutos pareceram decorrer antes que eu soltasse “estúpido!” com um esforço monstruoso, a garganta bloqueada pelo volume das verdades que eu desejava soltar. “Seu bobo!” “Seu b-b-b...” Passaram-se horas, mudaram as estações, filhos cresceram e tiveram os seus próprios filhos. “... bocó!”

Mesmo após a nossa expulsão do clube, persisti em meus desvarios angustiados enquanto Frank empurrava sua família pesarosa para dentro do carro, convencida de que, se pudesse ao menos afrouxar essa constrição momentânea, eu daria voz à minha repugnância por ele, suas texturas e filigranas e *chiaroscuro*, mas, àquela altura, tinha perdido completamente o poder de formar palavras. “Seu calhahano! Seu macanhano!”, eu gritava, mirando esse monte de asneiras numa janela de carro salpicada de perdigotos dos meus esforços, Frank sacudindo a cabeça atrás dela enquanto ia embora com a família, com Grace e as meninas, deixando-me sozinha no estacionamento com um encarregado adolescente em pânico.

No verão seguinte, já não sendo bem-vinda na casa de minha irmã, convenci-a a levar as meninas a Nova York. Passamos o fim de semana no que elas três perceberam como um transe de decadência, dormindo até as dez, pedindo pilhas de panquecas no Delphi, o restaurante grego, patinando ao som da *house music* no Central Park na companhia fascinante de alguns negros muito atraentes. No domingo à noite, Grace ligou para Frank para dizer que estenderia a visita por mais dois dias. Levei as meninas a uma sessão de fotografia, onde elas enrolaram o cabelo com os meus bobes elétricos e se serviram dos meus vários batons. Deixei-as comer pipoca na minha cama enquanto assistiam à MTV. Não precisei oferecer um segundo adiantamento. Allison e Pammy fizeram isso por mim. Porfavorporfavorporfavor — choramingavam, e, dessa vez, as objeções de Frank eram audíveis no quarto inteiro. Mas Frank havia perdido o poder. Elas eram minhas, pensei com avidez, eu tinha vencido, arranquei-as das pás das suas mãos, e aquela noite usamos uma extensão para levar o liquidificador escondido até a minha varanda — margaritas geladas, sem álcool para as meninas —, dançamos no meu sofá ao som dos Jackson Five, e afinal as meninas adormeceram assistindo a *Assassinato por morte* na minha cama. Dormi entre as duas, um sono drogado que o cheiro entorpecente do cabelo e da pele delas tornava mais pesado, um sono tão emaranhado que eu nem sequer ouvi o telefone. Foi Pammy que atendeu quando o porteiro ligou pouco depois do amanhecer para anunciar que Frank estava lá embaixo (depois de ter passado a noite toda dirigindo). Allison me sacudiu para me acordar com aqueles lindos olhos apavorados — *ah não, ah não. Papai está aqui*, e mal tive tempo de enfiar o meu quimono de seda e acender um Merit antes que o dedo gordo dele estivesse esmagando a minha campainha. Admiti-o sem uma palavra. Frank deu um show, atirando chaveiros do prédio da Chrysler e canecas da Estátua da Liberdade nas malas, Grace parada ao lado dele, ora se culpando consternada, ora morrendo de rir. Sentei na minha varanda e fumei num estado de profunda calma. Mal ouvi a comoção deles, tão sintonizada estava no silêncio que eles deixariam para trás.

Allison tinha agora quatorze anos, cabelos compridos cor de âmbar, uma pele sardenta que envelheceria pessimamente, coitada, mas que no momento possuía o viço da juventude. Seios pequenos realçados pelo que parecia ser um sutiã com

um pouco de enchimento, olhos verde-claros e uma risada convulsiva. A face felina de Leonardo DiCaprio franzia os olhos das paredes do seu quarto, e, do armário, ela tirou um vestido que usaria num baile da escola na semana seguinte: um tubinho sem manga listrado de preto e lilás.

Pammy, dois anos mais nova, ainda tinha as mãos em forma de estrela e o cabelo de cuia de uma garotinha. Olhou com cautela para o vestido sabendo instintivamente que ele anunciava o descaso com ela. Lembrei-me de quão fora de si Grace tinha ficado da primeira vez que a excluí por causa de alguma ideia que eu tinha de uma vida mais adulta, quão apavorada tinha ficado de enfrentar o mundo sem a minha proteção. E eu não sentira compaixão nenhuma — apenas impaciência, ressentimento só de pensar que eu não fazia o que queria por causa dela, de qualquer pessoa. Chega. “E o filme?”, pedia ela. “O filme que nos mete medo?” Por fim, cansada da pergunta, eu lhe disse (a lepidopterologista propôs, clorofórmio em punho, com aquele seu sorriso de exterminador): “Você *não* está mais no filme. A plateia gostou mais de mim.”

— Aqui! — gritou Frank para Irene na sala ao lado acima dos cliques da Nikon. — Se sair nessa varanda, você pode pegar a sala inteira. — E: — Espera, vamos mudar esse vaso de lugar... Epa, espera, a almofada está torta!

Passei o braço ao redor da pequena Pammy, e ela me abraçou.

— Que tal se eu aparasse o seu cabelo? — murmurei em seu ouvido. — Se eu fizesse um corte igual ao meu?

Ela olhou para mim, olhos solenes de passarinho piscando, e assentiu com um gesto de cabeça.

★ ★ ★

Às sete, fomos atravessando o corredor polonês do vento para chegar ao nosso carro. As meninas foram com Irene e comigo, janelas abertas. O vento revolvía um cheiro úmido, almiscarado, dos campos em volta do Floresta Branca, o cheiro do início de verão, como eu sempre me lembraria. Seguindo para norte na Squaw Prairie Road, passamos por celeiros dilapidados, um aprisco cheio de ovelhas cujas caras pretas aveludadas eu realmente pude ver.

— Sabe — disse Irene —, isso é mesmo muito bonito.

Eu andara pensando a mesma coisa. Mas falei:

— Não se empolgue.

Uma para a cesta do pedágio.

O Giovanni, o meu restaurante preferido em Rockford, era um colosso sem janelas com um estacionamento espaçoso que as meninas e eu atravessamos de braço dado para o flash da Nikon de Irene. No interior, um saguão acarpetado dava, de um lado, para um piano-bar, e, do outro, para vários salões de jantar: mesas do tamanho de pequenas pistas de dança rodeadas de comensais estufados que davam credibilidade instantânea à estatística sobre a obesidade do país. Vi assombro no semblante de Irene quando ela estava de pé no saguão, segurando o seu caderno.

— Parece outro país — comentou.

Mas outro país era precisamente o que aquilo não era, eu fugira para outros países para escapar do gigantismo desses salões de jantar. No entanto, cada agressão aos olhos, filtrada por Irene, agora emergia como um triunfo da qualidade pitoresca. Está vendo?, eu pensava, enquanto observava o meu cunhado falando com a recepcionista, balançando na planta dos pés. *Está vendo?* Frank Jones era o avatar da autenticidade — era uma pessoa comum! Senti algo perigosamente próximo da admiração.

À mesa, a garçonete de avental anotou os nossos pedidos de bebidas: destilado, Coca para as crianças, vinho branco para Irene, um equívoco que os visitantes de primeira viagem a Rockford às vezes cometiam. Quando a bebida alcoólica chegou, Frank ergueu o copo:

— A Charlotte. Pela coragem em face da adversidade — disse, e meus olhos marejaram.

Não porque um tributo da minha nêmesis significasse alguma coisa para mim, não porque eu sempre tivesse buscado a opinião de Frank, nem mesmo porque eu me julgasse corajosa e quisesse a minha coragem reconhecida. Porque entendi que, com o meu rosto novo, eu já não era uma ameaça para ele.

— Charlotte e eu tivemos as nossas desavenças nestes anos todos — contou ele a Irene.

— Desavenças em relação a quê? — perguntou ela, com uma interpretação de ignorância campeã.

Frank e eu trocamos olhares, flagrados juntos em uma rede de timidez.

— Só à sua antipatia básica, acho eu, você não diria? — perguntou-me ele, hesitante.

— Acho que é isso mesmo — concordei.

— Não me lembro de um começo. — Ele chocalhou o gelo no copo. — Simplesmente parecia que sempre existiu.

— Eu não fui com a sua cara de início — admiti com amabilidade.

Como puxadores de bala, trabalhamos o nosso tópico até ele adquirir textura e resistência.

— Ela me empurrou de uma lancha — contou ele a Irene. — No Michigan Lake durante um alerta de tempestade.

— Isso foi um...

— Sim, sim — disse ele, acenando para a garçonete trazer outro Canadian Club. — Como aqueles sujeitos encontrados com sapatos de cimento são afogamentos acidentais.

— O que aconteceu foi — expliquei em voz alta: — Me virei de repente...

— Segurando uma bandeja! — interrompeu Grace.

— Exatamente. Segurando uma bandeja de sanduíches, e bati nele *sem querer*...

— Na barriga. Com a bandeja. Comida na minha camisa toda.

— E por alguma...

— Pastrami nos pés.

— ...por alguma razão, que talvez tenha a ver com as doze ou treze Michelobs que ele tinha bebido aquela tarde...

— Pode parar...

— O equilíbrio dele estava um pouquinho prejudicado — continuei —, e ele deu uma cambalhota para dentro do lago. De cabeça para baixo.

Um silêncio vivo enquanto todo mundo esperava.

— Com pastrami e tudo — não resisti a acrescentar.

Os olhos de Grace saltavam do marido para mim, temendo que déssemos nossas próprias cambalhotas desse precipício de retrospectção e caíssemos no furor

do conflito em si. E ao reconhecer o temor dela, vi que tal recaída era inconcebível. Em menos de duas horas, Frank e a minha inimizade haviam perdido a força e se tornado pueris, anedóticos. Dividimos uma responsabilidade com nossa plateia, cuja mera presença tinha transmutado quinze anos de antipatia no espírito animado de colaboradores. Como o restaurante, como Frank, como Rockford inteira, eu também ficara pitoresca.

— Os fogos de artifício de verdade. Ei, não vá embora já — exclamou Frank quando me levantei da cadeira —, estamos no clube. Ouça isso...

Mas pedi licença, em parte para escapar de uma reprise do meu trágico desempenho verbal, e também por outra razão: apesar das alegrias da reconciliação, da bonomia aconchegante, apesar desses doces prazeres, algo estava errado. Senti um estremecimento de desconforto, uma agitação profunda na barriga. Sentei no vaso, escutando o tinido prolongado de velhas senhoras mijando à minha volta, e me perguntei o que poderia ser.

Ansiosa. Eu nunca estivera tão ansiosa na vida.

Saindo do banheiro, desviei de um grupo que aguardava uma mesa, a maioria corcunda e de cabelos prateados — tal era a demografia de Rockford. Quando um homem de terno disse o meu nome, levantei a cabeça com a maior relutância, preparando-me para o espectro de quarenta anos de algum garoto que eu tinha perseguido (careca, várias centenas de filhos). Era Anthony Halliday. De terno. A justaposição do detetive, assim trajado, a Rockford, Illinois, foi algo que não consegui conciliar a princípio. Durante um minuto inteiro, ao que pareceu, fiquei muda, então finalmente soltei, num momento de extremo fracasso criativo:

— O que você está fazendo aqui?

— Trabalhando — disse ele, os olhos passeando pelo meu rosto.

— Não me faça fingir que acredito em você.

— E eu queria te ver — acrescentou ele.

Eu não falava com ele desde o dia que soubera de seu jogo duplo com Irene. Ele estava me usando para chegar a Z, eu tinha entendido. Isso e mais nada. Era um mistério o porquê de eu me importar — em geral eu era completamente a favor do uso mútuo —, mas não conseguia perdoá-lo. Sempre que Halliday ligava nas semanas subsequentes (e foi extraordinário quanto tempo ele aguentou, quão

desesperado conseguia parecer no final), eu desligava o telefone no instante em que ouvia a sua voz.

— Mas... como sabia que eu estaria aqui? — perguntei, mesmo enquanto o termo “indignação crescente” surgia na minha mente (“Sou detetive”, lembrou-me ele), um estado de indignação crescente a fez retrucar com uma indiferença devastadora. “Não quero ver você. Em lugar nenhum”, e se virou, “Não podemos apenas?”, disse ele, girou nos calcanhares, “Eu não posso apenas...” carpete fofo sob os meus pés quando ela voltou para mesa andando com raiva, bufando, enquadrando-o e não aceitando nenhum desaforo daquele babaca hipócrita moralizador, mas estranhamente, àquela altura, a minha parte zangada pareceu se desprender do resto, andando com raiva e bufando de forma pitoresca, e voltei para a mesa desejando ter ficado para falar com Halliday.

E cá estava o problema, cá estava a preocupação correndo como camundongos por trás desses painéis pintados com cores vivas de qualidades pitorescas. Eu estava me desfazendo, camada por camada. Estava me despedaçando. Ela estava se desfazendo... Minha cabeça zumbindo com uma confusão de barulhos ocos, ruído branco, lixo espacial, um lixão de pensamento ruidoso que me fez desejar em vez disso um encantador silêncio petalado.

— E voltamos de Winsconsin? — Jeremy contava de novo para a mesa em sua voz ofegante, nervosa. — E entramos em casa? E a Ally disse: ei, cadê a Saucy...

Eu estava me coçando para contar a Irene sobre Halliday, queria lhe dar uma sacudida. Foi com muita dificuldade que consegui não interromper, tão acostumada eu tinha ficado a lhe entregar as minhas experiências de maneira inconsequente, indiferente, neurótica (eu queria que ela anotasse).

— Então corremos para o quarto da Pammy? E a Saucy estava bem na gaveta de meias dela? E estava tendo gatinhos? E a gente viu eles saírem!

— Como eles eram? — perguntou Irene.

Estranhamente, estava anotando.

— Umas bolinhas — disse Pammy.

— Pensei que eles estivessem mortos — confessou Grace.

— Queria que tivessem morrido alguns — falou Frank. — Agora estamos completamente infestados de...

— Papai!!! — gritaram as três crianças.

Mas não, decidi, quando o alvoroço acalmou. Não havia por que contar a Irene que eu tinha visto Halliday.

Nossas saladas chegaram numa bandeja do tamanho de um rinque. Enquanto a garçonete distribuía as tigelas de cristal, Irene saiu do seu lugar para fazer um par de fotos da família jantando. Quando focalizou a câmera, olhei para o seu caderno aberto, destrinchando a sua letra para ver o que ela poderia ter encontrado para escrever sobre Saucy, a gata. *Perdida*, li, *tristeza intensa e profunda*. Mais embaixo na página, vi *fantasia de afogamento*.

— Todo mundo sorrindo — disse Irene, e sorri, olhei para os olhos de desespero dela e sorri.

— Conta de Nova York, tia C. — exigiu Allison quando começamos a comer.
— Conta sobre as coisas que você já fez.

— Nossa — exclamei, passando em revista rapidamente os meses desde o meu regresso: os flertes não correspondidos, tentativas de suicídio frustradas e incursões desconcertantes ao mundo das RP. No fim, escolhi a cesta do pedágio, jogando mais trinta centavos. — Beber — disse eu. — E fumar demais.

As meninas jogaram a cabeça para trás — essa era a glamourosa tia Charlotte que elas adoravam.

— Lembra a vez que dormimos na sua cama, tia C.? — perguntou Pammy. — Quando fomos a Nova York?

— Claro que lembro — respondi. — Tem sido um grande vazio desde então.
Frank se mexeu ceticamente na cadeira.

Irene tomou nota. *Tia C.*, escrevia.

★ ★ ★

Uma maré quente de boa vontade nos levantou do restaurante e nos levou ao estacionamento, onde nos despedimos e prometemos nos falar no dia seguinte. Grilos cantavam nos campos. Irene voltou dirigindo o Grand-Am pela State Street

(minha visão noturna ainda péssima), cujos letreiros vulgares agora estavam iluminados por dentro. Após alguns comentários sobre como tudo tinha corrido bem, ficamos caladas, nossa camaradagem perdendo força, dissipando-se como sempre se dissipava na ausência de outras pessoas, substituída por um conhecimento mútuo que era profundo, mas não carinhoso. Eu queria falar sobre o que eu lera em seu caderno, entender o que havia de errado com ela — se a mesma coisa estava errada com nós duas. Mas a engenharia de tal intercâmbio verbal exigia habilidades conversacionais que eu simplesmente não possuía.

De volta à Casa da Suécia, examinei o estacionamento procurando um carro parado com o motor ligado. No saguão, verifiquei as cadeiras vazias. O ar estremecia com os gritos de crianças robustas dando saltos numa piscina coberta que era visível para lá de uma chapa de acrílico.

Sentadas juntas na colcha floral de Irene, consultamos nosso horário para o dia seguinte: *casa inf. C. 9h*, começava, e nos pusemos a detalhar um itinerário rigoroso dos locais do meu passado. Concordamos em nos encontrar às oito horas no saguão e ir de carro tomar café no Aunt Mary's.

Quando abri a porta do quarto, ela roçou num papel. “Estou lá fora”, dizia.

Sentei-me na minha própria colcha floral, liguei a tevê e fiquei trocando de canal. *Unsolved Mysteries*. Um chef que sumiu da churrascaria onde trabalhava; um close de um filé largado crepitando numa grelha. Após uns dez minutos, reduzi o volume a um ronronar, vesti o casaco e saí de fininho do quarto com a sensação empolgante de passar por uma fresta, desviando de cortinas pitorescas, deixando para trás um séquito que eu estava achando cada vez mais claustrofóbico: uma narradora ofegante fazendo careta para uma câmera no alto, uma lepidopterologista levando instrumentos de morte, e, claro, Irene. Alegrementemente, andei rapidinho por quilômetros no carpete que cheirava a umidade passando pelo halo azul e branco de uma máquina de refrigerante, descí um lance de escadas, saí por uma porta lateral e entrei no estacionamento.

Ele estava encostado num carro, braços cruzados. Embora eu estivesse zangada com Anthony Halliday, ele me parecia agora um salvador, o mentor intelectual inteligente da minha fuga.

— Você veio — disse ele, como se não conseguisse acreditar.

Não falamos. Eu estava tentando averiguar o que tinha mudado no detetive, além do fato de ele estar de terno. Definitivamente havia algo.

— Você foi testemunha num caso — começou ele com um cuidado exagerado. Era o início de um discurso. — Você não estava disposta a falar, então pedi a Irene para...

— Isso tudo eu sei — retruquei.

E cheguei mais perto de Halliday, não porque o achasse fisicamente atraente, não porque um carro estivesse atravessando o estacionamento e exigisse que eu saísse da frente; não porque parecesse a maneira mais elegante de aceitar o que se supunha ser um pedido de desculpas. Porque julguei ter sentido um bafo de álcool nele.

E quando já tinha chegado mais perto, constatei o que havia sentido.

— Você está bebendo — falei, incrédula.

Ele relaxou, agora que eu tinha percebido.

— Me desculpe por decepcioná-la.

— Decepcionar uma ova! — exclamei. — Esperei meses por isso.

Mas era pura mentira. Eu me sentia esmagada, sentia uma decepção esmagadora. Por ele.

Ele riu.

— Você me disse — falou ele, com a voz meio entrecortada — “Te vejo no caminho. Lá embaixo”.

— Eu estava blefando — expliquei. — E, de todo modo, você falou que me veria quando eu estivesse subindo.

— Estávamos certos — disse ele, e fez um trejeito com o corpo, um gesto de quem-é-que-vai-dizer-o-que-faz-o-mundo-girar que requer ou sobriedade no autor do gesto ou embriaguez em seu beneficiário para funcionar.

E Halliday estava certo, eu não estava bêbada. Eu quase não me embriagava mais. Era tecnicamente impossível a pessoa se entregar à bebida quando uma narradora ofegante arfava em seu ouvido: ela estava se entregando à bebida, tendo o manto do seu alcoolismo obscurecido todo o resto... Isso literalmente fazia a pessoa ficar sóbria.

Pelo jeito, alguma obscura lei automotiva exigia que todo carro alugado em

Rockford fosse um Grand-Am. O de Halliday era azul. Ele abriu a porta do carona para mim.

— Eu ficaria honrado — disse — se você se unisse a mim para uma saideira.

— Eu dirijo — falei.

A cega conduzindo o bêbado.

A saideira aparentemente seria vodca pura, a julgar pela garrafa fechada de Absolut que Halliday tinha no colo, ainda no saco da loja de bebidas. Quando segui pela State na direção do Rock River, senti-o esperando, contando os segundos até poder abrir a tampa. Parei no estacionamento em frente à ACM — o mesmo cujo telefone público usei para ligar pela primeira vez para Halliday quase um ano atrás. Faltava pouco para as dez horas, mas o parque da orla do rio ainda estava movimentado. As portas da ACM estavam abertas, vazando luz fluorescente e um fio de música de ginástica. Andando no passeio na direção norte, passamos por gente caminhando, sobretudo rapazes com a cabeça baixa, o suor escorrendo como estalactites de gelo em seus rostos. Halliday carregava discretamente o saco. Senti uma cumplicidade melancólica caminhar ao lado dele. A noite estava úmida mas fria, o céu cheio de nuvens grossas e uma claridade esquisita.

A alguma distância da ACM, instalamo-nos num banco perto da água. Halliday abriu a garrafa e tomou uma longa talagada voraz do tipo que eu só tinha visto em filmes, quando a bebida era na verdade água. A vodca se agitava, convulsionando no gargalo, ele gorgolejando três ou quatro vezes antes de terminar, arfando, fazendo careta, e me entregar a garrafa.

— Caramba — exclamei, quando ele limpou a boca na manga.

Dei um gole, depois segurei a garrafa no colo, mas ele a pegou de volta. Queria segurá-la.

— Por quê? — perguntei. — Por que agora?

— Eu senti. Chegando — disse ele, batendo queixo. — Fiz tudo o que pude. Para impedir isso.

Pousei os olhos na National Avenue do outro lado do rio, casas indistintas, lindas, com pequenos atracadouros avançando água adentro. Em uma, captei a movimentação de uma festa, uma aura de luz branca, trechos de música.

— Você estava num hospital — falei. — Em agosto passado.

Ele me olhou, espantado, depois tornou a erguer a garrafa. Era o tipo de alcoolismo que realmente não se podia vigiar.

— Por quê? — perguntei.

— O álcool... — ele arfava por causa dos seus esforços — provocou uma psicose.

— O que quer dizer...

— Anões cabeçudos. Saindo do meu vaso sanitário. Entre outras atrações.

Eu ri, ele bebeu.

— Então você se desintoxicou? — perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Mas elas ficaram com medo. De me ver.

— As suas filhas.

Ele olhava reto à frente, para o rio, embora eu duvidasse que, naquele estado, conseguisse vê-lo. Então as filhas dele estavam presentes, pensei, enquanto ele se exaltava com os anões, e eu me vi imaginando isso — quão apavorante deve ter sido.

— Não — falei, arrancando a garrafa da mão dele quando ele tentou levantá-la de novo. — Quero ouvir isso.

Ele foi em frente, narrando com um enorme esforço enquanto seções inteiras do seu cérebro começavam a se fechar — eu via isso acontecendo, como blocos de luz se apagando num arranha-céu.

— Sala da Hanna. Lá embaixo. Mesa, compur... nada. Pensei. Qual o segredo dele?

— Segredo de quem? — perguntei. — Do que você está falando? — E então percebi que ele devia estar se referindo a Z. Sempre Z. — O que faz você pensar que ele tinha um segredo?

— Eu pensei — disse ele, com grande esforço. — *Ele pode me ajudar.*

— Anthony — chamei. Ele tremia, se sacudia conforme o veneno entrava em sua corrente sanguínea. Pus o braço em volta dele e tentei segurá-lo. — Como ele pode ajudar? O que ele poderia dizer que pudesse fazer qualquer diferença?

Houve uma longa pausa. Senti Halliday lutando fisicamente contra alguma abstração espinhosa, tentando verbalizá-la.

— Me diga. Não. Beba. — falou afinal, num arquejo.

Por um momento as palavras pairaram ali, douradas, estranhas, e vi um espasmo de clareza nos olhos de Halliday.

— Viu? — retruquei, pegando a mão dele. — Você já sabe disso.

Mas o veneno o esvaziara, e ele esticou o braço para pegar a garrafa de novo. Soltei-a, mas a mão dele não a segurou e ela caiu na grama. Ele levantou com esforço e correu para o caminho.

— Eu. Pegar.

— Opaopaopa — disse eu, agarrando o seu braço e conduzindo-o de volta pelo passeio na direção da ACM.

Alguma vasta concentração o estabilizou à medida que caminhamos, como se ele estivesse carregando malas cheias de vidros venezianos. Mas no meio do caminho, ele se dobrou, segurando a barriga. Após mais ou menos um minuto, endireitou-se, arfando, depois dobrou-se de novo. Acenou para eu me afastar, cambaleando na direção do rio.

Deixei-o ir, observando a escuridão abraçá-lo, depois esperei, parada na pista de corrida, esperando a qualquer minuto ouvir um barulho na água. Silêncio. E então ouvi o vômito, um barulho sofrido, impotente com um toque de pânico, como se um animal feroz estivesse cravando as garras na pele dele. Então choro, soluços intercalados com gritos de dor. Afastei-me para os lados dos antigos trilhos de trem, aspirando o cheiro da grama e tentando acalmar o fio de medo pulando dentro de mim. Sentei-me ao lado dos trilhos e pus as mãos neles, imaginando o barulho do trem, suas vibrações distantes, a promessa daquela leve crepitação rítmica.

Após um longo tempo, desci a colina e encontrei Halliday deitado à beira do rio, inconsciente. Emanações de vodca e vômito pairavam no ar. Tive a ideia absurda de que o gramado naquela área não sobreviveria.

— Vamos — chamei-o, sacudindo seu ombro, mas ele estava desacordado.

Considereei deixá-lo ali, jogar as chaves do carro em seu bolso, chamar um táxi da ACM, vai ser bem-feito para ele acordar ao raiar do dia, tiritando no meio dos esportistas censurando seu comportamento. Mas, mesmo na hora em que tive essas ideias, eu o constrangia a se pôr de pé.

— De pé. De pé. Vamos. Vamos embora — agarrando suas mãos e puxando-o, arrastando-o, içando-o, tentando ficar de pé, com aqueles oitenta quilos, ou o raio do peso que ele tivesse.

Ele se largou no meu ombro, um sonâmbulo fedendo a vômito de vodca enquanto andávamos, minha coluna tremendo com o esforço de segurá-lo até que de alguma forma chegamos ao carro e eu o larguei no banco do carona. Entrei e abri todas as quatro janelas.

— Anthony — gritei acima do vento enquanto seguíamos na direção leste. — Em que hotel você está?

— Courtyard — respondeu ele obedientemente, olhos fechados.

Eu sabia onde era o Courtyard — tinha passado por ele hoje, entrando na cidade pela State. Halliday se encostou na porta, ou dormindo ou morto.

— Número do quarto — berrei assim que chegamos, mas ele estava apagado de novo, então entrei no estacionamento do Courtyard Inn e peguei a chave do bolso interno do paletó de Halliday, verificando se continha partículas de vômito antes de apresentá-la à recepção. Uma garota que precisava desesperadamente de uma dieta estava comendo Doritos e assistindo a Jay Leno. — Esqueci o número do meu quarto — cantei. — Halliday.

Ela conseguiu a impressionante façanha de procurar o número do quarto e me dizer como encontrá-lo sem comprometer nem uma vez a ligação entre seus olhos e o aparelho de tevê.

No carro, Halliday não tinha se mexido. Guiei até a área de estacionamento mais próxima ao quarto dele, arranquei-o do carro e conduzi-o por escadas externas até o segundo andar. Ele caminhou pesadamente, com tenacidade, sentindo que estava quase chegando. O quarto era grosso modo intercambiável com o meu: duas camas grandes, mala aberta em uma delas. Conduzi-o para o banheiro e abri o chuveiro, temperando a água para que não estivesse escaldante. Então saí, batendo a porta ao passar.

— Tome uma ducha e escove os dentes — instruí através da porta. — E beba água. Muita, muita água. Você pode fazer isso no chuveiro se quiser.

Por que me incomodar?, perguntei a mim mesma, enquanto falava. O que me interessava se ele se sentisse limpo quando acordasse?

Passou um bom tempo antes de eu ouvir qualquer prova de uma massa humana embaixo da torneira. Liguei a tevê e encontrei de novo o *Unsolved Mysteries* — uma adolescente que desapareceu enquanto passeava com o cachorro; close de um terrier aos pinotes arrastando a guia. Seus despojos, encontrados um ano mais tarde numa pedreira de calcário. Uma foto de anuário de colégio: sombra azul, sorriso de lado. Muito rímel.

Quando Halliday emergiu enrolado numa toalha, cheiro de sabonete e pasta de dente perfumando a fumaça do banheiro, eu tinha fechado os black-outs e puxado a cama. Ele tinha um aspecto maravilhoso para os meus olhos famintos de homem: torso magro, um vasto cabelo preto. Fiz o que pude para não olhar embasbacada. Ele foi para a cama sem uma palavra, puxando as cobertas até o pescoço.

— Tire a toalha — ordenei, mas ele não reagiu.

Tinha os olhos fechados.

Apaguei a luz, tornei a vestir a jaqueta e saí do quarto. Uma chuva fina começara a cair. Atravessei o estacionamento na direção da State Street, observando luzes berrantes faiscarem no céu. Lembrei-me de ter passado de carro por esse mesmo ponto mais cedo naquele mesmo dia e ter sentido orgulho. Lembrei-me da sensação, mas não conseguia encontrá-la. Nem imaginá-la. Eu estava sozinha no meio do nada — pior do que nada: o lugar que me criara. E agora a depressão, o baque de Rockford cuja chegada eu aguardava desde o momento em que Irene e eu entramos na cidade, me cobria com seu peso esmagador e sufocante.

— Você de novo — falei.

Minha velha amiga.

Não suporto ver você sozinha, dizia ela.

Tiritando, enfiei as mãos nos bolsos e uma delas bateu nas chaves do carro de Halliday. Eu tinha me esquecido de deixá-las. Uma descoberta animadora. Eu poderia ir no Grand-Am dele até a Casa da Suécia e devolvê-lo de manhã. Mas eu não queria ir à Casa da Suécia. E a mão indo mais fundo revelou que a chave do seu quarto, também, ainda estava em meu poder; voltei correndo, atraída pelo impulso de calor que eu imaginava irradiando do corpo adormecido de Halliday.

Eu não me deitava na cama com um homem havia muito tempo: até um comatoso seria um luxo.

O quarto, claro, estava exatamente do jeito que eu tinha deixado. Tomei um banho e enxuguei o rosto, desejando que a toalha fosse mais macia porque meus ossos doíam, ossos unidos por parafusos. A chuva os fazia doer, eu tinha certeza. Desejei ter levado a minha loção especial, eu sabia que a marca do hotel barato pinicaria. Sem maquiagem, havia algo muito exposto no meu rosto, parecia trincado, embora as falhas estivessem escondidas dentro da minha boca, por baixo da nascente do meu cabelo. Esse rosto novo revelava muito. Era com isso, e não a ausência de beleza (embora talvez as duas coisas estivessem relacionadas), que eu nunca me acostumaria. Mesmo assim, se eu fosse embora antes que Halliday acordasse, ele nunca veria meu rosto. Fui nua até a mala dele e encontrei uma camiseta e uma cueca samba-canção, a exaustão mais deliciosa batendo dentro de mim enquanto eu as vestia. Apaguei a luz e me deitei ao lado dele, a barriga encostada nas costas dele. Depois de um ou dois minutos, tirei a camiseta. Já não era mais com frequência que eu sentia o contato de pele com pele, e não ia desperdiçar uma chance.

Alguma hora antes de amanhecer, Halliday deu uma longa mijada no banheiro. Água, notei vagamente, ele bebeu a água. Fingi estar ferrada no sono quando ele voltou, duvidando do entusiasmo dele quanto à minha presença não solicitada em sua cama de bêbado, mas então, calculando que ele havia dispensado a toalha, arregalei os olhos para dar uma espiada. O quarto estava muito escuro. Quando ele se deitou e estava respirando regularmente de novo, tirei a cueca. Eu não dormia nua com um homem desde aquela única noite depois que voltei a Nova York. Paul Shepherd. Seu nome me passou pela cabeça, um nome sem rosto. Paul Shepherd de Hong Kong.

Acordei depois de passados o que poderiam ser dez ou sessenta minutos. Halliday estava de frente para mim, ferrado no sono, a toalha inquestionavelmente uma coisa do passado porque eu sentia a ereção dele na perna. Essa era uma sensação de fato gostosa, e, por um instante, limitei-me a ficar ali deitada, usufruindo da minha boa sorte, até que se instalou certa agitação, um desejo de transformar essa boa sorte numa sorte melhor ainda.

— Anthony — chamei, mas ele não se mexeu. Puxei um cabelo da cabeça dele e ele murmurou, se moveu.

Toquei nele, segurei-o na mão, ao que ele suspirou e se contraiu, movimentando o corpo contra o meu — só estou aproveitando o que está na minha frente, eu disse a mim mesma, seria louca se não o fizesse. A questão era como fazer sem acordá-lo. Tecnicamente, eu supunha ser contra a lei fazer sexo com uma pessoa dormindo, portanto acordá-lo para insistir em que ele usasse camisinha parecia um passo pobre em termos estratégicos. Mas tudo bem, decidi, valia a pena para mim (tal era o meu desespero), eu estava em período pré-menstrual, não teria problema, ele já tinha sido casado, portanto provavelmente não tinha aids. Comecei formulando desculpas para o caso de ele acordar e se ver numa posição comprometedora, como dizem, tal como: *eu não sabia que você estava dormindo! Você falou, Charlotte, vamos fazer amor*, ou melhor ainda, *Nossa, eu também estava dormindo, você quer dizer que a gente...?* ou ei, por que não isso?: *Nada aconteceu, você sonhou tudo*, rolando essas possibilidades na mente enquanto eu ponderava um modelo arquitetônico da nossa união em potencial, um modelo cujos dois objetivos de engenharia eram a relação sexual e a preservação do sono embriagado no momento envolvendo o participante do sexo masculino. Após algum ensaio hesitante de pernas e joelhos e mãos, fiz a minha escolha, embora certamente fosse esquisita e ridícula, pois envolvia suspender a minha perna esquerda no ar enquanto dobrava o joelho direito por cima do quadril de Halliday para melhor me servir da parte crucial dele, que guiei para dentro de mim com a delicadeza de alguém que coloca um míssil nuclear em seu silo. Agora ele começava a se mexer, fazendo o seu papel — que porra de sonho você deve estar tendo, pensei, e acelerei o balbucio de desculpas, *eu não sabia, eu também estava dormindo, tenho esses sonhos acordados, já consultei médicos sobre eles*, esse mantra de desculpas pipocando na minha cabeça enquanto eu me amassava nele, temendo que ele gozasse antes de mim e depois onde eu estaria? Sim. Aí. Não. Sim. Aí, num desvio irresponsável do meu modelo arquitetônico, segurei a bunda dele e o meti dentro de mim e gozei, um gozo longo e tortuoso e quase todo silencioso, quando ele também gozou, com o grito espantado de alguém escorregando da saliência de um rochedo. Seus olhos se abriram, mas eu tinha sentido essa possibilidade e fechei os meus no

mesmíssimo instante, fingindo dormir, inundada de prazer, o movimento de marés, ruídos de cachorros latindo ao longe, dizendo a mim mesma que não havia como ele poder provar isso, eu estava dormindo, *eu estava dormindo o tempo todo você não pode me dizer que eu não estava, tenho provas, tive sonhos...*

Mas, enquanto eu ia adormecendo, os braços de Anthony me envolvendo frouxamente, vi que eu não conseguia relaxar. Um objeto estava alojado em meu peito, preso ali, um objeto do tamanho de um punho que tinha que ser expelido, um objeto constituído de palavras, um punhado muito pequeno de palavras. Eu não queria dizê-las. Tinha medo.

— Eu amo você — sussurrei em seu ouvido condenado e inconsciente. — Eu amo você, Anthony Halliday.

Pronto, pensei, acabou. E eu disse e está feito, acabou.

Mas, claro, não tinha acabado. Era indestrutível.

CAPÍTULO DEZESSETE

A primeira noite que descobriu a casa do professor de matemática às escuras, Charlotte pedalou de volta para casa sem se afetar. Isso havia acontecido antes, várias vezes. Ela tinha sempre o cuidado de não aludir a essas visitas fracassadas, preferindo deixá-lo achar que ela fora fazer outras coisas. Mas será que isso já havia acontecido duas noites seguidas? Ela ficou parada na porta dos fundos da casa dele pela segunda vez, quase encostando a mão na maçaneta, mas parou pensando em como ele ficaria zangado, se soubesse. De qualquer maneira, ele nunca deixaria uma porta destrancada.

Na terceira noite, uma bolha de ansiedade endureceu no peito de Charlotte, pequena, densa, ela notava quando respirava, porque doía, como uma pontada. Ela ficou montada na bicicleta em frente à casa às escuras à vista de todos (quebrando todas as regras) por vinte minutos. Era meia-noite.

Depois disso, esperou cinco dias antes de voltar. Era início de junho, as aulas quase acabando — a Baxter tinha encerrado na semana anterior. Charlotte não tinha vontade de sair. Quando não estava estudando para as provas nem trabalhando na Fish World, ficava enfiada no quarto com as persianas abaixadas, lendo sobre os triunfos industriais de Rockford antes e durante as guerras. Quando a Primeira Guerra Mundial começou, Rockford era a “cidade moveleira”, o segundo maior mercado moveleiro no país (depois de Grand Rapids, Michigan), sem falar no maior produtor de meias — a “Meia Sem Costura” Nelson tendo ganhado o controle do mercado nos anos 1880. Enquanto isso, sua mente agia depressa, contando provas do amor dele: a conta de âmbar, claro, mas as outras também — carros que haviam dobrado esquinas exatamente na hora certa, *e da cor exata*, para provar. As fábricas de ferramentas de máquina de Rockford prosperaram durante as guerras, fazendo governadores de hélice de aviões e válvulas para controle de passagem de ar e transmissões hidráulicas e motores de avião refrigerados a ar, mas algum aspecto do amor ainda escapava a

Charlotte — um cheiro ou um sabor, uma textura oculta, algo que ela sentia que devia saber, mas não sabia. Isso a preocupava.

Ela foi para sua mesa e abriu o calendário em que mantinha os registros codificados de suas visitas.

Estava estranhamente vazio. Ela ficara preguiçosa nas últimas semanas, fizera poucas anotações e agora não tinha nenhum mapa para medir o significado daquela casa vazia por três noites seguidas. Bem, ela começaria com a última vez. Dez dias atrás. Deixara a casa à zero hora e dezenove minutos (inventou isso). Uma noite quente, inusitadamente quente para o início do verão, ela não estava de suéter. Ele parecera feliz em vê-la (ela anotou isso). Ele deitou de janela aberta, o ar quente de fora entrando, e Charlotte perguntara quando ia adormecendo:

— A gente pode ir a uns lugares agora que você não é mais professor?

Ele virou-se para ela. Já não era magro. Este fato se apresentara de repente algumas semanas antes, e Charlotte ficara chocada, sentindo que não o reconhecia.

— Que lugares? — perguntou ele.

— Qualquer um. Tipo ao cinema. Ou ao Chili's.

Só de vez em quando, ela estava pensando, como amigos. Como os outros.

Ele não respondeu, mas pegou sua mão (ela anotou isso).

— Vou fazer dezessete anos daqui a três semanas — disse ela.

Andara procurando um jeito de mencionar seu aniversário. Esperava ganhar um presente.

E em vez de se levantar, como ele em geral fazia antes mesmo de ela adormecer, Michael ficou ali deitado observando-a — Charlotte sentiu o olhar dele através do véu das pálpebras. Muito reconfortante, ser observada enquanto pegava no sono, essa segurança. Como se ele a estivesse abraçando. Ela apertou os olhos, obrigando-se a dormir agora, depressa, antes que ele fosse embora. *Se ele não se levantar antes que eu...* Era automático.

Michael ficou ali deitado, observando a garota. Queria lhe dizer algo, uma coisa específica que ele quase nunca tinha dito antes, a ninguém. Sua mente fervilhava de lembranças agora que Rockford se desvanecia à sua volta, um novo conjunto de documentos obtido, seu novo passo afinal claro: um último êxodo no que se revelara só agora como uma migração constante em uma direção única

(oeste), cujo ponto final ele praticamente quase tinha alcançado. Los Angeles. Durante anos pairara à sua frente, uma miragem cintilante aguardando a sua chegada. Ele faria filmes. Construiria uma casa branca de frente para o mar.

Lembrou-se do fedor de carne. Um cheiro úmido, sangrento, de dar ânsia, misteriosamente doce, que impregnava o apartamento de Jersey City vindo do andar de baixo de um açougueiro islâmico, molhava os colchões e os lençóis, imbuía o piso lascado e o sofá de espuma de borracha, de modo que dele não havia frescor.

Que facilidade para dormir, a dela! Um sono americano, o sono dos que acham que nunca estarão sós nem perdidos nem serão esquecidos. Que estão sempre em segurança. Um sono do qual aos poucos ele mesmo começava a gostar.

Lembrou-se da espera. Passava horas olhando a luz do sol dançar nas voltas das mangueiras das bombas de gasolina no posto onde ele tinha começado a trabalhar um dia após a sua chegada aos Estados Unidos. Já fazia mais de um ano — março — úmido e gelado mas teimosamente sem neve, coisa que Aziz (como ele era conhecido) desejava muito ver. No escritório do posto, ele escutava o barulho dos caminhões, esperando o telefone tocar — seu contato NU, um homem que Aziz julgava ser inferior a ele e portanto desprezava. Mas ele mesmo era um fugitivo, um morto que vivia, que andava com três passaportes falsos, e portanto não podia ser deslocado para um dos escalões diplomáticos inferiores, como outros eram.

Para esvaziar a mente, ele rezava, prostrava-se à luz do sol americano estranhamente diluída, sol aguado, sol coado por folhas. No chão sujo do posto de gasolina ele se ajoelhava, virado para o nascente, e procurava um ritmo naquela espera, naquele vazio, um modo de habitá-los. Mas com o passar dos dias — dias, depois semanas — ele começou a ferver de tédio e raiva e descontentamento.

No fim de cada dia sem fim, ele subia uma escada de incêndio externa e olhava Manhattan do telhado do prédio onde ele e mais nove homens dividiam dois aposentos, primos distantes por nascimento ou casamento (como eles julgavam que ele fosse), todos dormindo por turnos: Ali, seu gêmeo fantasma, que trabalhava à noite dirigindo uma limusine. Aziz quase nunca via Ali, mas era íntimo do cheiro de sua colônia Ralph Lauren, dos hieróglifos que os Nikes turbinados deixavam impressos no linóleo da cozinha.

Ao poente, Manhattan resplandecia como uma coisa única, uma peça de ouro batido ou algum animal mítico agitando as plumas cor-de-rosa ao sol, e, ao lado de sua silhueta deslumbrante, as medidas que Aziz e seus compatriotas estavam tomando pareciam muito pequenas: acumulando tambores de nitroglicerina e amônia e fertilizante num porão de uma família da vizinhança; empilhando-os atrás de uma piscina de plástico na vertical em cuja bacia turquesa eles posteriormente iriam incorporá-los a galões de gasolina, usando um remo para mexer. Lamentando o fato de que Wall Street tinha criado uma zona de pedestres para protegê-la dos atentados suicidas com bomba. Recolher pedaços de cano para detonadores. Inútil. Inútil e pequeno. Como a própria Jersey City, que parecera tão perto de Manhattan no mapa a ponto de ser o mesmo lugar, *tão bom quanto lá*, disse Aziz a si mesmo em inglês, treinando, mas isso se revelara um erro de perspectiva que só se podia cometer de longe.

À noite, eles assistiam à tevê. Aziz e seus macilentos compatriotas se espremiavam num sofá de espuma de borracha que fedia a colônia Ralph Lauren e matadouro; apinhavam-se como pombos, ansiando pela anestesia que saía da tela, os raios tranquilizantes: carros animados como rostos humanos; cereais matinais boiando no leite mais branco que Aziz já vira; suco irrompendo de laranjas fosforescentes. E garotas: garotas magras cujos cabelos flutuavam e dançavam, garotas que piscavam para cada ocupante do sofá de espuma de borracha individualmente, provocando um coro de suspiros exaustos. E mesmo enquanto a anestesia agia em Aziz, mesmo enquanto ele ficava de queixo caído, impotente, pálpebras abertas para acolher essas visões, mãos fechadas como as de um bebê, ele tinha consciência da raiva tremulando como uma bandeira perto de seu coração, lembrando-o de que esta hipnose era uma conspiração em ação, através da qual uma semente de desejo era implantada para sempre nos pensamentos da pessoa. Aziz fora seduzido por sua raiva anos antes, apanhado em seu jugo arrebatador até tudo o mais no mundo parecer fraco em comparação. Às vezes, sentia-se roubado por tudo a que tinha renunciado para lutar esta guerra, diminuído pelos muitos anos de esforço, como se a raiva tivesse comido alguma coisa dentro de si. Mas se lutar contra a conspiração o diminuía, essa perda só fortalecia a sua determinação implacável e paciente de destruí-la.

Primeira visita a Manhattan. Do outro lado do rio a cidade parecera tão densa que Aziz a imaginara como se ela toda fosse o centro. Ele via os carros, as laranjas, as garotas. A gente famosa. Mas quando o ônibus entrou na vaga no Port Authority, ele se viu entre vigaristas e viciados e vítimas de defeitos físicos e de desnutrição. Andou timidamente na Oitava Avenida para o lado sul num vento gelado, esperando a cada esquina inclinar a cabeça e ver as beldades e os famosos. O que viu em vez disso foram homens em trajes africanos, vários asiáticos e centro-americanos; estrangeiros falando línguas que Aziz não conseguia identificar, muitos vendendo artigos clandestinamente em mesas de jogo ou cobertores jogados em calçadas incrustadas de fuligem: relógios, cintos, rádios usados, equipamentos estereofônicos, ao lado dos (seria possível?, ele se perguntou, chegando mais perto, incrédulo) mesmos vídeos piratas de filmes de Hollywood que eram vendidos pelo mundo afora!

Eu não, pensou Aziz.

— Caneta. Caneta. Caneta. Caneta. Caneta. Caneta. — Um sique com uma cara esgazeada, brandindo uma caixa surrada.

Aziz passou sem olhar para ele. Eu não, pensava. Eunão. Eunão. Eunão. Eunão.

Ele precisava de dinheiro. Dinheiro americano, aquele verde cujo brilho metálico o mundo inteiro garimpava em meio às outras moedas com floreios iridescentes, um verde cuja monocromia meramente amplificava as fantasias fosforescentes que ele tinha o poder de representar. Verde mágico. E aqui, todo mundo tinha, os vigaristas, os charlatães, os batalhadores, os turistas de vistosos shorts e viseiras, os homens que vendiam cachorro-quente nas esquinas — eles distribuíaam as notas em maços, em buquês, à vista de todos. Aziz estava descobrindo pequenos métodos de desviar algumas, uns poucos dólares dos envelopes de dinheiro que chegavam ao apartamento pelos auspícios de uma obra de caridade, uma ou outra de dez ou vinte do posto de gasolina. Dali a três semanas chegaria uma transferência num banco canadense (onde tais coisas eram vigiadas com menos atenção), e ele estava determinado a ser quem atravessaria a fronteira de carro para buscá-la.

— Ei, mermão, qual é teu nome?

Um negro com uma ginga malemolente emparelhou com ele. Um americano,

mas tão excluído da conspiração que tinha atraído esses estrangeiros para cá que era forçado a ficar à espera deles, abusar de sua surpresa e confusão e decepção.

— Vem cá ver uma coisa que garanto que tu nunca viu igual em toda a tua vida mansa na Terra.

Os olhos do homem eram alegres e gaiatos, o desespero dançando logo atrás da brincadeira.

— Não, obrigado — disse Aziz.

Ele atravessou as ruas escuras a sul da rodoviária, escuras por causa da fuligem e das sombras dos prédios altos bloqueando a já fraca luz do sol americana, escuras com os rostos dos batalhadores puxando araras de roupas pelas calçadas sujas e acidentadas, gente muito distante da conspiração até para saber que era sua vítima. Aziz procurava pescar trechos de conversa: “O cara era fruta”, e “Comecei a ver, tipo, formas engraçadas”, e “tenho que ir jogar os números da minha mãe”, palavras e expressões colando na sua mente como carrapichos — “Bom demais para o meu bico” e “Tamentendeno?” Uma palavra. Aziz sussurrou-a. “Tamentendeno?”

Sua próxima visita foi uma semana depois. Dessa vez, ele trouxe um guia com um mapa plastificado anexo. Seu inglês já estava melhor, palavras gerando palavras mesmo quando ele dormia, uma proliferação que não era diferente da atividade obstinada e furiosa da própria vida. Para entendidos de arquitetura, classificamos os tesouros da cidade numa escala de um a quatro, em que “1” significa Imperdível! Ele conseguiu ler boa parte do guia, embora tudo o que realmente quisesse saber era identificar os bairros e examiná-los cuidadosamente. Andou para o “Upper West Side”, que pareceu ser o domínio exclusivo de crianças e bebês junto com suas mães descabeladas ou tranquilas babás caribenhas. Calçadas apinhadas de carrinhos de bebê em fila quádrupla, o ar úmido de choros encatarrados. Ele fugiu para o Central Park, onde os bebês haviam chegado à idade adulta e exercitavam o corpo com um rigor que parecia brutal, expiatório. No “Upper East Side”, ele emergiu na última fase deste ciclo de vida resumido: uma profusão de anciãs cheias de joias espremidas em cadeiras de rodas só ligeiramente mais largas que os carrinhos de bebê no parque, empurradas pelas mesmas babás caribenhas num silêncio embalsamado e

endinheirado. Era abril. Aziz vagava pelas ruas com sua barba viçosa e seu traje de imigrante de óbvias fibras sintéticas. Ninguém olhava para ele, e isso era conveniente. Permitia-lhe olhar sem dificuldade para as pessoas, conduzir sua busca por conspiradores debaixo de um manto de invisibilidade.

As solas dos seus sapatos baratos eram fininhas, ele sentia os grãos do calçamento nos dedos dos pés. Virou, indo para sul na Madison Avenue (quem só vai olhar vitrine encontra muita coisa para saborear, mas quem vai à cata de pechinchas pode se desapontar!), quando um carro preto comprido encostou no meio-fio, deixando o coração de Aziz apertado. Uma loura magra emergiu em meio a um cordão de acólitos, seu deslumbrante rosto familiar virado para baixo, óculos escuros tapando seus olhos, o mero indício da sua presença física impactando todo mundo na área como se fosse um raio petrificando os nadadores numa piscina muito cheia. As pessoas ficaram paralisadas, com as sacolas de compras na mão, viraram-se tentando ver essa mulher enquanto ela entrava com o seu séquito numa magnífica loja de departamentos. Aziz foi atrás, invisível, com seus sapatos furados e seu poliéster marrom, saltando para dentro da loja pelo vão entre as pesadas portas a fim de não perder de vista a sua famosa presa.

Lá dentro, a intensidade de luz e de perfume e de objetos reluzentes o fez suprimir um grito. Ele parou, vacilou, olhou para uma nuvem de cabelos louros e rostos muito pintados apontados para ele como lanças. Dentro da loja, ele já não era invisível! Ficou parado, apanhado na claridade, apanhado nos olhares defensivos das mulheres quando um guarda se aproximou, um negro de olhar gentil com um uniforme de debrum dourado.

— Senhor, posso ajudá-lo? — começou este homem educadamente, e Aziz precipitou-se de novo para a rua, envergonhado do triste espetáculo que fazia embora soubesse que isso era temporário. Necessário.

Mesmo assim, aprendeu algo crítico: os conspiradores americanos não eram diferentes de senhores feudais de outras partes do mundo, fechados dentro de carros e cercados de guarda-costas, todo o equipamento de praxe da opressão e da injustiça. Claro que não os víamos na rua! Quando Aziz espiou pelas janelas da loja, a raiva que morava dentro dele como um segundo coração pulsante despertou com um tranco que agitou suas partes baixas, excitando-o. Atiçando-o.

Raiva e desejo formavam um par, uniam-se em algum lugar no seu íntimo. Ele interrompeu sua busca naquele dia, consumido por uma necessidade de regressar a Jersey City e ficar de pé atrás da cortina de plástico azul do chuveiro (a porta do banheiro não fechava) e se masturbar.

★ ★ ★

Na vez seguinte, Charlotte foi à casa com dia claro. Viu um cartaz de “ALUGA-SE” na janela da frente e instantaneamente foi transportada, arrebatada de dentro de si para uma distância segura e protegida. Dali, ela se observou apertar a campainha da porta da frente, o que não fazia desde aquela primeira noite em que lhe levara o peixe. O som da campainha ecoou pela casa vazia.

Mesmo assim, ela fingiu não saber, e o fato de não saber emprestou uma intensidade, uma sensualidade aos vários momentos seguintes. Ela foi por trás da casa para a porta dos fundos, assombrada com o cheiro úmido, agri-doce de grama cortada, abelhas zunindo nas moitas, uma claridade densa no ar que praticamente se poderia comer. E por trás disso tudo o chichiar soturno de gafanhotos.

A porta estava destrancada. Charlotte empurrou-a e entrou na cozinha. De dia, era um aposento diferente. Tão leve! Mas também abafado. Ela foi direto ao freezer, encontrou uma caixa de waffles congelados pela metade e sentiu uma palpitação de esperança. Mas a geladeira estava vazia, uma caixa de leite azedo, frios ressecados. Ninguém ia ali havia dias.

Lá em cima, a cama estava sem lençol. No parapeito da janela estava o seu aquário, vazio. Ele levou os peixes!, pensou Charlotte, tentando encontrar um incentivo. A janela e a tela estavam escancaradas, moscas grandes investindo nas paredes. O pé de kumquat tinha murchado. Ela o levou para o banheiro e o regou na pia. Tudo parecia meio escasso à luz do dia. Ela entrou no escritório dele e abriu gavetas de escrivaninha procurando um bilhete, uma carta endereçada a ela, alguma explicação que a incluísse. Sentiu isso na casa vazia: uma inteligência. Algo mais fundo no mistério. Mas não havia nada na mesa. Ela desceu pesadamente para a sala de estar e procurou entre as almofadas do sofá, abriu gavetas na cozinha, mas

encontrou só os mesmos talheres amassados. Olhou dentro da caixa de waffles. E, aos poucos, a inoculação que ela recebera do lado de fora da casa começou a perder força, e ela sentiu medo.

Voltou correndo ao quarto no andar de cima e tateou embaixo do colchão, deslizou as palmas das mãos no fundo de cada gaveta da cômoda, juntando uma fina camada de poeira na ponta dos dedos. Então sentou na cama e tocou na conta de âmbar em seu pescoço. Tirou-a e segurou-a. Era real, estava nas mãos dela. Mas o cheiro exótico do couro havia desaparecido. Agora não tinha cheiro de nada, como ela.

Ela já devia estar na sala do tio havia vinte minutos — o primeiro encontro do novo horário bissemanal de verão. Escrevera um ensaio explicando as mudanças de Rockford após a Segunda Guerra Mundial: a construção da Northwest Tollway em 1958, nove quilômetros a leste do centro da cidade, e o deslocamento subsequente da cidade naquela direção até quilômetros de faixa comercial substituírem quilômetros de campos de milho que, por sua vez, haviam substituído quilômetros de capim-azul de dois metros de altura. Ela detalhou a construção de shoppings, o fechamento de teatros e casas de vaudeville do centro nos anos cinquenta quando as pessoas começaram a assistir à tevê. Charlotte sabia que estava atrasada, mas não conseguia se mexer. Tinha medo. Desde que estivesse ali naquela casa, restava viva alguma possibilidade. Ela deitou de bruços no colchão nu, ouvindo o estranho chichiar dos gafanhotos. A indústria moveleira estava morrendo porque as árvores já haviam sumido há muito, mesmo as árvores em Wisconsin haviam diminuído... De vez em quando, ela ouvia um carro. Nas primeiras duas vezes, Charlotte correu para o escritório dele, cuja janela dava para a rua, e, nas duas, teve a sensação de estar prestes a se livrar de um conhecimento terrível, virar uma página, descolar-se, uma infelicidade cujo peso total ela só sentia naqueles momentos em que achava que seria libertada desse peso. E então o carro desaparecia e a página voltava para o lugar e ela se deixava sugar por aquele colchão. Queria chorar, ser consumida por convulsões de dor inocente. *Meu caso de amor acabou*, atormentava-se. *Meu namorado foi embora*. Mas seu peito permaneceu seco e apertado.

O sol completou sua viagem, fez uma medida, sumiu. As sombras se arrastaram

quarto adentro. Charlotte ouviu gente voltando do trabalho, mas já não se levantou de um pulo. Imaginou o tio esperando por ela à sua mesa, consultando nervosamente o relógio, levantando a persiana da janela para olhar acima da terra. Quando duas horas se passaram, ela ficou aliviada de pensar que seu tempo com o tio teria terminado. Ele já estaria em casa, ou se encaminhando para lá, carregando a Smith-Corona. O silêncio era salpicado de pedaços de falas das outras casas, repique de sinos de igreja ao longe. Charlotte tentou visualizar Michael West, o que ele poderia estar fazendo: dirigindo com o rádio ligado, ou então andando de ônibus, ou deitado na cama em algum lugar, mãos atrás da cabeça. Ou sentado num parque, como estava quando ela o conheceu. Braço na tipoia. Mas ela não conseguia imaginar nada disso. O que via era o tio atravessando a State, uma figura comprida ziguezagueando impassível entre para-choques e cercas vivas.

Ao pôr do sol, Charlotte se arrastou para fora da casa. Não queria vê-la apagada. Nunca mais tornaria a vê-la, esqueceria onde era, sentia-se esquecendo mesmo agora. Contornou-a empurrando a bicicleta até a rua e montou, depois hesitou, de pé na frente da casa, perseguida pela sensação de estar deixando alguma coisa para trás. Delicadamente, deitou a bicicleta no meio-fio e voltou. Embaixo da janela aberta do quarto de Michael, agachou-se na grama, pensando *Não*, enquanto buscava entre as folhas. *Não*. Mas continuou olhando, movida por um ímpeto de pânico, até encontrá-los — dois deles, afinal. Peixes eram quase só água, e se desidratavam ao ar livre até não sobrar quase nada. Como palha. Charlotte levantou-os da grama pela cauda membranosa, seca e delicada como asas de borboleta, espantada com quão pequenos sempre foram dentro dos seus véus flutuantes — nada, realmente, apenas sementes, aquelas sementes em forma de plumas que caíam rodopiando das árvores todo outono. Enquanto ela estava sentada na grama segurando os peixes, sentiu as lembranças de Michael West começarem a encolher, secar, deixando para trás uma desolação gelada que trazia um tênue vestígio de alívio. Como se um esforço colossal afinal tivesse sido suspenso. Jogou os peixes no bolso da camisa e foi embora.

Cinco semanas depois de chegar aos Estados Unidos, Aziz revelou a sua proposta num telefone público de Jersey City a um dos vários titereiros que julgavam controlá-lo de longe. Se o objetivo coletivo era *ser visto* — saturar as ondas aéreas de imagens de devastação que serviriam tanto de lição quanto de aviso —, por que não atacar o próprio povo famoso? Não eram eles o coração mesmo da conspiração, seus instrumentos? Se o objetivo era simbolismo, como arrasar uma ponte, um túnel ou até a *porra da Casa Branca* (isso em inglês) poderia se aproximar da simetria perfeita da sua ideia? Assim ele argumentou num sussurro contundente, depois baixou a voz quando um homem cujos compatriotas acreditavam ser um informante do FBI veio andando na direção dele na madrugada gelada.

Era uma ideia, concedeu o titereiro. O principal era não agir com precipitação. Aziz entendia esse cuidado — os patifes eram uma preocupação séria. Veja o fiasco do World Trade Center. Só sete pessoas mortas dos milhares que trabalhavam naqueles prédios, sete incluindo uma criança não nascida! Dano estrutural completamente subterrâneo. Em resumo, nada para ver! Nada para ver senão centenas de pessoas tossindo e chorando. Sim, Aziz concordava no que dizia respeito a patifes e seus perigos. E agora ele cantava o titereiro adotando sotaques, um sotaque de Jersey, outro do Brooklyn, do Queens, haitiano, americano negro. Lascava expressões: *Uma cara que nem duzentos quilômetros de estrada ruim e vou te machucar muito, filho da puta*, botava e tirava vozes como chapéus bobos até afinal o titereiro dar uma risadinha, depois rir de verdade. E então, com a risada do homem lhe fazendo cócegas nos tímpanos, ele abordou o tópico de quem deveria ir de carro ao Canadá recolher o dinheiro a ser transferido para lá.

★ ★ ★

Charlotte ligou para se desculpar com o tio por ter faltado ao encontro. Estou doente, disse-lhe, incapaz de expulsar o desespero da voz. Mas a sua tristeza pareceu, estranhamente, animar Moose, pois ele tinha a voz trêmula quando lhe assegurou:

— Entendo perfeitamente. Perfeitamente. Ligue quando estiver pronta.

Em casa, ninguém notou. Estavam concentrados no exame anual de medula óssea de Ricky, que era mais tarde naquela semana. As aulas haviam acabado, e Charlotte passava horas na bicicleta, tirando a medida do estranho mundo vazio em que vivia. Andava à procura de gente, estranhos — qualquer pessoa. Era difícil encontrar pessoas. Estavam todas em seus carros, flutuando no ar-condicionado. Ela atravessou o rio para o lado oeste e foi ao centro da cidade para o antigo bairro Water Power, aquela destruição reluzente que tinha explorado com Moose havia apenas alguns meses, mas só encontrou várias formas de vazio, estacionamentos, edifícios-garagens abertos e fechados, bêbados solitários largados em bancos. Por duas vezes, passou pelo bar de Teeter, mas não entrou.

O parque da orla do rio ainda era o lugar mais populoso — seu velho lugar predileto, onde crianças cambaleavam em bicicletas de rodinhas e sujeitos flácidos jogavam vôlei em retângulos de areia laranja. A água se agitava com lanchas e jet skis. Ela foi para o Shorewood Park e a rampa de esqui aquático no lado norte, depois para a ACM no lado sul, uma aflição na barriga cada vez que se aproximava de lá porque meio que esperava ver Michael West sentado de pernas cruzadas à beira do rio. Braço na tipoia. Ela desejava muito isso — começar a história de novo, como entrar de novo num sonho. Mas não seria igual. Algo havia mudado, quebrado dentro dela. Quando pensou em si mesma um ano antes, lembrou-se de uma garota cheia de esperanças desmedidas, uma garota que acreditava que o mundo havia feito arranjos secretos a seu favor. Charlotte a odiava.

★ ★ ★

Numa noite de sábado seis semanas após a sua chegada, Aziz se encaixou entre os outros no sofá de espuma e fechou os olhos profilaticamente, protegendo-se dos raios estupefacientes da televisão. Então, esperou, as pálpebras palpitando, a anestesia chegar aos demais. Quando estavam totalmente emborcados, boca aberta, olhos vinhos, ele esgueirou-se do sofá, saiu de fininho da sala e escapou do apartamento.

Do outro lado do rio, Manhattan brilhava como uma mina de ouro.

Na Port Authority, Aziz passou por bêbados desesperados, vagabundos

drogados e viajantes de olhos vazios, depois atravessou a Rua Quarenta e Dois para a Quinta Avenida. Mas a avenida estava vazia, as joias nas vitrines substituídas por fotografia de joias, magros manequins sem rosto de vestido de linho fazendo a sinalização — jornais vazios, vazios à toa no ar.

Ele ficou parado numa esquina, decidindo aonde ir. A essa altura, tinha recolhido informações em todos os bairros de Manhattan menos os que eram atolados na pobreza, onde moravam as vítimas da conspiração. O Greenwich Village era o hábitat de um punhado de conspiradores. O frio e úmido Tribeca abrigava uma concentração ainda maior. O East Village não tinha quase nenhum, embora de vez em quando eles fossem lá comprar narcóticos. O Soho era o mais difícil de avaliar. Primeiro, Aziz achava que esse bairro fosse unicamente de gente famosa, mas acabara vendo que seus habitantes eram meros simpatizantes da fama — saíam como flechas de carros pretos exatamente com os mesmos dribles codificados usados pelos famosos.

Ele pegou o trem número seis para o centro da cidade e saltou na Spring Street, onde o contador Geiger da sua raiva começou a sinalizar no mesmo instante. Andou para a Broadway, procurando a fonte da sua agitação entre as multidões de gente de aparência jovem vestida de preto, homens de óculos redondos pequenos, mulheres cujos umbigos piscavam para a noite cálida. Gente intencionalmente mal-ajambrada que só há pouco tempo ele aprendera a distinguir da gente de fato mal-ajambrada como ele. Enfim, começou a andar para norte e depois para leste, guiado por um impulso das profundezas da cidade.

Chegou a uma rua estreita com o movimento se concentrando de um lado — um aglomerado de táxis, uma falange de carros pretos compridos, uma multidão suplicante dirigindo-se cheia de desejo para uma porta não sinalizada onde dois negros e um branco corpulentos mantinham a ordem. Ele fixou os olhos nos indivíduos que entravam, coração disparando ao reconhecer: *Ali*, o famoso boxeador malcomportado! *Ali*, a jovem atriz parecida com Grace Kelly! *Ali*, a ruiva do comercial de xampu! Eles abriam a multidão como se fossem espuma do mar batendo em seus joelhos, flutuavam para dentro e sumiam de vista. Uma assembleia de pessoas convocadas próxima o suficiente para se tocar! Ele tropeçara nelas! E apesar de saber que deveria se reorganizar para formular um plano, Aziz se

precipitou invisível entre a multidão de buscadores, a aluvião de devotos ansiosos, incapaz de se deter até ter chegado ao início da fila e massageado as cordas de veludo com as pontas dos dedos, certificando-se de que não havia corrente elétrica passando por elas. Elas retinham a multidão por puro simbolismo. Ele ficou ali, curtindo o ritmo da sua raiva, metade prazer, metade enjoo, até um dos porteiros negros confrontá-lo, inclinando a cabeça como quem acha graça ao relancear os olhos para as espirais caóticas da barba de Aziz, suas vestimentas sintéticas.

— Está na lista? — perguntou (com ceticismo), e Aziz fez que não com a cabeça, engolindo a raiva, com vergonha da própria abjeção, tão pronunciada naquele cenário, e pior (agora se dava conta), com uma ereção completa dentro das calças de poliéster, um fato que não passou despercebido por seu inquisidor, que balançou a cabeça de um lado para outro murmurando “Chama um médico, cara”, antes que seus olhos se fechassem e Aziz se sentisse desmaterializar. E só então ele notou a barulheira peculiar feita por outros pedintes gritando para aquele homem. “G!”, gritavam. “Aqui... G”, suplicando sua atenção com a urgência dos afogados implorando para flutuar. E quando Aziz se desligou desse grupo, dissolvendo-se mais uma vez nas sombras da noite de onde emergira, aqueles gritos plangentes ficaram em seus ouvidos: “G”!... “G!”

G.

★ ★ ★

Indo para o sul pela beira do rio, Charlotte viu alguém acenando de um banco. Duas pessoas. Ela se habituara a andar de bicicleta sem óculos, transformando o vazio indistinto à sua volta em algo quase encantador, e agora seus olhos impotentes tateavam os vultos que acenavam, buscando a silhueta de Michael West. Ela freou, deslizando os óculos da gola da camisa. Mas a essa altura, ela sabia. Eram Ricky e sua mãe.

— Uau — exclamou ela, parando ao lado deles, fraca por causa daquele espasmo de esperança. — Está tudo bem?

— Ricky achou que encontraríamos você aqui — disse a mãe.

Mas Ricky não falava. Ricky ria, braços cruzados no peito, os pezões acariciando a tábua de skate como duas mãos, deslizando-a amorosamente para trás e para a frente na grama. Olhava para o rio e olhava para Charlotte, também, de rabo de olho.

— Os exames — falou ela.

Então Ricky deixou os olhos relancearem para ela, o sorriso quase lhe quebrando o rosto.

— E? — perguntou Charlotte. — E?

E Ricky sorria, seu lindo irmão sorria, sorria pungentemente. Parecia mais velho. Algo em sua mandíbula, seus olhos. Nas proporções do seu rosto. Charlotte viu isso agora, pela primeira vez, e ficou chocada.

— Deu tudo negativo — contou Ellen. — Está completamente limpo.

Ela tinha repetido isso várias vezes, em silêncio para si mesma e em voz alta no quarto sem ninguém. Para lá e para cá com Harris no telefone, os dois bobos com a notícia.

— Ele conseguiu! — E depois: — Por ora.

— Nós conseguimos.

— Por ora.

— Acabou.

— Por enquanto, afinal.

— Acho que eu não me dei conta de quão horrível foi até saber que já eram águas passadas.

— Pelo menos por ora.

Várias vezes eles trocaram os papéis de exultação e serenidade. Seu filho estava bem — por ora estava bem, e provavelmente para sempre.

Do outro lado do rio, um sol cor-de-rosa encostava nos vestígios acinzentados do centro da cidade. Noventa por cento. Mesmo para o ouvido pessimista de Ellen, noventa por cento soava maravilhosamente bom. Enquanto estava ali sentada com os filhos, olhando o sol, pensou em Bartolomeu Dias, o capitão do mar português cujo navio contornou o cabo da Boa Esperança empurrado por uma tormenta — a primeira vez que um europeu contornava a ponta da África. Mas sua tripulação se recusou a prosseguir para o oceano Índico, e foi Vasco da

Gama que seguiu os seus passos, alcançou a Índia e ficou célebre por subjugar-lá. No fim, Dias morreu num naufrágio, navegando para outro capitão. Mas tinha feito a façanha. Ellen olhou para os filhos: Ricky, que estava bem, Charlotte, que estava de coração partido. Era impossível não ver. Ellen conhecia muito bem os sinais.

E sempre, também, havia uma ausência, um lugar vazio que ela estava guardando com a mente. Moose. Um explorador que não retornara, que permanecera num mar estranho e distante. Ellen não queria mais perder o irmão de vista, e não perdia, nunca perderia. Sentada num banco, os filhos próximos o suficiente para serem tocados, o sol em seus olhos, Bartolomeu Dias contornando o cabo da Boa Esperança, sentiu algo coagulando dentro dela. Paz.

Ricky foi para a beira do rio e começou a jogar pedras na água. Quando encontrou uma achatada, jogou-a com efeito para fazê-la quicar.

— Cuidado com os esquiadores — alertou Ellen, deliciando-se com o luxo de se pôr nervosa por algo tão insignificante.

— Não estou nem perto, mãe — bufou Ricky, no mesmo espírito, achou ela, imitando com ela os gestos de uma mãe e um filho sem nada mais urgente em que pensar.

Ellen aproximou-se de Charlotte, diminuindo o espaço que a separava da filha. Passou um braço em volta de seus ombros. Foi um gesto ousado, e ela meio que esperava que Charlotte se sacudisse, rechaçando-a. Mas a menina não se mexeu — muito deprimida, pensou Ellen, zombando de si mesma. Elas ficaram sentadas juntas no crepúsculo espalhafatoso.

Charlotte observou Ricky atirar pedras, sua silhueta ágil contra a água marrom. Os primeiros colonos escreveram tributos jubilosos ao Rock River: seus peixes saltitantes, seu gosto doce. Ricky estava bem, exatamente como Charlotte lhe prometera. Estava crescendo. Logo não precisaria mais dela. Ela via isso agora com uma clareza implacável. Quando sentiu o braço da mãe encostar nela, teve um impulso de se retirar, se afastar. Conservar-se para o destino especial que sempre acreditou que a aguardava. Mas esse mistério diminuiria. Não havia mais atalhos, nada de caminhos piscando na escuridão. Ela os tinha inventado. O retrato do tio do Rock River não era de nenhum lugar específico. Charlotte via isso,

agora, cada vez que olhava. Poderia ter sido tirado de qualquer lugar à beira do rio.

Ela encostou no braço da mãe e olhou para o outro lado do rio. Casas velhas, salgueiros. *Provas*, Moose tinha falado. Provas de quê? Charlotte estreitou os olhos e tentou imaginar o hoje em preto e branco, desbotado e encolhido em sua mão: este rio, este banco, esta tarde em 199-, e, por um instante telescópico, sentiu quão remota essa data pareceria um dia. A visão a abalou, como espiar por uma fresta e ver algum movimento estranho, furioso. Abriu os olhos, aliviada com a claridade à sua volta, as cores do sol poente, seu irmão quicando pedras na superfície da água. O braço de sua mãe. E algo despertou em Charlotte, então, como se ela por muito pouco não tivesse perdido essas coisas. Ela as segurou com os olhos.

★ ★ ★

Quando Aziz chegou outra vez perto das cordas de veludo, três semanas haviam se passado. Tulipas coloridas debruavam as ruas. Ele usou um terno desenhado por Helmut Lang. Estava barbeado, com o cabelo bem-cortado num estilo ligeiramente espetado para cima, e óculos muito pequenos de lentes amareladas (sua vista era perfeita). Escondia nas mãos duas notas de cem dólares novinhas, que passou para o porteiro, junto com um cartão de visita que dizia “Z”, com o número de telefone de uma caixa postal que ele tinha alugado usando dinheiro vivo naquela mesma manhã.

— Obrigado — murmurou ele, com um leve sotaque europeu, e passou lépido pelas portas.

Decidira esses detalhes de traje e aparência perambulando em frente à boate uma noite diferente a cada semana (menos às sextas, que ele passava numa mesquita), mantendo-se invisível, observando nos mínimos detalhes quais dos bajuladores e admiradores dos conspiradores eram autorizados a entrar com eles. Estudou o traje, um blazer jogado por cima de um braço, uma etiqueta virada para cima no decote do vestido das senhoras. Estudou cortes de cabelo, barbas por fazer, a posse ou a falta de um brinco, sapatos, óculos (se usados), relógios de pulso, bipes, telefones celulares, prendedores de dinheiro. Gravatas eram maldição certa.

Esquadrinhou o local em busca de conversas desanimadas e repetia expressões para si mesmo na frente do espelho do banheiro. Encheu os bolsos de detritos da calçada e da rua: cartões profissionais, guimbas de cigarro, uma colherinha, um grampo de cabelo, anúncios de outras boates, dois brincos, um alicate de unha, três bolsinhas de papel celofane, uma camisinha texturizada ainda no invólucro, uma carta de baralho com dois números de telefone escritos, ligou para ambos, ouvindo o estilo e o tom das mensagens gravadas.

Os arqueólogos estavam certos. Era com o lixo das pessoas que se aprendia mais.

Para efetuar estas drásticas mudanças na aparência e na atitude sem alarmar seus compatriotas da Jersey City, Aziz alugara, primeiro, um armário na Port Authority para esconder peças de roupa conforme as adquiria, depois um quarto num hotel da Oitava Avenida (pago por semana, em espécie) cuja vantagem era seu espelho de corpo inteiro, sem dúvida pontilhado de mofo, em que estudou o seu conjunto e lhe fez alguns ajustes. O dinheiro tinha vindo da transferência canadense, do qual quase metade ele esgotara com o pretexto de que os titereiros o haviam instruído a comprar armamentos. Mas chegaria uma hora — em breve, calculava ele, em que não bastariam explicações suplementares, em que ele pegaria o que tivesse sobrado de dinheiro e desapareceria.

Não sentia culpa por isso. Tinha virado as costas para pessoas a quem devia muito mais do que a esses compatriotas, abandonara gente que na verdade amava, sem olhar para trás. Várias vezes. Aziz fazia todo o possível para não pensar naquelas pessoas agora, nos amores perdidos que deixara pelo domínio da sua raiva, mas às vezes uma lembrança despertava e o sobressaltava com a sua fatia de dor, um vislumbre, um vislumbre indistinto de alguma outra vida da qual ele usufruía no passado. Uma agitação de pernas e braços aveludados num quarto: seu primeiro filho, úmido do ventre, chutando à luz do dia. Um menino que hoje teria quatorze anos. Sua mulher cansada sorrindo para ele de lençóis revoltos. De tudo isso e mais ele abria mão para lutar contra a conspiração, portanto tinha que vencer. Tinha, ou essas perdas teriam sido em vão.

Dentro da boate, ele respirou fundo várias vezes e olhou em volta através das lentes amareladas. Estava espremido no meio de uma multidão no que parecia ser

um restaurante. Garçons lutavam para passar por uma massa de gente amontoadada diante de um bar espetacular, sóbrio, colossal, iluminado, coroado por quadrados texturizados de alguma coisa de um vermelho intenso, enquanto a música irrompia de sob o piso, sequestrando as suas entranhas. Os conspiradores estavam sentados para lá do bar em mesas redondas e reservados, identificáveis por círculos concêntricos de admiradores debruçando-se na direção deles, e pelo laço de escrutínio que soltavam em volta das demais pessoas. A sala estava cheia de centenas das mais belas garotas que Aziz já vira, garotas da televisão, as garotas das maquiagens e dos xampus todas se reuniam ali em tal abundância que era impossível olhar para qualquer uma sem os nossos olhos deslizarem inadvertidamente para a seguinte, como se elas existissem de forma coletiva em vez de individual: o próprio meio em que o resto estava em suspensão.

Tanta beleza em um só lugar equivalia à claridade, e Aziz fechou os olhos, lutando para organizar suas impressões. Reconhecia esse lugar como o referente de toda boate vagabunda no mundo, cada bloco de cimento com luzes coloridas e uma bola espelhada com metade das pastilhas faltando, toda garota com uma blusa cintilante barata agasalhando os braços magros, balançando o queixo no ritmo de uma batida sintética. Cairo, Mombaça, Beirute — todas eram ondulações concêntricas de uma perturbação gerada ali, uma fome cujo sinal alcançara praticamente todos os cantos da Terra.

Mesmo assim, as perguntas básicas lhe escapavam. Quem estava no comando? Como se testavam os sonhos baratos para assegurar a sua eficácia? Será que o quartel-general era ali mesmo, ou o plano de dominação vinha de um lugar mais remoto? As garotas o distraíam, brilhando como a vida marinha dos confins fosforescentes do mar, garotas como unicórnios, seus rostos incrivelmente lapidados deixando-o tonto. Como as detestava. E, parado no meio delas, Aziz sentiu o prazer peculiar, atordoante, de odiar uma coisa com tanta pureza que a pessoa faz o que for para destruí-la, o que for, um prazer que não se distinguia do desejo de ser ele mesmo destruído. Consumido.

Ao examinar a sala procurando alguma articulação da conspiração, ele bateu o olho numa mulher para quem já havia olhado várias vezes, uma morena de cabelo curto que tinha o mesmo biotipo das outras garotas, porém era mais velha.

Familiar. Parecia que se lembrava dela de anos antes — tevê, talvez, algum comercial ou fotografia que havia seguido lentamente através dos canais de telecomunicação até o seu trecho remoto do mundo. Ela parecia chamá-lo da sua própria juventude, quando a conspiração agira sobre ele sem o seu conhecimento ou consentimento. Ao contrário das outras garotas, que eram puramente fenômenos visuais, esta tinha um ar de consciência. Estava sentada à mesa de um conspirador, mas parecia não agir em conjunto com o resto. Bebericava seu coquetel, pulseiras deslizando pelo braço, uma frieza nos olhos ao observar a sala, avaliando esses sinais exteriores da sua vida. Estava esperando. E Z sorriu, reconhecendo-a.

Ele já tinha estado com ela, inúmeras vezes. Toda estrutura social continha tal figura: a desiludida que conhecia o sistema mas já não se interessava, já não acreditava. Que estava esperando. Às vezes era necessário dinheiro para enrolar tais pessoas, mas muitas vezes, não. Muitas vezes só atenção bastava, uma aparência de amor, ou desamparo, ou força. Mistério ou franqueza. Z a reconheceu, e naquele instante, seu ódio e sua luxúria e seu desejo de destruir, seu arrependimento por tudo o que tirara de si mesmo no processo afixaram-se nessa mulher com uma pressão de associação que apagou o alvoroço da sala, uma erupção cujo esplendor bloqueou toda a claridade em volta dele. Ele imaginou enterrar os dentes naquele braço branco adorável, arrancar aquelas pulseiras e quebrá-las entre as mandíbulas. Quando olhava para ela, a mulher olhou (olhou mesmo, ou ele só imaginou isso enquanto observava uma jovem sonolenta em Rockford, Illinois?), olhou como se alertada, de alguma maneira, do caos dentro dele, do palpitar e da quebra. Os olhos dela fizeram uma triagem na multidão inevitavelmente na direção dos dele, que Aziz imaginou fulminando como estrelas, e fizeram uma pausa ali, descansando nele muito de leve (ele se debruçou por cima da orelha da garota adormecida, os lábios quase encostando ali, e sussurrou: “Até logo”), olhando para ele com algo muito brando para ser chamado de curiosidade enquanto estava sentada, deleitando-se com a tirania dele. (“Até logo”, disse ele de novo.) Eles se observaram por uns bons vinte segundos, um período tão prolongado que Z ficou aliviado quando afinal os olhos da mulher foram na correnteza, deixando-o para trás, levando junto o tédio, a indiferença dela.

— Até logo.

Mas claro, não dava para Charlotte ouvi-lo.

CAPÍTULO DEZOITO

— *Além disso* — disse Roselyn a Charlotte, saindo de trás do balcão com seu chapeuzinho de papel para limpar uma faixa de Crush Laranja do chão de linóleo branco —, se você trabalhasse aqui, a gente podia ser colega o verão inteiro.

— Já não somos?

Roselyn empunhou o esfregão calada, deixando Charlotte remoer a pergunta sozinha. Laurel tinha ido passar o verão no campo de balé, e ninguém sabia o que Sheila estava fazendo. O quarteto delas deixara de existir, e Charlotte era a culpada — sumindo, ela tinha cortado o elo com as amigas. Todo mundo parecia concordar com isso.

Recolhida num reservado, ela inclinou a cabeça, observando Roz limpar o refrigerante e depois torcer o esfregão dentro de um balde de água preta. Ela tinha ido para a iogurteria TCBY direto do Fish World, onde trabalhava sozinha em meio a água salgada e cavalos marinhos e estrelas-do-mar e pedaços de coral vivo, interpretando para os clientes os movimentos mudos e elásticos dos peixes. Aos poucos estava quebrando o hábito de imaginá-los mortos, do jeito que ficariam após dias ao ar livre. Charlotte se tratava com muito cuidado. Ia à TCBY sem óculos, com blush e cílios curvados com rímel. Besuntava os lábios com o brilho carmin sabor morango do tubo que Roz lhe dera, e, executando estas abluções, livrava-se da outra Charlotte Hauser, a que os garotos da Baxter desprezavam.

Muitas vezes, eles apareciam, esses garotos, reunindo-se na TCBY antes ou depois do expediente em outros serviços: Magic Waters, onde muitos deles trabalhavam à noite, ocupando-se dos passeios na água, da praça de alimentação do Cherryvale. Agregavam-se a cadeiras e mesas inadvertidamente, como gelo formando-se nas vidraças das janelas. Subiam nos skates e iam para a frente e para trás pelo chão, de vez em quando batendo na parede até o gerente os enxotar. Aí, se levantavam e iam arrastando os pés para andar na rampa dos deficientes do lado de fora. Charlotte sentia um conforto inesperado na presença desses garotos. Eles

não sabiam de Michael West. Não sabiam, e portanto ele estava apagado.

— Como posso ir embora? — perguntou implorando a Roz. — A Sra. Holenhaft vai custar muito a treinar outra pessoa, e ela já é velha.

— *Pleeease* — disse Roz, empurrando o balde para trás do balcão com o pé. — Pelo menos uma vez na vida.

Roz falava com uma voz nova, macia, vibrante e meiga, uma voz que transformava os comentários mais ofensivos em fala mansa e delicada. Charlotte nem soubera da operação.

— Uma vez na vida o quê? — indagou.

— Seja igual a todo mundo.

A campainha computadorizada na porta de vidro anunciou a chegada de dois caras arrastando bolsas de calor vindo da rua como paraquedas. Roz quis dizer que eram bonitos olhando para Charlotte com o canto do olho e estourando o chiclete verde. A máquina de iogurte estremeceu ao entrar em funcionamento.

O sol entrava pela porta de vidro. Charlotte olhou o relógio. Era a primeira vez que encontraria o tio desde que faltara duas semanas antes, o início atrasado da intensa programação de verão deles. Ela se preparara enciclopedicamente para o encontro, revisando tudo o que ele tinha lhe ensinado até seu cérebro tremer com os fatos como mil cavalos de corrida estremecendo na linha de largada. Queria deixar Moose aturdido, alegrá-lo e se redimir pela ausência e por todos os dias que passara sem pensar na história de Rockford. Ansiava pelo choque da proximidade dele — a sensação de deslizar com Moose por uma porta oculta para um mundo estranho e secreto.

Ao mesmo tempo, estava preocupada — quase com medo de vê-lo.

— Posso segurá-lo talvez mais um dia — gritou Roz de trás do balcão, amontoando granulado de chocolate no topo dos iogurtes. — Então ele vai fazer o lance do “Precisa-se de ajudante”.

Por trás de sua nova voz doce havia uma lacuna: indiferença. Ela esperava que Charlotte recusasse.

— Saquei — disse Charlotte, inquieta. Recolheu os livros. — Vou pensar nisso hoje à noite.

— Pensar é uma boa — falou Roz.

Charlotte saiu para o calor. Paul Lofgren e Jimmy Prezioso estavam andando de skate no pequeno lance de degraus que subia do estacionamento para as lojas, Charlotte olhou rapidinho para eles e acenou com a mão um oi. Tinha se tornado uma garota tímida, recatada na presença deles, educada e meiga, não pedia nada, profundamente titubeante sem os óculos, temendo tropeções ou colisões. E em troca dessa reticência (e da maquiagem também, supunha), a carga negativa que ela carregava enfim foi interrompida. Eles acenavam de volta para ela, fácil.

Longe deles, ela recolocou os óculos e pedalou ferozmente Alpine acima, um enxame de fatos na mente enquanto prosseguia — pontes tortas, régua de agrimensor, vinte e quatro horas de diligência para Chicago, corridas de cavalo sobre o rio no inverno antes que os produtos químicos o impedissem de congelar...

O campus parecia triste, aquático, cheio de folhas, vazio de tudo salvo de um ou outro desanimado aluno dos cursos de verão. Charlotte trancou a bicicleta no bicicletário em frente ao prédio de história. Descendo os degraus para a sala do tio, foi invadida por um desânimo que não sentia havia muitos dias — esvaziava-a de tudo, menos do desejo de se deitar e fechar os olhos. Quando chegou à porta aberta de Moose, sentia-se fraca.

— Oi — disse, colocando cuidadosamente os livros no chão e desabando em uma cadeira de plástico laranja.

Ele estava de pé atrás de sua mesa, iluminado por algumas antenas de sol que empreenderam a longa descida até a sala dele, tímidas emissárias da claridade acima. Usava um conjunto atipicamente da estação: calças cáqui, uma camisa amarelo-clara aberta no colarinho, um paletó azul e branco de *seersucker* visivelmente apertado nos ombros. Um artefato da vida antiga de Moose, parecia.

— Charlotte — cumprimentou ele, olhando para ela. — Charlotte. Charlotte — pronunciando seu nome com uma clareza tão sonora que ela teve a sensação de ser a primeira vez que o ouvia dizê-lo.

— Você está feliz — falou ela.

— Está um dia lindo — retrucou o tio, sorrindo para ela. — É... verão.

— Quente — resmungou ela, cruzando os braços.

— Ah, não está tão ruim. Mas aqui embaixo é triste. Mina o espírito, ficar

abaixo da terra! Vamos lá para fora, vamos subir para aquele... — Abaixou a persiana, cortando a luz, depois apalpou os bolsos procurando as chaves... — aquele sol lindo.

— Claro — concordou Charlotte.

Estava ansiosa para fugir do subsolo, para sacudir esse abatimento súbito. Pela primeira vez em dias, ela se imaginara na casa vazia de Michael West, onde não havia cartão, bilhete. Onde suas muitas provas deram em nada.

Eles subiram os degraus, Charlotte carregando os livros. Burrice, pensou quando foram juntos do Meeker Hall para o ar pegajoso — por que levar os livros para fora? Mas parecia tarde demais para voltar, para resistir ao ímpeto alegre do tio. A grama estava salpicada de centenas de dentes-de-leão amarelos. Eram delicados, resplandecentes. Muito vivos. Moose pisava neles com seus grandes sapatos pretos, deixando pegadas suculentas ao amassar as aglomerações. Charlotte desejou que ele fosse mais cuidadoso, mas, pensando bem, que importância tinha? Dente-de-leão era mato.

Eles alcançaram o campo de atletismo, largo como uma lagoa, as hastes do gol esqueléticas e bambas no calor, trechos carecas no campo de beisebol. Mais daqueles dentes-de-leão amarelos, centenas deles. Seu tio desembestou campo adentro, animado pelo vigor agitado que começara a parecer a sua atitude permanente, cada passo de corrida seu deixando Charlotte mais fraca. Ele estava assobiando. E agora ela parou — parou para vê-lo andar. Parou para descansar. Os livros pareciam uma âncora em seus braços. Ela queria pousá-los na grama, mas receava que eles se perdessem, ou se molhassem — que os sprinklers entrassem em ação sem aviso. Moose prosseguiu, balançando os braços, amassando dentes-de-leão, até ele finalmente (e foi estranho, pensou ela, como demorou) ver que ela não estava ao seu lado, e parou.

Virou-se. Estava sozinho num campo de verão coberto de mato, só e com um desejo quase indômito de rir. De cantar! Pular! Soluçar! Porque, afinal, no limite máximo do quase tarde demais, ele conseguira revelar a essência de sua visão a outro ser humano! Moose soubera no instante em que ouvira a voz de desespero de Charlotte ao telefone duas semanas atrás, depois que ela não apareceu na sua sala.

Ele tivera medo, claro, de que ela jamais voltasse. Nos dias após o telefonema, Moose subsistira num estado de ansiedade quase letal, andando de um lado para outro em sua sala de estar, incapaz até de ler. Mas Charlotte tinha telefonado aquela semana, parecendo muito melhor, e aí o temor de Moose de que ela fosse fugir em resposta ao que tinha visto foi suplantado por uma dúvida mais fundamental (será que ela vira mesmo alguma coisa?) e um novo surto de ansiedade havia começado, deste modo, até Moose jazer inerte, esgotado, desamparado deitado no sofá.

Só mesmo agora suas dúvidas se dissipavam. Charlotte parecia diferente. Cansada, mais velha (num espaço de duas semanas), suas feições com uma definição nova, uma sombra no entorno dos olhos, como se o choque da visão a tivesse transformado numa versão final de si mesma. Para Moose, essas mudanças equivaliam a um esplendor súbito — beleza, até —, e essa impressão o espantou.

Charlotte observou o tio notar que ela não estava ao seu lado e virar. Ele olhou para ela pelo que pareceu muito tempo, e depois lentamente ergueu os braços, levantou-os acima da cabeça, e o paletó de *seersucker* descosturou e abriu dos dois lados como um par de asas azul-claras.

— Entre — disse ele, braços para o alto. — Entre, a água está ótima!

Sol nos dentes, e era o velho Moose de novo, acenando para Charlotte do leme da lancha, lindo com sua musculatura esplêndida, persuadindo-a a entrar nas profundezas misteriosas do Rock River.

E depois não era mais. Era apenas o tio dela, parado num campo de dentes-de-leão.

Charlotte prosseguiu na direção dele, ainda carregando os livros. Entrou num rio de pavor, sentiu o rio se fechando a sua volta, uma apreensão que apertava a cada passo. Não era o tio que ela temia. Moose nunca parecera mais benevolente, mais receptivo. Eram os próprios pensamentos transparentes.

— Tio Moose — chamou quando o alcançou. — Tenho que lhe contar uma coisa.

Moose fez uma longa inspiração, a camisa amarela esticando em seu peito enquanto ele enchia com força os pulmões de ar, conduzindo oxigênio a eles, até Charlotte se assombrar com sua capacidade.

— Eu sei — disse ele, expirando com visível alívio.

Charlotte olhou para ele, uma silhueta larga contra o sol. No rosto do tio, ela via uma pulsação urgente de dor, um sofrimento nu que jamais tinha visto nele antes, ou não diretamente.

— Sabe mesmo?

— Você não deve ter medo — falou Moose.

— Mas tenho — retrucou ela. — Tenho medo que você se magoe.

Moose foi até Charlotte e a abraçou, algo que nunca fizera antes, encerrou-a num abraço desajeitado, pesado, prendendo a sobrinha e até os pesados livros que ela segurava, com aqueles braços e peito e asas de linho, um abraço que cheirava a pizza e a remédio e a poeira. Ela respirou esse cheiro do tio, que a envolvia toda, bloqueando o mundo de modo que nada podia tocá-la e ao mesmo tempo prendendo-a, guardando-a só para si — tudo isso Charlotte sentiu, e entendeu que era amor: isso mais do que tudo o que ela já tinha conhecido. Amor era isso.

Assim. Assim.

— Você não entende — murmurou ele, ainda apertando-a nos braços. — Eu vejo isso também. Todos os dias da minha vida. É apavorante, eu sei. Mas a cegueira é pior.

A voz dele se interrompeu, e então Charlotte começou o tortuoso processo de sair do cercado quente dos braços do tio, afastar-se cega e atabalhoadamente do meio das asas dobradas do seu paletó e do cheiro empoeirado do seu amor para olhar o rosto dele. O rosto estava tenso, eufórico, um êxtase esmagando-o do interior.

— Esperei tanto... — murmurou ele, olhando nos olhos dela. — A vida toda.

Agora o medo tornava a envolvê-la, medo misturado com confusão. Do que ele estava falando? Do que ele estava sempre falando quando olhava para ela com aquela cumplicidade estranha? Mesmo assim, Charlotte sentia uma aceleração antiga na presença do tio. Uma lágrima escorreu de cada um dos olhos de Moose. Ele as enxugou com as costas das mãos e ela esperou, olhando para ele, mais ou menos achando que tinha chegado a hora em que o tio se revelaria.

Quando ele não falou, ela desabafou, cheia de dedos:

— Preciso dar um tempo, um tempo nos estudos. Com você.

Moose fez que sim com a cabeça, enfiando as mãos nos bolsos da calça.

— Eu entendo — disse —, e é um desejo perfeitamente razoável.

Então ele sabia. Sabia e entendia. Charlotte foi em frente, aliviada.

— Quero dizer, aprendi milhões de coisas, mas. — Moose balançou a cabeça positivamente, olhos ainda úmidos. — Quero passar mais...

O sol queimava sua cara, os olhos estavam muito pesados em seus braços. Ela fechou os olhos, cambaleando um pouco no calor.

— Claro — respondeu Moose, baixinho. E então, com uma espécie de pedido de desculpas: — Mas não tem volta, exatamente. Não é assim.

Ela arregalou os olhos.

— Eu tomo conta de você — prometeu Moose com a mesma voz. — Você não vai ser sozinha do jeito que eu fui.

— Espere, como assim eu...?

— É tarde demais. — Ele falou essas palavras com uma suavidade medonha, a suavidade dos médicos, oncologistas falando com crianças. — Está feito, Charlotte. Nada que aconteça agora pode mudar isso.

— Não entendo o que você está dizendo — falou Charlotte, incisiva.

— Será que eu não teria ido embora anos atrás, se isso fosse possível?

— Ido embora de...?

— Você é forte, Charlotte — exortou ele, com olhos brilhantes. Jamais dissera o nome dela tantas vezes. O efeito era encantatório. — Mais forte do que você pensa! Mais forte que eu em muitos aspectos!

Havia uma certeza na voz do tio que a assustou. Algo fora decidido, algo para desvantagem dela.

— Tio Moose. Escute — disse ela, levantando a voz. — Eu não quero mais estudar com você. O lance de Rockford. Quero dar um tempo nisso.

Moose fez que sim com a cabeça. Empatia, pena, pesar — ela viu isso tudo no rosto dele.

— Quero fazer outras coisas em vez disso — insistiu ela, mas as palavras emergiam queixosas, trêmulas, como se ela estivesse implorando a permissão do tio. — Coisas com as minhas amigas.

— E você pode! — retrucou Moose avidamente. — E deve, enquanto isso

ainda é possível.

— Pare de falar assim.

O tio chegou para a frente, o rosto muito perto do de Charlotte, e, mais uma vez, ela se calou, presa no torniquete do seu fascínio residual.

— É um presente — disse Moose, com um leve tom de reprovação. — Eu o dei a você, Charlotte, a mais ninguém. Nesses anos todos.

— Que tipo de presente? — perguntou ela, de novo hesitante.

— Acho que você sabe — respondeu Moose. — Ou tem um palpite.

Ele olhava nos olhos de Charlotte impaciente, avaliando, e mais uma vez ela sentiu um sinal de medo, como se estivesse implorando ao tio por sua própria vida. Imaginou-se junto com Moose, os dois isolados de tudo, rodeados de mapas, longe das outras pessoas e sem esperança de fugir.

— Não quero ser como você — disse ela, recuando. — Quero ser igual a todo mundo.

— Não é verdade — objetou Moose, com a voz entrecortada. — Você não quer isso.

— Quero! — gritou Charlotte, agora zangada. A raiva batia nela, acordando-a, devolvendo-lhe a força. Ela atirou os livros na grama. — Quero ser igual aos outros, igual às pessoas normais — continuou, cerrando os punhos.

— É tarde demais para isso — insistiu Moose, um lampejo de raiva, ou possivelmente medo, agora aceso por trás de sua paciência cremosa, e algo se moveu em Charlotte então, algum aparelho de controle se soltou de sua mão e de repente ela estava gritando:

— Não quero ser como você, não quero! Prefiro morrer. Prefiro me matar! — As palavras lançadas de dentro dela numa espécie de massa, sem lógica nem sentido. — Me deixe em paz — gritou. — Pare de falar comigo.

Dobrou-se, encolhida em meio aos livros espalhados, soluçando pela primeira vez em meses, a primeira vez desde que soluçara na cozinha de Michael West, deixando-se sacudir pelo desespero e a impotência. Era bom. Por uns minutos, foi bom, mas, com o tempo, o silêncio do tio pesou em Charlotte, afirmando-se em acréscimos ansiosos que a fizeram prolongar o choro um pouco mais do que precisava, para não encará-lo. Mas afinal encarou. Levantou-se e olhou para ele.

— Estou entendendo — disse Moose. Parecia desorientado. Olhava para algum lugar à esquerda dela. — Sim, tudo bem. Eu... você tem razão. Sim. Acho que é uma coisa diferente.

E embora a voz dele fosse inexpressiva, quase robótica, Charlotte notou mudanças mínimas no tio, envolvendo a cor, a postura, as mãos tremendo ao longo do corpo, o suor vazando no tecido da festiva camisa amarela, que ficou transparente, uma janela amarela embaçada dando para espirais de pelos do peito para os quais Charlotte não suportava olhar. O fechamento dos olhos do tio e o afrouxamento da boca — mudanças que equivaliam a um desmoronamento prolongado e cumulativo. Ela ficou com medo de que ele pudesse estar morrendo, de lhe ter causado um AVC ou um ataque do coração ou provocado o rompimento de alguma coisa no cérebro dele, e isso lhe deu raiva de novo. *Pare de fazer isso!*, ela queria gritar enquanto observava o tio ruir na sua frente, mas ela tinha terminado com os gritos, com o choro — não queria nada senão fugir desse homem que lhe dera o poder de destruí-lo sem que ela sequer soubesse. Não posso, pensou, não posso mais fazer isso, deu meia-volta e foi andando, deixando os livros espalhados na grama, o tio parado no meio deles, deu meia-volta e foi andando e imediatamente sentiu alívio — a promessa disso. Muito depressa. Ela podia ir andando e não pensar mais em Moose, esquecê-lo como já estava esquecendo Michael West, limpando os pensamentos da mente. Foi andando e sentiu-se mais calma no mesmo instante, assim como fechar uma janela interrompe um barulho.

No perímetro do campo, ela virou e olhou para trás. A densidade dos dentes-de-leão fazia o tio parecer parado num campo dourado, num mar amarelo-vivo. Ela nem olhou para o outro lado. Os olhos de Moose não se mexiam, como se, lá no fundo, ele estivesse inconsciente. E Charlotte se deu conta, então, de que o tio não estivera olhando para ela, afinal de contas. Não de verdade. Ele observava outra coisa, uma coisa que Charlotte não enxergava — uma coisa atrás ou acima, ou ao lado dela, talvez. Ela não sabia onde. Não importava. Ela o deixou ali.

CAPÍTULO DEZENOVE

48

Começou, como tantos desastres, como algo muito pequeno. Tão pequeno que não lembro o que era. Nem quando aconteceu, exatamente.

Eu ia ao volante, e tudo estava mais ou menos bem. Então o clima virou. Começou a chover. E as coisas começaram a dar errado.

Achei desconcertante ler as minhas próprias palavras ou algo parecido com as minhas palavras — minhas palavras coisa nenhuma, na verdade, mas um ventriloquismo das de Irene em que, por alguma razão, até eu acreditei — digitadas direitinho numa página, como um documento. Eu estava recorrendo a isso agora porque a outra alternativa — de que centenas, milhares, até centenas de milhares (segundo Thomas) de internautas que não conheço lessem isso sem eu ter lido primeiro — parecia infinitamente mais terrível.

A viagem começou de forma espontânea.

— Você tem carro? — perguntou Z.

Era tarde da noite. Estávamos numa boate. Ele falava com a boca de lado, olhando para outra pessoa. Fingindo não me conhecer.

Tenho, eu lhe disse.

Era um carro excelente. Novo. Um BMW azul conversível.

Tirá-lo da garagem do meu prédio àquela hora não era fácil. Fingi uma emergência. Dei uma gorjeta enorme para o manobrista sonolento.

Z e eu entramos rindo. A pura aventura daquilo.

— E aí? — falei. Estávamos indo para o sul na longa brecha vazia da Segunda Avenida. — Para onde?

— Para a América — disse ele. — O coração. Ainda não conheço.

Considereei. Nova Jersey. Rhode Island. O norte do estado de Nova York.

— É um lugar grande — considereei. — A América.

— Chicago. De onde você é.

— Nossa — exclamei. — Isso é que é uma viagem.

Eu não tinha levado nada comigo. Nem uma escova de dente. Mal tinha uma bolsa. Z tinha uma pasta, reparei. Estava a seus pés, uma daquelas

duras que as pessoas atiram de aviões nos filmes. Depois alguém as encontra, ainda intactas. Cheias de contrabando.

E então, entendi. Essa viagem não era espontânea coisa nenhuma. Ele tinha planejado.

Uma história se desenrolava.

— Não sou.

Thomas Keene bateu na janela do Grand-Am, e eu a abri.

— Char, precisamos de você aqui um segundo — disse.

Desde sua chegada a Rockford, dois dias atrás, Thomas tinha começado a abreviar meu nome, como se o fato de ver a cidade onde a pessoa nasceu fosse o mesmo que vê-la nua — uma familiaridade que dava direito ao uso de termos carinhosos. Balancei a cabeça assentindo tranquilamente e terminei a página.

— Não sou de Chicago, exatamente — expliquei.

— Cento e quarenta e cinco quilômetros a oeste — corrigiu-se Z.

Ele tinha uma memória excelente.

Deixei de lado o manuscrito, apertei o botão para desligar o ar-condicionado e saí do carro naquele calor violento. O Grand-Am estava estacionado numa estrada de terra amarela que começava em ângulo reto na I-90 e subia quilômetros com uma inclinação pelo milharal furta-cor. Era o mesmo campo onde ocorrera meu acidente dez meses antes.

Procurei Irene e avistei-a mais à frente na estrada, às voltas com o celular. Falando com o marido — algo que andava fazendo cada vez com mais frequência enquanto a nossa viagem se arrastava segunda semana adentro. Thomas estava de pé na beira da estrada, olhando através de uma câmera de dezesseis milímetros montada num tripé alto e esguio ancorado numa estrutura de metal. Com aquelas calças cáqui caídas, aquelas botas cor de areia e boné azul-claro, parecia ter sido vestido por um estilista da Patagônia. Mas vestido para quê? Qual era o papel de Thomas Keene aqui em Rockford, Illinois? Esta pergunta me perseguiu durante todo o drama da sua chegada: suas discussões com Irene por telefone a respeito dos méritos de reencenar momentos culminantes da minha história num filme (uma técnica básica de *Unsolved Mysteries*), os múltiplos boletins relativos à sua

viagem. Finalmente, sua aparição incongruente na Casa da Suécia de calças cáqui e boné, os poros faciais e pelos nasais mais expostos, de alguma maneira, embaixo desse amplo céu do Meio-Oeste.

Ontem, ele tinha levado Irene e a mim em seu Saturn alugado para visitar o fazendeiro do campo escolhido por nós. Eu esperava um daqueles celeiros vermelhos caindo aos pedaços que a gente via ao longo da I-90, mas o complexo da fazenda era supermoderno: um celeiro metálico que parecia um hangar, uma vasta horta ao ar livre que o filho do fazendeiro controlava por computador. Enquanto Irene e eu tomávamos café em canecas com a inscrição “Conduz-me, Ó Senhor, ao teu Reino Celestial”, Thomas negociou um preço pela remoção de uma única carreira de milho e a abertura de uma vala comprida e estreita em seu lugar, e também a limpeza de uma área muito grande de campo para fazer uma fogueira.

— A coisa mais incrível — disse o fazendeiro, um homem hesitante com mãos do tamanho de lombos de porco. — Uma moça capotou com o carro na autoestrada ano passado e veio rolando até aqui nesse mesmo campo, um pouquinho mais adiante. Ah, mas foi uma confusão... Parecia o Quatro de Julho, todas aquelas luzes de emergência. Acho que ela morreu, que Deus a tenha.

E um choque comum, ou timidez — uma confusão quanto a qual de nós devia corrigi-lo, seguida de um sentimento de que havíamos esperado muito (pois o fazendeiro passou para uma entusiasmada elucubração contra a borboleta-monarca e os adversários da engenharia genética), nos impediu de lhe transmitir a boa-nova da minha sobrevivência.

Mais tarde, usando o quarto de hotel de Irene como uma espécie de quartel-general, Thomas pegou o telefone e acabou contratando uma equipe de filmagem de Chicago. Esta manhã, eles nos encontraram no sítio: Danny, Donny e Greg (mais dois assistentes de produção que ficaram sem nome), um trio cuja sanidade do Meio-Oeste subvertia tão completamente seus piercings, marcação a ferro, rabos de cavalo, tatuagens, cabeças raspadas e outros adereços da contracultura que eles poderiam muito bem se chamar Não Vejo o Mal, Não Ouço o Mal, Não Falo o Mal.

— Char, daria para você andar pelo campo até onde Donny está parado? —

pediu Thomas. — Depois, basta dar meia-volta e vir na minha direção.

Entrei com cuidado no milharal. O milho batia na minha cintura, estremecendo em volta de mim como a superfície de uma lagoa esverdeada. As folhas eram escorregadias e afiadas, enroladas em volta de minúsculas espigas que ainda não se viam.

Donny me encontrou no meio do campo, onde o local proposto para a fogueira tinha sido delineado com uma corda branca presa a finas tiras de madeira. Pinos e brincos e pequenas argolas zuniam na cara de Donny como um enxame. Ainda não era meio-dia, mas o estrilo dos gafanhotos parecia um canto.

— Tudo bem, Char — gritou Thomas da estrada. — Volte devagar na minha direção. Cuidado para não estragar os pés de milho.

O milho era plantado em carreiras com quase um metro de distância umas das outras, mas os pés propriamente ditos eram tão frondosos e tão densos que precisei andar com cuidado, afastando as folhas. Um calor rançoso subia do solo vermelho. Na boca do túnel verde, vi Thomas estreitando os olhos na câmera, fazendo uma lenta tomada panorâmica do campo. Não Enxergo o Mal, o operador de câmera, rondava ao lado dele usando um cinto de baterias. Olhando esse quadro, tive uma epifania súbita — entendi por que Thomas tinha ido a Rockford: apesar de suas habilidades para captação de recursos e administração e seu gênio empreendedor, de sua capacidade como vendedor de ideias e de seu dom para responder às preces coletivas do Zeitgeist, Thomas Keene queria outra coisa da vida. Queria ser diretor.

Quando emergi do milharal, Irene reapareceu ao lado dele, o cabelo frisado (umidade) e caindo da presilha, a marca das noites em claro sob os olhos. Dizer que ela resistira à estada de Thomas no Meio-Oeste seria insultar a energia heroica com que ela se opusera à mesma — por razões ideológicas (“Por que não deixar os consumidores usarem a imaginação? Por que essa necessidade de lhes dar uma imagem, quando...”), egoístas (“Olha, é óbvio que você não acha que a minha escrita pode se sustentar sozinha, e francamente eu...”), psicológicas (“Não leve isso para o lado errado, mas a sua presença bloqueia Charlotte, o que significa...”), solidárias (“Você tem muito o que fazer, Thomas. Por que acrescentar isso ao...”), conjugais (“Estou muito ansiosa para ir para casa. Não, nada de errado. Só estou

morrendo de vontade de ir...”). Quando nada disso funcionou, quando Thomas decidiu vir assim mesmo (um fato que acho que nunca esteve em dúvida), Irene desabou em sua cama da Casa da Suécia e não se levantou por quase vinte e quatro horas, e nesse tempo não tomou nada além de água saborizada Fresca. Mas no dia seguinte, quando Thomas chegou, ela conseguiu se recompor e lhe deu as boas-vindas com uma resignação amigável cujo ingrediente principal era alívio — o alívio de ceder, jogar os braços em volta exatamente daquilo que fizemos tudo em nosso poder para evitar. O alívio de não ter mais que lutar.

Mas eu queria que Irene lutasse. Algo fantasmagórico estava se manifestando nela desde a chegada de Thomas, e às vezes ela parecia tão fundida ao cenário que se tornava transparente. Mesmo a sua angustiada sombra parecia apagada, fraca. Ou talvez eu estivesse perdendo o poder de enxergá-la.

— Ótimo, ok. Parece bom — elogiou Thomas. — Danny, podemos começar a cortar. Vamos ligar a serra no seu gerador se o fio der. Irene já pediu a areia, que deverá estar aqui por volta de uma. — Ele olhou o relógio, depois debruçou-se no ombro de Irene com uma intimidade que me deixou indignada. Juntos, eles estudavam o caderno dela. — O que mais? — indagou Thomas.

— Bem, tem a vala — lembrou-lhe Irene.

— Ih, cara. Quem é que vai cavar aquela vala?

Irene baixou a voz.

— Podíamos perguntar a Danny se os assistentes estariam dispostos a fazer isso.

— Não gostaria de perguntar a eles — disse Thomas. — Estamos falando de horas de trabalho físico. Precisamos de, tipo, operários.

— Escavadores — interrompi com um sorrisinho.

— Será que existe alguma coisa como uma agência de emprego temporário para trabalho braçal? — perguntou Thomas a Irene. — Será que existe alguma coisa assim por aqui?

— Vou trabalhar nisso — retrucou ela, sem trair exasperação, se sentia alguma.

Mas eu estava exasperada — por ela —, tendo me atribuído a duvidosa especialidade de sustentar as reações que eu tinha certeza de que Irene teria, não sendo ela um fantasma no presente momento. *Ela leciona na Universidade de Nova York, certo?*, recriminei Thomas mentalmente. *Ela não tem tempo para ser sua*

secretária. Mas, pelo visto, Irene tinha tempo, sim.

— Depois maquiagem — disse ela, consultando de novo a lista. — Suas sobrinhas estão prontas para isso, certo?

— Grace vai trazer as meninas aqui depois do almoço — informei.

— E os gravetos? — perguntou ela. — As coisas para fazer a fogueira.

— Ah, os filhos do fazendeiro vão cuidar disso — disse Thomas. — O que me lembra... — Ele parou, parecendo sem jeito, depois continuou, meio triste: — Irene, será que tem alguma forma de você colocar o fazendeiro no roteiro? Dar a ele uma ou duas falas? Ele está sendo incrivelmente prestativo, e eu meio que, eu acho que deixei implícito que poderia haver um papel para ele.

Para minha estupefação, Irene disse com delicadeza:

— Claro, eu o coloco no roteiro.

— Ôu ôu ôu — fiz eu, girando nos calcanhares para olhar para ela. — Me explica como um fazendeiro se encaixa no meu acidente?

— Ele pode chamar a ambulância.

— Perfeito — disse Thomas. — Isso é simpático. E não tira nada da autenticidade.

— Fora o fato de não ter acontecido — ressalttei.

— Bem, poderia ter acontecido — retrucou Irene. — Você não sabe quem chamou a ambulância.

— Sei que não foi aquele fazendeiro! — reclamei, mas não queria discutir com Irene.

Eu queria entendê-la. Queria me tornar ela, sustentar o seu lugar, guardar as coordenadas da sua personalidade até ela poder retomá-la.

— É meio-dia — disse ela. — Será que devo ir à cidade comprar o almoço?

Que se foda, pensei, e fui andando.

No Grand-Am, botei o ar-condicionado no máximo. Eu não me importava de descarregar a bateria. Que diferença isso podia fazer? Uma bateria descarregada não ia interromper esse projeto — nada tinha esse poder, nem Irene, nem Thomas. Certamente nem eu. Ele era maior que nós todos. Enquanto eu buscava o meu lugar entre as páginas impressas, o gemido de uma serra elétrica subiu do milharal e o barulho dos gafanhotos pareceu se intensificar em resposta — um matraquear

rítmico, como uma legião de macacos.

49

Eu já tinha feito uma vez a viagem de carro entre Nova York e Rockford. Treze anos atrás. No meu Fiat verde enguilhado. Vindo a Manhattan pela primeira vez.

Agora eu estava indo para casa. Num carro que eu amava muito para deixar qualquer pessoa dirigir.

Por fim o sol nasceu. Estávamos na Pensilvânia. Uma paisagem largada, encardida. Prédios de fábrica antigos, vidraças quebradas. Pareciam redutos (fiz uma “?” ao lado dessa palavra.) de uma guerra esquecida.

Z estava paralisado. Estava gostando. Dessas ruínas dos Estados Unidos.

Eu estava dirigindo. E aguardando, o corpo alerta. Aguardando que ele explicasse quem era, de que estrutura maior fazia parte. O que estávamos fazendo. E, sobretudo, por que ele tinha me escolhido. Que qualidades reconhecia como sendo únicas ou singularmente adequadas aos seus propósitos.

Moose estava de pé no seu cubículo na sala do Departamento de História, agarrado à sua correspondência enquanto a equipe mirrada de recepcionistas (a saber, uma) o observava com toda sua personalidade demoníaca à mostra. Ele olhou na direção das portas dos seus colegas procurando com quem falar, alguém com quem fazer brincadeiras imprevisíveis, porque até uma interação tão estranha e tensa (para Moose) parecia preferível naquele momento a descer para sua sala no subsolo.

Claro, a maioria dos seus colegas estava cortando o Michigan Lake com lanchas ou atravessando o Grand Canyon de carro com os filhos ou assentando tijolos em volta de canteiros de flores... Mas ali, uma porta aberta! Um colega desgarrado do verão! Jim Rasmussen, lendo à sua mesa e massageando o couro cabeludo com delicadeza. Moose precipitou-se para o colega indiscriminadamente, cantando “O-lá, Jim” da porta apenas um ou dois segundos antes de lembrar que Rasmussen era seu inimigo declarado — que tinha tentado mais de uma vez fazê-lo ser demitido e se referiu a ele como um “lunático” numa recente reunião de professores. Rasmussen se virou com um olhar assustado. Um engano, um engano. Moose viu a confusão no olhar do colega.

— Moose — resmungou Rasmussen, desconfiado daquela saudação atípica e desnecessária, na verdade interruptiva.

Um equívoco, mas agora, tendo berrado olá, Moose sentiu-se compelido a acrescentar mais alguma coisa. *Fale*, ordenou a si mesmo enquanto um calor roxo ocupava seu rosto. Fale sobre o tempo ou um esporte ou alguma questão do departamento (sobre o que as pessoas falavam?).

— Então, hã — disse afinal —, está lendo algum livro bom aí?

Rasmussen estreitou os olhos para ele, esperando o golpe. Passaram-se vários momentos, e finalmente mostrou um livro. Um homem do século dezoito, Jim Rasmussen, e Moose se preparou para uma monografia detalhando a sucessão de reis espanhóis, ou uma biografia de Robespierre, uma história da mineração na Inglaterra — preparou-se para responder com alguma pergunta sobre a evolução da visão, sobre o vidro e seus usos, mas o que Rasmussen brandia no ar era algo que Moose teve dificuldade de decifrar a princípio: uma biografia não autorizada de Jennifer Lopez.

— Ah — fez Moose, sem saber quem ela era, mas mortificado por Rasmussen apenas por ter visto a capa do livro.

— Sou louco por ela — comentou Rasmussen com um ar desafiador, rebatendo o constrangimento de volta para Moose, recusando-se a aceitá-lo. Ele não pagaria — Moose pagaria. — Simplesmente louco por ela.

— Hã — retrucou Moose, sem firmeza.

— Não me canso.

— Vou, hã, deixar você continuar a sua leitura, então.

— Prazer em vê-lo, Moose — disse Rasmussen, arreganhando os dentes, e Moose afastou-se da porta e fugiu da debacle, sem saber ao certo quão extensa era a debacle, combatendo uma sensação de que, com essa tentativa desajeitada de aproximação, ele afinal tinha selado a sua ruína acadêmica.

O silêncio caía ao redor dele como terra quando ele desceu para sua sala. Girando a chave, Moose sorriu, demonstrando a alguém (quem?) que estava tudo bem, que estava tudo sob controle, que na verdade era bom o campus estar tão vazio porque ele tinha uma montanha de trabalho para fazer, e por isso provavelmente acabava sendo melhor que...

Mas não ia pensar em Charlotte. Moose tinha feito essa promessa a si mesmo uma semana antes, quando aquilo aconteceu, e desde então tinha conseguido (em geral) banir a sobrinha da mente. Ele nem contara à mulher — não tocara no nome de Charlotte nem uma vez —, embora Priscilla tivesse perguntado várias vezes o que havia de errado.

Mãos trêmulas por causa do imbróglio Rasmussen, Moose desabou na cadeira e pousou sua correspondência, uma quantidade minguada sem os envelopes profissionais cor de creme que ele muito desejava. Examinou-a, todavia, puramente a fim de ter algo para fazer neste dia desultório. E aí, parou. Uma mudança que havia ocorrido na atmosfera a seu redor, uma mudança tão simples e no entanto dramática como uma nuvem tapando o sol, com a distinção crucial de que não havia sol (metaforicamente falando) na vida de Moose fazia vários dias. Não, ele estava muito pouco no sol para que essa metáfora servisse (não que alguma servisse), então Moose excluiu a luz do sol da sua representação da mudança de clima da sua sala, uma mudança como aquelas correntes geladas que ele encontrou quando nadava em água morna: um tentáculo de frio que trazia um indício da vastidão do oceano, suas profundezas, sua escuridão, as insondáveis criaturas habitando os seus confins inferiores.

Moose levantou da cadeira, foi até a janela e subiu a persiana. Entraram alguns raios de sol. Ele olhou para o caminho, meio que esperando ver alguém vir por ali levantar o seu ânimo abatido — mas quem viria? Quem senão outros Rasmussens, uma infinidade de Rasmussens empenhados em anulá-lo?

Mas ele não ia pensar assim! Moose foi ao seu arquivo, abriu-o com sua chave e olhou para a massa bolorenta do seu manuscrito — a história de Rockford, Illinois, que tantas vezes teve o poder de animá-lo. Pegou um maço de páginas e segurou, esforçando-se para mobilizar o mecanismo gasto e enferrujado do seu otimismo. Talvez o problema fosse que ele não saía o suficiente. Devia fazer o que o pai fazia, pegar o carro e ir a Chicago uma vez por mês ou tomar o trem (só que não havia mais trem), dar umas braçadas e almoçar no University Club em meio a madeira polida e ternos caros, framboesas de sobremesa, servidas sobre gelo e cobertas com uma bola de creme batido. Chicago.

Chicago!

A transformação desses sinais e noções num plano concreto foi um acontecimento fisicamente estimulante. Moose repôs o manuscrito com muito cuidado, trancou a gaveta, saiu da sala sem hesitar, fechando a porta com um pontapé, e depois subiu os degraus e deixou o Meeker Hall sem nem sequer olhar na direção da sala de Rasmussen. Então, afastou-se bufando do campus deserto da faculdade por caminhos sinuosos ao ritmo surreal dos gafanhotos.

Oitocentos metros depois, inundado de suor, encontrou sua camionete estacionada na vaga a ela designada em frente ao seu apartamento no Versailles. Por uns quinze segundos, talvez, pensou em entrar e deixar um bilhete para Priscilla, que estava no hospital, explicando sua partida não programada para Chicago. Mas não. Isso prejudicaria o seu ímpeto atual, e era muito difícil manter um ímpeto. Vá, pensou ele. Vá! Estava com a carteira e um cartão de crédito — *hit the road, Jack!* A própria ideia o deixou tonto, e Moose tentou se acalmar, ancorar seu estado de espírito como alguém que tenta fincar as estacas de uma barraca rebelde durante um vendaval (como ele odiava metáforas, sua associação de coisas díspares transformadas em quimeras, como minotauros), mas a barraca era muito grande, o vendaval muito forte — seu bom astral continuava ondulando e se agitando quando ele saiu do Versailles com um grito, esmurrando o dial do rádio até encontrar uma estação de músicas antigas, música dos anos setenta, ei, essa era ótima. Moose cantou “Hotel California” enquanto descia a toda a East State em sua camionete baixa, desviando de Lincoln Town Cars guiados por senhoras de cabelos brancos com os rostos a centímetros do para-brisa. Por fim, pegou a autoestrada. Ah, que felicidade vinha do puro movimento, apenas pisar fundo. Não espanta que a autoestrada fosse um ícone americano de liberdade! Fodam-se as pílulas, pensou Moose. Terapia do movimento — por que não? *Mutatio loci!* E não era só porque uma viagem como essa lhe lembrava dos dias cegos e fáceis antes das suas transformações — simplesmente porque era gostoso se movimentar.

A frase bateu em Moose com profundidade, é *gostoso se movimentar*, uma frase que não só era indiscutivelmente verdadeira (a prova sendo o seu atual estado efervescente de quase euforia), mas (melhor ainda) cuja verdade felizmente era independente da metáfora do Minotauro. Moose catou no porta-luvas um

caderno — alguém estava buzinando, ah, merda, ele saiu da sua faixa —, deu um toque na buzina e sorriu, estava muito feliz! Abriu o caderno entre as pernas e escreveu, ou esperou estar escrevendo, É gostoso se movimentar, lá-rá-ri, coração disparado, descompassado. *Movimento — curativo?*, rabiscou, depois foi distraído por placas do aeroporto O'Hare à sua direita, placas que lembraram o seu plano, ainda não realizado — não divulgado, não pesquisado —, de levar Priscilla ao Havaí. Será que algum dia faria isso? Será que conseguiria? Essas questões incomodavam Moose como um bando de melros batendo as asas tão perto do seu rosto que queria espantá-los com um taco de beisebol (e eles eram apenas metáforas!). E agora lá vinha de novo a sensação sinistra, uma premonição gelada de morte. Moose reprimiui-a — *Sou um lutador*, pensou. Sem dúvida o problema era que ele estava sem prática, não viajava para lugar algum há muito tempo. Uma viagem a Chicago seria a melhor maneira de começar — molhar os pés, por assim dizer, ir para o lago com aquela borda calcária, ir a lugares onde o pai o tinha levado quando criança — sim, uma intensa sensação de alívio notificou Moose de que esta era de fato a opção certa, a melhor opção, e, melhor de tudo, *a opção que ele já tinha feito*. Estava quase lá! E se essa aventura se provasse bem-sucedida — ele estava acelerando de novo, fugindo das alças do aeroporto de O'Hare pelo refúgio do movimento em si —, se tudo desse certo em Chicago, então talvez ele fosse estar pronto para tentar o Havaí.

★ ★ ★

À uma e meia, uma grande área de milho tinha sido ceifada, limpa, compactada, encharcada de água e coberta por uma camada de areia de um tom vivo de laranja — um pedacinho de praia technicolor escondido em meio a um terreno agrícola verdejante. Os dois filhos do fazendeiro começaram a arrastar a carga depois de terem carregado troncos, galhos e gravetos com suas pesadas luvas de trabalho, amontoando-os na areia, formando uma torre espinhosa mais alta do que o próprio milharal.

De alguma maneira, Irene conseguiu encontrar dois homens para cavar a vala. Eles chegaram numa picape, um alto (Mike), outro baixo (Ed), seus rostos tristes e

flácidos como um desenho do dano causado à pele pela exposição prolongada ao sol. Quando saltaram da picape, pás em punho, Thomas aproximou-se timidamente de Irene, que estava de pé a meu lado.

— Eles parecem meio — comentou ele, e mexeu a mão de um jeito ambíguo. Ela fez que sim, observando os homens.

— Estou surpresa — falou. — Aquele com quem falei pareceu.

— O calor. Não queremos.

— Eu não poderia dizer.

— Vozes — concordou ele.

— Isso é uma conversa de verdade? — perguntei. — Vocês realmente se entendem?

Ambos pareceram espantados.

— Só estamos dizendo que os homens são mais velhos do que esperávamos — retrucou Irene, corando ligeiramente.

Mas Mike e Ed estavam prontos para trabalhar, precisavam de trabalho — pelo dinheiro, claro, mas também porque esse serviço os liberava de uma tarde de cursos de informática que eram forçados a fazer desde que os bancos compraram as suas fazendas: como criar um arquivo, escrever uma carta, fazer uma planilha. Eles faziam o curso para agradar às ranzinzas esposas assustadas, ranzinzas, que de alguma maneira esperavam que eles, aos cinquenta e oito e sessenta e um anos, se reinventassem como gerentes. Tudo isso eu captei ouvindo-os conversar enquanto aguardava Irene voltar com o Grand-Am (ela estava comprando o almoço), para poder me arrastar de novo lá para dentro. Thomas estava de pé perto de mim, olhando os escavadores, contraindo o rosto diante dos assovios que os pulmões deles faziam (ambos fumantes, maços delineados nos bolsos do peito), diante do jeito que as barrigas endurecidas forçavam os cintos das calças de trabalho.

— Como vão indo? — perguntou, com uma simpatia ansiosa. — Estão se sentindo bem? Querem descansar um pouco? Está bem quente por...

Mas Mike e Ed estavam bem, disseram eles, muito bem. A terra era lançada de suas pás e o suor escorria entre os exóticos afluentes de seus rostos.

Irene voltou com sanduíches, refrigerantes e salada de batata, que ela arrumou na traseira aberta da van da equipe de filmagem. Este bufê improvisado, junto com

alguns curiosos que haviam se unido às nossas fileiras (amigos do fazendeiro e seus filhos) começaram a fazer a nossa aventura parecer uma filmagem de verdade. Enquanto comíamos, sentados de pernas cruzadas à beira do milharal, enxotando moscas, o carro de Grace saiu da autoestrada e veio sacolejando estrada de terra acima, levantando nuvens de poeira. No meio da subida, ela parou, e Pammy e Allison saltaram junto com o namorado novo de Allison, um jovem cuja beleza espantosa nos deixou momentaneamente paralisados.

— Quem é aquele garoto, meu Deus? — perguntou-me Thomas, quase engasgando com o sanduíche de atum.

— Não tenho ideia — respondi. — É um garoto daqui. Passa horas no telefone com a minha sobrinha.

— Que rosto bonito — disse ele. — Ele é um astro, olhe só. *Olhe para aquele rosto!*

Os adolescentes marcharam estrada acima, o menino boiando dentro daquelas mesmas calças largas que eu tinha visto nos garotos em Nova York, segurando um skate embaixo do braço. Com uma expectativa perversa, esperei o que eu sabia que aconteceria em seguida.

— Temos que encontrar uma maneira de colocá-lo no filme — murmurou Thomas.

— Eu realmente não sei como.

Mas Thomas já tinha se levantado e se mandado, largando o sanduíche no chão, para onde estava Irene (comendo um sanduíche de bacon, alface e tomate sozinha dentro do Grand-Am, falando ao celular), cujo trabalho passara a ser satisfazer os seus desejos.

Levantei-me para cumprimentar as crianças. Com uma formalidade comovente, Allison me apresentou ao garoto, que se chamava Ricky. Ele sorriu quando apertei sua mão esguia — um sorriso meigo, irrepreensível, que ele guardou um instante depois, fechado em um origami de esperteza adolescente. Tinha a tez cor de oliva, olhos separados, escuros e vivos, dentes brancos numa boca larga e travessa. No entanto, a sua beleza era independente desses traços. Era mais, de certa maneira, inefável. No meio de um milharal, pousara uma gota de beleza. E apesar de tudo o que eu sabia, não pude deixar de sentir que esse

menino era numinoso, uma articulação de algum milagre profundo que lhe encheria a vida. Ele se afastou com as meninas, depois subiu no skate e pulou no ar, alavancando-o num esforço aparente para executar alguma manobra. Aterrissou de joelhos na terra, acenando aquele sorriso como uma bandeira.

Voltei para o Grand-Am e continuei lendo.

53

Dirigimos – eu dirigi – até e durante todo o dia seguinte. De vez em quando, parávamos para comer. Nunca no McDonald's. Z se recusava.

Com o passar do tempo, fiquei cansada. Depois mais cansada. Depois catatônica. Mas algo me fazia não parar. O clima de expectativa era delicioso. Tilintou entre nós por toda a Pensilvânia.

Finalmente, uma hora depois de termos entrado em Ohio, paramos num hotel de beira de estrada. Na claridade fraca, empoeirada do dia, dormimos.

Acordei três horas depois. Virei para o lado e observei Z adormecido. Seu rosto austero, marcado.

– Quem é você? – murmurei. – Quem é Z?

O mundo parecia direito. Os quilômetros de autoestrada, o barulho dos caminhões passando. Trechos de conversas do estacionamento em frente à nossa janela. Uma criança chorando, um motor pegando. “Querido, será que a boneca da Angie está no banco de trás?” Passo passo passo.

Eu não conseguia ver essas pessoas. Só uma canela, uma mão por entre as cortinas. Em minutos, elas teriam ido embora, para viver suas vidas.

Eu estava sorrindo.

Então Z acordou. Timidamente, olhos agarrados nas paredes.

– Ei – chamei. – Está tudo bem? – Toquei em seu ombro.

Ele olhou para a minha cara. Através dela. Então pulou da cama e ficou de pé, nu. Magro, tenso. O quarto barato, sem graça, nos envolvendo.

– Ei – repeti. – Relaxa.

Moose entrou em Chicago com relutância, antes que os prazeres de dirigir chegassem perto de se esgotar. Se ao menos fosse mais longe! Ele considerou continuar na I-90, mas por mais que a ideia de dirigir sem parar fosse visceralmente atraente, a ideia de fazer isso sem qualquer destino claro o deixou muito inquieto. Então saiu da I-90 em Belmont e logo se viu rodeado pela periferia dolorosamente familiar de Chicago, uma turma de velhos amigos que ele

não encontrava havia anos: prédios baixos de pedra do mesmo amarelo que castelos, pontes de ferro fundido se arrastando de um lado ao outro de viadutos. Garotos negros na rua — Chicago!

Ah, o lago! O coração de Moose cresceu dentro do peito ao avistá-lo, o belo lago sorridente cercado por um colar dos mais preciosos arranha-céus que ele já vira, alguns altos e finos como colunas vertebrais, outros resplandecendo tranquilamente atrás de vidros azulados Bauhaus. Moose ia a toda na Lake Shore Drive dirigindo-se para o sul, curtindo “Miss You”, dos Stones, cheio de determinação, cheio de propósito, nossa, estava quente, como a exalação de um forno de pão. “Ah ah ah ahahah. Ah ah ah ahahah”, ele cantarolava com Mick. Eram três horas, o lago estava cheio de barcos.

Ele saiu na Michigan Avenue e passou pela torre de água amarela que havia sobrevivido ao incêndio de 1871, a expectativa se agitando em seu íntimo quando ele se aproximou do Chicago River, aquela via fluvial rabugenta cuja nascente, nos primórdios de Chicago, estava sempre assoreando e tinha que ser dragada; um rio que transbordava toda primavera, inundando grande parte da cidade, até enfim Chicago elevar as ruas em quatro metros. E naturalmente as antigas linhas férreas, estações onde os primeiros elevadores de grãos foram construídos — Moose sentiu-se levitar com uma empolgação quase intolerável só de pensar em passar o dia explorando essas relíquias, desfrutando o efeito persistente deixado por elas, e, no entanto, conforme sua camionete entrava a toda no Loop, rumo ao University Club e seu chocalhar de prataria e seus garçons idosos encurvados que haviam passado mais da metade da vida trabalhando ali, enquanto ele prosseguia rumo a framboesas e matadouros desaparecidos e fábricas de processamento de carne agora remodeladas como apartamentos com vista para o rio, Moose foi vencido por uma exaustão repentina, como se já tivesse feito e visto tudo demasiadas vezes. As ferrovias, as framboesas. Chega.

Moose passou por cima do rio Chicago, o aço retumbando sob os seus pneus. Uma coluna de água esverdeada, antigos arranha-céus de pedra, o Wrigley Building, a Tribune Tower, e então os prédios desapareceram e ele estava entrando no Loop escuro e sombrio rumo ao Instituto de Arte. Fez uma conversão súbita à esquerda no Grant Park. Algo mudara em seu estado de espírito, ele estava

escorregando, caindo, deslizando, mas era menos a corrente gelada que essa exaustão amplificada pela atividade febril no parque em si: mantas de piquenique, crianças, grama, a Buckingham Fountain com suas trombetas de água, nossa, me tira daqui, pensou Moose, enfim pegando a Lake Shore Drive e retornando, seguindo para norte, de novo para o lado de onde tinha vindo, fugindo do Loop, aonde tinha chegado triunfantemente havia apenas poucos minutos.

A corrente gelada enrolara uma gavinha em seu tornozelo, e Moose acelerou para fugir dela. Hora de saltar do carro. Ele poderia ir à praia Fullerton. E a lembrança do local — fora talvez umas vinte vezes à praia Fullerton na vida — assaltou Moose como uma pequena cápsula de sensação: cachorros-quentes, chocolatinhos Milk Duds, areia suspeita salpicada de guimbas de cigarro, o alvoroço das crianças — acabou, ele evitara aquele *enjambement* de sensações assim como a praia em si. Agora imaginava sair da Lake Shore Drive e rumar para oeste entrando em Old Town, e foi bombardeado por outra antologia comprimida: carvão queimando, hera estremecendo nos tijolos, riso de meninas, aquele doce suco colorido que entrava em formas feitas de cera — acabou. Mas deixando uma marca, uma mozza. Como a maçã machucando o inseto de Kafka, cada uma dessas cápsulas de recordação se dissolvia no sangue de Moose, liberando sua carga de lembranças das coisas todas que ele tinha perdido...

— Perdido, não! Ganhado! — trovejou Moose em voz alta, mas agora, felizmente, esse debate (perdido ou ganhado?) foi suplantado em sua mente pela proximidade do Belmont Harbor e do iate clube. Sim, era este o lugar. Moose entrou com a camionete numa vaga, desesperado para se livrar da carroceria dela, cujo único propósito, agora parecia, era mantê-lo quieto para que essas cápsulas de lembrança pudessem atacá-lo, entrar em sua corrente sanguínea e liberar o seu carregamento de nostalgia tola e não confiável.

Ele nem trancou o carro, tão feliz que estava por se livrar dele.

Ir a pé ao longo do Belmont Harbor rumo ao totem, no entanto, não era exatamente uma cura para reminiscências. O peso das árvores, o cheiro delas, o tom da tinta nos parquinhos, o *phrix* do vento no lago, tudo isso transportou Moose direto para a infância, visitas à cidade com o pai que ele havia esperado por dias. Um homem sossegado, distinto, seu pai, o tipo de homem que contava o

troco para se certificar de não lhe terem dado a mais, um homem com mãos como luvas de beisebol, grandes e quentes e macias. Mas tinha acontecido uma coisa estranha — agora as próprias mãos de Moose haviam ficado enormes e parecendo de palhaço, e o garotinho que segurara a mão do pai desaparecera, engolido por essa massa do eu atual de Moose. Tão intensa era a sua lembrança daquele menino que agora lhe parecia que eles estavam andando lado a lado — Moose e Moose menino —, passando juntos pelos cascos brancos de fibra de vidro, Moose segurando a mão do menino na sua mão do tamanho de uma luva.

— Vamos, vamos para a água, vamos ver o lago — ele se viu dizendo em voz alta para esse menino, tentando seduzi-lo, procurando conquistar a sua felicidade do jeito que se cortejam os prazeres inconstantes das crianças. — Por aqui — dizia delicadamente, com um jeito adulator, arregimentador, e eles caminharam, Moose e seu companheirinho, pela orla do Belmont Harbor, passando pelo totem, subindo para o santuário de pássaros e depois para a beira do lago, o grande lago oceânico cintilante que podia parecer leitoso e tropical ao sol (como agora) ou cinza-esverdeado embaixo de nuvens, que durante uma tempestade podia se enfurecer em tons de um preto-arroxeadado. E Moose finalmente fez o que queria havia muito fazer: subiu no dique e ficou no alto de um cubo de concreto com o menino do lado, aquele menino travesso que ele tinha sido, aquele menino feliz, cego, olhando para o sol faiscando no lago, ouvindo o barulho dos gafanhotos embora não houvesse nenhum — haviam acabado junto com os milhares. Estalos, fantasmas amébicos acenando os seus tentáculos do céu. Moose observou esses fenômenos, que reconhecia como alucinações induzidas pelo estado de excitação de seus pensamentos, observou-os em parte para evitar olhar para o Moose menino, que o observava. Moose sentia no rosto os olhos do menino, um olhar prolongado que seria rude em qualquer um, mas não em uma criança, um olhar que Moose adiou retribuir enquanto pôde, porque sabia que continha uma pergunta a que só poderia responder gastando energia ao máximo (e no momento, estava muito cansado), e talvez nem assim: o que tinha acontecido com ele?

Às três e meia, a equipe de filmagem testou a sua máquina de chuva, que falhou espetacularmente, esguichando de esguelha uma profusão de projéteis que inundaram câmera, equipe, equipamento de som, espectadores, o resto do nosso almoço e Thomas, que um instante depois berrava no telefone.

— O que é essa ti-ti-ca que vocês me mandaram? — gritou ele, parecendo prestes a chorar. — Ele ensopou o meu... ajustar o quê? Olha, não sou mecânico. Preciso de chuva! Sem chuva, estou totalmente f...

Irene bateu no ombro dele e apontou para o céu, em que nuvens amareladas, ambíguas, haviam começado a se formar. Thomas balançou a cabeça, assimilando isso.

— O quê? Tudo bem. Tudo bem. Agora olhe, supondo que chovesse mesmo. Podíamos filmar, certo? É, com esse equipamento. Não? E se comprássemos... Não? Mesmo com... Não? Tudo bem, tudo bem... — Ele olhou para a equipe de filmagem, que tinha se reunido em volta para ouvir. — Bem, então é melhor você imaginar como vai conseguir mandar a porra de outra máquina de chuva para...

Ele parou. Não Escuto o Mal estava lhe enviando um sinal, embora tantos acessórios faciais tornassem as expressões difíceis de precisar.

— Eu, hã... — disse Thomas, e parou de novo. Paramos todos. — Vou ligar depois, hã... — Fechou o telefone. — O quê? — gritou para o engenheiro de som.

Não Escuto o Mal olhava para o céu.

— É uma baita tempestade vindo aí — falou, um tom de expectativa na voz.

— É, mas segundo o seu chefe, não podemos... A menos que você... — Thomas inclinou a cabeça subitamente interessado.

— Foda-se o chefe — disse Não Escuto o Mal, metal faiscando na língua. — Vamos filmar na chuva.

Os outros dois concordaram no ato.

— Vamos. Vamos fazer isso, porra. Filmar. Na chuva, na chuva — murmuraram.

E afinal, nessa concordância amotinada, o desejo de se rebelar dos garotos sadios, de resistir às velhas hierarquias e liderar novas maneiras de viver no mundo encontrou sua articulação plena e perfeita. Thomas quase desmaiou de alívio.

— Danny, você é quem manda — informou a Não Enxergo o Mal. — Diga para a gente do que você precisa.

E Danny fez isso, junto com os outros — até os assistentes sem nome —, todos dando ordens com um entusiasmo autoritário que logo suscitava perguntas sobre a autenticidade do seu niilismo. Irene transcreveu devidamente os pedidos deles em seu caderno: lonas, estacas, guarda-chuvas, plástico transparente. Quando voluntários foram despachados para comprar esses itens, Thomas ajudou a equipe a secar o equipamento molhado. Então tomou três comprimidos de Advil com refrigerante e foi encontrar Irene ao lado da vala estreita que Mike e Ed ainda estavam cavando. Os homens haviam parado de falar, e agora só se ouvia o barulhinho que cada pá fazia ao entrar na terra, um leve tilintar enquanto ela lançava um fio de terra que pairava no ar como uma linha de letra cursiva, depois se dissolvia e caía no chão. Thomas virou-se para Irene.

— Infelizmente...

— Eu sei, eu sei — disse ela e sorriu. — Eu estava pensando a mesma coisa.

Às quatro horas, juntamo-nos em volta do Grand-Am para uma reunião de roteiro, usando o capô como uma espécie de mesa. Allison, Pammy e Ricky estavam distantes o suficiente para ouvirem, olhando ao longe com uma indiferença exagerada enquanto escutavam dissimuladamente.

— Tudo bem, escutem — chamou Thomas, estudando algumas páginas em que Irene tinha esboçado a ação. — Eis o que acontece antes de a câmera rodar: o carro de Charlotte se descontrola na autoestrada. Ele gira, vira, rola, aterrissa — ele acenou na direção de uns arbustos, onde Não Falo o Mal levantava sua mistura heterogênea de braços tatuados para o céu — nesse milharal. O carro pega fogo. Charlotte salta... — Agora ele parou, virando-se para Irene. — Espere um instante. Como ela sai de dentro do carro em chamas?

— O Bom Samaritano — respondeu Irene.

Thomas franziu a testa.

— O...

— Alguém puxou ela de dentro do carro. Ela não sabe quem foi. Está bem aqui! — Irene deu tapinhas na cabeça dele com o roteiro. — Você não anda fazendo o seu dever de casa.

Olhei para Irene, assaltada por uma breve ideia alucinatória de que o gesto que eu tinha acabado de presenciar — tapinhas, acompanhados de censura — pertenciam à vasta árvore genealógica de comportamentos conhecidos como flerte. Mas não, decidi. Isso simplesmente não era possível.

— Thomas? — chamei.

Mas ele não estava ouvindo.

— Bom Samaritano, tudo bem. Então, nesse caso, precisaremos de mais um ator! — disse ele, um sorriso impotente cortando a sua cara enquanto ele simulava uma autêntica busca por candidatos em meio às nossas fileiras. — Ei, e você? — gritou ele para Ricky, que estava de pé no skate, imobilizado pelo solo pedregoso. — Quer fazer um filme?

— Thomas — chamei de novo.

— Fazendo o quê?

O garoto estava cauteloso, inexpressivo.

Thomas andou até o bando de adolescentes.

— Bem, veja, você estaria ajudando Charlotte a sair de dentro do carro, que supostamente está lá no campo onde aquele cara tatuado está parado, entre as carreiras de milho — ele indicou a vala que Mike e Ed estavam cavando —, para aquela câmera ali, onde Danny está. Mas o que você já fez, o que não vemos — prosseguiu Thomas —, é que você puxou Charlotte de dentro do carro em chamas e salvou a vida dela. O que faz de você o herói, acho. Você vai fazer o papel do herói.

— Sutil — disse o menino, permitindo-se um sorriso modesto.

— Alô-ô! — gritei, acenando os braços. — Thomas!

— Char.

Afinal eu tinha a sua atenção. Um olhar de puro êxtase tomava conta do seu rosto. Ele tinha o menino. O belo menino era dele.

— Sem querer sobrecarregar você com detalhes — falei —, mas como eu atravesso um milharal completamente inconsciente?

— Onde diz que você está inconsciente?

— Não quero saber o que o roteiro diz — retruquei. — Estou lhe dizendo. Eu estava inconsciente.

Irene começou a explicar, mas Thomas levantou um dedo, deu a volta no Grand-Am e veio até onde eu estava de pé. Passou o braço em volta dos meus ombros e caminhou um pouco comigo pela estrada, para longe dos outros.

— Char — disse, quando estávamos a sós —, se eu pudesse reescrever a história, se eu pudesse fazer o relógio voltar para trás, eu teria colocado nós todos a postos naquele milharal com câmeras e luzes e som prontos para entrar em ação quando você aterrissou ali da primeira vez. Isso seria mil por cento melhor, sem dúvida, porque seria real.

Ponderei essa cena esquisita e fiquei quieta.

— Mas o fato é que não estávamos ali. — Ele disse isso numa espécie de tom de desculpas, como se tivesse prometido fazer um trabalho, mas não o tivesse completado. — Então estamos chegando a isso retrospectivamente, tentando evocar a essência do que aconteceu. Podemos trabalhar com o quê? Temos um acontecimento que só você viu e pode recordar, e, francamente, você não se lembra de muita coisa...

— Porque eu estava *inconsciente*. — Não consegui resistir a ressaltar.

— Ótimo. Você estava inconsciente. Dois — ele eliminava os elementos contando nos dedos —, dois, temos essa chance agora de recomeçar, criar o evento do zero, melhorá-lo, se isso for possível. Não que não tenha sido bom da primeira vez.

Suas mãos se levantaram, rechaçando qualquer sugestão desse tipo. Na descida, elas seguraram os meus ombros. Seu rosto estava tão perto do meu que senti o cheiro de refrigerante no seu hálito.

— O que estou dizendo? Estou dizendo esqueça aquilo tudo, Char. Esqueça o que aconteceu. *Isto* é o que aconteceu, e nem aconteceu ainda! Pode acontecer do jeito que quisermos! — Seus olhos faiscavam com a obstinação de um evangelizador. — E, para os nossos objetivos, acho que é infinitamente mais dramático se você sair do milharal com aquele garoto lindo de morrer. Como seu agente, como seu representante, como produtor e diretor deste projeto, este é o meu conselho para você. Está fazendo sentido?

O que eu poderia dizer? O que Thomas dizia sempre fazia sentido.

— Está.

— Muito bem.

Ele me deu um tapinha de treinador e voltamos para o Grand-Am, onde um colóquio à parte aparentemente se realizara na nossa ausência.

— Ricky quer que a irmã dele faça o papel do Bom Samaritano — disse Irene com uma voz cantada, num bom humor que traía o pavor que tinha da reação de Thomas.

— Que irmã?

— Ela tem dezessete anos — falou Ricky. — Ela é, sei lá, o papel tipo se encaixa melhor nela do que em mim.

Thomas olhou boquiaberto para ele, sem conseguir acreditar que o garoto estava lhe escapulindo pelos dedos. Parecia não saber o que dizer. Ricky tentou explicar de novo:

— Ela é do tipo que realmente salvaria a vida de uma pessoa, entende? Tipo, ela poderia realmente fazer isso.

Foi bonitinho o jeito que ele falou. Ele adora a irmã, pensei.

— Tudo bem, como nós a encontramos? — suspirou Thomas, depois acrescentou baixinho, para Irene: — Vamos rezar para eles serem parecidos.

— Ela está no trabalho — disse Ricky. — TCBY. Não sei o número.

— Isso vai ser fácil — murmurou Thomas para Irene. — Só tem um de cinco em cinco metros.

— Highcrest Mall — acrescentou Ricky, taciturno.

Irene ligou para o serviço de informações, anotou o número e entregou-o a Thomas, junto com o telefone.

— Nome? — perguntou Thomas enquanto discava.

— Charlotte.

— Estou falando da sua irmã — disse Thomas, a voz fria cheia de impaciência.

— Charlotte. O nome dela é Charlotte. Minha irmã.

Thomas fechou o telefone. Por um momento, deixou a cabeça cair numa espécie de mesura e, quando tornou a levantá-la, não se via mais raiva nem aborrecimento em seu rosto, que, em vez disso, tinha uma expressão transbordante de assombro e deleite que o deixava com cara de criança.

— O nome da sua irmã... é *Charlotte*?

— Na mosca.

Thomas sorriu — um sorriso parecido com cortinas sendo abertas, um sorriso que não pude evitar imitar, apesar de detestar aquele homem, lamentar o dia em que nossos caminhos tinham se cruzado e (por breves instantes, às vezes) desejar que ele morresse.

Thomas levou dois dedos aos lábios e os ergueu para o céu.

— Destino — disse.

★ ★ ★

De alguma forma, sem Moose nem sequer se dar conta, o céu azul enevoadado do meio da tarde ficara fechado e grosso com o que de repente pareciam nuvens de chuva. Quanto tempo tinha passado sentado ali? Não tinha certeza, tendo caído numa espécie de transe enquanto olhava o Michigan Lake. A água era clara, cor de água-marinha quando se sentou, mas agora estava marrom-acinzentada e opaca, da cor das ondas nos quadros de batalhas no mar do século XIX. Moose fingiu estudar o lago e suas variações, fingiu do jeito que uma pessoa poderia fingir assobiar alegremente durante um passeio pela zona sul de Chicago — para disfarçar a consciência de algum perigo iminente. A presença sinistra estava à espreita atrás dele, uma presença cuja forma vasta e imponente Moose não podia ignorar por muito mais tempo. Por fim, ele se virou, devagar, de um jeito displicente, se virou como se para olhar o parque, as quadras de tênis ao longe cujo *top top* ele ouvia de forma vaga de onde estava sentado. Não havia ninguém atrás dele. Nem por perto. Ele estava só, salvo por algumas pessoas fazendo caminhada e um ou dois labradores cor de chocolate correndo. Ele estava sozinho. E o que exatamente fazia ali?

Moose se pôs de pé muito devagar, como que acordando de uma sesta, cada movimento seu calibrado para ocultar o que de fato acontecia em seu íntimo: um incipiente rugido de medo por se achar em Chicago — tão longe! Como algum dia voltaria? A distância entre sua localização atual e o mundo estritamente enquadrado em que ele passava seus dias parecia intransponível; a espontaneidade e

a alegria da visita lhe escapavam agora, quando ele começou devagar — dolorosamente devagar — a voltar para o carro sob o céu machucado e grosso, um céu à beira de uma descarga violenta. Sozinho, Moose estava sozinho, ninguém nem mesmo sabia que ele estava ali! À sua volta, naqueles prédios de vidro dando para o lago, vivia uma legião de estranhos, gente que não sabia, que não enxergava, e Moose estava sozinho porque sua visão o separara dessas pessoas — alterara-o por dentro de modo que a criança que ele fora, o garotinho que caminhara ao seu lado mais cedo naquele dia, à beira do lago quando fazia sol, já não o reconhecia.

E só agora, enquanto Moose ia esbaforido para o carro, passando por veleiros balançando no Belmont Harbor como berços ao vento, só agora ele se permitia voltar a mente para a sobrinha e sua deserção. “Não quero ser igual a você”, ela disse, “quero ser igual a todo mundo”. E uma coisa pior, também, uma coisa cujos conteúdos exatos ele felizmente não conseguia recordar, mas a essência era de que ela preferia morrer a levar uma vida como a de Moose. E enquanto se encolhia, meio trôpego com o impacto dessas lembranças, Moose entendeu.

O carro, o carro — foi mancando para o veículo, desabou ao volante e começou a dirigir, mas agora dirigir não o aliviava como tinha aliviado mais cedo. Um pensamento preocupante se intrometeu quando ele entrou no tráfego na Lake Shore Drive, o tráfego dos frequentadores da praia fugindo da tempestade iminente. Um pensamento preocupante: ele tinha entrado no carro querendo ir almoçar no University Club tal como o pai fazia, mas não foi capaz. Na verdade, mal tinha conseguido entrar em Chicago e se sentar à beira do lago. Ou melhor, havia feito isso com bastante facilidade, mas agora desejava não ter feito. Custara-lhe muito caro. *As coisas simples iam ficando muito mais difíceis de fazer.* Será que ele algum dia vestiria um terno e comeria de colher aquelas framboesas em uma tigela de prata? Por que isso parecia um desejo extravagante?

A resposta estava na própria visão: um homem diferente de Moose era aquele que prosperava nesse mundo novo, um sociopata que se renovava a cada tarde, para quem mentir era apenas persuasão. Cada vez mais, eles governavam o mundo, essas criaturas mercuriais, minotauros que não eram produto de nascimento nem de história, natureza ou criação, mas montados a partir de protótipos para serem vistos. Que tinham a mesma relação com seres humanos que roupas feitas à

máquina tinham com algo feito à mão. Um mundo refeito por sistema de circuitos era um mundo sem história nem contexto ou significado, e porque somos o que vemos, *somos o que vemos*, tal mundo estava sem dúvida rumando para a morte.

Moose foi para oeste na Addison em direção à I-90, forçando-se a guiar devagar, devagar, embora quisesse desesperadamente fugir. Só esse langor estudado poderia deter o seu avanço para o pânico. Porque Moose e sua espécie não pertenciam ao grande futuro brilhante que todo mundo parecia achar ser agora iminente. Eles se agachavam em suas gretas, seus interstícios. Tinham diante de si a tarefa hercúlea da persuasão: alertar pessoas sem alma, pessoas montadas a partir de peças como sapatos ou canhões de cem anos atrás, de que um mundo povoado por gente como elas estava condenado. E Moose não tinha conseguido — nesses anos todos — explicar a um ser humano o que havia lhe acontecido naquela tarde de verão quando ele tinha vinte e três anos, voltando para casa de carro da casa dos pais de Hank Sternberger em Winsconsin. Passara semanas de mau humor, com uma preocupação profunda cujo catalisador foi um panfleto sobre a técnica veneziana do vidro soprado que abria enquanto assistia ao futebol na sala de jogos de alguém. Vidro transparente, aperfeiçoado em Murano *circa* 1300, vidro que tornou possíveis janelas, óculos, espelhos e por fim microscópios e telescópios. Esses fatos simples mencionados de passagem haviam capturado a imaginação de Moose. O início da visão nítida, da consciência das pessoas de seus eus externos — que pareciam ser a origem de um fenômeno cujo alcance se estendia até a época atual —, telas, molduras, imagens — um mundo construído e vivido de fora.

Ele estava sozinho no carro naquele dia, ou provavelmente não teria notado algo errado no aterro ao lado da autoestrada, não teria parado no acostamento, para início de conversa. Uma cadela amamentando uns filhotes, no fim das contas — era uma vira-lata —, o que fazia ali? Seu carro no acostamento, a cachorra e os miseráveis filhotes esparramados arfando na grama crescida infestada de pragas, e por alguma razão (e aí estava a lacuna, o ponto, o passo falho na *história pessoal* de Moose), por alguma razão, em vez de entrar de novo no carro e seguir para casa, em vez de arrastar cadela e crias para o banco traseiro e largá-las em algum lugar mais amigável, Moose deixou o carro estacionado na beira da autoestrada (perigosamente) e subiu o ressecado talude gramado que abraçava o viaduto, subiu

sem saber por quê, depois ficou sentado imóvel olhando o tráfego, hipnotizado pelo fluxo, o movimento que o tinha rodeado apenas minutos antes, uma aglomeração de gente em meio à qual ele subsistira cega e irrefletidamente até o momento. Horas se passaram, tantas que, quando ele tornou a olhar, a cadela e suas crias haviam desaparecido. Ele ficou deitado de costas na grama e deixou o céu pressionar seu rosto. De algum lugar, veio o apito de um trem. E Moose entendeu que aquilo tinha acabado: os trens, as fábricas — o mundo de objetos tinha acabado e as imagens estavam em ascensão, rodopiando sobre minúsculos filamentos de conexão que ele podia de fato *ouvir* se reunindo com avidez, de forma invisível abaixo do solo. Fios que nem eram fios. Informações que moravam no próprio ar.

Agora Moose dirigia tão devagar que os carros atrás dele passaram a buzinar. Começava a chover, gotas gordas caindo no para-brisa. Nada de trovoada, ainda. Uma sensação avassaladora de perda atrapalhava a sua direção. Mas o que exatamente ele tinha perdido? Ele mesmo tal como havia sido, de corpo firme e mente frouxa? Uma clareza de visão que ele possuía no passado? Ou seria a velha câmera adormecida de sua mente bicameral gritando para ele, lembrando-lhe dos dias em que as pedras e as árvores e as estátuas falavam com as vozes dos deuses?

55

Tomamos banho. Enfiamos de novo as nossas roupas. Saímos do quarto do hotel para o estacionamento deserto.

Era de manhãzinha.

O sono tinha concluído o dia anterior. O dia em que viajar de carro juntos para Rockford, Illinois, parecera uma boa ideia. Ou mesmo uma ideia razoável. Uma ideia que era atraente da forma mais insignificante possível.

Enchi o tanque. Poeira e insetos esmagados e cocô de passarinho estavam cozidos no meu lindo carro azul.

Tínhamos viajado em silêncio antes. Capota abaixada. Um silêncio excessivo, tempestuoso.

Mas esse estava vazio. Despertou em mim uma necessidade urgente de conversa: "Estrada." "Placas." "Céu." "Como foi?" "Onde estavam?" "Rádio." "Temperatura." Conversa forçada pairando sobre um vazio.

Z ouvia os meus esforços com um olhar aturdido. Com cada palavra eu me tornava menos a pessoa que ele imaginava.

Eu via isso claramente. Mas não conseguia parar.

Eu lia, sentada no Grand-Am com a luz acesa na esperança de que a bateria acabasse, um impulso subversivo que eu estava tendo cada vez mais enquanto observava a força inexorável crescendo à minha volta. Cada vez que olhava, eu via voluntários voltando com lonas de plástico azuis gigantescas, que os assistentes de produção rebelados começavam a amarrar a estacas preparando-se para a chuva. Não havia dúvida agora a respeito de uma tempestade. As lonas se enfunavam e chacoalhavam com o vento crescente, e nuvens como machucados tridimensionais avançavam, vazando uma ou outra gota. Relampejava nas beiradas do céu.

Àquela altura, havia uma corrente colorida de carros chegando até a autoestrada, e os espectadores continuavam a se aglomerar, andando ali em volta embaixo de guarda-chuvas floridos, esperando alguma coisa acontecer. Quando Thomas bateu na janela do Grand-Am e me pediu para testar a vala, esses curiosos vieram em peso na minha direção com interesse. Deixei o carro e andei pela extensão da vala. Agora, afinal, eu via o propósito: deixar-me um metro abaixo do nível do campo, para o milho estar mais alto que eu como estaria em agosto passado, presumivelmente, tivesse eu sido capaz de andar.

— Belo trabalho — Thomas elogiou Mike e Ed quando saí da vala. — Suave, uniforme. Vocês são profissionais de verdade.

Os homens acenaram com a cabeça educadamente, fumando os seus Winstons, mas quando Thomas virou as costas, eles balançaram a cabeça de um lado para outro.

Então a garota chegou. Charlotte.

Reconheci-a no mesmo instante — quase parecia que até mesmo antes de vê-la, como se alguma parte minha tivesse se lembrado do nome dela, ou do rosto do irmão nas fotografias no quarto de vestir de Ellen. Ela estacionou no início da encosta e apareceu subindo a leve ladeira com um passo enérgico, seu corpo esguio delineado contra o céu amedrontador. Estava diferente, eu via mesmo de longe. Nada mais de óculos. O ar sonhador de que eu me lembrava tinha se dissipado, deixando no lugar o que calculei ser maturidade, embora desse a impressão de tristeza. Ninguém pareceu notá-la, e quando ela examinou o grupo à

procura de um rosto conhecido, nossos olhos se encontraram rapidamente, então os dela passaram para outra pessoa sem me reconhecer. Claro, pensei — naquele dia eu não parecia com ninguém, enrolada numa echarpe, óculos escuros e pancake emplastrado nos machucados. Mas até enquanto eu me parabenizava por ter escapado da identificação, tive um impulso febril de falar com essa garota, lembrá-la do nosso encontro anterior.

— Mana — chamou Ricky.

Ele foi até Charlotte e levou-a a Thomas, que estava ajustando a câmera.

Observei Thomas se virar e vê-la, observei o olhar desanimado que ele tentava disfarçar sem sucesso enquanto media a distância entre irmã e irmão. Fez um aceno de cabeça, com um sorriso gelado. Estava do meu lado três segundos depois (contei).

— Temos que nos livrar da garota — disse.

— Gostei dela.

— Vai ser fácil — murmurou ele, pensando alto. — Vou simplesmente dizer que tem que ser um homem. Vou dizer a ela que você tem que ser carregada.

— Você acha que aquele irmão esquelético dela pode me carregar?

— Vou dizer a ela...

— Thomas. Ela veio até aqui nos encontrar.

Thomas inclinou a cabeça e olhou para mim.

— Eu vim da porra de Nova York até aqui — retrucou ele com um sorriso tenso. — Sou eu que estou gastando dinheiro para fazer essa filmagem ficar exatamente como deve ser. E essa garota não vai estar nela.

— Ótimo — falei. — Nem eu.

Ele me olhou sem entender.

— Use a minha sobrinha — acrescentei. — Ela é mais bonita. Deus sabe que ela é mais jovem. Pode se apaixonar pelo Bom Samaritano no fim.

Eu queria me afastar, mas ver o desenvolvimento de um autêntico susto na cara de Thomas era um prazer muito grande para abdicar.

— Ei — retrucou ele. — Sei que estamos os dois cansados.

— Estou falando sério. Estou fora — afirmei, as próprias palavras desencadeando uma vertiginosa sensação de liberdade. — É o seu filme, ótimo.

Pode fazê-lo sem mim.

Eu sabia que devia me afastar, mas não conseguia.

— Charlotte — chamou ele. — Charlotte, Charlotte. — Ele me chamou pelo meu nome inteiro, o que era alguma coisa. — Charlotte, você é tudo — disse tomando as minhas mãos nas suas (quentes, molhadas) e olhando para o meu rosto. — Você é o filme. O *sine qua non*. Sem você a coisa toda é nada. Isto tudo — acenou um braço para o céu, o milharal, a plateia — é simplesmente vazio. E se não fui grato o suficiente, se não fiz você sentir quão crucial é para este projeto cada minuto que já trabalhamos nele, peço desculpas. Sério. Talvez seja algum lado perverso da natureza humana deixarmos passar despercebidas as coisas que mais valorizamos.

De onde ele tirou isso? Mas, enquanto ouvia desconfiada, incrédula, eu sentia as palavras penetrando em mim como alguma poção mágica, achatando a minha rebeldia até transformá-la numa fina hóstia de descontentamento. Fiquei parada na frente dele, amuada.

— Quero que Charlotte faça o papel do Bom Samaritano — falei.

Thomas engoliu em seco e desviou o olhar. Vi como era difícil para ele ceder — mesmo agora, com a ameaça do meu afastamento. Ele era um tirano: um tirano que chegava de mansinho, pedindo desculpas.

— Vamos continuar falando sobre isso — disse. — E, prometo — ergueu a mão —, a última palavra é sua.

Sorriu para mim. Sorri para ele.

— Você já a ouviu — retruquei.

★ ★ ★

Moose dirigiu devagarinho, devagarinho. A chuva tinha recuado, sugada para dentro das nuvens. Clima de tornado, pensou ele, depois se perguntou se o tornado era real ou metafórico. Essa ideia ocorreu a Moose bastante inocentemente, um momento de especulação crítico-literária, mas, ao passar por sua mente, raspou nele de um jeito que parecia nocivo, um pequeno rasgão num traje de astronauta. Nas peças de Shakespeare, as tempestades acompanhavam

crescendos em assuntos humanos, mas aquelas tempestades eram metafóricas, claro. E ali estava a sinistra sensação de novo — ah, sim, mais perto que nunca, um corpo muito grande passando tão perto de Moose que o deixava de cabelo em pé. Seria uma baleia? Será que a baleia voltara após uma longa ausência metafórica? Moose procurou seu caderno na fresta do banco. Sem encontrá-lo, enfim escreveu na perna da calça com uma caneta hidrográfica, *Pensamento, sensação, baleia, tornado*, percebendo enquanto escrevia que registrava de trás para a frente. O tornado viera antes, gerando o pensamento original, que era — o quê? Ai, ai, ai, ele tinha que lembrar. Moose desviava na pista enquanto vasculhava metaforicamente a mente (que estava cheia de metáforas), desesperado por aquele pensamento — sim, pronto, ele o agarrou como uma corda, percebendo só quando fez isso que era uma corda perturbadora, um pensamento perturbador, uma corda puxando-o para pensamentos que talvez fosse melhor deixar impensados, mas era tarde demais. Ele estava segurando corda e pensamento. Pensamento: que prova tinha Moose de que a sua visão não era, em si, uma metáfora? Sua mente chiava como um fole conforme ele tentava entender as implicações dessa questão: que a revelação a que ele tinha dedicado a vida para entender poderia não existir em si, poderia ser uma metáfora de alguma coisa dentro de si mesmo — um erro, uma mutação, um transtorno cerebral. Que a visão não era a causa do seu isolamento, como ele sempre acreditara, mas apenas uma expressão deste.

— *Não!* — gritou Moose para o para-brisa. — Não! Eu rejeito essa visão, essa antivião. Rejeito a acusação de solipsismo porque sei que estou certo. Sei que estou certo. Sei que estou certo!

Ele estava gritando, combatendo a fera, lutando contra uma aparição do mar gelado que era também um minotauro, sem falar que estava dirigindo uma camionete 1978 numa chuva incipiente. Realmente, era uma façanha! Mas uma que ele talvez não pudesse sustentar por muito mais tempo, sobretudo se o raio que ele viu trincando o horizonte estivesse mesmo rumando na sua direção.

★ ★ ★

Eu estava sentada numa cadeira dobrável no milharal, longe do alcance dos olhos

da minha plateia, que agora incluía uns cem adolescentes de Rockford com uma multidão de seus pais, todos atraídos para esse campo como se por um sinal celeste, alguma emanção fulgurante de Hollywood. Estava sentada sob uma pequena lona que Charlotte e Ricky seguravam, a chuva batendo no plástico com uma contenção estranha que era incompatível com aquele céu gordo, baixo. Eu segurava o manuscrito no colo e lia ao acaso na luz amarelada.

Pammy, que fazia o papel de assistente de Allison, mostrou a edição do Halloween passado da *Seventeen* (elas guardavam todas) para a irmã poder ver. “7 Passos Fáceis para uma Confusão Ensanguentada”, eu li em meio a um monte de rostos de garotas tão brancas e limpas que pareciam sabonetes. Muitos anos antes, um daqueles rostos foi meu. Minhas sobrinhas começaram o Passo Um, que envolvia fazer ondinhas nas minhas bochechas com um conjunto de lápis de cera roxos.

— Ouvi esses caras da escola — contou Ricky à irmã, inclinando a cabeça para a massa de curiosos. — Eles estão falando: Charlotte Hauser está no filme? De jeito nenhum, como ela conseguiu entrar? Eles me disseram: Cara, como é que a sua irmã está no filme? Respondi: calma, ela tem o jeito dela. Então agora eles estão bolados.

Charlotte riu.

— Isso vai ser novidade — retrucou.

Lutei para ficar de olhos abertos enquanto Allison e Pammy esfregavam os crayons macios no meu rosto. Foi um alívio quando Allison finalmente disse, como cada uma das centenas de artistas maquiadoras antes dela:

— Feche os olhos.

De olhos fechados, os barulhos pareciam aumentar: chuva batendo no milho, folhas deslizando molhadas, uma trovoadas distante.

— Donny, pode segurar isso mais para cima? — ouvi Thomas gritando para Não Falo o Mal quando eles testaram o estrondo. — Estamos com estática do vento.

O barulho todo se fragmentou, disperso do jeito como as vozes das crianças oscilam e se esgarçam num parque infantil, incorporado às folhas molhadas, ao cheiro azedo e animal da terra. Meu couro cabeludo se retesou, formigando no

meu crânio.

60

Quando nos aproximamos de Chicago, já estávamos dirigindo havia mais de vinte e quatro horas. Minhas costas doíam. Meus olhos doíam. O carro fedia com o nosso cheiro.

Eu me sentia mal, e pensei que era por causa das drogas. Um aparelho resplandecente, desmantelado peça por peça.

Z olhava para a escuridão. Eu sentia que ele procurava uma trégua, uma saída. Claro que não havia nada lá. Só letreiros de plástico.

Allison estava pingando sangue de mentira no meu rosto, testando suas várias marcas: “Banho de Sangue do Dr. Spooks”, outro chamado “Jorro Mórbido”, e um lote que ela mesma fez a partir de uma receita da *Seventeen* que fedia a manteiga de amendoim.

— Qual é o melhor? — perguntou ela ao grupo. — Ou a gente devia fazer tipo um combo?

Eles se reuniram à minha volta. Ricky e minhas sobrinhas, testas franzidas diante da importância de sua tarefa.

— Char, o que acha? — perguntou-lhe Ricky, submetendo-se à opinião da irmã.

A garota se inclinou, agachando-se um pouco, os olhos passeando pelo meu rosto com a intensidade de mãos alisando cada ruga de um lençol. Senti algo se acender nela — surpresa, pensei — e estava certa de que ela me reconheceria. Mas ela não deu nenhum sinal.

— A da manteiga de amendoim — disse ela aos outros. — Definitivamente. Porque é toda coagulada.

— Vi sua foto — disse Z. Seu primeiro comentário em horas. — Há muito tempo.

— Não tanto — me defendi. — Quero dizer, só tenho vinte e oito anos.

— Você estava vendendo alguma coisa — continuou ele. — Maquiagem, eu acho.

— É possível.

— Eu me lembrei de você. Quando vi de novo. Me lembrei de você de antes.

Ele estava tentando me dizer alguma coisa. Ouvi com muita atenção. Arranhei cada palavra à procura do significado subjacente.

Começou a chover.

— Pensei que você pudesse me ajudar — falou.

— Eu vou — retruquei. Senti um cliquezinho de empolgação. — Eu quero.

Z balançou a cabeça.

— Você não pode. Não tem ideia do que está fazendo.

Fiquei ofendida.

— Você não sabe — acrescentou ele, com uma espécie de espanto. — Nenhum de vocês. Isso acontece sem que se planeje, como a chuva. Como o fogo que ninguém acende.

— Do que você está falando? — perguntei. — O que acontece?

— A conspiração.

A palavra pairou ali. Enrolada, sibilante. Senti outro clique. Será que eu já não sabia? Não tinha sentido a presença daquilo em volta de nós desde o começo? Uma brilhante rede de ouro.

— Me fale da conspiração — pedi.

Z virou-se para me olhar. Em seus olhos, vi algo vivo pela primeiríssima vez. Dor.

— É um sonho — disse ele.

Com o rosto pingando sangue coagulado, peguei emprestado o guarda-chuva da pequena Charlotte e fui andando furtivamente entre os pés de milho para o Grand-Am azul que eu tinha visto cambaleando estrada acima meia hora antes. Halliday estava lá, encostado no capô com um jeans desbotado e uma camiseta preta. Observava a cena com um olhar meio divertido.

Estremeceu ao me ver: uma figura alquebrada, ensanguentada, emergindo dos pés de milho.

— Nossa! — exclamou.

— Relaxe — falei. — É quase tudo manteiga de amendoim.

Ele passou o dedo na minha bochecha e cheirou.

— Estou indo para o aeroporto — disse. — Tive a ideia de parar para ver o que você estava armando.

— Como sabia que nós...?

Mas deixei passar. Ele era detetive.

Cheguei mais perto de Halliday, segurando o guarda-chuva acima de nós dois, farejando sutilmente para ver se sentia cheiro de álcool. Mas o odor da manteiga

de amendoim era muito forte.

— Estou limpo — disse ele. — Se é isso que você está tentando descobrir.

Sorri.

— Estou espantada que você ainda esteja aqui.

— Tive um ou dois contratempos — falou. — Como você viu. Um trabalho para terminar.

Olhei para ele, curiosa. Ele parecia não ter certeza se continuava. Finalmente disse:

— Ele foi embora de repente, nosso amigo desaparecido. De novo.

— Seu amigo — corrigi-o.

— Meu amigo — concordou ele, e riu.

— Já vai tarde.

Houve um longo silêncio. Halliday e eu observávamos a comoção, faixas de iluminação cinematográfica descolorindo os pés de milho até embranquecê-los.

— Parece que você não vai precisar daquele trabalho de detetive, afinal — disse ele.

— Pelo jeito, não — retruquei. — Este meu rosto está cheio de surpresas. — Passado um instante, perguntei: — Eu tinha possibilidade de consegui-lo?

— Você era a minha melhor candidata.

Àquela altura alguns espectadores já haviam me visto — uma pessoa com maquiagem de filme — e começavam a andar avidamente na minha direção. Mais carros subiam o caminho vindo da autoestrada.

— É melhor eu sair daqui — disse Halliday —, antes que seus fãs não me deixem passar.

Ele deslizou para o banco do motorista. Fiquei ao lado da janela aberta, segurando o guarda-chuva, a outra mão apoiada no carro dele. Parecia que eu não conseguia mexê-la.

Halliday levantou a minha mão com a sua e a beijou. Duas vezes.

— Você foi um anjo aquela noite — disse ele, com dificuldade. — Sou muito grato.

— O prazer foi meu — assegurei-lhe.

Agora estava chovendo, ah, sim, agora a chuva finalmente estava caindo. Moose passou Rockford, rumando mais para oeste, a chuva batendo em sua janela, tornando inútil o seu deficiente limpador de para-brisa. Mas o imperativo da direção contínua suplantava tudo isso — a necessidade urgente de voltar ao local da sua primeira transformação, que, sozinho, tinha o poder de dispersar o terrível pensamento de alguns minutos antes. Os viadutos eram todos iguais, mas Moose nunca teve problema para encontrar aquele em questão — lá estava ele. Reconheceu-o mesmo naquela chuva torrencial e sentiu um puxão bem no fundo do peito, um levante. Havia lágrimas em seus olhos quando ele encostou a camionete na passagem estreita ao lado da autoestrada — perigosa numa tempestade, ele sabia, então deixou os faróis acesos, cauteloso Moose, depois saltou do carro e começou a subir o aterro íngreme, a chuva abraçando-o, cegando-o, a lama pastosa sob seus sapatos. Moose escorregou, derrapou — chapinhou, bambeou, caiu sentado uma vez, mas devagarinho, devagarinho, conseguiu chegar ao alto da colina. A chuva caía forte do céu, encharcando-lhe a cabeça, o tecido da camisa e da calça, relâmpagos deslizando como pedras lançadas — essa não era metáfora, Moose pensou, satisfeito, era uma autêntica tempestade de verão!

Ele já estava aliviado. Ali estava a ligação entre o seu antigo eu e o seu eu atual — o menino e o homem —, ali estava o lugar que os reunia. Ele estava inteiro, tinha tudo de que precisava, mas, mesmo quando se banhava nessa sensação de completude, Moose foi assaltado mais uma vez pelos terríveis conteúdos da visão em si: ela estava ali diante dele nos caminhões barulhentos, no rugido e no zumbido que lhe deixavam nos ouvidos, na terrível aceleração da história humana, combustiva, exterminadora, violenta e cega, cega — ninguém enxergava, ninguém enxergava o que Moose vislumbrara então e via hoje: um impetuoso movimento à frente que era intrinsecamente catastrófico. Na colina, Moose se encurvou em meio à ventania e sentiu a corrente gelada lhe subir por dentro num soluço gigantesco, pesado, que sacudiu o seu corpo exausto. Tateou os bolsos procurando os comprimidos e meteu alguns na boca. Tomava-os todos os dias, ah, sim, comprimidos e comprimidos, tentando acalmar a mente confusa enquanto

trabalhava furiosamente para identificar a causa, o erro, o ponto errado que tinha tecido tal devastação.

— É o fim do mundo! — gritou ao vento, a plenos pulmões. Berrou de novo, para os carros inconscientes. E de novo, rugindo com cada fio de energia que tinha sobrado. — É o fim do mundo!

Ninguém ligava. Eles só tinham olhos para a lente da câmera, esses loucos que eram ninguém, que não eram nada senão uma série de impressões. Que eram *informação*, confundidos e sem alma como o circuito em que costumavam viver. E Moose estava só, berrando ao vento. Iria atracar-se com a tarefa angustiante de tentar impedir uma destruição que só ele e alguns poucos outros instáveis enxergavam enquanto o resto do mundo a chamava, uma destruição visível não só nas temperaturas elevadíssimas e nas extinções excessivas, nos corais moribundos e nos montes de lixo que jaziam nos confins das profundezas do mar, na misteriosa morte de sapos — essas eram coisas que qualquer um podia ver —, mas uma devastação que era um simples subproduto do próprio movimento. Einstein entendeu errado, ou só em parte certo, havia outra equação que previa a destruição, mas Moose a esquecera. Talvez a tivesse mencionado hoje mais cedo, enquanto dirigia. É gostoso se movimentar. Era mesmo — muito gostoso. Eles se movimentarão pelo próprio movimento, pensou ele, eles se movimentarão com uma excitação que, eles não podem saber, deriva da proximidade de um fim. E agora Moose também foi tomado por um desejo de se mover para esse fim, o seu próprio fim, renunciar a esse peso de ver e saber, essa terrível responsabilidade. Assentar tudo isso.

— Por favor — soluçou em voz alta. — Por favor.

O tráfego lá embaixo chamava Moose amorosamente, rodas grandes aderindo ao asfalto molhado de chuva, o som estridente daquele galope mecânico, e ele andou em direção a esse tráfego sem poder fazer nada, alguns passos colina abaixo, alimentando a máquina com a sua pessoa, uma expectativa trêmula na boca diante da ideia de colisão, impacto e, depois, paz.

— Sim — disse. — Agora. Por favor.

Mas não. A resposta foi não — agora não, ainda não —, porque em algum lugar no íntimo de Moose, esticado entre a sua mente e o seu coração, havia um

fio de prata minúsculo, não maior que um fio de cabelo cujo conteúdo era pura força, uma vontade que perdurava dentro dele e sobrevivera a todos esses anos, ainda que fraca. E mesmo agora Moose tinha um sentimento de proteção em relação a esse fio prateado, uma necessidade de protegê-lo de tudo, como se ele fosse o último fósforo intocado pela chuva, e ele se abaixou na lama e se deitou de costas na terra molhada para retirar da sua visão o movimento que era tanto provocação quanto tentação, o problema e a solução, ficou deitado para conservar a energia, o pouco que lhe restava, sua mente encolhida em volta desse único fio de força. Fechou os olhos e dormiu.

★ ★ ★

Roncou uma trovoadas, e depois o céu se abriu e esvaziou seu conteúdo em cima de nós.

— Tudo bem, *andem*. — gritou Thomas da estrada. — Todo mundo. Lugares. Tragam as Charlottes para a fogueira. Elas estão lá?

Meu rosto besuntado de sangue, meu cabelo molhado, viscoso. Sangue de mentira e manteiga de amendoim escorriam para dentro dos meus olhos, meio que me cegando enquanto cortávamos caminho pelo milharal para chegar à fogueira, que tinha acabado de ser acesa e sobre a qual seis voluntários seguravam uma lona para proteger as chamas. Eles me olharam espantados.

— É sangue de mentira — expliquei. — É feito de manteiga de amendoim, não sentem o cheiro?

Mas a tempestade aspirava a minha voz.

A pequena Charlotte segurou o seu guarda-chuva sobre nossas cabeças enquanto esperávamos para começar nossa aventura entre os pés de milho em direção à câmara. Comecei a me sentir estranha, suja, desgarrada, como se tudo estivesse acontecendo de esguelha. Raios iluminavam o milharal, criando um daguerreótipo de cem anos atrás. A menina me observava calada, a pressão por trás do seu olhar agindo como um toque.

— Conheço você — disse ela, finalmente. — Você esteve na minha casa.

— Isso mesmo — falei. — Nós nos conhecemos no closet da sua mãe.

E eu ri, pois a lembrança me pareceu hilariante — saltar do meio dos vestidos da mãe dela, o cheiro daquele Chanel. Recordando aquele dia, senti uma felicidade estranha — não por causa do encontro em si, do qual eu mal me lembrava, mas do que tinha acontecido desde então, algo que só agora eu reconhecia: eu me libertara de uma existência onerosa.

A garota não rira, nem sorria.

— Quantos anos faz isso? — perguntou.

— Anos nada — retruquei com aquele sangue na cara. — Não faz nem um.

— Parece que foi há muito tempo — disse ela, pensativa. Depois acrescentou: — Eu nunca contei à minha mãe.

— Sem problema — falei. — Talvez tenha sido melhor.

— Você poderia voltar.

— Claro — disse eu frivolumente, rebatendo a sugestão, mas aí senti a ideia penetrar em mim.

Ellen Metcalf. Vê-la de novo, descobrir quem ela tinha se tornado.

— Na verdade, ela está aqui. Minha mãe — disse a menina.

— Não brinca — retruquei suavemente. — Aqui aqui?

— Em algum lugar. — Ela virou para olhar. — Veio assistir. Meu pai também. Eu disse à minha mãe que era você.

— Você disse a ela — falei, engolindo em seco. — E o que ela disse?

— Ela disse: “Ai, meu Deus.”

Achei isso engraçadíssimo.

— Ai, meu Deus — repeti, e ri.

Ai, meu Deus. Eu a ouvia, perfeitamente.

— Quando vi você antes — acrescentou a garota —, seus olhos estavam muito vermelhos.

— Eu tinha acabado de sofrer um acidente — contei. — O mesmo que estamos estrelando agora, acredite ou não.

Ela me observava com aquele seu estranho olhar límpido.

— Conheci um homem na beira do rio — disse ela. — Justo antes de conhecer você. Ele também sofreu um acidente.

Fiquei quieta.

— Ele estava com o braço na tipoia — prosseguiu ela, a empolgação fazendo-a falar mais alto. — Tinha um talho grande na cara.

— Tinha? — perguntei.

— O nome dele era *Michael West* — contou, as palavras se libertando dela e se desfaldando como uma bandeira, como se ela nunca as dissesse em voz alta e estivesse aliviada, afinal, por fazer isso. Através da chuva, senti o calor rápido da sua respiração.

Felizmente, a voz de Thomas se dirigiu a nós em meio à tempestade:

— Fogo — berrou ele.

Ao ouvir as instruções de um dos revoltosos, os assistentes que seguravam a lona jogaram punhados de explosivos nas chamas e depois se afastaram com uma disciplina militar, revelando o fogo no momento exato em que ele empinou nas patas traseiras, estalando, tentando agarrar o céu, expelindo uma espiral de fumaça negra do tamanho de um fardo que rolou na direção das nuvens.

— Deslumbrante! — berrou Thomas. — Prontas, Charlottes?

— Prontas — gritamos em uníssono da vala estreita que já estava cheia até a metade de água da chuva.

Os pés de milho molhados estalavam acima das nossas cabeças. Charlotte segurava o guarda-chuva em cima de mim para proteger o pequeno microfone preso na gola da minha camisa, cujo fio me descia pela barriga para um receptor no meu bolso.

— Bum! — ouvi Thomas gritar, e mal distinguia o seu vulto embaixo da lona ao lado de Não Enxergo o Mal, que estava prostrado atrás da câmera.

— Bum! — gritou Não Escuto o Mal, logo à nossa esquerda.

— Charlotte Dois, você comanda! Charlotte Um, você vai fazer o quê?

— Gritar — respondi.

Repassamos isso dez vezes.

— Grite! — berrou Thomas. — Grite como nunca gritou na vida. Grite como a garota nua correndo naquela foto. Boca bem aberta, bem aberta, entendeu? Três... dois... um... Ação!

– Mesmo assim – dizia Z –, isso não pode continuar desse jeito.

Mergulhamos na noite. A decepção dele era tão intensa e amarga que parecia ódio. A estrada estava vazia. Ladeada de plantações.

A chuva batia no para-brisa.

Pisei no acelerador, encontrando alívio na velocidade. Era como dilacerar. Romper.

– Isso não vai poder continuar – insistiu ele. Olhava pela janela. – As pessoas vão se levantar e derrubar esses sonhos que vocês usam para aprisioná-las.

Tentei não escutar. Eu era uma idiota. Uma idiota perdida e desesperada. Mas esses fatos pareciam se dissolver quando eu olhava o velocímetro subir.

O carro cortava a chuva.

– Isso vai acabar – disse ele. – Vai acabar com fogo. E o artífice vai se consumir nas chamas, e a verdade vai sobreviver. Vá mais devagar – acrescentou.

Mas eu não podia diminuir a velocidade. Eu ouvia, sem compreender. Cerrando os dentes.

– Vai acabar sem você, sem mim. Uma explosão de violência que você nem pode imaginar, protegida e mimada como é.

Eu não conseguia falar. Não conseguia ouvir. Só conseguia fazer uma coisa: pisar fundo no acelerador. Dedilhando as cordas de uma harpa gigantesca uma a uma. Não, o som não pode subir mais outra nota, eu pensava. Mas podia. Subia. E cada subida repercutia em mim com uma doçura insuportável.

– Montanhas vão se mover e cair. Oceanos vão transbordar, e você e os outros vão saber como essa dominação insignificante de vocês era realmente pequena. Por favor, vá mais devagar – acrescentou.

– Deixe – falei. – Deixe acabar.

Eu não queria mais nada senão fugir. Das minhas decisões erradas. Do meu tempo perdido. Do fato de que eu tinha desperdiçado a minha vida. Tinha jogado ela fora.

– Vá mais devagar – repetiu ele. Com menos educação.

Pisei mais fundo. O carro podia dar duzentos e cinquenta. Eu nunca tinha chegado perto disso.

O aço frio encostou na minha têmpora.

– Tire o pé do acelerador – instruiu ele.

Sua mão tremia atrás da pistola. Tremia como o carro, que parecia prestes a explodir.

Delicadamente, ele disse:

– Vou contar até três. Um...

Mas era tarde demais. Estava muito gostoso. Estávamos a duzentos e

dez e subindo.

— Dois...

A pistola cutucava o meu crânio. Eu não ligava. Parecia perfeito morrermos juntos. Um monumento ao acaso e ao desespero que nos unira.

— Três.

Pisei no freio e puxei o freio de mão ao mesmo tempo. Estava soprando um vento. Ao lembrar agora, acredito que esse vento parecia Autopreservação. Um grito de esperança. Memória. Uma determinação obstinada de viver que irrompe quando menos esperamos, nos salvando. Fazendo-nos recuar.

Mas, na verdade, era o vento da porta aberta dele.

Ele já tinha saltado.

Avançávamos no milharal, a pequena Charlotte e eu, meus olhos inúteis fechados, minha boca um gigantesco O que dragava de dentro de mim um som diferente de qualquer um que eu já tivesse feito, ou mesmo ouvido. Deslizávamos, a garota me arrastando ao longo da depressão úmida e encharcada da vala. Minhas pernas bambas, cedendo embaixo de mim enquanto eu caía nas barreiras de pés de milho. A viagem parecia sem fim, cega, condenada, mas a garota me fazia prosseguir, forte apesar da magreza, aparentemente acostumada a arrastar pessoas por canais cheios entre carreiras de milho, ou assim parecia, levantando-me, arrastando-me, içando-me pela lama. Nunca chegaremos, eu pensava toda vez que parava para tomar fôlego. Isso nunca acabará.

E mesmo quando acabou, quando estava tudo terminado e as pessoas nos rodeavam, algo ainda estava errado. Eu ouvia isso no tremor apavorado das vozes, no fato de tantas mãos estarem me tocando, me acalmando. Senti um calor vindo de algum lugar — o fogo pulou as amarras, pensei, não havia areia suficiente, chuva suficiente, o fogo se libertou e está se alastrando com fúria em algum lugar, destruindo os campos do fazendeiro.

Eu estava deitada. Ouvi menção a um médico, uma ambulância, tudo muito ao longe, tudo abafado por outro barulho incessante; algo estava errado, eu sabia (apesar de Thomas ao fundo, murmurando: “Lindo, deslumbrante...”), eu sabia pela correria, pela confusão de vozes — de Irene, de Allison, de Pammy, da pequena Charlotte —, e depois Grace, minha irmã, falando mais alto que todo mundo, chegando mais perto, gritando esganiçada.

— O que houve? O que houve com ela? O que está acontecendo?

Alguém respondeu de muito perto. Uma voz familiar. Mas também estranha, nova. Velha. Uma voz que eu não escutava havia muitíssimos anos me envolvia, agora, familiar como a minha. Era a voz de Ellen. Ellen Metcalf, minha velha amiga.

Minha velha amiga.

Ela estava segurando a minha mão, percebi, e sua voz soava calma, calma e muito próxima, tão próxima que eu me perguntava se poderia estar deitada em seu colo. Eu sentia uma calidez me envolvendo — sim, pensei aliviada, o Bom Samaritano está aqui, o Bom Samaritano finalmente chegou.

— Charlotte não consegue parar de gritar — disse Ellen.

★ ★ ★

Na quase escuridão, Moose jazia na lama e se maravilhava com o silêncio. Os trovões haviam parado, alguém que atormenta seguindo para outros pátios de escola, e a chuva agora era um leve tamborilar, um molhar delicado, quente e agradável. Os sussurros do tráfego poderiam ser o mar.

Ele estava consciente de uma presença próxima, mas durante algum tempo esperou, limitando-se a senti-la ali, tentando inferir a sua massa e o seu peso, os seus objetivos e intenções e lealdades, antes de abrir os olhos. Não tinha mais força para inimigos.

Quando finalmente olhou, encontrou Priscilla a seu lado. Ela estava agachada na colina, abraçando os joelhos, vestida com um short azul e uma blusa com estampa de botões de rosa. Tinha o cabelo e as roupas molhados. Olhava para o tráfego lá embaixo, chorando.

Moose sentou-se empertigado. Sentia-se desconcertado, culpado, flagrado entre os vestígios de uma orgia chocante.

— Querida — disse, e pôs os braços em volta de Priscilla, os braços ensopados em volta de sua mulher esguia, que recendia a cravos molhados.

Ela soluçava baixinho, seu rosto liso e encantador ao contrário, mostrando o seu avesso áspero e empolado.

— Edmund, por quê? — perguntou.

— Não posso explicar.

Ela fungou, enxugando os olhos.

— Eu sei — falou.

Ela estava se acalmando, notou Moose com alívio. Estava ficando visivelmente mais calma. Estava quase calma por completo de novo, a sua Priscilla.

— Você não veio para casa — disse ela. — Fiquei assustada.

— Me desculpe, amor.

Ele estava envergonhado, inseguro também quanto ao que tinha acontecido exatamente, por que suas calças estavam manchadas de tinta preta. Com Priscilla ao seu lado, os espasmos das últimas horas já pareciam algo muito pequeno.

— Tomou o seu remédio? — perguntou ela.

Ele fez que sim com a cabeça, pegando a mão dela. Sua mulher. Parecia impossível a Moose que ela pudesse de fato ser sua. O mundo parecia muito calmo, os barulhos do tráfego silenciosos e sibilantes como uma oração. E, no meio dessa calmaria, Moose conseguiu reunir coragem, paz de espírito, razão, lógica — essas tropas dispersas, de visão estreita, que nas últimas horas haviam se desgovernado sem um general —, colocou-as em formação, respirou bem fundo, e contou à mulher do jeito mais tranquilo que conseguiu:

— Charlotte não quer mais estudar comigo.

— Ah — disse Priscilla, todo o semblante manifestando compaixão diante da notícia. — Ah, isso é muito decepcionante. Deve ser.

Afagou a cabeça enlameada do marido e ele, quando ouviu sua reação — desapontada para ele, sim, mas calma, presumindo a sobrevivência dos dois —, sentiu alívio.

— Vamos para casa — disse ele.

Estava escuro. Os faróis do seu carro ainda estavam acesos, mas fracos. Moose acendeu o pisca-alerta, trancou o carro e entrou no Capri de Priscilla. Ela dirigiu, as pernas molhadas de chuva. Em casa, chamaria a Associação Automobilística Americana para buscar o carro dele. Já tinha feito isso antes.

Ela lhe serviria uma sopa de tomate Campbell com bolachas e o botaria na cama. Pelos próximos dias, ele se sentiria cansado, sossegado.

No entanto, mesmo agora, enquanto eles iam para casa de carro pela autoestrada, a tristeza grudava em Priscilla, um véu tão fino que era quase transparente. Uma teia de aranha. Ela estava triste, ele a deixara triste. De novo.

— Vamos ao cinema amanhã? — perguntou Moose, esforçando-se para encontrar alguma alegria dentro de si. — É sábado.

— Tenho que trabalhar.

— No dia seguinte, então.

Ela fez que sim com a cabeça sem convicção. Uma leve cortina surgiu entre eles, e isso assustou Moose.

— Estamos precisando de leite — comentou ele. — Vamos parar no Logli?

— Eu já comprei.

Minutos se passaram. Fez-se um silêncio terrível.

— Quando eu estiver me sentindo melhor — falou Moose, afinal, com a voz entrecortada —, quando isso tudo já tiver passado, eu, eu gostaria de levar você para tirar umas férias.

Sua mulher não disse nada.

— Só nós dois, em algum lugar bonito — prosseguiu ele. — Para relaxar.

E enquanto tropeçava inconsciente e desesperadamente nessa revelação, nesse plano secreto que guardava só para si havia mais de um ano, Moose reconheceu que, verbalizando-o para Priscilla, tornava-o real. Não havia possibilidade de voltar atrás.

— Eu estava pensando no... no *Havaí* — disse, a própria palavra um ganido de medo. Moose saltou, atirou-se desse penhasco. — O que acha disso?

Houve uma longa pausa, durante a qual ele caiu, caiu girando braços e pernas no ar. Mas quando Priscilla tornou a olhar para ele, ele viu renovação. Ressurgimento. Uma chama iluminando o rosto dela. A fê voltava à sua mulher como a alma que retorna e reanima um cadáver. Moose tornou a se afundar no banco e fechou os olhos.

O mundo estava salvo, afinal.

Priscilla pegou sua mão.

— O Havaí seria maravilhoso — disse.

PARTE TRÊS

Pós-vida

CAPÍTULO VINTE

Aquela mulher que recebe convidados na sua sacada no East River no início do verão, preparando bebidas à base de rum de modo que os rótulos Bacardi e Coca-Cola pisquem descuidadamente para o espectador na tênue luz dourada — ela não sou eu.

Aquela mulher cujos patrocinadores incluíam Doritos, Lean Cuisine, Frigidaire, William-Sonoma, O.B., Sea Breeze, Q-tips, Clairol, Mac Cosméticos, Lubriderm, Vidal Sassoon, Bayer, NyQuil, *TV Guide*, Calvin Klein, Johnson & Johnson, Panasonic, Goodyear, Raisinettes, Windex, Tide, Clorox, Pinho Sol, Dustbuster, CarpetClean, Mason Pearson, Dentine, See's Candies, Scope, Nine West, Random House, General Electric, Tiffany, Flossrite, Crate & Barrel, Fruit of the Loom, Scotchgard, Apple, o *New York Post*, Hanes, Odoreaters, Frame-o-Rama, Kodak, Rubik's Cube, Day Runner, FTD, Sam Flax, *Enciclopédia Britânica*, Motel Roach, Reebok, Blistex, Braun, Levolor, Xerox, the Door Store, Right Guard, D'Agostino, Rubbemaide, lubrificante K-Y e os serviços do Dr. Raymond Huff, obstetra — aquela mulher cujas veias e barriga e intestinos abriram seus escorregadios corredores para pequeninas câmeras exploratórias, cujo coração, com suas largas cavernas ciliadas, é mais reconhecível para a maioria dos americanos (segundo um único estudo decente) do que as mãos dos seus cônjuges. A primeira mulher na história a conceber e parir um filho on-line diante de uma plateia internacional mais de duas vezes maior que aquelas reunidas para os últimos episódios de *Cheers* e *Seinfeld* juntas — ela não sou eu.

Eu juro.

A ruptura entre mim e Charlotte Swenson teve os seus antecedentes bem antes da agora lendária estreia de *Gente Como a Gente* e o concomitante tsunami de controvérsia, histeria, reprovação de críticos que juravam que isso seria o fim da vida americana tal como a conhecíamos e, claro, números históricos de assinantes. Antes da fama vertiginosa dos “Trinta Comuns”, os sujeitos americanos originais,

muitos dos quais, como Pluto, hoje são nomes de marca — antes de qualquer dessas coisas, eu tinha começado a sentir, enquanto ia tocando a vida mecanicamente, que eu era alguém diferente daquela mulher, Charlotte Swenson, em cuja pele vivi por tanto tempo.

Para ser sincera, a vida pública alargou as fissuras entre nós. E no ano seguinte à estreia, minha vida pública floresceu de forma exponencial: a criação da série de tevê, *Accidental Charlotte*, uma sitcom sobre uma mulher que se torna irreconhecível depois da reconstrução da face, resultando em todo tipo de complicações e contratempos (“Uma mistura de *Mary Tyler Moore*, *Sex and the City* e *Arquivo X*”, para citar Thomas Keene); o filme *O Olho da Tormenta* (“*Thelma e Louise* com *Atração Fatal* e *A Outra Face*”), que me disseram ter sido um desastre, embora eu não tenha visto; a boneca “Charlotte Muitas Caras”, essencialmente uma Barbie com quatro cabeças intercambiáveis; o video game “Z”, no qual os jogadores têm que localizar e eliminar o impostor terrorista numa quantidade de situações antes de ele eliminar Charlotte; a publicação do meu livro (*Sem Rosto: Um Diário da Recuperação*, Knopf, 199-) com sessões de fotos para a *Vogue* e várias outras revistas das quais eu não chegava perto havia muitos anos; minhas participações no *Letterman*, no *Today Show* e no *Larry King*; minha indicação como presidente honorária de um simpósio acadêmico, “A Semiótica da Fisionomia no Discurso Visual Pós-Desconstrutivo” (do qual não entendi uma palavra) — durante esse período, cavou-se um abismo dentro de mim, um buraco de proporções enormes me separando de Charlotte Swenson. Eu era outra pessoa.

No segundo ano após a estreia, quando meu status de ícone pop de transformação pessoal se solidificou, começou a se desencadear uma segunda onda de projetos: uma biografia “não autorizada” (encomendada por Thomas), que desencavou e imprimiu as minhas fotos como modelo ao lado de vários comentários de antigos amantes (Hansen, para crédito seu, recusou-se a falar); o desenvolvimento da Metamorphosis, minha linha de roupas e trajes de banho, agora vendidos nas lojas Neiman Marcus país afora, e meu perfume, Incognito (um misto de Bijan e Poison); Renaissance, minha linha de cosméticos especializada em pele envelhecida, enrugada, danificada pelo sol e pós-traumática (algo que os marqueteiros espertamente imaginaram que cobriria quase todo

mundo), cuja joia da coroa, o “Disfarçador de Marcas Álibi”, é vendida em vitrines independentes em postos de gasolina em todo o país; minhas atuações como figurante em vários filmes, fazendo em geral aparições enigmáticas logo após comentários dos protagonistas, tipo “Ela parece familiar...”, “Já a vi em algum lugar” ou “Pensei que fosse uma conhecida minha... mas acho que não”; os chamados projetos de estilo de vida, muitos deles livros baratos relacionados com o programa de tevê: *A Dieta Pop-Tart de Charlotte*; *Receitas da Charlotte para Todas as Ocasões*; *O Guia de Charlotte para Satisfazer um Homem... e Ficar Satisfeita*, *Incendiando a Pista de Dança com Charlotte* (uma caixa com as minhas músicas de boate preferidas dos anos oitenta e noventa); e claro “o Charlotte”, um sofá modulado impermeabilizado vendido apenas na Crate & Barrel.

Quanto mais reconhecida eu ficava pela minha transformação, mais escancaradamente fraudulenta esta transformação começava a parecer. Eu não me transformara. Sofrera uma espécie de cisão, e as duas partes resultantes de mim denegriam uma à outra. Eu era um fantasma encerrado no corpo de uma antiga modelo obcecada pela fama, de quem eu tinha que ocultar os meus estados de espírito e os meus pensamentos para ela não encontrar um jeito de canibalizá-los e vendê-los (*Técnicas Antissuicídio de Charlotte*, *Poemas de Charlotte para Depressão*). Eu vivia de maneira furtiva, guardando só para mim os meus sonhos ocasionais e as poucas lembranças que ela já não havia pilhado, camuflando as minhas esperanças e futuras aspirações numa paleta absolutamente insípida para não ser apanhada no foco inquieto de sua câmera aérea e transmitida para o mundo todo. Uma ou duas vezes eu a fiz jurar segredo, mas Charlotte sempre me traía. (“Estrela Pública Case com Detetive Particular”, *New York Post*, julho de 199-), e suas revelações me deixaram furiosa, abatida, e determinada a fugir.

Foi durante esse período de subterfúgio e traição que desencavei o contrato que eu tinha assinado para Thomas Keene e o li na íntegra pela primeiríssima vez. Numa página de cláusulas anexas, encontrei uma intitulada:

23. Transferência de Identidade:

A Parte pode a qualquer tempo, desde que não menos de trinta (30) dias antes da extinção do prazo deste Contrato, notificar o Serviço de sua escolha para vender os seus Direitos de Identidade, conforme definidos

na Cláusula 7, ao Serviço. A notificação será de acordo com a Cláusula 11 do Contrato. Como remuneração pela venda dos Direitos de Identidade da Parte, o Serviço pagará a devida soma total mutuamente acordada na data efetiva da venda. A Parte doravante ficará liberada de seus Deveres e Obrigações conforme a Cláusula 13. O Serviço deterá, contados sete (7) dias da data da venda ("Data de Transferência"), direitos exclusivos a toda e qualquer propriedade tangível e intangível relativa a criação e manutenção da identidade da Parte, incluindo, sem limitações, seu nome, imagem, posses, domicílio, história pessoal, fotografias, correspondência particular, diários, documentos de viagem, registros financeiros, registros médicos, e todo e qualquer dado adicional concernente à Identidade da Parte...

Na Data de Transferência, aqui definida, tal transferência é irrevogável, e qualquer ação da Parte ou de terceiro agindo sob sua orientação para retomar a sua Identidade, incluindo, mas sem se limitar ao uso de seu nome ou à detenção ou à tentativa de reivindicação de qualquer propriedade pessoal, será considerada uma infração ao Contrato, sujeita a todo e qualquer recurso permitido pela Lei aplicável e pelo Foro estipulados na Cláusula 41. ...

Vendi Charlotte Swenson por uma soma que manterá a mim e a mais duas ou três pessoas confortavelmente pelo resto de nossas vidas, embora nem de longe (me dizem) pelo que ela vale. Pinte o cabelo, mudei de nome e deixei pela derradeira vez o meu apartamento do vigésimo quinto andar. Saí de mãos abanando na Rua Cinquenta e Dois Leste e chamei um táxi, deixando armários, escrivaninha e armários da cozinha cheios. Saí da minha vida como uma ovelha tosada da lã de muitos invernos, a pele cor-de-rosa formigando ao contato brusco imediato com o ar.

Tudo o que você precisa é de uma certidão de nascimento.

Agora, uma equipe de maquetistas e animadores especializados em 3D cria o meu retrato e o superpõe em minha varanda, meu sofá modulado, minha cozinha, meu quarto. Pelo pouco que vi, são incrivelmente bons. Aquela cena do parto no hospital? Até eu acreditei nela!

Quanto ao texto — entradas de diário, sonhos e assim por diante —, presumo que ainda sejam escritos por Irene, ou uma de suas funcionárias. Como a primeira “nova jornalista nova”, Irene Maitlock é uma lenda, embora a esta altura várias

outras tenham seguido o seu exemplo. Sua empresa, miglior/fabbro.com, está prosperando muito, e ela é uma celebridade por mérito próprio. Vi um retrato seu recentemente em que ela estava de braço dado com Richard Gere, o que me faz acreditar que o seu casamento não durou. Ela está bastante diferente, graças à sua metamorfose muito registrada, sem o nome eu não a teria reconhecido.

Quanto a mim, prefiro não falar muito. Quando respiro, o ar é gostoso no meu peito. E quando penso na sala espelhada, como obviamente ainda penso, entendo agora que ela é vazia, cheia de quimeras como Charlotte Swenson — as conchas duras e belas que ficam para trás muito depois de as criaturas vivas do seu interior terem se desvencilhado delas e terem ido embora nadando. Ou morrido. A vida não pode ser sustentada sob a pressão de tantos olhos. Enquanto tentamos revelar o mistério de nós mesmos, pegá-lo desprevenido, expor o seu ritmo e sua hesitação e seu peristaltismo, a verdade já fugiu, mais escondida ainda numa privacidade escura, enroscada, que se renova como o sangue. Ela não pode ser vista, por mais que se deseje mostrá-la. Morre no instante em que é tocada pela luz.

Uma ou duas vezes por ano, ainda ligo para a minha antiga caixa postal, só para ver se a mensagem que eu mesma gravei continua. Minhas mãos tremem enquanto teclo o número, e me pergunto quem atenderá.

— Oi, sou eu — vem a voz dela, infantil e marcada pelo cigarro, do vazio digital. — Deixe um recado, mas curtinho.

— Alô — eu digo. — Sou eu.

AGRADECIMENTOS

Durante os anos que passei escrevendo *Olhe para mim*, certos indivíduos e instituições me forneceram um xarope que continha um ou mais dos seguintes elementos essenciais: assistência editorial beirando à colaboração; incentivo quando me faltava confiança para prosseguir; tempo e espaço onde trabalhar; conselho profissional; capital; um pinga de inspiração; acesso a uma área crucial de conhecimento ou *expertise*. Sou extremamente grata a todos eles.

David Herskovits, Kay Kimpton, professora Barbara Mundy, Nan Talese, Amanda Urban, Lisa Fugard, David Rosenstock, Elizabeth Tipples, Ruth Danon, Monica Adler, Don Lee, Tom Jenks, Deirdre Fishel, Peter Mezan, Elizabeth Robinson, a Corporation of Yaddo, a John Simon Guggenheim Foundation, Dra. Sarah E. Friebert, Dr. Jack Owsley, Dr. Bryant Toth, detetives particulares Jonathan Soroko e Lawrence Frost, os advogados Alexander Busansky e Christina Egan, a família Frary, dois antigos agentes do FBI especializados em contraterrorismo que permanecerão sem nome, *Rockford: An Illustrated History*, de Jon Lundin, e *Nature's Metropolis*, de William Cronon.

POSFÁCIO

Escrevi *Olhe para mim* ao longo de seis anos. Nesse tempo, o romance passou por inúmeras revisões, a última das quais terminei em janeiro de 2001, quando os Estados Unidos, e certamente Nova York, eram num certo sentido lugares diferentes do que são hoje.

Nessa revisão final — uma revisão leve, uma vez que o livro estava programado para ser publicado em setembro —, passei vários dias trabalhando no personagem de Z. Meu editor achava que a sua humanidade não se refletia com tanta força na parte em que suas perambulações são descritas por Nova York quanto se reflete mais tarde, após ele se transformar em Michael West. Aceitei com prazer a oportunidade de dar mais uma revisada nele; das muitas personagens em *Olhe para mim*, Z sempre foi a que mais me preocupou. Eu tinha medo de que ninguém o achasse crível.

Já escrevi em outro lugar sobre as preocupações que me levaram a desenvolver tal personagem, e a pesquisa que fiz. Meu objetivo aqui é lembrar os leitores que, embora possa ser quase impossível ler sobre Z fora do contexto do 11 de setembro de 2001, eu criei a sua história e as suas ações numa época em que os acontecimentos daquele dia ainda eram impensáveis. Tivesse sido *Olhe para mim* uma obra em progresso no outono de 2001, eu teria tido que reconceber o romance à luz do que aconteceu. Em vez disso, ele permanece um objeto imaginativo de um tempo mais inocente.

Jennifer Egan

Nova York, 4 de abril de 2002.

Sobre a autora



Jennifer Egan nasceu em Chicago e cresceu em São Francisco. É autora do premiado *A visita cruel do tempo* — que venceu o Pulitzer de Ficção 2011, o National Book Critics Circle Award e o Los Angeles Times Book Prize — e de *O torreão*, também lançados pela Intrínseca. Teve trabalhos publicados em revistas como *New Yorker*, *Harper's Magazine*, *Granta* e *GQ*. Por seus artigos para a *The New York Times Magazine* recebeu diversos prêmios jornalísticos. Vencedora do britânico Galaxy National Book Awards 2011 na categoria Autor Internacional do Ano, Egan foi eleita no mesmo ano uma das 100 pessoas mais influentes do mundo pela revista *Time*. A autora vive no Brooklin com o marido e os filhos.

Conheça os outros livros da autora



A visita cruel do tempo



O torreão



Caixa preta